

JAN GUILLOU

AS CRUZADAS

Livro 1

A CAMINHO DE JERUSALÉM

B
BERTRAND BRASIL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

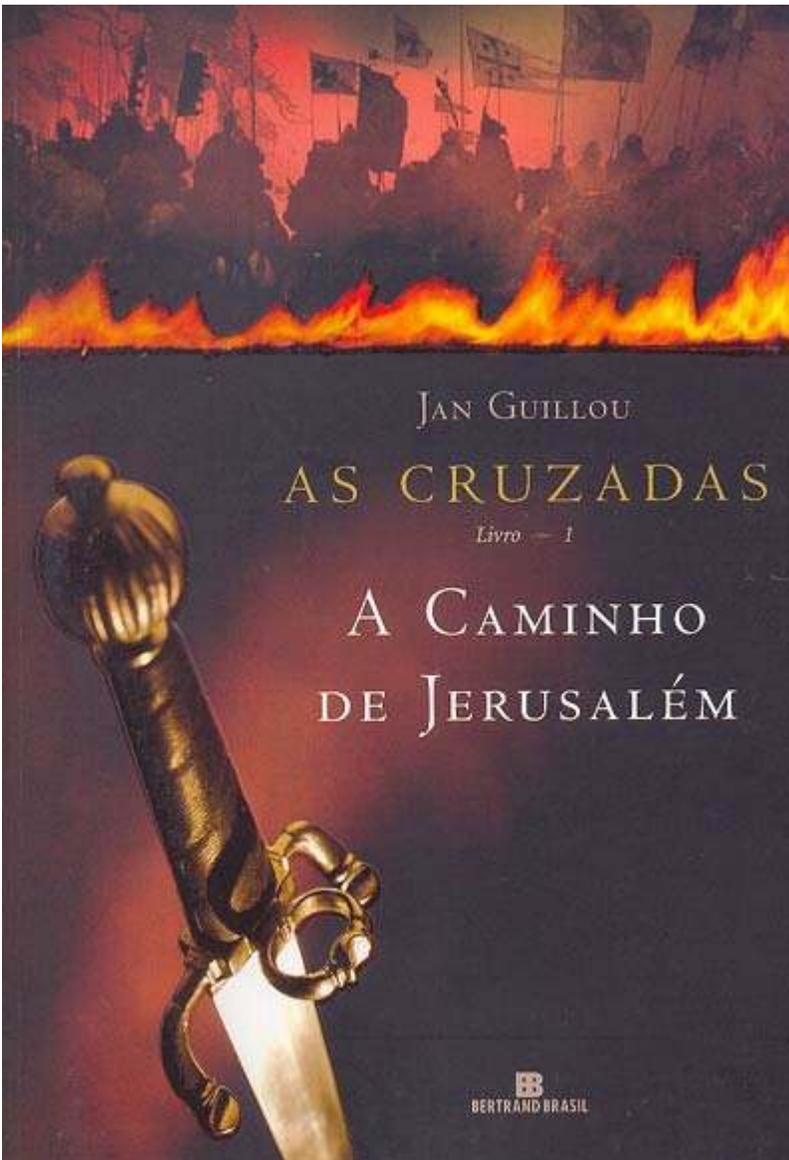
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



A Caminho de Jerusalém
Série AS CRUZADAS
Livro 1 - A Caminho de Jerusalém
Livro 2 - O Cavaleiro Templário
Livro 3 - O Novo Reino

JAN Guillou
A Caminho de Jerusalém
LIVRO 1
BERTRAND BRASIL

Título original: Vågen till Jerusalem
A caminho de Jerusalém
Jan Guillou

“O caminho para o inferno é feito de boas intenções.” Jacula Prudentum, 1651, nº 170

O ANO DA GRAÇA de 1150, quando os hereges sarracenos, a escória da terra e a guarda avançada Tio Anticristo infligiam aos nossos muitas derrotas na Terra Santa, o Espírito Santo desceu sobre a senhora Sigrid e deu a ela uma revelação que mudou sua vida.

Talvez se possa dizer, também, que essa revelação conduziu a uma situação que encurtou sua vida. Com certeza sabemos que ela jamais voltou a ser a mesma. Menos certo é aquilo que o monge Thibaud escreveu muito mais tarde, de que, no momento em que o Espírito Santo apareceu diante de Sigrid, surgiu na realidade o que seria o início de um novo reino na Escandinávia, ao norte da Europa, reino que mais tarde viria a se chamar Suécia. Tudo aconteceu durante a Festa de São Tibúrcio, em meados de abril, num dia que passou a ser considerado como o primeiro dia de verão e em que o gelo começava a derreter na província de Götaland Ocidental. Nunca antes se juntou tanta gente num dia como esse em Skara, isso porque a missa não era uma missa comum, mas a que iria assinalar, finalmente, a inauguração da nova catedral.

As cerimônias já decorriam na sua segunda hora. A procissão já dera três voltas à igreja, num ritmo infinitamente lento, pelo fato de o bispo ödgrim ser muito velho e se arrastar, como se cada passo fosse o seu último. Além disso, ele parecia um pouco confuso, pois leu a primeira oração em linguagem popular em vez de em latim:

*"Meu Deus, Tu que invisivelmente cuidas de tudo,
mas que para salvação das pessoas fazes o Teu poder visível,
assume esta Tua casa e domina neste templo,
assim, todos aqueles que se reúnem aqui para rezar
vão poder receber o Teu conforto e ajuda."*

E naquele momento, sem dúvida, Deus fez visível Seu poder, quer tenha sido para gáudio das gentes ou por qualquer outro motivo. Foi um espetáculo que ninguém jamais vira em toda a Götaland Ocidental, foram as cores brilhantes da roupagem dos bispos, em seda vermelho-escura, com listras douradas e azul-claras, foram os aromas estonteantes dos incensórios à volta dos quais os cachorros giravam, e como eles balançavam, e foi a música tão celestial que nenhum ser na Götaland Ocidental podia ter ouvido antes coisa semelhante. E ao olhar para cima era como se a gente visse o céu, se bem que estávamos sob o teto da igreja. Era incompreensível que até mesmo os construtores borgonheses e ingleses pudessem ter erguido claustros tão elevados sem que tudo não caísse de uma vez, se não por outro motivo, por Deus ter ficado zangado diante da pretensão de tentar construir qual-* quer coisa até lá em cima, até Ele.

A senhora Sigrid era uma mulher prática. Alguns, por isso mesmo, achavam que ela era durona. Ela não teve nem um pouco de vontade de se

meter a caminho e fazer a difícil viagem para Skara, porque a primavera chegara

cedo e os caminhos ficaram um lamaçal só e ela se preocupou diante da idéia de se sentar numa carruagem, balançando de um lado para o outro, no abençoado estado em que estava. Mais do que qualquer outra coisa na vida terrena, ela receava o nascimento para breve da sua segunda criança. E sabia muito bem que, tratando-se da inauguração de uma catedral, isso significaria ficar de pé no chão de pedra e, de vez em quando, ajoelhar-se para rezar, o que para ela, no seu estado, seria uma tortura. Ela era bem versada, certamente melhor do que a maioria dos fidalgos e das filhas deles à sua volta nesse momento, no que dizia respeito às muitas regras da vida religiosa. Essa capacidade ela não tinha obtido pela fé ou por vontade própria. Mas, quando tinha dezesseis anos, seu pai, não sem uma boa razão, chegou à conclusão de que ela nutria um interesse exagerado por um parente da Noruega, de berço excessivamente menor, um interesse que só poderia resultar em

casamento. Foi assim que, severamente, seu pai encarou o problema. E assim ela foi mandada durante cinco anos para um mosteiro na Noruega, e teria ficado por lá para sempre se não tivesse recebido de uma tia sem filhos uma herança na província de Götaland Oriental e, por essa razão, ter se transformado em alguém que podia casar, não importando com quem, de preferência a ficar enclausurada num convento. Ela sabia, portanto, quando devia ficar em pé e quando devia ajoelhar-se, quando devia balbuciar com os outros o padre-nosso e a ave-maria, sempre que algum dos bispos, lá na frente, indicava e quando as pessoas deviam fazer suas próprias orações. Todas as vezes que ela fazia suas orações silenciosamente, pedia por sua vida.

Deus lhe dera um filho três anos antes. E ela demorara dois dias para dar à luz esse filho. Por duas vezes o sol nasceu e se pôs, enquanto ela ficava banhada em suor, em angústia e em dores. Foi então que soube que iria morrer, e todas as boas mulheres que a ajudaram, no final, também sabiam que isso iria acontecer. Foram elas que mandaram chamar o padre lá em Forshem, e foi ele que lhe deu a absolvição por todos os pecados e a extrema-unção. Nunca mais, esperava ela. Nunca mais aquela dor, nunca mais aquele pânico da morte, pediu ela em sua oração. Mas essa era uma maneira egoísta de pensar, isso ela sabia muito bem. Era bem comum as mulheres morrerem na cama ao dar à luz. E ela sabia que os seres humanos teriam que nascer na dor. Mas cometeu o erro de rezar para a Virgem Maria para que a poupasse, justo ela, e ela tentaria cumprir seus deveres matrimoniais de forma que isso não conduzisse a uma nova gravidez. O filho deles, Eskil, sobrevivera e era uma criancinha bem constituída e esperta, com todas as qualidades que qualquer criança deve ter.

A Virgem Maria, certamente, a havia punido. O dever das pessoas era encher o planeta, portanto, como é que se poderia esperar que a sua prece fosse atendida quando ela pretendia escapar dessa responsabilidade? E, assim, ela

esperava novas dores, isso era certo. E ainda, mais uma vez, muitas vezes, ela

pediu para que mais uma vez sobrevivesse sem graves conseqüências. Para escapar, pelo menos, à tortura muito menor, mas incômoda, de, por muitas horas, ficar em pé e se ajoelhar, levantar-se e logo se ajoelhar novamente, ela deixou que Sot, a sua criada, fosse batizada para que pudesse ir com ela e entrar na casa de Deus, ficar com ela a seu lado para lhe dar apoio na hora de abaixar-se e levantar-se. Os olhos grandes e negros de Sot ficaram paralisados, como se fossem os olhos amedrontados de um cavalo, por tudo o que ela pôde ver, e se ela antes não era cristã de verdade, então, agora, devia passar a ser. Três metros à frente de Sigrid, estavam o rei Sverker e a rainha Ulvhild. Ambos eram muito pesados pela idade e, assim, tinham muito mais dificuldades para, sem excessivos gemidos ou ruídos impróprios saídos pelo traseiro, levantar-se e cair de joelhos. No entanto, foi por eles e não por Deus que Sigrid se encontrava na catedral. O rei Sverker não considerava muito bem os ancestrais noruegueses ou da Götaland Ocidental dela, nem os do seu marido. E, agora, já bastante idoso, o rei ficou tão desconfiado quanto preocupado com sua vida depois da morte. Deixar de comparecer à grande inauguração da catedral encomendada pelo rei para agradar a Deus poderia gerar mal-entendidos. Se o homem ou a mulher desagrada a Deus, eventualmente a coisa pode ser resolvida direto com Ele. Já contrariar o rei seria para Sigrid muito pior.

Mas, lá pela terceira hora, começaram as tonturas na cabeça de Sigrid, e cada vez a situação piorava, na decorrência do eterno exercício de cair de joelhos e levantar-se, com a criança dentro dela, chutando-a e se mexendo cada vez mais, como se quisesse protestar. Ela teve a sensação de que o chão de lajes amarelo-claras e polidas começava a balançar sob seus pés, e que começava a rachar, como se quisesse abrir-se e, de repente, sugá-la. Foi então que ela fez algo nunca visto nem contado. Partiu resoluto, com as sedas farfalhando, e sentou-se em um pequeno banco lá longe na nave lateral. Todos viram o acontecido, o rei também.

Justo no momento em que ela, aliviada, se deixou cair no pequeno banco de pedra junto da parede da igreja, entraram em procissão na igreja os monges de Lurõ. Sigrid enxugou o suor na testa e no rosto

com um lençinho de linho e fez para seu filho, que estava lá longe com Sot, um aceno estimulante. Então, os monges começaram a cantar. Tinham avançado por toda a nave central, de cabeça baixa, como se estivessem em oração, e foram colocar-se bem lá na frente junto ao altar, de onde os bispos e seus ajudantes estavam se retirando. Primeiro, escutou-se apenas algo como um murmúrio, fraco e surdo, e depois, de repente, vozes agudas juvenis; isso mesmo, uma parte dos monges de Lurõ tinha capas marrons e não brancas, e era claramente bem entendido que se tratava de rapazes de pouca idade e suas vozes subiam como se fossem pássaros brancos esvoaçando em direção ao enorme teto da nave, e quando as

vozes alcançaram seu ponto mais elevado, enchendo toda a grande nave

surgiram as vozes graves e adultas dos próprios monges que cantavam ora em compasso ora em descompasso. Sigrid já tinha escutado cantos em duas ou três vozes, mas neste caso o canto estava sendo apresentado em pelo menos oito vozes. Parecia um milagre, uma coisa que não poderia acontecer, uma vez que três vozes já era muito difícil de conceber. Sigrid olhava fixa e exaustivamente, de olhos arregalados, para o lugar onde acontecia o milagre, e escutava com todo o seu ser, com todo o seu corpo, de tal maneira que entrou em transe, estremecendo de tensão, e então ficou tudo escuro diante dos seus olhos e ela não mais podia ver, apenas escutar, como se os ouvidos tirassem dos olhos a potência toda para só escutar. Era como se ela tivesse desaparecido, como se tivesse se transformado em sons e em parte de toda a música sagrada, mais bonita do que qualquer outra melodia apresentada nesta vida.

Um momento depois, ela voltou aos seus sentidos normais pelo fato de algo ter tocado sua mão, e quando levantou os olhos descobriu que era o próprio rei Sverker.

Este dava uns tapinhas delicados na sua mão e agradecia a ela, ironicamente, porque ele, de fato, era bem idoso, e bem precisado estava que uma mulher em estado interessante se antecipasse a ele

e se sentasse. Se uma mulher abençoada podia sentar-se, também o rei podia, queria ele dizer. Mas, se a ordem dos acontecimentos fosse inversa, isso, claro, já não iria parecer tão bem.

Sigrid conteve decididamente a intenção de contar aquilo que o Espírito Santo lhe tinha acabado de falar. É que, pensou, se contasse a história, poderia parecer que ela estava se fazendo de importante. Os reis passam o tempo todo ouvindo essas coisas, até que alguém corta a cabeça deles. Em vez disso, ela contou-lhe em voz baixa e de maneira rápida a conclusão a que tinha chegado. Era a respeito, como certamente o rei já sabia, da controvérsia relativa à sua herança de Varnhem. Sua parente Kristina, que acabara de se casar com um tal de Erik Jedvardsson, um homem ambicioso, reclamara metade da propriedade. Mas acontece que os monges em Lurõ precisavam de um lugar com invernos menos rigorosos. Uma grande parte do que plantavam acabava se perdendo, isso todos sabiam. E não fizera nenhum mal à grande generosidade do rei Sverker ter oferecido Lurõ aos monges. E se ela, Sigrid, desse agora Varnhem para os cistercienses, o rei precisaria abençoar a dádiva e declará-la legalizada e, então, todo o problema estaria resolvido. Todos iriam ganhar com a solução.

Ela havia falado rápido e em voz baixa e ficou ofegante, o coração continuando a bater forte, tal como no momento em que escutava a música celestial e a escuridão se transformou em luz.

O rei, primeiro, pareceu ficar surpreso. Ele mal estava acostumado a que

os homens à sua volta falassem com ele direto e sem os cerimoniais rodeios habituais. Muito menos as mulheres.

— Você é uma mulher abençoada em muitos aspectos, minha cara Sigrid — disse ele, finalmente, com palavras lentas e pegando de novo a mão dela. — Amanhã, quando já tivermos dormido no castelo depois do banquete de hoje, irei chamar o padre Henri e aí vamos resolver toda essa história. Amanhã, mas não hoje. Também não ficará bem continuarmos aqui nós dois, sentados durante muito mais tempo a sussurrar.

De um momento para o outro, ela tinha feito a dádiva da sua

herança, Varnhem. Nenhum homem, nenhuma mulher, poderia quebrar a sua palavra diante do próprio rei, assim como o rei jamais poderia quebrar a sua palavra. Aquilo que ela fizera ninguém jamais poderia desfazer. Mas foi também uma atitude prática, entendeu ela, quando se recuperou um pouco. O Espírito Sinto podia, portanto, ser prático, e os caminhos do Senhor nem sempre eram tortuosos.

Varnhem e Arnäs distavam uma da outra quase dois dias de marcha a cavalo. Varnhem estava situada perto de Skara, não muito longe da residência do bispo, no sopé da montanha Billingen. Arnäs situava-se na margem leste do lago Vånern, onde o condado de Sunnanskog terminava e começava o de Tiveden, no sopé da montanha Kinnekulle. A propriedade de Varnhem era mais nova e estava em muito melhor estado, e era por isso que Sigrid queria passar lá o tempo mais frio, em especial quando as terríveis dores do parto estivessem para chegar. Magnus, seu marido, gostaria que eles escolhessem a propriedade de Arnäs, herdada de seus pais, para viver. Ela preferia Varnhem e os dois nunca conseguiram chegar a um consenso. Por vezes, não conseguiam nem falar do problema com a calma e a paciência que deviam existir entre marido e mulher. Arnäs precisava ser reequipada e reconstruída. Mas estava localizada numa área-limite, ao longo da floresta, sem donos, onde havia muitos terrenos livres e outros pertencentes ao rei, com possibilidades de negociação ou compra. Nessa propriedade muita coisa poderia ser mudada para melhor, em especial se servos e ferramentas fossem transferidos de Varnhem. Não foi exatamente assim que o Espírito Santo se expressou sobre o assunto quando fez Sua aparição perante ela. Sigrid teve uma visão que não estava bem clara, uma manada de cavalos muito bonitos que brilhavam em cores que lembravam a madrepérola. Os cavalos haviam chegado, correndo na sua direção, perto de uma lagoinha com muitas flores, as crinas eram brancas e sedosas, as caudas desdenhosamente levantadas, e eles se movimentavam alegremente, ágeis como gatos. Era um prazer vê-los em todos os seus movimentos. Não eram cavalos selvagens nem cavalos sem dono, já que pertenciam a ela. E em algum lugar por trás dos cavalos brincalhões, traquinas e

sem selas, veio um jovem cavalgando num cavalo prateado, também com a crina

branca e cauda majestosamente levantada. Ela conhecia esse homem jovem, mas ao mesmo tempo não o conhecia. Ele portava escudo, mas não usava elmo. A marca do escudo, ela não pôde reconhecer como sendo de qualquer dos seus parentes ou de parentes do seu marido. O escudo era totalmente branco, com uma grande cruz de sangue, nada mais.

O jovem refreou o seu cavalo bem junto dela e falou com ela, e ela ouviu todas as palavras, entendeu tudo, mas ao mesmo tempo não entendeu nada. Mas Sigrid sabia que o que ele disse significava que ela teria de dar a Deus um presente, que, no momento, era a atitude mais necessária, neste condado, onde o rei Sverker reinava, isto é, dar um bom lugar para os monges de Lurõ. Mais tarde, ela observou bem os monges, à medida que saíam lentamente, após a sua longa apresentação. Não pareciam nem um pouco perturbados pelo milagre que tinham acabado de provocar. Parecia mais como se eles tivessem terminado um turno de trabalho, de quebrar pedra, um entre tantos outros turnos na Götaland Ocidental, como se eles, agora, estivessem pensando mais na ceia do que em qualquer outra coisa. Tinham conversado por um momento, coçado por um momento as manchas vermelhas que muitos deles exibiam nas carecas grosseiramente raspadas. Em muitos a pele era enrugada no rosto e no pescoço. Para eles, as coisas não eram muito fáceis em Lurõ, qualquer um podia ver isso, e o inverno, certamente, não lhes fora muito benigno. Portanto, a vontade de Deus não era difícil de entender, aqueles que conseguiam cantar milagres precisavam receber um lugar melhor para viver e para trabalhar. E Varnhem era um lugar muito bom. Quando saiu pela escada da catedral, sua mente clareou por efeito do vento fresco que soprava, e ela entendeu, num golpe repentino de inspiração, quase como se estivesse ainda possuída pelo Espírito Santo, o que e como devia dizer para o marido que vinha na sua direção naquela confusão toda, com os mantos no braço. Ela examinou-o, com um sorriso

meio discreto, mas totalmente seguro. Ela mantinha essa relação porque ele era um marido tranqüilo e um pai extremoso, embora não fosse o tipo de homem para ser venerado ou admirado. Era difícil acreditar que ele, de fato, fosse neto de um homem totalmente diferente, o fortíssimo Folke, o Gordo. Magnus era um homem magro e, se não fossem as roupas estrangeiras que no momento ele vestia, as pessoas poderiam dizer que se tratava de um qualquer no meio da multidão.

Quando chegou à sua frente, ele fez uma vênia e pediu a ela para pegar seu manto enquanto ele envolvia o próprio corpo com o seu grande manto azul-celeste, forrado com pele de marta, prendendo-o ao pescoço com uma fivela norueguesa de prata. Depois, ajudou-a, ensaiando uma carícia com suas mãos delicadas, que não eram as mãos de um guerreiro, e perguntou como é que tinha podido agüentar por tanto tempo as louvações ao Senhor no seu bem-aventurado estado. Ela respondeu que não tinha passado por nenhuma

dificuldade, já que, em parte, tinha trazido Sot para ampará-la e, por outro lado,

o Espírito Santo dignou-se aparecer para ela. Disse isso de uma maneira que costumava usar quando dava a entender que não falava a sério. Ele sorriu da sua esposa, acreditando que se tratava de mais uma das habituais brincadeiras, e procurou em seguida pelo escudeiro que vinha na sua direção com a espada trazida da sala de armas.

Quando meteu a espada por baixo do manto e começou a colocá-la no cinturão, seus cotovelos ficaram por baixo do manto, o que fez com que seu corpo parecesse largo e forte, coisa que ele não era. Então, ofereceu à mulher seu braço e perguntou se ela queria dar uma voltinha pela praça diante deles e ver o espetáculo ou queria ir imediatamente descansar.

Sigrid respondeu logo que gostaria de esticar um pouco as pernas, sem precisar cair de joelhos a toda hora, e ele sorriu timidamente de mais essa piada atrevida dela e comentou que seria até divertido ver todos esses jogos para os quais o rei os convidou. No centro da

praça atuavam acrobatas franceses e um homem que vomitava fogo, tocavam-se flautas e gaitas e, mais além, de uma das grandes barracas de cerveja escutava-se o som surdo de tambores. Os dois avançaram cuidadosamente entre a multidão onde os mais conceituados visitantes da igreja agora se misturavam com o povo e os servos. Depois de um curto momento, ela inspirou profundamente e disse tudo de uma vez, sem desvios:

— Magnus, meu querido marido, espero que você possa se manter superiormente calmo e digno, ao escutar agora aquilo que acabo de fazer — começou ela e, fazendo nova inspiração, continuou rápido, antes que ele tivesse tempo de responder: — Dei a minha palavra ao rei Sverker de que ofereceria de presente aos monges cistercienses de Lurõ a nossa propriedade de Varnhem. Jamais poderei retirar a minha palavra dada ao rei, é irrevogável. Vamos nos encontrar com ele amanhã no castelo, para que isso seja escrito e ratificado com o sigilo real.

Tal como havia previsto, ele parou de repente e olhou primeiro para o rosto dela, inquiridor, procurando por aquele sorriso que ela exibia ao falar brincando, à sua maneira toda especial. Mas ele entendeu logo que ela falava sério e, então, a raiva se apossou dele com tal intensidade que por pouco não lhe deu uma bofetada, que seria a primeira, se eles não estivessem entre amigos e inimigos e todo aquele povão.

— Você está fora de si, mulher! Se não fosse pelo fato de ter herdado Varnhem, ainda hoje estaria apodrecendo no mosteiro. E foi por causa de Varnhem que nos casamos.

Foi no último momento que ele se conteve e acabou falando baixo, mas entre dentes, os lábios fortemente contraídos.

— Sim, isso é verdade, meu querido marido — respondeu ela, com o olhar virtuosamente abaixado. — Se eu não tivesse herdado Varnhem, os seus pais teriam escolhido outra pretendente. Nesse caso, é verdade, eu seria agora uma freira, mas é verdade também que nem Eskil nem essa nova vida que carrego abaixo do meu coração existiriam se não fosse por Varnhem. Magnus não respondeu. Parecia estar pensando na escolha das palavras certas

para expressar a sua raiva. E, nesse momento, chegou Sot, trazendo pela mão Eskil, que imediatamente correu na frente e pegou a mão de sua mãe e começou a falar rápido e alto de tudo o que tinha visto lá dentro na catedral. Depois de ter sido obrigado a ficar calado e quieto por tanto tempo, ele falava agora como se as palavras jorrassem como a água de uma represa quando é aberta na primavera, impossível de conter. Magnus pegou seu filho nos braços, acariciou seus cabelos com amor, ao mesmo tempo que encarava a esposa com hostilidade. Mas, de repente, ele largou o menino no chão e ordenou a Sot, quase que de maneira desagradável, que levasse Eskil para ver as brincadeiras e que logo em seguida se veriam de novo. Sot, surpresa, pegou o menino pela mão e puxou-o para longe, enquanto este, contrariado, choramingava e resistia. — Mas, como você sabe, meu caro marido — continuou Sigrid, rápido, para que fosse ela a conduzir a conversa e não deixando que ele prosseguisse, encolerizado, antes voltasse ao bom senso e à calma. — Sempre desejei receber Varnhem de presente de casamento, embora tenha sido eu que herdei a propriedade, e que consegui que a herança ficasse registrada com o sigilo real, e ainda que, para mim, bastem o manto que trago sobre meus ombros agora e apenas um pouco de ouro para me enfeitar. — É, isso também é verdade — respondeu Magnus, ainda mal-humorado. — Mas, ao mesmo tempo, Varnhem representa um terço do nosso patrimônio em comum, um terço que agora você acaba de tirar de Eskil. O que não consigo entender é como você foi capaz de fazer uma coisa dessas, mesmo que tivesse direito a fazê-lo.

— Vamos andar devagar, na direção das brincadeiras, para não ficarmos aqui quietos, como se déssemos a entender que estamos zangados um com o outro. Eu vou explicar tudo — disse ela, oferecendo o braço para ele. Magnus olhou em volta preocupado, reconheceu que ela tinha razão, sorriu com esforço e pegou-a pelo braço. — Bem — disse ela, hesitante, após uns segundos. — Vamos começar pelas coisas terrenas, as que mais enchem a sua cabeça neste momento. Evidentemente, vou levar para Arnäs todos os animais e os servos. Varnhem tem, sem dúvida, as melhores construções, mas Arnäs, por isso mesmo, vai possibilitar que a gente

construa a partir do terreno, especialmente agora, quando vamos receber tantas mãos para trabalhar mais. Dessa maneira, vamos ter um lugar melhor para morar, em especial durante o inverno. Mais animais

significam mais barricas de carne salgada e mais peles, que agora já podemos

mandar para Lõdõse de barco. Você sempre quis muito negociar com Lõdõse, e isso a gente poderá fazer a partir de Arnäs, com muito mais facilidade, tanto no inverno quanto no verão. Isso seria mais difícil de fazer a partir de Varnhem. Magnus andava ao seu lado, silencioso e inclinado para a frente, mas ela viu que ele se tinha acalmado e começava a escutar com interesse, e então concluiu que não era mais uma questão de guerra com palavras. Viu tudo bem claro diante de si, como se tivesse levado muito tempo para planejar as coisas, quando, na verdade, a idéia toda não tinha mais do que uma hora de vida. Mais peles e mais barricas com carne salgada para Lõdõse significavam mais moedas de prata, e mais moedas de prata significavam mais sementes. Mais sementes significavam que mais servos poderiam conquistar a sua liberdade através da preparação de novos campos para sementeira, de empréstimos em sementes pagas pelo dobro em centeio que, mandadas para Lõdõse, seriam trocadas por mais moedas de prata. E, então, seria possível encomendar as muralhas que Magnus sempre havia pensado em erguer, já que Arnäs era difícil de defender, em especial durante o inverno, quando o gelo facilitava a passagem. Através da unificação de todos os esforços em Arnäs, em vez de os partilhar por dois lugares, seria possível para eles dois ficarem mais ricos, com todos os terrenos novos compondo uma propriedade maior, edificar um lar mais quente e seguro e deixar para Eskil uma herança maior do que se poderia imaginar antes.

Quando chegaram bem na frente da multidão, tiveram que forçar a passagem, é claro, e, sem dar quaisquer sinais, Magnus se manteve silencioso e pensativo. Sot chegou aos pulos, trazendo Eskil nos braços, e levantou-o diante de si para que o povo pudesse ver as roupas dele e que, com ele nos braços, também ela, uma escrava,

tinha direito a forçar a passagem, e aí o garoto pulou para o chão e colocou-se em frente da mãe que suavemente colocou suas mãos em seus ombros, acariciou sua face e corrigiu a posição do gorro cheio de penas. Os artistas diante deles estavam vestidos com roupas engraçadas, de cores fortes e com pequenas campainhas penduradas nas pernas e nos punhos, de modo que todos os seus movimentos se misturavam com o som das campainhas. Nesse momento estavam formando uma pirâmide humana, e, com um garoto muito pequeno, talvez um pouquinho mais velho do que Eskil, no final, lá bem no alto e sozinho no topo. O povo gritava alto, de terror e deslumbramento, e Eskil apontava o dedo insistentemente e dizia que queria ser artista, o que levou seu pai a explodir numa sonora e surpreendente gargalhada. Sigrid olhou disfarçadamente para ele e pensou que com aquela gargalhada o perigo já havia passado. Magnus descobriu que ela tinha olhado furtivamente e ainda sorria quando ele se inclinou para a frente e a beijou na face. — Você é, na realidade, uma mulher especial, Sigrid — sussurrou ele, sem sinal de raiva na voz. — Pensei no que falou e você tem razão em tudo. Se

juntarmos todas as nossas forças em Arnäs, vamos ficar mais ricos. Como é que

um mercador poderia conseguir uma esposa melhor e mais fiel do que você? Ela respondeu depressa e em voz baixa, com olhar submisso, que nenhuma esposa poderia ter um homem mais bondoso e mais compreensivo do que ele. Mas levantou logo os olhos, encarou-o seriamente e acrescentou que, de fato, era verdade, ela tivera uma revelação lá dentro na igreja e que todos os seus pensamentos devem ter vindo direto do próprio Espírito Santo, até mesmo os mais sensatos e que diziam respeito aos negócios. Magnus mostrou-se um pouco mal-humorado, como que não acreditando realmente no que ela estava dizendo, quase como se ela estivesse zombando com o Espírito Santo. Ele era muito mais religioso do que ela, isso os dois sabiam muito bem. Os anos que ela passava no mosteiro não a tinham tornado mais maleável.

Quando os artistas terminaram a apresentação e saíram na direção

da tenda da cerveja, para receber sua dose grátis e os bifês que bem mereciam, Magnus levantou o filho nos braços e caminhou em direção ao portão da cidade, tendo Sigrid a seu lado e Sot dez reverenciosos passos atrás. Do outro lado do cercado, esperava a carroça deles e os escudeiros. No caminho, Sigrid contou a respeito da revelação que ela teve. Relatou sensatamente, com muitas palavras, já que ela também descreveu como se deve entender o conteúdo das santas mensagens.

O primeiro parto quase provocara a sua morte e fora a Santa Mãe de Deus que a salvara, e também a Eskil, quando já estavam no limiar da morte. Era já bem conhecido que um parto difícil muitas vezes seria seguido de outro também difícil e agora estava novamente na hora. Mas através da dádiva de Varnhem ela tinha assegurado muitas preces favoráveis, mais ainda partindo de homens os mais competentes para fazê-las. Ela e a nova criança iriam sobreviver.

Mas, mais importante, evidentemente, era saber que as suas famílias reunidas iriam agora ficar mais poderosas quando Arnäs fosse reconstruída mais forte e mais rica. A única coisa sobre a qual ela estava insegura era a respeito de quem seria o jovem do cavalo prateado, com uma farta crina branca e uma cauda longa e vistosamente levantada, também branca. Que não fosse, pelo menos, o Santo, Jesus Cristo. Ele não poderia vir a cavalo naquele garanhão folgado e de escudo no braço.

Magnus ficou refém do problema, cogitou por um momento e começou depois a se questionar a respeito do tamanho dos cavalos e da maneira como se movimentavam. Depois, objetou que tais cavalos certamente não existiam. E a seguir tentou imaginar o que ela queria dizer com o fato de o escudo ter uma cruz de sangue. Nesse caso, certamente, era uma cruz vermelha, mas como é que ela poderia saber que era sangue e não apenas tinta vermelha?

Ela respondeu que apenas sabia que era assim. A cruz era vermelha, mas

de sangue. O escudo era totalmente branco. Ela não pôde reparar nas roupas do jovem, visto que seu escudo tapava o peito dele, mas, de qualquer maneira, de fato, as roupas eram brancas. Brancas

como as dos cistercienses, mas monge ele não era absolutamente, visto que segurava o escudo de um guerreiro. E supostamente ele teria uma cota de malha por baixo da roupagem. Magnus, pensativo, perguntou sobre o formato e o tamanho do escudo, mas quando soube que o "formato era de um coração, não maior do que o peito defendido, abanou a cabeça, descrente, explicando jamais ter visto esse tipo de escudo. Os escudos eram ou grandes e redondos, como os que antigamente eram levados para a guerra, ou alongados e de base triangular, de forma que os guerreiros pudessem se movimentar melhor quando colocados em grupo. Um escudo tão pequeno como esse que ela tinha visto na revelação seria mais um contratempo do que uma defesa quando usado em combate. Mas, como simples mortal, não se podia entender tudo o que fora revelado. E à noite eles iriam rezar juntos em agradecimento pelo que a Mãe de Deus lhes mostrara como indulgência e sensatez. Sigrid respirou fundo e teve uma grande sensação de alívio e de paz. Agora, o pior já tinha passado. Restava apenas torcer o velho soberano para que ele não tirasse dela o presente e o desse apenas em seu próprio nome. Desde que chegara à velhice, o rei começara a se preocupar cada vez mais com o número de orações rezadas diariamente por sua alma e já tinha fundado dois mosteiros para assegurar sua salvação. Todos sabiam disso, tanto seus amigos quanto seus inimigos.

O rei Sverker estava sofrendo de uma cruel ressaca e, mais ainda, furioso quando Sigrid e Magnus entraram no grande salão do castelo onde ele estava terminando um dia inteiro de decisões a respeito dos mais variados assuntos, desde se os gatunos apanhados no dia anterior no mercado deveriam ir para a guilhotina, ou se seriam enforcados ou torturados antes, até as questões de terras e heranças que não teriam sido solucionadas da maneira normal. Aquilo que muito mais do que a ressaca o tornava ranzinza foi a notícia do dia de que o seu filho, o segundo mais novo, um canalha, o havia traído miseravelmente. O filho, Johan, saíra em campanha de saque e pilhagem na província dinamarquesa de Halland e isso, na realidade, não tinha nada de mais. Isso os jovens podiam fazer se quisessem colocar as suas vidas em risco, em vez de apenas

jogarem dados. Mas ele havia mentido a respeito de duas mulheres que trouxera para casa para serem escravas. Insinuou que, supostamente, se tratava de duas mulheres estrangeiras quaisquer, que eles tinham roubado. Mas tinha chegado um documento do rei dinamarquês onde estava escrito, lamentavelmente, algo muito diferente e sobre o que ninguém duvidava. As duas mulheres eram nada mais, nada menos do que a esposa do conde dinamarquês de Halland, cavaleiro do rei da Dinamarca, e sua irmã. Tratava-se, portanto, de

insulto e de ação covarde, e qualquer um que não fosse filho de rei teria

imediatamente perdido a vida por tal crime. É claro, ele tinha manchado o nome das duas. Por isso, não dava nem para entregá-las de volta no mesmo estado em que foram seqüestradas. Iria custar muita prata qualquer que fosse a maneira de agir e, na pior das hipóteses, haveria guerra pela frente. O rei Sverker e seus homens mais próximos tiveram uma discussão em voz tão alta que todos na sala logo ficaram sabendo de toda a verdade. A única coisa que ficou acertada era a de que as mulheres teriam que ser mandadas de volta. Mas a partir daí acabava o consenso. Alguns achavam que seria um sinal de fraqueza pagar a prata. Isso poderia criar idéias na cabeça do rei Sven Grate, da Dinamarca, de vir com o exército, saquear e fazer conquistas. Outros diziam que pagar até muita prata iria sair mais barato do que enfrentar o exército e os saques, independentemente de quem ganhasse a tal guerra.

Depois de uma longa e acirrada discussão, muito rica em palavreado, o rei, de repente, com um suspiro de cansaço, virou-se para o padre Henri de Clairvaux, que estava sentado bem na frente, esperando que a questão de Lurõ fosse resolvida. O padre estava com a cabeça pendente, como se estivesse orando, e com o capuz cobrindo toda a cabeça, de tal maneira que ninguém poderia dizer se ele estava, de fato, orando ou dormindo. Em seguida verificou-se que ele estava, sim, dormindo. De qualquer forma, o padre Henri não entenderia a acalorada discussão havida e quando respondeu ao chamado do rei suas palavras pareciam muito mais latim do que a

língua comum. Por isso, ninguém entendeu o que ele quis dizer. Não havia mais nenhum homem de Deus por perto, visto que estavam sendo tratadas questões mundanas e de nível corriqueiro. O rei mostrou-se furioso, olhando em volta pela sala, e rugiu, o rosto vermelho, que trouxessem um diabo qualquer que soubesse falar essa língua danada dos burocratas. Sigrid viu de imediato a oportunidade, levantou-se e avançou de cabeça baixa para a frente da sala, onde reverenciou primeiro o rei Sverker e depois o padre Henri.

— Meu rei, estou à sua disposição — disse ela, esperando em pé pela decisão real.

— Se não há nenhum homem aqui, então que seja como for; quero dizer, se não há nenhum homem aqui que saiba falar essa língua — murmurou o rei, já cansado. — Aliás, como você aprendeu essa língua, minha querida Sigrid? — acrescentou ele, num tom de voz muito mais suave. — A única coisa que realmente aprendi durante a minha permanência no mosteiro, para minha vergonha, foi o latim — respondeu Sigrid em voz baixa, com semblante de seriedade e modéstia, embora Magnus fosse o único homem presente na sala que podia pressentir nela aquele sorriso maroto quando ela falou. Sigrid falava muitas vezes dessa maneira, isto é, dizia uma coisa, mas tinha em mente outra.

O rei, entretanto, não tinha entendido nada naquela questão do Espírito

Santo e pediu de imediato a Sigrid para se sentar ao lado do padre Henri, explicar a situação para ele e, depois, solicitar seu ponto de vista sobre o assunto discutido. Ela obedeceu rápido e, enquanto ela e o padre Henri começavam uma conversa feita de murmúrios naquela linguagem que aparentemente eram os únicos a conhecer, criou-se em volta um ambiente penoso, todos os homens olhando-se intrigados uns para os outros, alguns encolhendo os ombros, outros esfregando exageradamente as mãos uma na outra e olhando para o teto. Uma mulher no conselho do rei entre tantos homens competentes, mas assim aconteceu. E aquilo que já tinha acontecido não poderia ser dado como não acontecido.

Após alguns momentos, Sigrid levantou-se e explicou em voz alta, de modo a conseguir silenciar todos os murmúrios na sala, que o padre Henri tinha considerado o problema e agora queria dizer que o mais inteligente seria obrigar o canalha a casar com a irmã da esposa. Mas a esposa deveria ser mandada de volta, com presentes e boas roupas, com bandeiras e muita música. O rei Sverker e seu filho patife devem, entretanto, dispensar o dote, daí estaria resolvido o problema da prata. Aquilo que o próprio canalha pensa a respeito do caso não precisamos levar em conta, visto que se pudermos casá-lo com a irmã da esposa, essa união pelo sangue evitará a guerra. Alguma coisa esse patife terá que pagar pela sua trapalhada. A guerra seria, sem dúvida, a solução mais cara. Quando Sigrid terminou e se sentou, todos se calaram enquanto a assembléia pensava sobre o conteúdo da proposta do padre. Mas logo se espalhou um murmúrio de aprovação, alguém desembainhou a espada e bateu com a lâmina bem forte em cima da pesada mesa posta ao longo da parede da frente. Outros seguiram seu exemplo e em breve a sala vibrava com as batidas estridentes das armas e com isso o assunto estava resolvido. Como Sigrid nesse momento já estava sentada bem na frente da sala, e como parecia que ela tinha compartilhado a inteligente proposta do padre Henri, o rei Sverker decidiu então que era melhor resolver também, de uma vez, a questão de Varnhem e aí fez sinal para um escrivo para que se aproximasse e lesse um documento que o rei havia encomendado, a fim de resolver legalmente o problema. Segundo a leitura do texto, no entanto, parecia que a dívida viria somente da parte do rei. Sigrid pediu que lhe entregassem o documento para poder traduzi-lo para o padre Henri, mas aproveitou a ocasião também para sugerir, em tom conciliatório, que talvez o senhor Magnus pudesse participar da discussão seguinte. Claro, claro, sinalizou o rei, concordando a contragosto, sentindo-se incomodado, mas fazendo sinal para Magnus se aproximar e sentar-se na frente, junto da esposa. Rapidamente Sigrid traduziu o texto para o padre Henri, que agora tinha atirado o seu capuz pararás e tentava acompanhar o texto à medida que Sigrid o

apontava com o dedo. Ao chegar ao fim da tradução, ela acrescentou rápido, de modo que parecesse que era a continuação do texto traduzido, que a dádiva era dela e não do rei, mas que ela precisava, pela lei, da aprovação do rei. O padre Henri lançou para ela um olhar rápido e um sorriso que lembravam os dela própria e abanou a cabeça, agradecido.

— Muito bem — disse o rei, impaciente, como se quisesse ver-se livre da questão —, o venerável padre Henri tem alguma coisa a dizer, ou a propor a respeito deste assunto?

Sigrid traduziu a pergunta ao mesmo tempo que fixava intensamente o olhar do monge e este não teve qualquer dificuldade em entender seus pensamentos.

— Oh, sim — começou o monge, cuidadosamente —, é uma agradável notícia para Nosso Senhor Jesus Cristo a sua oferta de mais um jardim. Mas diante de Deus, assim como diante da lei, para que as dádivas possam ser aceitas há que se saber ao certo quem é verdadeiramente o doador e quem é o receptor. É esta generosa dádiva, de fato, propriedade de Sua Majestade? E ele fez sinal com a mão, um sinal circular, na direção de Sigrid, para que ela traduzisse. E ela cumpriu o mandado de maneira rápida e sem inflexões. O rei ficou claramente embaraçado e lançou na direção do padre Henri um olhar retraído, enquanto o padre apenas se mostrou atencioso, como se admitisse como certo que tudo estava na mais perfeita ordem. Sigrid não disse nada, apenas aguardava.

— É, pode ser, pode ser — murmurou o rei, incomodado. — Talvez se possa dizer que por questões legais a dádiva deve vir do rei, é assim mesmo. Quero dizer, para que ninguém venha a brigar pela coisa. Mas a dádiva vem também da senhora Sigrid, que está aqui entre nós. Como o rei hesitou antes de continuar, Sigrid aproveitou para interferir e traduzir o que ele acabara de dizer, no mesmo tom formal de antes. E então o rosto do padre Henri brilhou como se fosse pela agradável surpresa de ficar sabendo aquilo que já sabia e abanou lentamente a cabeça, onde surgiu um suave sorriso, e declarou, com palavras muito simples, mas com toda a sinuosa reverência exigida quando se trata de corrigir a realeza, que diante

de Deus seria mais justo se remeter a toda a verdade, também, no documento formal de doação. De modo que se agora se escrevesse a carta substituta com o nome correto do doador e com o beneplácito e a chancela de Sua Majestade, a dádiva poderia ser considerada oficial e as orações de agradecimento iriam beneficiar por igual tanto Sua Majestade quanto a verdadeira doadora. Não apenas a questão ficou resolvida justo dessa maneira, isto é, da forma como Sigrid desejava. Também o rei Sverker não poderia deixar de reconhecer e aceitar a modificação sugerida. Por isso, ele decidiu de imediato que fosse feito o respectivo adendo e que a dita carta deveria ser escrita tanto em linguagem comum quanto em latim, pois ele queria impor seu sigilo nela

ainda naquele dia. E, sendo assim, talvez todo o mundo agora pudesse se animar

mais um pouco, passando a tratar a questão de como as execuções previstas deveriam acontecer.

Também se constatou que o padre Henri e a senhora Sigrid possuíam duas almas em harmonia, ou seja, duas pessoas na terra com o mesmo senso e compreensão das coisas.

A questão de Varnhem, portanto, estava resolvida. No dia de Filipe e Jacó, em maio, nesse dia em que o pasto devia estar bem verde e abundante, onde o gado devia ser solto para pastar sob a vigilância de seus pastores, Sigrid sentiu medo, como se uma mão fria tivesse apertado o seu coração. Ela teve a sensação de que as dores do parto estavam chegando. Mas a sensação desapareceu tão rápido, que logo ela pensou que tudo tinha sido apenas sua imaginação.

Ela estava passeando com Eskil pela mão, descendo até o córrego onde os monges e seus irmãos de fé colocavam no lugar uma enorme roda de moinho, com a ajuda de blocos e cordas e muitos animais de tração. Tinham empedrado o córrego, fazendo-o mais estreito e mais profundo, e conseguindo assim aumentar sua corrente no lugar onde iria ser colocada a roda de moinho. A roda foi engenhosamente montada com mais de mil pedaços de carvalho e daria energia suficiente não apenas para o moinho de farinha, mas também para o martelo do ferreiro que em breve iria funcionar. Um

pouco mais à frente e embaixo existia um equipamento semelhante, porém menor. A roda era um pouco diferente, formada por uma longa série de caçambas que levantavam a água e a deslocavam para um canal cavado em troncos de carvalho, que seguia em queda para o lugar onde iriam ficar a igreja e as outras construções anexas do mosteiro. A corrente de água passaria pelas construções e iria desaguar novamente no córrego. Tudo para que a água não congelasse no inverno e houvesse sempre água corrente, tanto na cozinha quanto nas retretes para excrementos.

Sigrid passou muito tempo assistindo ao levantamento das construções, e o padre Henri, pacientemente, explicou para ela o que era feito e aquilo que estava nas suas intenções. E ela levou consigo dois dos seus melhores servos para ajudar nos trabalhos. Svarte, que dormia com Sot, e Gur, que mantinha sua vaca e os filhotes dela lá em Arnäs. E ela traduzia tudo para a linguagem deles, e explicava aquilo que o padre Henri descrevia. Magnus queixou-se de que ela não tinha qualquer trabalho para os melhores servos, pelo menos para os homens, lá em Varnhem. Eles seriam muito mais úteis para acelerar as construções em Arnäs. Mas Sigrid insistiu e explicou que era muito útil aprender com os leigos borgonheses e com os pedreiros ingleses que o padre Henri tinha reunido. E, como habitualmente, ela levou a melhor, embora fosse muito difícil explicar para qualquer homem

nascido na Götaland Ocidental que os forasteiros eram muito melhores

construtores do que a boa gente do lugar. Durante alguns meses, Varnhem transformou-se num lugar de trabalho, onde as batidas dos martelos ecoavam, as serras chiavam e gemiam e as grandes rodas de pedra para lixar funcionavam ruidosamente. Havia vida e movimentação por toda parte e à primeira vista tudo parecia funcionar sem planejamento, à doida, tal como acontece nos formigueiros na primavera, quando as formigas parecem correr de um lado para o outro, sem sentido e sem proveito. Mas existiam planos para tudo o que era feito. O líder dos operários era um enorme monge, de nome Guilbert de Beaune. Era o único dos

monges que trabalhava nas obras. Só os leigos de roupas marrons é que faziam todos os trabalhos manuais. Eventualmente, poderia se dizer que também o frei Lucien de Clairvaux ia contra esta regra. Ele era o mestre jardineiro do mosteiro e não quis encarregar o plantio sensível a outras mãos que não as suas, já que era um pouco tarde nesse ano para plantar e era muito difícil ter sucesso caso esse plantio não fosse feito por alguém com a correta sensibilidade nas mãos e a correta experiência no olhar.

Os outros monges, que até então utilizavam a casa grande como moradia e salão de orações, viviam ocupados com as coisas do espírito ou em escrever. Após algum tempo, Sigrid ofereceu aos leigos a colaboração de Svarte e de Gur e o pensamento dela foi mais o de proporcionar um aprendizado melhor para eles do que ajudar os leigos substancialmente. No princípio, alguns dos leigos foram até o padre Henri para reclamar que os escravos, sem boa apresentação e sem instrução, mais agiam desajeitadamente do que eram úteis. Mas o padre Henri desconsiderou todas essas reclamações, pois ele entendeu muito bem quais eram as intenções de Sigrid com esses aprendizes. Ao contrário, ele falou com o irmão Guilbert a respeito do caso, e isso levou a que Svarte e Gur, para irritação de muitos dos trabalhadores seculares contratados, quando começavam a ser úteis no trabalho, fossem mandados para outra função onde a falta de jeito e a irritante falta de prática voltavam a surgir. Quebrar pedras, lixá-las, dar forma ao ferro incandescente, juntar e grudar as peças de carvalho da roda de moinho, montar um chafariz ou uma canaleta, limpar o jardim daquilo que ali não devia crescer, cortar a machado carvalhos e faias e dar forma conveniente aos troncos segundo as diversas finalidades, de tudo isso os dois escravos em breve, apressadamente, já tinham aprendido um pouco e Sigrid sempre perguntava a respeito de seus progressos e fazia planos para a sua utilização futura. Ela já tinha pensado numa coisa, que ambos iriam trabalhar para alcançar a sua liberdade. Apenas aqueles que conseguiam realizar alguma coisa de valor podiam subsistir como homens livres. A fé e a religião deles interessavam menos, e ela não obrigou nenhum dos seus escravos ao batismo, a

não ser no caso de Sot, mas isso porque ela precisou de apoio especial durante a inauguração da catedral.

Foi uma época de paz. Como esposa, Sigrid não teve tanto a fazer quanto na hipótese de ficar como dona de Varnhem e ter que administrar essa propriedade. Nem tampouco no caso de assumir a responsabilidade do trato do jardim em Arnäs. Ela tentou pensar o menos possível sobre o inevitável, aquilo que viria a acontecer, tão certo quanto a morte para todos, tanto para os escravos quanto para o povo. Como a casa grande ainda não tinha sido inaugurada como parte do mosteiro, ela podia participar em qualquer dos cinco horários de oração todos os dias, à sua vontade. À medida que o tempo passava, mais ela participava dos momentos de oração. E ela rezava, sempre pedindo a mesma coisa, pela vida dela e da criança, para que tivesse as forças e a coragem da Virgem Maria e para que fosse poupada das dores que havia sofrido na vez anterior.

E, então, ela avançou no caminho de casa, com suores frios na testa e com movimentos muito lentos e cuidadosos, como se qualquer movimentação mais desabrida fosse provocar as dores, entre os ruídos da construção. Chamou Sot, mas não precisou dizer do que se tratava. Sot fez sinal que tinha entendido e resmungou qualquer coisa na sua língua estranha. Correu para a cozinha e começou a organizar as coisas com a ajuda das outras escravas. Retiraram tudo o que tinha a ver com carne para cozer e assar, lavaram e enxugaram o chão e trouxeram fardos de palha e os cobertores do depósito onde Sigrid guardava todos os seus pertences. Quando tudo estava em ordem e Sigrid devia tomar seu lugar na cama, ela sentiu pela segunda vez as dores do parto, tão fortes, muito piores que as primeiras, tanto que seu rosto ficou branco, o corpo contorceu-se de dor e precisou ser arrastado para a cama no meio do chão. As escravas já tinham acendido o fogo lá dentro e trazido as bacias de água que aqueceram sobre o fogo. Quando a dor se foi, ela pediu a Sot para buscar o padre Henri e para fazer com que Eskil ficasse com as outras crianças bem longe, a fim de que se distraísse com as brincadeiras e não escutasse os gritos de sua mãe, se isso chegasse a acontecer. Mas alguém precisava também vigiar as

crianças para que não se aproximassem muito da grande e perigosa roda de moinho, que mais do que qualquer coisa na região parecia atrair a sua curiosidade. As crianças não podiam ser deixadas a sós, sem vigilância! Por alguns momentos, ela ficou sozinha, olhando pela abertura no teto que dava saída à fumaça, e pela janela lateral na parede mais comprida. Os pássaros cantavam lá fora, eram os tentilhões que cantavam durante o dia, antes de os tordos tomarem a vez, e faziam com que todos os outros pássaros ficassem em silêncio como que por pura vergonha. O suor escorria pela sua testa, mas ela sentia frio, chegando a tremer. Uma das suas servas veio até ela, timidamente, e enxugou seu suor com um pano molhado, de linho, mas nem ousou fixar os olhos nela.

Magnus insistiu para que ela mandasse chamar a tempo as boas mulheres

de Skara quando chegasse a hora e não desse à luz entre as escravas. Mas foi como se ela, o tempo todo, quisesse adiar o inevitável, como se ela esperasse em segredo que a criança nascesse sem que ela tivesse que dar à luz. Foi besteira, pura vaidade. Agora, ali estava ela, pronta para procriar e viver, para procriar e morrer, ou morrer com a criança, entre as escravas. Ela sabia muito bem o que Magnus iria pensar. Mas ele era apenas um homem e não poderia compreender que as escravas, habituadas a procriar muito mais do que as suas donas, tinham um entendimento apurado a respeito de tudo o que iria acontecer. Ainda que não tivessem pele branca, falavam bonito e sabiam portar-se cortesmente, tal como as mulheres que Magnus certamente gostaria de ver enchendo a sala, com a sua tagarelice e as suas desmioladas corridas para a frente e para trás. E as escravas eram competentes, sim, o bastante. Se é que a ajuda humana iria bastar. E a Santa Virgem Maria iria certamente ajudar ou não, independentemente das almas que estivessem na sala.

As escravas tinham alma como a gente, foi isso que o padre Henri falou para ela, com palavras fortes e convincentes. E no céu não existem pessoas livres ou escravas, ricas ou pobres, existem apenas almas que se tornaram merecedoras de estar lá pela sua bondade.

Sigrid achava que isso podia muito bem ser verdade.

Quando o padre Henri entrou na sala, ela viu que ele trazia consigo o breviário. Tinha entendido qual era a ajuda de que ela precisava. Mas fez de conta, primeiro, que nada era preciso e nem se preocupou em mandar embora as escravas que, apressadamente, limpavam e corriam com novos baldes de água e traziam mais panos de linho e fraldas. — Mandou me chamar, a veneranda esposa? Entendo que está se aproximando a hora da alegria, nesta casa, aqui em Varnhem — disse o padre Henri, mostrando-se mais sorridente e calmo para ela do que as suas palavras queriam mostrar.

— Ou a hora da tristeza, padre. Não saberemos de nada antes que tudo tenha terminado — atalhou Sigrid, olhando fixamente para ele, com um olhar de medo, como se pressentisse que uma nova dor estava a caminho. Mas foi apenas imaginação, a dor não veio.

O padre Henri puxou um pequeno banco de três pernas e sentou-se junto dela, segurando-lhe a mão com carinho. — A senhora é uma mulher inteligente — disse ele —, a única que encontrei no mundo laico que sabe falar em latim, e a senhora sabe também muitas outras coisas, como, por exemplo, ensinar às suas escravas aquilo que nós sabemos. Me diga então uma coisa: por que isso no seu caso seria um ato tão excepcional, quando todas as outras mulheres passam pelo mesmo, mulheres bem-nascidas como a senhora, escravas e mulheres miseráveis, todas, milhares e milhares. Pense bem, justo neste momento a senhora não é a única

no mundo. Talvez agora, neste exato momento em que estamos aqui sentados, a

senhora esteja na mesma situação de dez mil mulheres pelo mundo afora. Por isso, me diga, por que razão tem algo a recear, mais do que todas as outras? Ele tinha falado bem, quase uma prédica, e Sigrid pensou que aquilo que ele havia dito certamente tinha sido coisa pensada durante vários dias, as primeiras palavras que ele iria lhe dizer quando o terrível momento chegasse. Ela não pôde deixar de sorrir quando levantou o olhar para ele, e ele viu no seu sorriso que ela tinha adivinhado tudo.

— O senhor fala muito bem, padre Henri — disse ela, com a voz meio enfraquecida, receosa de que as dores voltassem de novo. — Mas, das dez mil mulheres de que o senhor falou, talvez a metade amanhã esteja morta e eu talvez seja uma delas.

— Então, eu teria dificuldades para compreender nosso Salvador, — disse o padre Henri, calmamente, e ainda com um sorriso nos lábios e o olhar procurando o tempo todo pelo dela.

— Ainda existem coisas que o nosso Salvador faz que o senhor não pode entender, padre? — murmurou ela, enquanto sua tensão aumentava à espera do próximo golpe da dor.

— Isso é certamente verdade — concordou o padre Henri. — Existem coisas que até o nosso fundador, São Bernardo de Clairvaux, não entende. Como as grandes derrotas sofridas pelos nossos, justamente agora, na Terra Santa. Ele próprio, mais do que qualquer outro, quer que mandemos mais gente. Ele próprio não desejaria nada mais do que a vitória da nossa justiça contra os infiéis. No entanto, acabamos sendo derrotados, uma tremenda derrota, apesar da nossa fé muito forte, apesar da nossa boa missão, apesar de estarmos lutando contra os pecadores. Por isso, a verdade é que nós, os homens de bem, nem sempre conseguimos entender o nosso Salvador. — Quero me confessar a tempo — segredou ela. O padre Henri mandou sair as escravas, colocou sobre si a estola, abençoou-a e falou que estava pronto para escutar sua confissão. — Padre, peço perdão, pois pequei — disse ela, arfando, com o medo brilhando nos olhos.

Depois, precisou respirar fundo várias vezes e se recuperar antes de continuar:

— Tive pensamentos impiedosos, pensamentos mundanos, doei Varnhem para o senhor e para os seus, não apenas porque o Espírito Santo me disse que isso era correto e uma boa ação; eu também esperava que com esta dádiva pudesse aplacar a Mãe de Deus, pela razão de eu, por desatino e egoísmo, ter pedido a ela para me poupar de novos partos, apesar de saber que é nosso dever encher o mundo de gente.

Sigrid havia falado rápido e em voz baixa, na espera de que as dores voltassem, e elas vieram justo quando ela acabou de falar. Seu rosto ficou desfigurado pela dor, e ela mordia os lábios fortemente para não gritar. O padre Henri sentiu-se inseguro, primeiro, a respeito do que devia fazer, mas, depois, levantou-se e foi buscar uma toalha de linho que molhou na água fria numa bacia junto da porta. Em seguida, dirigiu-se para ela, levantou sua cabeça e molhou sua testa e seu rosto, enxugando a saliva e o sangue que escorriam da sua boca.

— A verdade, minha filha — murmurou ele ao mesmo tempo que se inclinava para ela e sentia a pressão do seu medo —, é que os favores de Deus não podem ser comprados com dinheiro, que é um grande pecado tanto vender quanto comprar aquilo que apenas Deus pode dar. A verdade é que você, em sua fraqueza humana, sentiu medo e pediu à Mãe de Deus por ajuda e consolo. Mas, neste último caso, não existe pecado nenhum. E, no que diz respeito à dádiva de Varnhem, acontece que o Espírito Santo pairou sobre você com uma revelação que você estava pronta para receber. E nada na sua vontade pode ser mais forte do que a vontade do Espírito Santo, e esta você cumpriu. Eu lhe perdôo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Você está agora livre de pecados, e vou deixá-la para que eu próprio possa me recolher em oração. O padre Henri largou cuidadosamente a cabeça dela na cama e viu que, em algum lugar bem lá dentro na sua dor, ela tinha sentido um pouco de alívio. Depois, saiu rápido e, em tom áspero, mandou entrar as mulheres que aguardavam do lado de fora da casa, e todas entraram como um bando de pássaros negros.

Mas Sot deixou-se ficar e puxou timidamente pela roupa dele e disse qualquer coisa que, inicialmente, ele não entendeu, já que ambos não falavam direito a língua do país. Ela, porém, se esforçou de novo, falou muito lentamente, acompanhando a sua fala com sinais. Foi, então que ele percebeu que ela tinha uma poção secreta feita de plantas proibidas, que podia aliviar a dor e que as escravas costumavam dar para aqueles entre os seus que iam receber chibatadas, ser mutilados ou ir para as galés. Ele olhou pensativamente o rosto escuro daquela mulher na sua frente

enquanto refletia. Ele sabia muito bem que ela era batizada e que, por isso, tinha que a tratar como se fosse alguém da sua paróquia. Ele sabia também que aquilo que ela contou era verdade. Lucien de Clairvaux, que cuidava de todas as plantações no quintal, tinha muitas receitas que poderiam atingir os mesmos efeitos. No entanto, havia o risco de a poção de que a escrava falara ter sido preparada com bruxaria e maus espíritos. — Escuta aqui, mulher — disse ele, lentamente e tão claramente quanto sabia. — Eu ir perguntar homem que sabe. Se voltar, dar bebida. Não voltar, não dar bebida. Jura por Deus que vai obedecer!

Sot jurou submissa diante do seu novo Deus, e o padre Henri foi embora

rápido para ter uma conversa com o irmão Lucien, antes de juntar todos os irmãos para uma oração em favor da sua benemérita. Momentos depois, ele conseguiu encontrar o irmão Lucien, que, amedrontado, afastou a idéia com ambas as mãos. Tais poções que aliviavam as dores eram muito fortes. Podia-se usá-las em casos de feridos, moribundos ou na medicina, quando alguém precisa ter seu braço ou pé amputado. Mas não se podia dar isso de jeito nenhum para mulheres que iam parir, porque assim seria dado também ao II bebê, que poderia nascer retardado ou ficar deformado para sempre.

Uma vez nascida a criança, então, tudo bem. Se bem que, por outro lado, a essa altura já costuma não ser preciso. Portanto, não se tratava apenas de seguir a vontade de Deus, de que todos nós devemos nascer na dor, mas também num plano mais prático isso aliviava a dor, que é o preço que temos de pagar ao parir crianças ainda não prontas para a vida. Aliás, seria interessante saber qualquer dia de que essa poção que alivia dores é composta. Quem sabe, podemos ter uma nova idéia.

O padre Henri concordou, abanando a cabeça, envergonhado. Devia ter conhecimento disso, mesmo que especializado nas Escrituras Sagradas, em teologia e música, e não na arte da medicina e na arte de agricultura. Passou a reunir rapidamente os irmãos para começar uma sessão de orações bastante longa.

Sot tinha decidido obedecer ao monge até então, ainda que achasse ser uma pena e uma vergonha não aliviar o sofrimento da sua patroa. Entretanto, assumiu o comando sobre as outras mulheres na sala; elas puxaram Sigrid para cima na cama e soltaram seu cabelo, que se alongou, brilhante e quase tão negro quanto o de Sot. Deram-lhe banho, apesar de ela tremer de frio, e, depois, vestiram-na com uma nova camisola de linho e obrigaram-na a começar a andar em volta, no chão da sala, dizendo que isso iria apressar tudo. Através de uma névoa de medo, à espera da nova onda de dores, Sigrid cambaleava, andando em círculos na sala entre duas das suas escravas, e se sentia envergonhada, se sentia como uma vaca guiada às voltas no mercado por escravos que estavam ali para a vender a mando do seu dono e senhor. Ela ouviu o toque do sino da casa grande, mas não tinha certeza, talvez fosse apenas sua imaginação. Em seguida, chegou nova onda de dores, que começaram desta vez mais embaixo, no mais profundo do seu ser, e ela suspeitou que as dores iriam durar mais tempo. Então, gritou alto, mais de medo do que de dor, e caiu de vez na cama, onde as servas pegaram-na, à sua volta, por baixo dos braços e por trás, levantando-a um pouco enquanto todas as outras gritavam ao mesmo tempo que ela precisava ajudar, que ela precisava fazer força. Mas ela não se atrevia a fazer força e talvez até tivesse desmaiado.

Quando a penumbra deu lugar à noite e os tordos silenciaram, era como

se viesse também um período de calma para Sigrid. As contrações que haviam chegado bem amiúde horas antes, pareciam que tinham terminado. Era um sinal sinistro, sabiam disso tanto Sot quanto as outras. Alguma coisa tinha que ser feita.

Sot chamou uma das outras e saiu com ela, avançando às escondidas pela noite e passando furtivamente pela casa grande, onde os murmúrios e as cantorias dos monges podiam ser escutados fracamente por trás das paredes espessas. Alcançaram então o estábulo, de onde retiraram um cordeiro ainda por castrar, passando uma corda à volta do seu pescoço. E, no meio da noite cada vez

mais escura, partiram para um pequeno bosque proibido. Passaram uma corda por um dos cascos traseiros do animal e a outra ponta da corda por cima do ramo de um dos muitos carvalhos do bosque, todos eles bastante avantajados. Enquanto Sot puxava a corda, suspendendo o cordeiro no ar por uma das patas, a outra escrava se jogava sobre o animal, segurava-o pelas pernas da frente e puxava-o para baixo com todo o peso do seu corpo, ao mesmo tempo que pegava numa faca e cortava o pescoço dele. Depois, as duas se ajudaram mutuamente para içar rápido o cordeiro ainda se debatendo e gritando perante a morte, enquanto o sangue dele esguichava para todos os lados. Quando conseguiram amarrar a corda na base da árvore, as duas despiram suas batas escuras e se colocaram nuas debaixo dos esguichos, untando os cabelos, os seios e os sexos de sangue, ao mesmo tempo que oravam por Frej.1 Quando a manhã chegou e Sigrid acordou da sua letargia, o fogo dos infernos voltou a atormentá-la e ela pediu, desesperada, à sua querida e sagrada Virgem Maria para poupá-la das dores, que era melhor levá-la de vez, agora, se fosse isso que viesse a acontecer, mas pelo menos que a livrasse das dores. As escravas que ficaram sonolentas à sua volta acordaram rápido e começaram a apalpar o corpo dela e a falar apressadamente entre si na sua própria língua incompreensível. Depois, começaram a rir e olharam intensamente, abanando a cabeça para a frente, afirmativamente, para ela e para Sot, que ainda estava literalmente molhada, com o cabelo que caía na vertical e em faixas e não deixava de pingar água fria, até que ela se inclinou para Sigrid, falando que agora o parto ia acontecer, em breve seu filho iria nascer, mas era preciso que ela pela derradeira vez realmente ajudasse, se esforçasse. Então elas a pegaram por baixo dos braços e levantaram-na, na posição meio sentada, e Sigrid arfava e gritava preces desesperadas, até que reconheceu que desse modo poderia acordar o pequeno Eskil, deixando-o amedrontado, e então voltou a morder os lábios já feridos que imediatamente voltaram a sangrar e sua boca ficou cheia do gosto de sangue. Mas, lentamente, no meio daquela situação insuportável, ela ficou cada vez mais esperançosa, como se a Mãe

de Deus, agora, realmente estivesse ao seu lado, falasse suavemente para ela e a exortasse

1 Frej, deus da fertilidade. (N. T.)

a fazer aquilo que as suas sensatas e fiéis escravas lhe diziam. E ela fez força e

gritou, mas mordeu novamente os lábios para não gritar, e então ouviram-se os cantos dos monges ao longe, no amanhecer, em alto e bom som, como se fosse uma canção de graças ou uma canção para sobrepujar o insuportável. E, de repente, tudo acabou. Ela viu através do suor e de suas lágrimas uma trouxinha ensangüentada na sua frente, que parecia mais ser algo vindo da matança das escravas. As mulheres na sala corriam umas pelas outras com águas e toalhas de linho e, num ataque de desespero, Sigrid jogou o corpo para trás como se tivesse desistido de tudo.

Sigrid sabia que elas a estavam lavando e tagarelando, ouviu várias palmadas e depois um grito, um choro, um som trêmulo, mas que só poderia significar uma coisa.

— É um menino perfeito — disse Sot, cheia de alegria. — A senhora teve um menino bem constituído que tem todos os dedos das mãos e dos pés, tudo como deve ser. E ele nasceu com aura de vencedor! Elas colocaram-no, lavado e envolvido em roupinhas, ao lado do seu peito dolorido e ingurgitado, e ela olhou para o rosto enrugado do filho e ficou pensando em como ele era pequeno. Afiagou-o um pouco e ele, com o bracinho livre, movimentou-o no ar até que ela estendeu o seu dedo, e o bebê imediatamente o agarrou e segurou com vontade. — Como é que ele vai se chamar? — perguntou Sot, com o rosto vermelho e excitado.

— Ele vai se chamar Arn, por causa de Arnäs — segredou Sigrid, ainda pálida. — Arnäs e não Varnhem vai ser a sua casa, mas ele será batizado aqui pelo padre Henri, quando chegar o momento.

O FILHO JOHAN do rei Sverker Morseti como merecia. O rei, seguindo os conselhos do padre Henri, cuidou para que o conde

dinamarquês, imediatamente, tivesse de volta a sua esposa na província de Halland. Mas tanto o rei Sven Grate como o seu conde-ministro recusaram com desprezo a parte seguinte do plano do padre Henri, o de arranjar o casamento entre o filho safado do rei e a outra mulher dinamarquesa ofendida, de modo que, através dos laços de sangue, a guerra pudesse ser evitada. O erro talvez não estivesse tanto no plano do padre Henri, mas no fato de o rei Sven Grate desejar a guerra. Quanto mais mensagens conciliadoras vinham da parte do rei Sverker, mais o rei Sven Grate queria guerrear. Este entendeu, possivelmente com razão, que o rei dos gotas mostrava sua fraqueza ao fazer esta e aquela oferta para evitar a guerra. Sven Grate estava tão certo da sua vitória que começou logo a fazer as partilhas das terras de Götaland entre os seus homens mais próximos. E como se dizia que lá havia uma mulher muito bela de nome Sigrid, ele resolveu

prometê-la como esposa para aquele entre os seus homens que demonstrasse

mais coragem durante as conquistas.

O rei Sverker, num derradeiro esforço, convenceu o cardeal do papa, Nicolaus Breakspear, de que, a caminho de Roma, fizesse uma visita a Sven Grate e lhe falasse de bom senso e de paz. O cardeal foi malsucedido nesta intervenção, tal como já tinha sido em ordenar um arcebispo sobre as terras reunidas de Götaland e Svealand. A missão do papa em nomear um arcebispo fracassou pelo fato de que as representações de ambas as partes não conseguiram chegar a um acordo quanto à localização da catedral e da sede do arcebispado, em Aros Oriental, como os de Svealand exigiam, ou em Linköping, como o rei Sverker queria. A missão secular do cardeal, a de manter a paz, o que era mais do interesse da Igreja que a guerra, já que estava prestes a ser conseguida a inclusão de mais um país nos domínios do Senhor, nosso Pai, fracassou pela simples razão de que o rei dinamarquês estava convencido da vitória, tão próxima. E as terras então conquistadas ficariam sob a jurisdição do arcebispo Eskil, em Lund, de modo que, quaisquer que fossem as razões cristãs para desistir da guerra, Sven Grate não podia

reconhecer.

O rei Sverker não tinha feito quaisquer preparativos para a defesa do país por estar muito ocupado, em parte com as cerimônias fúnebres da sua rainha Ulvhild, e em parte com os preparativos do novo casamento com outra viúva, Rikissa, aliás, viúva duas vezes. Talvez acreditasse também que todas as orações que conseguiu garantir no mosteiro fossem suficientes para salvá-lo, a ele e ao país.

Johan, seu filho canalha, porém, não acreditava nem um pouco em orações salvadoras. E, a respeito de os dinamarqueses saírem vencedores da próxima batalha, isso era, na sua opinião, uma esperança vazia. Por isso, convocou para a residência real em Vreta — e a convocação não partiu do seu pai, o rei — uma reunião, a fim de decidir como a defesa contra os dinamarqueses deveria ser organizada. Ele não entendia até que ponto era odiado como vândalo. Se seu pai não fosse já idoso e de coração fraco, teria punido o filho com a morte, e por dois motivos: vandalismo e mentira. Ninguém honestamente desejava entrar em guerra e arriscar a vida por culpa de um vândalo, um estuprador de mulheres da pior espécie. Em compensação, vieram muitos homens esperançosos para a reunião do conselho em Vreta, mas por outras razões, não as que Johan havia imaginado. Quando viu quantos eram os homens que tinham vindo, ele entendeu tudo errado.

Eles chegaram para espancá-lo até a morte. E foi isso que fizeram. Seus próprios escudeiros não levantaram um dedo para defendê-lo. E também não foram sequer atacados. O cadáver de Johan foi cortado em vários pedaços de

tamanho razoável, atirados aos porcos nos quintais de Skara para que não

houvesse jamais algum tipo de sepultamento real. No ano da graça de 1154, o inverno chegou cedo e, quando os gelos permitiram, o rei Sven Grate liderou o seu exército pelo sul, entrando pela província de Skâne e avançando até Finnveden, na província de Smâland. O exército queimou e devastou tudo o que encontrava pela frente, mas o avanço foi lento porque caiu muita neve nesse ano. Os cavalos e os outros animais de tração tiveram dificuldades em seguir em

frente. Além disso, os camponeses de Várend ofereceram resistência. Anos antes, a aldeia fora assaltada pelo norueguês Sigurd Jorsalafar, que, em nome da fé cristã, resolveu realizar uma cruzada contra Vãrend. Segundo se conta, ele veio encontrar cinco ou seis escravos fugitivos, a quem deixou decidir entre a espada e o batismo, mas, fora isso, as pessoas se lembravam melhor dele roubando mais de mil e quinhentas reses, e levando-as para casa. Os habitantes de Várend, pouco familiarizados em questões de uma ou outra mulher estuprada ou naquilo que os reis podiam oferecer como motivo para roubar e queimar, decidiram em sua reunião que se era para morrer que morressem como homens, de acordo com a antiga crença de seus ancestrais. Morrer como senhor ou como escravo, sem luta, era morrer em desgraça. Além disso, ninguém pode estar certo quando se trata de guerra, a não ser de uma coisa: mesmo aquele que não lutou ou ficou sozinho contra qualquer exército estrangeiro acabaria morrendo, se o exército passasse no seu caminho. Todo o resto estava nas mãos de Deus.

E o rei Sven Grate acabou enfrentando dificuldades. Os habitantes de Várend defenderam suas terras palmo a palmo, atrás de barricadas nas trilhas das florestas, barricadas feitas de troncos de árvores que eles próprios derrubaram. Custou muito esforço e tempo lutar contra essas barricadas, e vencer não se conseguia nunca, no verdadeiro sentido da palavra. Se a situação parecia dominada ao anoitecer, a luta tinha que ser interrompida para a ceia, o descanso noturno e a oração. E então, na manhã seguinte, os homens por trás das barricadas não estavam mais lá. Em seguida se reuniam um pouco mais além, com gente nova, preparada para defender seus lares. E começava tudo de novo.

Os soldados do exército dinamarquês fugiam de noite em grandes grupos e começaram a voltar para casa. Aqueles que tinham por profissão a luta armada sabiam que o inverno já avançara demais. Mesmo que, no final, conseguissem passar pelos malditos camponeses, iriam chegar às planícies da Götaland Ocidental na primavera e ficar presos na lama. Além disso, os camponeses tinham uma maneira detestável de se defender. Eles matavam e feriam tantos animais quantos podiam atingir. Durante a noite, vinham em

pequenos grupos, atacavam as sentinelas e, depois, abatiam cavalos e bois, às

estocadas, na barriga, o máximo que o tempo fugaz lhes permitia, antes que os reforços chegassem. Em seguida, fugiam no meio da noite escura. Um cavalo abatido por uma lança ou espada morre bastante rápido. Os bois agüentam-se mais, mas também eles morrem se um forcado ou a ponta de uma lança perfura a pele da sua barriga. Sem dúvida, o exército dinamarquês tinha muita carne de boi para fazer churrasco. Mas isso servia de pouca consolação, visto que estava "comendo" suas possibilidades de vitória. Quando Sven Grate, finalmente, teve de aceitar o fato de que a guerra de qualquer maneira não poderia ser vencida naquele ano, decidiu que o exército deveria ser dividido para a carreira de volta. Ele próprio avançaria pela província de Skâne, a caminho de casa, nas ilhas dinamarquesas. E o seu conde levaria a outra metade do exército restante consigo para a província dinamarquesa de Halland e seu próprio condado. Sven Grate mandou enviar um mensageiro para comunicar que não havia mais guerra, no momento em que seus soldados, ele próprio e o seu conde estavam voltando para casa. Mas em Vãrend existia muita vontade de vingança. E, por isso, contava-se muito a história de uma mulher, Blenda, que enviara mensagens de convocação para muitas outras mulheres, e todas elas juntas foram se encontrar com o conde e seus homens perto da lagoa Nissa, oferecendo-lhes pão e carne salgada. Aliás, uma grande quantidade de carne salgada é o que viria a constatar-se. Elas convidaram todos para uma grande festa e ofereceram uma quantidade extraordinária de cerveja para acompanhar a carne salgada. Quando o conde e seus homens avançaram, vacilando, até um palheiro, para dormir, enquanto os soldados se acomodavam no meio da neve o melhor que podiam, enrolados em peles de boi e de carneiro, mas tão bêbedos quanto a gente fina, Blenda e suas amigas se prepararam com todo o cuidado. Acenderam grandes tochas de piche. E chamaram seus homens que estavam escondidos num bosque. Quando o silêncio baixou sobre o acampamento do

exército e apenas se escutavam roncões, eles fecharam bem o palheiro e puseram fogo nos quatro cantos ao mesmo tempo. Em seguida, apunhalaram os soldados sonolentos. Na manhã seguinte, no meio de grandes gargalhadas, acabaram afogando os últimos prisioneiros, sob o gelo da lagoa Nissa, onde antes fizeram dois grandes buracos pelos quais, depois, foi só puxar a fila de prisioneiros como se estivessem puxando uma rede de peixes.

O rei Sverker tinha vencido a guerra contra os dinamarqueses sem enviar um único homem e sem levantar um único dedo. Certamente, considerou que isso tinha dependido acima de tudo das orações oferecidas por ele à providência divina. Mas se mostrou um homem de bem ao chamar Blenda e suas amigas mais próximas, decidindo que as mulheres de Vãrend, que tinham se mostrado tão másculas na defesa do país, no futuro teriam direito a herdar tanto quanto os homens. E que, como digno sinal de guerra, elas deveriam usar um cinto vermelho com uma cruz bordada a ouro,

sinal que apenas a elas seria permitido usar e a mais ninguém. E quando se

casassem, as mulheres de Vãrend, e mais ninguém, teriam direito à sublime honra de uma banda de tambores à frente da procissão nupcial. Se o rei Sverker tivesse vivido bastante, seu decreto teria tido, certamente, um efeito legal muito mais prolongado do que teve. Mas os dias do rei Sverker estavam contados. Dali a pouco tempo, seria assassinado. Nenhum castelo pode ser construído para ser inconquistável. Desde que haja uma razão forte, o lar de qualquer homem pode ser arrasado e incendiado. Mas a questão sempre será se isso valerá seu preço, quantos sitiados foram mortos por flechas, quantos foram esmagados por pedras, quantos perderam a vontade e a saúde durante o cerco.

De tudo isso sabia o senhor Magnus e ele pensou muito no assunto enquanto a construção prosseguia. Porque aquilo que ele nem ninguém naquela época poderia saber era o que aconteceria depois da morte do velho rei Sverker, morte que, independentemente da maneira como se olhasse para o caso, não poderia estar longe.

Tudo era possível. O filho mais velho de Sverker, Karl, poderia

assumir o poder e, então, pouca coisa mudaria. A situação em relação ao rei Sverker tinha melhorado, se não por outro motivo, pela atitude de Sigrid ao doar Varnhem quase que em nome dele.

Mas ninguém sabia o que estava acontecendo em Svealand, quem ou quais dos sveas estavam se preparando para a luta pelo trono. Ou talvez alguns gotas ocidentais? Talvez alguém da própria dinastia ou de uma dinastia amiga ou de uma dinastia inimiga. Na espera de uma decisão, havia que se continuar construindo.

Arnäs estava situada bem na ponta de um cabo no lago Vänern e era defendida pelos três lados, naturalmente, pelas águas. Junto da velha casa grande, erguia-se agora uma torre de pedra com a altura de sete homens. Os muros à volta da torre ainda não estavam prontos. Por isso, a área era defendida, principalmente, por paliçadas formadas por ramos de carvalhos, amarrados e com suas pontas para cima. Ainda havia muita coisa por fazer. Magnus ficou durante muito tempo na torre de sua propriedade, treinando arco contra um monte de palha colocado do outro lado dos dois fossos. Era realmente maravilhoso ver a distância que a flecha podia atingir, disparando-a do alto para baixo. E depois de um curto período de treinamento, podia-se calcular o ângulo de tiro, de maneira que a pontaria quase ficou precisa, no máximo à distância de um braço da mosca. Já na sua configuração atual, Arnäs seria difícil de tomar, pelo menos por algum grupo de soldados em retirada de uma ou outra guerra, necessitados de provimentos para a caminhada de volta para casa. E mais forte ficaria, embora tudo tivesse que vir a seu tempo e porque Sigrid, na maioria dos casos, queria coisas diferentes de Magnus.

Este sabia que na maioria das vezes ela conseguia fazer prevalecer a sua

vontade quando estavam em desacordo. Ele sabia até como ela se comportava para que parecesse que não era ela que o dirigia, mas que apenas se juntava a ele, obedecendo à vontade do seu homem e senhor. Como no caso da mesa de honra dos seus ancestrais noruegueses. Na antiga casa grande, a mesa de honra e as paredes junto do canto mais estreito da sala estavam emolduradas por

entalhes de madeira da Noruega, onde havia barcos vikings com dragões, balançando no mar, e uma cobra enorme, cujo nome já fora esquecido, em volta de toda a moldura e de tudo o que se podia ver e ler nela. Aliás, o texto rúnico era velho e difícil de ler. Sigrid propôs primeiro que se queimasse toda essa idolatria paga, uma vez que se estava reconstruindo tudo de novo. As paredes, por sua vez, deviam ser revestidas com as telas do novo tempo em que cristãos defendiam a Cidade Santa, Jerusalém, onde se levantavam igrejas e eram batizados os gentios. Magnus teve dificuldade em aceitar a idéia de queimar os entalhes bem produzidos por seus ancestrais. Isso não se fazia mais nos tempos que corriam. Coisas semelhantes eram difíceis de serem encontradas em outros lugares da Götaland Ocidental. Mas ele também achou difícil acompanhar as palavras dela a respeito de idolatria paga e da arte de gentios. E nisso ela tinha razão. Mas esses ancestrais que esculpiram os dragões nos barcos e as pedras rúnicas desconheciam outras maneiras de esculpir e deles existiam agora apenas os trabalhos feitos por suas mãos, e eram belos esses trabalhos. Suas imagens falavam para os sentidos dos admiradores atuais como se fossem uma voz do passado, sem que por essa razão alguém precisasse ter pensamentos sujos. Era como se olhasse para um maravilhoso nascer do sol. Isso podia significar qualquer coisa e significava algo diferente no tempo dos monstros e dragões do que agora, no tempo de nosso Salvador. Mas de tudo isto ele tinha dificuldade em falar realmente bem, enquanto ela conversava sobre idolatria paga e purificação pelo fogo. Acabou como se ela estivesse certa e ele, errado. Mas, ao mesmo tempo que discutiam sobre dragões monstruosos e símbolos rúnicos, a questão era saber quem podia trabalhar como pedreiro, em primeiro lugar Svarte e Gur e alguns dos seus filhos. Deveriam começar o trabalho erguendo os muros de defesa ou a empena da casa grande? Na antiga casa grande, a lareira comprida estava situada ao centro, no chão, de modo que o calor se espalhava, mais ou menos equilibradamente, por toda a casa. Na parte mais afastada ficavam os escravos e o gado, e na parte junto à mesa de honra ficavam o dono, seus familiares e convidados. Nos invernos mais rigorosos, essa era a melhor maneira

de manter a casa aquecida. Agora, porém, Sigrid tinha vindo com idéias inteiramente novas que, sem dúvida, fora buscar nos monges em Varnhem. Magnus se recordava ainda de seu espanto e suas dúvidas quando ela desenhou tudo na areia diante dele. Tudo era novo, nada como antes.

A sua casa grande era dividida em duas metades, com uma porta grande

no meio, que dava primeiro para uma entrada, e dali, então, ficavam os acessos à metade do dono da casa e à metade dos escravos e animais. Esta metade, por sua vez, estava dividida em dois andares: o de cima servia como palheiro e o de baixo como estábulo e dependências dos servos. Nesta metade da casa não existia nenhuma lareira. Pelo contrário, era proibido fazer fogo e a transgressão desta ordem recebia punição severa.

Na outra metade da casa que iria ser a sua, com a mesa de honra como antes, a parede mais afastada seria construída totalmente em pedra, e abaixo da cumeeira dois mezaninos planos formando conjunto com uma lareira quase tão larga quanto a casa, e acima da lareira um grande chapéu de chaminé com saída de pedra para a fumaça.

Magnus fez muitas objeções, e Sigrid deu outras tantas respostas. Se não fizermos uma lareira no chão, ao comprimento da casa, vai fazer frio demais durante os invernos mais rigorosos?

- Não, meu querido senhor e marido. As paredes de pedra vão ficar aquecidas permanentemente, pelo fato de haver fogo na lareira durante o dia e o calor demorar a cair durante a noite. E sem todas essas aberturas no teto para a fumaça, através das quais desce aquele frio como se fossem demônios, a gente conserva melhor o tempo todo o calor da lareira. — Mas sem essas aberturas no teto não vamos andar permanentemente de olhos vermelhos e tossindo na fumaça? — Não, meu querido senhor e marido. A fumaça sobe apenas até o respiradouro da chaminé, construído de pedra. Para a sala não sai nenhuma fumaça.

— Mas, se os escravos e os animais não têm fogo nenhum na sua metade da casa, como é que vão agüentar este inverno, podemos

perdê-los. Será que não vão morrer de frio e nós não vamos ficar bem pobres na primavera? — Não, meu querido senhor e marido. Através da divisão que fazemos da sua metade em dois andares, o calor dos animais embaixo permanece na casa e, debaixo de tanta palha no andar de cima, tanto os escravos quanto os homens podem sobreviver bem.

— É, mas se nós construirmos como você diz, com longos troncos colocados uns sobre os outros, na horizontal, o vento vai soprar para dentro e para fora e as tempestades de neve vão acabar congelando nossos ouvidos. Temos de construir à moda antiga com pranchas na vertical, não é verdade?

— Não, meu querido senhor e marido. Os madeireiros, primeiro, vão ter que aplainar os troncos, tanto quanto a machadinha o permitir, de maneira que se justaponham o melhor possível uns sobre os outros. Depois, botamos alcatrão nas fendas que restarem, até que fiquem bem fechadas, e em seguida

jogamos piche tanto nas paredes externas quanto nas internas como fazem na

Noruega com suas igrejas de madeira.

Dessa maneira, Sigrid continuou a falar e justo quando mencionou as igrejas norueguesas de madeira, onde certamente não faltavam dragões monstruosos. Ela chegou à conclusão, depois de pensar bem, que poderia desistir no caso da mesa de honra dos ancestrais e sua falta de ornamentação cristã. E ele, então, rapidamente, muito excitado e aliviado, concordou em liberar os pedreiros primeiro para trabalhar na nova casa grande, já que tinha conseguido o que ele queria.

É claro que tinha observado tudo, é claro que tinha entendido como ela fazia para levar sua vontade adiante em quase tudo. Por vezes, tinha sentido uma breve onda de raiva correr pelos seus membros e por sua cabeça diante do pensamento de que tal como sua mulher se apresentava, era ela e não ele que dominava em Arnäs.

Mas aquilo que ele via agora, ao retesar o arco e gritar para os escravos para juntar a palha e colocá-la em pilhas na casa de armas, não era apenas uma bela vista. Era uma vista realmente

impressionante. Abaixo dele, na própria área da fortaleza, estava situada a nova casa grande, brilhando nas suas paredes alcatroadas e com o telhado de turfa luxuriante de verde. Eles tinham trocado o telhado de junco em todas as casas para telhado de turfa com grama, apesar de existir muito junco, fácil de colher nas proximidades. Não era apenas por uma questão de calor, mas também porque uma única flecha em chamas transformaria os telhados de junco em grandes tochas.

Na outra ponta do castelo, na área da fortaleza, sob a proteção do primeiro paredão alto que ficou pronto, estava localizado o estábulo. Por baixo dele, na torre, ficavam os cereais e as armas. Tal como estava até agora, ele iria conseguir organizar a defesa de Arnäs em meio dia. Alongando a vista para o interior da terra, pelo lado de fora do fosso externo, podia-se ver uma verdadeira vila em crescimento. Era onde ficavam o curtume e o mau cheiro, ao longo das águas, longe das outras casas onde se preparavam os couros e as peles de marta e de arminho que valiam tantas moedas de prata em Lõdöse. Na direção do castelo, ficavam as outras casas em dois níveis, estábulos e habitações de escravos, a oficina de cortar pedras e a de ferreiros, a despensa, a cozinha, a casa de costura e a tecelagem de linho. Existiam então mais do dobro de escravos e de animais em comparação com alguns anos antes.

Este caso era um verdadeiro milagre e igualmente difícil de entender. Ele próprio tinha aprendido com seu pai, que tinha aprendido com seus ancestrais, tão longe no tempo quanto qualquer um podia se lembrar, exatamente quantos escravos e animais as terras podiam alimentar em relação ao seu tamanho, isto

para que o dono das terras não acabasse sem comida e expulso da sua própria casa.

E agora era uma multidão lá embaixo, o dobro daquilo que seria aconselhável e, no entanto, Arnäs continuava a ficar mais rica e maior a cada mês que passava. O bosque que vinha até junto da fossa do lado norte acabava a uma distância de mais de dez tiros de flecha, tão longe que os olhos mal podiam enxergar direito. O

bosque virou madeira com a qual se construíram as novas casas. E no lugar onde estava o bosque surgiram terras aráveis e de pasto. E por muita prata que tivesse gasto com coisas que não podiam ser fabricadas em Arnäs ou que só podiam ser pagas com prata, como sal ou os ornamentos em ferro em todos os portões feitos pelo mestre ferreiro de Bjälbo, mesmo assim, sua quantidade de moedas de prata sempre aumentava, como se as moedas pudessem se reproduzir, como os animais e os escravos, nas suas caixas de carvalho guardadas na sala de contas da torre. Quando o rei Sverker colocou em funcionamento a cunhagem de moedas em Lödöse, dois invernos atrás, ele foi o único soberano que acreditou na moeda como meio de pagamento, desde tempos imemoriais, desde o tempo do paganismo. Os mercadores, na sua maioria, se mostraram desconfiados em relação à nova moda e queriam que as coisas continuassem como antigamente, quando eram trocados sal e ferro, peles, manteiga e couro por alqueires de sementes.

Mas Sigrid, entusiasticamente, convenceu Magnus a seguir, desde o início, a nova ordenação e a ser o primeiro a aceitar moedas de prata em troca de tudo. Ela acentuou que ele, dessa maneira, podia ajudar o rei Sverker no lançamento da nova resolução em que ninguém acreditava e com isso manter as boas graças do soberano em relação a Arnäs. Por isso, no início, ele recebeu dez vezes mais moedas de prata por produto do que recebia agora, quando todos já tinham aderido. Mas, apenas por ter sido o primeiro, conseguiu duplicar a sua fortuna em poucos anos. O tempo todo, Sigrid assegurava que o pagamento com moedas de prata viria a desenvolver-se cada vez mais, que isso era patente dos novos tempos e que seria inteligente cuidar da reforma da casa a tempo, antes de saber o que aconteceria de fato com essa resolução estranha e insegura. Ela tinha razão, como habitualmente. E quando pela primeira vez reconheceu isso, sabendo quanta força existia agora no fundo dos seus cofres na torre, ele, sem saber por quê, sentiu vontade de puni-la, de fazê-la sentir o gosto amargo das dificuldades, de obrigá-la a reconhecer seu lugar como esposa. Mas a raiva passou depressa. Em vez disso, ao olhar em volta, ao ver toda a vizinhança em atividade, a vida que se formou à volta de

Arnäs, ele se dirigia a Deus com uma prece de agradecimento, por Deus lhe ter dado a esposa mais sagaz de toda a Götaland. Ele considerava o país dos sveas como atolado e em decadência desde os tempos antigos, e inválido como termo de comparação.

Sigrid era um presente de Deus, sem dúvida. E sozinho, tendo o céu como teto

e onde apenas Deus podia escutar seus pensamentos, Magnus admitiu toda essa verdade, sem sentir amargura. Eram apenas ele próprio e Deus, sim, e Sigrid, que sabiam. Ninguém mais sabia. Todos acreditavam que a área próspera à volta de Arnäs e as duas aldeias que pertenciam ao burgo, mais abaixo na direção de Forshem, tudo isso era trabalho dele e de ninguém mais. Todos acreditavam que ele era um grande homem, um homem com quem se podia contar, um homem que sabia criar riquezas.

Certamente, embora neste caso Magnus não tivesse certeza, Sigrid acreditava também que ele próprio vivia nessa vaidosa ilusão. Pensava que jamais deixaria que ela soubesse que entendia muito bem que era ela que estava por trás de tudo. Seria melhor assim.

Além disso, consolava-se ele, Sigrid e ele eram um só, visto que Deus tinha unido aquilo que ninguém podia separar. Tudo o que florescia e crescia à volta de Arnäs era trabalho de ambos, do mesmo jeito que Eskil e Arn eram metade dele e metade dela.

Visto por esse prisma, que era na realidade o único jeito cristão de ver as coisas, era ele, sem dúvida, um grande homem, por ato providencial de Deus. E de que outra maneira, sem ser por ato providencial de Deus, tudo podia acontecer?

O inverno era tempo de festas na Götaland Ocidental. Mas justo nesse inverno em que o tempo estava terminando para o rei Sverker, houve muito mais festas do que o normal. Os trenós iam e vinham por todo o país e não era apenas por causa da carne-seca e da cerveja. Eram um tempo frio, de incertezas para alguns, e um período propício para costurar planos e inventar intrigas, para outros.

Erik Jedvardsson tinha comunicado que gostaria de visitar Arnäs pouco antes do meio do inverno, e como motivo para a visita

informou que, além de que deviam se conhecer melhor, visto que Sigrid e Kristina eram parentes, havia muito o que falar. Mais ainda, talvez se pudesse acabar de vez com a discussão a respeito de Varnhem.

Apenas uma coisa na mensagem preocupava Magnus, a de que havia muito o que falar. Não estava claro qual era o conteúdo da conversa, mas ainda assim era ameaçador, visto que todos sabiam que Erik Jedvardsson era um homem com elevados planos em andamento. Na pior das hipóteses, tentava conseguir o poder real. E isso significava, por sua vez, que ele queria saber quem era seu inimigo e quem era seu amigo nessa batalha. Magnus lutava há muito tempo no seu íntimo, pró e contra. O que queria com a sua vida, ele sabia muito bem. Era construir uma Arnäs forte e rica e deixar uma boa herança para Eskil, talvez alguma coisa para Arn. Mas aquele que se deixasse sugar na luta pela coroa real podia ganhar muito, mas também, da mesma maneira, podia perder tudo. E até aí a escolha para Magnus não seria

difícil, visto que sua maneira de ganhar alguma coisa na vida já estava

determinada até a sua morte, ocorrência a esperar para uma idade avançada. Continuar a construir, continuar a comerciar e continuar a preparar novas terras. Esse era seu caminho, um caminho seguro para vencer e ter uma vida boa.

Mas, por outro lado, o que tornava a coisa verdadeiramente complicada era o fato de que aquele que não apoiasse o vencedor na luta pela coroa real teria de esperar aborrecimentos pela frente, quando o vencedor viesse de visita novamente, só para perguntar por que razão não tinha recebido qualquer apoio, antes de esse apoio não ser mais necessário. O pouco que Magnus sabia sobre Erik Jedvardsson era que certamente ele iria entrar na luta e certamente, também, teria muita dificuldade em perdoar seus inimigos. Qualquer que fosse a posição a tomar, Magnus estaria se arriscando a perder. Entretanto, secretamente, Magnus não se considerava nenhum tipo de guerreiro. É claro que sabia manejar a espada e o escudo, a lança e o arco e flecha. Quando jovem, teria aprendido alguma outra

coisa além disso? O seu esquadrão era composto de doze homens, parentes afastados, na maioria jovens que não podiam esperar por heranças e não conheciam qualquer outro trabalho a não ser o que era feito com armas. Na maioria, preguiçosos, pensava Magnus. Tinha tido muita dificuldade em fazê-los dedicar pelo menos metade do tempo a trabalhar como madeireiros ou construtores de barcos, os únicos serviços que eles não consideravam indignos e próprios apenas para escravos. O resto do tempo, segundo eles, era para se dedicar aos jogos de armas para ganhar as lutas no dia em que isso fosse necessário. Aos olhos de Magnus, seus jogos de armas, no entanto, eram mais curtos do que os momentos que eles dedicavam a matar a sede com cerveja.

Portanto, Magnus podia colocar em ação e em qualquer momento um grupo de doze homens armados. E poderia, se necessário, armar mais oito grupos de doze, escolhidos entre os camponeses das duas aldeias, situadas na direção de Forshem. Não era exatamente uma força de guerra capaz de mudar o fiel da balança para um lado ou para outro numa luta real. Mas havia outra coisa mais importante. O fator decisivo para o futuro era saber de que lado se colocar na luta, a favor ou contra o vencedor. E se a metade da família, a sua própria, da Götaland Ocidental, se colocasse a favor ou contra Erik Jedvardsson iria depender talvez mais de como a outra parte da família, a de Bjälbo, na Götaland Oriental, iria se colocar.

Magnus mandou uma mensagem para seu irmão mais novo, Birger, que embora não sendo o mais velho e o mais representativo, mesmo assim era aquele que falava em nome da parte da família de Bjälbo em muitas questões difíceis. Birger era visto como astuto e correto nas negociações, um homem que, apesar da sua face lisa, era considerado por muitos como alguém destinado a

ocupar um alto posto. Isto independentemente de quem estivesse no comando,

visto que a família de Birger era muito forte em propriedades e em guerreiros. Birger, o do sorriso permanente, veio voando como um redemoinho de vento na neve uma tarde antes dos outros convidados. Aos gritos, conduziu o seu trenó para a praça, diante da

casa grande, finalizando com uma curva apertada que jogou neve para o alto. Saltou rápido do trenó e deixou que os escravos das cavaliças, que chegaram apressados, tomassem conta dele. Entretanto, jogou no chão um lobo já morto, para que fosse levado imediatamente para o curtume, a fim de ser esfolado. Muitos dos escravos achavam que significava desgraça deixar que um lobo morto chegasse perto da casa das pessoas.

A seguir, jogou no ombro a mochila com as roupas mais finas e já ia a caminho da casa grande quando Magnus chegou, tropeçando, para lhe dar as boas-vindas. Ao entrar na casa grande e ao se encontrar com Sigrid, que o cumprimentou com respeito e reverência, foi logo fazendo os maiores elogios à construção. Sob a liderança de Sigrid, mas com Magnus indo atrás, ele caminhou ao redor da sala e deixou que o calor da parede de pedra onde ardia uma lenha graúda chegasse até ele. Esfregou as mãos com prazer, escolheu logo um lugar para dormir, despiu suas roupas de viagem, puxou de novo o cobertor de lã que cobria a alcova, continuou em seguida para o banco perto do fogo e começou a contar sua viagem sobre os gelos do lago Vättern. Como ele avistou um grupo de lobos e como foi fácil para o cavalo chegar perto, devido à pequena camada de neve sobre o gelo, e como ele atirou contra um lobo, mas este, infelizmente, acabou se embaraçando no trenó, de modo que os outros escaparam. Logo retirou a luva e recebeu uma jarra de cerveja, sem fazer mais do que dar uma piscadela para o criado que tomava conta da bebida. Aí ele brindou aos donos da casa e arrotou sonoramente, muito satisfeito. Magnus admirou-se diante do seu irmão mais jovem, tão cheio de vida e para quem absolutamente nada parecia difícil ou impossível. Bastava pensar na sua viagem, saindo sozinho de trenó, correndo por gelos perigosos, sob mau tempo, vencendo a distância de Bjälbo até Arnäs apenas em um dia, sem a menor preocupação. Tudo isto fez com que Magnus refletisse sobre o quanto o pai, na realidade, significava, caso os dois irmãos tivessem mães diferentes. Demorou bastante até que ficasse esclarecida a situação dos parentes em ambas as propriedades e Magnus, quase timidamente, pudesse conduzir a conversa para as questões difíceis do dia seguinte. Mas nem mesmo isso parecia

apresentar qualquer dificuldade para Birger, que despachou todo o problema através de algumas poucas sentenças. — É vero e certo — disse ele, enquanto esticava o braço para receber mais uma jarra de cerveja — que esse tal de Erik Jedvardsson é um homem que vai acabar sendo rei ou uma cabeça mais baixo ou as duas coisas juntas. Isso é o que todos já sabem. Mas tal como a questão se põe hoje, ele não pode nos

colocar em pé de guerra. Ele não pode ganhar a província de Götaland Oriental

contra Götaland Ocidental, ou ao contrário. Possivelmente, poderá ganhar os sveas para o seu lado, com ou sem os não-cristãos. Se ele conseguir isso, teremos que ver como vamos agir daí em diante. O jogo terá, então, mudado. E basta de falar sobre problemas menores. Quando vamos comer? A chegada de Erik Jedvardsson a Arnäs no dia seguinte veio confirmar a lenda. Chegou com um séquito em quatro trenós e tinha doze escudeiros por companhia, como se ele já fosse rei ou, pelo menos, conde. Além disso, chegou quatro horas antes do horário previsto, o que aconteceu em função do fato de não ter saído de sua propriedade, Ladås, perto de Lidan, naquele mesmo dia. Teria passado uma noite, mais ou menos, a meio do caminho, em casa de um dos homens do rei Sverker, na estância real de Husaby. Embora, a respeito do que se passou lá, durante tão curta visita, ele fosse muito reticente. A carne nas grelhas ainda continuava meio crua, os animais de caça ainda continuavam chegando à cozinha, e Sigrid mal teve tempo de limpar a sala e pendurar os trabalhos de tapeçaria. Por isso, após um curto momento de boas-vindas, mais como uma formalidade, onde se tomou um gole de cerveja e se comeu um pedaço de pão branco, orgulho de Arnäs, foi preciso separar as pessoas presentes por grupos de conveniência, para que o tempo passasse sem muito enfado. Magnus pediu ao seu escudeiro mais velho para tomar conta dos seus irmãos de armas de Ladås, para os deixar bem acomodados e abastecidos de bebidas. Sigrid levou Kristina para conhecer a casa e fazer um giro pelas casas novas na aldeia, e Magnus levou Erik Jedvardsson para visitar os trabalhos na fortaleza.

Erik Jedvardsson não se mostrou impressionado com nada lá em cima. Achou os muros baixos e frágeis demais, e que os fossos duplos eram, sem dúvida, uma idéia engenhosa, mas ainda assim não serviriam para muita coisa quando se tivesse que defender a fortaleza durante o inverno, quando as águas congelavam. E assim ele continuou, fazendo o tempo todo comparações com suas próprias construções, principalmente a construção da igreja perto de Eriksberg, que agora já estava quase pronta. Tinha contratado, é claro, pedreiros ingleses, requisitados através de seus parentes ingleses, por parte de seu pai, e achava que esses trabalhadores poderiam ser alugados a serviço de Magnus quando a primavera chegasse, em vez de viajarem de volta para casa. Magnus lhe deu razão. Se os muros de Arnäs eram baixos e fracos demais, também o eram para um rei. Se houvesse um rei lá dentro, na fortaleza, os sitiados seriam em maior número e mais pacientes do que no caso de haver lá dentro apenas um mercador. Não era difícil ver que Erik Jedvardsson já sonhava em ser rei.

Mas Magnus não se sentia à vontade nessa companhia. O outro era mais alto e mais pesado, e isso fazia com que falasse e se comportasse como anfitrião e não como convidado.

Uma surpresa melhor para Magnus aconteceu quando deixaram a fortaleza e iniciaram a inspeção das cavalariças e da casa grande. Sem dúvida, era um novo método de construção, esse de sobrepor os troncos de pinheiros, deitados uns sobre os outros, e de erguer do chão três chaminés em pedra até o teto e ao longo da casa, uma coisa totalmente nova para Erik Jedvardsson. Onde ele habitava, ainda se construíam as casas com madeiras na posição vertical, tampadas com palha e barro, de pau-a-pique. Magnus ficou, imediatamente, mais bem-disposto quando começou a explicar como concebera toda a construção, embora soubesse que fora Sigríd quem conseguira convencê-lo das novidades. No entanto, estava certo de que ela não iria ficar zangada ao saber que ele estaria descrevendo os trabalhos realizados como se fossem idéia dele.

Quando Erik Jedvardsson foi convidado a entrar na sala e o calor da lareira, perto da mesa de honra, bateu nele, suas palavras foram só

de elogios, e ele avançou rápido, a mão levantada, na direção dos troncos para se assegurar de que o frio não entrava nem um pouco. Enquanto a cerveja chegava para o perigoso convidado, Magnus contou timidamente que no norte, onde estavam, e onde a floresta Sunnanskog se encontrava com a Nordanskog, havia muita madeira, os troncos dos abetos eram retos, e que, portanto, existiam outras possibilidades de material de construção que não havia, por exemplo, lá para os lados de Lidan onde a madeira que existia, na maioria dos casos, era fraca. A cerveja ajudava a aquecer o ambiente, e Magnus continuou a se sentir cada vez mais bem-disposto.

Sigrid atravessou outras dificuldades ao mostrar a casa à sua parente Kristina. O ambiente entre elas não podia ser outro senão o de frieza respeitosa, visto que Kristina começou reclamando dos padres e do rei, porque, pelo menos em parte, Varnhem lhe pertencia e que ela nem de longe tinha pensado em dar a sua parte da herança para os monges.

Mas essa questão não era para ser levantada no momento, uma vez que seus maridos não estavam presentes. Se alguma coisa devia ser dita sobre o assunto, seria melhor falar quando todos os que tivessem esse direito estivessem reunidos na mesma sala.

Kristina não pôde esconder a boa impressão que teve de todas as oficinas existentes à volta da praça. As duas não chegaram até o curtume, por causa do mau cheiro, mas visitaram a grande cozinha, as oficinas onde se trabalhavam as pedras, aquelas onde se faziam as aduelas para barris, as ferrarias, as casas de costura e de tecelagem de linho, antes de dar uma volta pela copa e por um dos dormitórios de escravos, onde elas surpreenderam um casal copulando, o que não as perturbou nem um pouco. Muito pelo contrário. Ao passar, disseram algumas palavras de encorajamento para o casal embaraçado. Kristina comentou por graça que em casa ela mandava capar, pelo menos, um

em cada dois machos, visto que as bestas tinham uma capacidade de se

reproduzir muito alta, criando bocas demais para alimentar. Sigrid

explicou que tinha acabado com essa prática. Não por causa dos escravos, ainda que a nova ordem fosse muitíssimo apreciada por eles, mas porque não se conseguia ter escravos demais. Isso era um raciocínio que Kristina não podia entender. Mais escravos significavam mais bocas para alimentar, mais animais a abater e mais cereais para moer, isso é claro como água, não é verdade? Sigrid tentou explicar o método de transferência, preparação de novas terras e a libertação, no mesmo ritmo em que os escravos se reproduziam. E que receita, por sua vez, esse método rendia por ano em barris extras de cereais produzidos nas novas áreas lavradas. E que os escravos, afinal, comiam pouco por terem de pagar o que comiam. E que assim conseguiam poupar e pagar o preço da sua liberdade.

Kristina dava apenas risadinhas ao escutar esses pensamentos errados e invertidos. Era como se deixassem as vacas irem para o pasto verdejan-te para tirar leite e abater e, por fim, se assarem a si mesmas. Sigrid desistiu de todas as tentativas de explicação e levou Kristina, finalmente, para o lavatório, onde um bando de servos da casa se preparava para tomar banho antes do anoitecer. O vapor envolveu-as como uma grande nuvem ao abrirem a porta para o lavatório e no momento em que o frio do meio do inverno se encontrou com a umidade quente do ambiente interior. Quando fecharam a porta e a visão do interior voltou, o assombro de Kristina, pela primeira vez, não foi possível esconder. A sala estava cheia de escravas e escravos, todos nus, correndo com baldes de água quente na mão, que despejavam em grandes tinas de carvalho, enquanto outros permaneciam sentados nas tinas entre vapores de água quente. Sigrid avançou e pegou o braço de uma das servas da casa e deixou que Kristina apalpasse a sua pele. É claro que eram saudáveis e bem tratadas, não é verdade? Todos pareciam bem tratados. Mas valeria a pena deixar que os escravos usassem a lenha e aquele local como se fossem gente? Isso ela não podia entender de jeito nenhum.

Sigrid explicou que se tratava de servos da casa, os que preparavam as carnes e as traziam para a mesa, e que serviam a cerveja e retornavam com os restos toda a noite. E não seria muito mais

agradável conviver com escravos que não cheiravam mal? Todos, aliás, deviam vestir roupas de linho depois do banho. Atualmente, fabricava-se muito mais tecidos de linho em Arnäs do que dava para vender.

Kristina abanava a cabeça. Ela não podia evitar dizer o quanto achava absurda essa maneira de tratar os escravos. Eles podiam começar a ter idéias, achava ela. Eles já tinham idéias, respondeu Sigrid, com um sorriso, que Kristina tinha dificuldades em compreender.

Mas, à noite, quando a grande festa para os convidados começou, a visão

foi muito bonita quando todos os servos saídos do banho e limpos entraram no recinto em procissão, de vestimentas brancas de linho e com a primeira entrada de carnes, animais silvestres, pão branco e sopas de cebola, de feijão e de uma coisa que Sigrid denominava raízes vermelhas e que era uma novidade para os convidados.

Na mesa de honra norueguesa, com os dragões vikings, sentaram-se Magnus e Erik Jedvardsson. À esquerda de Magnus sentou-se seu irmão Birger, os filhos Eskil e o pequeno Arn, e junto com eles o filho de Erik Jedvardsson, Knut, que era da mesma idade. À direita, ainda na mesa de honra, sentaram-se Kristina e Sigrid. Ao longo das paredes, queimavam tochas de alcatrão em suas peças de ferro. E na mesa longa onde estavam sentados os vinte e quatro escudeiros por ordem de idade, ardiavam velas de cera, caríssimas, como numa igreja. E da parede de pedra por trás da mesa de honra vinha um calor muito confortável, embora a temperatura fosse diminuindo, cada vez mais, à medida que as pessoas ficavam mais longe na sala. Os escudeiros mais jovens, mais afastados, em breve teriam que usar seus mantos. Os criados começaram a servir os pedaços mais macios e também os que levavam menos tempo para preparar na grelha localizada entre as duas asas da casa grande, leitõezinhos para abrir o apetite. Em seguida, carnes menos nobres, de vitela, cordeiro e filhotes de javali, e também pão preto integral, à moda antiga, para aqueles que não gostassem de modernidades, como o pão branco. A cerveja rolava em grandes quantidades, tanto a

cerveja forte, sem condimentos, quanto aquela que era dada para as mulheres e as crianças, misturada com mel e amoras de zimbro.

O banquete correu bem no início e todos conversavam alegres a respeito de coisas menos importantes, e Birger, que sempre sorria, teve a oportunidade, mais uma vez, de contar sua aventura do dia anterior, quando conseguiu matar um lobo.

Erik Jedvardsson e seus escudeiros beberam em honra de seus anfitriões. Magnus e seus escudeiros beberam em honra de seus convidados e tudo corria jovialmente e sem pensamentos ruins e palavras duras. Erik Jedvardsson teve até mesmo a oportunidade de elogiar mais uma vez a beleza da sala, o novo método de construir com troncos longos, a maneira de conseguir que ficassem compactados, as belas máscaras à volta da mesa de honra e acima de tudo as camas que constituíam uma fila ao longo da parede mais comprida, postas umas sobre as outras, com muitas roupas e com peles, de modo que as pessoas podiam se acomodar bem, em número razoável, cama sobre cama, sem que passassem apertados ou com calor demais. Até mesmo isso era para pensar quando se fosse construir novas casas. Magnus explicou, timidamente, que aquela maneira de montar as camas era normal na Noruega,

que todos os noruegueses sabiam que a melhor forma de escapar do frio era

dormir num plano um pouco acima do solo. Mas à medida que Erik Jedvardsson despejava no estômago mais cerveja, sua língua começou a ficar ferina, no começo quase despercebidamente. Fez piada sobre o rei Sverker, o único soberano nórdico que conseguiu vencer uma guerra com uma tática covarde. E fazia cada vez mais piadas a respeito dos monges e dos problemas que se tinha com eles. Voltou a falar da covardia do rei Sverker e a fazer graça, dizendo que o velhinho tinha se casado mais uma vez com uma ovelha velha, uma tal de Rikissa, que fora amante de um russo, Volodar, ou como quer que ele se chamasse, no outro lado do mar Báltico. — Mas, meu querido convidado, com isso ele salvou mais uma vez o país de entrar em guerra e de ser incendiado, o senhor ainda não pensou nisso? — objetou Sigrid, com o rosto iluminado

pela alegria, como se a cerveja também tivesse subido à sua cabeça e, por isso, a sua língua também pudesse deslanchar com menos responsabilidade do que normalmente. Magnus enviou para ela um olhar severo que ela fingiu não entender. — Como assim? Qual é o grande feito que esse velhinho pode realizar, dividindo a cama com uma mulher duas vezes viúva? — respondeu Erik Jedvardsson, em voz alta, mais na direção dos seus próprios escudeiros à mesa do que para Sigrid. Os escudeiros riram imediatamente das suas graças. — Porque Rikissa tem um filho, Knut Magnusson, do primeiro casamento, e porque Knut Magnusson hoje é rei da Dinamarca e dificilmente irá atacar o país onde a sua mãe é rainha — respondeu Sigrid, logo que as risadas dos escudeiros esmoreceram. E, ao dizer isso, ela se mostrou de semblante muito alegre. Entretanto, Erik Jedvardsson ficou resmungando, o que a deixou ainda mais feliz. E então, no meio do silêncio constrangedor que se fez, ela acrescentou que até mesmo um velho, longe de cumprir suas funções masculinas na cama, mesmo assim pôde usar a cama para evitar a guerra. Por isso, poder-se-ia dizer que até um membro flácido serve para alguma coisa. E não era pouca coisa não.

Esta última piada a respeito do membro flácido do rei fez com que todos os escudeiros explodissem em sonoras gargalhadas de aprovação, maiores do que aquelas obtidas pela piada de Erik Jedvardsson. Sigrid baixou os olhos por timidez e corou por causa de seu próprio atrevimento. Mas Magnus pressentiu problemas. Ninguém conhecia melhor do que ele a língua ferina de sua mulher. Também ninguém sabia melhor do que ele que se o banquete descambasse para um torneio de palavras, como se fossem espadas, Sigrid iria vencer a todos, com exceção, talvez, de Birger. E isso jamais poderia acontecer, visto que terminaria, certamente, em sofrimento. Então, ele salvou a situação através de uma manobra, desviando a atenção de todos ao fazer uma longa e meio desorientada explicação sobre o significado de toda a sabedoria que os monges haviam trazido para o país.

Bastava olhar em volta, em Arnäs, a nova maneira de construir, como colocar

em posição rodas de moinho muito maiores do que antes, como se podia semear o trigo já no outono e deixar que ficasse hibernando durante o inverno para, depois, crescer durante toda a primavera e o verão até ser colhido. Como aquela idéia de trocar produtos por moedas de prata em vez de por produtos iria frutificar, sem dúvida, no futuro. E outras coisas que, em grande parte, aprendera com Sigrid, mas que só ele e Sigrid sabiam que tinha sido ela que lhe ensinara.

Sem dúvida, era muito difícil para um convidado interromper o seu anfitrião, mas, quando Magnus começou a repetir-se, e pela terceira vez começou a explicar a importância das moedas de prata nas trocas comerciais, Erik Jedvardsson, ostensivamente, levantou-se e saiu para urinar. Com isso, Magnus calou-se e olhou, preocupado, para Birger, seu irmão. Mas Birger sorria como habitualmente e pareceu não estar preocupado, nem um pouco, quando se inclinou na direção de Magnus e lhe segredou que talvez esse fosse o momento certo de também sair para urinar, porque em breve seria a hora de tratar do assunto pelo qual o convidado tinha vindo. Estava mesmo na hora de fazer uma parada. Metade dos guardas já tinha seguido o exemplo do excelso convidado e, de repente, todos os homens estavam em fila, conversavam animadamente e regavam os galhos colocados no chão para aquele fim. Durante o inverno, a área interna da fortaleza ficaria facilmente imprópria, suja, depois de uma festa, se não fossem jogados no chão os galhos de árvores que eram regularmente trocados pelos escravos. Quando Erik Jedvardsson voltou para o seu lugar, ao lado de Magnus, na mesa de honra, e recebeu uma nova jarra de cerveja recém-tirada, ele levantou a mão, fazendo sinal de que queria falar sem ser interrompido. Birger, com um sorriso disfarçado, olhou para Magnus e fez um aceno de confirmação, do tipo: “Eu não disse?”

— Antes que essa boa hospitalidade nos suba demais à cabeça e a gente comece a falar dos gigantes que nós somos — começou ele, sorrindo, ao mesmo tempo que esperava pelos respeitosos risos que vieram mais dos seus próprios guardas —, está na hora de levantar uma questão de suma importância. Os dias do rei Sverker estão contados. Acho que não é novidade dizer que em breve ele já não

estará mais entre nós. Karl Sverkersson está sentado lá em Linköping e acha que a coroa real vai cair no seu colo. Somos muitos na Götaland Ocidental que não concordamos com essa infeliz ocorrência. Por isso, com a ajuda de Deus, vou ganhar a coroa de rei. E pergunto agora a todos vocês, concidadãos e amigos: posso contar com seu apoio ou devo deixar esta bonita casa como inimigo? Na sala, seguiu-se um silêncio total. Até mesmo os três rapazinhos junto de Birger ficaram olhando fixamente, calados, para Erik Jedwards-son, que

declarara querer ser rei. E, ao mesmo tempo, ameaçara todos com a sua inimizade.

Magnus voltou a olhar para seu irmão Birger em desespero de causa, mas Birger apenas sorriu e acenou como dizendo que ele assumiria dali em diante a responsabilidade.

— Meu caro senhor Erik, o senhor fala com uma tal força e decisão que nem por um momento duvido que em breve o senhor será o rei de todos nós — começou Birger, em voz alta para que todos soubessem que era ele, o irmão mais novo, embaixo, mas junto do lugar de honra, e não Magnus, que estava falando. Só depois baixou a voz. — Deixe que eu responda primeiro ao senhor. Eu falo por toda a região de Bjälbo, da qual sou porta-voz. E meu irmão Magnus vai responder depois de mim, mas o senhor deve saber que as nossas duas regiões têm muitas relações de sangue entre si e dificilmente irão entrar em conflito uma contra a outra. O senhor pode confiar. Nós não somos seus inimigos justo nesta questão e justo neste momento. Para ser nosso rei, o senhor precisa começar, nomeadamente, em outra região que não a nossa. O senhor precisa convencer os sveas a escolherem sua pessoa como soberano nas pedras de Mora. Se conseguir isso, a metade do caminho estará ganha. Se, em contrapartida, o senhor quiser ser rei a partir da Götaland Ocidental contra a vontade dos habitantes da Götaland Oriental, então o senhor vai atrair a guerra para si mesmo e ninguém poderá saber quem irá sair vencedor dessa devastação. A mesma coisa acontecerá se decidir pelo caminho inverso. Portanto, o

senhor precisa ganhar primeiro os sveas. Se for bem-sucedido nessa empreitada, pode estar certo de que ganhará o nosso apoio. Será que estou errado? Se estiver, que me corrija o meu irmão Magnus. Magnus reconheceu que todos estavam olhando para ele e que se fez silêncio como no momento em que se arma o arco, puxando a corda o máximo possível, e a flecha fica pronta para partir em direção ao alvo. Quando reagiu, fez apenas um aceno com a cabeça, de concordância, com o que foi dito, um aceno lento, bem refletido, como se ele fosse um velho senhor cheio de sabedoria. Houve um murmúrio de descontentamento por parte dos escudeiros de Erik Jedvardsson, na parte mais afastada da sala. — Birger, o senhor é um pequeno tratante — gritou Erik Jedvardsson, com o rosto vermelho —, eu poderia desancar o senhor até a morte, aqui e agora, por suas palavras atrevidas. Quem é o senhor para ensinar a um experimentado guerreiro como eu o que se deve fazer? Erik Jedvardsson fez um gesto na direção do lugar onde sua espada estaria pendente, como se tivesse esquecido que não era mais chique e de bom-tom comer num banquete com a espada na cintura. Todas as armas ficavam penduradas lá fora, na casa intermediária, junto do lugar onde se assavam as carnes.

Birger não se deixou amedrontar pelo gesto artificial dirigido ao cinturão

vazio da espada, e seu sorriso não se esvaiu nem um momento ao responder: - O senhor pode achar que sou um tratante, Erik Jedvardsson — começou ele, tranqüilo, embora em voz um pouco mais elevada, para que ninguém na sala pudesse deixar de escutar suas palavras. — Não me dá nenhuma satisfação saber que para o senhor sou apenas um tratante. Mas isso não tem nenhuma importância, comparado com um problema maior, porque se o senhor puxar pela sua espada contra mim, então, nesse mesmo momento, estará chamando a infelicidade sobre si mesmo, independentemente do resultado final.

— O senhor acha, seu pirralho, por um momento sequer, que poderá me enfrentar com a espada! — gritou Erik Jedvardsson, com o rosto ainda mais vermelho e cheio de raiva, de modo que todos na sala

começaram a recear o pior e uma das escravas avançou na direção dos três garotos ao lado de Birger e os afastou para lugar seguro. Birger ergueu-se devagar, mas seu sorriso permaneceu, enquanto respondia:

— Realmente, agora, devo pedir ao senhor, como nosso convidado, que reflita e reconsidere, Erik Jedvardsson — disse ele. — Se o senhor e eu viermos a cruzar armas, vai ser ruim para o senhor. Se morrer aqui e agora, não chegará a ser rei. E se me matar, então, o resto da sua vida vai ser uma longa viagem em que todos os habitantes de Bjälbo vão caçá-lo por todos os cantos e acabar por matá-lo. É melhor refletir, pensar! O senhor tem um reino à distância de um braço, a esse respeito não duvido. Não deixe que isso acabe em nada, só porque acha que o porta-voz de Bjälbo é jovem demais e atrevido demais! Convença primeiro os sveas, depois a nós. Pela segunda vez, este é o meu conselho. Birger sentou-se de novo, tranqüilamente, e dirigiu-se a uma das servas, brancas de medo, pedindo mais cerveja, como se nada de especial se tivesse passado. Erik Jedvardsson continuou sentado, carrancudo, por um longo tempo, antes de responder. Reconheceu que o jovem Birger de Bjälbo falara acertadamente e fora claro como água. Ele precisava reconhecer que fora, portanto, corrigido e tivera a sua cabeça virada por um jovem esperto e sagaz. Aquilo que todos tinham escutado não podia ser desdito. — Ah, muito bem — disse ele, finalmente. — Eu já tinha pensado em me dirigir a Mora para ganhar o apoio dos sveas. Portanto, a respeito desse assunto, estamos os dois de acordo. Mas, por suas palavras, vou ter que ajustar contas com o senhor, quando aqui voltar de novo como seu rei. — Não duvido nem um pouco, meu futuro senhor e soberano — afirmou Birger, com o sorriso bem aberto e quase exagerado, e esperou depois um bom momento, meio gozador, antes de continuar: — No entanto, como o

senhor parece ter aceito meus conselhos como bons, gostaria de sugerir que me

transforme em seu conde, em vez de querer acertar contas comigo! Sua maneira atrevida e alegre de dizer isso, direto na cara do

enraivecido Erik Jedvardsson, teve uma estranha conseqüência. Primeiro, houve um silêncio geral e Erik Jedvardsson olhou fixamente para ele com seus olhos negros. E Birger apenas o encarou, sorrindo. Até que o rosto de Erik Jedvardsson, de repente, se transformou num riso aberto. E, logo em seguida, soltou uma grande gargalhada. Imediatamente seus escudeiros começaram a rir. E os de Magnus, também. Depois, as mulheres, depois, os escravos e por fim os três garotos que já tinham voltado para os seus lugares. E, então, toda a sala rebentou a rir e a tempestade passou.

Erik Jedvardsson, sentindo que todas as conversas subseqüentes acerca do seu próprio caminho para a coroa real tinham de ficar para uma outra vez, quis mudar de tática, mostrar-se amável e alegre. Assim, batendo palmas, chamou o menestrel norueguês que tinha trazido consigo e pediu para ele contar histórias do tempo em que os homens da Escandinávia eram cheios de energia e de coragem de um jeito que raramente se via nos dias de hoje. Enquanto o bardo se levantava do seu lugar, bem afastado, atrás dos escudeiros mais jovens, e começava a se aproximar da parte anterior da sala, perto do aquecimento, onde iria contar e cantar suas histórias, as criadas da casa limpavam migalhas e restos e serviam novas jarras de cerveja, indo depois limpar os urinóis e as escarradeiras lá embaixo, perto do portão. Um silêncio de expectativa se espalhou pela sala, depois que o bardo se apresentou, competentemente, de cabeça curvada, para que essa expectativa aumentasse até o limite, antes de começar.

Com uma voz fraca, mas bonita, quase cantando, iniciou a apresentação, falando das oito grandes vitórias de Sigurd Jorsalafar a caminho de Jerusalém, como ele fez suas pilhagens na Galiza, como ele, perto da costa de Sãrland, pela primeira vez, defrontou navios com sarracenos infiéis que vieram remando na sua direção com uma grande frota de galés e como ele, sem hesitar, partiu para o ataque e rapidamente venceu os infiéis que, aparentemente, jamais tinham enfrentado uma frota nórdica e não entendiam nada do que se passava na batalha que só poderia terminar de uma maneira, aquela que o bardo descreveu na canção:

*Os pobres infiéis
atacaram o rei.
O poderoso príncipe
matou todos eles.
O exército afundou oito navios
na violenta batalha.
O príncipe amigo, dedicado,

conduziu os despojos para bordo.
O corvo voou para novas feridas.*

Aqui o menestrel fez uma pausa e pediu mais cerveja para poder continuar e todos os escudeiros bateram com os punhos na mesa como sinal de que queriam ouvir mais.

Os dois garotinhos, Arn e Knut, ouviram tudo de boca aberta e de olhos arregalados, mas Eskil, um pouco mais velho, começou a choramingar e a bocejar, de modo que Sigrid fez sinal para suas criadas para que levassem os meninos para a cama. Ela tinha preparado tudo para eles em uma das cozinhas. Achou que os meninos talvez não agüentassem passar uma noite inteira entre adultos que bebiam até cair.

Eskil saiu obediente, bocejou de novo e parecia ele próprio achar que uma cama quente era preferível a um velho cantante que numa língua de difícil compreensão contava as velhas histórias de sempre. Mas Arn e Knut espernearam, choraram e resistiram, queriam escutar mais e prometeram ficar sentados, quietos e em silêncio, mas nada adiantou. Logo, os três estavam recolhidos debaixo de espessos cobertores em uma cozinha com três dos maiores braseiros de ferro, cheios de carvão incandescente. Eskil virou logo o corpo e adormeceu, fungando, enquanto Arn e Knut permaneciam acordados e bastante revoltados contra o mais velho, aquele que lhes estragou a festa. Em seguida, fizeram um acordo, segredando, vestiram-se em silêncio e passaram despercebidos por dois escudeiros que estavam vomitando do lado de fora do portão, entraram rápido na sala e sentaram-se longe, no escuro, perto da porta, onde ninguém podia vê-los, visto que Arn encontrou um grande manto que ele,

com movimentos cuidadosos, puxou para cima de seus corpos, de maneira que apenas apareciam as madeixas louras e os olhos arregalados dos dois fora do manto. Ficaram sentados como ratos, totalmente quietos, em atitude de total devoção, diante dos novos grandes feitos de Sigurdjorsalafar.

— A norte de Sãrland, numa ilha que se chama Formentera — recomeçou contando o bardo, ao fazer uma parada para que o silêncio fosse restabelecido antes de continuar — Sigurd Jorsalafar e sua tropa bateram de frente com piratas sarracenos, infiéis e inúteis, malcheirosos que jamais tomavam banho, nem mesmo no Natal, vagabundos e fornicadores habituais de jumentas, mas ricos em produtos de pilhagens feitas contra os bons peregrinos cristãos que nada têm para se defender durante suas caminhadas peregrinas. “No entanto, os infiéis se entrincheiraram bem, junto com o resultado de todas as suas pilhagens numa gruta lá no alto à beira de uma estrada montanhosa, de grande inclinação, e diante da entrada da gruta eles construíram um muro de pedra. Por isso de início pareciam inatingíveis e ridicularizavam os noruegueses, acenando com sedas e outras coisas muito caras por cima do

muro. Os infiéis podiam atirar de cima para baixo e jogar pedras e porcarias nos

noruegueses, sempre que estes tentavam subir a íngreme encosta. Assim, essa tentativa para tomar a posição não parecia inteligente.” “Mas Sigurd Jorsalafar encontrou um caminho. Ele mandou puxar botes para a praia e mandou que os subissem pela montanha. No topo da montanha, acima da entrada da gruta, os noruegueses amarraram fortes cordames nas proas e nas armações dos botes, encheram-nos de homens corajosos, de pedras e armas e os fizeram descer lentamente, de modo que os infiéis tiveram que saborear os efeitos da sua própria tática, a de ter que se defender de um inimigo que vinha de cima.”

Em breve, a luta tinha terminado. Os homens do rei puderam colorir as pontas das suas flechas com sangue. O corvo voou para novas feridas. Melhores despojos do que aqueles jamais foram tomados durante toda a viagem.” De novo, o bardo recebeu entusiásticos

aplausos e as pessoas pediram que continuasse. Ele se fez de cansado, mas, para ser persuadido, embolsou mais moedas de prata de Magnus e foi servido de mais cerveja. Sentou-se por algum tempo à espera de que todos retornassem à sala, aqueles que agüentaram até as últimas, antes de urinar.

Apesar de uma dúzia de homens ter passado por Arn e Knut, quase tocando neles, e de alguns até terem passado por cima deles, ao sair ou ao entrar, ninguém os descobriu onde estavam, mais parecendo filhotes de ganso encolhidos na floresta à noite.

Durante o verão, Sigurd Jorsalafar viajou em direção à Terra Santa e foi muito bem recebido pelo rei Balduin, em Jerusalém — continuou o bardo. — O rei Balduin demonstrou estar muito honrado com a visita de tão imponente grupo de guerreiros nórdicos e viajou com Sigurd até o rio Jordão e até a cidade portuária de Akka, bem fortificada, onde a frota dos noruegueses ancorou. “O rei Balduin entendeu facilmente que poderia utilizar os poderosos guerreiros nórdicos e os arrastou até a Síria, onde conseguiram libertar a cidade de Sidon de todos os infiéis e assim se salvou mais uma cidade na Terra Santa para aqueles que acreditam em Deus.

“Mas por esta ajuda Sigurd não pediu nem ouro nem sedas. Em vez disso, recebeu, por sugestão tanto do patriarca quanto do rei Balduin, lascas da sagrada cruz em que o próprio Jesus foi torturado. E ele jurou, uma jura sagrada, de que levaria essas relíquias para o túmulo de Olav, o Santo, em Nidaros, e ali mandaria construir uma imponente igreja.” O poeta voltou a escutar aplausos entusiásticos, ao mesmo tempo que lhe pediam insistentemente para repetir os belos versos da canção:

Sigurd venceu

junto de Sidon, os homens se lembram disso.

As armas se cruzavam com violência

no calor da batalha.

Os guerreiros quebraram com força

a inabalável fortaleza.

*As belas lanças se coloriam de sangue.
Era a vitória do príncipe.*

Os aplausos na sala pareciam não acabar, nem os murmúrios de todos, falando uns com os outros a respeito dos grandes feitos em épocas passadas e dos feitos dos reis atuais, que eram mais parecidos com Sverker, do Membro Frouxo, do que com Sigurd Jorsalafar.

Magnus tentou fazer um comentário jocoso, dizendo que era diferente com os noruegueses, de quem ele era aparentado. Mas ninguém achou graça, muito menos Erik Jedvardsson, que, naquele momento, se levantou para fazer um brinde, um skol, segurando um antigo chifre vazado, como se fosse uma jarra, cheio de bebida, que lhe tinham apresentado. Sem dúvida, era um chifre vazado norueguês, embora talvez ele não soubesse disso. Bebeu todo o conteúdo de uma vez, e em seguida declarou que naquele momento tinha recebido uma revelação, a imagem do escudo que seria a marca do seu reinado e de todo o reino. Na imagem, estariam três coroas douradas, a coroa de Svealand, a de Götaland Oriental e a de Götaland Ocidental. As três coroas teriam por fundo o azul do céu. Esse, jurou ele, seria, portanto, o novo símbolo do seu reinado e do reino num futuro não muito longínquo. A sala estremeceu de calorosos aplausos. Mas Erik Jedvardsson queria dizer algo mais, ao mesmo tempo que sentia necessidade de voltar a urinar. E como queria fazer ambas as coisas simultaneamente, com a mesma intensidade, foi falando alto e já bêbado, a caminho da porta, que todos aqueles que o seguissem no futuro podiam estar certos de colher honras nas cruzadas. Talvez apenas até os fenícios do outro lado do Báltico numa primeira investida, mas, depois, quando os fenícios estivessem cristianizados, talvez os nossos precisassem de uma ajuda lá em-baixo, na Terra Santa. Quando chegou à porta, não teve energia para pular a soleira e, cambaleante, encostou-se na ombreira e aliviou suas necessidades ali mesmo onde estava.

Nem mesmo notou que estava urinando em cima de Arn e de seu próprio filho Knut. E eles, por sua vez, não puderam fazer nada, a não ser se comprimir ainda mais e sofrer em silêncio. Nenhum dos

dois meninos jamais esqueceria aquilo.

Em especial porque agora tinham sido mijados por um homem que iria ser não só e apenas rei, mas também um santo.

O inverno manteve Arnäs isolada, todos os caminhos para o sul estavam intransitáveis desde a primeira missa, pela manhã, no dia de Natal e ainda que os

gelos do lago Vänern fossem transitáveis, pelo menos com trenós de apoios

largos, não havia grandes motivos para suportar esse inconveniente. Aquilo que Magnus quisesse vender nessa direção, na direção de Lödöse, daria o dobro do preço no final do inverno, quando comessem a escassear produtos em muitos armazéns.

Em Amas, o trabalho continuou como habitualmente nas oficinas de costura, nos matadouros e áreas de salgação, assim como nas oficinas onde as mulheres preparavam a lã e o linho, e teciam, tanto tecidos grossos quanto finos, para alegria de Deus e dos homens.

Suom era o nome de uma competente tecelã que se distinguia das outras escravas por ter o cabelo liso e louro, não negro e encaracolado. E ela era ainda bem constituída e bonita de se olhar. E não tinha procriado. Era como se vivesse no seu canto ou como se sonhasse com outra vida, embora fosse escrava. Empertigada, parecia não escutar as palavras grosseiras e as risadas jogadas para ela quando passava pelas ferrarias e as oficinas de aduelas. Era uma das escravas de quem Sigrid mais gostava e as duas, muitas vezes, iam juntas às tecelagens onde o tempo todo encontravam novos padrões para tecer. Suom havia dito não, timidamente, mas com determinação, quando uma vez Sigrid lhe perguntou se queria ser batizada como cristã branca. Depois disso, Sigrid nunca mais perguntou, mas ficava pensando como é que uma infiel podia pintar retratos tão bonitos dos soldados e templários do Senhor, vencendo as forças do mal e o fogo do inferno. Sobretudo como ela pintava os radiantes templários de Deus!

Entretanto, Magnus estava irritado com a inatividade forçada que o inverno trazia. Não podia trabalhar como gostaria nas oficinas e a

grande quantidade de neve tornava impossível a caça. Mas ele havia começado a demonstrar certo interesse pela tecelagem e Sigrid, de vez em quando, notava as pegadas dele diante das oficinas. E também notou que Suom ficava em sobressalto, como se com medo, quando a via entrar. Finalmente, Sigrid perguntou direta e seriamente o que estava acontecendo. De início, Suom negou tudo persistente e veementemente, mas, depois, levou as mãos ao rosto e chorou. Sigrid consolou Suom, acariciando-a nas costas com afeto, enquanto considerava a situação. Se Suom fosse uma mulher livre, Magnus seria culpado de adultério. Mas não era esse o caso. Se quisesse copular com suas escravas, o senhor tinha indiscutivelmente esse direito. E não era difícil entender por que Suom causava uma forte atração, não apenas para os escravos, como também para os homens de bem. Além disso, Sigrid também tinha razões, em parte, para se sentir culpada e disso ela estava muito consciente. Muitas vezes, oferecia dificuldades para Magnus satisfazer seus direitos de homem casado, e a razão para essa complicação só ela conhecia e jamais iria conseguir que seu homem

entendesse. Ela não queria ter mais filhos, não queria de novo ter de jogar sua

vida nos dados, entre a dor e a morte.

E, por isso, tinha que pagar um preço. Se as escapadas de Magnus já persistiam há bastante tempo, se já houvesse murmúrios e cochichos, talvez fosse necessário propor a ele uma pequena pausa na diversão. Mas no momento era mais importante mostrar amizade para com Suom, para que ela entendesse que não estava a caminho de transformar sua patroa em inimiga ciumenta, uma coisa que mais de uma escrava havia sofrido muito em épocas passadas. Com um estremecimento, Sigrid recordava-se da história de uma parente de sua mãe em que alguém, ela já tinha esquecido o nome, resolveu mandar assar no espeto uma escrava atraente e servi-la para o jantar de seu marido. Segundo se conta, dessa maneira, o tal marido teve a sua coceira nas calças curada. Entretanto, espalhou-se rápido por Arnäs que a distante Suom já tinha sido desflorada e que não podia mais andar por aí numa atitude arrogante e desdenhosa

como se ainda continuasse intocada. Isso fazia com que os escravos ficassem cada vez mais indecentes em seu linguajar e, por fim, também mais atrevidos, começando a fazer-lhe propostas de como ela se sentiria melhor se quisesse provar da força de um macho de verdade, de um touro bem mais potente e menos inclinado a floreios e atenções aristocráticas. E assim corriam as piadas que se espalharam como um rastro de pólvora à volta da pobre Suom. Por isso, estava escrito que um acidente aconteceria. Para os garotos Eskil e Arn, no entanto, o inverno rigoroso era um tempo maravilhoso. Seu professor, o noviço Erlend, de Varnhem, tinha voltado para o mosteiro pouco antes do Natal e até aquele momento, apesar de já ser o dia da Festa de São Paulo, em fins de janeiro, ainda não tinha reaparecido, não podendo chegar a Arnàs por causa da neve. Nesses dias, eles já deviam estar sentados e de narizes apontados para o texto em latim sobre o filósofo São Bernardo, mas, em vez disso, estavam com os dias livres para se dedicarem com energia e prazer às brincadeiras de inverno e às travessuras próprias da idade. O mais divertido era apanhar camundongos vivos no armazém dos cereais e jogá-los, depois, entre as escravas na cozinha, e correr de lá guinchando de tanto riso contido, enquanto as pobres gritavam e se ouviam as batidas fortes e sonoras denunciando o que acontecia com os camundongos. Uma vez, eles se infiltraram na casa das armas e pegaram dois escudos redondos que levaram para fora, subindo com eles até chegarem ao palheiro, onde se estocava a palha no final do verão. Então se sentaram nos escudos e deslizaram pela neve, descendo pela encosta como se fossem duas lontras. Suas sonoras gargalhadas atraíram as atenções, e quando Magnus viu o que eles tinham feito com o equipamento dos adultos ficou zangado e deu-lhes uma surra, de modo que eles se foram choramingando e correndo para a mãe, na tecelagem.

Mas aquela pequena tristeza se foi rápido. O escravo Svarte, que viu os
meninos e reconheceu a força de sua imaginação, foi até a carpintaria, escolheu algumas pranchas de bom tamanho e deu-lhes

a forma de um disco plano. Depois, amoleceu uma das pontas dos discos com vapor e dobrou essa ponta, lentamente, para cima, a fim de embater primeiro na neve como se fosse um esqui, e passou uma fita de couro para que pudessem se segurar e dirigir o veículo, e logo em seguida havia de novo gritos e risos na descida na neve. Entretanto, quando os filhos do próprio Svarte viram o que o pai tinha feito para os filhos do patrão, exigiram o mesmo brinquedo. E quando ele ponderou que havia uma diferença entre os meninos de escravos e os meninos dos patrões, apareceu a sua Sot subindo nos cascos. E ele passou um dia inteiro na carpintaria. Mas os veículos para seus próprios filhos, ele não os fez tão perfeitos.

A princípio, Magnus não ficou nada contente em ver seus filhos brincando na neve com os filhos dos escravos. Achou que não ficava bem. Eskil e Arn deviam crescer como proprietários de escravos, não como seus companheiros de brincadeiras.

Sigrid achava que crianças são crianças e que as diferenças na vida dos adultos não lhes escapariam quando ficassem mais velhos, quer fossem escravos ou filhos de camponeses. Além disso, eles, agora, nem precisavam estudar latim. Ela sorriu, sem dúvida pela maneira equivocada da sua última afirmação. Que os garotos iriam aprender latim era tão evidente para ela quanto incompreensível para Magnus. Ela achava que essa seria a língua do futuro. Ele achava que apenas os monges e os padres precisavam desse conhecimento e que em Ljödöse as gentes podiam negociar umas com as outras, longamente, usando a linguagem vulgar, mesmo que, de vez em quando, as coisas se complicassem e fosse necessário começar tudo de novo. Tudo bem, logo o noviço professor estaria de volta, vindo de Varnhem, para retomar as leituras com os garotos. E assim estariam terminadas as brincadeiras na companhia dos escravos. No entanto, o inverno não quis afrouxar as suas garras sobre Arnäs e inverno mais gostoso e divertido nunca Eskil e Arn tiveram antes, visto que agora a situação mudara e eles passaram a ficar cada vez mais tempo com os meninos dos escravos. Construíram um castelo com a neve que Eskil e Arn defendiam por turnos, enquanto os outros tentavam tomar a fortaleza. A proporção era de dois filhos de escravos para cada um. Eskil e Arn tinham nas mãos pequenas

espadas de madeira, ao passo que os outros apenas podiam atirar com bolas de neve, visto que eram escravos e não podiam portar armas. Um choro aqui e acolá e algumas manchas roxas acabaram acontecendo. Eles ajudaram Kol, filho de Svarte, que era da mesma idade, a caçar camundongos vivos para usar nas armadilhas para arminhos. As peles de arminho eram muito valiosas, cada quatro valiam um escravo.

Quando os lobos começavam a chegar perto de Arnäs, Svarte levava para fora restos do matadouro e ficava estendido, num monte de feno, com uma abertura por onde podia ver os bichos, em noites de luar, de tempo calmo e de quietude.

De um jeito infantil, Eskil garantiu — e Arn confirmou entusiasticamente — que seu pai disse que podiam acompanhar a vigília sobre os lobos, desde que se mantivessem em silêncio, como se fossem ratos. Svarte tinha as suas dúvidas, mas não se atreveu a ir perguntar ao senhor Magnus como é que este podia ter filhos tão brincalhões. Quando o tempo melhorou, Eskil e Arn se esgueiraram de noite, com armadilhas de pele de carneiro sob os braços, e foram se sentar junto de Svarte, que já estava com duas bestas preparadas e esperava, quieto, pelos lobos. Svarte tinha falado demais em casa, de modo que dali a pouco chegou também seu filho Kol, e os três meninos, de olhos cintilantes e coração batendo forte, sentaram-se ao lado de Svarte e ficaram à espera, tentando não se mexer, não fazer ruídos com a palha, perscrutando a planura de neve e olhando para o montão de restos do matadouro que todas as noites era visitado também pelas raposas.

Por fim, numa noite em que a lua já tinha baixado o horizonte pela metade, mas em que o tempo estava claro e tudo estava imóvel e em que o frio era intenso, chegaram os lobos. Eles escutaram seus passos cuidadosos na crosta congelada sobre a neve muito antes de conseguir descobri-los com os olhos. Excitado, Svarte fez sinal para que os garotos se mantivessem em silêncio absoluto, nada de sussurros nem de mexer uma palha. Na ânsia de reforçar a situação, ele desenhou um corte sobre o pescoço para expressar qual seria a punição dura que os atingiria. Ao mesmo tempo, descobriu os olhos

espantados e bem abertos de Eskill e Arn. Em toda a vida, eles nunca tinham sido ameaçados por um escravo, nem mesmo por brincadeira. Mas, naquele momento, muito animados, concordaram, acenando com a cabeça e fazendo sinal com o dedo indicador sobre o anelar de que juravam não soltar nem um pio.

Svarte se mexeu com uma lentidão martirizante ao armar as duas bestas, sem o menor ruído, sem o menor clique. Depois, colocou uma delas de prontidão e levantou a outra com cuidado, na posição de tiro. Mas os lobos estavam desconfiados. No momento, eram como sombras escuras um pouco mais além, no meio da neve. Demoraram a se aproximar, e Svarte foi obrigado a baixar a arma para não ficar com os braços cansados. Por fim, o primeiro lobo avançou, pegou um pedaço de carne e desapareceu, rápido, do ângulo de tiro, mas foi seguido imediatamente pelos outros lobos. Fora do campo de visão dos meninos, escutava-se o ruído dos lobos disputando entre si a comida. Mas logo se acalmaram e avançaram um a um e ali estavam todos comendo, engolfando a comida e rosnando, e até se escutava o ruído da comida

descendo goela abaixo. Os meninos achavam a excitação quase insuportável e

não podiam entender por que Svarte perdia tanto tempo para agir. E de novo ele fez sinal para que se mantivessem absolutamente quietos, desta vez com gestos mais delicados. Depois, elevou a arma e fez pontaria. No mesmo momento do disparo, ele pegou na outra besta, levantou-a na posição, fez pontaria rapidamente e disparou de novo. Lá de fora, da neve, veio como que um lamento, uma lamúria.

Em seguida, logo que Svarte se mexeu sem se preocupar com o barulho, os garotos dispararam em aplausos de júbilo e avançaram brigando pela melhor posição, para ver tudo através do buraco. Lá na frente estava um lobo caído e esperneando na neve. Svarte olhou por cima da cabeça deles. E disse, depois, que o momento a seguir não era conveniente para crianças; um dos lobos estava ferido, mas tinha fugido. Os meninos precisavam voltar para casa ou ficar quietos no lugar e em segurança, enquanto ele ia lá fora ver o que

tinha acontecido. Eles prometeram imediatamente ficar sentados e quietos e não ir a lugar nenhum.

Ao descer para o local na neve onde os lobos tinham se exposto, Svarte avançou com uma lança na mão e o corpo inclinado para a frente, pesquisando na neve um pouco mais além. Com o lobo já abatido e que já tinha deixado de espernear, ele não se preocupou. Mas logo descobriu manchas de sangue, começando a caminhar com dificuldade na neve alta. Os garotos ficaram quietos por muito tempo, escutando no silêncio da noite, e já tinham começado a sentir frio quando escutaram um uivo cortante lá fora na escuridão, depois um rosnar profundo parecido com aquele quando os lobos disputavam a comida. Eskil, Arn e Kol ficaram pálidos de ansiedade, silenciosos e com medo que não era pouco. E esperaram. Mas aguçaram os ouvidos um pouco mais e ouviram então, primeiro fracos, mas depois, cada vez mais identificáveis, os passos pesados de Svarte e o som da sua respiração ofegante.

— O pai está trazendo o segundo lobo nas costas, por isso avança devagar e pesadamente — constatou Kol, com mal afetada segurança. Eskil e Arn concordaram, muito atentos. E pensaram depois no fato estranho de Kol chamar o escravo Svarte de pai. Entre o povo, todos sempre tinham pai, mas e entre os escravos?

A infelicidade de Suom chegou como estava escrito. A velha escrava Urd, que era uma competente curtidora, ainda que mulher, tinha um filho que era meio retardado chamado Skule. Este era forte como um touro e fazia bem seu trabalho diário, desde que não fosse preciso muita inteligência, como quando era necessário trazer a colheita para dentro ou carregar o feno e empilhar barris. Por isso, seus donos tinham sido indulgentes, ele ainda tinha alguma utilidade.

Havia muito tempo que ele lançava seus olhares para Suom. E já tinha se

sentido excitado por outras escravas, de uma maneira que ia além da sua compreensão. Mas de tanto escutar dizeres atrevidos delas, ele começou a entender do que se tratava.

Uma semana antes da Festa de São Paulo, em fins de janeiro, numa

tarde, ele entrou correndo na oficina de tecelagem, com seu membro ereto diante de si, a camisa levantada, como se ele não agüentasse mais. Muitas viram o que estava acontecendo e pediram rápido por ajuda. No entanto, Suom acabou sendo maltratada e, pelo que se podia entender, violentada. Quando Sigrid chegou, Skule já tinha sido derrubado e dominado, amarrado com tiras de couro e jogado na praça coberta de neve. Sigrid apenas pulou por cima dele e se apressou na direção de Suom, que tinha desmaiado, mas respirava. Sigrid fez com que ela fosse levada rapidamente para a cozinha mais aquecida e falou para a velha Sot, com insistência, para que ela tomasse conta de Suom com o máximo cuidado e com todas as artes das quais Sigrid não queria ouvir falar, nem queria saber. Só lhe interessava que Suom voltasse a ser o que era. E que Skule fosse jogado numa despensa e que esta ficasse com o ferrolho bem fechado.

Depois da oração da tarde, tudo estava estranhamente quieto na casa grande. As servas da casa andavam lentamente, retraídas, e não se atreviam a perturbar o ambiente com nada além de sussurros entre si. Sua alegria, por vezes quase exagerada, tinha desaparecido, o vento a tinha levado. Também na mesa de honra onde Magnus e Sigrid e seus dois filhos tomavam a refeição da noite, o ambiente era de tristeza e pouco se falava. Magnus apenas tocara no assunto que a todos agora impressionava, com algumas poucas palavras, no momento em que soube do acontecido. Murmurou algo, que isso de tirar a vida de escravos era uma coisa da qual ele nunca gostara. Sigrid não se preocupava muito com esse tipo de coisa, estava claro para ela que o tal de Skule devia perder a vida e não importava saber quem é que devia desempenhar a tarefa. Em contrapartida, era preciso evitar a todo custo que Magnus tivesse a sensação de que fora ela a tomar a decisão e não ele. Porque suas diversões com Suom nada tinham a ver com o caso. E era preciso que ele não acreditasse que sua esposa sabia disso. E muito menos que estivesse com ciúmes. Por isso, Sigrid decidiu não dizer absolutamente nada e deixar que ele acabasse chegando por seus próprios meios a uma decisão, fosse ela qual fosse.

Por sua vez, Magnus ficou sentado na esperança de que sua

brilhante esposa o liberasse daquela agonia, assumindo ela a responsabilidade da decisão e lhe dizendo apenas o que devia ser feito. Era o que ele esperava que acontecesse.

Portanto, os dois quase não se falaram. E Eskil e Arn notaram o ambiente e não se atreviam a fazer nada à mesa, a não ser comer em silêncio e pensar em esquiar e em lobos.

Por fim, Magnus achou que não podia fugir do problema. Tossiu, para clarear a voz, afastou seu prato de carne em sinal de que já tinha comido o bastante, e pediu mais cerveja, que recebeu de imediato de uma das silenciosas servas que pareciam almas penadas andando por perto. — Ah, há muito tempo que não se dá cabo de nenhum escravo aqui em Arnäs, não se bota nem algemas neles — começou ele, com um espírito de resolução que logo arrefeceu, diante da passividade de sua esposa que não fez nem sinal de que iria responder.

— Vai acabar com a vida dele, pai? — perguntou Arn, ansiosamente.
— É, meu filho, essa é a pesada responsabilidade do senhor da casa — respondeu Magnus, ao mesmo tempo que olhava de esguelha para Sigrid, que, no entanto, não encarou o seu olhar. E então ele continuou a responder ao filho, se bem que, na realidade, estava falando para sua mulher. — Você entende, meu filho, e você também, Eskil, que nós aqui em Arnäs temos um bom sistema. Os nossos escravos são bem tratados e de boa origem. Eles já sabem que aqui podem adorar seus deuses infiéis, visto que vivem aqui e não em outros lugares. Mas eu sou seu dono e sua lei. Todas as leis devem ser firmes, todas as leis devem ser cumpridas. Assim, têm de ser cumpridas as leis dos donos da casa. Aquele que estupra, que violenta a mulher, deve morrer. Apenas isso. Não é nada divertido cortar a cabeça de um escravo, mas é isso que temos de fazer para manter a boa ordem aqui em Arnäs. Ele se calou, então, sentindo que falava para seus filhos pequenos num tom de voz e com palavras que não eram indicadas para eles. Mas agora já era tarde, ele já tinha se emaranhado todo, para o terror de seus garotos. — É o senhor mesmo que vai cortar a cabeça dele, pai? — perguntou Arn de novo.

— É, eu mesmo — suspirou Magnus. — Em muitos outros lugares, os senhores contratam carrascos, mas nunca se considerou isso uma boa medida. O que é que ele vai fazer quando não está cortando cabeças ou chicoteando seus próprios irmãos? E, segundo se conta, muitas vezes acontece que eles próprios acabam sendo mortos pelos próprios irmãos. Não, eu nunca quis ter um carrasco aqui em Arnäs. Essa é a minha responsabilidade e é uma responsabilidade pesada. Mas ninguém deve fugir às suas responsabilidades mesmo quando se trata de matar. Isso é bom você saber, Eskil, visto que terá de enfrentar muitas situações como essa no futuro. A conversa morreu tão depressa como tinha começado. Nada mais precisava ser dito sobre o assunto. E nenhum outro assunto poderia agitar de novo aquela falecida conversa.

Na manhã seguinte, Magnus mandou formar seus doze escudeiros e reunir seus cerca de cem escravos e liberados, contando com todas as suas crianças, lá no alto da praça da fortaleza, para que todos pudessem olhar para baixo e ver onde ele estava, esperando, com a espada de folha larga na mão. Magnus tinha dormido mal, mas não tinha trocado nem uma palavra com Sigrid, tomando ele mesmo todas as decisões. Não consentiria que torturassem o escravo, nem que o estropiassem, nem que lhe cortassem fora aquela parte do corpo com a qual pecou mais, nem que o suspendessem até a degradação. Só tirar a vida. E isso ele próprio ia fazer com a espada. Dessa maneira, mostraria ser um senhor indulgente, em especial usando uma espada, o que era considerado um favor recusado normalmente aos maus escravos. Skule apresentava feridas de frio e os lábios roxos, quando foi trazido. Sua noite passada numa despensa, sem aquecimento, sem mantas e capa, tinha tido conseqüências dolorosas. Mas, no entanto, parecia não entender o que o esperava. Quando viu seu patrão, de pé, no meio da neve, com a grande espada na mão e com ramos de folhas de árvores espalhados como uma coroa à volta de seus pés, ele começou a espernear e a lutar, a resistir, levantando um turbilhão de neve à volta dos seus pés mal revestidos. Conseguiu até soltar uma das botas, ficando à mostra um pé azulado de frio e sujo que deixava

marcas na neve, enquanto ele era arrastado sem hesitações para a execução. Eskil e Arn estavam juntos com sua mãe um pouco à frente dos escudeiros que, por sua vez, estavam um pouco à frente dos escravos e liberados. Sigrid manteve-se impassível, seu rosto parecia congelado na neve com a dignidade de patroa. Mas Eskil e Arn sussurravam e apontavam com o dedo e estavam excitados, de tal maneira que sua mãe teve de pegar em seus pequenos pescoços, sem que ninguém notasse, e apertá-los fortemente, como que os avisando de que tinham que ficar quietos. Magnus considerou insistentemente que os meninos,,deviam estar presentes, para que aprendessem que a vida dos patrões não é feita apenas de prazeres, mas também de deveres duros, deveres que têm de ser cumpridos. Foi difícil conseguir que Skule mantivesse a cabeça no lugar, visto que ele jogava a parte de cima do corpo para a frente e para trás e gemia o tempo todo. Os dois escravos que o seguravam, por várias vezes, foram atirados para a frente, ficando em posição perigosa, abaixo da espada levantada. Mas, por fim, Magnus executou o golpe e acertou em cheio. A cabeça de Skule caiu sobre a folhagem das árvores e parou de rosto voltado para cima, de modo que todo o mundo pôde ver todas as suas — derradeiras contrações faciais, como se os lábios quisessem dizer alguma coisa e os olhos, por trás do cílios pestanejando, quisessem ver alguma coisa. O corpo de Skule caiu em convulsões e o sangue jorrou do pescoço cortado em dois lugares, com ímpeto cada vez mais fraco.

Arn ficou olhando intensamente para o pé nu e sujo na neve que primeiro se mexeu ferozmente, coiceando, mas logo ficou totalmente parado. Foi, então, que ele rezou silenciosamente, de cabeça baixa e olhos bem fechados, pedindo a Deus que fosse poupado de presenciar esse ato de novo. Mas Deus não o atendeu, visto que estava escrito que nenhum outro homem, tanto no país dos sveas como no país dos gotas, viria a presenciar tantos atos semelhantes quanto o pequeno Arn. Nos dias que se seguiram, os garotos não puderam conviver com os filhos dos escravos. Ficaram dentro de casa, onde a própria Sigrid começou a dar lições de latim para eles, enquanto o noviço Erlend não chegava por causa da neve.

Em fins de janeiro, quando o inverno estava a meio caminho, os ursos se viravam nas suas tocas de hibernação e a neve caía em quantidades iguais, tanto antes como depois. Magnus mandou limpar o caminho até a igreja de Forshem, para que ele e os seus mais chegados estivessem presentes na missa pela primeira vez depois de um período longo demais. O tempo estava agradável, com sol e ventos fracos, e não fazia frio demais, além do limite que permitia a retirada da capota do trenó. Por isso, a viagem se tornou bastante agradável, com a pista já batida por outros viajantes. Magnus podia ouvir os garotos, bem agasalhados na grande pele de lobo de seu avô, fazendo barulho e rindo atrás no trenó quando este pulava na estrada. E ele incitava os dois cavalos muito fortes para correr mais rápido, porque gostava de escutar o pipilar alegre dos seus dois pimpolhos. Desejava essa diversão também por causa de seus maus pressentimentos, embora não soubesse a razão deles. Deixara metade do seu pelotão de escudeiros em Arnäs, coisa sobre a qual os homens resmungaram, pela simples razão de que, depois dos longos meses de inverno na solidão de Arnäs, eles gostariam de aparecer na entrada da igreja. Era nisso que estavam seus pensamentos e não na igreja, onde como cristãos iriam ouvir a palavra de Deus.

Quando o grupo de trenós de Arnäs surgiu na entrada da igreja, Magnus viu aumentarem os maus pressentimentos. O povo estava dividido em pequenos grupos e falava baixo e não se tinha misturado como antes era tradição. Cada um ficou perto da sua própria família e muitos dos homens usavam cotas de malha de aço por baixo dos mantos, um vestuário que era utilizado apenas em tempos de agitação. A igreja iria encher, visto que todos os vizinhos do sul e do oeste e de Husaby tinham vindo. Mas de leste não havia vizinho nenhum, a não ser seus próprios libertos, e esses ficaram um pouco afastados, isolados e curvados, servil-mente, como se ainda não tivessem aprendido a portar-se como homens livres. Normalmente, Magnus iria ao seu encontro, falar com eles a respeito do tempo e dos ventos, em voz alta, para mostrar o que a liberdade realmente significava, mas nesse momento não havia tempo para

essas atenções. Assim que Sigrid e os meninos desembarcaram do trenó, ele deixou que seus

criados de casa cuidassem dos cavalos e avançou com a sua família de imediato

em direção aos seus melhores vizinhos, a família de Pål, de Husaby, para saber o que estava acontecendo.

O rei Sverker tinha sido assassinado a caminho da primeira missa do dia de Natal, perto da igreja de Tollstad, e já tinha sido enterrado junto de Ulvhild, sua esposa, em Alvastra. Já se sabia quem era o criminoso, um liberto do próprio rei Sverker e cavaleiro em Husaby, e o homem estava fugido, certamente, a caminho da Dinamarca.

Entretanto, a grande questão não era saber quem tinha usado a espada, mas quem fora o mandante. Algumas pessoas achavam que teria sido Erik Jedvardsson que, no momento, se encontrava em Aros Ocidental, no país dos sveas, e que, segundo boatos, já fora eleito rei dos sveas em Mora. Outros achavam que o instigador devia ser procurado na Dinamarca, e era Magnus Henriksen, que agora apresentava suas pretensões à coroa, visto que era neto do rei Inge, o Velho.

Em Linköping, Karl Sverkersson já tinha se autodenominado rei e convocado o conselho para confirmar sua pretensão. Portanto, a questão agora era saber quem seria escolhido rei na Götaland Ocidental, Karl Sverkersson ou Erik Jedvardsson. Mas jamais essa escolha seria feita tranqüila e pacificamente.

Ao tocar o sino chamando para a missa, interromperam-se todas as conversas, e o povo avançou e entrou na casa de Deus para acalmar suas inquietações, se consolar com os evangelhos ou esfriar suas exaltações com os cânticos celestiais, ou ainda fazer como Magnus, que estava concentrado, completamente, em outros pensamentos, que em nada se poderiam considerar como puros e afastados das questões mundanas. Era para crer que a maioria dos homens de família nobre e de armas lá dentro pensaria da mesma maneira que Magnus. E que talvez essa fosse a última vez que se viam como amigos sob o mesmo teto de igreja. Apenas Deus podia saber o que o futuro lhes reservava e qual a família que ficaria contra outra

família. Depois de o rei Sverker ter tomado o poder, e isso acontecera quando Magnus ainda era um menino, os gotas nunca haviam guerreado entre si. Mas esse momento, agora, parecia não estar muito longe.

Ao terminar a missa, Magnus estava tão concentrado em seus pensamentos que não notou que era hora de ir embora, até que Sigrid o tocou. Ele pensara bastante e sabia o que devia e o que não devia dizer. Nas longas conversas que houve entre os homens, enquanto suas mulheres e crianças, cada vez com mais frio e cada vez mais impacientes, esperavam nos trenós, Magnus escolheu muito bem as palavras, o tempo todo. Concordou que Erik Jedvardsson tinha estado como convidado em Arnäs pouco antes do assassinato, mas salientou que a mulher de Erik, Kristina, criara

muitos problemas por causa da questão de Varnhem. Por isso, sua família estava

a favor e contra Erik Jedvardsson.

Concordou também que sua mulher, Sigrid, fora muito próxima do rei Sverker, mas que o soberano sempre considerara a família da sua própria mãe norueguesa com desaprovação. Por isso, sua família era tanto a favor como contra a família Sverker.

Outros assumiram uma posição mais clara, a maioria pela família Sverker, ao que parecia, mas Magnus não queria se comprometer, não queria indicar ninguém dos próximos como seu futuro inimigo. Seria uma estupidez aquilo que viesse a acontecer. Os inimigos que Deus queria impor, mais cedo ou mais tarde, teriam que ser enfrentados com a espada, independentemente daquilo que fosse dito num momento de empolgação na entrada de uma igreja. Mas ficou triste e sombrio durante a viagem de volta para casa, e quando se aproximaram de Arnäs, ficou alerta, inquieto, olhando para todos os lados, como se já esperasse ver sitiante, embora a neve continuasse ainda a defender Arnäs contra todos os soldados pelo norte e pelo leste. Quando chegou em casa, mandou buscar mais lenha para as forjas, acendeu-as e foi buscar todos os escravos ferreiros que ficaram trabalhando nos foles e nas bigornas, produzindo flechas e pontas de lança em quantidades tão grandes

quanto possível. O ferro que existia em quantidade à volta de Arnäs não dava para produzir espadas.

Já no dia seguinte, Magnus mandou montar dois trenós pesados para viajar a Lödöse e obter tudo o que fosse preciso para a guerra que se aproximava.

Entretanto, o inverno apenas fingiu que ia abrandar sobre Arnäs e nada de notícias de exércitos sendo equipados, nem da Götaland Oriental nem da Svealand e, assim, Magnus ficou de melhor humor e mudou o esquema de trabalho na ferraria e na carpintaria para finalidades mais triviais. Além disso, Sigrid tranqüilizou-o, dizendo que era improvável que a guerra chegasse a Arnäs em primeiro lugar. Se Erik Jedvardsson fora entronizado rei dos sveas e Karl Sverkersson, escolhido para reinar na Götaland Oriental, eles que se digladiassem entre si para definir a questão, se isso lhes desse prazer. Depois, para a Götaland Ocidental, restaria apenas festejar o vencedor. Magnus concordou com ela em parte. Na sua opinião, podia acontecer, também, que um dos lados se virasse primeiro para a Götaland Ocidental, para conquistar uma das três coroas, tal como Erik Jedvardsson disse que queria. E então havia que se tomar uma decisão. E se Erik Jedvardsson chegasse primeiro com essa exigência? Ou se Karl Sverkersson viesse primeiro? Ambas as possibilidades estavam em aberto.

Em todos os casos, Sigrid era de opinião que nada podia ser feito e influenciado a partir de Arnäs. Não adiantava ficar bebendo cerveja à noite e especulando sobre o assunto. Mais cedo ou mais tarde, tudo se esclareceria e,

então, mas só então, chegaria a hora de tomar decisões. Por seu lado, Magnus

achou que, por agora, podia ficar satisfeito com essa idéia. Mas quando começou a pingar água dos telhados e os gelos começaram a ficar frágeis, aconteceu em Arnäs um acidente muito maior do que teria acontecido se um dos reis chegasse e exigisse fidelidade. Os garotos mantinham-se agora na maior parte do tempo quietos, disciplinados e ajuizados, visto que o noviço Erlend tinha voltado para Arnäs pouco depois da Festa de São Brás, no início de

fevereiro. De manhã até a noite, eles ficavam retidos a um canto da sala da casa grande, perto das lareiras, onde o noviço Erlend tentava enfiar sabedoria nas suas cabecinhas relutantes. Ambos os garotos achavam seu trabalho meio escravo, visto que os textos que Erlend trouxera consigo de Varnhem eram poucos e tratavam de assuntos que não podiam interessar a garotos, nem mesmo a adultos da Götaland Ocidental. A maior parte do tempo era dedicada ao estudo dos filósofos e a suas apresentações sobre os elementos e física. Mas o trabalho não servia para ensinar a eles sobre filosofia; para isso eles eram jovens demais, mas, sim, para lhes inculcar gramática e, assim, atormentá-los. Sem a gramática não existe conhecimento, sem gramática o mundo ficará fechado a todo entendimento, insistia Erlend constantemente. E, suspirando, os garotos voltavam, obedientemente, a enfiar a cabeça nos textos. O noviço Erlend não era de resmungar. Mas até ele podia imaginar uma expressão mais importante para o seu chamado a Deus ou, de qualquer maneira, um trabalho mais agradável do que tentar enfiar sabedoria na cabeça de garotos relutantes. Todavia, jamais iria sequer pensar em questionar as ordens do seu superior, o padre Henri. E, pensava ele, por vezes melancolicamente, talvez essa missão fosse apenas uma provação dura pela qual devia passar ou uma continuada punição pelos pecados que cometera na sua vida terrena antes de ter sido chamado por Deus.

Mas o dia de descanso era feriado também para os garotos, que apenas trabalhavam com o latim. E nos dias de descanso os dois corriam rápido para a oração matinal e logo desapareciam da vista de todos como dois esquilos aperreados. Magnus e Sigrid estavam de acordo que era melhor deixá-los à vontade, para não descobrir que suas condutas estavam longe de representar a quietude e a reflexão que o dia de descanso exigia, segundo a mensagem do Senhor.

O jovem escravo Kol tinha uma galha domesticada, ensinada a ficar no seu ombro aonde quer que ele fosse. E ele prometeu a Eskil e a Arn que todos iriam, juntos, caçar novos filhotes de galha, logo que os filhotes das ninhadas do ano, no início do verão, que chegou cedo, ficassem razoavelmente grandes para serem tirados dos

ninhos no alto da torre. Os garotos já tinham subido na torre sem serem notados, para ver quantos ninhos existiam e se já tinham ovos. Por enquanto, verificaram, nada de

ovos, mas viram que as gralhas começavam a trabalhar diligentemente para

construir seus ninhos. A situação prometia. Eskill exigiu que Kol lhe emprestasse a gralha e esta pousasse no seu ombro. Naturalmente, Kol nada tinha contra isso, mas chamou a atenção para o fato de a gralha ficar um pouco mais arredia diante de estranhos. E precisamente como Kol havia receado, a gralha, de repente, deixou o ombro de Eskill e fugiu voando, vindo a pousar num parapeito bem alto, de onde podia observar todo o espaço para vôo livre à sua volta e refletir sobre o término da sua escravatura. Eskill não se atrevia a fazer nada, porque tinha medo de altura. Kol não se atrevia a fazer nada, porque tinha medo de afugentar a gralha e perdê-la entre o céu e a terra. Mas Arn deslizou despercebido até o parapeito e se esticou para apanhar a linha que pendia do pé da gralha. Não conseguindo, subiu mais um pouco na abertura de tiro ainda com gelo, ficando na ponta dos pés e se esticando cada vez mais. Foi então que ele chegou perto da linha e com todo o cuidado a pegou, mas nesse momento a gralha se espantou, soltou um grito e levantou vôo novamente, puxando o menino que se desequilibrou e caiu no vazio. Para os dois garotos embaixo pareceu uma eternidade até que escutaram um som surdo quando Arn atingiu o chão. Logo Arnäs reverberou de gritos e lamentações quando o pequeno Arn, desmaiado, foi trazido de maca para a cozinha que Suom tinha deixado, justamente nesse dia, após seu restabelecimento. Deitaram o garoto e viram que toda a esperança tinha terminado. Arn estava totalmente pálido e imóvel, sem respirar.

Quando chegou correndo da casa grande, Sigrid ficou fora de si, como qualquer mãe ficaria ao saber que seu filho tinha caído e se machucado muito, mas, quando viu que se tratava de Arn, ela como que parou no tempo, ficou calada e seu rosto totalmente cheio de dúvidas. Era como se sentisse que o acontecido não podia ser verdade. Arn não podia morrer tão jovem, disso ela tinha recebido

um aviso no momento em que ele nascera com a aura de vencedor. Mas ali estava ele, desmaiado, pálido, sem respirar. Logo em seguida, chegou Magnus, que se ajoelhou ao lado de Sigríð, sabendo já que toda a esperança tinha acabado. Em desespero, mandou que todas as pessoas fossem embora, menos o noviço Erlend. Não queria que ninguém visse suas lágrimas, nem escravos nem criados. Continuar rezando pela vida de Arn parecia não mais fazer sentido. Melhor seria pedir perdão pelos pecados que, incontestavelmente, tinham atraído a condenação de Deus sobre eles, achava Magnus. Erlend não se arriscava a ter opinião sobre o assunto. Com as lágrimas escorrendo pelo rosto, Sigríð apelava aos dois para que não perdessem a esperança, mas rezassem por um milagre. E eles ficaram em

silêncio diante do apelo. Afinal, milagres acontecem e ninguém podia estar certo

a respeito disso antes de rezar.

Magnus sugeriu que as suas preces deviam ser dirigidas a Nossa Senhora, visto que, sem dúvida, ela tinha tudo a ver com o nascimento dos garotos. Sigríð sentia, no entanto, dentro de si que Nossa Senhora, Mãe de Deus, certamente tinha perdido a paciência a esta altura para com ela e estava pensando febrilmente quando de repente lhe veio à idéia que o santo que talvez, de certa maneira, estaria mais perto de Arn fosse São Bernardo, que era um santo novo e cujas forças ninguém ainda conhecia direito no norte, nos países nórdicos.

O noviço Erlend concordou de imediato com a proposta e passou a ordenar uma prece depois da outra, diante dos pais ajoelhados. Para Erlend, estava absolutamente claro que São Bernardo era o santo que estava mais próximo de Arn.

Quando a noite começou a descer, Arn ainda não tinha dado nenhum sinal de vida. Mas eles não desistiam, até mesmo quando Magnus, em dado momento, afirmou, num murmúrio, que a esperança tinha acabado e que era melhor aceitar a punição de Deus com pesar, dignidade e arrependimento. Entretanto, Sigríð jurava diante de São Bernardo e de Deus que, se Arn se salvasse,

iria ficar ao serviço das obras sagradas do Senhor entre as gentes do mundo. E ela repetia a sua promessa e conseguiu que Magnus a repetisse pela terceira vez junto com ela.

Justo no momento em que Sigrid sentia que a última luz de esperança estava para desaparecer até mesmo no seu coração, aconteceu o milagre. Arn levantou-se, apoiado no cotovelo, e olhou em volta, espantado, como se tivesse acordado de uma noite de sono e longe de ter voltado do reino dos mortos. Resmungou qualquer coisa a respeito de sentir uma dor no outro braço e que não podia se apoiar nele. Mas os três adultos nem escutavam mais as suas palavras, visto que estavam empenhados em agradecer a Deus, dizendo suas preces, as mais puras e sinceras, jamais dirigidas ao Senhor. Arn pôde andar, logo em seguida, junto com sua mãe e se aproximar do aquecimento da sala da casa grande, onde fizeram uma cama para ele perto das lareiras e da parede mestra. Mas como ele continuava com dores no braço direito, chamaram Sot, convencida esta a utilizar artes puras para não ofuscar nem manchar o milagre de Deus com qualquer feitiçaria ou tratamento impuro. Sot apertou um pouco o braço de Arn e verificou o lugar onde ele resmungava mais, onde, portanto, doía mais. Não foi fácil. Arn queria mostrar-se corajoso, não reconhecendo a dor, diante de tanta gente que o olhava e também de seu pai que estava entre todos. Mas a Sot ele não enganava. Ela foi buscar urtigas secas e cozinhou uma papa, que colocou à volta do braço, prendendo tudo com um tecido de linho. Depois falou com Svarte, que foi até a carpintaria onde trabalhou por um tempo

e de lá voltou com dois pedaços de pinho em formato de concha com que

mediu o braço, antes de desaparecer novamente para terminar o serviço tal como tinha sido pedido por Sot.

Quando Svarte voltou, ela envolveu o braço de Arn com os dois pedaços de madeira e enrolou tudo com uma nova ligadura, e convenceu a ele e a Sigrid a conservar o braço imóvel, visto que este estava bem machucado, tinha torcido. Em seguida, Sot deu a ele um chá de folhas secas e raízes do prado para que Arn pudesse dormir

sem febre.

E logo Arn ressonava, o rosto tranqüilo como se nada de ruim, nem nenhum milagre tivesse acontecido. Sigrid e Magnus ficaram sentados por longo tempo, olhando para seu filho adormecido, ambos igualmente cheios de felicidade diante do inquestionável, que Deus, Nosso Senhor, tinha deixado que um dos seus milagres acontecesse no seu burgo. Seu segundo filho, Arn, tinha sido chamado de volta, da morte. Ninguém podia duvidar disso. Mas a questão estava em saber se o Senhor teria querido mostrar sua bondade perante aqueles que Lhe pediram com as mesmas lágrimas que todos os pais e todas as mães teriam derramado nos mais difíceis dos momentos. Ou se seria verdade aquilo que Sigrid dizia saber bem dentro de si, que o Senhor teria uma missão especial preparada para Arn quando ele chegasse à idade adulta.

A esse respeito, contudo, ninguém sabia nada ao certo, já que os caminhos do Senhor, muitas vezes, passam por cima da lógica dos homens. Eles podiam apenas incorporar o milagre de Arnäs nos seus sentidos e rezar de novo em agradecimento.

O noviço Erlend há muito que andava ocupado na santificada missão de escrever com precisão e com todos os detalhes a história do milagre de Arnäs. Como a morte de São Bernardo não havia acontecido há muitos anos, certamente este teria sido o seu primeiro milagre, atribuído a ele justamente em Götaland Ocidental e, por isso, alcançando grande significado. Erlend achou também que poderia dar uma grande alegria ao padre Henri com essa história. E, possivelmente, com a sua operosidade e exatidão, talvez conseguisse encurtar a sua espera para ser aceito como irmão de fato na ordem cisterciense. De qualquer maneira, não iria fazer mal chegar com tão grandes notícias. O pergaminho ainda não era produzido em Arnäs, mas havia a pele de vitela, bem fina, que era raspada com vidro em um dos lados e que o senhor Magnus vendia para vestuário. Erlend pôde utilizar as sobras desse material para seus exercícios de escrita com os garotos. Entretanto, a escrita e o desenho passaram a ser muito mais freqüentes do que a leitura no canto de estudo na grande sala. E os garotos não tinham nada contra essa mudança, visto que ambos possuíam boas mãos para

usar a pena e as cores. Receberam, então, a incumbência de escrever nas sobras o texto que Erlend criava em latim e, depois, tentar traduzir para a linguagem rúnica na

linha embaixo. O senhor Magnus foi rigoroso ao dizer que, se era para escrever

na linguagem da Igreja, também tinham que aprender ao mesmo tempo a escrever como seus ancestrais. Para futuros mercadores isso não seria de forma alguma uma arte inútil.

Nas primeiras tentativas de escrever, Erlend reparou que o pequeno Arn, que continuava com seu braço direito inutilizável, escrevia, produzia manuscritos e desenhava pequenos retratos com a mesma facilidade com a mão esquerda. Enquanto a lesão subsistiu, Magnus não se preocupou com a questão, se bem que não se tratava de um bom sinal alguém preferir usar a mão imprópria. Mas, quando a mão direita de Arn ficou boa de novo, verificou-se que ele a utilizava tão bem quanto a mão esquerda. Era como se não houvesse qualquer diferença, mais como se fosse uma questão de humores ou com que mão ele por acaso apanhava a pena de ganso. Depois de muito repetir o escrito, de muito trabalho e orações, Erlend achou que a sua história estava pronta e logo se dispôs a viajar, o mais rápido possível, para Varnhem, justificando a viagem com compromissos a cumprir no mosteiro, qualquer coisa a respeito de certos feriados exigirem a presença de todos os noviços e que, caso não fosse, se arris- " * caria a ser punido. Cheio de fervor, pôde viajar a cavalo para Varnhem, na Anunciação de Maria, no dia em que as garças-azuis voltaram para Götaland Ocidental. Os garotos não lamentaram a sua viagem. Quando a primavera chegou e as praças do burgo, a praça da fortaleza e as outras grandes áreas entre as casas em Arnäs ficaram livres da neve, chegou também a hora das brincadeiras para todas as crianças. Uma brincadeira especial em Amas era a de pegar um arco na oficina de arcos para barris e depois correr com ele na frente, rolando, enquanto o tempo todo o garoto o dirigia e lhe dava mais velocidade com uma varinha. A brincadeira evoluiu de modo que cada um tentava tirar o arco do outro, mas apenas com a ajuda da varinha, dirigindo depois o arco

entre os muros da fortaleza. Quando alguém conseguia bater com o arco no muro, a vitória era sua. O que não era tão fácil, visto que todos os outros sem arcos, mas com suas varinhas, faziam todo o possível para evitar isso. Arn não pertencia à faixa dos garotos mais velhos, mas mostrou logo ser aquele que sempre se saía melhor nessa brincadeira, ainda que pequeno fosse. Era rápido como uma doninha, mas, além disso, conseguia fazer uma coisa que os outros não podiam imitar, a de mudar rápido da mão esquerda para a direita, e com isso alterava repentinamente a direção do arco rolante, de modo que todos os outros garotos corriam para o lugar errado. Só quando passavam uma rasteira nele ou puxavam sua camisa ou o agarravam é que conseguiam pará-lo. O ardor dos garotos mais velhos na aplicação de tais métodos era cada vez maior, mas a rapidez de Arn também aumentava cada vez mais. Por fim, Eskil, o único que se atreveria, começou a pará-lo com tapas no rosto, desde que Arn lhe desse essa chance.

Mas, então, Arn se cansava, abandonava tudo e ficava zangado. Magnus achou por bem consolá-lo e deixou que fabricassem arcos e flechas de tamanho apropriado e levou Arn para começar a ensiná-lo a atirar. Não demorou muito e Eskil chegou correndo e queria aprender junto. Mas, para sua frustração, seu irmão mais jovem conseguia atirar, todas as vezes, muito melhor do que ele, e então, em breve, os dois irmãos entravam em choque e brigavam um com o outro. Magnus interferiu logo, meteu-se no meio e decidiu que se voltassem a brigar só voltariam a atirar quando ele estivesse presente. Daí, a brincadeira transformou-se, de repente, em estudo, mais ou menos como ficar sentado escrevendo e lendo textos incompreensíveis. E assim acabou a diversão, pelo menos para Eskil, que sempre acabava vencido tanto pelo pai quanto pelo irmão mais novo.

Entretanto, aquilo que Magnus tinha visto entre os dois irmãos deixou-o pensativo. Eskil era como todos os outros meninos na sua maneira de agir e de atirar com arco e flecha, mais ou menos como ele tinha sido quando criança. Mas Arn tinha qualquer coisa que os outros garotos não tinham, uma capacidade que lhe devia ter sido dada por mão divina. Alguns dos escudeiros a quem Magnus tinha perguntado a opinião passaram a examinar Arn com cuidado, quando ele atirava, e acenavam afirmativamente com a cabeça, concordando. Quais as conseqüências disso ninguém podia dizer com certeza, mas sua competência era grande.

Durante várias noites claras de verão, Magnus falou deste assunto com Sigrid, depois que os garotos já tinham ido para a cama. Que Eskil seria o herdeiro de Arnäs estava certo e era a vontade de Deus, visto que Eskil nasceu primeiro. Portanto, Eskil iria dirigir o burgo e o comércio. Mas quais seriam as intenções de Deus a respeito de Arn? Sigrid concordou que, ao que parecia, Deus havia pensado em uma missão de guerra para Arn, mas ela não estava ainda absolutamente certa de gostar dessa explicação, por mais clara que ela pudesse parecer. E em seu íntimo atormentava-a a consciência pesada de que havia prometido a Deus, sem dúvida num momento em que as lágrimas caíam e os sentidos estavam dominados pelo desespero,

mas ainda assim ela tinha prometido a Deus que Arn seria dedicado ao trabalho divino entre os homens na terra. Sobre o assunto, ela ainda não tinha falado com Magnus, parecia que essa promessa, justamente, era algo que Magnus escondia na sua memória, embora ele devesse se lembrar dela tão bem quanto Sigrid e fosse um homem orgulhoso de sempre ter cumprido com a sua palavra. Mas agora Magnus via o futuro do seu segundo filho como um poderoso guerreiro à frente da família, e essa imagem, certamente, lhe dava mais alegria do que vê-lo como bispo em Skara ou prior em qualquer mosteiro. Os homens pensam assim. Isso não era nenhuma novidade para Sigrid.

Mas logo em seguida Deus se fez presente e lembrado de Suas vontades.

Tudo começou com uma pequena ferida irritante numa das mãos de Sigrid. Segundo se lembrava, a ferida advinha do impacto de uma vara de madeira, provocado por uma novilha arisca em um dos estábulos. A novilha lhe dera um encontrão e ela teve que se apoiar fortemente para não cair. A ferida não quis sarar e tornou-se cada vez maior e mais feia. Uma manhã Magnus descobriu uma coisa estranha no rosto de Sigrid. E quando ela foi até a barrica de água e se viu refletida, verificou que tinha no rosto uma nova ferida igual à da mão e levando o dedo à ferida descobriu que estava cheia de pus.

Depois disso, a doença se desenvolveu rapidamente. A ferida no rosto se alastrou e, em breve, ela já não conseguia ver com o olho que estava mais próximo da primeira ferida, onde ela coçava mais e, muitas vezes, era levada a esfregar. Sigrid começou a esconder o seu rosto e rezava fervorosamente todas as manhãs, ao meio-dia e à tarde. Mas parecia não dar certo. Seu marido e os garotos começaram a olhar para ela com medo. Quando o noviço Erlend voltou cavalgando de Varnhem, trouxe muitas notícias, boas e más. As boas notícias, tal como ele contou primeiro, eram as de que a história do milagre de Arnäs tinha sido aceita muito bem em Varnhem, e acabou sendo transposta para o verdadeiro pergaminho, com uma caligrafia muito bonita e colocada no livro de registros do

mosteiro. As más notícias diziam respeito a Kristina, mulher de Erik Jedvardsson. Ela se encontrava num dos burgos de sua família, nas proximidades, com um poderoso escudeiro que seu marido, rei dos sveas, tinha providenciado para ela. Isso mesmo, era verdade, Erik Jedvardsson era agora o rei de Svealand. Kristina tinha realizado manobras diabólicas, uma atrás da outra, instigando os camponeses contra seus irmãos e até convencido um ou outro padre a ficar do seu lado. Acontecia que o mosteiro estava localizado num terreno incorretamente ocupado, que uma parte do terreno, na realidade, pertencia a ela e se alguém não quisesse seguir, voluntariamente, a vontade dela, mais tarde não teria perdão, quando o rei Erik chegasse a Götaland Ocidental. Um dia, durante uma missa, um grupo de mulheres invadiu o mosteiro apenas em camisolas e dançaram e cantaram canções impróprias nesses trajes íntimos. Depois, sentaram-se no meio da praça interna do mosteiro e fizeram as suas necessidades. Foi uma trabalhadeira infernal para os irmãos limpar e benzer o mosteiro de novo.

Sigrid entendia agora a dura advertência de Deus. Chamou seu marido e Erlend para um canto da sala, mandou embora todas as criadas e mostrou o seu rosto desfigurado para Erlend, que ficou pálido e aterrorizado pelo que viu. Depois, ela disse o que devia ser dito: — Magnus, meu querido senhor e marido, com certeza você se lembra da promessa que fizemos a São Bernardo e a Deus, Nosso Senhor, justo no

momento antes de o Senhor ter chamado Arn de volta à vida. Nós prometemos

oferecê-lo para o santificado trabalho divino na terra se ele sobrevivesse. Depois disso, no entanto, nunca mais falamos no assunto. E, em vez disso, falou Deus para nós como Ele considera a nossa perfídia. Nós precisamos nos arrepender e remediar a situação, você entende?

Magnus esfregou as mãos uma na outra e reconheceu que ele se lembrava, sim, muito bem dessa promessa, mas que essa promessa saíra deles num momento muito difícil e isso até Deus devia entender, não era verdade? Sigrid voltou-se, então, para Erlend, que

era muito mais íntimo com as coisas divinas do que ela e Magnus. Erlend não podia fazer nada a não ser concordar. Parecia ser lepra, teve ele que dizer diretamente. E essa praga não era conhecida em Arnäs nem em nenhum lugar na Götaland Ocidental e, por isso, o acontecido não podia ter vindo de outra origem senão do Senhor. E o sinal estava no fato de que o gesto de Sigrid mais agradável a Deus, o de ter oferecido o terreno para a construção do mosteiro de Varnhem, agora estava em perigo. Isso não podia deixar de ser considerado também como uma nítida advertência. Deus exigia o cumprimento da sua promessa. E Ele punia Sigrid por sua hesitação. De outra maneira, não se podia entender o acontecido. No dia seguinte, pesava a tristeza sobre Arnäs. Nas praças do burgo e na praça da fortaleza não se escutava nem uma risada nem nenhuma briga entre as crianças brincando. As criadas da casa passavam na sala como os espíritos silenciosos da floresta e para algumas era difícil esconder suas lágrimas. Magnus estava perdido, sem saber como comunicar a dura mensagem ao seu filho mais jovem. Mas enquanto Sigrid se ocupava em fazer as malas para a viagem, ele chamou Arn e os dois subiram até o cimo da torre onde podiam ficar completamente à vontade. Arn, que ainda não tinha entendido o que estava para lhe acontecer, pareceu pensativo, mas mais curioso do que receoso. Magnus levantou-o e sentou-o numa das aberturas de tiro para que pudesse encarar seu filho, mas logo se deu conta de que talvez essa não tivesse sido uma escolha inteligente do lugar, talvez Arn sentisse medo de altura, de onde caíra para entrar no reino da morte. No entanto, Arn não mostrou nenhum receio da altura, antes se debruçou sobre a ameia para olhar para baixo e ver onde tinha caído, enquanto seu pai parecia distraído com seus próprios pensamentos. Magnus, com todo o cuidado, puxou seu filho para trás e abraçou-o, começando em seguida sua difícil explicação. Apontou para o campo, até onde a vista alcançava, vendo que em todo lugar ocorriam os trabalhos agrícolas da primavera. Depois, declarou que tudo aquilo iria ser o reino de Eskil, no dia em que ele próprio deixasse esta vida, mas que para Arn o reino seria ainda maior, seria o reino de Deus aqui na terra.

Arn pareceu não ter entendido ainda as palavras de seu pai, talvez

fossem, para seus ouvidos, mais um discurso religioso, quando as pessoas

gostavam de ser solenes e diziam coisas que nada significavam, momentos antes

de dizerem coisas que significavam algo. Magnus teve de voltar ao princípio. Contou, então, a respeito daqueles momentos difíceis em que Arn não esteve entre os vivos e como ele e Sigrid, no seu desespero, prometeram a Deus que ofereceriam seu filho a Ele, para que ficasse ao serviço de Deus na terra, desde que seu filho voltasse a viver. Depois disso, tinham hesitado em cumprir sua promessa, mas Deus estava punindo os dois, duramente, pela sua falha e, por isso, a promessa precisava ser cumprida imediatamente. Arn começou a ficar inquieto, imaginando que algo de ruim estava para lhe acontecer. E logo em seguida seu pai confirmou isso, ao lhe dizer, sem rodeios, o que estava planejado para ele. Arn iria viajar para Varnhem com sua mãe e Erlend. Iria entrar para o mosteiro como coroinha, que era o nome que se dava às crianças que entravam para o serviço de Deus. Deus, certamente, tomaria conta dele, assim como o seu santo, São Bernardo, visto que Deus, sem dúvida, tinha grandes planos para ele.

Agora, sim, Arn começava a entender. Seus pais iriam oferecê-lo a Deus. Não como antes no mundo, não como diziam as lendas dos tempos pagãos, mas, de qualquer maneira, iriam oferecê-lo a Deus, e ele, apenas uma criança, não podia fazer nada a respeito, visto que as crianças sempre devem obedecer a seu pai e a sua mãe. Ele começou a chorar e, por muito que se envergonhasse de chorar na frente do pai, não podia conter as lágrimas. Magnus abraçou-o e, meio sem jeito, tentou consolá-lo com palavras a respeito da boa vontade e da proteção de Deus e a respeito de São Bernardo, que seria seu anjo da guarda e mais outras coisas de que se lembrou. Mas o corpo pequenino do garoto sacudia em convulsões com o choro, nos braços do pai, e este se sentiu como se fosse ele e, embora Deus proibisse, sentiu-se prestes a mostrar também sua tristeza.

As carruagens foram trazidas e os escudeiros assumiram seus

lugares e ficaram à espera nos seus cavalos na praça do burgo, diante do portão da casa grande. Foi então que Sigrid saiu primeiro, com seu rosto coberto, e subiu na carruagem da frente. Depois saiu Erlend, olhando temeroso em volta e subindo rápido na segunda carruagem.

Por último, apareceu Magnus com os dois garotos que, chorando, se abraçaram e se agarraram um ao outro como se, com a força dos seus braços infantis, pudessem evitar o que tinha de acontecer. Magnus interferiu suavemente, mas com firmeza, separando os dois. Depois, levantou Arn e levou-o até a carruagem de Sigrid, sentando-o ao lado da mãe. Em seguida, fez uma inspiração profunda e chicoteou os cavalos que partiram puxando a carruagem com uma sacudida brusca enquanto ele próprio se virava e se dirigia de volta para o portão, não sem antes fazer uma tentativa frustrada para segurar Eskil, que, entretanto, se soltou.

Magnus entrou e fechou o portão, sem se virar. Eskil correu durante algum tempo, chorando, atrás das carruagens até que caiu e se machucou e, desesperado, viu a cabeça de seu irmão desaparecer entre as nuvens de poeira da estrada.

Arn chorou amargamente, ficou de joelhos, olhando para trás na direção de Arnäs que foi ficando cada vez menor no horizonte. E compreendeu, então, que nunca mais veria a sua casa, o seu lar. E, para Sigrid, foi impossível consolá-lo.

Para o padre Henri, a visita de Sigrid veio num momento inconveniente. Seu velho amigo e colega de Clairvaux, o padre Stephan, que agora era prior em Alvastra, estava de visita para discutir uma situação difícil que surgiu com uma rainha que brigou e incitou o povo contra os irmãos em Varnhem. Sem dúvida, entre todos, Stephan era aquele com quem o padre Henri gostaria de discutir questões complicadas. Os dois tinham vivido juntos desde a juventude e tinham pertencido ao primeiro grupo que recebeu a terrível instrução do próprio São Bernardo, que ambos teriam que se mudar para a fria e bárbara região nórdica para montar um mosteiro afiliado. Foi uma longa, horrível e depressiva ronda até chegar à Escandinávia. O padre Stephan já tinha lido a história do milagre de

Arnäs e já sabia do problema de Sigrid. Na realidade, já não se aceitavam coroinhas em Alvastra e Varnhem, como também no mosteiro matriz em Burgund. O pensamento por trás dessa mudança era lógico e fácil de entender. O livre-arbítrio do homem em escolher o caminho de Deus ou o caminho da danação ficaria fora de ordem caso se aceitassem crianças de pouca idade a serem educadas no mosteiro. Essas crianças já aos doze anos de idade estavam prontas para serem monges e desconheciam outro tipo de vida que não a dos monges. É fácil chegar à conclusão de que esse tipo de crescimento retirava às crianças o direito de escolha. Por isso, foi uma mudança inteligente não mais aceitar crianças nos mosteiros.

Por outro lado, o milagre de Arnäs não era coisa que se deixasse passar em branco, não era pouca coisa. Se os pais prometeram a criança a Deus no momento mais crítico e a esse respeito não subsistiam dúvidas, e se Deus realmente permitira que o milagre acontecesse, então a promessa dos pais só podia ser entendida como sagrada, sendo impossível a sua quebra. E se os próprios servidores de Deus tornassem a promessa impossível de ser cumprida? E se eles se negassem a aceitar a criança com base na decisão de não receberem mais coroinhas?

Então, possivelmente, os pais estariam livres de sua promessa. Mas, ao mesmo tempo, dessa maneira, as pessoas estariam se colocando, por conhecimento e vontade e calculadamente, acima da declarada vontade de Deus. Era impossível. Quer dizer, a criança tinha de ser aceita.

E o que estaria acontecendo com a senhora Sigrid? Pelo que se dizia,

Deus a punira duramente por sua hesitação e agora ela estava aqui para remediar a situação. Ela dissera qualquer coisa a respeito de que do mosteiro bastaria receber as migalhas das refeições para viver, mais ou menos isso. Mas tudo foi influenciado por uma questão muito maior, a de que, muito simplesmente, Varnhem teria que ser abandonado, teriam que voltar para Clairvaux e de lá tentar fazer com que Kristina e, eventualmente, seu marido fossem banidos, de modo que ficassem sem mais esse problema e

começassem tudo de novo. Seria um procedimento que com o tempo de viagens e tudo o mais incluído devia demorar uns dois anos. Os dois homens estavam sentados na sombra das arcadas construídas para ligar a igreja aos quartos dos monges. Diante deles se estendiam as plantações do irmão Lucien. O padre Henri tinha mandado o irmão Lucien ir à antiga casa de hóspedes onde Sigrid e seu filho agora se encontravam. E então sua conversa, muito séria e difícil, foi interrompida pela volta do irmão Lucien, com uma profunda ruga de preocupação na testa. — Bem — disse ele, com um suspiro e deixando-se cair no banco de pedra ao lado deles. — Não sei bem em que devo acreditar. Lepra, acho que não é. As feridas são grandes e demasiado aquosas. Acredito mais que se trata de alguma variante de peste suína, essa que vem da sujeira dos animais. Mas que a coisa está feia está, sem dúvida.

— E em se tratando de alguma espécie de peste suína, o que é que você pode fazer, meu caro irmão Lucien? — perguntou o padre Henri, interessado. — Hum... Você quer dizer, realmente, padre, que eu devo fazer alguma coisa? — estranhou o irmão Lucien, hesitante. — Como assim? — perguntaram os outros dois ao mesmo tempo, ambos igualmente surpresos.

— Bem, quero dizer... Se foi o próprio Senhor que colocou essa doença nela, quem sou eu para ir contra a vontade do Senhor? — Basta, irmão Lucien, não se faça de tolo, agora! — exortou o padre Henri, irritado. — Você é o instrumento de Deus e deve fazer o melhor possível, e se Ele achar que você fez um bom trabalho, isso ajuda. Se você não fizer nada, nada vai mudar. Portanto, diga logo o que você pensa fazer. O monge, especializado em ervas curativas, explicou que era preciso limpar e secar as feridas, pelo que ele entendia. Era preciso lavá-las com água fervida e benzida. Depois, só ar e sol e os furúnculos estariam secos dentro de uma semana. Pelo menos, os furúnculos do rosto da senhora Sigrid. Os da mão pareciam mais difíceis e na pior das hipóteses tratava-se de alguma coisa diferente de uma insignificante peste suína. O padre Henri acenou com a cabeça, concordando, interessado. Como de costume, quando o irmão Lucien descrevia seu primeiro diagnóstico medicinal, ele convencia. Aquilo que o padre Henri admirava mais era a sua

capacidade de manter a mente fria diante do problema e de não correr e botar

toda espécie de ervas medicinais de uma vez, na esperança de que se uma não desse certo, talvez a outra desse. Segundo o irmão Lucien, um tal comportamento irrefletido poderia até piorar a situação. Assim que o irmão Lucien foi embora para desempenhar a sua tarefa mais urgente no momento, o padre Stephan retomou a antiga conversa, dizendo que, sem dúvida, estava claro ser desejo de Deus, Nosso Senhor, receber algo de especial daquele menino. Mas se era apenas mais um monge entre tantos outros monges que Ele desejava, não seria um pouco de exagero sinalizar isso com um milagre e lepra? As pessoas se tornam monges, realmente, por muito menos pressão do que essa.

O padre Henri rompeu em gargalhadas diante da lógica do colega, tão drástica quanto bem-humorada. Mas, muito bem, não existiam contra-argumentos. Deviam, então, aceitar o garoto, mas tratá-lo com muito cuidado, como se fosse uma planta frágil do irmão Lucien e, além disso, cuidar para que sua vontade livre não fosse tolhida. Talvez daqui a algum tempo fosse possível ver melhor as intenções do Senhor para com este garoto. Embora sobre isso, na realidade, todos já tivessem concordado. Portanto, o garoto iria ser coroinha, ainda que um coroinha meio tardio. E se tivessem que mudar de Varnhem, ele seguiria junto. Mas isso era uma questão para mais tarde.

Restava o problema da senhora Sigrid. O mais simples, evidentemente, seria começar por recebê-la em confissão e escutar o que ela teria a dizer. O padre Stephan entrou no *scriptorium* para mais uma vez ler a história do milagre de Arnäs, desta feita com um pouco mais de atenção. O padre Henri seguiu preocupado para a antiga casa de hóspedes fora dos muros do mosteiro para escutar a confissão de Sigrid.

Foi encontrar mãe e filho em estado lastimável. Existia apenas um catre no quarto, onde Sigrid estava deitada, ardendo em febre, de olhos fechados, e, a seu lado, um garotinho de olhos vermelhos de choro, que segurava, convulsivamente, a mão sã de sua mãe. A casa não tinha sido limpa, estava cheia de sucatas e lixo, e fazia frio. Não

era utilizada há muitos anos. E estava assim porque havia outras coisas mais importantes para fazer do que derrubá-la, isto porque suas paredes de madeira estavam velhas e podres e não podiam ser reutilizadas.

Ele jogou a estola sobre os ombros e avançou na direção de Arn a quem acariciou na cabeça com carinho. Mas Arn pareceu não ter notado nada ou fingiu não ter notado.

Então o padre Henri pediu ao garoto para ficar lá fora por uns momentos, enquanto a sua mãe se confessava, mas o menino apenas abanou a cabeça sem olhar para cima e apertou ainda mais a mão de sua mãe.

Nesse momento Sigrid acordou e, logo em seguida, Arn, contrariado, saiu da casa, batendo com a porta já em mau estado. Sigrid ficou zangada com isso, mas o padre Henri, sorrindo, colocou o indicador sobre a sua boca e soprou um som sibilante como sinal de que ela não devia se preocupar com o caso. E, então, perguntou se Sigrid estava disposta a se confessar. — Sim, padre — respondeu ela, com a boca seca. — Me perdoe, padre, visto que pequei. Com a ajuda do sagrado São Bernardo, eu e o meu marido e senhor, junto com o noviço Erlend, conseguimos, através de profundas orações, com a ajuda do Senhor, trazer de volta à vida o nosso filho Arn. Mas, momentos antes de este milagre acontecer, prometi ao Senhor, solenemente, oferecer o menino para o trabalho sagrado de Deus na terra, se Ele, prazerosamente, salvasse o meu filho. * — Sim, já conheço a história, é precisamente, palavra por palavra, como foi escrito pelo noviço Erlend. Aliás, o seu latim flui como água. A senhora tem praticado nos últimos tempos? Não, de qualquer forma, voltemos à sua confissão, minha filha. — Sim, tenho praticado junto com os meninos — sussurrou ela, cansada, fazendo uma inspiração profunda e pensando intensamente antes de continuar. — Eu traí minha sagrada promessa a Deus, Nosso Senhor, fingi que nada tinha prometido e, por isso, Ele me castigou com a lepra como o senhor pode ver. Quero fazer penitência, se é que se pode fazer penitência por um pecado tão grave. E para mim será bom se eu puder viver aqui nesta casa, sem incomodar ninguém e comendo apenas as

migalhas da mesa dos monges enquanto viver.

— Pode parecer, minha cara senhora Sigrid, que tanto fez por nós, assíduos neste jardim do Senhor aqui em Varnhem, que o Senhor foi duro com a senhora — disse o padre Henri, agradecido. — Mas não podemos esquecer que é um pecado grave quebrar uma promessa sagrada feita a Deus, Nosso Senhor, mesmo que essa promessa tenha sido feita num momento difícil. Porque não é mesmo no momento das nossas maiores dificuldades que fazemos ao Senhor as maiores promessas? Vamos tomar conta do seu filho, embora de maneira diferente, como o Senhor e a senhora nos pediram. É Arn o nome dele, não é verdade? Eu devia saber, pois fui eu que o batizei. Bem, e depois vamos tratar das suas feridas e a senhora ficará aqui, comendo, sim, como diz a senhora, as migalhas da nossa mesa. Mas eu não lhe posso dar agora o perdão por seus pecados. E peço para não ficar pensando horrores por isso. Acontece que não sei ainda o que o Senhor nos quer dizer. Quem sabe, talvez Ele queira lhe dar apenas uma leve reprimenda? Reze agora vinte padre-nossos e vinte ave-marias, durma depois e fique tranqüila que a senhora está em boas mãos, seguras e cuidadosas. Vou mandar o irmão Lucien para tratar das suas feridas com o maior dos cuidados e se acontecer, como acho, mas ainda não sei, que o Senhor a cure e lhe devolva a boa saúde, então, em breve, a senhora estará livre do pecado. Descanse agora. Vou levar o garoto comigo para o mosteiro.

O padre Henri levantou-se e examinou o rosto desfigurado de Sigrid onde um dos olhos já estava tão fechado de pus e sujeira que nem se conseguia ver e o outro olho estava apenas meio aberto. Inclinando-se para a frente, ele cheirou com cuidado as feridas, acenou depois com a cabeça pensativamente, de modo afirmativo, e saiu enquanto colocava a estola no bolso.

Lá fora, Arn estava sentado numa pedra e olhava para o chão e nem se virou quando o padre Henri saiu.

Este ficou de pé, olhando para Arn por momentos, até que o garoto não podia mais deixar de notar sua presença. Então, o padre Henri sorriu, demonstrando ser amigo, mas recebeu de volta apenas um

solução zangado como resposta. E o garoto voltou a desviar o olhar. — Venha, mon fils, venha comigo como menino educado que você é — disse o padre Henri, tão suavemente quanto podia, habituado como estava a sempre ser obedecido. Avançou e pegou Arn pelo braço. — Será que você não pode falar direito, velho ranzinza? — cortou Arn, esperneando e resistindo o quanto podia, enquanto o padre Henri, que era um homem forte e alto, o arrastava em direção ao mosteiro com a mesma facilidade com que teria pego um pequeno cesto com hortaliças do quintal do irmão Lucien.

Ao chegar ao claustro no jardim do mosteiro, o padre Henri encontrou seu colega de Alvastra no mesmo lugar onde antes tinham estado a conversar. O padre Stephan levantou-se, animado, logo que viu o indisciplinado e impaciente Arn.

— Ah! — exclamou ele. — Aqui temos... Oh, o nosso jeune oblat. Enfim, nada bem agradecido a Dieu, não é verdade? O padre Henri, com um sorriso, abanou a cabeça concordando, e colocou Arn de imediato no colo do seu colega que sem dificuldade evitou um resolutivo soco do garotinho.

— Segure esse menino enquanto puder, meu caro irmão. Eu tenho que falar um pouco, imediatamente, com o irmão Lucien — disse o padre Henri e saiu para o jardim à procura do seu irmão de fé, responsável pela medicina no mosteiro.

— Vamos, vamos, pára de espernear — intimou, divertido, o padre Stephan ao garoto.

— É pára. Não é parál — corrigiu Arn, tentando se libertar, mas descobriu que estava bem preso em braços fortes e desistiu. — Tudo bem, se você acha que a minha linguagem nórdica soa mal ; aos seus pequenos ouvidos, então talvez a gente possa falar numa língua que, no caso, para mim é melhor — segredou o padre Stephan em latim, sem que, na realidade, esperasse qualquer resposta.

— Isso é melhor para nós dois, visto que você não sabe falar a nossa

língua, seu velho monge — respondeu Arn, zangado, na mesma língua em que o padre lhe tinha acabado de falar.

O padre Stephan se animou, agradavelmente surpreso. — Na verdade, acho que vamos mesmo chegar a um acordo, você e eu e o padre Henri, melhor e mais rápido do que você pensa, meu jovem, — segredou o padre Stephan no ouvido de Arn, como se estivesse informando a respeito de uma grande novidade sigilosa. — Não quero ficar sentado como um escravo ao lado dos livros, velhos e chatos, todos os dias — murmurou Arn, agora um pouco menos zangado do que momentos antes.

— E o que é que você prefere fazer? — perguntou o padre Stephan. — Quero ir para casa, não quero ser seu prisioneiro e escravo — disse Arn, não conseguindo mais continuar insolente e rompendo novamente em choro convulsivo. Mas inclinou-se sobre o peito do padre Stephan e ficou quieto, enquanto era acariciado e recebia uns tapinhas nas suas costas viçosas. O irmão Lucien, como muitas vezes antes, teve razão no seu primeiro diagnóstico. As feridas no rosto de Sigrid não tinham nada a ver com lepra e, assim, ele conseguiu um sucesso bem rápido no tratamento previsto. Primeiro, mandou alguns noviços para a casa de hóspedes para limpá-la e para tampar com cal e pintar as paredes, isto apesar da oposição de Sigrid às melhorias, visto que, segundo ela, no seu estado tão ruim, não merecia ornamentações nem limpezas. O irmão Lucien tentou explicar a ela que não era questão de estética, mas de saúde, mas parecia que eles não se entendiam realmente nessa discussão.

No entanto, o rosto de Sigrid se recuperou, justamente, com os remédios que o irmão Lucien de início pensou, água benta limpa, sol e ventilação. Em contrapartida, não teve qualquer sucesso com a ferida que se alastrou da sua mão, subindo pelo braço que começou a inchar e a ficar roxo. Ele experimentou vários preparados muito fortes, por vezes quase perigosos, mas sem êxito. Finalmente, sabia que apenas existia um remédio para curar aquele envenenamento do sangue. Um sinal seguro disso é que ele não tinha conseguido baixar sua temperatura.

No entanto, não queria informar Sigrid, pessoalmente, do que havia a fazer, antes procurou o padre Henri e explicou para ele qual era a solução. Era preciso cortar tudo o que estivesse ruim, era preciso cortar o braço dela. Caso contrário, o mal do braço se espalharia em

breve para o coração. Caso se tratasse de algum dos irmãos, era só chamar o irmão Guilbert com seu grande machado. Mas seria possível uma ação dessas para com a senhora Sigrid, benemérita de todos os irmãos?

O padre Henri concordou com tudo. Iria tentar apresentar a questão o melhor possível para a senhora Sigrid, mas antes tinha outra coisa a resolver. O

irmão Lucien, então, corrigiu-o, tímida, mas enfaticamente, pela primeira vez na

vida. Nessa questão não havia tempo a perder, era um problema de vida ou morte.

Mesmo assim, o padre Henri teve de adiar um pouco a solução do caso. É que a senhora Kristina estava a caminho do mosteiro com um grande grupo de homens armados.

Quando chegou a Varnhem, Kristina cavalgava à frente dos seus escudeiros como se fosse a comandante, o líder másculo de um exército. Estava vestida com roupagem solene e na cabeça, para demonstrar quem era, trazia a coroa de rainha.

O padre Henri e cinco dos seus irmãos mais próximos foram ao seu encontro fora do portão do mosteiro que, ostensivamente, mandaram fechar atrás de si.

Kristina não desceu do cavalo, preferindo falar de cima para baixo com os monges. E foi desdenhosa no seu discurso, ao informar que, de qualquer maneira, uma das casas teria que ser derrubada, e pronto. Essa casa seria o *scriptorium* do padre Henri, localizado no terreno que legalmente lhe pertencia.

Kristina sabia muito bem onde tinha atirado a sua lança. Sua intenção era, em última análise, levar o padre Henri a perder a paciência e, melhor ainda, a cabeça. E soube, então, que tinha alcançado êxito, pelo menos no primeiro caso. O padre Henri passava a maior parte do seu tempo entre os livros no *scriptorium*, eram os seus momentos mais luminosos no meio da escuridão nórdica e da barbárie. Aquela era a parte do mosteiro que, mais do que qualquer outra, lhe pertencia.

Ele explicou, resolutamente, que não era sua intenção derrubar o

scriptorium.

Kristina respondeu, então, que se a casa não estivesse derrubada dentro de uma semana, ela voltaria, não apenas com escudeiros, mas com escravos que, sob o chicote dos escudeiros, fariam esse trabalho rápido. É de esperar que os escravos avancem nessa tarefa com menos cuidado do que os irmãos, se estes preferirem não executar a sua decisão. Resta apenas escolher. O padre Henri respondeu a ela então, tão zangado que mal podia se controlar. Que ele, em vez disso, estava prestes a deixar Varnhem. E que a viagem iria terminar com uma representação ao papa em Roma para excomungar a mulher e seu marido, no caso de este estar também comprometido, na ousadia inqualificável de ir contra os servidores de Deus na terra e contra Sua Sagrada Igreja Romana. Será que ela não entendia que estava prestes a atrair a eterna infelicidade sobre si mesma e sobre Erik Jedvardsson?

Era verdadeira a ameaça de padre Henri. Mas Kristina parecia não entender o caso, como também não entendia que ameaça ela estava dirigindo

contra os planos de glória do seu próprio marido: um soberano excomungado

não tinha muito a esperar num mundo cristão. Mas ela apenas levantou a cabeça desdenhosamente, virou seu cavalo, fez uma volta larga, de modo a forçar os monges a recuar para não serem derrubados, e repetiu por cima do ombro, enquanto se afastava, que dentro de uma semana viriam seus escravos, de resto, escravos pagãos para cumprir sua missão.

E com isso estava decidido que os trabalhos no mosteiro de Varnhem iriam ser interrompidos até que a Igreja mostrasse seu poder e pudesse restabelecer a ordem. A Sagrada Igreja Romana não podia aceitar tal insulto e muito menos permitir-se a derrota na batalha que estava por vir. Causava um certo espanto ao padre Henri que essa pretensa rainha fosse tão ignorante a respeito disso.

Quanto a Arn, os monges avançaram com cuidado e não o obrigaram a estudar gramática mais do que quatro horas por dia. Primeiro, convinha melhorar o seu latim, de modo que falasse um

latim sem erros. E, depois, então, uma nova língua. Primeiro, uma ferramenta para obter sabedoria, depois, a sabedoria propriamente dita.

Entretanto, para aliviar a melancolia do garoto, o padre Henri também decidiu que ele ficaria a mesma porção de tempo com o enorme irmão Guilbert de Beaune, que podia ensinar a ele artes completamente diferentes do latim e das cantorias.

A principal função do irmão Guilbert em Varnhem era a de ferreiro e, em especial, a forja para produção de armas era a maior e a mais bem equipada. A produção de armas era descrita como um negócio e nada mais, e as espadas que o irmão Guilbert produzia, claro, eram superiores a todas as outras, fabricadas na parte bárbara do mundo. A fama das espadas dos monges se espalhou rapidamente e, por isso, a produção de armas era uma boa fonte de moedas de prata.

Arn se portou como se seu pensamento tivesse sido seduzido por ver e ajudar, de vez em quando, o irmão Guilbert. E este assumiu o garoto com a mesma seriedade e rigor como se fosse ensiná-lo a trabalhar com ferro, pela simples razão de isso ser uma bela arte. Mas assim que Arn ficou menos emburrado e de espírito mais aberto, ele se tornou ao mesmo tempo mais ousado em termos de perguntar coisas que não diziam respeito exclusivamente ao próprio trabalho. Como, por exemplo, se o irmão Guilbert já tinha atirado com arco e flecha alguma vez e se, nesse caso, gostaria de entrar num torneio contra ele. O irmão Guilbert, para ressentimento de Arn, achou isso tão divertido que começou a rir, de tal maneira que, simplesmente, teve que abandonar o que estava fazendo, jogou o ferro em brasa no tanque de água e sentou-se ainda rindo até as lágrimas.

Por fim, quando conseguiu recompor-se e, sério, enxugou suas lágrimas,

confessou que já tinha, sim, atirado com arco e flecha algumas vezes e que os dois, certamente, poderiam gastar algum tempo com essa brincadeira. Depois acrescentou que ele, evidentemente, receava esse confronto com um jovem guerreiro tão audacioso

quanto Arn de Gothia. E aí caiu novamente na gargalhada.

Demoraria ainda bastante tempo antes de Arn saber a razão de tanta risada. No momento, ele se sentia apenas indignado. E sussurrou que talvez o irmão Guilbert fosse covarde. E isso motivou mais uma nova sessão de gargalhadas da parte de Guilbert de Beaune. Colocada diante da escolha entre ter o seu braço cortado e talvez se salvar como mutilada ou morrer, Sigrid escolheu a morte. Pensava que de outra maneira não poderia entender a vontade do Senhor. Com o coração pesado de tristeza, o padre Henri preparou-se para receber a sua confissão pela última vez, absolvê-la por todos os pecados e dar a ela a sagrada comunhão e a extrema- unção.

Na Festa de São Pedro, em fins de junho, quando o verão atingiu seu ponto alto e chegou a hora de cortar o feno nos campos, Sigrid faleceu tranqüilamente na casa de hóspedes do mosteiro. Simultaneamente, chegou a hora de o padre Henri e mais sete irmãos que o seguiriam viajarem na direção do sul. Enterraram Sigrid na igreja do mosteiro, debaixo do piso e diante do altar, marcando o lugar apenas com pequenos sinais secretos, visto que o padre Henri, agora, pensava muito mal da senhora Kristina e seu marido. Dois irmãos seguiram com a mensagem do seu falecimento para Arnäs e o convite para visitarem a campa de Sigrid quando quisessem e pudessem.

Durante as quatro horas da longa missa pela morte de sua mãe, Arn manteve-se de pé, ereto e tranqüilo, sozinho entre todos os monges. Apenas no momento dos cânticos, de vez em quando, qualquer coisa se quebrava por dentro do seu ser e ele, então, não podia evitar as lágrimas. Mas não sentia vergonha por isso, pela simples razão de que descobriu não ser o único que chorava.

No dia seguinte, começou a longa viagem para o sul, com uma primeira parada na Dinamarca. Arn sabia agora com certeza absoluta que a sua vida pertencia a Deus e que nenhuma pessoa, boa ou má, forte ou fraca, podia fazer nada a respeito disso.

Durante a viagem, Arn jamais se virou para trás.

Não é raro as coisas acontecerem de maneira completamente diferente do que se pensava. Aquilo que os de pouca fé chamam de

pequenas coincidências e os de muita fé chamam de vontade de Deus, às vezes pode mudar um acontecimento de tal maneira que ninguém consegue antecipar o que

vai ocorrer. Isso vale para homens fortes, convencidos de que são os artífices do

seu próprio destino, tais como Erik Jedvardsson. Mas vale também para homens que estão mais perto de Deus do que os outros e melhor do que ninguém deviam poder entender os Seus caminhos, tais como Henri de Clairvaux. E para esses dois homens os caminhos do Senhor, nos anos mais próximos, mostraram-se, sem dúvida, inesperados.

Quando o padre Henri mais seus sete seguidores e o garoto chegaram a Roskilde, a caminho do sul da Europa, ele estava firmemente decidido a prosseguir até o capítulo geral dos cistercienses em Citeaux, para apresentar a questão da excomunhão de Erik Jedvardsson e sua mulher, Kristina. Era uma questão de princípio de grande peso. Era a primeira vez que os cistercienses seriam obrigados a desistir de um mosteiro por motivo do capricho de um rei e de uma rainha mais ou menos importantes. Era também uma questão de significado decisivo para todo o mundo cristão: quem decide sobre a Igreja? A própria Igreja ou o poder real? A esse respeito, a polêmica existia há muito tempo, e não tinha que ser aquela rainha bárbara na Escandinávia, essa tal de Kristina, para se mostrar ignorante sobre a questão. Varnhem tinha que ser reconquistado a qualquer preço. Nenhum compromisso seria possível em relação a esse problema. E caso o padre Henri e sua companhia tivessem chegado a Roskilde alguns anos antes, ou alguns anos mais tarde, tudo teria corrido como planejado. A esse respeito, não havia nenhuma dúvida. Mas o padre Henri e seus seguidores chegaram a Roskilde justo no momento em que terminava uma violenta guerra civil de dez anos e uma nova e poderosa dinastia assumia o poder. O novo soberano chamava-se Valdemar e dentro de pouco tempo passaria a chamar-se Valdemar, o Grande. Finalmente, tinha conseguido matar seus adversários Knut e Svend, e antes da luta decisiva prometeu que, se vencesse, iria

erguer um mosteiro cisterciense, caso Deus o contemplasse com a vitória. Seu arcebispo, Eskil, em Lund, era sabedor desta promessa, visto que fora obrigado a assistir e a abençoar a luta antes do combate final. E o arcebispo Eskil era um velho amigo pessoal de ninguém menos que o próprio São Bernardo. E foi em casa de São Bernardo, em Clairvaux, que ele também se tornou amigo do padre Henri. Ao se reencontrarem em Roskilde, precisamente no momento em que a Igreja dinamarquesa convocava para um sínodo, eles não ficaram apenas alegres e satisfeitos de um modo geral, pelo reencontro em si. Ficaram também ligeiramente comovidos diante da sabedoria com que Deus podia guiar os passos do homem nos mínimos detalhes.

As partes se encaixavam umas nas outras com precisão miraculosa. Eis que chegava um prior cisterciense, justo no momento em que o novo rei devia honrar, ou esquecer, sua promessa diante de Deus de criar um novo mosteiro. Em vez de iniciar uma troca de correspondência de muitos anos com Citeaux,

tudo iria ser resolvido de imediato, visto que no local estavam um arcebispo e um prior.

O próprio rei Valdemar reconheceu a força da vontade de Deus, ao ser informado pelo seu arcebispo de que a sua sagrada promessa para com Ele, na realidade, tal como Deus tinha ordenado, poderia ser cumprida de imediato. O rei Valdemar separou uma parte da herança que recebeu do pai, um promontório que entrava no mar, em Limfjorden, na província de Jylland, denominado Vitskol, e ofereceu o terreno para a construção do mosteiro. O sínodo que praticamente já tinha sido convocado para Roskilde abençoou a iniciativa e em breve o padre Henri já poderia continuar a sua viagem como se apenas tivesse feito uma pausa para descansar um pouco, mas agora com um destino totalmente diferente do que seus dois mosteiros de origem, Clairvaux e Citeaux.

Quanto à questão de Varnhem e à excomunhão de Kristina e Erik Jedvardsson, não houve, evidentemente, nenhuma diferença em princípio. Mas uma diferença prática, visto que o problema agora

tinha que ser tratado por correspondência e, por isso, iria demorar um pouco mais. O padre Henri tinha, portanto, algumas cartas importantes a escrever antes de iniciar a viagem para Vitskol, mas demoraria pouco. Escreveu para Varnhem e deu instruções para que vinte e dois dos seus monges trouxessem o gado e, principalmente, todos os livros consigo e comparecessem para a construção do novo mosteiro em Vitskol. No entanto, cinco homens deviam ficar em Varnhem com a missão sinistra de tentar manter as construções em bom estado e defendidas de pilhagens e, ao mesmo tempo, contando para todo mundo a respeito da próxima excomunhão da senhora Kristina e Erik Jedvardsson, a quem essa delação devia prejudicar.

Depois, escreveu mais duas cartas, uma para o capítulo geral dos cistercienses e outra para o sagrado papa Adriano IV, para quem descreveu como imoral e bêbado esse Erik Jedvardsson que queria se entronizar como rei, apesar de ter permitido que sua mulher profanizasse um mosteiro. Depois disso, o padre Henri ficou pronto para partir para Vitskol, para onde o Senhor agora, sem hesitação, dirigia seus passos.

E para onde o Senhor dirigisse os passos do padre Henri, dirigia também os de Arn.

Erik Jedvardsson veio a sentir, rapidamente, a força da Igreja. Depois de ter conquistado uma das três coroas a que se propunha, despachou negociadores para se encontrarem com os juizes da Götaland Ocidental e da Oriental. Mas a resposta que obteve derrubou qualquer esperança sua. Para aqueles lados, Varnhem tinha funcionado como um exército de cavalaria, espalhando rumores e mantendo-os em fogo lento, de modo que a fumaça se espalhava por toda a superfície das duas províncias: Erik Jedvardsson e sua mulher, Kristina, seriam excomungados. Ninguém iria querer um soberano excomungado.

Por sorte, os sveas ignoravam o que estava se dizendo por lá ou então,

não entendiam o que a excomunhão significava. E, por isso, Erik continuou bem sentado como rei dos sveas. Pelo menos, até ver.

Duas coisas tinham que ser feitas, uma fácil e outra difícil. A fácil era mandar um grupo de negociadores para se encontrar com esse tal de monge francês que devia estar instalado, no momento, em algum lugar na Dinamarca e, por escrito, se humilhar e retirar tudo o que fora dito, e rogar aos monges para voltarem para Varnhem, garantir a eles o apoio real e pedir que Varnhem passasse a ser o mausoléu da sua própria dinastia, além de garantir mais terras para Varnhem e mais o que fosse que pudesse inventar. Seu bispo Henrik, que era um homem prático a serviço de Deus, garantiu a ele que a alternativa era um veneno pior do que tudo isso. Porque essa alternativa significava uma romaria até Roma, indo a pé e descalço, vestindo uma roupa de burel, em hábito de penitência, e chegando lá, avançar para o papa ainda descalço, jogando-se no chão e aos pés do Santo Padre. Isso não era só complicado e exigia tempo. Também era incerto o resultado. Não existia garantia nenhuma de que o papa se sentisse aplacado por essas artes. E não seria para se sentir bem vexado, tendo feito tudo aquilo para nada? Muito mais simples, portanto, era tentar apaziguar os monges, pois isso poderia ser feito com algumas cartas, umas poucas palavras bonitas e algumas terras, uma área muito pequena em relação a todas as terras do soberano. Por isso, essa era a maneira fácil de resolver o assunto. A maneira difícil seria a de tentar para sempre apagar a tagarelice sobre esse tal de rei ateu. A velha idéia de Erik de avançar com uma cruzada pela Finlândia estava sendo polida e o bispo Henrik considerava a idéia muito boa. Um rei que fosse ao mesmo tempo um bom lutador pela causa de Deus e de sua fé seria abençoado por todos. Portanto, o caminho para a conquista das outras duas coroas passava pela Finlândia.

Os sveas, que constituíam um povo guerreiro e que há muito tempo não tinham tido a oportunidade de mostrar isso para si e para os outros, concordaram alegremente com os novos planos reais de avançar numa cruzada de pilhagens pela Finlândia. Além de tudo, havia velhas contas a ajustar. Afinal, os finlandeses e os estonianos tinham por hábito atacar as costas da Svealand e, na memória dos homens, ainda restava a forte lembrança de como eles haviam pilhado e incendiado Sigtuna.

A guerra correu bem durante dois anos. Os sveas recolheram ricos despojos. O corvo voou para novas feridas. Sem dúvida, os finlandeses encontrados, na sua maioria, já eram cristãos, mas deixar que eles escolhessem entre a espada e serem batizados de novo por um bispo de Svealand não poderia prejudicar ninguém. Foram encontrados mais alguns infiéis no interior do país, já no segundo ano de guerra.

Um dia, os soldados de Erik encontraram uma velha bruxa ao se desviarem do caminho do exército para visitar alguns camponeses e pilhar comida. O estranho com essa mulher é que ela falava quase a mesma língua dos sveas e não se deixou amedrontar ao ser levada presa. Ao contrário. Exigiu em termos ásperos que fosse levada à presença do líder do exército, pois tinha uma proposta a fazer, proposta que o líder difícil-mente iria poder recusar. E que se os soldados não lhe obedecessem, ela iria condená-los à eterna infelicidade. Mais do que a curiosidade a respeito do que a bruxa poderia sugerir a Erik Jedvardsson e que este jamais poderia recusar, era o medo de ser amaldiçoado por uma bruxa. Por isso, os soldados fizeram o que ela ordenava. Quando escutou falar do que aconteceu, Erik Jedvardsson achou que isso podia ser um intervalo bem divertido para a noite e deixou que a bruxa fosse trazida, até que eles resolvessem acampar mais tarde ao anoitecer. Então, mandou chamar o seu carrasco para diante da tenda real, com o toco de madeira e o machado preparados. Seus homens mais chegados reuniram-se na expectativa de um bom divertimento, e, assim, foi só trazer a bruxa e jogá-la de joelhos perante o rei. — E aí, bruxa desgraçada, qual é a tal proposta que tem para me fazer que eu, como rei, não posso recusar? Diga lá, vamos ouvir! — gritou Erik em voz alta para a mulher na sua frente, suja, de joelhos e mãos amarradas. E riu, alegre, para seus homens com incontida hilaridade. — Minha nossa — soltou a mulher, roucamente, visto que um soldado a segurava pela garganta —, tenho uma proposta que qualquer rei inteligente jamais poderá recusar.

— É isso que todos nós queremos ouvir, mas, pense bem, o carrasco não está aqui para não fazer nada. Imagina, portanto, se eu disser

não? — respondeu Erik, ainda tão alegre quanto antes. — Deixe, então, que eu me levante e tenha as mãos desamarradas para que possa falar. Se o senhor disser não à minha proposta, irei imediatamente para o seu carrasco — replicou a mulher, rápida e seguramente. Erik fez sinal com a mão para que seus homens a libertassem, e em seguida mostrou, tão divertido quanto antes, que estava disposto a ouvi-la. Os seus homens em volta continuavam se divertindo com o que estava acontecendo.

A mulher corrigiu a sua postura e o cabelo, e clareou a voz, antes de falar.

— A minha proposta é a seguinte, rei Erik. Deixe que eu leia a sua mão e diga quem é e como seu futuro vai ser. Se achar que falei errado a seu respeito ou se o senhor não acreditar no que vou dizer que virá a acontecer, então poderá me mandar de imediato para o carrasco. Mas se o senhor acreditar no que eu disser, exijo que me dê um cavalo e uma carroça para eu voltar para casa, de onde fui seqüestrada.

Erik ficou logo pensativo e o riso dos homens se transformou em murmúrios. Todos acharam que aquela que estava tão segura a respeito das suas profecias, a ponto de arriscar a sua própria cabeça nessa crença, talvez, quem sabe, tivesse uma boa visão do futuro. Mas nem todos os homens gostariam de saber a respeito do seu futuro, visto que este pode ser ruim já no dia seguinte, uma flecha disparada da floresta onde ninguém viu o atirador, uma lança jogada por engano já no fim da batalha, quando, na realidade, mais nada está em jogo. E se alguma praga vai arrasar sua família, será que alguém vai querer saber disso justo neste momento, por antecipação? Era preciso coragem para querer saber o futuro.

Erik entendeu a coisa justamente dessa maneira, mas naquele momento entregar a bruxa tagarela ao carrasco seria demonstrar covardia. Em contrapartida, se ele primeiro a escutasse e depois mandasse cortar o seu pescoço, a sua posição ficaria muito melhor. — Muito bem — disse Erik Jedvardsson. — Vou ouvir as suas palavras. Se eu as achar boas, você terá minha palavra de rei que a mandarei de volta para casa, com cavalo e carroça. Se eu não achar

as suas palavras boas, vou deixar aqui e agora que o carrasco tome conta da sua vida. E vamos, então, ouvir o que você tem a dizer!

— Minha nossa — disse a bruxa explicando a coisa. — Temos que entrar a sós na sua tenda para que apenas o senhor ouça as minhas palavras. Um murmúrio de desapontamento perpassou entre os homens. Entrar só com uma bruxa podia não ser sensato. Erik viu o receio de seus homens e se indignou tanto quanto eles diante do atrevimento da bruxa. — E se agora eu disser não à sua proposta, se eu disser para que você fale, aqui e agora, qual é a sua profecia! — reagiu ele, com a sua voz de comando que, como de hábito, saiu grave e pesada. — Então, o senhor não ficará sabendo quem é e para onde vai, visto que seu futuro só ao senhor pertence e talvez acabe achando imprudente que todos tomem conhecimento dele. Mais tarde, o senhor poderá contar a quem quiser aquilo que quiser contar — respondeu a mulher, com uma tal segurança que parecia como se ela já soubesse que Erik iria concordar com a sua proposta. E ele concordou. A mulher foi revistada pelas mãos ousadas de soldados, procurando por qualquer coisa afiada que ela pudesse ter consigo. Erik voltou as costas e entrou na tenda e a mulher foi empurrada, brutalmente, para dentro, atrás dele.

Dentro da tenda, ela caiu imediatamente de joelhos diante do rei e pediu para ler a palma da mão dele. Recebeu, então, a mão real nas suas mãos, passando a estudá-la em silêncio.

— Eu vejo a Inglaterra... — começou ela, não muito segura. — Alguém na sua família... Seu pai veio da Inglaterra. Vejo Roma e esse homem a quem chamam de papa... Não, essa linha está interrompida aqui. O senhor vai a

caminho de Roma... Descalço... Como é que isso pode ser? Ah, não, essa viagem

acaba não acontecendo... É, seu futuro, na verdade, é muito interessante.

Erik Jedvardsson ficou gelado ao escutar as palavras verdadeiras a respeito das suas origens inglesas e de como ele quase fora obrigado a ir até o papa. Já estava impressionado.

— E aí, mulher! Já sei quem eu sou, agora diga qual é meu futuro, sem demoras! — ordenou ele, sem tremer muito a voz. — Eu vejo... Eu vejo três coroas reais. Um novo reino com três coroas, como marca nos escudos, e essa marca vai existir por mais de mil anos, por toda parte no seu reino, senhor. Parentesco após parentesco, rei após rei, por toda a eternidade, a sua marca vai subsistir. As três coroas significam três países que se unem em um só e poderoso reino, e daqui a mil anos essas três coroas vão continuar a ser a marca do reino, por toda parte, em todos os timbres, em todos os documentos.

— E o que é que vai acontecer com esse tal de papa? — perguntou Erik Jedvardsson, sentindo-se atingido e com a voz quase desfalecida. — Eu vejo o seu retrato por toda parte... — murmurou ela, em voz baixa. — Por toda parte, o seu retrato, a sua cabeça... Como santo, a sua cabeça em ouro em contraste com o azul do céu. O senhor começou por se portar mal perante o seu Deus... Daí a viagem interrompida para Roma... Depois se reabilitou e, por isso, o seu nome irá sobreviver para sempre. — O que você tem a dizer a respeito da minha morte? — perguntou Erik Jedvardsson, finalmente.

— A sua morte... A sua morte... O senhor quer saber, realmente, como será a sua morte? Poucos são os homens que querem saber como será a sua morte.

— Sim, diga alguma coisa!

— Não vejo isso bem... — murmurou a mulher que, de repente, como que ficou um pouco receosa do que acabara de ver. Mas logo se recompôs e soou, novamente, segura do que tinha a falar. — O seu nome vai viver para sempre e nenhum homem de mulher nascido e nenhuma mulher na Svealand ou nas duas terras de Gota podem matar ou até mesmo ferir o senhor — disse ela, rápido, levantando-se. Erik Jedvardsson que agora estava cheio de certezas, de que todos os seus sonhos se tornariam realidade e que, além disso, nenhum dos seus previsíveis inimigos iria poder matá-lo, saiu da sua tenda e, com voz forte, ordenou que uma carroça com cavalo fosse entregue a ela, que ninguém deveria molestá-la ou se dirigir a ela com palavras grosseiras, e que ela tinha toda a liberdade

garantida pelo rei.

Erik Jedvardsson viajou em seguida para casa, para Aros Oriental, de ânimo leve, perante o brilhante futuro que agora o esperava e do qual tinha a

certeza. Visto que nada tinha a recear, de nenhum homem, nem na Svealand,

nem na Götaland Ocidental, nem na Götaland Oriental. Magnus Henriksen não era, todavia, um homem de mulher nascido, nem na Svealand, nem na Götaland Ocidental, nem ainda na Götaland Oriental. Ele era dinamarquês.

Era um dos muitos grandes homens dinamarqueses que os ventos da guerra tinham feito voar como pedaços de palha pelo mundo inteiro, depois que Valdemar, finalmente, venceu a longa batalha entre a realeza da Dinamarca. Em fuga, deixando a Dinamarca, ele seguiu de navio pelo mar Báltico, parou por algum tempo em Linköping e teve uma conversa com o rei Karl Sverkersson, da qual ninguém soube nada, tendo depois continuado a viagem pela costa, entrando no lago Mälaren e subindo por uma lagoa, a Fyriån. Apanhou o rei Erik Jedvardsson de surpresa e foi ele, pessoalmente, que lhe cortou a cabeça, a tal que, segundo a bruxa na Finlândia, seria o símbolo do novo reino.

Ele se entronizou como novo rei, visto que tinha matado o anterior, o que naquele tempo era a maneira mais normal de se tornar rei na Escandinávia e por ser descendente direto, por lado de mãe, do antigo rei Inge, o Velho. Magnus Henriksen conseguiu viver por mais um ano. Erik Jedvardsson, por uma eternidade.

Ler é a base de toda a sabedoria. Era convicção absoluta do padre Henri que até homens como ele próprio, que tinha o texto como trabalho principal, para escrevê-lo ou copiá-lo, deveriam utilizar pelo menos duas horas de cada dia para o tipo de leitura que é alimento para a alma, uma espécie de prazer permitido.

As regras a respeito da leitura em Vitskol eram, portanto, muito rígidas. Até os irmãos que trabalhavam com as mãos como ocupação principal, tais como os cozinheiros provençais, os noviços que tinham como ocupação permanente a construção de muros ou o

corte de pedras, o irmão Guilbert e seus alunos ferreiros ou o irmão Lucien e seus alunos de jardinagem, tinham de ler todos os dias a respeito de assuntos que, eventualmente, nada tinham a ver com os trabalhos de que eles se ocupavam. Um pouco diferente era essa obrigação quando se tratava do pequeno Arn. Os primeiros quatro, cinco anos de leitura não estavam destinados a outra finalidade prática que não o aprimoramento do seu instrumento de comunicação, a linguagem. Pela mesma razão, ele era obrigado a falar em latim com o padre Henri, sempre em francês com o irmão Guilbert e sempre em nórdico com os noviços nórdicos. Os textos com que ele se ocupou durante os primeiros anos eram na maioria salmos, visto que, de qualquer maneira, precisava conhecê-los bem. E ele também era um soprano muito competente que, usado como primeira voz, atribuía uma beleza extraordinária às missas matinais e vespertinas.

Cinco anos depois, a igreja do mosteiro de Vitskol, finalmente, ficou pronta e seria abençoada pelo arcebispo Eskil, que partiu de Lund. Ao mesmo tempo que a igreja seria inaugurada, o mosteiro também receberia seu nome, pois todos os mosteiros cistercienses tinham nomes próprios. Para Vitskol, o padre Henri já há muito tempo tinha decidido que o nome seria *Vitae Schola*, a Escola da Vida.

Arn tinha alguma coisa a ver, evidentemente, com a escolha do nome. Normalmente, já não existiam mais coroinhas nos mosteiros e, portanto, Arn era a única criança entre os monges. Mesmo considerando que era impossível dizer por que razão Deus tinha colocado uma criança entre os irmãos cistercienses, era fácil constatar que a *Vitae Schola*, a Escola da Vida, era um nome que se adequava a Arn. Tudo o que, de importância, tinha aprendido na vida, ele tinha aprendido no mosteiro, entre os cistercienses. E, agora, no momento em que o garoto começava a ter o instrumento lingüístico sob controle, o padre Henri deixou que ele entrasse de cabeça na grande literatura. Arn continuou trabalhando, tendo que ler, obrigatoriamente, todos os dias, tal como todos os outros. O padre Henri estava convencido de que a literatura laica era quase tão importante quanto a literatura teológica para a formação

intelectual de qualquer jovem. Era necessário, no entanto, que o padre Henri tivesse um certo cuidado, visto que Arn, desde o início, tinha por hábito entrar e sair do *scriptorium* um pouco à vontade demais e, por vezes, encontrava livros inconvenientes para garotos da sua idade.

A idéia de ler Ovídio, por exemplo, era para que Arn se concentrasse em *Metamorfoses*, quase duzentas sagas sobre transformações mágicas, textos que ensinavam ao leitor muita coisa sobre lendas e culturas que integravam o Império Romano. Em compensação, foi um sucesso menor quando o garoto pegou o *Ars amatoria*, a Arte de amar. O padre Henri foi descobrir Arn com esse livro na mão a um canto da cozinha. Além disso, Arn se mostrava excitado, de uma maneira pouco salutar e que a natureza masculina não poderia esconder. Naturalmente, o padre Henri aplicou, então, uma punição adequada, uns banhos frios e um certo número de orações e o mais que fosse adequado, mas não estava tão preocupado a respeito do problema como se mostrou. Ao contrário. Chegou mesmo a contar, alegremente, toda a questão para o irmão Guilbert, que riu bastante do insuspeito pecado do garoto. Os textos menos apropriados de Ovídio foram levados pelo padre Henri para a sua cela e a escolha da literatura para Arn ler nas horas livres passou a ser feita com mais precisão e cuidado.

Germania, de Tácito, por exemplo, era uma leitura perfeita para um garotinho de origem igualmente bárbara. Segundo o padre Henri, talvez Tácito tivesse uma razão de motivação política interna para descrever esses germanos como exemplo a seguir pela depravada população romana. Mas todos os

conhecimentos sobre o passado da humanidade, inclusive aqueles que diziam

respeito aos tempos e aos rituais pagãos, segundo o padre Henri, podiam servir como bons esclarecimentos. A *Epistulae*, de Horácio, ou, em especial, a *Ars poética* eram exemplos perfeitos para uma boa educação a ser extraída dos autores clássicos. Por vezes, um tanto teóricos, mas aí era só mudar para Virgílio, de preferência, lendo *Aeneidos*, *A Eneida*, justamente o que o garoto fazia agora. Arn

chegou, corado, contando a respeito da rainha Dido, em Cartago, e do episódio seguinte, quando Virgílio foi obrigado a se esconder para ver o futuro de Roma.

A leitura era a base para todos os conhecimentos e para todos os pensamentos puros e inteligentes. A esse respeito todos estavam de acordo, é claro. Mas o padre Henri, possivelmente, se diferenciava um pouco de muitos dos seus colegas. Achava que até os garotinhos deviam ter acesso a esses textos, a tempo, antes de endurecerem demais dentro da ciência teológica, nunca podendo ler uma linha sem pensar se isso seria das Sagradas Escrituras e se o texto lido devia ser interpretado literalmente, alegoricamente, moralmente ou anagoricamente, as quatro alternativas existentes para a interpretação da Bíblia. Por outro lado, naturalmente, não seria possível esquecer a formação teológica de Arn. Por enquanto, existiam apenas dois exemplares do livro mais lido na época, na *Vitae Schola*, o das instruções de como a Bíblia devia ser lida, *Glossa Ordinária*, um livro que todos os irmãos sempre buscavam. Entretanto, padre Henri providenciou para que Arn tivesse acesso a esse texto no máximo de tempo possível.

E para evitar novas situações penosas no estilo dos textos inconvenientes de Ovídio, Arn ficou obrigado a pegar todos os livros, diretamente, das mãos do padre Henri. Dessa maneira, pelo menos uma hora por dia seria dedicada a ensinar-lhe o que era fácil e o que era difícil de entender nas Sagradas Escrituras.

Em segredo, o padre Henri se sentia muito satisfeito diante do ardor com que Arn chegava correndo para receber novas instruções de leitura ou para ser testado a respeito dos textos bíblicos do dia anterior. A idéia era a de que o menino devia ser formado, metade no uso das mãos e metade no uso do espírito. Sabendo que ainda não estavam claras quais as intenções de Deus para com o garoto, esse método, de qualquer maneira, não podia ser considerado errôneo.

Eventualmente, e sem que se fosse pensar mal dele por esse motivo, podia-se considerar que o tempo passado junto do irmão Guilbert era mais agradável do que o tempo passado no *scriptorium*, que o tempo junto dos noviços que construía os muros, e onde

Arn era usado para buscar argamassa e levá-la para lugares onde seria difícil para um adulto se infiltrar, era mais agradável do que o tempo em que ele era obrigado a servir na cozinha, que o tempo passado

no porto e a pescar no fiorde era mais agradável do que o tempo passado a

exercitar uma voz difícil para a próxima grande missa. O padre Henri pensou bastante e chegou à conclusão de que ele próprio, como menino, também valorizaria todos esses deveres diferenciados de maneiras muito diferentes. Mas no pequeno Arn ele não notava nada disso. Era como se Arn, com o mesmo ardor, assumisse tudo da maneira como o nome do mosteiro, realmente, queria significar: *Vitae Schola*, a Escola da Vida. Portanto, desse menino podia surgir qualquer tipo de homem. Ele poderia terminar seus dias como prior num mosteiro, da maneira como o padre Henri enxergava a coisa. Poderia também se transformar no oposto, algo que o irmão Guilbert só ousava falar em segredo e o padre Henri dizia que não era para falar alto. Mas o problema era que as intenções de Deus em relação a Arn ainda não tinham sido demonstradas com clareza. Por isso, o remédio era continuar como até aqui, isto é, dar ao espírito aquilo que lhe pertencia, e à mão, o que era devido.

O padre Henri tinha transferido seus livros de consulta diária para um corredor junto do jardim e estava sentado, então, profundamente concentrado num dos problemas clássicos da teologia: por que razão Deus, depois que o Diabo, através da serpente no Paraíso, enganou o homem e o levou a pecar, foi obrigado a corrigir a situação, renascendo como homem, para ser torturado e morrer para salvar os homens. Por que não usar apenas o seu ilimitado poder divino?

É evidente que o Diabo enganou o homem insidiosamente, como um ladrão. E ladrão não tem direito nenhum. Mas mesmo que se retirasse o Diabo da equação, ainda assim permanecia a dívida do homem perante Deus. E por que razão Deus não mandou um dos seus anjos para resolver a questão?

Primeiro, porque nenhum dos anjos do Senhor poderia se colocar no

lugar do homem e, por isso mesmo, também não poderia pagar sua dívida. E, segundo, mesmo que isso fosse possível, o homem, mais tarde, ficaria com uma eterna dívida de gratidão para com algum dos anjos de Deus, em vez de para com Deus propriamente. Por isso, só se colocando no lugar do homem, o que apenas Deus podia fazer, Ele poderia pagar a dívida dos homens e absolvê-los do pecado original.

Até aí, tudo lógico e claro. Até aí o padre Henri chegava à conclusão de que a explicação era, sem dúvida, elegante, já que derrubava todas as velhas polêmicas a respeito dos direitos do Diabo na questão. Mas essa explicação não bastava, existia uma falha. Deus poderia, pura e simplesmente, por compaixão, ter perdoado o homem. Parecia muito mais simples perdoar uma coisa dessas, no Paraíso, deixando que ele provasse o gosto do fruto proibido, do que, muito pior, ter deixado que o Filho de Deus morresse na cruz e na dor em vez de Barrabás.

Se Deus quisesse apenas descer até os homens na figura de um homem,

poderia tê-lo feito e resolvido tudo em uma semana. Mas, em vez disso, Ele achou que devia nascer como criança e viver, depois, uma vida longa, até o momento do sacrifício final. Portanto, a vida de Jesus na terra tem um significado, um grande significado.

O Filho de Deus, portanto, teria vivido na terra uma vida inteira como modelo a seguir pelos homens? É, assim devia ser! Na Sua vida na terra, os homens podiam ver como deviam viver e como deviam escutar as Suas palavras e, ainda, aprender com as palavras. Como ficariam muito mais pobres as Sagradas Escrituras sem as palavras do próprio Deus? O padre Henri sentiu uma onda de satisfação interior, como se um calor energizasse todo o seu corpo, ao chegar à verdade, de maneira lenta, sem exigir de si mesmo nenhuma pressa. Tais momentos eram os melhores. E, então, chegou Arn, correndo, com pressa, e de pés molhados. Estava chegando direto do lavatório. Era contra as regras passar das tarefas braçais para as tarefas espirituais sem, primeiro, se lavar no banheiro. Nas duas últimas horas, ele havia trabalhado na torre da

igreja do mosteiro, botando massa nas paredes. E havia trabalhado no final do que parecia, quando se decidiu marcar a data para a inauguração da igreja. Os andaimes tinham ainda que ser retirados, antes que o arcebispo Eskil chegasse para abençoar a igreja. Entretanto, ao começar a retirada dos andaimes, foi possível ver melhor. E o irmão Guilbert e o irmão Richard, lá embaixo, olhando bem, descobriram algumas rachaduras que precisavam ser fechadas, o que ainda estava por fazer. Arn teve que subir aqui e ali, como uma pequena marta, para realizar todas as melhorias exigidas. Como ainda era pequenino, comparado com todos os outros, Arn era o único que, sem medo e enfrentando grandes dificuldades, podia subir até lá em cima sem os andaimes. As alturas não eram para ele, efetivamente, uma coisa que lhe agradasse. Mas estava convencido de que Deus não iria consentir que ele sofresse mais um acidente, já que era apenas uma criança e estava trabalhando numa obra em Sua honra. Foi assim, pelo menos, que Arn se explicou perante alguns dos irmãos quando lhe fizeram uma pergunta furtiva a respeito de grandes alturas e medos. Talvez não fosse totalmente verdadeira a sua resposta. Não que ele tivesse mentido. Na *Vitae Schola*, ninguém mentia. Isso seria um pecado grosseiro contra as regras do mosteiro. Mas Arn estava convencido, também, de uma coisa que lhe tinham ensinado desde muito pequeno, que Deus tinha uma missão especial para ele desempenhar na vida. E essa missão não podia ser apenas a de fazer com que ele ficasse botando argamassa nas paredes ainda criança, para depois perder o equilíbrio, cair e ficar aleijado ou morrer, como aconteceu com dois noviços durante a construção. E, por isso mesmo, não sentia medo nenhum.

Mas responder desse jeito, se alguém lhe fizesse a pergunta, seria uma demonstração de arrogância, seria acreditar que era superior aos outros. E isso seria um pecado maior, talvez até mais pesado do que mentir. Uma vez ele havia caído de uma torre bem alta. Não se lembrava muito bem de como fora, mas havia lido a história dessa queda num apontamento feito no livro de memórias de Varnhem, e

o padre Henri disse para ele como se devia entender tudo. Deus quisera poupar a sua vida para uma missão futura, uma grande missão. Isso era o mais importante na interpretação da história, qualquer um podia ver isso.

Desde alguns anos antes, todo o trabalho de leitura cada vez mais se desenvolveu nesse sentido: como interpretar os textos e, acima de tudo, as Sagradas Escrituras, e era para esse fim que Arn estava chegando agora, já um pouco atrasado, ofegante, descalço, mas de pés lavados, quase escorregando nos azulejos do chão do corredor onde se encontrava o padre Henri. No entanto, o padre Henri não o repreendeu e mostrou até que estava de bom humor. Ficou sentado, como que concentrado em pensamentos longínquos, com um sorriso de satisfação nos lábios e afagando lentamente a pequena cabeça raspada do garoto, por momentos, antes de dizer qualquer coisa.

Arn, que tinha se sentado ao seu lado, num banco de pedra, viu que o livro Glossa Ordinária estava aberto diante do padre Henri e ainda que ele estivesse longe demais para poder ler o texto, podia adivinhar bastante bem onde, mais ou menos onde o livro estava aberto. — Bem — disse o padre Henri, após um momento em que ele, quase contrariado, abandonou o mundo dos seus pensamentos. — Vamos começar justo neste texto que vais cantar como solo no final da missa da inauguração... Como entender... Aliás, canta as primeiras estrofes para mim!

*"O Senhor é meu pastor;
nada me faltará,
Deitar-me faz em pastos verdejantes;
guia-me mansamente a águas tranqüilas.
Refrigera a minha alma; guia-me nas veredas da justiça
por amor do seu nome."*²

Arn cantou, obedientemente, com a sua voz clara de soprano, de tal modo que os irmãos, trabalhando na horta, agachados, se levantaram do seu trabalho, apoiaram-se nas suas ferramentas e ficaram escutando, com sorrisos enternecidos. Todos amavam a voz do garoto.

2 Citado da Bíblia, na versão de João Ferreira de Almeida. Daqui em diante, todas as citações bíblicas são da mesma versão. (N. do T.)

— Ótimo, ótimo, podemos ficar por aí — exclamou o padre Henri. — E vamos agora entender esse texto. Vamos traduzi-lo moral ou literalmente? Não, claro que não. Então, como?

— É evidente que o texto é alegórico — respondeu Arn, inspirando fundo. Precisava de um pouco mais de ar. Tinha começado a cantar quando se recuperava da corrida e ainda não estava recomposto. — Queres dizer, portanto, que, de fato, nós não somos carneiros, meu filho? Claro, é evidente que não. Mas por que essa comparação? — Ela é clara, fácil de entender — refletiu Arn, mostrando uma pequena ruga na testa. — Todos já vimos rebanhos de carneiros, e tal como os carneiros precisam do seu pastor para sua defesa e encaminhamento, nós precisamos de Deus. Ainda que sejamos pessoas e não carneiros, o nosso Deus como que se transforma e passa a ser nosso pastor.

— Muito bem — disse o padre Henri. — Até aqui não foi muito difícil. Mas o que é que significa "(Ele) refrigerou a minha alma; guia-me nas veredas da justiça por amor do seu nome." Será que os carneiros têm alma? — Não — respondeu Arn, refletidamente. Ele já esperava as muitas armadilhas da lógica do padre Henri, mas já tinha afirmado que o texto devia ser traduzido alegoricamente. — Como, desde o início, a alegoria é patente... Essa de os carneiros nos representarem... Portanto, o texto seguinte deve ser interpretado literalmente. O Senhor refrigerou, de verdade, as nossas almas. — Tudo bem, tudo bem — exclamou o padre Henri e sorriu, com um ar de esperteza que costumava assumir quando encontrava uma armadilha lógica. — Mas e no seguimento "guia-me nas veredas da justiça por amor do seu nome". Que caminhos são esses? É conteúdo literal ou alegórico? — Não sei — replicou Arn. — Talvez possam ser ambas as coisas? — Como assim? Um texto que pode ser lido literal e alegoricamente? Vamos ter que esclarecer essa questão, meu filho. Vamos lá. — Na linha anterior, diz-se que Deus refrigerou as nossas almas, portanto, trata-se de uma aproximação

literal a nosso respeito e não a respeito de quaisquer carneiros — começou Arn, para ganhar um pouco de tempo, a fim de pensar e se concentrar nisso ao máximo. — Mas Deus, é claro, pode nos conduzir pelos caminhos da justiça, literalmente falando, caminhos pelo chão, caminhos que a gente vê, caminhos percorridos por cavalos, por carroças de bois e por gente. Se Ele quiser, pode nos conduzir até diretamente para Roma, por exemplo, não é verdade? Hum. — reagiu o padre Henri, mostrando-se um pouco mais duro. — Não pode ter passado despercebido para você, meu filho, que essa de caminhos para aqui e para ali pertence ao grupo das metáforas mais habituais nas Sagradas Escrituras? No momento em que os caminhos de Deus podem ser espirituais, seria impossível ver caminhos de bois no nevoeiro ou não?

— Não, claro que não, os caminhos da justiça indicam, na realidade, caminhos que não se vêem, caminhos para a redenção e assim por diante. Portanto, alegóricos.

— Muito bem, onde é que nós estávamos? Como é que é o verso seguinte... Não, não precisas cantá-lo, não. Se não, os irmãos lá na horta vão parar novamente, não é verdade?

— “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque tu estás comigo” — prosseguiu Arn, rapidamente. — O conteúdo deve ser geral, acho eu. Se me encontrar em grandes dificuldades, se estiver perto da morte, como quando eu estava lá em cima na torre, com a argamassa na mão, por exemplo, eu nada receio, porque Deus está comigo. As palavras “sombra da morte” devem ser alegóricas. A morte não tem como lançar a sua sombra, literalmente falando. E não existe nenhum vale especial onde eu pudesse andar debaixo dessa sombra. E mesmo que existisse, uma idéia puramente teórica, não seria apenas nesse lugar que eu encontraria consolação. Nem mesmo no vale mais escuro, isto é, nem nos momentos mais sombrios, na tristeza e no perigo, preciso duvidar ou desesperar. Mais ou menos isso, não é verdade? Quando Arn cresceu e seu velho arco e flecha ficou pequeno demais, acabou-se aquele prazer, que, no entanto, era considerado como trabalho no seu caso específico. O seu campo de

treinamento estava localizado logo em frente da ferraria e, por isso, podia dar uma saída de vez em quando para atirar, durante as muitas pausas naturais no trabalho, enquanto o ferro esfriava ou uma nova forja era acesa. Um dia, o irmão Guilbert também deu uma saída e viu como o garoto, sem hesitações, mas também sem se mostrar especialmente interessado pela ação, atirou doze flechas em seguida num alvo em movimento de pêndulo, um conjunto de trapos, enrolados uns aos outros, com correias em volta e suspensos por uma corda fina.

Estava na hora de começar de novo. Porque tão importante como fora o irmão Guilbert ter encontrado um instrumento que, colocado nas mãos de Arn, estava ajustado ao seu tamanho e à sua força, também era importante treinar com a energia máxima do pensamento. Caso fosse feito sem concentração, o treinamento sairia confuso e teria um efeito negativo. O irmão Guilbert achava esta idéia difícil de explicar até para adultos. Para Arn, ele não precisou explicar muito, visto que a obediência era uma das regras mais importantes do mosteiro. Acharam madeira de teixo, material bom para um novo arco, e freixo para as flechas. Isso porque uma vez mudado o arco, havia que mudar também as flechas, visto que tudo devia estar nas proporções certas para funcionar bem em conjunto, assim como os movimentos das mãos e a força do pensamento devem estar em equilíbrio.

Levou bastante tempo, desde a fria primavera, quando apenas os galantos conseguiam aparecer, abrindo brechas no gelo, até o início do verão,

quando as tulipas se desenvolveram como longas fitas vermelhas na beirada dos

caminhos, para aprontar o novo arco e suas flechas. E Arn era obrigado a estar presente e a aprender cada momento da produção, como a madeira precisava secar no escuro e a uma temperatura moderadamente fria, como cortar lâminas de várias partes da madeira, lixá-las juntas de forma semelhante, grudá-las umas nas outras com goma de peixe e colocá-las na prensa, para depois lixar o conjunto novamente. com as flechas, evidentemente, era mais

simples, embora o trabalho fosse o mesmo, só o comprimento é que era menor. E quanto às pontas, sua produção era uma das tarefas mais simples do ferreiro e Arn já conseguia produzi-las sem ajuda. Finalmente, quando chegou a hora de começar a experimentar a nova ferramenta de trabalho, o irmão Guilbert modificou inclusive o alvo de dezoito passos longos de homem para vinte e cinco. Para Arn, nos primeiros dias, foi como se estivesse começando de novo. Era difícil e exigia muito esforço na hora de esticar o novo arco, e o esforço influenciava a direção das flechas, de maneira que, às vezes, ele errava o alvo totalmente. Mas quando Arn se mostrava desiludido, o irmão Guilbert vinha logo ao seu encontro e ralhava com ele por se mostrar preguiçoso e com falta de confiança, um pecado mais ou menos tão ruim quanto o outro. E Arn tinha que rezar um certo número de padre-nossos, de joelhos, diante do arco e das flechas, como punição antes de ser chamado de novo para o treinamento.

Nesses momentos, o irmão Guilbert se sentia tentado a contar para o garoto que ele atirava muito bem; sem dúvida, melhor do que a maioria dos adultos mais bem treinados. Mas Arn nunca teve a oportunidade de se comparar com qualquer outro, a não ser com o próprio irmão Guilbert, como se existissem apenas dois arqueiros em todo o mundo. O irmão Guilbert sempre silenciou a respeito da sua vida pregressa e daquilo que fez com que ele terminasse essa vida e entrasse para um mosteiro cisterciense em permanente penitência. O padre Henri tinha proibido que ele contasse sua história para Arn. Até alguns anos antes, o irmão Guilbert e Arn ainda tinham o seu pequeno campo de tiro ao arco fora dos muros do mosteiro, dos que já estavam prontos e dos que estavam em construção, pelo fato de alguns dos irmãos acharem ofensivo que esse tipo de atividade acontecesse diante dos seus olhos na área interna.

Mas, um dia, um grupo de soldados a caminho de casa e vindo de Fyn, todos de bom humor, pois a guerra tinha acabado e em breve iriam rever seus entes mais queridos, parou diante do mosteiro, no lugar onde Arn treinava. Antes de mais nada, acharam extremamente cômico que um noviço com o alto da cabeça rapada, capuz marrom e tufos de cabelo esvoaçando sobre as orelhas,

estivesse com arco e flecha nas mãos. Era uma imagem impossível, algo que não podia acontecer.

Lançaram algumas piadas no ar, mas, depois, pararam para observar o jovem e talvez, quem sabe, dizer mais algumas piadas. O irmão Guilbert, que estava ao lado de Arn e lhe dava instruções, fingiu que não entendia a língua nórdica ou, pelo menos, que não tinha escutado nenhum comentário. — Mas os soldados ficaram em silêncio rapidamente. É que aquilo que eles viram não poderia ser verdade, de acordo com o bom senso. O pequeno noviço, a dezoito passos de distância, acertava uma flecha atrás da outra no espaço da palma de uma mão e quando falhava por um dedo ou dois parecia ficar descontente e pedia desculpa ao seu instrutor, concentrando-se ainda mais no tiro seguinte. Em silêncio os soldados se afastaram. E, um pouco mais à frente, começaram a discutir em alto e bom som a respeito de alguma coisa. O irmão Guilbert entendeu muito bem a perplexidade dos soldados recém-dispensados. Isto porque nenhum deles nem o próprio irmão Guilbert jamais tinham visto uma criança com tal capacidade e competência. Mas Arn não entendeu nada, nem naquele momento, nem mais tarde. Para ele, existiam apenas o irmão Guilbert e ele próprio e, por comparação, Arn ainda era o pior arqueiro do mundo. O padre Henri se mostrou, muitas vezes, relutante em discutir o assunto. Achava que Arn lia bastante e era suficientemente maduro para um garoto cuja voz ainda não tinha começado a engrossar. tuga estivesse esse dia. Se bem que fosse inevitável. O padre Henri não se considerava uma cabeça muito precoce quando criança. Lembrava-se de ser mais ou menos como Arn, tal como ele o via. O mais importante, no entanto, era a paixão com a qual tanto ele quanto Arn estudavam. E se lembrava, com um sorriso maroto, de como ele próprio, ainda muito jovem, lançava mão a livros que eram impróprios para garotos e, uma vez apanhado em flagrante, recebia punições semelhantes às que aplicava agora a Arn, pelo mesmo motivo. Mas o importante era a inspiração pela leitura, o desejo de aprender e a perseverança. Deus dava um poder de compreensão,

mais ou menos igual para todos, e era da responsabilidade de cada um encher essa compreensão de conteúdo, e aproveitar ao máximo os seus talentos. Contra esta lógica, o irmão Guilbert tinha uma objeção muito simples. Se assim fosse, Deus estaria dando, também, a todos a mesma capacidade de atirar com arco e flecha ou manipular a espada. E não era esse o caso. Alguns, notadamente, tinham menos dessa capacidade e outros, muito mais. E o pequeno Arn era dos que tinham muito mais desse talento. Segundo ele, jamais havia encontrado na vida alguém, jovem ou adulto, que se lhe pudesse comparar.

Esta opinião deixou o padre Henri pensativo. Porque era improvável que alguém tivesse encontrado tantos homens de armas quanto o irmão Guilbert. Isso era fácil de admitir. E, por outro lado, era impossível que o irmão Guilbert estivesse mentindo para o seu prior.

Enfim, o padre Henri achou desconfortável discutir esse assunto e chegou a um acordo com o irmão Guilbert, quer dizer, proibiu-o de incutir quaisquer bobagens na cabeça do garoto. E acabou acontecendo que Arn jamais entendia quando fazia as coisas bem, atirando com o arco e flecha ou manipulando a espada, mas, em contrapartida, sempre entendia ou se lembrava, bruscamente, das vezes que errava.

Aliás, Arn ainda não tinha usado nenhuma espada de verdade nos seus treinamentos. Mas também não era preciso muito mais para o irmão Guilbert imaginar o que viria a acontecer quando o garoto ficasse com braços mais fortes e pudesse passar de varas de pau para o aço. Para manobrar a espada, a rapidez da visão e do pensamento, o equilíbrio nos pés e a sensibilidade das mãos eram mais importantes do que a força dos braços. Aquilo que o irmão Guilbert tinha visto quando jovem, a respeito de como os homens nórdicos manobravam a espada, o levou a considerar que a técnica desses bárbaros tinha por base, quase unicamente, a força. As espadas deles eram curtas, visto que quase nunca combatiam a cavalo. Achavam que os cavalos não serviam para a guerra, por muito estranho que isso parecesse. E como ficavam de pé, em linha, juntos uns dos outros, mais ou menos como os velhos romanos e

gregos, mil anos antes, embora não chamassem a esse posicionamento de falange, mas de legião, a sua técnica era a de golpear de cima para baixo, desfechando o golpe pela esquerda ou pela direita. Como todos os homens, com, pelo menos, alguma coisa parecida com um escudo e, pelo menos, com um mínimo de instinto de preservação, podem parar qualquer desses golpes sem precisar pensar ou mudar de posição, a luta continuava até que um dos dois se cansava e o outro, mais ou menos por acaso, acertava no crânio do adversário. Nessas circunstâncias, era natural que, no final, — ganhasse aquele que tivesse o braço mais forte. Arn recebeu treinamento, nos primeiros quatro anos, com uma espada de madeira envolta em pano e o irmão Guilbert, metodicamente, incutiu no garoto o ritmo de três momentos, de modo a que esse ritmo ficasse automatizado e permanecesse para sempre. Golpe de cima pela esquerda, golpe de baixo pela direita e, depois, golpe de ponta, direto, ou novo golpe lateral. Milhares e milhares de vezes, os mesmos movimentos. Dessa maneira, a primeira coisa que Arn aprendeu foi o ritmo e o deslocamento. A segunda, foi aprender a controlar a sua irritação, visto que o irmão Guilbert sempre o acertava no terceiro momento, durante os primeiros dois anos. Só a partir do terceiro ano, Arn passou a controlar bem a movimentação dos pés, deslocando o corpo no tempo certo, como numa canção bem aprendida, de tal maneira que conseguia evitar o terceiro e doloroso golpe.

No quarto ano, o irmão produziu uma nova espada de madeira, mais pesada, na qual introduziu uma folha de metal. Era importante que a espada de

madeira nas mãos tivesse o peso certo em relação com a força de seus braços,

uma relação que se repetiria mais tarde na vida com a espada metálica. E assim como as flechas, tinham que ser mais duras. Por isso, o irmão Guilbert teve que realizar muitas experiências antes de fabricar as armas certas. Foi no treinamento com a espada que o irmão Guilbert descobriu que o garoto, tal como na ferraria, tanto usava a mão esquerda quanto a mão direita. Em qualquer outra

situação no mosteiro, os professores de Arn tentavam, tal como o faziam no *scriptorium*, desabitua-lo de utilizar a mão imprópria. Mas para o irmão Guilbert essa questão se punha de maneira um pouco diferente. Consultou a sua consciência e consultou Deus. O padre Henri ele não consultou. Não queria que ele se metesse no assunto. Em breve, chegou à conclusão de que não se tratava de um canhoto normal. Esse tipo de homens existia, e o irmão Guilbert já tinha se defrontado, de espada na mão, com um desses. E não era fácil, ele sabia. Era como se tudo o que a pessoa aprendera tivesse que ser virado do avesso. Por isso, desde o início, ele treinou Arn no uso das duas mãos, mudando de um dia para outro ou de uma semana para outra. Entretanto, não conseguiu nunca distinguir qualquer diferença na técnica de Arn, a não ser que o braço esquerdo parecia um pouco mais forte do que o direito. Mas isso significava também que, desde o primeiro momento, foi possível introduzir um segredo na técnica do garoto. De repente, ele podia jogar a espada de uma mão para outra e circular depois, colocando-se a favor do sol na luta e colocando o seu adversário contra o sol. Caso o adversário estivesse vestido pesadamente e uma vez colocado na incerteza, essa mudança de tática repentina teria um efeito mortal. O irmão Guilbert sabia muito bem que esses pensamentos, eventualmente, eram pecaminosos. E falou deles, em confissão, para o padre Henri, mas explicou que, uma vez sendo a sua missão a de ensinar o garoto, então, ele teria que ensiná-lo o melhor possível. Enquanto Deus não indicasse qual o Seu desejo em termos de missão a cumprir na vida pelo garoto, não fazia diferença nenhuma ler Ovídio, escondido, de faces coradas, ou segurar a espada com a mão esquerda, não é verdade?

Por sua vez, o padre Henri, ao consultar Deus, recebeu como resposta que, enquanto Arn mostrasse o mesmo ardor na leitura quanto nas brincadeiras de guerra com o irmão Guilbert, tudo estaria bem. Ruim seria se ele começasse a preferir flechas e espadas à Glossa Ordinária. Felizmente, Arn não demonstrava qualquer tendência nesse sentido.

E enquanto o padre Henri sempre predicava aplicação e disciplina, pureza e orações, o irmão Guilbert predicava sempre movimentação

e mais movimentação, movimentação e aplicação. Era igualmente importante, tal como na música, aprender a sentir quando a flecha devia partir na direção de um lugar futuro onde ela iria se encontrar com o alvo em movimento. Assim, também era importante movimentar os pés o tempo todo, jamais ficar parado, à espera do

golpe do adversário. E quando o golpe viesse, estar em outro lugar, para, no

momento seguinte, executar o seu golpe. Aplicação e disciplina. Pureza e orações. Movimentação, mais movimentação, movimentação e aplicação. Arn seguia todas essas regras com a mesma facilidade com que cumpria as de obedecer e amar todos os irmãos, sendo estas as duas regras mais importantes do mosteiro. Depois, vinha a terceira regra, a de falar sempre a verdade, e depois dessa, as outras, mais ou menos importantes, e às vezes quase incompreensíveis, como as de sentar à mesa de jantar e as de se recolher no horário certo. Aliás, não era nada difícil para ele seguir essas ordenações divinas. Ao contrário, era com satisfação que as cumpria. Às vezes, pensava em como as outras crianças viviam. Tinha vagas recordações de escorregar na neve, de correr com o arco e de outras brincadeiras de criança. Talvez sentisse um pouco a falta dessas coisas. Entretanto, todas as noites, na última oração do dia, ele rezava pela alma de sua mãe e, então, sentia a falta do seu hálito, da sua voz e das suas mãos. Também rezava pelo seu irmão Eskil, recordando o momento em que os dois se separaram, chorando, sendo puxados cada um para o seu lado. Mas entendia, achava que, de qualquer forma, a maior felicidade para qualquer menino era de poder compartilhar seu tempo com todas as maravilhas que vêm nos livros e com todos os trabalhos que o irmão Guilbert proporcionava, às vezes pontilhados por pingos de suor e por lágrimas de dor. Diante de Deus, Magnus Folkesson prometeu cinco anos de luto por Sigrid, antes de se casar novamente. Entre os seus parentes, esta decisão causou espanto. Não era comum que um homem, ainda bem ativo, e com apenas um filho por herdeiro se contivesse por tanto tempo, renunciando a ter novos filhos e a fortalecer a família com novos laços. Magnus encontrou algum

consolo com Suom e teve até um filho bastardo com ela. Mas Arnäs tornou-se uma fortaleza triste onde não acontecia ou mudava muita coisa. Depois da morte de Sigrid, Magnus sentiu um vazio e não conseguia ter novas idéias no seu comércio e seus negócios. Tudo continuava nos trilhos de antigamente.

Alguma coisa ele construiu, completando os muros e dois lugares de descanso no caminho para Tiveden. Construir caminhos era uma tarefa agradável, divina, e ele tinha prometido fazer essa construção quando, pela primeira vez, visitou a campa de Sigrid, rezou por ela em Varnhem e comprou mais orações que os monges fizeram por ela. Também pensou que não prejudicaria aliar o agradavelmente divino com algo que fosse bom para seus negócios futuros. No dia em que houvesse uma estrada atravessando toda a Tiveden, ele poderia comerciar para o norte com os sveas, que, sem dúvida, eram pessoas simples que entendiam de muito pouco, mas que tinham muito ferro e um comércio de peles muito fino que podia dar muita prata, se fosse possível fazer esse comércio por caminhos mais fáceis.

Para a tristeza em Arnäs contribuía também o fato de sua mãe, Tora Guttormsdotter, ter vindo de seus burgos noruegueses para, enquanto ele ficasse solteiro, tratar dos assuntos que uma esposa deve resolver. Todavia, ela se mostrou muito dura para com os escravos e queria orientar tudo conforme as velhas tradições da Noruega. E Magnus, tal como muitos homens, tinha dificuldades em forçar sua mãe a reconhecer o seu lugar. Também isso, o fato de ele ter de dominar melhor como senhor a sua própria casa, representava mais uma razão forte para que encontrasse logo uma nova esposa. Segundo a visão do próprio Magnus, seria inteligente uma ligação com a família de Pål, de Husaby, já que seus próprios terrenos começavam a alcançar fronteira nessa direção. Um dote conveniente que qualquer das filhas de Pålsson poderia levar para o casamento seriam, portanto, as florestas de carvalhos que cresciam para Kinnekulle. Na realidade, essas filhas solteiras eram um pouco mais do que crianças, mas a juventude era uma fase que acabaria rápido. Eskil era para ele tanto uma alegria quanto uma tristeza

secreta. Eskil era como ele próprio e muito como sua mãe, Sigrid, já que parecia ter herdado a compreensão dela. Eskil queria, acima de tudo, fazer viagens de negócios, encontrando-se com outros homens de negócios, conhecendo seus produtos e preços, e aprendendo como avaliar melhor duas barricas de carne de porco, quanto valiam em trigo ou peles ou em gusa. E em prata. Nesse ponto, Eskil era o próprio filho do papai.

No entanto, como adulto que iria ser dentro de pouco tempo, era incapaz de jogar uma lança ou manipular uma espada, e isso para um homem de família com escudo distinto era impensável na sua idade. Magnus era muito parecido com seu filho mais velho nesse aspecto. Uma única vez, Magnus, como senhor de Arnäs, foi obrigado a entrar em guerra. E isso aconteceu quando o dinamarquês Henriksen nomeou a si mesmo rei dos sveas, depois que, ignominiosamente, decapitou Erik Jedvardsson, em Aros Oriental. Isso acontecera logo depois da grande missa na igreja da Santíssima Trindade, como alguns disseram. Erik Jedvardsson morreu, corajosamente, diante de um grande poder e uma fonte surgiu no lugar em que a sua cabeça caiu.

Ou aconteceu como os inimigos de Erik Jedvardsson contaram e como o rei Karl Sverkersson disse, que Erik Jedvardsson morreu, desnecessariamente, só porque estava bêbedo de tanta cerveja e incapaz, como homem, de se defender.

Isso não importava. Nem era importante saber de que modo Erik tinha sido assassinado. De qualquer forma, tinha que haver guerra. Que os sveas estivessem indignados, porque um dinamarquês matara seu soberano, era fácil de entender. Os dinamarqueses mandaram mensagens até Helsingland e até as florestas mais negras da Svealand, e logo conseguiram reunir um grande exército e colocá-lo a caminho de Aros Oriental. Mas a questão era saber como se

comportariam as Götalands Ocidental e Oriental. Se estas províncias iriam

deixar que os sveas ajustassem as contas com o assassino dinamarquês por si próprios ou se elas deviam participar na guerra.

Para o rei Sverkersson e seus homens, em Linköping, essa não era uma decisão difícil. Ele tinha que escolher entre entrar na guerra com todas as forças que conseguisse reunir contra o assassino dinamarquês e, então, ganhar a coroa dos sveas, ou deixar que estes ganhassem a guerra sozinhos e depois escolhessem um novo rei que podia ser qualquer um entre os sveas, aristocratas ou juizes. Para o rei Karl Sverkersson, a escolha era fácil. Quando os folkeanos se reuniram em conselho de família na cidade de Bjälbo, na Götaland Oriental, chegaram à conclusão de que não havia muito o que escolher. O irmão de Magnus, Birger, que agora se chamava de Brosa, por estar sempre sorrindo, logo convenceu o conselho. Uma guerra era inevitável para todos na Götaland Oriental, declarou Birger Brosa. E essa guerra seria contra o dinamarquês, assassino do rei. Mas a outra guerra que poderia vir a seguir, essa era absolutamente desnecessária. Para o povo da Götaland Oriental, a única coisa certa era apoiar o rei Karl nesta questão. Mas seria de esperar que ele, depois da vitória, se tornasse também rei na Svealand. Isso porque a vitória estava garantida. Aqueles que tinham se reunido em Svealand já bastavam para alcançar a vitória. Os dias do dinamarquês Magnus Henriksen na terra já estavam contados. Mas havia que pensar no que iria acontecer depois da sua morte.

Para os conselheiros, era decisivo que não houvesse dissidências, que todos lutassem do mesmo lado na guerra. E se o rei Karl conseguisse conquistar a coroa de Svealand, logo iria exigir o mesmo reconhecimento também na Götaland Ocidental. E esse reconhecimento, se fosse preciso, ele iria exigir de espada na mão e, então, os senhores folkeanos das duas províncias, ocidental e oriental, ficariam frente a frente.

Portanto, era melhor reunir todos os problemas numa só guerra e, assim, colocar os gotas ocidentais e orientais, juntos, à volta do rei Karl nessa guerra. Isso iria resultar, certamente, na união das três províncias. E se essa escolha não acontecesse agora, viria a acontecer mais tarde, de qualquer maneira, mas a um preço muito mais alto em sangue e, na pior das hipóteses, colocando irmãos contra irmãos.

Ninguém no conselho teria podido ir contra Birger Brosa nesta questão. E, a partir de então, Birger Brosa sempre levava a melhor nas discussões; era a sua vontade que imperava.

Magnus participou da guerra com o seu esquadrão do jeito que ele achou melhor. Ele e seus homens só entraram na guerra quando ela já estava ganha e o que restava fazer era cortar a cabeça dos últimos dinamarqueses e prender aqueles que, eventualmente, podiam pagar resgate. Ele voltou para Arnäs como vencedor, sem perder um único homem e cinqüenta marcos de prata mais rico.

Por essa razão, ele se tornou muito querido das mulheres, mas não muito respeitado pelos homens.

Quando avançou para o campo de batalha, Magnus deixou Eskil em Arnäs, esperneando e gritando. Eskil ainda não tinha chegado à idade adulta na época em que Erik Jedvardsson foi vingado e a paz na Götaland salva. Além disso, Eskil era o filho mais velho e herdeiro e não poderia ser substituído como um escudeiro qualquer morto na guerra.

Magnus tentou esquecer o seu segundo filho que Deus tinha levado, — vivo, da sua companhia. Mas como sabia que Arn era dos dois garotos o aquele de que Sigrid mais gostava, não podia esquecê-lo como desejava, para apaziguar a sua alma. Muito menos podia esquecer Sigrid, durante os cinco longos anos com que ele se castigou, depois que Nosso Senhor a separou dele. Sem contar a ninguém, Magnus reconheceu que Sigrid, sem dúvida, fora a pessoa, entre todas que ele encontrou na vida, que mais respeitara, mais do que todos os homens, mais até do que seu irmão, Birger Brosa. Mas isso ele confessava só para si mesmo. Se dissesse isso em alto e bom som, ele seria desprezado ou considerado louco. Nem mesmo para Eskil ele poderia admitir essa maneira de pensar a respeito de uma mulher que, no entanto, era a sua mãe.

Enquanto os gelos ainda agüentavam o peso da passagem, foi convocada uma nova reunião do conselho em Bjälbo, e Magnus viajou com um pequeno grupo de escudeiros e com Eskil, que, pela primeira vez, iria participar das deliberações dos homens. Mas as

instruções, para ele, eram as de não se intrometer, não beber demais, não dizer nada e apenas escutar e aprender.

Em Bjälbo, na torre alta, havia várias salas para conferências e, sem dúvida, esse era um dos lugares em toda a Götaland Oriental onde elas mais se realizavam. Isso se notava até mesmo na maneira como os escravos recebiam os viajantes, os alojavam e os informavam a respeito de como e onde as reuniões teriam lugar. Em Bjälbo, esse era um trabalho habitual. Ali, falava-se tanto de poder quanto em Arnês se falava de prata. Birger Brosa recebeu seu irmão e seu sobrinho calorosamente e desde o início ofereceu para eles uma hospitalidade maior do que aquela oferecida para os outros parentes. Se isso tinha a ver com o amor fraternal ou com os planos de Birger Brosa diante das questões a serem discutidas ou, de preferência, a serem postas para receber a concordância de todos, Magnus não podia dizer. Mas gostou de ser tratado como um homem de valor, se bem que no seu meio existissem agora vários homens, grandes lutadores, com cicatrizes de muitas batalhas, uma coisa que era muito mais valorizada do que a prata, já que o bispo mais gorducho podia muito bem ter uma grande quantidade de prata, sem que por esse motivo fosse considerado um grande homem.

Os primeiros dias foram dedicados às delícias dos banquetes, onde se

falava com liberdade a respeito do que havia para comentar maldosamente em relação aos parentes que não puderam vir, como, por exemplo, os noruegueses, que mais uma vez, como sempre, estavam em guerra. Dessa maneira, dava para esperar por aqueles que chegariam um pouco mais tarde, ou porque os caminhos no inverno ficavam intransitáveis ou porque a espessura dos gelos não merecia confiança. Com isso, ninguém chegava tarde demais para as discussões que fatalmente iriam terminar em decisões e tudo isso poderia acontecer enquanto, em algum lugar, blasfemando e transpirando, alguém lutava para reparar um trenó partido ou virado. Quando todos já tinham chegado, houve uma reunião na maior sala

da torre. O que poderia surpreender muitos dos presentes e também surpreendeu Magnus e Eskil, é que todos se reuniram para discussões logo depois das orações do meio-dia, realizadas na capela da torre, embaixo. Isso, sem comer. Os assados tinham começado a rolar no fogo e não estariam prontos senão dali a muitas horas.

Birger Brosa, que introduziu essa estranha nova ordem, explicou que a maneira tradicional de seus antepassados de comer, beber e discutir, tudo ao mesmo tempo, tinha as suas vantagens. Por vezes, era bom que a cerveja ajudasse a soltar a língua e que ninguém se sentisse constrangido por timidez ao falar sobre assuntos que diziam respeito a todos. Mas, por vezes, também acontecia que a língua ficava solta demais em função de muita cerveja e daí nada se decidia ou então ninguém, no dia seguinte, se lembrava do que havia sido decidido ou ainda alguns parentes acabavam se separando, de mal uns com os outros.

E, assim, numa sala fria em que era preciso usar um manto enquanto sentados e onde uns poucos braseiros foram colocados, começou a reunião. A grande questão era a fidelidade das famílias para com Karl Sverkersson. Ninguém o considerou como soberano poderoso, capaz de defender o reino se dinamarqueses ou salteadores do outro lado do Báltico atacassem o país. E muito menos se os noruegueses viessem, se bem que, como habitualmente, estivessem agora muito ocupados em se matar uns aos outros. Portanto, a questão era saber se já era o momento de suas famílias ali reunidas começarem a lutar pelas coroas do reino. Birger Brosa achava que esse momento iria chegar, mas não agora. A família era mais forte na Götaland Oriental do que na Götaland Ocidental, mas a província oriental era também aquela onde o rei Karl estava mais forte e onde vivia a maioria dos parentes, em especial em Linköping e nas terras à volta. Para vencer era preciso convencer os gotas ocidentais a sair de casa e a entrar em combate por uma ou outra das coroas pelas quais a maioria deles não tinha o menor interesse. Não iria funcionar.

Por isso, por enquanto, era mais conveniente manter uma boa pose, apoiar o rei Karl e não deixar ninguém perceber que esse apoio talvez terminasse como um raio caído de um céu azul, se as condições fossem as corretas.

Portanto, havia que continuar, pacientemente, a fortalecer as famílias da maneira como sempre fora feito, através de casamentos inteligentes. E havia agora uma boa oportunidade de proceder assim, já que o próprio Birger Brosa não deixaria de cumprir suas obrigações, por muito que fosse agradável viver como jovem senhor, sem a responsabilidade a que Deus obrigava todos os homens mais cedo ou mais tarde.

Através do irmão Magnus, continuou Birger Brosa, e agora todos o escutavam intensamente, e nenhum grito, nenhum ressonar, nenhum tilintar de copos de cerveja perturbava os pensamentos, havia uma ligação familiar com o rei Magnus Sigurdsen, da Noruega. Entretanto, o rei Magnus foi vencido por Harald Gille e o poder soberano devia seguir, pelo menos ao que parecia agora, para os filhos de Harald. Esse ponto de vista foi aceito por todos que conheciam, pelo menos um pouco, dos mandos e desmandos dos noruegueses. Na verdade, quando se tratava de noruegueses, ninguém podia estar certo de nada. Tudo podia mudar com uma única cutilada de espada, fazendo de qualquer dinastia real uma dinastia exilada. Entretanto, Birger Brosa estava se oferecendo, agora, para viajar para a Noruega e propor casamento a uma das filhas de Harald Gille, Solveig ou Birgida, aquela que lhe parecesse a melhor. Isso iria fortalecer a ligação da família com a Noruega, independentemente de os noruegueses continuarem a se matar uns aos outros: ele estaria se ligando à dinastia de Harald Gille e seu irmão Magnus continuaria ligado à dinastia de Magnus Sigurdsen. O problema passou a ser virado e revirado por algum tempo. Outra possibilidade seria a de se unir pelo casamento com a dinastia de Karl Sverkersson. Mas isso poderia ser tanto uma jogada de mestre quanto um fiasco. Podia acontecer estar ligado por parentesco com a coroa, mas esta iria parar na cabeça de algum filho de Karl, se este acabasse tendo algum. Não, fortalecer a ligação com a Noruega parecia ser um lance menos audacioso, mas, com o tempo, mais

inteligente. A questão, a partir daí, ficou clara e mais do que isso não precisaria ser dito a respeito desse casamento. A seguir, veio a questão de Magnus: a quem ele devia propor casamento. Seu tempo de luto por Sigrid tinha passado e ele era um bom partido com muitas terras e muita riqueza, o que sempre facilitava as coisas. Mas a questão era saber qual seria a proposta mais conveniente. Magnus teve a oportunidade de dizer, primeiro, o que ele pensava da questão. Não muito seguro na voz, nem a respeito de que palavras escolher, começou dizendo que se ele se juntasse com a família de Pål, de Husaby, dessa maneira seria mais um laço forte a ligar a Götaland Ocidental com Bjälbo. Além

disso, havia uma situação especial a considerar: as terras da família de Pål e as

suas eram fronteiriças, e o casamento, por isso, significaria que uma grande parte das praias do lago Vänern ficaria sob um mesmo dono. Isso significava também que seria possível montar um forte controle sobre o comércio em toda a Götaland Ocidental, já que o Vänern, durante grande parte do ano, era a ligação mais importante, tanto para Lödöse como para a Dinamarca e a Noruega. Existiam duas filhas em Husaby, ambas graciosas, mas um pouco jovens demais. Ao se sentar, Magnus percebeu pelos murmúrios e segredinhos dos seus parentes e amigos que eles tinham achado que ele falara bem, mas ainda assim não estavam convencidos. Suspeitou, então, que alguém já tinha um plano para o seu futuro e, nessa altura, não seria muito difícil imaginar de quem viria a eloqüência.

Como já se esperava, Birger Brosa pediu a palavra e falou primeiro de maneira agradável e prestigiosa a respeito do seu irmão mais velho, de seus serviços prestados, do seu talento para os negócios e de seu desejo em se casar bem, para fortalecer a família e trazer amigos para o seu lado. Em seguida, porém, mudou de tom e descreveu, curto e preciso, que era necessário realizar ligações mais ousadas, e para todos os parentes e amigos mais importantes. A dinastia erikiana não tinha, de forma alguma, e sobre isso as informações eram muitas e seguras, desistido da luta pela coroa. Na Noruega, estava vivendo a viúva de Erik Jedvardsson, planejando

sua vingança e criando seus filhos para futuros candidatos ao trono. A família erikiana era forte ao sul de Skara e tinha também ramificações na Svealand. Era uma família, sem dúvida, que ninguém gostaria de ter como inimiga. Num dos burgos perto de Eriksberg, vivia como senhor o irmão de Erik Jedvardsson, Joar, e ele tinha uma filha, a mais velha, não tão graciosa, que gostaria de ver casada com muita festa até com um homem menos rico que Magnus.

Magnus suspirou fundo ao ouvir seu irmão mais novo apresentar a questão. Compreendeu logo o que estava por acontecer. Seu próprio sangue iria servir para amarrar a família com um futuro inimigo importante ou a uma futura associação importante. A esse respeito, dificilmente iria poder dizer qualquer outra coisa a não ser a de achar a idéia brilhante e que assim fosse feito. Eskil, que teve um pouco de dificuldade em ver lógica na escolha de amigos entre matadores e não entre aqueles que detinham riquezas da espécie correta, olhou aflito para seu pai. Eskil entendeu também o que estava para acontecer. Em breve, ganharia uma nova mãe, a respeito da qual ele não sabia nada, a não ser que não era muito graciosa. Arn jamais tinha visto o irmão Guilbert tão feliz como no dia em que chegaram os novos cavalos. Eram um garanhão, duas éguas e um potro quase adulto. Todos foram levados para um pasto separado, para que não se misturassem com os cavalos nórdicos. Pareciam estar em ótimas condições. A

sua Viagem tinha decorrido fácil, numa boa época do ano, com muito pasto e muita água pelo caminho. Tinham vindo com o padre Henri de uma das suas constantes viagens ao capítulo geral cisterciense em Cîteaux. E como o padre Henri e os irmãos que vinham com ele muitas vezes seguiam a pé, como sempre acontecia, e como as duas carroças pesadas eram puxadas por jumentos, os cavalos estavam bem descansados.

O regresso do padre Henri, vindo da capítulo geral, era sempre um grande acontecimento no mosteiro, não apenas porque todos os irmãos obedeciam fielmente e aplicavam com o maior prazer a regra

da amizade, mas também por causa de tudo o mais, por causa das notícias, das cartas, dos novos livros, para saber a respeito do que acontecia no mundo laico e também no mundo clerical, por todos os bulbos, sementes e enxertos que o irmão Lucien, com o ardor de uma criança, recolhia e começava a pesquisar, instruindo seus alunos. Finalmente, também por causa de certos queijos e barricas de vinho que, pelo menos, os irmãos borgonheses achavam difícil viver sem eles, assim como os cozinheiros provençais achavam impensável viver no mosteiro sem renovar o estoque de certos condimentos que o irmão Lucien ainda não tinha conseguido reproduzir no duro clima dinamarquês.

Eram muitos os irmãos que tinham dificuldades em observar a disciplina e o respeito que um tal regresso exigia, visto que era indispensável assistir primeiro à missa do regresso. E esta era especialmente longa, já que o coro ensaiara cânticos novos ou antigos, mas apresentados, parcialmente, com novas vozes para os agradecimentos pelo regresso. E até mesmo Arn, que continuava ainda com a sua bonita voz de soprano, tinha um trabalho extraordinário nessas ocasiões.

Depois, os irmãos saíam depressa da igreja, conversando como garotinhos, durante a espera pelas cerimônias, sob a liderança do padre Henri, que assistia à abertura da bagagem. O padre Henri lia na sua lista e apontava para os presentes de Deus, e alguns dos irmãos desapareciam, entre murmúrios e risadinhas de satisfação, com um volume há muito tempo esperado entre as mãos. Outros louvavam a Deus, com mais respeito. E o mesmo acontecia com aqueles que recebiam algo de novo para a horta ou para a cozinha. Mas logo o irmão Guilbert desapareceu, com Arn por baixo dos braços largos e fortes, para mostrar a ele o melhor presente de todos, que nenhum dos outros irmãos sequer conhecia bem, ou seja, os novos cavalos. Ao chegar ao pasto onde estavam os cavalos recém-chegados, Arn tentou realmente fazer um esforço para entender a razão do irmão Guilbert, normalmente tão contido, estar verdadeiramente excitado. Aos olhos de Arn, sem dúvida, esses cavalos se diferenciavam bastante dos cavalos comuns. Eram mais magros e mais enérgicos, movimentavam-se o tempo todo como se

estivessem impacientes por estar num espaço fechado, corriam de um lado para outro, com movimentos suaves, parecidos com os dos gatos, e com as caudas

empinadas. Seus focinhos pareciam um pouco mais largos, mais triangulares, do

que os dos cavalos nórdicos, e seus olhos eram muito maiores e mais inteligentes. As suas cores eram especiais, uma das éguas era de um marrom- avermelhado, como muitos outros animais, mas tinha uma mancha cinzenta, abaixo do ombro esquerdo, enquanto que o seu potro, meio adulto, era quase branco, com algumas nuances em cinza. O garanhão e a outra égua eram acinzentados.

Mais do que isso Arn não poderia ajuizar, mesmo tendo trabalhado muito na segunda mais importante das oficinas do irmão Guilbert, a ferraria. Arn sabia ferrar qualquer cavalo, sem que o irmão Guilbert ou qualquer dos outros noviços fosse obrigado a refazer o trabalho. O irmão Guilbert estava em silêncio, debruçado sobre as pranchas de madeira do cercado, com lágrimas nos olhos, observando os cavalos. Era como se os seus pensamentos estivessem longe dali. Arn, não entendendo a situação, mesmo assim ficou esperando.

Para sua surpresa, o irmão Guilbert, de repente, chamou pelo garanhão numa língua que Arn nunca tinha ouvido e da qual não entendeu uma palavra sequer. Mas pareceu que o garanhão logo prestou atenção, parando e levantando as orelhas para cima na direção do irmão cisterciense. E, depois de uma ligeira hesitação, veio com passo firme, tranqüilamente, até ele. O irmão Guilbert, então, de uma maneira estranha, passou o seu rosto pelo focinho do cavalo e falou novamente naquela língua desconhecida, mas suave. E, depois, mudando: — Vem, meu garoto, vamos cavalgar um pouco, você e eu. Você fica com o jovem cavalinho — disse o irmão Guilbert e fez passar seu corpo por baixo do cercado, ao mesmo tempo que puxava por Arn. — Mas o cavalinho... Não vai funcionar, ele não deve estar ensinado, não é verdade? — insinuou Arn, com a patente dúvida na voz. — Não é preciso. Vem cá que eu te mostro como fazer! — reagiu o irmão Guilbert, chamando o jovem cavalo que imediatamente veio trotando. O que aconteceu em seguida

pareceu a Arn um milagre. O irmão Guilbert acariciou o cavalo no focinho, nas faces e no pescoço, e falou com ele novamente naquela língua estranha que os cavalos pareciam entender melhor do que o francês e o latim. Após um curto momento, ele levantou Arn apenas com um braço e, como se levantasse uma luva, colocou-o em cima do cavalo. Automaticamente, Arn agarrou a crina, para se segurar em cima do animal quando a agitação começasse. Já tinha cavalgado antes, sem dúvida, mas jamais num cavalo ainda por domesticar e ensinar. No momento seguinte, o irmão Guilbert balançou o corpo, e com um único e amplo movimento acabou sentado no garanhão. Parecia que tinha voado para cima dele. O garanhão logo partiu num galope selvagem no pasto, à volta do cercado. E o irmão Guilbert nele sentado, sem arreios, no pêlo do animal, segurando a crina apenas com uma das mãos e inclinando ousadamente

o corpo para baixo nas curvas apertadas e gritando para o cavalo, um berro atrás

do outro, na mesma estranha língua.

O jovem cavalo montado por Arn como que se inflamou por essa alegria e começou a correr à volta também, embora com movimentos bruscos e acriançados, aos trancos e barrancos. Mas, em breve, os dois estavam correndo à volta em alta velocidade. E Arn, delirando de satisfação, começou a imitar os berros do irmão Guilbert naquela língua estranha. E, de repente, ele como que ficou bêbado pela velocidade e pelo vento frio passando sobre a cabeça raspada, fazendo esvoaçar as pontas louras um pouco longas demais sobre as orelhas. Um pouco envergonhado, Arn reconheceu que estava vivendo, então, uma felicidade pura e verdadeira e que isso era uma coisa que ele não poderia deixar de mencionar na próxima confissão com o padre Henri. Era como se a vida e a força do cavalo lhe dessem uma energia extraordinária, ainda que o cavalo fosse muito novo e estivesse muito longe de ser um animal adulto. E por ele não ter sido cavalgado antes, o que era certo, visto ser tão novo, na realidade, tudo aquilo era um verdadeiro milagre.

— Você entende, meu querido cavaleiro — disse o irmão Guilbert

mais tarde, quando os rouxinóis já tinham começado suas canções do anoitecer e quase na hora das vésperas, mas eles ainda estavam sentados na grama do pasto e apreciavam, maravilhados, os novos cavalos —, o cavalo é verdadeiramente o melhor amigo do homem. Mas esses novos cavalos, como você já descobriu, não são como os outros. Eles são os mais nobres, os mais inteligentes, os mais rápidos e os mais resistentes que existem. Agradeça a Deus por este presente, porque estes cavalos vêm do ultramar, da Terra Santa. O irmão Guilbert estava corado de tanta excitação e ainda ofegante, em consequência da demonstração selvagem da grande força do animal. Arn já tinha começado a entender a diferença entre esses cavalos e os outros, não apenas pelo seu aspecto e sua maneira de ser e de se movimentar, como também em relação às finalidades em que podiam ser utilizados. Ainda assim, Arn continuava se questionando, mas recebeu logo a resposta que esperava.

Esses animais eram cavalos de combate. E aquilo que valia para a espada, valia também para os cavalos: movimentação, mais movimentação e ainda mais movimentação.

Pelo fato de os homens aqui no norte, na bárbara Escandinávia, ainda não terem adotado a arte de combater a cavalo, explicou o irmão Guilbert, eles eram obrigados a escolher cavalos lentos, mas fortes, capazes de transportar cargas pesadas para a linha de combate. Aí chegados, os homens nórdicos desciam dos cavalos, amarravam-nos e iam a pé para o combate. Se os cristãos tivessem tentado dominar os sarracenos dessa maneira, jamais Jerusalém teria sido libertada.

Mas, no resto do mundo, os combates eram realizados a cavalo, só mesmo na Escandinávia os homens ainda não tinham entendido assim. E, por isso, o irmão Guilbert tinha a intenção, simples e clara, com esses cavalos, de espalhar seu sangue pela Dinamarca e de introduzir a nova técnica que acompanhava os novos cavalos e com isso ganhar muita prata para o mosteiro. O mesmo que acontecia, mais ou menos, com a produção de espadas melhores para os nórdicos. Uma coisa devia ser tão lógica e lucrativa quanto a outra. Ainda com a sensação do vento no cabelo e da velocidade do cavalo,

Arn pediu com ardor e sem o respeito devido para aprender a arte da luta a cavalo, tal como os cristãos faziam no Sul. O irmão Guilbert sorriu, esfregou carinhosamente a tonsura de Arn e explicou que era isso mesmo que ele tinha acabado de fazer. O tempo todo. Tudo o que Arn tinha aprendido a respeito de cavalos desde o dia em que começou a trabalhar tivera essa finalidade. Em primeiro lugar, tratava-se de equilíbrio e mais equilíbrio. Assim como Arn tinha começado por treinar com a sua espada de madeira, às vezes com uma em cada mão, em cima de um mastro, à volta do qual iam e vinham sacos de pele cheios de areia por cima dele, arriscando-se a ser derrubado, do mesmo modo ele tinha sido treinado a montar cavalos desde o início e a montá-los no pêlo, sem sela. Tudo isso para aprimorar o equilíbrio, para se manter sempre em cima do cavalo, independentemente dos movimentos que este fizesse.

Agora, ele iria montar pela primeira vez um cavalo novo, de início sem sela, aprendendo a conhecer o animal, a falar com ele, a fazer-lhe festas e a tomar conta dele. E o nome dele seria secreto, não para Deus, claro, mas entre os dois. Seria chamado Chamsiin, que era o nome para um vento do deserto, um vento que podia soprar por cinquenta dias e que parecia não se cansar nunca disso. As duas éguas se chamariam Aisha e Khadija e o garanhão, Nasir. O irmão Guilbert não deu explicação sobre esses nomes, disse apenas que eram os dos cavalos na sua língua - secreta e que isso não importava para os outros no mosteiro, mas apenas para eles dois, os únicos que eram cavaleiros. A sela viria mais tarde, quando Chamsiin crescesse, mas até lá era preciso cumprir o básico: a confiança, o amor e o equilíbrio. A campainha para as vésperas soou e eles tiveram que se apressar para o vestiário. Enquanto corriam, afastando-se dos cavalos, Arn ainda perguntou se podia aprender também a língua secreta dos cavalos. Para quem já falava três línguas, mais uma, a quarta, não seria problema, não é verdade? O irmão Guilbert sorriu disfarçadamente e respondeu qualquer coisa, não muito claramente, que esse dia iria chegar certamente. Mais não disse. Arn sempre fora obediente. Amava os irmãos tanto quanto os livros. Amava o trabalho duro tanto quanto o fácil, tanto se sentia à

vontade erguendo o muro, lá em cima, na torre da igreja do mosteiro, quanto pescando no fiorde.

Amava o treino com a espada e o arco e flecha tanto quanto o trabalho de ler, verso após verso, com a ajuda da Glossa Ordinária, as Sagradas Escrituras, circulando pelos caminhos da fé. Possivelmente, tinha amado um pouco menos Aristóteles e um pouco mais Ovídio, de quem em segredo recitava, de vez em quando, os versos proibidos que tinha conseguido ler antes de eles terem sido levados e fechados à chave. Evidentemente, ele se confessou depois e recebeu uma punição por esse pecado. Mas tinha valido a pena. O que eram alguns padre-nossos extras comparados com a sensação de o sangue aflorar nas faces e sentir o corpo esquentando por momentos, só de pensar em Ovídio? Essa de Arn ter escasso interesse pelo filósofo e um interesse muito maior, ardoroso, por um texto impróprio para adolescentes, o padre Henri não tinha nenhuma dificuldade em tolerar. No que dizia respeito a Ovídio, havia mais de um religioso na sua roda de conhecidos que tanto como jovens quanto como adultos tinham dedicado a esses estudos mais do que seria apropriado. Nada para se brigar a respeito. Ele próprio pertencia a essa categoria, pelo menos quando recordava seus tempos como noviço. Essas eram as variantes normais da vida e nada mais. E Deus, em Sua sabedoria, tinha criado a vida, de tal forma que houvesse, permanentemente, variantes. Se o garoto, portanto, não achava o filósofo tão interessante e tinha até, por vezes, algumas impertinentes objeções, em especial contra as disposições lógicas, isso não era para estranhar, porque, se isso fosse de fato pecado, então seria um pecado que o garoto compartilharia, por exemplo, com o irmão Lucien. Este, tão devoto na sua arte de, em nome de Deus, fecundar o mundo com coisas que crescem e vão parar na mesa do homem ou que curam suas doenças ou ainda que tornam mais bela a sua visão, também sempre demonstrou pouco interesse em ler o filósofo. Mas o padre Henri jamais poderia sequer sonhar que, por esse motivo, teria o irmão Lucien em menos consideração, um irmão a amar menos do

que os outros irmãos.

De maneira análoga, caso por brincadeira utilizássemos a lógica tal como o filósofo teria feito, poderíamos pensar que o garoto estava entre os devotos que também assistiam às aulas do irmão Lucien. Era um trabalho pequeno, meticuloso, mas importante, por trás das exposições do mosteiro das belezas que Deus podia criar na terra com a ajuda dos fiéis irmãos. Primeiro, apareciam os galantos brancos que se esgueiravam pela crosta ainda dura e inóspita do inverno; depois, com o calor, vinham os narcisos silvestres, os narcisos brancos e as tulipas. Tudo isto era novo na Escandinávia bárbara e atraía visitantes boquiabertos que ficavam fascinados, quando chegavam na época certa e viam as árvores de fruto em flor. Tudo isso era desconhecido dos bárbaros: macieiras, pereiras e amoreiras. As vendas tinham subido de maneira fantástica nos últimos anos. E, de resto, foi Arn que assistiu ao irmão Lucien indo buscar os produtos e traduzindo seus nomes para a língua nórdica.

Arn esteve sempre à altura, diante de tudo o que podia aprender. Era

rápido no aprendizado e, nesse aspecto, nada havia para se preocupar. Desde que não se considerasse, como alguns irmãos mais rígidos consideravam, que a espada e a lança não tinham nada a ver com a função divina na terra. Mas os irmãos que acreditavam nisso não tinham estudado o suficiente sobre seu padre, São Bernardo, o criador dos templários, mais do que o papa ou qualquer outro dos homens da Igreja.

No entanto, havia agora um problema com o garoto. Desde que os novos cavalos chegaram, ele como que ficou um pouco enlouquecido. Parecia não ser completamente incorreto dizer que ele agora tinha um vício ou uma ânsia, um interesse que se sobrepunha a todos os outros. E a questão se pôs numa perspectiva mais elevada e estratégica, se Deus queria isso ou se Deus queria ver repreendido, imediatamente, o garoto, Seu escolhido. E, numa perspectiva mais tática, tratava-se de saber como é que um padre devia se portar para fazer essa reprimenda.

O padre Henri mandou chamar o irmão Guilbert em várias ocasiões para discutir o problema. Mas parecia que o bom Guilbert só queria diminuir a importância do assunto com frases como meninos são meninos e o que é que você pensou ou fez nessa idade, temos de entender a atração da novidade e, além de tudo, isso faz parte da instrução que, como todas as outras, estou dando a ele.

Talvez fosse verdade. Mas, no entanto, a adoração do garoto pelos novos cavalos era tão grande que, claramente, ameaçava se sobrepôr, pelo menos temporariamente, até mesmo ao seu interesse pelos livros. Aliás, o padre Henri, como confessor de Arn, sabia muito mais do que o irmão Guilbert poderia saber. Visto que, tal como qualquer outro, sobre pouco ou nada Arn poderia mentir ao se confessar diante do seu prior. Arn viu o problema justamente pelo fato de ter de se confessar, reconhecer a sua posição pecaminosa e, depois, penitenciar-se. Mas não sabia que esse problema era algo que realmente preocupava o padre Henri, porque, se soubesse, isso o faria sentir-se triste e envergonhado. Entretanto, continuava a receber aquelas pequenas punições como orações extras e, talvez, um ou outro dia passava a pão e água, tal como aconteceu depois de ter lido os poemas mundanos e pecaminosos de Ovídio ou, ainda pior, quando escreveu seus próprios poemas, tentando imitar as imagens ovidianas. Nesse meio-tempo, Chamsiin cresceu e deixou de ser apenas um potro para se transformar num cavalo de verdade. E o amor entre Arn e o jovem cavalo também aumentou, e o verão, além disso, estava no seu ponto alto, com as noites luminosas, de temperaturas agradáveis, e os rouxinóis cantando na Jylland. Numa noite dessas, depois de ter dormido apenas algumas horas depois da missa da meia-noite, Arn saiu para a cavalaria, pegou a sela e os arreios, sussurrou algumas palavras no ar e logo Chamsiin veio correndo para ele,

baixou a cabeça e aceitou de bom grado os beijos e as carícias de Arn no seu focinho macio.

Então, uma vez sentado na garupa, Arn seguiu cuidadosamente na direção do cercado, e Chamsiin armou o salto, suave e felino,

passando por cima da trave. Depois, avançaram devagar, ainda por alguns momentos, antes de aumentar a velocidade, de tal maneira que, certamente, se tornaram a equipe mais rápida a cruzar o território dinamarquês, em todos os tempos. Isso porque Chamsiin vinha de uma origem onde a velocidade sobre grandes planícies era uma coisa completamente diferente, comparada com os galopes lentos dos cavalos nórdicos em curtas distâncias.

Como um cavaleiro do Apocalipse, Arn avançou com Chamsiin pela planície levemente ondulada e entre as faias esparsas, durante toda a noite, até o mar, com o risco de ter de voltar na mesma velocidade para chegar a tempo para a missa da manhã.

Em breve, corria o boato de que havia um cavaleiro fantasma, um presságio, um mau sinal, um espírito que cavalgava como nenhum ser humano poderia cavalgar, nem mesmo em sonhos, um gnomo com dentes afiados e perversos e com uma espada brilhando pelo fogo. A espada, entretanto, era de madeira com um núcleo de aço por uma questão de peso. Mas nas suas fantasias Arn cavalgava com uma espada que poderia muito bem ser de fogo, e a balançava para a frente e para trás com a mão esquerda, e no meio da cavalgada mudava a espada para a outra mão e fazia a troca com as rédeas. Embora a espada não fosse o mais importante. Era como se ele quisesse dopar a sua consciência através da realização de um pouco de trabalho, ao mesmo tempo que cavalgava pelo prazer de cavalgar, na hora em que devia estar dormindo aquele sono justo e ordenado por Deus. Era a velocidade que o atraía. Chamsiin, como ainda era jovem, tinha um galope que Arn nunca havia visto nem cavalgado antes. Nas fantasias de Arn, era como se Chamsiin fosse impulsionado para a frente por forças sobrenaturais, como se essa velocidade fosse uma coisa que só Deus podia criar, como se ele, por isso mesmo, ficasse mais perto de Deus em cima de Chamsiin do que em outros momentos.

Era um pensamento pecaminoso, sem dúvida. Arn também achou — que sim. Rezou as orações devidas e prometeu negar o que devia para procurar indulgência.

Mas que velocidade!, pensava ele. Vergonhosamente, sem dúvida, mesmo durante as suas orações de arrependimento maior.

Justo pela época do Natal, no ano da graça de 1144, os cristãos no reino de Jerusalém sofreram a sua maior derrota desde a conquista da Terra Santa. Na Europa cristã, muitos consideraram que a queda de Edessa fora uma catástrofe. Mas ninguém podia imaginar que aquilo era o começo do fim da ocupação

cristã, visto que o simples pensar nisso por apenas um segundo, um tal

fantasioso pensamento, já seria uma blasfêmia. Por essa época, meio século depois de uma conquista que custou a vida de mais de cem mil cristãos, o reino de Jerusalém era composto de uma costa contínua que se estendia de Gaza, no sul da Palestina, passando por Jerusalém e Haifa, até a costa do Líbano, e, em seguida, para o norte, até Antioquia. Mas acima de Antioquia, onde a Ásia Menor se infiltra como uma grande trave por cima da Síria, existia um grande enclave cristão à volta da cidade de Edessa, que, junto com Antioquia na costa, dominava todos os caminhos entre Bagdá, Jerusalém e Damasco, além do rico reino cristão, romano oriental, em Constantinopla. Depois de Jerusalém, Edessa foi a fortaleza mais importante dos cristãos.

Mas, agora, a cidade foi invadida, pilhada e jogada para longe na memória da história, para o esquecimento, por um comandante de exército cujo nome mal era conhecido no norte, na Europa. Esse nome era Unadeddin Zinki. A conquista terminou com um banho de sangue, em que cinco mil francos, seis mil armênios e outros cristãos do país foram assassinados, após os muros terem caído. Depois disso, Zinki deixou que trezentos judeus se mudassem para a cidade, provavelmente para fazer com que ela voltasse a existir. Os judeus estavam mais próximos dos islamitas do que os cristãos, porque os cristãos tinham o hábito singular de sempre matar todos os judeus quando os encontravam.

Zinki era um comandante forte, desejoso de honras e muito cruel. Evidentemente, sua grande vitória provocou muito júbilo em todo o mundo muçulmano, onde as pessoas também o receavam e queriam, antes, que ele vencesse em qualquer outro lugar que não aquele em que elas se encontravam. Talvez fosse a crueldade,

justamente, a sua fraqueza. E talvez por isso a enorme força cristã em preparação para ser mandada numa segunda cruzada para vingar Edessa e salvar a Terra Santa pudesse vencer Zinki, apesar da grande experiência deste na guerra contra os cavaleiros francos. Mas ele não fazia nenhum segredo de que queria conquistar Damasco, a segunda cidade mais importante depois de Jerusalém, para daí fechar o cerco, cada vez mais, à volta dos cristãos.

No entanto, a população maometana de Damasco não demonstrou nenhum entusiasmo pela idéia de receber dentro dos altos muros da sua cidade esse comandante imprevisível e cruel. Entretanto, quando Zinki estava a caminho de Damasco, foi obrigado a parar e a cercar a cidade de Baalbeck. Ficou tão irritado por ter demorado tanto tempo que, quando finalmente Baalbeck capitulou, depois da guarnição ter recebido a garantia normal de que teria salvo-conduto, ele mandou degolar todos os defensores da cidade, com a exceção do comandante, que foi esfolado vivo.

Possivelmente, ele acreditava que um comportamento como esse iria amedrontar os habitantes de Damasco e os faria oferecer uma resistência menos aguerrida. Mas o efeito foi o oposto. Damasco fez uma aliança com o rei cristão de Jerusalém, pela simples razão de que as duas cidades, independentemente da religião, tinham o mesmo receio em relação a um conquistador como Zinki. Sem a crueldade de Zinki, uma aliança entre Damasco e Jerusalém seria impossível. Sem a aliança entre Damasco e Jerusalém, os cristãos ainda assim teriam vencido a sua segunda cruzada. Por isso, a crueldade de Zinki favoreceu mais a questão de Alá do que a questão de Deus. Quando as tropas de Zinki entenderam que a guerra tinha terminado dessa vez, que para eles seria impossível conquistar e pilhar a própria Damasco, eles se retiraram a caminho de casa, cheios de despojos e por enquanto satisfeitos. O seu exército se dissolveu. Era a mesma cantiga neste lugar do mundo, um problema tão grande para os exércitos cristãos quanto para os exércitos muçulmanos. Uma questão de Deus, uma questão de Alá, santidade aqui ou ali, mas aquele que obtinha um rico despojo de guerra e, além disso, conseguia conservar a vida, começava a ter

saudades de casa. No meio de toda esta irritação, Zinki descobriu que o seu eunuco cristão estava bebendo escondido o vinho da sua taça pessoal e se contentou em dirigir-lhe no momento uma série de ameaças a respeito das punições que ele iria receber por tal atrevimento, mas resolveu primeiro dormir antes de resolver o assunto. Mas o eunuco, que tinha boas razões para acreditar que seu patrão, depois da soneca, iria voltar com uma boa carga de punições, todas elas terríveis, umas piores do que as outras, preferiu enfiar nele o seu punhal enquanto ele dormia.

Também este acontecimento podia ser visto como favorável para os cristãos, visto que as conquistas de Zinki seriam agora partilhadas entre seus filhos e isso iria levar tempo e, possivelmente, poderia conduzir a as pequenas guerras civis. Portanto, uma situação melhor do que essa jamais que a segunda cruzada vingativa poderia ter.

Mas Alá queria algo diferente. Queria que aquele entre os filhos de Zinki que iria receber o anel, o sinal do poder, da mão de seu pai assassinado, fosse Mahmud, que em breve teria o apelido de Nur ed-Din, a Luz da Religião. Nur ed-Din herdou as boas qualidades do seu pai, como comandante. Devia vencer sempre os cristãos. Mas sua estratégia era diferente e, ao contrário da maioria dos outros que combatiam as invasões européias, ele aceitou o verdadeiro credo com a maior seriedade. Mandou chamar para junto de si todos os homens sábios, todos os contadores de histórias e todos os que tinham direito a falar nas mesquitas e ainda todos os poetas ou os que podiam espalhar escritos, e convencia-os ou lhes pagava para espalhar a lenda de Nur ed-Din que nunca combateu para proveito próprio, que sempre seguiu a mensagem do Alcorão, que proibiu até a sua própria guarda de beber vinho, que nunca

degolou os seus vencidos que se entregavam, que nunca colocou os seus

interesses acima dos do Islã. Em breve, já havia conseguido despertar de novo o fervor religioso à sua volta. Mas teve o cuidado de não assaltar Damasco antes do tempo e, em vez disso, fez de Aleppo a sua capital. Com Nur ed-Din e, acima de tudo, com aquele que viria depois, Salah ed-Din, a presença dos cristãos na Terra

Santa estava condenada a fracasso. A queda de Jerusalém era uma questão de tempo. Mas sobre isso só pode contar aquele que escreve com a sabedoria do já visto e que sabe como aconteceu. Quando a notícia da queda de Edessa se espalhou pela Europa, ela provocou tanto depressão quanto perplexidade. Era como se o mundo cristão nunca tivesse imaginado uma coisa assim, já que a conquista da Santa Sepultura de Deus fora uma boa ação e uma boa ação não poderia conduzir a uma derrota.

Se a cristandade não reagisse rápido e desse uma resposta dura, os infiéis poderiam pensar em ir contra a própria Jerusalém, isso seria uma conclusão puramente militar, fácil de entender também pelos homens de fé. O papa Eugênio III começou a trabalhar, imediatamente, no lançamento de uma segunda cruzada para garantir o acesso livre à Santa Sepultura e a todos os outros lugares de peregrinação. Dirigiu-se, principalmente, ao rei Luís VII, da França, que tinha problemas matrimoniais tão graves que qualquer desculpa para uma retirada do páreo seria impossível de dar sem muita consideração. Em contrapartida, participar na campanha, a par daquilo que uma guerra sempre poderia trazer como ganho material, iria significar também o perdão de todos os pecados e a conseqüente garantia de entrada no Paraíso. No entanto, o rei Luís, no início, não obteve o menor sucesso em convencer os seus vassallos a respeito de uma campanha que, sem dúvida, seria grande e longa. Eles não tinham os problemas dele no casamento e estavam satisfeitos, como condes e barões, em relação à sua situação no país de nascimento.

Luís explicou, embaraçado, seus problemas para o papa que, nesta situação constrangedora, fez a única coisa possível. Mandou chamar Bernardo de Clairvaux e seus estandartes sagrados. Bernardo de Clairvaux era na época, espiritualmente, o homem mais influente do mundo e, provavelmente, o melhor orador do mundo laico. Ao se tornar conhecido que Bernardo iria falar na catedral de Vézelay, em março de 1146, chegaram enormes multidões, tanta gente que logo ficou claro que a catedral não iria poder acomodar a todos. Foi preciso construir uma plataforma de madeira fora da cidade, e Bernardo ainda não tinha terminado de falar e já os dez mil ou mais

ali reunidos começaram a gritar pela cruz. Havia uma grande quantidade de panos com cruces já preparados, que Bernardo começou a distribuir, primeiro para o rei e seus vassallos, já que nem mesmo os relutantes condes e barões puderam contrariar a onda de entusiasmo

e convencimento que então soprava, e depois para todos. Por fim, Bernardo

começou a rasgar sua própria roupa para dar para os novos recrutados como cruces a colocar em si, em sinal, por um lado, de que estavam dispostos a participar na Guerra Santa e, por outro lado, por saber que, assim, estariam preparados, depois de um breve esforço, para receber a eterna absolvição por todos os seus pecados.

Não foi sem uma ponta de orgulho que Bernardo escreveu para o papa a respeito da sua façanha:

“Tu deste a ordem. Eu obedeci. Da Força com que deste a ordem fez com que a obediência desse frutos. Abri a minha boca. Falei e logo em seguida o número de cruzados era multiplicado até ser impossível contá-los mais. As aldeias e as cidades estão agora despovoadas, abandonadas. Mal pudemos contar um homem para cada sete mulheres; por toda a parte o que se vê são viúvas de homens que ainda vivem.

E o despertar cristão na Europa se espalhava agora com a mesma força do despertar de Nur ed-Din em Aleppo, ainda que nenhum dos povos não soubesse nada a respeito do outro. Bernardo de Clairvaux teve de fazer uma longa viagem e repetir, dia após dia, aquilo que tinha dito, primeiro em Burgund, depois em Lorrain e em Flandres.

Mas como o novo despertar se espalhou para a Alemanha, surgiu o problema normal, o mesmo da primeira cruzada. O arcebispo de Colônia teve de chamar apressadamente por Bernardo, visto que um monge cisterciense de nome Peter den Vördnardsvârde estava viajando por toda a Alemanha com uma mensagem semelhante à de Bernardo quanto à questão da Terra Santa, mas uma mensagem totalmente diferente quando se tratava dos judeus na Europa. Em consequência das suas prédicas, houve massacres em Colônia, Mainz, Worms, Spies e Estrasburgo. Os judeus eram assassinados,

em alguns lugares até a última pessoa viva.

Bernardo, logo à chegada, teve que, rapidamente, dar a Peter den Vöornadsvárde uma penitência, a de ficar em silêncio durante um ano, a de se arrepender, a de voltar imediatamente para o seu mosteiro em Cluny e a de nunca mais se meter em assuntos de que nada entendia. Depois disso, Bernardo teve de refazer toda a sua turnê francesa, agora, na Alemanha, onde ele, apesar de ter de trabalhar com um tradutor, conseguiu a mesma resposta a favor da Guerra Santa. Mas agora, além do mais, teve de se esforçar muito para parar com as perseguições aos judeus e repetia sempre que "aquele que se dirige a um judeu para lhe tirar a vida é como se atingisse o próprio Jesus Cristo".

Com isso, as massas, entusiasmadas, puderam se concentrar de novo na questão primordial e a segunda cruzada podia ser considerada como um fato. O soberano alemão, Konrad, fez um acordo com o rei Luís VII e, em breve, estavam pilhando à frente de um incontável exército, através da Europa, a

caminho da Guerra Santa. Na Hungria e nos Bálcãs, porém, era como se Deus

estivesse mandando uma praga, semelhante às aquelas pragas todas juntas que assolaram o Egito. Imprevisíveis como os gafanhotos e os sapos, avançavam os exércitos.

A chegada a Constantinopla, tanto o exército francês como o alemão já tinham erguido tantos entraves entre si, mais em consequência dos desacordos a respeito de quem tinha direito a pilhar primeiro quem e quem devia pilhar quem depois, que a partir de Constantinopla resolveram seguir cada um por caminhos diferentes, com destino a Jerusalém. Konrad devia ir pelo interior da Ásia Menor e Luís, ao longo da costa. E os dois exércitos deviam, então, se reencontrar em Antioquia.

Outro exército de cruzados inglês tinha sido formado para se juntar à enorme expedição. Mas os ingleses acabaram ficando retidos em Portugal, onde cercaram Lisboa, que, evidentemente, era difícil de comparar com Jerusalém, mas, de qualquer forma na época, era uma fortaleza islâmica. Depois de quatro meses de cerco, tendo

prometido aos defensores da cidade salvo-conduto, a guarnição moura desistiu e, em seguida, restou para os cristãos fazer o que restava fazer: pregar na cruz, esfolar e atravessar pela espada, cortar o pescoço e queimar, violentar e pilhar, tudo em nome de Deus e pela eterna salvação de suas almas. Depois disso, os ingleses ficaram saturados da Guerra Santa e voltaram para casa. Com exceção de alguns que ficaram e fundaram pequenas colônias.

O rei Konrad, da Alemanha, que escolheu o caminho do interior, o mais perigoso, através da Ásia Menor, na crença de que por lá houvesse — mais para pilhar do que no caminho pela costa, o mais seguro, acabou vivendo uma dura repetição do que podia acontecer a um exército europeu, pesadamente armado, ao enfrentar uma cavalaria oriental superior. Sofreu o ataque de forças turcas perto de Dorylaeum e perdeu nove décimos do seu exército. Os dois exércitos europeus, ao se reencontrarem em Antioquia, o francês significativamente menos dizimado do que o alemão, foram recebidos principescamente pelo chefe local, o conde Raymond. Também o rei Balduin, de Jerusalém, se juntou ao grupo e, portanto, estava na hora, primeiro, naturalmente, de festejar, mas em seguida de fazer planos precisos. Os guerreiros recém-chegados ao exército de Deus nem sequer sabiam quem era Zinki, muito menos que ele já estava morto e que agora estavam diante de um inimigo muito mais perigoso na figura de seu filho, Nur ed-Din. Os cristãos francos locais sabiam muito mais do que se tratava. Ou iam diretamente contra Edessa para recuperar a cidade. Primeiro, porque foi a queda de Edessa que desfechou toda a constituição da nova cruzada. E, segundo, porque a vitória teria um grande efeito psicológico para ambas as partes.

Ou então iam contra Aleppo, diretamente contra o inimigo principal, Nur ed-Din, e enfrentavam a batalha que, mais cedo ou mais tarde, ia acontecer e, por isso, era melhor que acontecesse logo, quando as forças ainda estavam intactas.

Mas o rei Luís e o rei Konrad, que, compreensivamente, não entendiam muito da situação nessa parte do mundo, concordaram que, em vez disso, era melhor irem contra Damasco. Se

conseguissem conquistar a segunda cidade mais importante depois de Jerusalém, então, acreditavam os dois, pensando da mesma maneira, iniciariam a cruzada com uma grande vitória, a ser divulgada em todo o mundo. Além disso, embora talvez eles não falassem a respeito, Damasco seria, sem dúvida, um magnífico despojo a pilhar. Se não fosse por outro motivo, essa seria uma maneira rápida de recuperar todas as suas despesas. Os francos locais tentaram explicar sem sucesso o erro de atacar Damasco, mas foram derrotados pelo voto dos dois soberanos que, em parte, estavam de acordo e, em parte, dominavam os dois exércitos maiores. Portanto, todo o exército cristão se colocou a caminho de Damasco. O que era uma autêntica loucura, segundo vários pontos de vista. Damasco não era apenas a cidade muçulmana mais importante na região. Era também a única cidade muçulmana que estava em contato com Jerusalém. Se esse pacto fosse quebrado, isso mostraria que a palavra dos cristãos não era coisa em que confiar, algo que, em especial, preocupava os templários que ainda continuavam a ser a coluna vertebral de toda a cavalaria ocidental. O pior era ver que se jogava tudo nas mãos de Nur ed-Din, o homem que em toda esta parte do mundo predicava a união contra os infiéis e a pureza da alma como penitência contra todas as derrotas anteriores. Uma maneira mais efetiva de unir os muçulmanos do que atacar Damasco seria impossível de encontrar. Quando o exército cristão começou a movimentar-se na direção de Damasco, os habitantes da cidade, primeiro, não queriam acreditar no que ouviam. Isso era uma loucura. Mas, logo em seguida, foram despachados pombos-correio em todas as direções e todos os irmãos de Nur ed-Din e outros aliados vieram com grandes exércitos do norte, do sul e do leste. Depois de quatro dias de cerco a Damasco, os cristãos ficaram cercados por um exército muitas vezes maior e, além disso, escolheram o pior lugar para assentar barracas, no lado sul da cidade, onde não existia qualquer defesa e onde os damascenos tinham selado a tempo todos os poços de água. Os comandantes dos templários consideraram esse planejamento tático tão claramente idiota que a única explicação possível seria a de haver suborno, de os soberanos, ou o rei Luís ou o rei Konrad, terem

recebido dinheiro para perder. As posições cristãs se mostraram, rapidamente, insustentáveis. Não era apenas uma questão de não poder montar algumas das máquinas de cerco. Era apenas uma questão de fugir, de salvar a vida.

Quando o exército cristão se fragmentou e começou a se retirar na direção do sul, foi atacado pela leve cavalaria árabe que, sempre fora de alcance, cobria os fugitivos de flechas. As perdas foram terríveis e o mau cheiro da morte permaneceu durante meses em grandes áreas da Terra Santa. Assim terminou a segunda cruzada. Quatro dias de luta e uma derrota terrível que foi mais consequência de idiotice do que qualquer outra coisa. O rei Konrad, da Alemanha, como sempre em desacordo com o rei Luís, seguiu para casa por terra, desta vez com todo o cuidado, pelo caminho mais seguro, o da costa mediterrânea da Ásia Menor. O rei Luís, que não tinha mais um grande exército, escolheu, por isso, o caminho do mar, de Antioquia para a Sicília. A sua frota, porém, foi abalroada e pilhada durante a viagem, por estranho que pareça, atacada por uma frota bizantina. Tanto o rei Luís quanto o rei Konrad, depois do que aconteceu, se desinteressaram totalmente de novas cruzadas. Ao chegar a casa, o rei Luís, ainda por cima, teve uma discussão terrível com sua mulher. A segunda cruzada tinha sido um fiasco horrível. Nur ed-Din conseguiu tomar Damasco sem levantar uma espada ou disparar uma única flecha.

Pela lógica, o reino cristão estaria agora condenado a desaparecer. Nada mais havia a esperar da Europa. Nenhuma das grandes nações européias no momento estaria disposta a enviar, proximamente, qualquer nova expedição, depois do fiasco que tinham acabado de viver, independentemente do quanto Bernardo de Clairvaux e outros falassem bem a respeito de redenção e da absolvição por todos os pecados daqueles que entrassem na Guerra Santa. Ainda ia demorar muito antes de Jerusalém ser libertada pelos verdadeiros fiéis. E não seria privilégio de Nur ed-Din limpar a Cidade Santa dos ocupantes europeus, bárbaros e sedentos de sangue. Isso dependia de uma ordem monástica. Os cavaleiros templários tinham a mesma origem religiosa da ordem cisterciense. Foi Bernardo de Clairvaux que

escreveu as regras para os templários. Inicialmente, esta ordem foi pensada como uma espécie de força policial religiosa para defender os peregrinos cristãos, principalmente nos caminhos entre Jerusalém e o rio Jordão. Isso porque, irritantemente, os grupos de assaltantes árabes achavam a constante corrente de peregrinos se dirigindo para tomar banho no Jordão como muito fácil e compensadora para roubar. Mas a idéia de monges guerreiros que, a princípio, deve ter sido considerada como um paradoxo, se espalhou rapidamente para longe da Terra Santa e muitos dos melhores cavaleiros da Europa se sentiram chamados. Mas poucos foram os escolhidos. Apenas os melhores e aqueles que, religiosamente, eram os mais sérios tiveram a chance de serem aceitos como irmãos da ordem. Com os templários formou-se a melhor força de cavalaria com lança e espada jamais reunida na Terra Santa. E, também, em qualquer outra terra, no mundo.

Em geral, os árabes não tinham muito respeito pelos guerreiros europeus. Muitas vezes, porque eram armados com muito peso, montavam mal e tinham problemas com o calor e em se manter sóbrios. Mas existia uma espécie de cavaleiros europeus que eles preferiam evitar, caso sua superioridade numérica não fosse de dez para um. Talvez até mesmo nessa situação, pois a vitória custaria muito caro. Os templários nunca se rendiam. E em comparação com outros cavaleiros, mais frágeis na fé, eles não tinham medo da morte. Estavam convencidos, totalmente, de que a sua guerra era santa e que, no mesmo momento em que eles morriam na guerra, entravam para o Paraíso. Mas, além disso, a sua maneira de viver asceticamente e as suas rigorosas regras monásticas não apenas proibiam toda e qualquer pilhagem e toda e qualquer celebração das doçuras da vitória, coisas que, regra geral, reduziavam rapidamente a qualidade do exército vencedor. Suas regras exigiam, também, que todo o tempo que não estivesse sendo dedicado à guerra ou às orações fosse obrigatoriamente utilizado na melhoria da capacitação militar, não apenas entre recrutas como também entre os veteranos. Os cavaleiros das vestes brancas com a cruz vermelha, e dos escudos brancos também com a mesma cruz vermelha, eram agora

a única esperança do reino de Jerusalém.

Quando a voz de Arn ficou tão ruim que ele não pôde cantar mais e todos notaram isso, ele se convenceu de que Deus o tinha punido tão — dura quanto incompreensivelmente. Devia ter cometido um grande pecado para merecer uma punição tão dura. Mas como é que uma pessoa podia cometer um grande pecado, se não entendia sequer em que esse pecado consistia? Ele tinha obedecido, tinha amado todos os irmãos, não tinha mentido, tinha se esforçado, realmente, para dizer a verdade em todos os momentos de confissão com o padre Henri, até mesmo naquilo que tinha a ver com a auto-satisfação e com os pensamentos torpes a isso ligados. Havia cumprido, sem a mínima redução ou trapaça, todas as penitências que o padre Henri, cada vez mais irritado, lhe dava para cumprir, por seus atos de auto-satisfação. E por todas as vezes tinha recebido a absolvição. Como é que Deus podia, então, puni-lo assim, tão duramente?

Arn pediu perdão a Deus até mesmo por ter feito a pergunta, o que podia ser interpretado como uma indicação de que a punição de Deus fora injusta, mas acrescentou que gostaria de saber qual teria sido o seu pecado, a fim de que fosse mais fácil para ele melhorar. Mas Deus não lhe respondeu. Entretanto, o mestre da música na *Vitae Schola*, o irmão Ludwig de Bêtecourt, não ficou nem um pouco admirado com o que aconteceu e consolou Arn, dizendo que tudo ocorreu pela ordem natural de Deus, que todos os garotos, mais cedo ou mais tarde, perdiam a sua voz de soprano e começavam a ter um cantar grassado, como os corvos, de vez em quando. Não era nada de estranhar, assim como também não era de estranhar que os garotos se

transformassem em homens. E que Arn estivesse mais alto e mais forte. Mas,

então, como o irmão Ludwig não podia garantir que depois da puberdade a voz continuasse a servir para o canto, ainda que num tom mais baixo, Arn reagiu, menos consolado.

O canto fora o trabalho mais importante para ele na *Vitae Schola*, porque era através do canto, durante as missas, que ele sentia que

fazia mais bem aos outros, que seu trabalho, realmente, significava algo. Evidentemente, ele tinha sido útil na construção da torre. Nessa altura, aconteceu como no canto: ele fazia uma coisa que os outros não podiam realizar. Em todo o resto, ele era apenas um menino que estava aprendendo com todos os outros. Ou, ainda, os outros trabalhos que eram uma pura satisfação para ele, tanto para a alma quanto para o corpo, como os livros ou os cavalos ou os exercícios com o irmão Guilbert. Esses, ele sentia que davam mais prazer para ele próprio do que para os irmãos. E como amava os irmãos segundo prescreviam as regras, era de seu gosto retribuir de alguma forma, por antecipação, o amor que recebia deles. O canto fora o meio mais importante, pelo menos da maneira como ele entendia a questão.

Não poder cantar, apesar de o canto continuar na sua cabeça e cada nota pensada corretamente sair da sua boca de maneira errada, era como se, de repente, ele tivesse perdido o equilíbrio e não pudesse mais andar, ou correr ou cavalgar. O irmão Ludwig explicou que ele não seria mais necessário nas missas, e isso ele aceitou como uma dura punição para o seu fracasso. O padre Henri sentiu uma certa impaciência diante do que considerava auto-explicável ser tão difícil de explicar para o garoto. Não era suficiente, como tinha pensado antes, apenas explicar que aquilo que aconteceu com ele acontecia com todos. E ele estranhava que até mesmo a simples circunstância, que, segundo acreditava, seria fácil de entender, de que os homens tinham vozes diferenciadas dos garotos, parecia esbarrar na incompreensão de Arn. O que inquietava era, possivelmente, o fato de as preocupações desnecessárias de Arn, na realidade, serem uma demonstração de outra coisa, uma grande solidão. Se ele tivesse tido a oportunidade de crescer junto de outros garotos, dentro ou fora dos muros do mosteiro, talvez tivesse, então, uma facilidade maior de se reconhecer tal como era, um garoto e talvez um futuro irmão, mas, por enquanto, nada, nem noviço nem irmão.

A razão para terminar com a aceitação de garotos coroinhas na ordem cisterciense era de natureza teológica, mais do que de natureza prática ou econômica. Os garotos criados dentro dos muros monásticos deveriam ficar, essa era a idéia, sem a liberdade

individual e intelectual, sendo impossível, ao chegar à idade adulta, se tornarem outra coisa que não irmãos monásticos. Pela simples razão de que, na realidade, não serviam para outra coisa. O padre Henri lembrava-se de ter discutido esse problema com o seu colega, padre Stephan, justo na época em que a mãe de Arn veio até Varnhem

para, tal como ela se expressou, “oferecer seu filho a Deus”, obedecendo à Sua

exigência e, possivelmente, para pagar pelos pecados dela própria. Nessa época, já tinham previsto o problema e falado sobre ele, tendo chegado à conclusão de que Arn devia ser educado como que à rédea solta, para que, futuramente, pudesse atender à eventual chamada de Deus, de espírito livre e intacto. Aquilo que acontecera, de Arn não poder nem aceitar o conhecimento da existência da quebra da voz na adolescência, numa época entre o nascimento e a morte, já era um sinal de aviso. Por um lado, o garoto, se comparado com o mundo laico, do outro lado dos muros, era mais instruído do que qualquer adulto, pelo menos aqui no norte, na Escandinávia bárbara. Isso era evidente. Além disso, era muito provável que o garoto soubesse manobrar as armas melhor do que qualquer um.

Por outro lado, ele era totalmente ingênuo, comparado com o mundo laico. Nem poderia sentar-se à mesa com os seus compatriotas sem se sentir horrorizado diante do seu comportamento, nem permanecer lá fora por um dia sequer sem se defrontar com as mentiras dos outros. E sem se defrontar com a maioria dos pecados mortais que todos praticavam todos os dias, e que Arn entendia, seguramente, como uma espécie de exemplos teoricamente morais com a finalidade de motivar as pessoas a um comportamento melhor. Arn não entendia, certamente, o que seria orgulho, caso não fosse procurar isso nas Sagradas Escrituras. A respeito de folguedos, ele não teria a menor idéia do que fossem. Ganância era um conceito totalmente incompreensível. A raiva, ele reconhecia apenas como vinda de Deus, o que se transformava numa consciência de pecado. A inveja era uma coisa que, segundo o

padre Henri podia constatar, era para Arn totalmente estranha. Arn, ao contrário, sempre admirava aqueles irmãos que faziam melhor do que ele e ficava tremendamente agradecido pelo que conseguia aprender nessas ocasiões. E apatia ? Que outra coisa poderia ser mais estranha para um garoto que, o tempo todo, explodia de ansiedade para seguir em frente, para a próxima tarefa, fosse ela de trabalho manual ou de leitura? Restava, possivelmente, fornicção, onde Arn parecia ter uma conceituação um pouco exagerada a respeito da pecaminosidade dos adolescentes na auto-satisfação, como imunidade contra exortações a esse respeito. O padre Henri lembrou-se, de repente, com uma certa ironia, de como Arn, num dos seus momentos de maior arrependimento, ligava a modificação da sua voz na adolescência a uma "penitência de Deus" imposta por causa de pecados terríveis. Pecados que, no seu caso, eram praticamente sempre os mesmos. E assim ele pediu a Deus para conservar a sua voz em troca de muitas penitências e, ao mesmo tempo, pediu para não sentir mais aquela tentação que tornava tão difícil evitar o pecado.

O padre Henri, habitualmente, tinha sempre um pouco de ironia por trás da sua máscara de durão. Então, começava a falar um pouco mais rápido do que

pensava e, de repente, para seu próprio espanto, caçoou do problema,

assegurando que existia um método simples para não apenas conservar a voz clara e evitar essa tentação, mas o remédio não era recomendável. Arn não entendeu. Por isso, o padre Henri, constrangido por sua própria falta de tato, tentou explicar que havia, de fato, uma quantidade enorme de razões para não se castrarem garotos no mosteiro, mesmo quando eles cantavam maravilhosamente. E que, portanto e finalmente, esse negócio de quebra de voz na adolescência não era pecado nenhum, mas, sim, uma ordem natural e divina. No entanto, o padre Henri continuava acreditando que Deus tinha em vista uma missão específica para o jovem Arn. E que até o momento em que Deus desse sinais claros de Suas intenções, o padre Henri tinha por obrigação preparar Arn

para a futura missão. Tinha feito o seu melhor, era o que ele podia dizer com toda a sinceridade, sem querer se valorizar, mas agora talvez fosse a hora de reconhecer não ter feito o suficiente. Mais cedo ou mais tarde, Arn precisaria aprender a respeito dos valores menos elevados de Deus, como de fato lá fora, extra muros, a vida se mostrava. Caso contrário, Arn ficaria ingênuo como uma criança, mesmo quando chegasse a adulto, e um homem desses, muitas vezes, acabava se mostrando um ser sem bom senso. E essa, certamente, não era a vontade de Deus.

Quando as tempestades do outono atingiram a costa oriental da província de Jylland, estava na época da colheita. Colher restos de naufrágios era uma coisa que as pessoas nas aldeias de pescadores ao longo da enorme costa arenosa contavam como seu direito desde a Antigüidade, mas o rei Valdemar tinha proibido que qualquer um recolhesse objetos naufragados, com exceção dos monges de Vitskol. O soberano achava que com apenas essa medida ele havia matado vários pássaros com apenas uma flecha. Colher restos de naufrágios não era uma empreitada sem nenhum perigo, visto que aquele que acreditava ter feito um bom achado podia encontrar outro que chegou apenas um pouco mais tarde, que, por seu lado, acreditava que o achado devia ser dividido. Ou acontecia que os camponeses e os pescadores acabavam se atracando e se matando uns aos outros, enquanto a riqueza encontrada que os deuses do mar ofereciam com freqüência acabava estragada. Mas agora que os monges tinham recebido o direito exclusivo de recolher os despojos dos naufrágios como um privilégio, com selo real, devia passar a haver um pouco mais de ordem. E aqueles que tinham como profissão a "colheita" de peixe poderiam agora se entregar exclusivamente a essa missão, para vantagem de todos. De fato, os monges tinham muito mais entendimento do que todos os outros para saber o que devia ser recolhido e como fazer para tirar o melhor proveito da colheita. Dessa maneira, os presentes recebidos do mar também teriam uma utilização melhor. Era muito mais inteligente fazer os monges salvar os ditos objetos e colocá-los em ordem, antes de vendê-los para os homens de menos sabedoria, do que deixá-los em mãos de homens

incapazes, que normalmente estragavam esses despojos. Quer dizer, a nova

ordem real parecia ser uma medida sábia. Mas nem toda a gente, ao longo da costa, achou correto ter de abdicar de tradições que já duravam desde tempos imemoriais. Apareceram alguns, dizendo que os monges avançavam como se fossem uma praga de gafanhotos egípcios, revirando tudo o que encontravam e não deixavam nada para trás, nada. Existia alguma verdade nessa afirmação, mas também muita inveja. Para os monges de Vitskol não havia muita pressa em realizar a sua tarefa, a não ser a pressa de realizá-la conforme definição dos poderes do tempo. Podiam trabalhar com calma, metodicamente, à luz do dia, mas também podiam, ao contrário de todas as outras gentes da região costeira, apanhar tudo o que encontravam e não apenas recuperar o que parecia de mais valor e mais fácil de transportar entre os salvados. Os monges traziam tudo o que encontravam para a sua *Vitae Schola*, pedaços de madeira de lenha, todas as mesas e mastros para usar como material de construção para seus próprios barcos, lã para as suas próprias tecelagens, sementes para os campos, ou centeio e trigo para vender, peles e couros para suas oficinas, pedaços de ferro para a ferraria, cordames para andaimes, jóias e valores para Roma, para tudo havia uma utilidade. Mas faziam também uma coisa que nunca ninguém entre as gentes antigas, catadores tradicionais de restos de naufrágios, haviam feito antes. A todos os mortos encontrados, eles davam uma sepultura cristã. Tal recolha de salvados a partir de Vitskol podia levar até dez dias. A maior parte das coisas era transportada pelas pesadas carroças de bois e a muita carga, em regra, fazia com que a viagem de volta demorasse o dobro do tempo da viagem de ida.

O irmão Guilbert participava sempre desses carregamentos. A sua força extraordinária, muitas vezes, vinha mesmo a propósito e era bem aproveitada. Mas, além disso, ele se aproveitava da ocasião para cavalgar, junto com Arn, ao longo das praias, percorrendo longas distâncias em pouco tempo. Normalmente, ao chegar à praia, com a carroça da *Vitae Schola*, o pessoal fazia uma parada e, em seguida, ele e Arn partiam em direções opostas, para saberem onde

havia mais salvados para apanhar e onde continuar. O irmão Guy le Breton, é claro, também estava sempre presente. Ninguém na *Vitae Schola* conhecia mais do que ele o mar, seus perigos, seus frutos e o tempo. Por outro lado, os irmãos se revezavam segundo um esquema que o padre Henri montou. Quase todos se mostravam dispostos a seguir nessas saídas para as praias e o mar. Era uma tarefa completamente nova, e o mar, muito bonito para olhar, além da expectativa sempre renovada de ver o que Deus tinha tirado dos navegantes com uma das mãos para dar com a outra mão aos Seus mais fiéis seguidores. Arn agradecia em dobro por sempre seguir junto. Podia correr tão depressa quanto quisesse, cavalcando Chamsiin ao longo das intermináveis praias, de preferência junto da rebentação onde a areia estava molhada e bem

compactada, lisa, de modo que Chamsiin podia pisar bem e ter uma visão ampla

pela frente. Então, o cavalo parecia voar em linha reta, e para o seu cavaleiro de peso leve, na sela, era como se em vez de cavalgar normalmente estivesse "sonhando". O galope era tão rápido e tão longo que o movimento da sela, para baixo e para cima, quase passava despercebido. Enfim, Arn podia fazer a coisa de que mais gostava e, ao mesmo tempo, desempenhava uma tarefa importante para seus irmãos e isso era como se ele ainda cantasse, como no tempo em que podia fazê-lo.

Uma vez, no segundo ano em que Arn desempenhou o papel de cavaleiro pesquisador da recolha de restos de naufrágios, aconteceu algo terrível. Na esparsa floresta de pinheiros, a umas centenas de metros do mar, o grupo da *Vitae Schola*, a caminho do mosteiro, foi atacado por ladrões bêbados. Talvez

não fossem salteadores, mas apenas catadores de salvados, desapontados, que haviam bebido em alguma das aldeias próximas. Beberam cerveja demais, se excitaram com o pensamento de que os gordos monges estavam agora roubando o que por direito pertencia ao povo do mar. Mas salteadores ou catadores desapontados, eles estavam armados com algumas lanças e espadas, e um deles, sentado num cavalo nórdico, balançava ameaçadoramente na mão

um antigo machado de lançar ao alvo.

As pesadas carroças de carvalho, com rodas revestidas de aço, pararam com um chiado agudo. Os monges nada fizeram para fugir, apenas baixaram suas cabeças, rezando. O homem do machado manobrou desajeitadamente seu cavalo na direção do irmão Guilbert, que cavalgava à frente do grupo, com Arn um pouco atrás. Arn fez imediatamente como o irmão Guilbert, retirou o capuz do hábito e baixou a cabeça, rezando, se bem que não sabia ao certo por que devia rezar. Mas logo em seguida o homem do machado gritou para o irmão Guilbert que todos deviam se mexer e descer das carroças, porque eles é que tinham o direito e eram os donos dos salvados do mar. Mas o irmão Guilbert não respondeu, por estar ainda rezando, o que fez com que o homem do machado ficasse a um tempo inseguro e furioso e dissesse, numa linguagem muito grosseira, que rezar não ia ajudar em nada e que era para descarregar as carroças imediatamente.

Então, o irmão Guilbert respondeu com voz calma que ele, evidentemente, não estava rezando por uma coisa tão simples como salvados de navios, mas pelas almas desses homens desorientados que estavam prestes a se tornarem infelizes para o resto de suas vidas na terra. Primeiro, o homem do machado ficou espantado, mas, depois, ainda mais furioso, guiou o seu cavalo para a frente e alçou o machado para o que seria um terrível golpe no irmão Guilbert. Arn, que estava montado em Chamsiin, apenas a alguns metros dali, sentiu instintivamente o que o irmão Guilbert iria fazer e, pelo menos nesse primeiro momento, Arn teve razão. Quando o catador de despojos elevou o seu

machado, pegou-o com as duas mãos e dirigiu o golpe um pouco de lado e para

baixo, um golpe que teria morto o atingido, o irmão Guilbert fez dois movimentos quase despercebidos com as pernas e Nasir, rápido como uma cobra, pulou um passo para o lado e um passo para trás. O homem do machado, por conseguinte, desfechou o golpe no ar e, por força do seu próprio movimento, desequilibrou-se para a frente e caiu da sela, deu uma reviravolta no ar e acabou batendo de

costas no chão.

Se este fosse um exercício de treino entre Arn e o irmão Guilbert e, por conseguinte, se fosse Arn que estivesse caído no chão, ele já teria sentido, no momento, o pé do irmão Guilbert em cima da sua mão que segurava a espada, a espada já teria sido retirada da sua mão, e ele já teria ouvido mais uma descompostura.

Mas o irmão Guilbert continuava montado no cavalo, as mãos juntas na sua frente e as rédeas seguras apenas entre os dedos mínimos. O ladrão caído rolou e se levantou, balançando, para empunhar de novo o machado e atacar imediatamente, desta vez a pé, e tudo acabar da mesma maneira. Correu na direção do irmão Guilbert, preparou um golpe terrível, desfechou-o e verificou mais uma vez que dera o golpe no ar e caíra novamente no chão, por força do seu próprio peso. Seus companheiros de assalto não puderam evitar a gargalhada, o que fez com que ele ficasse ainda mais furioso. Ao empunhar o machado pela terceira vez, o irmão Guilbert levantou a palma da mão para ele e explicou, calmamente, que ali ninguém iria se opor ao roubo, se esse fosse o motivo explícito do assalto. Mas devia avisar, pela última vez, que essa ação teria ruinosas conseqüências. — Você terá de escolher entre o seguinte — começou ele, com toda a calma, fazendo com que Nasir se mexesse no lugar, a fim de mostrar que qualquer nova tentativa de agressão teria o mesmo insucesso. — Se os senhores vieram para roubar, nós não podemos nem queremos evitar que isso aconteça empregando violência. Mas entendam que os senhores estão se vendendo ao diabo e vão se tornar criminosos à espera de uma dura e inevitável punição real. Ou, então, os senhores se arrependem e voltam para casa e nós lhes oferecemos o perdão e rezamos por todos.

Mas o homem do machado não queria escutar nada disso. Repetia como um idiota que os salvados, desde tempos imemoriais, pertenciam ao povo da costa, e os homens atrás dele bramiam suas lanças e uma ou outra espada, golpeando no ar, por pura excitação, e um deles, de repente, lançou uma lança direto contra o irmão Guilbert.

Era uma lança pesada, lenta, com uma ponta larga, antiquada, e Arn teve tempo, portanto, para pensar antes no que ia acontecer. O

irmão Guilbert inclinou-se ligeiramente para o lado na sua sela, apanhou a lança no ar e apontou-a depois, por um momento, contra o grupo, como se pensasse em atacar. Arn teve tempo para ver o branco dos olhos dos assaltantes, espantados

e cheios de medo. Mas logo o irmão Guilbert virou a lança, rapidamente, contra

o seu joelho e a partiu ao meio, como se estivesse partindo um pequeno galho e jogou os pedaços, com desprezo, para o chão. — Nós somos servidores do Senhor. Não podemos fazer nada contra os senhores. E isso os senhores sabem! — reagiu ele. — Mas se os senhores quiserem, em absoluto, ser infelizes para o resto de suas vidas, então, roubem o que quiserem. Não vamos impedir essa loucura. Houve um breve momento de discussão. O homem do machado virou-se para trás, para os seus seguidores, e ouviu-se, então, uma ardorosa troca de palavras. Por seu lado, o irmão Guilbert reuniu os seus irmãos e Arn à sua volta e disse que, se a situação virasse e houvesse violência, cada um devia tentar se salvar correndo do lugar. Nada mais havia a fazer. Arn recebeu uma ordem precisa para se manter à distância de todos os assaltantes e, se houvesse violências, que não ficasse e que corresse cavalgando para o mosteiro, a fim de contar o acontecido.

O problema dos assaltantes era o de que, embora pudessem roubar o que queriam da pesada carga, não poderiam matar todas as testemunhas, tal como haviam matado os infelizes marinheiros que sobreviveram a um naufrágio e acreditaram ter se salvado ao chegar a uma praia, só para chegar à conclusão de que tinham sido salvos por catadores de despojos para, em seguida, serem mortos. No caso presente, porém, seria impossível matar os dois monges a cavalo. Acabaram decidindo roubar alguma coisa e esperar que, como não haveria mortes a lamentar, nenhuma vingança real iria cair sobre eles por apenas terem aliviado um pouco o peso das carroças dos monges. E assim aconteceu. Os ladrões levaram o que puderam e aquilo que parecia ser de mais valor, enquanto os monges ficavam a distância, rezando pela alma dos impenitentes. Quando a pilhagem das carroças terminou e os ladrões se afastaram gritando, os

monges rearrumaram a sua carga, depois que tudo foi remexido, e continuaram a caminho de casa, da *Vitae Schola*. Ao chegar, o padre Henri escreveu uma reclamação para o rei Valdemar, cujo privilégio concedido havia sido violado. Logo em seguida, foram mandados soldados para prender os culpados, o que foi fácil. A maior parte dos despojos roubados voltou para a *Vitae Schola*, trazida pelos soldados. Os ladrões foram todos enforcados.

O acontecido deixou uma forte impressão em Arn e deu a ele muito em que pensar. Tinha pena dos ladrões que se deixaram dominar pelo pecado mortal da ganância e, por isso, acabaram rapidamente na perdição e agora sofriam na dor eterna. Ele podia entender que se sentissem prejudicados, que era verdade a recolha de salvados pertencer aos habitantes da costa desde tempos imemoriais e que, por isso, devia ser difícil ver um grupo de monges estrangeiros tirar deles essa receita. Além do mais, estavam bêbados. Mesmo que Arn não soubesse muito sobre bebedeiras — dois irmãos, por vezes, bebiam

vinho demais e por eles ficava claro que onde entrava o vinho, saía o bom

senso, o que lhes custava meses de penitência a pão e água —, portanto, achava ter entendido que aquele que estava bêbado não reconhecia suas responsabilidades.

Entretanto, o que Arn não podia entender era a razão pela qual o irmão Guilbert agiu como agiu. Os homens que atacaram eram pescadores que nada sabiam das armas que empunhavam. Pelo menos, era isso que Arn pensava. O irmão Guilbert, sem muita dificuldade, poderia ter tirado as armas das mãos deles e, depois, afugentá-los. Assim, o roubo não teria acontecido, os soldados do rei não teriam necessidade de encontrar os ladrões e de enforcá-los. O verdadeiro amor ao próximo devia incluir, também, a tentativa de aliviar, se possível, as más conseqüências das loucuras dos outros? Arn evitou discutir o assunto com o irmão Guilbert, que, certamente, tendo agido dessa maneira e não querendo salvar os desequilibrados de suas loucuras, devia estar convencido de ter agido corretamente. Mas com o padre Henri ele levantou o problema, reconhecendo que

ainda continuava rezando pelas almas dos enforcados. O padre Henri não tinha nada contra as orações de Arn pelos criminosos. Nisso, ele viu apenas que Arn sentia uma forte empatia pela imagem de Jesus Cristo a respeito da vida do homem na terra. Era apenas uma boa ação. Em contrapartida, era preocupante ver que Arn ainda não tinha uma idéia clara das razões por que o irmão Guilbert não podia usar de violência. O irmão dentro da ordem que matasse outro ser humano estaria perdido. Não matarás era uma lei sobre a qual não havia acordo possível. Por sua vez, Arn contestou, dizendo que as Sagradas Escrituras estavam cheias de leis absurdas. Bastava citar um caso simples, como o do irmão Guy le Breton, que até agora fracassara na tentativa de levar os dinamarqueses a comer mexilhões. Lá no fiorde, a cultura dos mexilhões se desenvolveu rápido, logo que o irmão Guy chegou à *Vitae Schola*. Mas até agora somente os irmãos se banquetevam com os mexilhões, preparados de mil e uma maneiras, isso porque os dinamarqueses de Limfjorden foram levados a entender que “aquilo que não tem barbatanas nem escamas não deveras comer. Valerá para todos como imundo”, segundo o Levítico 11:6 a 8, ou o que quer que seja. — Levítico 11:9 a 12 — corrigiu o padre Henri —, 11:6 a 8 era a proibição de comer porco e lebre. O que, aliás, ilustra por si só o mesmo problema. Ou, pelo menos, o outro lado do problema, já que os dinamarqueses, certamente, não tinham nada contra se alimentar de porcos e lebres. De qualquer forma, e isso já Arn devia conhecer a esta altura, existia uma grande diferença entre diversas pequenas proibições desse tipo e as proibições sérias. Ao procurar as pequenas proibições nas Sagradas Escrituras, podia-se encontrar muita coisa realmente ridícula — não se devia cortar curto o cabelo, de determinada maneira, quando se lamenta a morte de alguém — e coisas que

eram absurdamente rigorosas e até anticristãs como “aquele que for contra a sua mãe ou o seu pai será apedrejado até a morte”. Todavia, o mais importante ainda era, mais uma vez, como aprender a entender as Sagradas Escrituras e a ponta correta por onde pegar era,

naturalmente, Jesus Cristo. Através do Seu exemplo, Ele tinha mostrado como entender o texto. Em resumo, matar estava entre os atos mais proibidos. Mas Arn não se deu por vencido. Com a lógica na argumentação que o padre Henri, pessoalmente, havia batalhado para incutir nele, durante grande parte da sua vida, ele afirmava que uma carta podia matar tanto quanto uma espada. Ao escrever para o rei Valdemar, o irmão Henri tinha contribuído para que os infelizes e fracassados ladrões fossem mortos, já que essa consequência estava para eles prevista no momento em que o rei recebeu a carta da *Vitae Schola*.

Do mesmo modo, podia-se matar por omissão, ao não usar de violência. Se tivesse atacado dois ou três dos fracassados ladrões, será que o irmão Guilbert não teria cometido apenas, comparativamente, um pequeno pecado? Arn se surpreendeu no momento pelo fato de o padre Henri não o ter interrompido e repreendido, antes fez um sinal, um suave círculo com a mão, para que continuasse expondo a sua lógica. Portanto, se o irmão Guilbert tivesse cometido um pequeno pecado, pelo qual ele, sem dificuldade, teria conseguido a absolvição por uma penitência de mais ou menos um mês, e se tivesse dado uma boa sova em dois ou três ladrões e espantado os outros, colocando-os em fuga, o resultado teria sido muito melhor. Os ladrões não seriam considerados como ladrões, mas como bêbados, tendo um comportamento idiota. Sua tentativa de assalto teria sido detida, eles não teriam sido enforcados, seus filhos não teriam ficado órfãos e suas mulheres, viúvas. Se avaliássemos esta equação, através dos seus prós e contras, chegaríamos à conclusão de que o irmão Guilbert, tendo usado de alguma violência, sem raiva, teria agido no bom sentido. E não teria feito mal a ninguém, não é verdade? Esse, aliás, era um tema muitas vezes repetido pelo próprio São Bernardo. Então, Arn calou-se. Estava verdadeiramente espantado por ter podido continuar expondo a sua lógica. Viu que o padre Henri estava profundamente concentrado em seus pensamentos, a testa enrugada de um jeito que costumava indicar que não queria ser perturbado na tentativa de resolver mais um problema.

Arn ficou esperando, pacientemente, por longo tempo. Ainda não

havia sido dispensado. Por fim, o padre Henri levantou os olhos para Arn e sorriu um sorriso estimulante, deu um tapinha na mão de Arn, acenando afirmativamente com a cabeça, enquanto se preparava para uma explicação, com o habitual longo pigarrear. Arn continuava esperando, na expectativa.

— Meu jovem, você me surpreende com essas observações muito inteligentes, mas que não pertencem à área onde você é melhor — começou o padre Henri. — Você tocou em dois problemas diferentes, embora sejam interdependentes. Ao salientar que um pequeno pecado do irmão Guilbert podia ter evitado algo muito pior, a sua idéia é formalmente correta. No entanto, é falsa. Se o irmão Guilbert, no momento em que tinha de escolher entre usar de violência, o pior pecado que ele entre todos poderia cometer, ou negociar, como ele fez, soubesse quais seriam as conseqüências, então, e somente então, seu raciocínio estaria certo. Sem querer ser malicioso com você, devo salientar ainda que o formal, na sua maneira de estabelecer a lógica, mesmo sabendo que Aristóteles teria aceito a sua exposição, pressupõe, no entanto, que o irmão Guilbert não fosse quem é, um simples mortal e pecador, mas o próprio Deus, sabedor da verdade e do futuro. Mas trata-se de um exemplo estimulante, visto que nos mostra como o homem é canhestro, mesmo quando de consciência limpa tenta fazer o certo. Um exemplo muito estimulante, de fato. — Estimulante, não tanto para aqueles pobres-diabos que, bem instigados pelo pecado, foram enforcados e estão agora agonizando no inferno — murmurou Arn, mal-humorado, pelo que recebeu de imediato uma admoestação e a penitência de rezar dez padre-nossos pela sua impertinência. Enquanto Arn, obedientemente, rezava as suas orações, uma pausa que o padre Henri agradeceu e não sem má consciência utilizou para pensar um pouco mais, ele verificou com consternação que já não estava tão certo a respeito do seu contra-argumento.

Não seria ir um pouco longe demais ao dizer que o irmão Guilbert precisava ser Deus para poder prever que uma violência relativa, sem raiva, podia ter feito naquelas circunstâncias um bem maior do que aquele que, normalmente, é atribuído ao pacifismo de Jesus

Cristo? Não seria antes de esperar que o irmão Guilbert, em qualquer circunstância, evitasse o uso de violência, conforme juramento feito, já que ele viveu uma vida em que, com Deus a seu lado, lutou contra todos aqueles que o agrediram enquanto defendia propriedades da Igreja e, por isso, se penitenciou por pecados cometidos na Guerra Santa? Não seria, antes, simplesmente, uma questão de estar impedido ou de impedir a si mesmo de repensar sua ação em tais circunstâncias e de apenas respeitar o seu juramento? Nesse caso, o irmão Guilbert estava limpo e sem pecados, na seqüência da maneira como agiu. Mas, nesse caso, também o pequeno Arn tinha mostrado de fato, pela primeira vez, uma prova de sagacidade teológica e, melhor ainda, uma pura vivência na fé.

Entretanto, o problema maior levantado por Arn era mais simples para discutir no momento. O primeiro problema podia ser rediscutido em outra ocasião, talvez na semana seguinte, depois de o padre Henri ter estudado e pensado melhor no assunto.

— Vamos discutir o seu segundo problema — disse o padre Henri, numa atitude claramente amigável para com Arn, quando este acabou seus padre-nossos. — São Bernardo salientou, com muita razão, que aquilo que é feito com boas intenções —, você sabe o que eu quero dizer, vamos pular as definições, portanto, aquilo que é feito com boas intenções não pode conduzir ao mal. Em que circunstâncias essa sabedoria tem um significado prático maior? — Quando se trata das cruzadas, é claro — respondeu Arn, obedientemente.

— Certo! No entanto, as cruzadas são feitas para matar sarracenos em grande número, não é verdade? Muito bem, nesse caso, o que dizer da proibição de matar? E por quê?

— Digamos que não vale, porque isso acontece, e acontece o tempo todo, com a bênção do Santo Padre, de Roma — respondeu Arn, cuidadosamente.

— Sim, concordo. Mas isso é argumentar em círculos, meu filho. Eu perguntei por quê.

— Porque devemos pensar que o bem é muito bom e que o bem em

conservar o Santo Sepulcro para os que acreditam na fé é muito melhor do que o mal de ter de matar sarracenos — declarou Arn, hesitante. — Muito bem, você está no caminho certo — confirmou o padre Henri, com um aceno afirmativo da cabeça. — Mas nem mesmo quando Jesus Cristo expulsou os mercadores do templo, esteve Ele sequer próximo de matá-los, não é verdade?

— Claro, mas isso deve ter sido consequência do fato de Ele, através da cólera do Pai, que evidentemente é uma cólera bem diferente da cólera humana, utilizou da violência apenas necessária. Ele expulsou, realmente, os mercadores do templo. Não precisava matá-los. Exatamente como o irmão Guilbert poderia...

— Sim, sim, mas vamos voltar à questão — interrompeu o padre Henri, bruscamente, mas sorrindo por dentro e por trás da sua máscara severa. De repente, e até por acaso, Arn tivera a sorte de encontrar um argumento quase definitivo para fortalecer a sua posição anterior, de que o irmão Guilbert devia ter usado de uma violência limitada, exercida, pura e simplesmente, do jeito que o próprio Jesus Cristo usou no templo.

— Jesus se afastou dos soldados, mas condenou-os alguma vez por serem soldados? — perguntou o padre Henri, com um tom de voz baixo. — Não que eu saiba... — refletiu Arn. — Tal como no caso dos dinheiros, dêem a César o que é de César e a Deus... Qualquer coisa assim. E temos, evidentemente, a mesma coisa no Evangelho de São Lucas, 3:14, acho eu... “E quando os soldados chegaram e Lhe perguntaram: E nós, o que devemos fazer? Ele disse para eles: Nunca peguem dinheiro pela violência ou pela ameaça, antes fiquem satisfeitos com vossos soldos.” Se os soldados se

portarem como homens honestos enquanto soldados... Por isso, nada há de

errado em ser soldado!

— Correto! E o que fazem os soldados?

— Eles matam pessoas. Como os soldados que vieram depois da sua carta para o rei, padre. Mas os soldados e os reis no baixo mundo, o que é que eles têm a ver conosco?

— A sua pergunta é muito interessante, meu filho. Na realidade,

— você pergunta simplesmente o seguinte: existe alguma situação na qual pessoas como você e eu poderíamos matar? Vejo que você hesita e antes que diga alguma idiotice de que talvez se arrependa depois, desnecessariamente, vou lhe responder. Existe, sim, uma exceção. Em Sua indescritível tolerância, Jesus Cristo quis dizer, é claro, que nós não podemos matar outros filhos de Deus, nem mesmo soldados romanos ou dinamarqueses, diga-se de passagem. Mas existe um povo não incluído na proibição do Senhor e eu acho que você pode adivinhar qual é, não é verdade?

— Os sarracenos! — respondeu Arn, rapidamente. — Correto de novo! Isso porque os sarracenos são a raça mais infame que o diabo colocou na nossa terra. Não são gente, são demônios com a figura de gente. Eles não hesitam em espetar criancinhas cristãs e assá-las na fogueira para depois matarem a fome com elas. São conhecidos pela continuada prática da sodomia e da copulação com animais. São a escória da terra e todo e qualquer sarraceno morto é uma visão agradável para Nosso Senhor e aquele que fizer isso, que matar sarracenos, comete um ato sagrado e, por isso mesmo, terá lugar assegurado no Paraíso!

O padre Henri tinha se exaltado, tudo porque abominava os sarracenos e, diante da sua argumentação, os olhos de Arn ficavam cada vez mais espantados. Aquilo que Arn escutou ultrapassava o seu entendimento. Não podia nem imaginar, com toda a sua fantasia, ver esses abomináveis seres comendo criancinhas cristãs assadas no espeto. Não podia nem entender como esses demônios tinham figura humana.

Mas podia entender facilmente que seria uma ação de graças a Deus, até mesmo para os irmãos dentro dos muros, acabar com esses males. Também chegou à conclusão de que existia uma distância interminável entre a ralé dinamarquesa que infelizmente tinha resvalado para o caminho da ladroagem e os sarracenos. Para o primeiro caso, vingava, sem exceção, Não matarás. No segundo caso, valia, portanto, o contrário. Se bem que essa conclusão, simples e clara, tinha pouco conteúdo prático na Escandinávia.

Durante os anos em que Arn não pôde realizar a tarefa de cantor, ele mudou tal como mudaram as suas tarefas. O tempo em que ele,

antes, ficava com o irmão Ludwig e os irmãos cantores, muitas horas por dia, agora era dedicado a desempenhar tarefas na praia com o irmão Guy. Este já quase tinha

ensinado a Arn os métodos da sua terra para costurar redes de pesca, apanhar

peixes e manobrar pequenos barcos. Por segurança, o irmão Guy também ensinou Arn a mergulhar e a nadar.

Com o irmão Guilbert, ele agora agia como trabalhador e aluno. Recebia tarefas cada vez mais pesadas nas forjas e seus braços ficavam cada vez mais musculosos. E seu corpo disparava para as alturas. Dominava a maioria das diversas tarefas normais do ferreiro e fazia trabalhos manuais, bons e vendáveis. Apenas na feitura de espadas ele ainda estava longe do irmão Guilbert. As duas éguas, Khadija e Aisha, já tinham dado à luz três potros cada, e Chamsiin já tinha crescido e se transformado num garanhão tão forte quanto Nasir. Era tarefa de Arn cuidar de todos os cavalos do ultramar, domesticar os potros, e manter Nasir e Chamsiin isolados, cada um no seu cercado, para que não cruzassem com as éguas nórdicas em outra ordem que não a designada pelo irmão Guilbert, depois de estudos bem profundos. As esperanças do irmão Guilbert de obter muita prata com esses cavalos do ultramar começaram a realizar-se muito lentamente. Os homens fortes da Dinamarca que vinham visitar o mosteiro para, em primeiro lugar, comprar novas espadas e ervas medicinais para suas mulheres, olhavam para os estranhos animais com desconfiança. Achavam que esses cavalos eram magros demais e não agüentariam os serviços pesados. No início, o irmão Guilbert teve dificuldade em aceitar essas objeções e por sua vez desconfiava que queriam fazer piada à sua custa. Quando percebeu que os bárbaros, de fato, estavam falando sério, às vezes trazendo os seus próprios animais e exibindo-os com orgulho, mostrando como um cavalo de verdade devia ser, ele ficava angustiado. Os cavalos nórdicos eram muito musculosos e pesados, além de lentos. Por fim, através de um jogo de circunstâncias, encontrou um jeito para enfrentar o problema, que funcionou muito bem, mas lhe machucou a consciência e lhe deu algum remorso. Quando um

desses dinamarqueses entrou com o seu cavalo nórdico, pesado e indisciplinado, e começou a falar das suas qualidades como a força e a rapidez em relação a todos os cavalos estrangeiros “magros”, o irmão Guilbert teve imediatamente uma idéia brilhante. Sugeriu que o ilustre cavaleiro dinamarquês cavalgasse o seu cavalo, fazendo uma corrida até a praia e de volta para o mosteiro, contra um rapazinho que montaria um dos novos cavalos. E se o ilustre cavaleiro dinamarquês chegasse primeiro não precisaria pagar nada pela sua negociada espada. Para qualquer homem do mundo laico, nestas circunstâncias, seria natural que ele se sentisse tentado a impor uma condição compensatória pela aposta, que o ilustre cavaleiro dinamarquês, no caso de perder, se obrigasse a comprar uma ou outra coisa, um certo cavalo, por exemplo. Mas jogar por dinheiro seria um pecado grande demais. E, além disso, aquela aposta já tinha para ele um resultado conhecido. Pretender que não era conhecido era outro pecado, ainda que de menor importância em relação ao jogo por dinheiro. Por isso, o irmão Guilbert

resolveu seguir em frente, mediante uma determinada penitência na semana seguinte.

E foi, então, que Arn, para sua grande surpresa, ficou sabendo que iria apostar uma corrida com Chamsiin contra um homem, velho e gordo, e um cavalo que se parecia com o próprio cavaleiro. Ele nem queria acreditar no que ouvia, mas obedecer era seu dever. Ainda perguntou ao irmão Guilbert, no momento em que os dois cavaleiros estavam a postos para a partida fora dos muros do mosteiro — e, por nervosismo, ainda perguntou em latim quando, normalmente, sempre falavam em francês —, se era para cavalgar a toda a velocidade ou se era para ir devagar, de modo que o outro cavalo pudesse acompanhar. Por estranho que parecesse, recebeu ordens do irmão Guilbert para ir e voltar o mais rápido possível. Arn obedeceu, como de hábito. E já chegava de volta ao mosteiro enquanto o cavaleiro dinamarquês ainda, precisamente, iniciava o retorno na praia, a meio da estipulada distância. E assim aconteceu que alguns homens poderosos de Ringsted que tinham por diversão

a competição da corrida de cavalos acompanhada de apostas em dinheiro, acharam que, de qualquer maneira, havia alguma utilidade para os magros e infelizes animais de Vitskol. A notícia se espalhou e atingiu Roskilde e dali a pouco tempo os cavalos da *Vitae Schola* começaram a trazer muito dinheiro. Mas não foi bem assim que o irmão Guilbert tinha pensado toda a questão.

Os exercícios que o irmão Guilbert atualmente realizava a cavalo com Arn não mais diziam respeito apenas a equilíbrio e velocidade, mas a coisas muito mais minuciosas. Trabalhavam todos os dias, mais ou menos por uma hora, nos cercados dos cavalos, cavalgando em volta segundo várias variantes, recuando, subindo e virando no ar, deslocando-se na lateral e para a frente ou para trás, ao mesmo tempo, ensinando aos cavalos quais os sinais que significavam ataque com as patas da frente e, ao mesmo tempo, salto para a frente ou coice para trás, com ambas as patas, e salto lateral na seqüência. Era uma arte de que Arn tanto gostava, quando tudo funcionava como planejado, quanto achava um pouco monótona. Pelo menos, quando se tratava dos exercícios obrigatórios. Os exercícios livres eram mais estimulantes, com espadas de madeira ou lanças na mão, enfrentando-se os dois, lutando um contra o outro.

A pé, os exercícios tinham se tornado mais pesados e, na maior parte, se resumiam a golpear e a aparar golpes com a espada. Arn usava há muito tempo espadas de verdade, feitas de aço. E embora o irmão Guilbert, muito raramente, lhe fizesse elogios, na maior parte das vezes vinha só com críticas. Arn nunca tinha visto na vida outro espadachim, além do irmão Guilbert, mas pela maneira como este manobrava a sua espada, lhe parecia ser um espadachim menos brilhante. Mas Arn não desistia e continuava trabalhando persistentemente, até

mesmo neste vinhedo do Senhor. O desespero seria neste caso um pecado maior.

Ele encarava o trabalho com o irmão Guy na praia de maneira diferente. O irmão Guy tinha desistido da idéia nitidamente

impossível de convencer os dinamarqueses de Limfjorden a comer mexilhões. A cultura de mexilhões tinha sido reduzida a uma pequena parte da sua ambição inicial e chegava agora apenas para as necessidades dos cozinheiros provençais da *Vitae Schola*. A missão do irmão Guy não era a de obter dinheiro para a *Vitae Schola*, mas a de espalhar as bênçãos da civilização, e isso ele fazia apresentando bons exemplos. A finalidade por trás de suas tarefas era mais ou menos a mesma dos outros irmãos que trabalhavam nas hortas, não a de vender, mas, em primeiro lugar, a de ensinar. E, nesse sentido, ele começara com um grande fracasso na missão de mostrar como funcionava a bênção dos mexilhões. Mas com a preparação dos equipamentos de pesca e a construção de barcos, a coisa saiu melhor. Ao ver que os anzóis usados pelos habitantes de Limfjorden eram de pontas retas, o irmão Guy foi ter com o irmão Guilbert e encomendou uma série de anzóis com rebarba, que ele, depois, ofereceu de graça. Quando descobriu que os pescadores locais só sabiam usar redes fixas para pescar no fiorde, ele começou a tecer redes móveis e redes especiais de arrasto. A diferença entre as suas redes e as que os habitantes de Limfjorden usavam estava, principalmente, na sua flexibilidade, mas também no uso de iscas maiores e material mais fino.

De qualquer maneira, Arn aprendeu logo a tecer as redes de pesca e, segundo o irmão Guy, elas pareciam ser produzidas por um dos pescadores da sua terra. Para Arn, o trabalho não era difícil, mas sim monótono. Em breve, tudo começou a funcionar como o irmão Guy tinha pensado. Os habitantes de Limfjorden começaram a chegar de todas as aldeias dos arredores da *Vitae Schola* e, de início um pouco desconfiados, vinham por curiosidade estudar como se usavam as redes de arrasto. E o irmão Guy se ofereceu para compartilhar, com a ajuda de Arn como intérprete e no espírito cristão, todos os seus conhecimentos.

Isso implicava, porém, o fato de o irmão Guy, de vez em quando, deixar Arn sozinho na garagem dos barcos, enquanto ele levava os pescadores dinamarqueses de barco para lhes ensinar, por exemplo, como as redes deviam ser lançadas ao mar a partir de um barco em movimento. Mas quem veio para aprender a tecer as novas redes

era um grupo de mulheres, velhas e novas, já que o trabalho de tecer redes era exclusivamente feminino em toda a região de Limfjorden.

E, então, aconteceu que Arn, cuja única experiência com mulheres era a de uma visão quando rezava pela alma de sua mãe, de repente, vivia diariamente quase todo o tempo cercado de mulheres. E, de início, essas mulheres achavam muita graça naquele jovem magricela, mas de braços fortes, que corava e se

engasgava, e virava os olhos para o chão, de tal maneira que, em vez dos seus

olhos azuis, mostrava quase sempre a careca da sua cabeça raspada. Em teoria, Arn sabia como um professor devia se comportar. Afinal, ele já tivera muitos. Mas aquilo que ele acreditava saber a respeito da arte de ensinar não correspondia em nada àquilo que agora acontecia com ele. Suas alunas não se comportavam com aquela obediência e com aquele respeito que deviam. Faziam piadas e falavam em segredo entre si, rindo muito, e as mais velhas se atreviam sem pejo a passar a mão pela careca de Arn. Mas ele mordida os lábios, por saber que a sua tarefa tinha de ser conduzida com responsabilidade. Todavia, depois de algum tempo, atreveu-se a levantar um pouco o olhar. E depois já olhava, inevitavelmente, para os seios das mulheres por baixo das finas roupas de verão e para os seus sorrisos, seus lábios carnudos e seus olhos curiosos.

Enfim, Bireite era o seu nome, tinha o cabelo ruivo, unido numa 2 única e grossa trança que lhe caía pelas costas. Era da mesma idade de Arn e gostava de pedir que ele lhe mostrasse de novo como se fazia o trabalho. E ele percebia que ela já sabia como fazer. Quando se sentava ao seu lado, ele podia sentir o calor da sua coxa. E quando, de propósito, ela errava no ponto, ele pegava nas mãos dela para mostrar, mais uma vez, como se faziam e dobravam os nós. Arn não entendia que, assim, se tornava um pecador. E, por isso, demorou até comparecer diante do padre Henri para confessar o que estava acontecendo. Mas, então, já era tarde demais. Birgite era a coisa mais bonita que Arn tinha visto na vida, com exceção, talvez, de Chamsiin. E ele começou a sonhar com ela durante as

noites, de tal modo que acordava molhado, sem ter feito nada para isso. Começou também a sonhar com ela durante o dia, mesmo quando estava ocupado com qualquer outra coisa. Quando o irmão Guilbert lhe deu uma bofetada, porque ele não seguiu corretamente um determinado exercício, nem chegou a entender o que acontecera.

Quando Birgite lhe pediu para trazer alguma das plantas que existiam no mosteiro e que cheiravam divinamente, Arn achou que só podia ser bálsamo de limão ou lavanda. Uma pergunta meio furtiva feita ao irmão Lucien resolveu rápido a questão. Todas as mulheres são loucas por lavanda, murmurou o irmão Lucien, distraído, sem imaginar quanto fogo estava plantando, justamente naquele momento.

No começo, ele apenas contrabandeava alguns ramos, de vez em quando. Mas quando ela o beijou na testa, rápido, sem que ninguém visse, Arn perdeu o bom senso por completo e, na vez seguinte, trouxe uma braçada inteira que Birgite logo levou, correndo para casa, radiante de felicidade. Arn ficou olhando para os seus pés descalços, na sua movimentação rápida que jogava areia para todos os lados.

Nessa posição, com o olhar lânguido e ausente, a boca aberta, foi que irmão Guy encontrou o seu aluno. E com isso terminou bruscamente o enrabichamento.

Isto porque, ao mesmo tempo, o irmão Lucien, para sua perplexidade, descobriu grandes buracos na sua plantação de lavanda. Arn foi punido com duas semanas a pão e água, em isolamento para — pensar e rezar, na primeira semana. Como não possuía uma cela própria, mas partilhava o mesmo dormitório com vários noviços, foi obrigado a ficar em uma cela livre na área fechada dos irmãos, no mosteiro. Consigo levou as Sagradas Escrituras, o exemplar mais antigo e mais usado, e nada mais. O primeiro dos seus dois grandes pecados Arn podia entender. O segundo, não. Por muito que, honestamente, tentasse. Por muito que ele pedisse perdão à Virgem Sagrada.

Tinha roubado a lavanda, isso era concreto e compreensível. A lavanda era uma mercadoria muito procurada que o irmão Lucien vendia com muito sucesso. Pura e simplesmente, Arn tinha se enganado a respeito do que era de graça. De graça era ensinar aos outros o método para tecer redes de pesca. Outra coisa era gerar receitas através da feitura de espadas pelo irmão Guilbert e das plantações do irmão Lucien, se bem que nem todas as plantas fossem para vender. Uma parte era para dar, também, de graça, como, por exemplo, a camomila.

O padre Henri também levou isso em consideração. Embora um roubo fosse um roubo e, portanto, um crime horroroso contra as regras do mosteiro, mesmo assim o que aconteceu, no mínimo, podia ser considerado como incompreensão juvenil. O padre Henri foi buscar razão na versão do irmão Guy para o que aconteceu. O que acabou valendo também uma repreensão para ele. O irmão Guy levou pouco a sério os erros cometidos por Arn e acabou por se enganar, dando como explicação que, se o padre Henri tivesse visto ele mesmo a menina de que se tratava, nada do que aconteceu podia ser considerado como um mistério. Isso o irmão Guy não devia ter dito, pelo que ele próprio pôde verificar rápida e praticamente.

O segundo pecado de Arn, muito pior, foi o de ter sentido desejo. Se fosse um irmão acolhido pela ordem, teria sido punido com meio ano a pão e água e com trabalho apenas na lixeira da cozinha e nas latrinas. Era tão fácil para Arn entender, no seu isolamento, como devia compensar pelo pecado de roubar lavanda, um pecado que sem dificuldade ele podia lamentar e do qual podia facilmente se arrepender. E era tão difícil ou, melhor, impossível, entender como sendo pior do que roubar o pecado de ter saudades e de sonhar com Birgite. Era impossível deixar de pensar nela. Sua camisa de cilício não o impedia de pensar nela, a frialdade da noite também não, nem a dureza do seu catre de madeira, sem a pele de cordeiro ou o cobertor. Quando acordado, ele a via diante de si. Se por sorte adormecia,

sonhava com seu rosto sardento e seus olhos castanhos ou seus pés nus, correndo rápido como os de um rapazinho pela areia. Além disso, o corpo de Arn assumia uma forma volumosa logo que ele adormecia. Pela manhã, quando algum dos irmãos, sem dizer uma palavra sequer, trazia para dentro da cela uma bacia de água gelada, a primeira coisa que ele fazia era mergulhar o elemento escabroso na água para eliminar pelo frio o pecado por demais escancarado. E quando ele conseguia se concentrar na leitura das Sagradas Escrituras, era como se o próprio diabo o conduzisse para as partes que ele não devia ler. Ele conhecia tão bem as Sagradas Escrituras que tentava abrir o livro ao acaso, de olhos fechados. E, então, aconteceu que:

*Porque o amor é forte como a morte.
E duro como a sepultura, o ciúme,
As suas brasas são brasas de fogo,
São veementes labaredas,
As labaredas do Senhor.
Os maiores oceanos
Não conseguem apagar o amor,
As grandes correntes não afogam o amor.
Se alguém quiser trocar todos os pertences
Da sua casa
Por amor, Ainda assim seria rejeitado.
(Cantares, 8:6-8)*

Por mais que Arn tentasse usar seus conhecimentos a respeito de como as palavras do Senhor deviam ser lidas e interpretadas, mesmo assim não conseguia ver no amor um pecado. Esse poder, a respeito do qual Deus, nosso Pai, falou como sendo uma bênção para a humanidade, que era tão forte que nem o oceano conseguia afogá-lo nem o homem mais rico do mundo podia comprá-lo, esse poder que era impossível de impor como a própria morte, como é que podia ser pecado?

Quando Arn, na sua segunda semana de penitência a pão e água,

ficou liberado para falar, o padre Henri convocou-o para que, assuntando o caso do roubo de lavanda, ele tentasse levar o jovem sobreexcitado a entender o que era o amor. Não foi o próprio São Bernardo que expôs o assunto de maneira clara como água?

A pessoa começa por amar a si mesma e para seu próprio bem. No passo seguinte de desenvolvimento, a pessoa aprende a amar a Deus, ainda para seu próprio bem e não por amor a Deus. Depois, a pessoa aprende verdadeiramente a amar a Deus e não mais para seu bem, mas por amor a Deus. Finalmente, a pessoa aprende a amar a pessoa, mas apenas por amor a Deus.

O que aconteceu neste processo de desenvolvimento era que cupiditas,

ou seja, o desejo que está por trás de todo apetite humano, pôde acabar sob controle e passou a ser caritas, de modo que todos os desejos torpes são objeto de limpeza geral e o amor passa a ser limpo. Tudo isso era elementar, não é verdade?

Arn concordou, contrariado, que tudo isso era em si elementar. Tanto ele quanto quase todos os outros na *Vitae Schola* eram íntimos com os textos de Bernardo de Clairvaux. Mas como Arn entendia, existiam duas espécies de amor. Era verdade que ele amava o padre Henri, o irmão Guilbert, o irmão Lucien, o irmão Guy, o irmão Ludwig e todos os outros. Podia fixar, sem hesitar, seus olhos azuis nos olhos castanhos do padre Henri, garantindo esse amor. E ele sabia que o padre Henri podia ver direto na sua alma. Mas isso não podia ser toda a verdade... E aí, de repente, ele citou, sem poder se conter, o longo pedaço dos Cantares. E o que é que Deus queria dizer com isso? E o que é que Ovídio queria dizer nos seus textos que Arn pôde ler por engano quando ainda era pequeno? Sob certos aspectos, não lembravam muito Ovídio, suspeitosa-mente, as palavras de Deus?

Depois da sua explosão, incontrolável, Arn baixou a cabeça, envergonhado. Nunca antes ele tinha entrado em desobediência polêmica com o padre Henri e esperava, sem que achasse isso injusto, por mais duas semanas a pão e água como punição. Já que ele tinha demonstrado não estar ainda curado. Mas a reação do

padre Henri foi completamente outra, como se ele tivesse ficado satisfeito pelo que escutou, se bem que não pudesse concordar com a interpretação de Arn.

— A sua vontade é forte, seus sentidos continuam livres e, por vezes, indomáveis, tal como os de uma parte desses cavalos que você monta. Eu tenho visto você, pode crer — disse o padre Henri, pensativo. — Está muito bem. Eu receei, mais do que tudo, ter quebrado a sua livre vontade, de tal maneira que você não pudesse compreender Deus na hora de Ele o chamar. E isso é tudo sobre o caso. Agora, vamos ver por que você está errado? O padre Henri explicou tudo de modo muito tranqüilo e calmo. Na verdade, Deus incutiu no homem uma libido que não é escabrosa e foi sobre ela que, por exemplo, os Cantares falaram. A ordem divina ditou que o ser humano tinha como missão povoar o mundo e para cumprir a finalidade assinalada era melhor que essa tarefa especial, exigida para cumprir a missão, fosse agradável. E feito numa união abençoada por Deus, pelo casamento, na missão de procriar, esse desejo seu se tornou divino e nada pecaminoso. Arn tirou por conclusão, completamente absurda, que um homem e uma mulher deviam esperar encontrar alguém que amassem para, depois, verem o seu casamento abençoado. O padre Henri se divertiu imensamente diante desse pensamento Bizarro.

Mas Arn não desistiu, além de tudo instigado por um inesperado sinal

suave do padre Henri. Ele argumentou em seguida se o amor em si — essa forma de amor da qual falam os Cantares — não tinha nada de mau, antes pelo contrário, segundo certas premissas, era até do agrado de Deus, por que razão esse amor era proibido para aqueles que eram os mais fiéis a Deus na sua horta? Em resumo, como é que o amor podia ser pecaminoso, merecendo um castigo a pão e água e camisa de cilício ao ser possuído por ele e ao mesmo tempo podia ser uma bênção divina para as pessoas?

— Bom, bom — reagiu o padre Henri, nitidamente divertido diante das perguntas apresentadas. — Para começo de conversa, há que fazer a diferença entre o mundo superior e o mundo inferior. Platão,

— Você sabe. Nós pertencemos, portanto, ao mundo superior. Esse é o ponto de partida teórico. Mas acho que você vai querer saber muito mais. De Platão, já sabe tudo. Pense em todos os campos verdes que rodeiam a *Vitae Schola*, pense que todas as ervas e frutos das hortas do irmão Lucien e os conhecimentos que ele espalha entre os próximos, pense na arte de ferraria do irmão Guilbert e no seu saber a respeito da criação de cavalos ou no trato da pesca pelo irmão Guy. Repare que não estou falando por metáforas. Antes, estou me mantendo no plano prático. Agora, pense em tudo isso, o que significa? — Fazemos o bem pelo próximo. Assim como o Senhor sempre será o nosso pastor, nós podemos, pelo menos de vez em quando, ser os pastores das pessoas. Damos a elas uma vida melhor através dos nossos conhecimentos e do nosso trabalho, não é isso que o senhor quer dizer, padre? — Sim, meu filho, é isso precisamente o que eu quero dizer. Nós somos os construtores de Deus espalhados pelo mundo desconhecido. Aliás, quem foi que disse isso?

— O sagrado São Bernardo, claro!

— É claro. Nós experimentamos o desconhecido, domesticamos a natureza, dobramos o aço de uma nova maneira e encontramos o remédio contra os males. Fazemos com que o pão chegue para todos. É isso que nós fazemos de uma maneira prática e, depois, ainda espalhamos o conhecimento de uma forma geral e, em especial, o conhecimento sobre as palavras do Senhor e como elas devem ser entendidas. Ainda está me acompanhando? — Sim, sim, claro, mas ainda assim... — começou Arn, cheio de vontade de contradizer tudo, mas sabendo se conter para começar de novo. — Desculpe, padre, mas vou ter que fazer a pergunta de maneira concreta e de novo. Desculpe, se vou ser impertinente. Eu entendi tudo o que o senhor disse a respeito do nosso bom trabalho. Mas por que razão, então, os irmãos pertencentes à ordem jamais podem aceitar os prazeres do amor? Se o amor é uma coisa boa, por que devemos evitá-la? — Pode-se esclarecer isso em dois planos — afirmou o padre Henri, aparentemente ainda divertido perante as considerações do aluno. — Nossa

vocação maior, nosso trabalho como os servidores mais fiéis de Deus na Terra,

tem um preço. E esse preço é o de que temos de dedicar toda a nossa alma e o nosso corpo ao serviço de Deus. Caso contrário, jamais poderíamos fazer qualquer coisa de durável. Pense se os irmãos aqui tivessem mulheres e crianças em cada canto! Como é que ficaríamos? Pelo menos, metade do nosso tempo seria utilizado em outras coisas que não aquelas que executamos agora. E começaríamos a nos preocupar com a propriedade, os nossos filhos iriam querer herdar nossos haveres. Imagine apenas essa questão! O nosso juramento a respeito da pobreza tem a mesma função que o nosso voto de castidade. Nós nada temos e depois de nós a Igreja recebe tudo o que usamos e o que construímos.

Arn ficou em silêncio, refletindo. Para ele, havia lógica naquilo que o padre Henri explicou, com exemplificações terrenas, em vez de se jogar nos braços de Platão e nas teorias de São Bernardo a respeito das almas diferenciadas dos seres humanos em estágios diferenciados. Mas ainda não estava satisfeito. Sentia como se ainda faltasse alguma coisa na lógica. Se nada mais houvesse a questionar, seria válido perguntar por que a auto-satisfação devia ser tão horrorosa. Como uma espécie de festança da alma, talvez? Ou apenas uma coisa que afastou os pensamentos de Deus? Era, de fato, impossível, reconhecia ele, corando, pensar em Deus e ao mesmo tempo se auto-satisfazer.

Quando viu que Arn parecia ter entendido e, pelo menos, em grande parte, ter aceito a explicação simples que recebeu, o padre Henri decidiu, visivelmente aliviado, que a semana seguinte de penitência, Arn I podia passar na cozinha, junto dos irmãos provençais. Embora continuasse a pão e água. Isso iria tornar-se, evidentemente, uma provação ainda mais dura, mas fortalecedora da vontade da alma.

A cozinha era o lugar em toda a *Vitae Schola* onde o trabalho era mais intenso. Os irmãos que trabalhavam fora voltavam para casa na hora das vésperas, os irmãos que trabalhavam nas forjas, na carpintaria, nas pedreiras, na tecelagem, nas ferrarias, na olaria, no estábulo, na carneirada ou no apiário, ou no ervário ou na horta, todos tinham a sua pausa noturna no trabalho e todos tinham tempo

para ler, sem que isso implicasse atraso nas suas tarefas diárias. Mas na cozinha havia apenas duas horas de silêncio por dia, depois da missa da meia-noite, quando os fogos esmoreciam e tudo ficava abandonado e brilhando de limpeza. Mas muito antes do amanhecer já recomeçava o trabalho de novo. Primeiro, saía a grande fornada de pão. Depois disso a cozinha ficava cheia de irmãos e de noviços. As horas antes da grande refeição do dia eram as de trabalho mais intenso, com pelo menos dez irmãos e noviços em ação e com muita pressa. Todos os dias, havia de cinqüenta a sessenta bocas para alimentar, dependendo de quantos irmãos estivessem no momento em viagem e de quantos visitantes estivessem presentes. Na cozinha, mandava o irmão Rugiero,

de Nimes, com poderes absolutos, e abaixo dele, os irmãos Catalan e Luís, que,

no entanto, ainda não tinham sido reconhecidos como membros da ordem, possivelmente por nunca terem tempo suficiente para completar seus estudos. Na manhã em que Arn se apresentou para o serviço na cozinha, o jantar do dia seria carneiro. Por isso, a primeira coisa que Arn teve de fazer foi ir buscar dois animais jovens, dois cordeiros, e levá-los para o matadouro, ao lado da cozinha. Estes cordeiros não eram para ser servidos naquele dia. Os que iam ser servidos tinham sido mortos dez dias antes e ficaram pendurados durante esse tempo todo para maturar. Por isso, tinham que ser substituídos pelos dois, mortos naquele dia, para serem servidos dali a dez dias. Só os bárbaros comiam carne não maturada.

Arn não gostou de levar os dois cordeiros, sem que eles tivessem a menor idéia do que lhes ia acontecer, para o matadouro. Colocou uma corda no pescoço deles e puxou-os, levemente, parando de vez em quando, sempre que eles viam um tufo de grama que lhes parecia mais apetitosa e o comiam. Arn acabou pensando em todas as semelhanças nas Sagradas Escrituras que descreviam, justamente, a ligação entre o bom pastor e o seu rebanho. Naquele momento, sem dúvida, ele não podia ser considerado um bom pastor. Quando chegou com os animais no matadouro e os entregou

a um novião taciturno, este logo os pendurou em grandes ganchos por uma das patas traseiras e cortou seus pescoços. Enquanto a vida escorria dos animais e o branco dos olhos deles revirava de medo, o novião foi buscar uma vassoura e abriu um ralo de madeira que dava para um canal de água por onde o sangue escorreu do chão de cerâmica e foi parar num esgoto subterrâneo. Uma vez tudo pronto, entrou na área mais um novião, e os dois, cada um de faca em punho, transformaram rapidamente os animais numa coisa mais parecida com carne e comida.

Arn teve de levar as duas peles ainda quentes para o curtume e os intestinos para serem lavados. Depois, foi cortar mais um bloco de gelo que carregou num carrinho para o refrigerador onde os dois novos corpos já se encontravam devidamente numerados e pendurados atrás, em filas de bezerros, porcos, vacas, patos e percas. Os blocos de gelo eram colocados no meio da área do refrigerador, de modo que a água do gelo derretido corresse por um canal e seguisse pelo sistema de esgoto. Lá dentro, era escuro e frio e Arn sentia arrepios ao ter que jogar água fria nas paredes porosas de tijolos com um instrumento semelhante ao purificador de água benta. O compartimento tinha teto alto, e no teto havia pequenas aberturas para a entrada de luz e para a saída do mau cheiro produzido pelos corpos dos animais. Quando Arn voltou à cozinha, os dois cordeiros pendurados e maturados tinham sido cortados em pedaços e colocados em vinha-d'alhos: azeite, alho, hortelã e vários outros condimentos muito fortes das terras provençais. Os enormes fornos já estavam em aquecimento. As pernas e os

lombos seriam assados nos fornos, depois de absorverem os temperos, durante

tempo suficiente, na vinha-d'alhos. As outras partes dos animais eram cortadas em pedaços menores e preparadas em panelas de ferro como ensopados. Para a ceia, havia sopa de cordeiro com vegetais, couve e, para terminar, um pouco de cerejas com mel e amêndoas torradas. Para acompanhar o cordeiro assado, pão branco, azeite e queijo de cabra fresco. — Não dava para beber vinho todos os dias na *Vitae Schola*, mas isso já não tinha nada a

ver com as regras do mosteiro, mas com as dificuldades em transportar o vinho em quantidades razoáveis da região de Burgund até o norte, à Escandinávia. Por isso, era ao irmão Rugiero que competia decidir a seu bel-prazer quando era para servir vinho ou água nas refeições. Para o carneiro assado no forno, ele achou que o vinho acompanhava melhor. Despachou então Arn para a adega para trazer meio barril pequeno de vinho, com instruções para que escolhesse o vinho do barril do final da adega, onde se encontrava a bebida da safra mais antiga. O vinho era servido por ordem de antigüidade e, por isso, Arn recebeu todas as instruções a respeito das referências inscritas no barril. Acabou trazendo no carrinho o barril errado e recebeu uma reprimenda, a de que o vinho trazido podia servir para os sacramentos, mas não para uma refeição cristã, uma piada grosseira que o chocou. E teve que refazer a tarefa. Quando o jantar foi servido e todos os outros se reuniram à mesa, Arn teve de voltar para a cozinha e pegar uma caneca de água da corrente de água potável que passava direto no meio da cozinha e não podia ser trocada por engano pela água do esgoto que vinha dos banheiros. Ele bebeu a sua água fria e se deleitou como se fosse um presente de Deus. Depois, rezou uma longa oração à mesa, antes de pegar um pedaço de pão branco. Não sentia nenhuma fome, nem inveja dos seus irmãos. Estavam comendo uma refeição normal, mais ou menos a mesma que se comia sempre na *Vitae Schola*. Depois de comer, Arn ainda limpou tudo e deu uma olhada nos tachos preparados com a comida da refeição seguinte. Depois da missa da meia-noite, a cozinha tinha que ser bem lavada com água, e todo o lixo tinha que ser retirado ou jogado no esgoto, para seguir pelo córrego e chegar até o fiorde, ou levado para a área onde ficava a lixeira, atrás da cozinha, onde uma parte era queimada e outra, muito importante, servia de estrume. O irmão Lucien era muito meticoloso a respeito de como trabalhar com a estrumeira. Isso representava muito para a sua tarefa de tornar a terra mais produtiva.

Depois de tudo feito, Arn teria duas horas de sono antes de começar a amassar o pão. Mas tinha trabalhado sob tanta pressão na cozinha quente que nem conseguia relaxar. Continuava ainda com muita

força e ritmo no corpo. Era uma noite de verão, amena, em que já se podia sentir o aroma do outono no ar. As estrelas brilhavam no céu e não havia vento. A lua brilhava pela metade.

Primeiro, Arn sentou-se por momentos na escada que levava para a cozinha e ficou olhando para as estrelas, sem se concentrar em nenhum pensamento em especial. Seus pensamentos viajavam entre as intensas tarefas do dia, todos aqueles aromas fortes da cozinha e a conversa matinal com o padre Henri. Ele tinha a certeza de que havia ainda alguma coisa que não entendia a respeito do amor.

Depois, foi andando até Chamsiin e chamou por ele. O agora forte garanhão veio trotando, reagindo rápido ao costumeiro chamado. Veio num trote suave, com um lindo movimento das pernas e a cauda levantada. Era ainda um jovem garanhão, mas já crescido como adulto e com uma cor que tinha deixado de ser aquele branco infantil e se transformado numa tonalidade de cinza e branco que, à luz da lua, parecia até ter uma tonalidade de prata. Sem saber por quê, Arn passou os braços à volta do pescoço do cavalo e abraçou-o, acariciando-o. E começou a chorar. O peito estremecia de sentimentos que ele não podia entender. — Eu te amo, Chamsiin. É a ti que eu amo de verdade — dizia ele, num murmúrio, enquanto as lágrimas corriam pelo seu rosto como um córrego. Dentro de si, ele sentia estar pensando em algo pecaminoso e proibido, coisa que não sabia como explicar.

Pela primeira vez na vida, chegou à Conclusão de que sempre existia alguma coisa sobre a qual nada havia a confessar.

MONASTERIO BEATAE MARIAE DE VARNHEMIO foi o nome dado, finalmente, ao mosteiro de Varnhem. O padre Henri, que de novo estava sentado no seu antigo *scriptorium*, sentiu um arrepio de felicidade ao escrever em definitivo essa designação. A Virgem Santa devia ter esse mosteiro a si dedicado com toda a razão, pois foi ela que teve uma participação maior na sua criação através da revelação dada à senhora Sigrid durante a inauguração da catedral de Skara. E agora, finalmente, todo o processo tinha chegado ao ponto

desejado. O padre Henri, na verdade, tinha muito do que se alegrar, tal como -, ele agora tentava expressar bem na sua longa carta. Os cistercienses tinham ganho uma jogada, não só complicada como perigosa, contra o próprio imperador da Alemanha, Frederico Barbarossa. E o padre Henri tinha mexido os seus pauzinhos do lugar onde estava, acompanhando dois grandes amigos que desempenharam um papel importante no assunto, o arcebispo Eskil e o padre Stephan, de Alvastra. Quem podia imaginar uma evolução dessas vinte anos atrás, quando ele e o padre Stephan percorreram o triste e frio caminho até o norte, na Escandinávia?

O imperador Frederico Barbarossa tinha derrubado o papa Alexandre III e colocado no seu lugar um outro papa da sua corte, mais obediente, em Roma. Em face dessa movimentação, o mundo cristão teve de escolher entre ficar ao

lado do papa Alexandre III ou ao lado do usurpador, em Roma. O resultado

final desta batalha, entretanto, já estava decidido. Muitos soberanos recebiam o imperador alemão e queriam estar de bem com ele. Entre estes, infelizmente, estava o rei Valdemar, da Dinamarca, e com ele vários dos seus bispos mais acovardados. Mas o arcebispo Eskil, de Lund, amigo dos cistercienses, assumiu uma posição contrária à do seu rei e a favor do papa Alexandre III. E com isso Eskil foi obrigado a fugir para o exílio. Na realidade, a rixa era mais uma vez aquela já antiga, de saber se os reis e imperadores deviam ter poderes sobre a Igreja ou se a Igreja devia continuar livre e independente em relação aos poderes laicos. A jogada de contra-ataque dos cistercienses veio da Svealand e das duas Götaland. Convenceram o rei Karl Sverkersson, que não sabia muita coisa sobre o imperador Frederico Barbarossa para chegar a recebê-lo, a concordar com a criação de um arcebispado com poderes sobre as três províncias. Naquela situação não importava em que cidade a sede do arcebispado ficaria. Bastava que existisse. O rei Karl Sverkersson, inteligentemente, abriu mão de fazer de Linköping a sua capital a favor de Aros Oriental. Que seja, raciocinaram os cistercienses. O principal é que a gente possa malhar o ferro

enquanto está quente.

E, então, aconteceu que o padre Henri se encontrava na catedral de Sens quando Eskil estava na presença do papa e conseguiu a nomeação do irmão Stephan para arcebispo da Svealand e das duas Götaland. Como o arcebispado da Noruega também estava a favor do verdadeiro papa, a balança da luta pendeu contra Frederico Barbarossa e seu papa imposto. Depois, Eskil pôde voltar para a Dinamarca em triunfo e Stephan se instalou em Aros Oriental sem problemas. A batalha estava vencida.

Um terceiro irmão cisterciense instalado no terceiro arcebispado nórdico não era, certamente, pouca coisa. Varnhem já tinha sido subtraída do rei Erik Jedvardsson, antes que seu sucessor, Karl Sverkersson, assegurasse ao mosteiro novas propriedades e novos privilégios, inclusive, doando um terreno seu para a construção de um novo mosteiro para freiras em Vreta, na Götaland Oriental. E mesmo não havendo nenhuma dúvida a respeito de qual seria a solução final para qualquer conflito de interesses em relação a qualquer mosteiro entre a casa real e a Igreja, como no caso Varnhem, logo aconteceu outro problema semelhante na Svealand.

Uma mulher iniciada e dedicada a Deus, de nome Doter, tinha doado uma grande propriedade sua, em Viby, perto de Sigtuna, para os cistercienses, exatamente como a mãe de Arn fizera em relação a Varnhem. E exatamente como no caso de Varnhem, vieram os parentes querendo declarar como inválida a doação. Desta vez, tratava-se de um filho, de nome Gere. Mas Gere não tinha muito apoio a esperar do novo arcebispo Stephan. Antes pelo contrário. Stephan conseguiu rápido o acordo do rei Karl

Sverkersson, reconhecendo como boa a doação através de uma carta carimbada

com o selo real. Gere, aliás, não ficou de mãos abanando. Todo o resto que sua mãe deixou foi parar nas suas mãos mesmo. Mas o mais importante no caso foi o reconhecimento de que qualquer doação feita para os cistercienses jamais, dali em diante, poderia ser questionada.

Ao mesmo tempo, uma vez assegurada a posse de Varnhem, estava

na hora de realizar as necessárias restaurações para que o mosteiro ficasse como era antes. Na realidade, Varnhem tinha ficado ocupado apenas por uma dúzia de irmãos, com a missão de fazerem pequenos reparos e conservar o mosteiro habitável e, principalmente, evitar com a sua presença que fossem feitas depredações.

Durante todos esses anos que passaram, a *Vitae Schola*, na Dinamarca, ficou muito melhor do que Varnhem, sob todos os aspectos. Mas, por isso mesmo, também era natural que, naquela hora, ao decidir liderar os trabalhos de restauração, o padre Henri fosse buscar, em primeiro lugar, na *Vitae Schola*, as forças novas necessárias para a reforma. E a esse respeito escreveu instruções completas logo que terminou o seu cântico de louvor pela vitória justa dos mais fiéis a Deus contra os poderes laicos de Barbarossa. Entre aqueles que foram convocados para Varnhem, encontravam-se o irmão Guilbert e Arn. Durante mais de dez anos, trabalhando na *Vitae Schola*, o irmão Guilbert tinha conseguido colocar em bom funcionamento a ferraria, com vários noviços capazes que ele ensinou e preparou. Em Varnhem, a situação era justamente o contrário. Na realidade, a ferraria estava parada. Por isso, era claro que o irmão Guilbert teria de ser chamado de volta para Varnhem. No que dizia respeito ao noviço Arn, a questão era mais complicada. Os conhecimentos práticos de Arn, ele os tinha obtido, principalmente, do irmão Guilbert. Portanto, no caso de este ser chamado para Varnhem, era mais lógico que Arn ficasse na *Vitae Schola*. Mas o padre Henri tinha um plano para Arn, que ainda não queria desvendar e muito menos pôr no papel, numa carta que, eventualmente, acabaria arquivada, à disposição de todos os cistercienses. Em vez disso, ele disfarçou suas intenções dando instruções para que alguns cavalos escolhidos da *Vitae Schola* fossem trazidos para Varnhem, a fim de ver se as idéias do irmão Guilbert teriam mais sucesso entre os bárbaros da Götaland Ocidental do que com os bárbaros dinamarqueses. Escreveu que, neste caso, não queria se meter em detalhes, deixando todas as decisões práticas para o irmão Guilbert tomar. Tendo acabado de escrever esta passagem embaraçosa — embaraçosa porque ele não

podia escrever toda a verdade a respeito de suas intenções, mas mesmo assim teria de escrever de maneira tal que não pudesse ser considerada como mentira —, o padre Henri passou para a questão das plantações na horta. Os melhores noviços do irmão Lucien deveriam ir para Varnhem, para ^o que, assim que chegassem, fossem ordenados

irmãos da ordem cisterciense. O irmão Lucien seria responsável pela escolha das

plantas certas nas quantidades necessárias. Enxertos, sementes e todo o resto deviam ser transportados com todo o cuidado da Dinamarca. Ao terminar a sua longa carta, o padre Henri ficou arredondando as letras durante algum tempo para que ficassem mais bonitas. Trabalhou bem concentrado, sem pensar em nada mais, até que terminou. Ao colocar a pena de lado, deu um suspiro de alívio e de felicidade. Olhou em volta, no seu velho e amado *scriptorium*. Por algum motivo, ele sempre achou que essa sala era o seu lar espiritual, o lugar onde ele sempre iria realizar seus trabalhos mais importantes. Nessa altura, as prateleiras dos livros tinham muitas partes vazias, mas era apenas uma questão de tempo. Era ali naquela sala que ele iria terminar a obra da sua vida e, a seu tempo, seria sepultado sob as pedras do chão da igreja onde já descansava a senhora Sigrid, a fundadora de Varnhem. Recostou-se na cadeira de couro, já bastante usada, olhou para cima, vendo as rachaduras na alvenaria do teto, deixou voar os pensamentos por um momento à volta de coisas práticas a realizar e a priorizar, mas acabou por lembrar vivamente o momento do triunfo na catedral de Sens. A catedral sempre fora um milagre de beleza, algo com que os especialistas em arquitetura, como o irmão Guilbert, ficariam ainda mais encantados do que o próprio padre Henri. Tinham começado a construção segundo um estilo totalmente novo, onde a abóbada era pontiaguda e apontava direto para cima, de modo que todas as igrejas no mesmo estilo dariam a entender que, realmente, se dirigiam para Deus, e as abóbadas não ficavam arredondadas, curvadas sobre si mesmas, denunciando um limite humano muito distante do céu. A forma das pedras tinha uma ligação importante

com a fé, segundo o padre Henri. Acima de tudo, tratava-se de encontrar uma harmonia entre a forma e o conteúdo, especialmente numa área sagrada. A ornamentação vistosa levava os pensamentos a fugir do mundo superior. Mas a forma que por si mesma procurava chegar ao alcance de Deus, uma forma pura e em pedra apenas, descrevia uma ligação diferente e magnífica. Não seria, talvez, de bom aviso mandar vir plantas e informações sobre novas maneiras de construir lá do país de seu nascimento? Não. Existiam outras melhorias, muito mais práticas, em que pensar, tratando-se de Varnhem no seu estado atual. Dedicar-se primeiro à beleza da forma seria um pecado. Para Arn nada existia que pudesse se chamar de lar. Varnhem não era o seu lar, nem tampouco a *Vitae Schola*, perto de Limfjorden. Nem qualquer outro lugar. O seu lar era onde estavam seus irmãos e, acima de tudo, onde estivessem o irmão Guilbert e o padre Henri.

O pior, ao viajar da *Vitae Schola*, foi deixar Chamsiin. O irmão Guilbert tinha decidido que Chamsiin devia ficar como reprodutor na *Vitae Schola*, e ele falou por quê, para Arn, fazendo um desenho complicado na areia, mostrando quais os cavalos que eram descendentes de Chamsiin e quais os que eram

descendentes de Nasir e assim se explicava por que Nasir e um outro garanhão

jovem descendente de Chamsiin e Aisha deviam seguir para Varnhem, e Chamsiin devia ficar na *Vitae Schola*. Depois de tudo bem explicado, Arn não podia questionar mais a decisão.

O garanhão jovem era malhado, de um castanho-avermelhado e cinza, e, depois da missa de despedida de *Vitae Schola*, o irmão Guilbert explicou, também, para Arn que o jovem animal devia chamar-se Chimal, que na linguagem secreta dos cavalos significava Escandinávia. Mas ao ver a tristeza nos olhos de Arn, o irmão Guilbert chamou-o de lado e explicou que não era pecado nem coisa de se envergonhar sentir falta e ter saudades do seu cavalo. Aqueles que disserem que um cavalo é apenas uma coisa, um haver sem alma e, portanto, algo impossível de amar não sabem de nada. Estariam certos apenas formalmente. Mas o mundo estava cheio de

homens, inclusive homens fiéis a Deus, que estavam certos, formalmente, em relação a um ou a outro caso, mas ainda assim não sabiam entender. Diante de Deus, o irmão Guilbert jurou que havia muitos e muitos homens que achavam certo amar cavalos como Chamsiin. Todavia, por outro lado, é preciso lembrar que nem os cavalos, nem os próximos, nem os irmãos e os familiares vivem para sempre. Até pela simples razão de que, no caso dos cavalos, eles não vivem tanto quanto os homens. E Arn, certamente, pelo menos pelo que o irmão Guilbert podia ver em relação ao futuro dele, ia ter que sofrer, durante a sua vida, a perda de mais de um cavalo. Era como se se tratasse de familiares mais velhos que, pela ordem da vida, se vão primeiro, mas não se trata de um pensamento pecaminoso. Chorar por alguém, lamentar a perda de um cavalo, faz parte da vida, tal como Deus a ordenou.

Arn deixou-se consolar, mas apenas porque não era pecado lamentar ter sido obrigado a deixar Chamsiin para trás. Embora agora já fosse considerado como homem e não mais garoto, ele ainda chorou um pouco quando as carroças deixaram a *Vitae Schola*. Ninguém notou, a não ser o irmão Guilbert. E só ele também podia entender a razão do choro. Tanto os outros irmãos quanto os noviços sentiam tão pouco quanto Arn a existência de um lar em qualquer lugar que não aquele onde estivessem outros irmãos, num bom mundo de Deus. Mas o que sabiam os outros a respeito de cavalos de ultramar?

Pouco antes da Feira de Bartel, em fins de agosto, tempo de colheita no auge e hora, também, de abater os bodes na Götaland Ocidental, Arn olhou para a torre da igreja crescendo para o céu, primeiro imprecisa como se fosse algo estranhamente com nós ou ressecado ou atingido por algum raio, uma coluna de madeira no meio de um bosque de carvalhos, depois visível, nítida. Arn não conseguia lembrar-se da torre como quando era criança. Não era isso que o emocionava. Mas era ali que a sua mãe estava sepultada, ela, a quem todas as noites dedicava as suas orações. Era como se ela existisse, ainda

viva, lá dentro, embora apenas restassem seus ossos. Dos recantos da memória,

Arn foi buscar um retrato pouco nítido da sua pessoa como criança, de pé, sozinho, entre homens estranhos, ainda não os seus amados irmãos, acompanhando a missa de corpo presente. Cheio de respeito, entrou a cavalo pelo portão do mosteiro, notando não reconhecer quase nada à sua volta, mas reconhecia, sim, embora tudo parecesse em decadência. Ao cumprimentar o padre Henri, que veio ao encontro dos recém-chegados, pouco antes do portão de entrada, ele pediu a bênção e se apressou na direção da igreja, onde, à entrada, se ajoelhou e fez o sinal-da-cruz, antes de se aproximar do altar. Lá na frente estavam dois noviços de joelhos, trabalhando com o cinzel e o martelo no bloco de pedra que cobria a sepultura da sua mãe e que antes tinha apenas um pequeno sinal, quase imperceptível. Agora que os cistercienses tinham alcançado sua grande vitória sobre o poder laico e indicado o *Monasterio Beatae Mariae de Varnhemio* como lugar seguro, não só para os irmãos, como para

os ossos dos mortos, o padre Henri havia decidido que a sepultura de Sigrid deveria ser devidamente marcada. A idéia, no entanto, era para que o trabalho estivesse pronto antes de a caravana da *Vitae Schola* chegar. Mas, durante a viagem, o tempo estivera muito bom e favorável. E daí a chegada antecipada. Ao chegar na frente, meio confuso, Arn saudou os noviços, primeiro em latim que eles ainda não entendiam bem, depois em francês que eles não entendiam nada e, finalmente, em nórdico que era a sua língua, embora mais cantada do que aquela de que ele se recordava. E, depois, ajoelhou-se e fez uma oração de agradecimento por ter chegado bem. A seguir, Arn leu o texto já gravado na pedra da sepultura e aquele que apenas estava esboçado. E sentiu que a sua mãe vivia, que ela estava ali, não apenas a sua alma, mas em carne e osso, como se ela estivessem sorrindo por baixo da pedra. Sorrindo para ele. Lá, por baixo daquela pedra, jazia Sigrid, nossa mais querida e respeitadíssima doadora em eterna paz, nascida no ano do Senhor de 1127 e falecida no ano de 1155, abençoada, em memória. Foi o

que ele leu. Depois do texto, havia o desenho de um leão e algo mais que ele não conseguiu ligar à situação. Arn apenas conseguia ver as mãos dela na sua frente, sentir o aroma da sua presença e achava até poder escutar a sua voz. Mas, durante a missa de boas-vindas, quando todos estavam reunidos, o nome da sua mãe foi citado repetidamente e isso o encheu de sentimentos incompreensíveis, de modo que ele resolveu imediatamente se confessar. Receava que tivesse sido atacado pelo orgulho. Semanas antes de o padre Henri ser reinstalado como prior de Varnhem e do próprio arcebispo Stephan chegar de visita, o irmão Guilbert e Arn trabalhavam como loucos, junto com dois noviços do local, para colocar em ordem o fornecimento de água. Dois grandes açudes tinham sido negligenciados e precisavam ser escavados, recuperados, o canal que levava a água para os alcatruzes, grandes e pequenos, estava parcialmente entupido, de tal maneira que

a força da corrente chegava enfraquecida com uma redução de até nove dízimos

da sua verdadeira capacidade. A roda do moinho e a sua engrenagem necessitavam de muitos reparos. A corrente de água era o motor do mosteiro e, ao mesmo tempo, sua fonte de limpeza, tão importante nos lavatórios e na cozinha quanto como força motriz para os foles, os moinhos e as bigornas. Por causa da importância do trabalho, a pequena equipe foi dispensada de todas as missas e momentos de leitura do dia. Arn deitava-se na cama logo depois das vésperas e dormia profundamente, sem sonhar, até a primeira missa da manhã. E os dias de trabalhadeira seguiam-se uns aos outros, num ritmo que parecia dar a sensação cada vez mais forte de que o tempo ficava suspenso e flutuando num único compasso de trabalho.

No entanto, no dia em que o arcebispo e a sua escolta transpuseram, cavalgando, o portão do mosteiro, a água escorria de novo pelos lavatórios e pela cozinha, as instalações para as visitas tinham sido caiadas e limpas de novo e em uma das ferrarias escutava-se a batida do martelo na bigorna. Depois da missa da recepção, na orédica, o arcebispo falou aos irmãos sobre a vitória do

bem sobre o mal e como a ordem cisterciense estava tão forte que nenhuma ameaça externa existia nesta remota parcela do mundo. Apenas existiam as ameaças permanentes em todos os seres humanos, os pecados do orgulho ou da preguiça ou da apatia. Só estes podiam atrair o justo castigo de Deus. E, por isso, ninguém devia descansar, recostar-se sobre os louros colhidos, mas apenas continuar trabalhando na horta de Deus, com a mesma perseverança de sempre.

Depois da refeição de agradecimento, o arcebispo Stephan e o padre Henri se retiraram para aquela encruzilhada onde sempre costumavam sentar-se para conversar, perto do quintal agora decadente. Tiveram, então, uma longa conversa a respeito de um assunto que não queriam que os outros irmãos escutassem. Falavam muito baixo, de tal maneira que os irmãos no quintal apenas conseguiam entender uma ou outra palavra e só quando os dois respeitáveis senhores se excitavam com os seus próprios pensamentos e, como num fogo-fátuo, falavam um pouco mais alto. Depois, rapidamente, voltavam a baixar o tom de voz.

Após cerca de uma hora de conversa, pareciam ter chegado a um acordo e, então, mandaram chamar Arn, que já se encontrava diante de mais uma tarefa difícil em uma das ferrarias, onde o mecanismo do fole não queria funcionar. Arn foi até o lavatório e tomou um banho completo, pensando se não seria melhor raspar a cabeça, coisa que ele tinha deixado de fazer nas últimas semanas, enquanto liberado de todos os compromissos, menos trabalhar nas instalações de água. Ao passar a mão na careca, sentiu que o cabelo já tinha crescido pelo menos um centímetro. Dessa maneira, não era possível se apresentar perante o arcebispo, mas, por outro lado, não podia se atrasar diante do chamado deles.

Um pouco envergonhado, Arn seguiu para o claustro, ajoelhou-se diante

do arcebispo e beijou a sua mão, pedindo desculpa por seu aspecto meio negligente. O padre Henri explicou rapidamente que Arn pertencia ao grupo que havia cumprido tarefas especiais nas últimas semanas, mas o arcebispo acenou que esse problema não tinha

importância e pediu a Arn para se sentar, o que era um favor surpreendente.

Arn sentou-se num banco de pedra, intranquilo, diante dos dois homens respeitáveis, por não saber por que razão eles queriam falar em especial com ele, que era apenas um jovem noviço. Jamais poderia imaginar o que iria acontecer com ele. Na realidade, até achava que a sua vida já estava traçada, numa trilha determinada e tão certa quanto o movimento das estrelas no firmamento. — Meu jovem, será que ainda te lembras de mim? — perguntou o arcebispo, bondosamente, mas surpreendentemente em francês, em vez de latim.

— Não, *monseigneur*, sinceramente, isso eu não posso dizer — respondeu Arn, embaraçado, olhando para o chão.

— Da primeira vez que nos vimos, você tentou me bater, me chamou de velho antiquado ou algo assim e declarou que não queria ficar sentado a ler esses livros enfadonhos, mas isso, aparentemente, você também já esqueceu, não é verdade? — continuou o arcebispo com um assomo simulado de dureza, numa simulação tão aparente que todas as pessoas no mundo a teriam percebido, menos Arn.

— *Monseigneur*, peço realmente por sua compreensão. Minha única desculpa é que eu era ainda uma criança e não sabia de nada — respondeu Arn, corando de vergonha e tentando imaginar como é que ele podia ter levantado a mão para o arcebispo. Mas nesse momento o arcebispo e o padre Henri desataram a rir em alto e bom som.

— Sim, sim, meu jovem, eu tentei fazer graça, não estou aqui para exigir vingança pelas injúrias antes recebidas. Devo até ficar agradecido, depois do que ouvi dizer, por não ser agora que você queira me bater. Não, não precisa pedir desculpa novamente! Agora, o que você vai fazer é escutar. O meu velho amigo Henri e eu temos discutido bastante a seu respeito. Aliás, já fazíamos isso desde quando você chegou aqui, criança. Você deve saber, pelo menos, que foi um milagre que o trouxe até nós; não é verdade, meu filho?

— Eu li a história — respondeu Arn, em voz baixa. — Mas eu, pessoalmente, não me lembro de nada. Só me lembro do que li. — Mas se São Bernardo e Nosso Senhor o trouxeram de volta para o

reino dos vivos e o conduziram até nós, quais devem ser as conclusões a tirar disso? Já pensou nesse problema? - perguntou o arcebispo num tom de voz agora mais objetivo, como se começasse nesse momento a conversar a sério. — Quando eu era criança e caí de um muro alto, o Senhor se mostrou generoso para comigo e talvez para com a minha mãe e o meu pai, perante as

suas preces mais sinceras. É essa a verdade. É isso a que podemos considerar

como certo — respondeu Arn, ainda sem se atrever a levantar o olhar. — Certo, certo, nada mais precisa ser dito a esse respeito — reagiu o arcebispo Stephan, com um ligeiro acento de impaciência na voz. — Mas, então, vamos deparar imediatamente com a questão do porquê, não é verdade?

— Sim — interferiu Arn. — Vamos deparar com a questão de saber por quê, mas para essa pergunta jamais consegui uma resposta. Quando se trata do perdão de Deus, acontece que isso, muitas vezes, fica acima da compreensão humana. E não sou exatamente o único a não entender tudo a respeito do perdão de Deus.

— Ah, agora começo a reconhecer de novo aquela criança impulsiva que tentou me bater e me chamou de velho antiquado. É assim mesmo, meu caro jovem! Responda de volta, reaja! E não estou sendo irônico, não, gosto de ouvi-lo quando responde de volta. Isso significa que não o transformamos num simples vegetal podado, crescido no quintal. Você mantém a sua vontade e o seu senso de vida. E isso nós achamos ótimo. Henri descreveu, especialmente, essa sua qualidade para mim. Aliás, há muito tempo não falo em francês. Você não tem nada contra se mudarmos para o latim, não é? — Não, senhor, reverendo.

— Ótimo. Na realidade, estava apenas tentando devolver uma batata quente que você me deu quando nos vimos pela primeira vez e você disse que eu nem falava bem a língua nórdica. Bom, essa tentativa de fazer graça caiu pela base. O seu francês é muitíssimo bom. Aliás, como é que pode ser, as suas leituras devem ser quase todas em latim, não é? — Seguimos uma linha em que eu falo em latim quando se trata de coisas espirituais e de leituras; em francês,

durante metade do tempo de trabalho; e nórdico, com os noviços que não entendem o francês — respondeu Arn, levantando pela primeira vez os olhos e fixando-os nos olhos do arcebispo. Tinha já ultrapassado a maior parte do seu embaraço. — É uma linha ótima a seguir, desde que não esqueça a sua língua materna, melhor ainda se tudo terminar como pretendo — murmurou o arcebispo, pensativo. — Mas deixa que lhe pergunte uma coisa muito definida e gostaria que me respondesse com toda a sinceridade. O Senhor Deus já falou com você? Já revelou as Suas intenções para contigo? — Não, senhor, reverendo. Deus nunca falou comigo, diretamente. E não sei nada a respeito de Suas intenções para comigo — respondeu Arn, de novo rebaixado e embaraçado. Era como se tivesse que se envergonhar por não ter recebido diretrizes direta e pessoalmente de Deus, que, no entanto, lhe tinha dado a vida de volta através de um milagre. Era como se ele, através do pecado, tivesse se tornado indigno dos planos originais de Deus. Sabe-se lá o que teria acontecido...

Os dois anciãos consideraram, pensativos e em silêncio, aquilo que Arn

tinha respondido. Não disseram nada por uns longos momentos, mas no final se entreolharam e acenaram afirmativamente um para o outro. E o padre Henri pigarreou longamente, como costumava fazer antes de iniciar uma longa explicação.

— Meu querido filho, está na hora de você escutar o que vou dizer e nem por isso deve ficar com medo — começou o padre Henri com visível emoção. — Stephan, meu grande amigo, e eu chegamos a uma decisão que acreditamos ser a única correta. Nós sabemos, tão pouco quanto você, quais são as intenções de Deus a seu respeito. A única coisa que nós sabemos é que se trata de algo muito especial. Mas como nenhum de nós sabe o que será, isso pode decorrer, por exemplo, do fato de Sua chamada estar ainda muito longe. A nossa missão e a sua missão podem ser, portanto, a de prepará-lo tão bem quanto possível para essa chamada, não é verdade? — Naturalmente, sim, padre — respondeu Arn, em voz baixa. De repente, começou a sentir a garganta seca. — A sua cultura é

bastante elevada e o seu trabalho com as mãos tem sido para nós de grande ajuda intra muros — continuou o padre Henri. — Mas você não conhece nada do mundo lá fora. Por isso, terá que visitá-lo, terá que voltar para o burgo de seu pai, em Arnäs, situado a um dia de cavalo daqui. Aliás, um dia de cavalo nórdico. Você entende o que eu quero dizer. Se fosse com um cavalo de ultramar, seria meio dia, acho eu. De qualquer forma, essa é a ordem que nós agora lhe damos. Voltará para o lugar que antes foi o seu lar. — Claro... Vou obedecer, naturalmente, às suas ordens — adiantou Arn, se bem que as palavras lhe ficassem atravessadas na garganta. Ele se sentia atingido por uma tremenda pancada, como se fosse excomungado, arremessado para fora da sagrada comunhão. —

— Vejo que não gostou da nossa ordem — constatou o arcebispo. — Não, senhor, reverendo. Tenho tentado me comportar bem, aqui, entre nós. Não quero de forma alguma me engrandecer ao dizer isso, mas posso assegurar que fiz o meu melhor — respondeu Arn, de coração cortado. — Você é um cisterciense, meu jovem amigo — declarou o arcebispo Stephan. — Pense nisso. Você é para sempre um dos nossos. Porque aquilo que foi feito não poderá ser desfeito. Pode ser também que o seu futuro seja o de se tornar um dos nossos intra muros para sempre. É justamente isso que nós não sabemos. Pode ser que você volte depois de ter achado que o mundo além destes muros não serve para você. E voltará, então, bem preparado para avançar com os seus votos monásticos. Mas deves aprender aquilo que ainda não sabe e não vai conhecer o mundo lá fora ficando aqui dentro, por muito que possa ler. Nós queremos o melhor para você. Verá que tanto Henri como eu o amamos e vamos pedir a Deus por você, enquanto estiver longe daqui, Mas você tem de aprender como é o mundo lá fora. Isso é essencial.

— Quando é que vou poder voltar? Quanto tempo vou ter que ficar longe? — perguntou Arn, com a esperança recém-acesa de que não seria excomungado para sempre e de que a provação seria por tempo determinado. — Quando Deus quiser, você voltará de novo para nós. Se Deus não quiser, Ele dará a você, lá fora, outra missão.

Você deve perguntar a Ele nas suas orações. Não é uma coisa que nós possamos decidir, visto que se trata de uma questão entre você e Deus — constatou o arcebispo, dando sinal de que ia levantar-se, de que a conversa tinha chegado ao fim. Mas aí se lembrou de outra coisa a acrescentar, animando-se um pouco. — Sim, mais uma coisa, meu jovem. Enquanto estiver lá fora, você deve saber que não serão apenas os seus irmãos que vão rezar por você. Terá também o seu arcebispo como amigo. Poderá sempre vir até mim para falar das suas preocupações. Não esqueça isso. E assim se levantou o arcebispo Stephan, estendendo a mão para Arn, que se ajoelhou e, de cabeça baixa, como sinal de obediência, a beijou. Ao sair de Varnhem, cavalgando, Arn de início se sentia com a mente pesada. Apesar das muitas explicações e exortações do padre Henri, ele ainda não tinha conseguido se recuperar da sensação de estar sendo vítima de uma punição, como se tivesse desmerecido a companhia dos outros irmãos. Entretanto, começou a cantar, procurando consolo, e isso, em breve, já o estava ajudando. E ao descobrir que isso o ajudava, mudou o seu estado de espírito e começou a cantar ainda mais, como todos entre os irmãos, nem mais nem menos. Mas cantar, para ele, voltou a ser de repente uma grande alegria, a maior em muitos anos, fazendo lembrar os tempos em que ele cantava com voz de soprano no coral dos irmãos.

Enquanto o seu humor mudava drasticamente, tão rápida e inesperadamente quanto o tempo na primavera, ele começou também a encher-se de excitação e expectativa. Era, de fato, verdade que nada sabia do mundo secular. Mal se lembrava de como era Arnês, aquele lugar que um dia tinha sido o seu lar. Lembrava-se, sim, de uma torre muito alta, de um burgo atrás de uns muros em que ele e mais algumas crianças brincavam rodando arcos e o seu pai lhe mostrava como atirar com arco e flecha. Mas tinha dificuldades em recuperar uma imagem mais nítida de como e onde, na realidade, tinha morado. Tinha, sim, a sensação de que todos moravam juntos, de uma maneira ou de outra. De que era escuro e que havia um fogo gigantesco, mas ele não confiava na sua memória nessa parte, visto que tudo lhe parecia muito estranho. Mas agora ia ver novamente tudo com os seus próprios olhos. Já no

dia seguinte estaria chegando, se bem que com um cavalo melhor teria sido possível chegar ao anoitecer daquele mesmo dia. Mas estava montando um velho cavalo nórdico, muito lento, um daqueles que o irmão Guilbert dizia não servir para procriar e muito pouco para qualquer outra coisa. No entanto, como o noviço Erlend ainda se encontrava em Arnäs para ensinar outras crianças a ler, tal como fizera com Arn e Eskil em outra época, agora Erlend podia usar um cavalo

manso para voltar para Varnhem. Era suposição do padre Henri que o noviço

Erlend talvez não fosse mais preciso em Arnäs depois da volta de Arn, tanto em termos de ensino como de qualquer outra coisa. Uma pessoa deve aprender a se ajustar ao seu destino, tal como Deus o define. Não adianta nada reclamar, dizendo que gostaria de ser outra pessoa ou de estar em outro lugar. Em vez disso, deve-se tirar o melhor partido da situação, desde que satisfeitos o melhor possível os planos de Deus. Aquele que por último na fila de todos os irmãos repetiu isso para Arn na hora da partida foi o irmão Rugiero, também chamado para Varnhem, visto que o padre Henri achou a comida feita lá muito ruim, uma calamidade nórdica. O irmão Rugiero deixou cair uma pequena lágrima na hora da despedida, mas disfarçou. Por outro lado, embrulhou um gigantesco lanche para a viagem, alimento suficiente para uma semana ou mais. Arn protestou, mas o irmão Rugiero fechou rapidamente a sua mochila, dizendo qualquer coisa no sentido de que não podia ser prejudicial ter um pouco de comida na hora das boas-vindas, ao chegar em casa. Aparentemente, tanto para o irmão Rugiero como para todos os outros irmãos na *Vitae Schola*, Arn teria vindo até eles porque seus pais eram pobres e tinham dificuldade em alimentar todas as bocas. Esse sempre foi, aliás, o motivo mais usual para aquelas crianças que entravam para os mosteiros.

Após algumas horas de viagem, Arn viu ao longe a cidade de Skara, com as duas torres da catedral se erguendo, poderosas, sobre um conglomerado de casas de madeira, todas baixas. Logo em seguida, começou a sentir o cheiro da cidade, já que estava cavalgando

contra o vento. Era fumaça e putrefação, mais lixo e restos de animais, tudo cheirando tão mal e tão forte que ele não teria qualquer dificuldade em fazer o caminho certo na última meia hora antes da cidade mesmo que a escuridão fosse total. Ao chegar perto, a curiosidade de Arn se acendeu ao ver uma grande construção em andamento. Fez um pequeno desvio para melhor examinar a construção. Estavam construindo um castelo. Segurou o cavalo e se espantou, cada vez mais, com o que viu. Havia muita gente em movimento e a maioria arrastava blocos de pedra sobre 5 troncos roliços, mas o trabalho parecia avançar muito lentamente. Em nenhum lugar ele viu blocos e guinchos ou aparelhos de suspensão. Tudo parecia funcionar pela força dos músculos humanos. Havia muita gente mal vestida que fazia muita força e que era supervisionada por homens armados que não pareciam nada amigos dos que trabalhavam. E nenhum daqueles que se esforçavam e empurravam as pedras lá embaixo parecia estar feliz com o seu trabalho.

Os muros não eram especialmente elevados e consistiam, principalmente, em taludes de terra que, com facilidade, qualquer cavalo podia subir até o cume, e uma vez chegado lá qualquer bom cavalo iria saltar por cima

com um único salto. Chamsiin, por exemplo, iria vencer esse obstáculo sem problemas.

Arn não sabia muita coisa a respeito de guerra e de obras de defesa, a não ser aquilo que havia lido, o que, na sua maior parte, eram livros sobre estratégias e táticas romanas. Mas lhe parecia que aquele futuro castelo seria muito difícil de defender se os sitiantes erguessem uma torre de madeira e a empurrassem contra os muros. Embora, talvez, os métodos romanos já estivessem ultrapassados.

Um dos homens que supervisionavam os trabalhos descobriu o olhar fixo de Arn e avançou até ele, dizendo palavras duras que Arn não entendeu realmente, mas que lhe pareceram protestar contra a sua presença e que não era bem-vindo. De imediato, Arn pediu desculpas e dirigiu seu cavalo, de novo, em direção à cidade.

A cidade de Skara era cercada de uma espécie de muros constituídos por troncos de madeira, galhos e de terra amontoada. Perto do lugar por onde se podia entrar, existiam várias tendas e pessoas que cantavam estranhas canções e tocavam algum tipo de instrumento. Ao chegar mais perto, descobriu que havia muitos homens sentados, juntos, em uma das tendas, bebendo cerveja. E já deviam estar fazendo isso há muito tempo, visto que um ou outro entre eles já tinha caído no chão e dormia. Para seu espanto, viu ainda uma mulher com as roupas em desalinho, que avançava aos troncos e barrancos na direção de uma tenda menor e viu um homem, sentado, sem a menor perturbação, esvaziando a bexiga.

Arn não entendeu nada do que estava vendo no comportamento dos seus concidadãos e essa sensação se confirmou nitidamente quando três garotos o descobriram, apontaram o dedo e riram dele, sem que ele tivesse a mínima idéia do motivo. De qualquer maneira, Arn precisava passar por eles para seguir pela abertura no muro. Entretanto, depois de segredarem alguma coisa entre si, os garotos avançaram e impediram a passagem de Arn. — Aqui, para entrar, é preciso pagar pedágio para os pobres, jovem monge! — disse o mais velho e mais temerário dos três. — Não tenho muito comigo para dar — respondeu Arn, sinceramente pesaroso. — Tenho apenas um pouco de pão... — Pão já serve. Nós nada temos. E quanto você tem, jovem monge? — Tenho apenas quatro pães feitos hoje de manhã — acrescentou Arn, conforme era verdade.

— Tá bem, vamos aceitar! Dá logo os pães! — gritaram os três. E pareceu aos olhos de Arn que, de repente, eles tinham ficado felizes. Fortalecido pela idéia de, inesperadamente, ser tão fácil poder dar uma alegria para o seu próximo, Arn abriu a sua mochila e pegou os pães que os três rapazes puxaram de suas mãos, soltando gargalhadas e correndo rápido do lugar, sem ao menos dizerem obrigado. Arn olhou preocupado para eles, já longe.

Desconfiou que tinha sido enganado de alguma maneira, mas não entendia a razão para alguém fazer uma coisa dessas. E depois ainda ficou com a consciência pesada por pensar mal do seu próximo. Em seguida,

quando ia atravessando o portão, dois homens armados, meio sonolentos, impediram a sua passagem. Queriam, primeiro, que ele dissesse quem era e o que ia fazer. Arn respondeu que era um noviço de Varnhem e que ia visitar a catedral, mas que continuaria a viagem dentro de pouco tempo. Os homens, então, deixaram que ele passasse, mas riram muito e disseram alguma coisa meio estranha, que ele devia evitar fazer isto e aquilo, conversa cujo conteúdo Arn também não entendeu. E ao dar a entender que não tinha entendido nada, os dois homens riram ainda mais. Ao transpor o portão, Arn hesitou sobre o caminho a tomar. A direção da catedral era fácil de ver pelas suas duas torres elevadas que, aliás, podiam ser vistas de qualquer lugar da cidade. Mas entre todas as casas de madeira, baixas e muito juntas, parecia existir estrume por todo o lugar. Arn pensou, primeiro, em seguir por outro caminho entre todo aquele lixo. Entretanto, viu chegar um cavaleiro por uma ruela que parecia ir dar diretamente na catedral. As patas do cavalo, a cada passo, se enterravam na lama, em excrementos de animais e em putrefação. Hesitando muito e com o mau cheiro irritando o nariz, Arn tomou o mesmo caminho, mas na direção contrária. Era ainda de manhã. Por todo o lugar se escutavam os galos cantando, e de certos recantos, no caminho pelas ruelas, quase foi atingido por porcarias atiradas de penicos e de tachos de cozinha. As pessoas viviam com o seu gado e suas galinhas. Foi o que Arn conseguiu entender pelo que viu e escutou. Ficou muito mais admirado do que cheio de repugnância.

Enfim, quando saiu da área povoada das ruelas e se deparou com a catedral, entrou numa praça com longas filas de tendas onde se realizava algum tipo de comércio. Também o terreno estava mais limpo nessa área. Arn desmontou do cavalo com todo o cuidado, querendo ver onde punha os pés e amarrou o animal num poste à entrada da catedral, junto de dois outros cavalos. Hesitou um momento entre satisfazer a sua curiosidade e ver o que estava sendo vendido nas tendas e ir dedicar-se primeiro a visitar a casa de Deus. Tão logo fez essa pergunta a si mesmo, sentiu vergonha de ter podido hesitar sobre tal questão e entrou imediatamente pela porta da igreja, ajoelhou-se e fez o sinal-da-cruz.

A igreja estava quase vazia, havia pouca gente e estava tão escuro que Arn teve que parar por momentos antes de a vista se habituar à escuridão. Lá na frente, junto do altar, luziam umas vinte velas pequenas. Viu, então, uma mulher que acendia mais uma vela e que, depois, se ajoelhou para rezar. Em algum lugar, na frente, no meio da escuridão, havia um grupo de coral que começou a cantar salmos. Mas não cantavam bem. Arn podia escutar,

nitidamente, duas vozes que cantavam diretamente em falso e isso o deixava

admirado. Cantar desse jeito era como querer iludir o Senhor na casa de Deus. Enfim, acabou entrando numa das alas laterais e sentou-se em um banco de pedra para refletir e tentar entender o que via e o que escutava, antes de começar suas orações. Não se sentia em casa nessa casa de Deus. No altar, havia suspensas grandes telas de pano em cores gritantes, junto com duas imagens de santos e uma Virgem Maria pintada em azul, amarelo, vermelho e verde. Por uma janela envidraçada, em cima, na lateral da torre e na sua frente, entrava a luz partilhada pelo vidro num arco-íris, com todas as cores. Isso deu uma impressão a Arn de pompa e de impureza como se a ostentação fosse prelúdio de falsidade. A imagem de Jesus Cristo em uma das paredes da torre estava enfeitada com ouro e prata, como se o Senhor fosse um conde terreno. Então ele se ajoelhou e pediu a absolvição pelos pecados cometidos, assim como pediu perdão a Deus pelas pessoas que fizeram da Sua casa um acúmulo de idolatria e de mau gosto.

Mas do calcário do banquinho de pedra, ele sentiu chegar, ao se sentar de novo, um calor extraordinário como se a pedra quisesse falar com ele. Ficou com a sensação de já ter se sentado ali naquele banco antes, se bem que isso era impossível. Depois, ele viu a própria mãe na sua frente andando na sua direção, sorrindo para ele. Mas a visão desapareceu rápido quando o coro começou a cantar um novo salmo, o que rasgou seus ouvidos, sem dó nem piedade. O coro estava cantando em duas vozes, mas o conjunto ainda cantava mal. O cantor líder da segunda voz sempre entrava mal e liderava os outros para o erro. Na crença de que poderia agora

fazer uma boa ação, Arn dirigiu-se para a frente, colocou-se junto do coro e pegou na segunda voz, cantando certo. A letra, ele sabia de cor desde criança.

O capelão da catedral Inge, que dirigia o coro, sentiu primeiro que devia ser uma piada de Deus, cansado de tanto descompasso sonoro, ter corrigido todos os participantes. Mas aí descobriu a presença de Arn, lá bem junto do grupo, que sem a menor timidez assumiu a liderança da segunda voz. Ao terminarem o salmo, no qual Arn participou sem ser convidado, o capelão, com toda a simplicidade, avançou e foi buscar Arn, colocando-o no meio do coral e com isso contratando-o para o resto da missa. Mais tarde, vários entre os cantores, com grande alacridade, queriam fazer perguntas a Arn, mas o capelão tomou-o pelo braço e levou-o para a sacristia, onde a luz entrava por duas pequenas janelas, de modo que os dois podiam se ver um ao outro enquanto falavam. Arn foi convidado a sentar-se e o capelão lhe ofereceu um copo grande com água e fez piada dizendo que aquela água era um pagamento pequeno para uma bonita atuação musical. Arn, que não entendeu que o capelão estava fazendo graça, afastou logo o copo, dizendo que não tinha exigido nenhum pagamento para cantar na casa

de Deus. Ao responder à pergunta sobre o seu nome, disse apenas chamar-se

Arn de Varnhem, nada mais.

O capelão da catedral ficou excitadíssimo, pensando ter feito um achado. Ali estava um jovem que não podia ser qualificado ainda como irmão entre os cistercienses, que por algum motivo fora mandado embora e que, por isso, estava disponível como reforço extraordinário do coro. Todos podiam dizer o que quisessem desses monges estrangeiros, mas que eles sabiam cantar ninguém podia negar. Era para até os anjos de Deus ficarem fascinados. Como nunca ninguém tinha falado para Arn com segundas intenções, ele não entendeu nada, mais uma vez, do conteúdo de todas essas perguntas que o apressado capelão lançava sobre ele.

Quer dizer, então, que ele tinha deixado Varnhem para voltar para casa? Ah, sim. E onde ficava esse seu lar? E o que faziam seu pai e

sua mãe? Ah, é, sua mãe falecera, paz à sua alma e salvação para a sua alma, mas o pai, que é que ele faz? Trabalha como todos, com o suor do seu rosto? Quer dizer, na plantação como caseiro com trato de trabalho ou como liberado, comprador da sua liberdade?

Arn respondia sem mentir tanto quanto podia. Mas em relação àquela pergunta capciosa, se seu pai era rico, isso ele negou. Entendia que a palavra "rico" era algo vergonhoso e não queria pensar em nada vergonhoso a respeito do seu próprio pai. E, em relação às palavras caseiro com trato de trabalho e liberado, o que significavam ele não sabia, embora duvidasse de que qualquer delas se aplicasse ao seu pai.

Para o capelão da catedral, no entanto, tudo estava claro. Ali estava o filho de um pobre homem que trabalhava duro na agricultura. Talvez um escravo liberado que tinha bocas demais para alimentar e que tentou se livrar, pelo menos, de uma delas, mandando o filho para o mosteiro. E agora o jovem estava voltando para casa e, além disso, na idade mais devoradora, não servindo para nada, a não ser para fazer as orações na hora de comer. Ali havia uma oportunidade para fazer algo de bom para todas as partes. Era uma questão de segurar a oportunidade durante o vôo. *Carpe diem*. O jovem capelão talvez estivesse pensando na esperança de essa possibilidade se concretizar, embora fosse muito tímido para falar de uma vez o que estava pensando.

— Creio, meu jovem noviço, que você e eu podíamos nos ajudar um ao outro para vantagem de todos — disse o capelão, satisfeito com a sua idéia. — Se eu puder ajudar em alguma coisa, padre, não hesitarei, mas em que é que seria essa ajuda? Sou apenas um pobre noviço — respondeu Arn, sem mentir, visto que acreditava naquilo que estava dizendo. — Muito bem, muitos são pobres entre as gentes na terra, mas Deus dá até mesmo aos pobres, por vezes, grandes talentos. E você, caro Arn... Não é

assim que você se chama? Sim, acho que sim!... Você, meu caro Arn, você

recebeu um grande presente dado por Deus. — Ah, isso é verdade — concordou Arn, baixando os olhos por timidez, pensando que o

grande presente que recebera de Deus fora o de continuar vivendo. No entanto, estava intrigado. Como é que o capelão podia saber alguma coisa sobre o assunto?

— Muito bem. Então, tenho a satisfação de lhe dizer que você poderá acabar com as suas preocupações, tanto para você como para seu pai e, ao mesmo tempo, fazer um grande agrado a Deus. Está pronto para ouvir a minha proposta? — disse o capelão da catedral, inclinando-se para a frente com ares de triunfo e sorrindo para Arn, os dentes sujos, muito amarelados e com mau hálito.

— Sim, padre — reagiu Arn, recuando amedrontado. — Mas ainda não entendi no que está pensando, padre.

— Podemos oferecer a você cama e mesa e roupa nova, também, se você ficar aqui participando no coro da igreja. É uma grande honra para um pobre homem, você deve saber disso. Mas é consequência do grande presente que Deus lhe deu. E você também sabe disso. Arn ficou tão surpreso que, primeiro, nem sabia o que responder. Só agora entendia que o sacerdote queria falar do seu canto, aliás, um canto sem nada de mais, e não do fato de Deus o ter chamado de volta, do reino da morte. Continuava sem saber o que responder.

— Bem, bem. Posso compreender que você ficou até sem voz — constatou o capelão, satisfeito. — Não acontece todos os dias a gente matar vários pássaros com uma só flecha. Seu pai continuará a ter menos uma boca para alimentar e nós aqui daremos alegrias a todas as almas, vivas e mortas, através de missas mais bonitas. E você terá suas roupas, comida e alojamento. São muitas bênçãos distribuídas em um único dia, você não acha? — Não... Quero dizer, sim, acho que sim — respondeu Arn, desorientado. Ele não queria de forma alguma ficar preso nas mãos daquele sacerdote que cheirava mal da boca, mesmo dentro de uma catedral como aquela. Mas também não sabia como sair da situação. Não sabia como dizer não a quem devia obediência.

O capelão da catedral, que continuava a traduzir mal tudo o que via e ouvia, achou que o assunto estava encerrado, ajoelhou-se e depois se levantou resolutamente, para de imediato tomar as medidas práticas na seqüência da contratação do jovem cantor.

— Venha comigo! — disse ele, excitado. — Vamos até o alojamento

dos cantores do coral para que você conheça os outros e receba um quarto quase só para si.

— Não... Não vai... Não vai dar certo, padre! — gaguejou Arn, desesperado. — Quero dizer... Estou, claro, profundamente agradecido pela sua bondosa oferta, padre... Mas não vai dar cer... O capelão olhou inquisitivamente espantado para o jovem de tonsura nova e com as mãos calosas de um escravo, que correspondiam a trabalhos de baixo nível. O que é que, em nome da paz serena, poderia levar esse desajeitado e pobre jovem a dizer não a uma oferta tão generosa? E parecia que, simplesmente, ele se torturava para dizer não. — — Estou com o meu cavalo lá fora, sou responsável por ele e preciso entregá-lo a outro noviço quando chegar em casa — tentou explicar. — Você está dizendo que tem um cavalo? — murmurou o capelão, perplexo. — Está brincando, não pode ser, quero ver com os meus próprios olhos!

Arn, obedientemente, deixou-se guiar por toda a catedral, enquanto o capelão, ao seu lado, calculava o valor de um cavalo, para chegar à conclusão que, de qualquer maneira, era muito mais do que aquilo que ele tinha oferecido na forma de comida e alojamento.

Lá fora, na luz, o cavalo emprestado de Arn continuava ainda amarrado, com a cabeça baixa, pesada, e parecendo muito cansado. O capelão, no entanto, achou que o cavalo era magnífico. E Arn descobriu, para seu desespero, que a mochila com todas as lingüiças de cordeiro e o presunto defumado tinha desaparecido, e nem podia imaginar quem teria levado tudo. O capelão, por sua vez, falava muito bem do cavalo, que era ótimo, e Arn protestava e dizia que o cavalo não tinha nada de especial e que não podia entender como é que o seu presunto e as suas lingüiças tinham desaparecido. Aí, o capelão ficou zangado e explicou que, evidentemente, ninguém podia ser tão idiota a ponto de deixar tudo bem à disposição dos ladrões.

Arn estava horrorizado só de pensar que tinha sido roubado, que dessa maneira tinha estado em contato direto com um pecado maior e perguntava inocentemente se não era possível ir procurar os ladrões e recuperar de volta o roubo, se feita a promessa de perdão

para os ladrões. Isso fez com que o capelão ficasse ainda mais zangado. Teve uma explosão de raiva e chamou Arn de estúpido. Arn achou que, com isso, ele o estava depreciando. Quando pensava em pedir desculpas por, sem intenção, ter sido estúpido, o capelão acabou se afastando, resmungando palavras irritadas a respeito de cavalos e burros. Arn rezou imediatamente uma curta oração de absolvição para os infelizes que foram tentados a roubar. Em sua oração, acrescentou que, no seu entendimento, ele também teve culpa no que aconteceu. Não devia ter deixado a mochila de maneira a tentar aqueles de espírito frágil e, além disso, esfomeados. A norte de Skara, realizava-se o casamento de Gunnar de Redeberga, que era caseiro nas terras do deão Torkel, da catedral de Skara. O deão que esteve

presente, pessoalmente, ao casamento, sentia-se satisfeito por ter decidido certo

pelo seu caseiro, visto que esse Gunnar, não se podia dizer que fosse uma grande beleza de homem e não tinha muito o que oferecer como dote. Mas o deão sentiu compaixão pelo caseiro e pelos seus próprios salários e, por isso, ordenou que Gunnar tivesse uma esposa.

Um senhor de terras riquíssimo, chamado Tyrgils, de Torbjörntorp, tinha recebido a ajuda do deão numa questão difícil e, então, num momento de fraqueza, prometeu um favor de compensação e esse favor foi o de casar sua filha mais nova, Gunvor, com Gunnar de Redeberga. Foi uma boa solução para todos. Tyrgils não tinha precisado custear um dote muito grande, como seria o caso se casasse melhor a sua filha, mas agora a questão era casá-la e isso já estava acertado. E Gunnar de Redeberga tinha também uma exigência correspondentemente baixa em se tratando do dote a entregar. E agora, apesar da sua falta de dinheiro e de terras e de seu rosto meio pateta, ia casar com uma jovem donzela, razoavelmente bonita e digna da maior confiança. O deão achou ter procedido bem com todos, em especial com o seu fiel e obediente caseiro Gunnar, que jamais por suas próprias forças teria conseguido uma donzela fértil para casar. Como Gunnar realizava bem os seus

compromissos como caseiro e compensava até sete vezes os custos, era justo que o deão mandasse refazer a casa dele na expectativa da chegada de crianças que mais tarde iriam garantir a continuação da manutenção da casa e da horta pela mesma família. Assim, não seria preciso se preocupar em despejar Gunnar quando ele chegasse à velhice, sem ter filhos que pudessem alimentá-lo e tratar das terras.

Todos estavam, portanto, satisfeitos pela maneira como tudo se encaixou. Todos, menos Gunvor, que chorou amargamente durante uma semana, antes de ser obrigada a dizer sim diante do deão e de prometer cumprir com suas obrigações matrimoniais para que o casamento se completasse. Só depois da noite de núpcias, e da maneira como ela decorresse, o casamento seria considerado realizado por todos e por cada um, e também pela Igreja. As mulheres mais velhas falaram com Gunvor em detalhe, descrevendo as adversidades e os deveres que uma jovem esposa ia enfrentar e como ela devia se comportar. Gunvor acabou tapando os ouvidos com as mãos para não escutar mais aquelas palavras pavorosas. Gunvor tinha pedido, insistentemente, a seu pai, Tyrgils, para escapar desse homem feio e rústico e deixar que ela se casasse com outro Gunnar, terceiro filho de uma família vizinha, em Lângavreten. Ela e o jovem tinham falado sobre o assunto e ambos queriam que assim sucedesse. Mas, então, seu pai Tyrgils ficou fulo e explicou que ele não tinha recursos para uma solução dessas. Lângavreten era um burgo tão grande quanto o seu e, por isso, o dote teria de ser muito grande, se como vizinhos eles quisessem unir ambas as famílias no repasto pelo casamento. E sem um dote

bem gordo também ele não poderia se mostrar como um homem de honra. E

não havia nenhuma outra solução para o problema e as orações dela não tinham ajudado nem um pouco. O pai dela tentou apenas uma vez dar-lhe algum consolo e fez isso assegurando-lhe que os caprichos das donzelas iam e vinham e, principalmente, acabavam indo de vez. Assim que ela tivesse os seus primeiros rebentos para cuidar, todo o resto estaria esquecido. E agora, ali estava ela, no seu

vestido de noiva, enquanto os homens bebiam cada vez mais à volta da mesa do casamento e era como se uma faca a cortasse cada vez que ela escutava risos e conversas a respeito da roupa de cama que todos queriam ver depois. Ao olhar para o futuro marido, já bem bebido, se arrastando e vacilando, e recebendo palmadinhas nas costas de outros homens, acompanhadas de gestos obscenos indicando uma pica tão grande quanto a de um cavalo, de maneira que às vezes ela congelava, outras vezes suave e pedia à Virgem Maria para levá-la para casa imediatamente, deixar que por sua graça divina ela caísse morta, sem que isso fosse considerado suicídio e, portanto, um pecado. E, dessa maneira, a salvasse daquela situação pavorosa. Mas dentro de si ela sabia muito bem que a Mãe de Deus jamais iria satisfazer um pedido pecaminoso como esse e que toda esperança já havia morrido. E que ela, em breve, inevitavelmente, seria violada por aquele homem, já na meia-idade, bêbado, e que nada poderia fazer a não ser abrir as pernas, obedientemente, tal como as matronas lhe haviam ensinado.

Mas quando ela viu o sol se pôr ao longe, assinalando um anoitecer inevitável, escutou, de repente, a voz forte e clara da Mãe de Deus dentro si. E, com um grito selvagem, se jogou para cima da mesa e de um salto ágil chegou à porta e lá fora pegou na saia do vestido de noiva e correu tudo o que podia. Lá dentro, no repasto do casamento, demorou um pouco antes que os homens já bêbados entendessem o que estava acontecendo. A maioria, por este ou aquele motivo, nem sequer tinha reparado que a noiva havia fugido. Mas logo alguns se recompuseram e, com as pernas vacilando, iniciaram a perseguição à noiva fugitiva, enquanto um deles, que nunca se soube quem teria sido, gritava: "seqüestraram a noiva!", "seqüestraram a noiva!", "seqüestraram a noiva!".

O grupo de bêbados voltou então, cambaleando, para pegar em espadas e lanças e botar a sela nos cavalos meio sonolentos enquanto as mulheres, nervosas, procuravam pela noiva fugitiva que ainda continuava visível, lá longe, correndo a caminho de Skara.

Ainda mais longe vinha Arn a cavalo, num trote tranqüilo, mas com o estômago roncando de fome. Não estava com pressa, por ter visto que a noite iria ser escura, sem estrelas e sem lua e que, por isso,

tinha que procurar um lugar para dormir e só chegaria a Arnês no dia seguinte por volta do meio-dia. E aí, na sua direção, vinha avançando uma jovem com as roupas em desordem, o olhar espantado e os braços abertos. Ele parou seu cavalo e ficou

em silêncio, olhando para ela, incapaz de entender aquilo que via ou de dizer o

que quer que fosse como saudação amigável. — Me salve, me salve dos demônios! — gritava a garota e caiu em seguida, exausta, no chão, logo diante das patas do cavalo dele. Arn saltou do cavalo, desorientado e com medo. Que o seu próximo, ou seja, ela, estava em dificuldades não havia dúvida, mas de que maneira ele poderia salvá-la?

Ele se abaixou e ficou de cócoras, ao lado do pequeno corpo arfando da jovem e estendeu a mão com cautela para acariciar seus cabelos castanhos, muito bonitos, mas não se atreveu. Nesse momento, ela levantou os olhos para ele e seu rosto se encheu de felicidade e começou uma fala inconsistente a respeito da doçura dos olhos dele, de Nossa Senhora que lhe mandou um anjo salvador e de várias outras coisas, de tal forma que ele começou a suspeitar do equilíbrio dos seus sentidos.

Foi nessa situação que os bêbados e furiosos convidados do casamento os foram encontrar, a noiva fugitiva e seu seqüestrador. O primeiro homem a descer do cavalo pegou imediatamente a noiva, que começou a gritar de cortar o coração e, por isso, amarraram seus pés e mãos e colocaram uma mordaca na sua boca. Dois homens seguraram Arn, mantendo seus braços presos atrás das costas e obrigando sua cabeça a inclinar-se para a frente. Arn não ofereceu qualquer resistência.

Logo em seguida, chegou o noivo, Gunnar de Redeberga, e alguém entregou a ele, de imediato, uma espada, já que era ele que, segundo a lei, tinha o direito de matar o seqüestrador da noiva em flagrante. Ao ver a espada levantada por cima da cabeça, Arn pediu humildemente para rezar primeiro suas orações e aqueles ali reunidos, mal respirando e com falta de ar pela corrida e a excitação do momento, acharam que era um pedido cristão que ninguém,

honradamente, podia negar.

Arn não sentia nenhum medo, ao se ajoelhar no chão. Apenas espanto e surpresa. Era só para isso que Deus tinha poupado a sua vida, para ser injustamente degolado por uma multidão de bêbados que, aparentemente, achava que ele tinha por intenção machucar a mulher? Era por demais idiota para ser verdade e, por isso, não pediu por sua vida, mas para que a razão voltasse à cabeça desses infelizes que estavam a ponto, por pura desorientação, de cometer um grande pecado.

Arn deve ter parecido muito mal, de joelhos, pedindo por sua vida que todos os homens achavam estar terminada em breve. Um jovem ainda sem barba, só com penugem no rosto, vestido com uma capa marrom de monge e com nítidas características monásticas de quem teve a cabeça raspada. E alguém começou a rezar por Arn, na crença de que ajudaria o infeliz nas suas orações. Outro alguém disse que não era coisa de homem matar um indefeso monge menor de idade. Pelo menos, devia ser dada a ele uma espada para se defender e

morrer como homem. Ouviu-se, então, um murmúrio de concordância e, de

repente, Arn viu cair uma espada nórdica, curta e pesada, à sua frente, na grama. Agradeceu, então, longamente, a Deus, antes de apanhar a espada. Entendeu que tinha recebido a chance de sobreviver. O deão Torkel, de Skara, tinha agora chegado muito perto e podia ver, claramente, tudo o que acontecia e ia acontecer, a partir daquele momento. E aquilo que ele viu ou que acreditava ter visto, viria a ter grande importância. Naquele mesmo momento, Gunnar de Redeberga avançou de espada em punho para acabar de uma vez com aquela inconveniência que perturbava a sua própria festa de casamento e verificou que havia desferido um golpe no ar. Mas não entendeu nada do que aconteceu, visto que não se achava bêbado demais. Desfechou novo golpe sem acertar no alvo. E depois, outro. E mais outro.

Arn achou que o homem na sua frente estava indefeso e adivinhou que isso tinha a ver com a bebedeira. Melhor assim, pensou ele.

Dessa maneira, não estava arriscado a fazer mal ao seu próximo. Para Gunnar de Redeberga, no entanto, aquilo que acontecia era como se fosse um pesadelo. Seus vizinhos começaram a rir dele. E de cada vez que Gunnar dava seu golpe, aquele danado de demônio já estava em outro lugar. Só podia mesmo tratar-se de um demônio, visto que sempre estava em outro lugar, sem fugir, mas sempre em outro lugar.

Arn, tranqüilamente, mudava de posição, na direção errada, com a espada na mão esquerda. O irmão Guilbert sempre salientava que, tendo a espada na canhota, isso iria significar complicações para qualquer adversário destro. Neste caso, aparar os golpes com a sua própria espada não era preciso, bastava mudar de lugar o tempo todo. E Arn contava que dali a pouco o velhote iria cansar-se e desistir. E daí ninguém precisar se ferir, visto que Deus tinha interferido para salvar a todos.

Entretanto, humilhado e até um pouco amedrontado, Gunnar de Redeberga pediu ao velho guerreiro Joar para assisti-lo na sua função legal. E já que a figura principal do casamento estava sendo insultada mais do que parecia suficiente e já que Joar, com a sua experiência, tinha visto como o pequeno monge iludia o adversário com pequenos truques, o experimentado espadachim se jogou resolutivo no combate para resolver rapidamente a questão. Os protestos desesperados do deão de pouco serviram. Arn, de repente, estava correndo perigo, ficou com medo, jogou a espada para a mão direita, girou o corpo e se defendeu com dois golpes rápidos, pela primeira vez, a sério.

Gunnar de Redeberga logo caiu no chão, o pescoço cortado, e Joar desabou gemendo, depois de receber uma estocada direto no meio da barriga.

Todos ficaram petrificados. Os convidados do casamento, todos eles, tinham acabado de ver uma coisa que não podia ter acontecido, uma coisa que mais parecia um milagre.

Em contrapartida, Arn ficou parado, horrorizado, achando que na sua vida nunca tinha visto uma matança igual. Aquele que o tinha atacado primeiro jazia no chão, estrebuchando suas últimas gotas de

sangue e de vida, enquanto o segundo, considerado um espadachim de primeira, estava ferido de morte. Arrasado por seus atos endiabrados, Arn deixou cair a espada no chão e baixou a cabeça em oração, preparado para no momento seguinte ter sua cabeça justamente cortada por qualquer um dos que estavam à sua volta. Mas o deão da catedral estendeu os seus braços para o céu e começou a cantar um salmo, o que, de momento, evitou como inconvenientes quaisquer novos ataques a Arn. E, depois, continuou falando energicamente no espírito do milagre que todos tinham acabado de ver. Que uma pessoa, sem dúvida inocente, por força da sua inocência, tinha recebido uma proteção excepcional e que ele próprio tinha visto o arcanjo Gabriel por trás do indefeso monge, dirigindo o seu braço na ação defensiva. Logo em seguida, vários dos presentes ali reunidos podiam testemunhar a mesma ocorrência, na realidade, um milagre divino, de como um pequeno e jovem noviço desarmado enfrentou dois guerreiros adultos.

Retiraram as cordas da agora, finalmente, libertada noiva que se ajoelhou, também, em agradecimento a Deus por ter mandado alguém para salvá-la no último instante. Foram cantados alguns outros salmos, mas Arn, compreensivelmente, preferiu se abster. Depois disso, o deão teve uma conversa com Arn a respeito de onde ele vinha e decidiu que ele próprio iria viajar com o noviço de volta para Varnhem e que o corpo de Gunnar de Redeberga devia ser levado para casa, para o habitual velório, e que o ferido Joar devia ser levado de maca para o seu lar. Depois disso, ele olhou em volta e, com o semblante duro, perguntou quem é que tinha gritado três vezes "seqüestraram a noiva!". Mas todos viraram os olhos para o chão e ninguém respondeu. Então, perguntou se existia alguém que, realmente, achava possível que aquele jovem monge de Varnhem fosse um seqüestrador de noivas, mas também ninguém se pronunciou a respeito disso. Era um par muito estranho que chegou cavalgando a Varnhem naquela manhã amena de outono, em que os bordos, os carvalhos e as faias à volta do mosteiro começavam a mudar de cor para amarelo e vermelho. O deão da catedral, Torkel, estava de excelente humor, visto que Deus lhe tinha concedido a graça de testemunhar um dos Seus milagres na terra. Foi uma graça

especial.

Arn, que jejuava desde as atrocidades cometidas e se recusava a passar a noite em qualquer outro lugar que não na catedral, rezando, apresentava um rosto pálido, cinza, e o peso dos seus grandes pecados. Arn sabia que o discurso

confuso do padre a respeito do milagre era uma inverdade. Deus havia

mostrado a graça concedida através da espada colocada à sua disposição para se defender de qualquer ataque, mas não para ferir quem quer que fosse. Mas ele tinha abusado dessa graça e cometido o pior de todos os pecados. Sabia que estava perdido e se surpreendia pelo fato de Deus não o ter jogado no chão de imediato, quando ele cometeu o imperdoável. Ao entrar no mosteiro através do portão entre dois freixos enormes, a única coisa aparente que restou daquilo que a mãe de Arn oferecera antes, ele pediu perdão e foi direto para a igreja, para pedir forças e, em seguida, se confessar com toda a sinceridade.

O deão Torkel pediu, orgulhoso, uma audiência ao padre Henri, para lhe contar as grandes notícias.

Acabou sendo uma conversa estranha entre os dois homens e não apenas porque ambos tinham dificuldade em se entender. O deão Torkel falava tão mal o latim quanto o padre Henri falava mal o nórdico. Além disso, o deão falava tão excitado que não conseguiu contar nada de compreensível, até que o padre Henri lhe pediu para se tranquilizar, beber um copo de vinho e começar novamente do início.

E quando, no seguimento, pouco a pouco, o padre Henri começou a entender a catástrofe que tinha ocorrido, foi impossível para ele perceber a razão do riso tolo e da alegria do deão.

Que Arn não era nenhum seqüestrador de noivas, já se sabia. Que ele, mesmo assim, pudesse ser julgado culpado por uma coisa dessas, para começo de conversa, seria muito difícil para o colega nórdico, de pouca instrução, transformar em algo compreensível.

Que a partir daí, atendendo a que alguém teve a idéia maligna de jogar uma espada para Arn se defender, a história só poderia

resultar num morto e em outro ferido de morte. Isso estava absolutamente claro. Nesse caso, num pensamento profano, era como se Deus, Nosso Pai, quisesse fazer uma brincadeira cruel com os convidados do casamento ali reunidos. Ou, talvez, melhor, quisesse puni-los por sua cruel imprevidência ao considerar que, quando a amedrontada mulher se pôs em fuga, o primeiro homem que ela encontrou era um seqüestrador. Na realidade, esse comportamento foi abominavelmente bárbaro, em especial, pelo fato de as pessoas acharem que tinham todo o direito de executar na hora o homem que encontraram pela frente. Embora, por outro lado, essas fossem as leis em vigor nessa parte do mundo. Por isso, aquelas pobres almas estavam agindo de boa-fé.

Entretanto, o mais difícil de engolir eram as concepções virtuosas, aos seus próprios olhos, do colega deão que achava ter sido escolhido para testemunhar um milagre, vendo a figura do arcanjo Gabriel por trás de Arn, ajudando-o no manejo da espada.

O padre Henri murmurou para si mesmo que se o arcanjo Gabriel, realmente, tivesse visto o que estava para acontecer, ele não teria se apressado em ficar por trás de Arn, mas, sim, do lado daqueles bêbados idiotas, para os ajudar. Mas o padre acabou não falando alto sobre o assunto. Mais difícil era dar vazão à imaginação do deão Torkel, que pediu a ajuda do mosteiro para registrar a história do milagre, escrevendo tudo o que ele tinha para contar e enquanto ele ainda tinha seus sentidos bem alerta e se lembrava dos nomes de todas as testemunhas.

O padre Henri respondeu de início negativamente em relação a esse pedido, mas acabou solicitando mais informações a respeito do que as leis do lugar diziam quanto ao comportamento do noviço Arn. Assim, por um longo período, o deão Torkel ficou distraído quanto ao pedido de ajuda, para ver no papel a sua história do milagre.

As leis diziam que o seqüestrador de noiva, se apanhado em flagrante, devia ser derrubado e jogado no chão. No entanto, ainda que culpado, sua vida seria poupada por não poder ser equiparado a homicida. Por um lado, a lei estipulava que se doze homens testemunhassem que Arn era inocente e que um milagre havia

acontecido, Arn ficaria livre no tribunal, se o processo chegasse lá. Por outro lado, se os familiares do lorto ou, na pior das hipóteses, dos dois mortos, quisessem levar a questão para tribunal, havia que considerar a pergunta se Arn, como ele efetivamente se chamava, tinha algumas pessoas dispostas a ser seus defensores, desde que não fossem estrangeiros. Portanto, teria Arn defensores habilitados? Pertencia, por acaso, a alguma família?

— Sim — suspirou, aliviado, o padre Henri. — O jovem pertence a uma boa família. Seu nome é Arn Magnusson, de Arnàs. Seu pai é, portanto, Magnus Folkesson, e o irmão do seu pai é Birger Brosa, de Bjälbo, e o jurista Eskil é seu parente, *et cetera, et cetera*. O garoto pertence, portanto, à família folkeana, embora eu duvide de que ele próprio entenda o significado disso. Algum problema em relação a defensores propostos, — pelo que se entende, não existe. — Não, claro que não! Louvado seja o Senhor! — confirmou o deão Torkel. — Vou informar imediatamente os respectivos parentes de que não terão sucesso em esperar qualquer coisa do tribunal. Melhor assim. Dessa maneira, eles não terão nada contra em testemunhar que o milagre aconteceu, de verdade!

Apesar de os dois homens de Deus, aparentemente, terem encontrado uma solução muito simples para o problema legal, os dois estavam com estados de espírito muito diferentes. O deão estava tão feliz que parecia flutuar um pouco acima do chão, visto que sua história do milagre, de que iria falar muitas vezes na catedral, estava salva e, além disso, iria ficar bem bonita, devidamente escrita no pergaminho por quem sabia fazer isso melhor do que ninguém.

O padre Henri, que sabia não ter acontecido nenhum milagre, estava satisfeito por ver que Arn não seria atingido pela dura e cega lei da Götaland Ocidental. Mas lamentava o sentimento de culpa de Arn e lamentava seu próprio sentimento de pecado, por achar que tanto ele quanto o irmão Guilbert detinham uma grande parcela de culpa no que acontecera. — Será que posso receber agora a ajuda no registro por escrito que esta importante história exige? — perguntou o deão, ainda excitado. — Sim, naturalmente, irmão — respondeu o

padre Henri, surpreendentemente deliberado. — Vamos tratar disso, imediatamente. O padre Henri mandou chamar um dos escribas e explicou para ele, em francês, já que estava certo de que o deão, por ser menos letrado, nada entendia da língua, que se tratava apenas de manter uma boa expressão no rosto e de escrever tudo e não fazer objeções, por mais louca que a história pudesse parecer. Enquanto o deão, com as passadas ágeis de um jovem e a bênção divina do Senhor, se dirigia com o escriba para o *scriptorium*, o padre Henri se levantou pesadamente da cadeira para procurar o infeliz Arn. E sabia muito bem onde poderia encontrá-lo.

O DEÃO TORHEL ERA UM HOMEM PRÁTICO e muito escrupuloso com dinheiro, especialmente o seu. O caseiro Gunnar de Redeberga tinha partido desta vida, numa hora muito inconveniente e nos seus melhores dias de força e vida, e isso sem ter lançado no mundo nenhum descendente para ocupar o seu lugar. O seu casamento tinha sido interrompido de maneira lamentável e inimaginável.

Ao se recuperar do grande choque, o deão Torhel, que garantiu a si mesmo o privilégio de testemunhar um milagre do Senhor com os próprios olhos, começou em seguida a encarar as conseqüências mais terrenas da tragédia. Um dos casos prioritários era a necessidade de encontrar um novo caseiro, trabalhador, para Redeberga.

Como era o confessor da indicada e quase casada noiva Gunvor, o deão não podia evitar de tirar algumas idéias simples daquilo que ouviu durante a confissão dela. Gunvor tinha desejado tirar não apenas a sua vida como também a do seu indicado marido, o que ia lhe custar por parte do deão apenas uma semana de penitências suaves, mas ela também confessou que os seus desejos pecaminosos derivavam de uma inclinação amorosa a favor de outro jovem também chamado Gunnar.

Esse Gunnar de Lângavreten, que foi logo chamado pelo deão Torhel, era o terceiro filho do seu pai e, por isso, normalmente, não devia casar-se, visto que, caso contrário, a propriedade Lângavreten

teria de ser partilhada em três pedaços pequenos demais. Gunnar, porém, era um jovem desembaraçado cuja

inclinação, de fato, era a de trabalhar na terra e não a de acabar sendo guarda-

costas de outro sujeito qualquer.

O deão Torkel, ao chamar o jovem Gunnar, escutou sua confissão e, com isso, conseguiu saber rapidamente como tudo podia ser organizado. O jovem tecia tão ardentes desejos por Gunvor quanto Gunvor por ele. Portanto, tudo estaria resolvido da melhor maneira possível com o jovem par se transformando nos novos caseiros do deão Torkel em Redeberga. O pai de Gunvor, Tyrgils de Torbjörntorp, possivelmente, tinha pensado coisa melhor para sua filha do que ser a esposa de um terceiro filho. Mas, na situação atual, ele achava que não seria fácil casar a sua filha, por muito que ela fosse uma boa moça. A história da sua terrível festa de casamento já estaria se espalhando por toda a Götaland Ocidental. O deão não tinha contribuído com pouco para essa divulgação, visto estar disposto a espalhar o mais possível a história do milagre nas suas muitas prédicas. Por isso, para o dono de terras, Tyrgils, era muito mais seguro casar de imediato a sua filha Gunvor, na primeira oportunidade que se apresentasse.

E para o pai do jovem Gunnar, Lars Kopper, de Långavreten, a solução não era nada má, visto que estaria casando o seu terceiro filho e, além disso, conforme os desejos do rapaz. Ambos os pais tanto ganharam no dote da noiva quanto no do noivo. E o jovem par não daria descanso aos seus pais caso não cedessem aos seus desejos. Para eles a oportunidade tinha chegado como uma dádiva dos céus.

O deão Torkel plantou a primeira semente através de uma cura pastoral, uma conversa com Gunvor. Depois, fez a mesma coisa com Gunnar. A seguir, foi muito simples: chamou os dois pais e o problema estava resolvido. A festa de casamento podia ser marcada de imediato. Na Festa de São Miguel, em fins de setembro, a colheita já feita, ninguém mais precisava fazer a proteção dos prados, realizou-se a festa de noivado em Redeberga, com a

presença do deão, para testemunhar o noivado entre Gunvor e Gunnar. Ao falar para eles na festa e na hora em que todos os convidados ainda estavam suficientemente sóbrios para escutar as palavras de um homem de Deus, o deão lembrou que era dever de todos reverenciar o milagre do Senhor, que, afinal, contra todas as previsões, ia uni-los como marido e mulher. Para Gunvor, esse foi o dia mais feliz da sua vida. Que importava ela ir viver em circunstâncias um pouco piores do que aquelas em que nascera? Estava na fortaleza, sentada na cadeira de couro entrelaçado, junto do seu Gunnar, aquele que ela pensava ter perdido para sempre. Do mais profundo desespero, ela tinha subido que nem uma cotovia para a felicidade celestial. Esse Gunnar a quem ela agora estava ligada era o homem a quem não só se entregaria de muito boa vontade, antes lamentava ter de esperar e se conter até o dia do casamento na primavera. No entanto, era um fardo leve de suportar, comparado com aquele que ela tinha todas as razões para recear nos seus momentos mais

negros da vida e que a levariam a ficar deitada por baixo do outro Gunnar, o

maduro, quase todas as noites. Pelo menos, era assim que todas as matronas descreviam a infelicidade para ela.

Gunvor e Gunnar, o jovem, agora eram independentes e podiam se encontrar quando quisessem, desde que houvesse gente por perto. E durante as festas na fortaleza, algumas se prolongando por mais de cinco horas, era permitido que dessem uma saída para ver o pôr-do-sol. Saíam de mãos dadas e ambos sentiam apreensão e felicidade diante da idéia de viverem juntos, de envelhecer e morrer numa fazenda menor do que aquelas em que foram crianças, mas, enfim, sempre juntos.

Todas as questões que Gunvor gostaria de levantar para discussão jamais encontravam resistência por parte do noivo e isso fazia com que ela se sentisse aliviada.

Ela seria eternamente agradecida à Virgem Maria por tê-la salvado das garras da tragédia no último momento. Jamais deixaria de levantar essa questão nas suas orações.

Mas ainda que o ser humano seja apenas um instrumento de Deus e que nada aconteça contra a Sua vontade, e ainda que todos os agradecimentos Lhe sejam devidos, ela não podia esquecer aquele jovem que, de qualquer maneira, havia sido o instrumento divino. Ele parecia tão pobre na sua capa marrom de monge, tão desgastada, e tão indefeso diante daqueles canalhas bêbados que o obrigaram a baixar a cabeça que queriam decepar. Mas, depois, ele conseguiu salvá-la, salvando os dois.

Por isso, ela queria doar os dois cavalos baios que recebera como presente de noivado para o mosteiro de Varnhem e, além disso, ela queria viajar até o mosteiro para apresentar os seus agradecimentos, pessoalmente, ao pequeno monge que fizera a felicidade dos dois, pondo em perigo a sua própria vida.

Seu Gunnar achou que essa era uma idéia muito boa, exaltou a sua futura mulher e, por isso, se ofereceu para acompanhá-la até Varnhem. A decisão dos dois viria como um delicioso alívio para a alma do jovem Arn, que, no entanto, não era tão pequeno nem tão pobre quanto Gunvor pensava.

O irmão Guilbert tinha trabalhado na forja de espadas durante seis dias e o trabalho havia sido realizado, alternadamente, em períodos de febre ou de fúria ou de inspiração divina. Evidentemente, suas outras obrigações, ele as ignorou por completo e o padre Henri não disse sequer uma palavra a esse respeito. Por isso, as batidas do martelo no ferro soaram na forja de Varnhem até mesmo durante um ou outro momento de orações. Mas já há muito tempo que o irmão Guilbert não fazia uma espada segundo os métodos mais modernos. Aliás, seria absurdo tentar vender essas espadas para os bárbaros nórdicos. Jamais eles pensariam em pagar o preço real

por esse trabalho. Além disso, também não tinham muita precisão das espadas

damascenas, visto que nem as suas eles sabiam manusear. Ao fabricar a espada nórdica, ele partia da escolha de três espécies de ferro que ele juntava dobrando o material muitas vezes e alisando-o outras tantas. Através dessa mistura, conseguia-se uma certa flexibilidade, mas, entretanto, era preciso aperfeiçoar o som e inserir

desenhos na espada. Era assim que os nórdicos gostavam de suas espadas. Quanto melhores as padronagens, melhores eram consideradas as espadas. De preferência, o desenho devia transformar-se numa cobra na folha da espada ao soprar ar quente na folha fria. Mas ele conseguia ainda assim uma certa firmeza, muito maior do que aquela que era costume encontrar nesse canto do mundo. Entretanto, a espada em que ele trabalhava agora em santo desespero, de início, tinha tido um único núcleo de aço endurecido. A arte de transformar ferro em aço era desconhecida entre os nórdicos. O irmão Guilbert tinha usado o seu melhor ferro para essa finalidade e o tinha mantido no fogo durante três dias completos, compactado em carvão, couro e tijolos para que a transformação acontecesse. O abençoado núcleo de aço, ele o trabalhava na forja em camadas de ferro maleável. O fio devia ficar suficientemente afiado para até mesmo poder raspar a cabeça de qualquer monge. A cada batida com o martelo contra a bigorna e a cada oração, ele ia completando devagar, mas com segurança, uma obra de arte só possível de encontrar em Damasco ou no ultramar, onde outros como ele tinham aprendido a arte sarracena. O irmão Guilbert tinha muitas idéias estranhas a respeito dos sarracenos, mas isso era algo que ele sabiamente evitava discutir. Por muito que gostasse do padre Henri e o considerasse o mais inteligente e o mais tolerante dos priores a que um pecador podia se submeter, tinha a certeza de que os sarracenos de modo algum poderiam ser um bom tema para conversar com ele. No sétimo dia, já estando bem avançado no seu trabalho, um noviço com um semblante amedrontado o interrompeu, e aparentemente ficou ainda mais apavorado quando viu o irmão Guilbert com um aspecto selvagem, o olhar fixo e o cabelo emaranhado. No entanto, o noviço tinha sido mandado pelo padre Henri para o chamar para uma reunião, mesmo que estivesse ele com a mão na forja.

O irmão Guilbert interrompeu de imediato o seu trabalho e foi para o lavatório para se tornar apresentável diante de seu prior. O padre Henri esperava por ele no *scriptorium*, seu segundo lugar favorito. Embora ainda não tivessem entrado muito no outono, as noites já tinham começado a esfriar e o padre Henri nunca aprendera a

tolerar as temperaturas nórdicas. Daí, o *scriptorium* em vez do banco de pedra na encruzilhada perto do quintal.

— Boa-noite, meu caro Vulcanus — saudou o padre Henri, de brincadeira, o irmão Guilbert, quando este, de banho tomado, mas ainda

continuando suado, se inclinou para passar pela porta construída para servir

para homens bastante mais baixos do que ele. — Boa-noite, meu caro Júpiter, nesse caso — respondeu o irmão Guilbert no mesmo tom de voz, sentando-se sem ser convidado diante da carteira de escriba junto da qual o padre Henri estava de pé, desenhando. Houve um momento de silêncio, enquanto o padre Henri terminava algum rabisco e, então, limpou a pena e a colocou no seu devido lugar. Depois, pigarreou daquela maneira que o irmão Guilbert conhecia como muitos outros uma Varnhem ou na *Vitae Schola* como sendo o sinal de que estava a caminho um explicação mais ou menos longa.

— Daqui a pouco, vou escutar a confissão do nosso filho Arn — começou o padre Henri, com um suspiro profundo. — E vou dar-lhe a absolvição. De imediato. Ele não está esperando por isso e não vai gostar, visto estar cheio de remorsos e pensando apenas no seu pecado e... Bom, você pode imaginar o resto. Mas é bom saber, meu querido e, na verdade, amado irmão, que eu, realmente, examinei a fundo meu coração e meus rins diante deste problema e a conclusão a que cheguei não é apenas desagradável para você e para mim. Aquilo que aconteceu, na realidade, não é culpa de Arn, mas sim nossa. Nós estamos diante de um conflito entre a lei mundana, por mais bárbara nesta parte do mundo que ela nos possa parecer, mas ela é a lei local, de um lado. E, do outro lado, a lei de Deus. A lei mundana não atinge Arn, nem tampouco a lei divina. Para você e para mim, a situação é mais delicada. E neste ponto você já deve saber do que é que estou falando. Por favor, poupe-me de ouvir você dizer: "Eu não disse?"

— Mas foi o que eu disse, padre, com toda a humildade — respondeu o irmão Guilbert, rápido. — Devíamos ter dito a ele quem

ele era. Se soubesse quem era quando encontrou os camponeses bêbados... — Ninguém precisava sair sofrendo, eu sei! — interrompeu o padre Henri, com mais desespero do que irritação na sua voz. — De qualquer forma, fizemos o que fizemos e precisamos agora pensar nas conseqüências. Por minha parte, vou começar o trabalho convencendo Arn de que ele está perdoado pela lei de Deus. Acho que não vai ser fácil. Que Deus me ajude, eu gosto realmente desse garoto! Quando foi embora, cavalgando, a caminho da casa de seu pai, ele saiu daqui como uma pessoa rara, sem pecado... — Um Parsifal 3 — murmurou o irmão Guilbert, pensativo. — Na realidade, um jovem Parsifal.

3 Parsifal ou A História do Santo Graal, o título de um romance escrito por Chrétien de Troyes, cerca de 1182. Obra inacabada. Parsifal, educado pela mãe na solidão, acaba aprendendo as leis das armas e da cavalaria na corte do rei Artur. Depois de várias aventuras, chega ao castelo do rei Pecador e assiste à procissão do Santo Graal. Vários indícios fazem-no entender que a sua timidez o impede de alcançar a verdade e salvar o rei. (N. T.)

— Um quê, um quê? Ah, bem, sim — murmurou o padre Henri, reagindo um pouco perturbado na seqüência dos seus pensamentos. Ficou em silêncio por momentos, antes de continuar. — Agora, irmão Guilbert, eu lhe ordeno como seu prior. Quando Arn o procurar, você vai dizer quem ele é com todos os detalhes que eu não posso esclarecer. Você sabe do que estou falando, não é verdade? — Sei exatamente o que você quer dizer, padre, e eu vou obedecer às suas ordens, ponto por ponto — respondeu o irmão Guilbert, profundamente sério e respeitoso.

O padre Henri meneou a cabeça, pensativo e em silêncio. Depois, levantou-se e saiu, despedindo-se com um aceno. O irmão Guilbert continuou sentado durante bastante tempo, visto ter que arranjar forças interiores para dizer as palavras certas na hora de cumprir a ordem que tinha acabado de receber.

Arn havia passado dez dias em uma das celas de Varnhem para convidados. Mas deixou de lado todas aquelas coisas servidas apenas para convidados. O colchão de palha bem enchumado, as cobertas vermelhas e as peles de carneiro. E ele próprio se obrigou a manter-se em silêncio e alimentar-se apenas de pão e água.

O padre Henri foi encontrá-lo pálido, com olheiras e com a marca do sofrimento no olhar. Era impossível definir como se comportaria o jovem monge, comoalaria, se estava na posse de todos os seus sentidos e se ele iria entender o que lhe estava para acontecer. O padre Henri decidiu que, de início, se comportaria de maneira neutra, não demonstrando nem pena, nem condenação.

— Agora já estou preparado para escutar a sua confissão — disse o padre Henri, sentando-se numa ponta do catre duro, de madeira, e fazendo sinal para que ele também se sentasse ao seu lado. — Padre Henri, me perdoe, eu pequei — começou Arn, mas teve de interromper sua fala com um tímido pigarrear provocado pelos seus dez longos dias de silêncio, que tornaram sua voz insegura. — Eu cometi o pior dos pecados e não tenho quaisquer desculpas. Matei dois homens, ainda que pudesse apenas feri-los um pouco. Matei dois homens, embora soubesse que para a minha alma seria muito melhor se eu próprio morresse e fosse encontrar Nosso Senhor, Jesus Cristo, sem esse pecado no meu alforje. Por isso, estou preparado para me submeter a qualquer penitência e punição que o padre quiser me dar. E nada, absolutamente nada, me parecerá ser demais. — Isso é tudo? Nada mais a acrescentar? — perguntou o padre Henri, num tom quase menos sério, mas logo se arrependeu por sentir que isso podia ser considerado como uma maneira jocosa de encarar as agonias do jovem.

— Não... Isso é tudo... Quero dizer, cheguei a ter pensamentos indignos

e pensamentos errados, ao procurar justificar meus atos, mas tudo isso está enquadrado no que já confessei — respondeu Arn, visivelmente embaraçado. O padre Henri sentiu-se imediatamente aliviado pelo fato de Arn se mostrar lúcido e com total controle sobre a sua fala diante de uma pergunta tão confusa. Mas, então,

aconteceu o inesperado, o perdão de Deus, que muitas vezes ultrapassava o entendimento humano. O padre Henri respirou profundamente e se aconselhou mais uma vez com Deus antes de pronunciar as duas palavras decisivas. Aí, esperou por alguns momentos até sentir dentro de si o apoio divino de que precisava.

— Te absolvo! Te absolvo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, meu filho — disse ele, fazendo o sinal-da-cruz, primeiro sobre Arn e depois sobre si mesmo.

Arn olhou para ele, fixamente, como que enfeitiçado, sem condições de entender o que acabava de ouvir. O padre Henri esperou até que o conteúdo das palavras tivesse caído fundo no espírito de Arn. Depois, pigarreou, um pigarro especial, totalmente consciente, como sinal de que a seguir viria a explicação. — A graça do Senhor, na verdade, é muito grande. E você, meu filho, está realmente livre de todos os pecados. Eu o perdoei como seu confessor, como humilde servidor de Dau* e com Seu apoio. Vamos nos regozijar da grande mercê que aconteceu, mas nada de chegar a conclusões apressadas. Você deve saber que todo esse tempo que usou no seu isolamento para se aconselhar com Deus, eu também usei para me aconselhar com Ele. E se Deus, por acaso, disse alguma coisa a você que não disse a mim, pode-se dizer que existe alguma intenção nisso, visto que acabamos de ter diante de nós uma situação muito especial para enfrentar, a mais difícil que já tive como confessor. O sofrimento que você teve durante esses dias em que se arrependeu foi em si grande parte de uma grande penitência.

— Mas... Mas foiiiiiii... Não é possível... Assassinato? — gaguejou Arn. — Não me interrompa e escute bem — continuou o padre Henri, tranqüilo, mas decidido, achando que Arn falava muito mais do que receava. — O mundo bondoso de Deus tem duas faces neste caso e nós precisamos tentar ver esse mundo por inteiro. Existe um mundo lá fora, extra muros, com leis às vezes muito estranhas. Segundo essas leis, você é inocente. Portanto, isso é muito simples. Mas nós temos o nosso mundo mais elevado, intra muros, e este mundo exige de nós muito mais. Para começar, a minha culpa e a do irmão Guilbert são muito maiores do que a sua, em relação a esses assassinatos. Vou explicar essa questão mais em detalhe dentro em

pouco. Mas, também, temos de tentar ver a sua ação segundo uma perspectiva divina, mais elevada, por muito louca que ela possa parecer a nós, seres pecadores. E precisamos tentar entender aquilo que Deus nos quis dizer. Não foi por essa sua ação que Ele se preocupou com você. Pode ter certeza. A sua grande missão na vida, no momento, ainda

está por vir. Mas Deus utiliza os instrumentos mais práticos que estão à Sua

disposição para punir os homens com grandes pecados. Porque o que aconteceu foi o seguinte: eles obrigaram uma jovem, Gunvor, que você encontrou pela primeira vez naquele caminho, a se casar com um homem por quem ela sentia repugnância. E eles a obrigaram a isso para seu próprio prazer e por sua própria ganância. Por ela tentar, em desespero, fugir dessa obrigação, esses homens ficaram cheios de raiva e queriam matar qualquer um que se apresentasse na sua frente. E aí mentiram ao dizer que o primeiro que encontrassem seria um seqüestrador de noivas, seqüestrador que, segundo as leis locais, teria que ser morto. Ao ver tal situação, Deus se enraiveceu e ficou no caminho dos pecadores para puni-los de maneira dura, com uma severidade que só está ao Seu alcance. Esse tal de deão Torkel não está completamente errado ao dizer que viu um anjo guiando a sua mão, embora tudo isso a respeito do milagre *et cetera, et cetera*, evidentemente, é bobagem. Você foi a ferramenta de Deus e

executou a punição Dele, que talvez fosse incapaz de executar, caso eu e o irmão Guilbert não o tivéssemos enganado. Por isso, você está perdoado e livre de pecado, meu filho. O seu jejum termina aqui, mas pensa comer hoje à noite com cuidado. Não é aconselhável comer muito depois de um jejum prolongado. Muito bem. Isso é tudo.

Arn não respondeu durante um longo tempo e o padre Henri deixou que ele ficasse repensando suas idéias, visto que o que foi dito precisava de tempo, sim, para firmar raízes no consciente dele, antes de continuar falando sobre o mesmo assunto ou de mudar para outra questão. Arn não tinha dificuldade nenhuma em

compreender a lógica formal naquilo que o padre Henri havia dito. Mas a condição para que uma tal lógica vingasse era, primordialmente, a verdade absoluta e a humildade diante de Deus. Fora disso, seria tudo e apenas um jogo de palavras. Quase sentia vergonha em relação ao primeiro pensamento que teve ao escutar as duas palavras de absolvição. O pensamento de que o padre Henri tinha posto o dedo sobre a sua convicção de que havia um amor corrupto em relação a seu filho, que ele construía uma tolerância especial para este caso, uma tolerância que não usaria em relação a outros casos semelhantes. Era ruim pensar uma coisa dessas do padre Henri e Arn achou que, dessa forma, não poderia ser considerado livre de pecado após ter recebido a sua absolvição. Mas não era, no momento, a oportunidade certa para se confessar de novo. — Agora, chegou a hora de levantarmos a questão dos pecados meus e do irmão Guilbert e da nossa participação no que aconteceu — suspirou o padre Henri. — Lá fora, no mundo laico, as pessoas são diferenciadas e avaliadas de maneiras diferentes, como se todas não tivessem a mesma alma. Portanto, não é como acontece aqui entre nós, onde cada um não tem mais nem menos valor do que o seu irmão. Lá fora, o homem não é avaliado segundo a sua alma. O homem não vê apenas o seu próximo. Vê um escravo ou um rei, um conde ou

um serviçal. Vê um homem ou uma mulher cujos ancestrais são ricos em posses ou não são, mais ou menos do mesmo jeito que você próprio e o irmão Guilbert avaliam os cavalos. Assim é no mundo lá fora. Infelizmente. — Mas todas as pessoas têm ancestrais, todas são descendentes de alguém, desde os tempos de Adão e Eva. E todos nós nascemos nus — constatou Arn, com uma ponta de surpresa na sua voz. — Claro que todos nós temos ascendentes. No entanto, segundo essa maneira de avaliar as pessoas, alguns poucos são considerados superiores e desses poucos alguns têm ascendentes ricos, com posses herdadas em seqüência, geração após geração. — Quer dizer, se a gente nasce rico, continua rico e se a gente tem ascendentes superiores, não precisa fazer nada por seu lado, já é

superior também? E então não faz diferença nenhuma se a pessoa é boa ou ruim, inteligente ou idiota, vai ser superior mesmo assim? — raciocinou Arn, se mostrando ao mesmo tempo curiosamente consciente ao avançar pela primeira vez um passo para dentro do que acontecia nesse outro mundo lá fora. — É isso justamente o que acontece e, por isso mesmo, ainda existem hoje escravos lá fora, e você sabe muito bem disso, não é verdade? — acrescentou o padre Henri.

— Oh, sim — respondeu Arn, algo hesitante. — Meu próprio pai tinha escravos. Isso é uma coisa na qual há muito tempo não pensava, como se fosse uma recordação indesejável. Tenho pensado mais na minha mãe, nas minhas orações da noite, mas nem tanto no meu pai e nunca no fato de ele ter escravos. Mas assim era. E me lembro de ele uma vez ter cortado a cabeça de um escravo. Não me lembro mais da razão, mas nunca esquecerei a imagem da degola. — Está vendo!... E receio que o seu pai tenha escravos ainda hoje. De fato, ele é descendente de uma família superior e isso significa, lembre-se bem, isso significa que você é, também, superior. No sepulcro de sua mãe, existem duas marcas. Certamente, você já viu essas marcas, se bem que nunca falamos delas. Uma é a cabeça de um dragão e uma espada, essa é a legenda de sua mãe. A outra é a imagem de um leão em pé, essa é a legenda de seu pai. Essa é a legenda da família folkeana e, portanto, você é um folkeano e nem sabe certamente o que isso significa.

— Não, de jeito nenhum — reagiu Arn, retraído e se mostrando como se jamais pudesse sequer fantasiar o significado de ser uma outra pessoa. — Concretamente, isso significa o seguinte — interrompeu o padre Henri. — Você tem direito a cavalgar com espada, tem direito a usar um escudo com a legenda da família. E, se essas almas primitivas o tivessem visto dessa maneira, jamais sequer teriam sonhado em o atacar. E, se você não estivesse com espada nem usando o seu escudo, mesmo assim bastaria que tivesse dito o seu nome, que é Arn Magnusson de Arnäs, para que o espírito de combate deles murchasse e acabasse em nada. Foi isso que eu nunca lhe disse. Nunca lhe

contei quem você é aos olhos do mundo lá fora e isso foi erro meu. Se tiver que

me desculpar de alguma coisa, evidentemente, vou ter de assinalar que nós aqui não temos em relação ao próximo uma idéia semelhante àquela que se tem lá fora. E, assim, não queria iniciar você na tentação de acreditar que é superior aos outros. Acho que você deve compreender e, quem sabe, me desculpar. — Mas isso não poderá fazer de mim uma outra pessoa que não aquela que sou, não é verdade? — constatou Arn, ruminando seus pensamentos. — Eu sou como Deus me formou, igual a todos os outros, igual ao senhor e aos escravos lá fora. Não tenho culpa nem vantagem nisso. E por que razão, aliás, as almas infelizes que queriam me matar iriam se conter por causa de um nome? Eu continuava a ser apenas um monge jovem que, aos seus olhos, não saberia nem como empunhar uma espada. E, então, como é que um nome poderia amedrontá-los?

— Porque, se eles tivessem sequer posto a mão em cima de você, nenhum deles iria ver o sol se pôr dali a alguns dias. Não sobraria nem um. Todas as famílias folkeanas, incluindo a tua família, ficariam no encalço deles. E nenhum camponês nesta terra infeliz sequer iria sonhar em fazer uma tal idiotice. Assim é lá fora. E você precisa começar a se habituar com essa idéia. — Mas eu não quero me habituar a esse pensamento, a essa ordem irracional e ruim, padre. Eu nem sequer quero viver num mundo assim. — Mas está obrigado — interrompeu o padre Henri, curto e definitivo. — Isso porque foi decidido assim. Em muito breve, você voltará ao mundo lá fora, mais uma vez. Essa é a minha ordem. — Vou cumprir a sua ordem, mas...

— Nada de mas, — interrompeu de novo o padre Henri. — Aliás, você está proibido de raspar a sua cabeça, novamente. E vai interromper o jejum a partir de agora. Lembre-se apenas de não comer muito de início. E depois do jantar deverá ir imediatamente falar com o irmão Guilbert, que lhe contará outro lado da verdade a seu respeito, um lado que você também ainda não conhece. O padre Henri levantou-se lentamente do catre de madeira nua, sentindo-se, de repente, mais velho e com as articulações endurecidas e

pensando pela primeira vez que a sua vida tinha entrado no outono, que o tempo estava escorrendo pela ampulheta e que talvez ele não viesse a saber o que Deus tinha estipulado por missão para o Seu amado filho. — Me desculpe, padre, mas gostaria de fazer uma última pergunta, antes de o senhor ir embora. Posso? — disse Arn, com uma expressão no rosto que ele pensava ser de desespero.

— É claro, menino, faça quantas últimas perguntas quiser. As perguntas jamais acabam. É sempre assim.

— Onde estão o pecado seu e o do irmão Guilbert? Isso eu ainda não consegui entender...

— Muito simples, meu filho. Se você soubesse quem era, não precisaria

matar ninguém. E se tivéssemos dito quem você era, só assim você ficaria sabendo. Nós escondemos a verdade de você, acreditando que assim o estávamos defendendo e porque Deus nos ensinou intensamente que nada de bom poderá vir de coisas ruins. É assim, muito simples. Mas também nada de mau poderá surgir das coisas boas. E você não tinha más intenções. Muito bem, nos vemos nas vésperas!

O padre Henri deixou Arn sozinho por algumas horas, as de que ele precisava para rezar e agradecer a Deus, coisa que o padre Henri nem precisava mencionar. E, de fato, assim que o padre se foi, Arn caiu de joelhos e agradeceu a Deus, à Virgem Maria e a São Bernardo, nessa ordem, por terem salvo a sua alma através da Sua infinita bondade. Durante as suas orações, ele sentiu como se Deus lhe tivesse respondido. A vida voltou ao seu corpo, atravessando-o com uma corrente de calor e de esperança. E, finalmente, com uma sensação tão trivial como a de estar com fome.

Gunvor estava como que embriagada com sua própria bondade, o que a fazia muito feliz. Na realidade, era um grande sacrifício aquilo que ela e Gunnar estavam a ponto de realizar. Os dois bonitos cavalos que receberam de presente eram quase metade de tudo o que os dois possuíam, e deles fazer uma doação não era propriamente uma coisa fácil. Mas estavam certos em fazer essa doação e ela estava orgulhosa e feliz por ver que nem ela nem

Gunnar tinham hesitado, quando se aproximavam de Varnhem. Tal como Gunvor via a situação, a Virgem Maria tinha correspondido às suas orações mais sigilosas. Não fazendo com que ela caísse nos braços libertadores da morte, mas, sim, enviando um pequeno monge que com dois golpes de espada modificara para sempre não apenas a sua, mas também a vida de Gunnar. Ambos iriam viver agora juntos até que a morte os separasse. E nem um dia sequer se passaria sem que os dois agradecessem a Nossa Senhora pela decisão de os redimir e dar aos dois aquilo que na vida para eles tinha mais valor. Mas mesmo que o jovem monge, de certa forma, tivesse sido apenas um instrumento sem importância, uma pá de estreme em comparação com a sublime ação de Nossa Senhora, ele era ainda a única pessoa para quem Gunvor e Gunnar podiam se voltar, para agradecer, e ele pertencia ao mosteiro que era o único lugar neste mundo onde os agradecidos podiam entregar suas ofertas. O pai dela sempre teve a idéia de que era preciso implantar no seu espírito o significado da oferta, ainda que ele, sem dúvida, fizesse as suas ofertas para outros que não os santos divinos.

Ao entrar no *receptorium*, a cavalo, ela seguia atrás do seu Gunnar, com a mãe, Birgite, e a irmã de Gunnar atrás de si. Entraram no lugar onde os visitantes eram recepcionados. Ela sentiu muito respeito e veneração ao estar dentro dos muros do mosteiro, tendo atravessado o bonito arco da entrada onde os cascos dos cavalos faziam um eco que parecia música e no jardim

interior onde as flores das mais diversas origens desabrochavam, enquanto uma pequena fonte jorrava água. Ela achou o cerimonial impressionante e desde logo na chegada se sentia como que respirando a presença de Deus. Desceram dos cavalos, prendendo-os, e o irmão que estava de serviço como recepcionista veio ao seu encontro, perguntando qual era o assunto. Ao receber as explicações de Gunnar, ele pediu para que ficassem à vontade e ofereceu os bancos de pedra para que sentassem junto da fonte. Mandou buscar cerveja e pão que abençoou e repartiu entre eles. Deu as boas-vindas a todos e, depois, foi procurar o prior.

Tiveram que esperar um bom tempo, mas não falaram muito entre si, visto que os quatro ficaram contagiados pela serenidade do lugar. Ia ser difícil a volta para casa, refazendo todo o caminho nos cavalos da mãe, Birgite, e da irmã, Kristina, duas pessoas em cada, pensou Gunvor. Mas ela continuava convencida de que valia a pena fazer a doação de dois cavalos, ainda que muito bonitos, em troca daquele presente de amor que os habitantes do mosteiro haviam intermediado em nome de Deus, não era verdade? Finalmente, abriu-se uma pequena porta de carvalho, com enfeites de ferro, e entrou na recepção o reverendo prior que veio ao encontro deles. O seu cabelo plantado como uma coroa à volta da parte raspada da cabeça já se apresentava grisalho, mas seus olhos castanhos eram bondosos e cheios de vida, o que o fazia parecer mais novo do que realmente era. Ele abençoou a todos, sentou-se lenta e calmamente, e como formalidade apanhou um pedaço de pão que também abençoou e comeu com eles. Depois, foi direto ao assunto e quis saber como é que aquelas pessoas que não eram ricas, se bem que estivessem vestidas com as suas melhores roupas, queriam oferecer um presente tão valioso para os servidores de Deus. A sua fala, por vezes, era difícil de entender, pois ele usava muitas expressões religiosas específicas da Igreja. Gunnar, que de preferência seria aquele a quem caberia falar por todos, ficou embaraçado e nisso coube a Gunvor a responsabilidade de explicar, sem que Gunnar fizesse a mínima objeção, a razão da oferta. Contou, então, para o padre Henri como ela no fundo do seu coração tinha colocado todas as esperanças da vida em Nossa Senhora e como a salvação chegou através de um jovem monge e como isso teve como resultado que ela e aquele a quem ela mais amava podiam agora viver juntos o resto do tempo de suas vidas na terra. O prior escutou primeiro com muita atenção, interferiu aqui e ali com uma ou outra pergunta de que Gunvor não chegou a entender qual era a importância e, em seguida, o rosto do reverendo brilhou de satisfação, num rompante de felicidade interior. O velho reverendo acenava afirmativamente com a cabeça, concordando com aquilo que escutava e que parecia já saber por antecipação e, no final, fez uma oração, ainda que numa linguagem estranha. Depois, mandou chamar um monge

gigantesco que chegou sujo e suado e que passou em revista os cavalos, às vezes com aparente satisfação, outras com

grunhidos de mau humor. Explicou, em seguida, qualquer coisa para o prior

numa linguagem completamente incompreensível. — Que Deus seja louvado pelo vosso belo presente — disse o padre Henri, e todos agora escutavam com a maior atenção, ainda que, ao mesmo tempo, o enorme monge se dirigisse de volta para a égua e a segurasse pelo cabresto, começando a falar com ela de uma maneira carinhosa, enquanto não parecia nem um pouco interessado pelo imponente garanhão. — A vossa oferta é muito grande, o vosso desejo de nos doar esses bens preciosos é digno de muito respeito — continuou o padre Henri. — Mas podemos apenas aceitar a égua, já que o garanhão, para nós, não vai servir para nada. Mas não gostaria que vocês vissem isso como desdém de nossa parte. O presente que aceitamos já é de grande valor e talvez a Mãe de Deus já tenha ficado satisfeita com vocês e pensou que estariam oferecendo coisa demais. Portanto, peço a vocês que conservem o garanhão.

Enquanto eles hesitavam quanto ao que dizer em resposta, o padre Henri fez um pequeno sinal para o irmão Guilbert, que se dirigiu a todos com uma vênia e levou depois a égua consigo pela porta de madeira que fechou atrás de si. Gunnar ficou imensamente satisfeito. Tinha tido a maior dificuldade em se separar do seu garanhão. E, ao mesmo tempo, refletiu sobre a reação da égua que sempre lhe dava problemas na hora de lhe botar o cabresto e que agora tinha seguido o monge, uma pessoa estranha, inclusive através daquele portão bem estreito, sem qualquer reação de teimosia. Pareceu a ele que a égua estava dominada pelo mesmo tipo de senso de respeito que eles próprios sentiam ao entrar no seio da casa de Deus. Ao mesmo tempo, partia do princípio de que os monges não deviam saber muita coisa a respeito de cavalos. Ao observar que os convidados, generosos e agradecidos, tinham aceito a sua recusa de metade do presente oferecido, o padre Henri voltou a sentar-se, satisfeito, e perguntou por pura formalidade se ele

podia oferecer alguma coisa de volta. Talvez algumas orações?
Foi, então, que Gunvor, corando, perguntou se ela poderia agradecer pessoalmente ao jovem monge pelo que ele fizera, mas pediu desculpas imediatamente, por ter feito essa pergunta atrevida e acrescentou que seu noivo estava de acordo com ela nesse desejo. Talvez ela tivesse pensado que o monge ancião iria ficar aborrecido e achar a sua pergunta indevida. Mas, para seu alívio, o padre Henri se mostrou, ao contrário, bem alegre e achou a sugestão muito boa. Levantou-se rápido como se fosse um jovem e partiu ágil, mas, de repente, pareceu lembrar-se de alguma coisa, parou e virou-se.
— Mas vocês vão ter que se encontrar com ele a sós — disse, sorrindo, um sorriso muito aberto que deixou ver um buraco entre os dentes no maxilar inferior. — Esse jovem ficaria desnecessariamente constrangido, caso o seu prior ficasse por trás do seu ombro. Ele não está habituado a receber

agradecimentos. Mas não fiquem preocupados. Ele é um de vocês e entenderá tudo o que vocês lhe disserem.

O padre Henri abençoou os seus convidados, se despedindo, e desapareceu pelo portão de carvalho, com passos rápidos como um jovem, mas murmurando palavras ininteligíveis.

Todos ficaram durante um tempo falando entre si, achando incompreensível a situação. Não conseguiam encontrar qualquer explicação. De qualquer forma, parecia não ser inconveniente que um jovem monge se encontrasse sozinho com os convidados, nem mesmo quando estes fossem em parte mulheres, ao passo que teria sido inconveniente se Gunvor e Gunnar tivessem viajado sozinhos para Varnhem. Quando Arn, limpo e tímido, veio ao seu encontro, Gunvor ajoelhou-se diante dele e pegou em suas mãos, coisa que pôde fazer só porque seu noivo, a mãe Birgite e Kristina estavam também presentes, ao lado. Depois, deixou que as suas palavras de agradecimento saíssem torrencialmente de sua boca. Mas enquanto falava ela sentiu que as mãos que segurava não eram, na realidade, as de um garoto. As mãos eram largas e duras como pedra. Era como se ela tivesse pegado nas mãos do seu pai ou nas mãos de

um ferreiro. Mas ao olhar para cima, encontrando os olhos azul-claros de Arn, pareceu a ela que o seu rosto infantil e suave nada tinha a ver com aquelas mãos e que, então, talvez Nossa Senhora não lhe tivesse mandado um monge qualquer, já que essas mãos não pertenciam a um jovem supostamente fraco. Corando, Arn ficou sem saber o que fazer naquela situação. Por um lado, tinha que respeitar os agradecimentos sinceros da jovem. Por outro lado, achava que ela estava dirigindo os seus agradecimentos na direção errada. Conseguiu livrar-se das mãos dela, com todo o cuidado e logo que achou oportuno pediu que ela se levantasse. Abençoou-a, mas lembrando que os seus agradecimentos deviam ser dirigidos, por justiça, a alguém mais lá em cima. Gunvor concordou de imediato e assegurou que iria agradecer sempre enquanto vivesse. Arn cumprimentou, então, os outros, apertando suas mãos, e isso fez com que reconhecessem que Gunvor tinha razão. Eram mãos calosas. Depois, voltaram a sentar-se e ficaram em silêncio. Foi aí que Gunnar achou que devia dizer alguma coisa antes que fosse tarde demais. E se não dissesse alguma coisa, iria arrepender-se para o resto da sua vida. Por uma questão de coragem e honra, tinha que dar expressão aos seus pensamentos.

E Gunnar começou, explicando, meio atabalhoada e entrecortadamente, que ele e Gunvor há muitos anos se amavam em segredo e pediam insistentemente a Deus que os unisse, embora nada parecesse dizer que isso iria acontecer e apesar de seus pais terem rejeitado seus sonhos como caprichos infantis. Mas ele achava que não podia viver sem a sua Gunvor. E ela sentia a mesma coisa por ele. E que no dia em que ela foi levada para o casamento, ele

não queria viver mais. E ela também não. E mesmo atendendo a que foi Nossa

Senhora que, finalmente, teve pena deles, não havia dúvidas de que fora Arn quem veio em serviço dela e para cumprir a sua vontade. — Diante dessas palavras, diante dessa simples e sincera tentativa de, numa linguagem rude, expressar o verdadeiro conteúdo de uma graça espiritual, Arn sentiu um enorme respeito e agradeceu. Embora já tivesse absorvido as palavras do padre Henri, chegando à

conclusão de que a absolvição que ele lhe ofereceu estava correta, tudo tinha resultado como que nos andaimes e no esqueleto de uma casa que ainda não estava pronta. Mas agora, com esse presente de amor que os dois jovens e simples camponeses tinham recebido e pelo qual, de todo o coração, tinham vindo agradecer a ele, o menor de todos os instrumentos de Deus, era como se a casa, de repente, ficasse pronta, com todos os muros e todo o madeiramento do telhado e todas as janelas nos seus devidos lugares. — Gunnar, meu amigo — disse ele, com o seu interior em júbilo —, isso que vocês me disseram vai ficar comigo como uma recordação para sempre, podem estar certos. Mas a única coisa que posso dar a vocês em agradecimento é a palavra das Sagradas Escrituras, e não pensem nada de mal a esse respeito antes de ouvir as palavras que vou citar. Sem dúvida, foi o amor de vocês que venceu tudo e todos. E a Mãe de Deus viu esse amor e, por isso, teve pena de vocês. E escutem agora as seguintes palavras do Senhor e deixem que essas palavras fiquem vivendo para sempre na sua casa e nos seus corações:

*Põe-me como selo sobre o teu coração,
como selo sobre o teu braço;
porque o amor é forte como a morte,
o ciúme é cruel como o sol;
a sua chama é chama de fogo,
verdadeira labareda do Senhor.
As muitas águas não podem apagar o amor,
nem os rios afogá-lo.
Se alguém oferecesse todos os bens de sua casa pelo amor,
seria de todo desprezado.*

Ele citou esse texto na linguagem deles, de modo que todos entenderam tudo. E teve de repetir várias vezes o mesmo texto para que eles o fixassem na memória e ainda disse a eles de onde, nas Sagradas Escrituras, essas palavras de Deus vinham, dos Cantares 8:6-7.

Ao se separarem, todos se cumprimentaram de novo, apertando efusivamente as mãos. E Gunvor perguntou qual era o nome dele.

Arn estava passando pela primeira vez pela oportunidade de dizer o seu nome para alguém. O nome que pertencia ao mundo lá fora, Arn Magnusson de Arnäs. Mas ele se

conteve, achava que era um nome muito presunçoso. E disse apenas que se chamava Arn.

Ao cavalgar de volta para casa, Gunnar pôde ter a sua noiva sentada na sua frente, na sela, seus braços à volta da cintura dela, naquele mesmo garanhão forte, devolvido. Não havia nenhuma razão para voltar andando. E Gunnar sentia seu peito arfar aceleradamente. E sentia que aquele vento fresco do outono jamais tinha sido tão agradável e tão livre. Cavalgava com a sua futura mulher no colo, sentia o calor do corpo dela e o pulsar vibrante do coração dela no seu braço. E juntos repetiam, vezes sem fim, as palavras de Deus que falavam do seu amor vitorioso.

Escureceu rapidamente naquele dia e o tempo evoluiu para uma tempestade. Não era possível manter uma conversa ao ar livre e eles receberam a informação de que poderiam ficar à vontade no parlatório, junto da capela. Com o capuz balançando com o vento, Arn estava já se dirigindo para o encontro, no claustro, mas antes recomendou que Gunvor e Gunnar se resguardassem bem no caminho para casa nessa que seria a primeira tempestade do outono. E se resguardassem com algo mais do que com o calor do amor. Se bem que, pensava ele, o amor deles dois fosse suficientemente forte para afrontar todos os ventos, tanto os ventos da vida quanto os da tempestade que se aproximava.

O irmão Guilbert já estava esperando dentro do parlatório, bem limpo e ainda com o cabelo molhado, quando Arn entrou. As chamas de três velas acesas tremularam quando ele abriu e fechou a porta, rapidamente. Primeiro, os dois rezaram juntos um padre-nosso e, a seguir, uma oração em silêncio, cada um por si, diante daquilo que iria ser revelado. Ao levantar o olhar, finalmente, depois da sua oração, o irmão Guilbert tinha os olhos rasos de carinho pelo seu discípulo, mas também uma estranha expressão de pena que Arn

apenas tinha entrevisto uma ou outra vez, no passado.

— Sou Guilbert de Beaune como irmão em nossa ordem, isso você já sabe — começou ele, lentamente. — Mas era também o meu nome em outra ordem que está muito próxima da nossa. Podemos dizer que é a nossa ordem irmã, armada. Uma ordem que tem o mesmo pai espiritual que nós. E você sabe quem é.

— O sagrado São Bernardo de Clairvaux — constatou Arn, esfregando as suas mãos em cima da pesada mesa de carvalho e deixando cair a cabeça, mostrando que estava ali para escutar e nada dizer. — Isso mesmo — continuou o irmão Guilbert, tomando fôlego —, ele mesmo e ninguém mais foi o fundador do Sagrado Exército de Deus, a Ordem dos Templários, e foi lá que eu combati a favor da causa de Deus, durante doze longos anos. Portanto, fui soldado no ultramar durante doze anos e já enfrentei

mais de mil homens em combate, homens bons e maus, corajosos e covardes,

competentes e incompetentes, e nunca nenhum me venceu. Como você muito bem já entendeu, existe também um lado teológico nessa questão e não apenas aquele lado que tem a ver com a capacidade de as mãos e os pés se movimentarem. Mas agora vamos passar por cima desse aspecto. O fato é que até agora jamais conheci um homem superior a mim, com a espada ou a lança, e a cavalo, e não estou dizendo isto para me vangloriar, você sabe que aqui dentro ninguém se vangloria. Digo isto porque é verdade e para que você, de uma maneira precisa e clara, saiba de quem aprendeu a arte de usar a espada, a lança, o escudo, o arco e a flecha, e, mais importante do que todo o resto, o cavalo. Antes de continuar e por pura curiosidade devo lhe fazer uma pergunta. Isto nunca lhe ocorreu?

— Não — respondeu Arn, inseguro e, ao mesmo tempo, deslumbrado pela idéia de ter cruzado armas, durante todos esses anos, desde que se lembrava, com um vencedor abençoado por Deus. — Não, pelo menos desde o início. Sempre existiam apenas o senhor e eu. Mais tarde, depois de ter enfrentado aqueles homens que me queriam matar e de ter visto a maneira infantil e desajeitada

como eles manuseavam a espada, comecei então a pensar uma coisa e outra. A diferença entre eles e o senhor, meu querido irmão Guilbert, era abismal.

— Muito bem, vamos ficar por aí e falar um pouco a respeito disso. Não é perigoso. Antes pelo contrário, será muito bom para você — continuou o irmão Guilbert, como se ele, pura e simplesmente, tivesse mudado de assunto e já tivesse dito o que devia dizer. — Pelo que eu entendi, veio um homem direto por trás de você, tentando acertar a sua cabeça, não é verdade? — Sim, acho que sim — afirmou Arn, se encolhendo. Não estava gostando do curso que a conversa estava tomando. — Você se esquivou e ao mesmo tempo mudou a espada de mão. O homem na sua frente baixou a guarda pelo fato de estar olhando, não para a sua espada, mas para a sua cabeça que ele pensava já estar rolando pelo chão. Você viu a abertura na guarda e atacou de imediato. Mas teve tempo para pensar que tinha de se virar rápido e para o lado, ao mesmo tempo, a fim de enfrentar o outro, pronto para atacar você de novo. Foi o que você fez. O outro já tinha levantado de novo a espada, mas tinha de mudar de pé. Aí, você viu a brecha entre os ombros e o joelho dobrado, pela cintura, e deu uma nova estocada. Foi assim que aconteceu, mais rápido do que você ou qualquer outro pudesse pensar, não é verdade?

O irmão Guilbert tinha falado o tempo todo de olhos fechados e muito concentrado, como se estivesse vendo tudo de novo dentro de si. — Sim, foi precisamente assim, é verdade — reagiu Arn, envergonhado. — Mas eu...

— Nada disso! — interrompeu o irmão Guilbert, elevando a mão em sinal de que era para parar. — Não se desculpe nunca mais por este caso. Você já foi absolvido. E voltemos de novo para aquilo que o padre Henri me mandou esclarecer para você. Na realidade, não teria feito diferença nenhuma se aqueles desordeiros fossem três ou quatro. Você teria matado todos. Acho que, para dizer a verdade, não existe ninguém lá fora que lhe possa enfrentar com a espada, pelo menos, neste país. Mas pense no que aconteceria se você e eu nos defrontássemos de verdade, num combate de vida ou morte. O

que aconteceria? — Antes de eu piscar os olhos duas vezes, o senhor já teria me acertado... Ou talvez três vezes — respondeu Arn, desorientado. Não podia sequer imaginar a terrível situação.

— Nada disso! — riu o irmão Guilbert. — Não estou falando, evidentemente, de um exercício, daqueles que a gente fez sempre que eu comandava e você obedecia. Mas de uma situação em que você teria de pensar por si mesmo e ser obrigado a me dar combate. Como iria combater contra mim?

— Não posso nem imaginar esse pensamento tão pecaminoso. Eu jamais iria levantar uma arma com a finalidade de matar a quem eu amo, — respondeu Arn, envergonhado, como se mesmo assim tivesse acabado de pensar o impensável.

— Eu ordeno que pense nisso. Estamos tratando do assunto teoricamente. Ninguém aqui pretende se debater de verdade. Mas, vamos pensar, como é que você se debateria comigo em teoria? — Eu não iria avançar direto contra o seu corpo — começou Arn, hesitante e refletindo um instante, antes de continuar obedientemente a trabalhar na questão. — Se eu avançasse direto, a sua força e alcance iriam definir rápido a situação. Eu teria que me esquivar por muito tempo, esperando, aguardando até...

— Sim? — disse o irmão Guilbert, com um pequeno sorriso nos lábios. — Até quando?

— Até... chegar a oportunidade a meu favor, até que o senhor tivesse se movimentado tanto que seu peso e força já não trabalhassem tanto a seu favor. Mas eu não deveria nunca...

— Então, é assim que você pensa que esse combate seria! — interrompeu o irmão Guilbert. — E com isso passemos para uma coisa mais importante. A idéia do padre Henri de não lhe contar quem você era é fácil de entender, por pura lógica, não é verdade? Nós tínhamos de evitar, a todo custo, que você ficasse convencido, tínhamos de salvá-lo de toda arrogância, em especial, ao se tratar de coisas nossas, aqui de dentro, coisas que acontecem escassamente lá fora, onde eu vivi antes de chegar aqui, consideradas como coisas baixas. Treinei muitos irmãos na minha vida no ultramar. Não fazia outra coisa enquanto em guerra. E, por isso, posso dizer que vi poucos homens com o

seu talento de Deus quando se trata do manuseio de armas. E você tem dois

segredos que o tornam muito forte. E deve conhecer um deles, não é verdade? — Posso mudar da mão direita para a esquerda — respondeu Arn, com voz baixa e baixando os olhos para a mesa, na sua frente. Era como se ele se envergonhasse, sem saber por quê.

— Isso mesmo — constatou o irmão Guilbert. — E agora vou mencionar o segundo segredo. Você não é um homem alto como eu. Mais da metade de todos os homens que, eventualmente, você vai enfrentar com a espada lá fora serão mais altos e mais fortes do que você. Mas seu único treino na vida foi enfrentar um homem mais alto e mais forte. É nisso que você é melhor. Portanto, nunca temas os homens mais altos do que você. Receie antes aqueles que são do seu tamanho ou menores. E mais uma coisa. Aquele perigo de orgulho que tanto preocupava o padre Henri existe, de fato, embora talvez não naquela forma que ele imaginou. Eu vi muitos homens morrerem, justamente, por serem orgulhosos, só porque no meio de um combate contra um adversário inferior ou talvez alguém que apenas parecia inferior, acabaram cheios de admiração por si mesmos, exageradamente. Por Deus, já vi homens morrerem com um sorriso de orgulho ainda nos lábios. Não esqueça isso, nunca! Mesmo que todos os homens, seus compatriotas, lá fora, sejam inferiores em treino, o que eu acredito, qualquer um deles poderá feri-lo ou matá-lo no momento em que você sofrer do mal do orgulho. É como se a punição de Deus, de algum modo, caísse mais rápido sobre aquele que peca com a arma na mão. O mesmo acontece com a raiva ou a ganância. Por isso, eu lhe digo e isso você nunca deverá esquecer, a arte que você aprendeu entre estes muros sagrados é uma arte abençoada. Se levantar a espada alguma vez em pecado, você vai ficar muito perto da punição de Deus. Pela terceira vez, nunca esqueça isso. Amém. Quando o irmão Guilbert terminou a sua explicação, ficaram os dois sentados em silêncio durante algum tempo, Arn, com o olhar distraído, fixo em uma das três velas, enquanto o irmão Guilbert o observava dis-farçadamente. Era como se estivessem esperando um pelo outro e nenhum deles quisesse ser o primeiro a dizer qualquer coisa, com medo de que o

outro preferisse falar de qualquer outro assunto.

— Talvez você esteja pensando qual foi o pecado que me fez passar dos templários para os cistercienses? — perguntou o irmão Guilbert, por fim. — Sim, isso é claro como água — respondeu Arn. — No entanto, eu não posso imaginar o senhor como um grande pecador, meu caro irmão Guilbert. Simplesmente, não faz sentido. — Isso se deve, principalmente, ao fato de você não poder se imaginar no mundo lá fora. O mundo lá fora está cheio de pecados e de tentações. É um atoleiro. É um chão com muitas armadilhas, buracos enormes cavados para fazer cair os incautos. O meu pecado foi o de simonia. O pior dos pecados no regulamento dos templários. Será que você sabe sequer do que se trata?

— Não — reagiu Arn, sinceramente, e, ao mesmo tempo, admirado. Tinha ouvido falar de milhares de pecados, grandes e pequenos, mas nunca dessa tal simonia.

— É o de ser pago pelos serviços prestados em nome do Senhor — respondeu o irmão Guilbert, com um suspiro. — Na nossa ordem, tínhamos de lidar com muito dinheiro, pra lá e pra cá, e, por vezes, ficava difícil ver o que era pecado e o que não era pecado. Mas eu não vou me desculpar. Já reconheci o meu pecado e ainda hoje continuo fazendo penitência por ele. Também não me foi dado o privilégio de morrer pela causa de Deus, de espada em punho. É isso aí. Mas se não fosse pelos meus pecados que me trouxeram para esta vida tranqüila, você jamais teria me encontrado e então seria outro homem completamente diferente do que é hoje. Isso dá no que pensar, visto que Deus tem sempre uma finalidade em vista, em tudo o que acontece. — Prometo que jamais trairei o senhor, jamais o decepcionarei, meu amado irmão — disse Arn, rápida e emocionadamente. — Bom — reagiu o irmão Guilbert. Inclinou-se para a frente e, divertido, olhou bem o rosto aberto, infantil, de Arn e seus olhos espantados. — Você deve aguardar um pouco com as suas promessas. Mais cedo do que você espera vai ter que fazer algumas. Todavia, no momento, a nossa conversa terminou e eu lhe ordeno a passar a noite, entre a missa da meia-noite e a missa da manhã, na igreja. Procura Deus em seu coração durante esta noite

de tempestade. A ordem vem do padre Henri. Por isso, te apresse e durma algumas horas antes que nos vejamos de novo, talvez, na missa da meia-noite. — O senhor ordena e eu obedeco — murmurou Arn. Levantou-se e saudou o mestre com uma vênica, indo em seguida para a sua cela onde montou o sino para tocar e o acordar antes da missa da meia-noite e não dormir demais. Depois, caiu imediatamente no sono.

O irmão Guilbert ficou sentado mais um pouco, refletindo diante das velas flamejantes. Depois, apagou-as, soprando. E, em seguida, caminhou a passos largos para a ferraria onde dois dos noviços haviam mantido o fogo aceso, enquanto ele falava com Arn. O serviço ainda não estava pronto. Tinha que usar o último dos óleos secretos que trouxe do ultramar. E havia uns arranjos a realizar na parte de ornamentos. Depois da missa da meia-noite, Arn foi deixado sozinho na igreja de Varnhem e passou as primeiras horas de joelhos junto do túmulo da sua mãe, diante do altar. Para longas horas de orações, as pessoas tinham direito a usar almofadas que podiam ser retiradas da sacristia e colocadas por baixo dos joelhos. Arn estava aturdido. Não sabia mais direito quem era. Era como se fosse duas pessoas em uma. A primeira era aquela que ele conhecia, o noviço Arn da *Vitae Schola*, mais do que de Varnhem. E a outra era Arn Magnusson, de Arnas, na realidade, mais uma mera inscrição do que ele próprio. Nessa noite

tempestuosa, pediu a Deus uma orientação para saber entre os dois qual era o

melhor e pediu a São Bernardo para conduzi-lo direito na vida, para que ele não escorregasse para os pecados de que o mundo lá fora parecia estar cheio. E, finalmente, pediu uma orientação para, acima de tudo, entre todos os pecados, evitar o do orgulho.

Que o pecado da arrogância fosse o primeiro a evitar não era bem a sua própria idéia. Sinceramente, ele se sentia livre desse pecado sobre o qual tudo o que ele sabia era que o padre Henri e o irmão Guilbert o receavam tanto que tinham mantido em segredo a sua personalidade. Nas suas orações, Arn conseguiu que a tempestade

lá fora acabasse e o tempo parasse. Ou melhor, ao cair em orações, ele conseguiu que todos os seus sentidos o acompanhassem, de tal maneira que o tempo não mais existia. Portanto, o amanhecer chegou rápido e com ele, a tempestade amainou. Para seu espanto, todo o coro entrou e se colocou atrás do altar. Alguns dos cantores piscaram os olhos para Arn, em sinal de amizade e da surpresa sigilosa que estava por vir. E Arn adivinhou, então, que seria uma missa de despedida da espécie que aconteceria, normalmente, quando algum irmão mais importante que não ele, iria viajar.

Mas, nesse momento, ele escutou o ruído de roldanas e cordas em movimento e quando se voltou um pouco, viu que a grande bacia batismal estava sendo descida na entrada da igreja e que estava sendo preparada a água benta para algum batismo. Aí é que ele não entendeu mais nada do que estava por acontecer.

Então, de repente, o coral da igreja começou a cantar o mais imponente de todos os cânticos ao Senhor, o hino ao eterno reino e seus eternos poderes. Arn notou imediatamente que os cantores se esforçavam ao máximo e de fato se apresentavam o melhor possível. E, em certas passagens, que ele próprio acompanhava, murmurando, de olhos fechados, umas vezes ele sentia frio, outras quase suava. Era como se seu peito se enchesse de uma luz divina que o arrebatava e o elevava para os céus, com a força misteriosa do cântico, a caminho do Senhor.

Mas quando ele desviou o olhar para cima, numa passagem mais longa, viu que alguns dos cantores tinham levantado o rosto e estavam olhando para a bacia batismal, evidentemente, sem o menor desvio no tom musical. E, então, Arn também se voltou para trás e o que viu lhe pareceu a coisa mais estranha e mais surpreendente em toda a sua vida. Lá nos fundos, o padre Henri abençoava uma espada que o irmão Guilbert estendia na sua frente. A espada era borrifada com água benta como se fosse batizada. Era incrível. Uma espada na casa de Deus!

Logo que o imponente hino *Te Deum* terminou, tendo sido cantados todos os seus versos, o padre Henri e o irmão Guilbert vieram para a frente do altar. O irmão Guilbert trazia a espada estendida nas mãos, com os braços

alongados na sua frente, como se fosse uma hóstia ou algum tipo de objeto

sagrado. A espada foi colocada cuidadosamente sobre o altar e, em seguida, o padre Henri rezou um padre-nosso e todos o acompanharam murmurando a oração. Depois, o padre Henri virou-se para Arn e fez sinal para que ele se aproximasse e ficasse junto da sepultura da sua mãe. E enquanto ele obedecia, o coro começou a cantar um cântico em francês que ele jamais tinha escutado em toda a sua vida e que os cantores mal conseguiam dominar, como acontecia com os outros cânticos. Arn estava tão absorvido pela situação que nem conseguia escutar as palavras do cântico. Em vez disso, seus olhos procuravam absorver tudo o que acontecia na sua frente.

Então, a espada foi trazida do altar e colocada sobre a sepultura da mãe e na frente de Arn, o punho virado para o altar e a ponta virada para ele. Era uma espada maravilhosamente bonita, com uma folha brilhante de metal branco, de aço duro, de um tipo que Arn jamais tinha visto. O punho da espada fora feito de tal maneira que os anteparos dourados formavam uma cruz e sobre essa cruz estava esculpido um texto de conteúdo claro: INHOC SIGNO VINCES, com este sinal vencerás. Quer dizer, somente com este sinal poderás vencer, achou Arn, imediatamente. O punho da espada fora feito precisamente conforme as mãos de Arn. Ele a experimentou e viu que o punho encaixava perfeitamente na sua mão e ficava como se fizesse parte do seu corpo. O dourado brilhava por ser feito recentemente, e seu brilho, da luz do sol, deveria dar uma sensação de segurança para aparar os golpes contrários. O dourado não era para dar a sensação de riqueza ou arrogância. Nada disso.

E, então, o padre Henri e o irmão Guilbert se ajoelharam, virados para Arn, do outro lado da sepultura, e toda a igreja ficou em silêncio. Era como se todos houvessem suspenso a respiração. O padre Henri fez sinal para que o irmão Guilbert prosseguisse, já que daí em diante ele sabia melhor. O irmão Guilbert deu um rápido e pálido sorriso perante a recomendação feita e agiu dominado pela importância mágica do momento. Virou-se para Arn e olhou bem nos seus olhos.

— Arn, nosso adorado irmão — começou ele, em francês e não em latim. E em voz alta que ecoou sob as arcadas da igreja, continuou: — Faz comigo o seguinte juramento que eu te indicarei:

Eu, Arn Magnusson, juro perante Jesus Cristo, diante desta Sepultura Sagrada e do Templo, que a espada que agora recebo jamais será levantada com raiva ou com a finalidade de ganho pessoal. Esta espada servirá às boas causas de Deus, à verdade e à honra, minha e de meus irmãos de fé.

Com esta fé e sob este sinal eu vencerei. Mas se eu enfraquecer na minha fé, Deus, com todo o direito, me fulminará. Amém.

Arn teve de repetir o juramento, primeiro duas vezes em francês e, depois, uma terceira vez em latim, sempre segurando a espada com ambas as mãos pelo punho. A seguir, o padre Henri pegou a espada, beijou-a e, de olhos fechados e em silêncio, rezou uma oração, enquanto a conservava diante de si, estendida. Depois disso, ele se virou para Arn e disse algumas poucas palavras: — Nunca esqueças o teu juramento para Deus, meu filho. Esta espada, que agora é tua enquanto viveres, é uma espada abençoada que só por ti poderá ser usada ou por um templário do Senhor. Esta espada e outras que a ela são semelhantes são as únicas que têm direito a entrar na casa de Deus, não esqueças isso. E porta esta espada sem enfraquecer teu amor a Deus e sem decepcionar a honra que a acompanha esta espada. Com as mãos que tremiam um pouco, o padre Henri estendeu a espada para Arn, que pareceu hesitar antes de aceitá-la. Era como se estivesse com medo de que ela queimasse suas mãos. Mas, ao segurá-la, o coro iniciou um novo hino, alegre e impressionante, de congratulações, em francês. Um hino que Arn também desconhecia. Arn viajou nesse mesmo dia. Mas desta vez a

saída de Varnhem foi planejada melhor do que a primeira, que terminou rapidamente num acidente. O cavalo que ele agora montava era o garanhão Chimal, que tinha desempenhado o seu serviço de criação em desenvolvimento durante um ano e não precisava voltar antes disso. Vestiram Arn de cinza e vermelho como qualquer homem do baixo mundo. Arn nem se lembrava mais das roupas que vestia quando criança. Apenas se lembrava das vestes de noviço. Cortaram também o cabelo dele, bem curto e por igual à volta da cabeça. Não havia mais sinal de tonsura. O irmão Rugiero forneceu-lhe um novo alforje, bem pesado, que desta vez ninguém iria furtar fora dos muros do mosteiro. Não, desta vez não seria enganado. No alforje seguiu também uma boa coleção de plantas, guardadas em sacos de couro para se manterem úmidas, além de sementes e caroços de frutas para plantar.

Ao seu lado, estava pendurada a imponente espada, suspensa em uma simples bainha de couro. Uma espada que parecia tão leve na mão como se fosse uma parte viva do seu corpo. Era tão fácil de manusear e tão equilibrada que ele, sem dificuldade, podia apontá-la para a ponta do seu dedão do pé, sem que para isso tivesse que empunhá-la com as duas mãos. Sem disfarçar muito seu orgulho com palavras, o irmão Guilbert contou tudo a respeito dessas espadas e no que elas se diferenciavam das espadas

normais. Talvez nem tudo, afinal, acrescentou ele, timidamente. Mas o resto iria

Arn descobrir em breve, por si próprio. Arn se despediu longa e emocionadamente de todos, e se sentiu cheio do carinho e do amor de todos, de uma forma que jamais poderia imaginar antes da última missa, ao ver e ouvir a seriedade enorme dos cantores na despedida mais bonita que lhe poderiam ter oferecido.

Finalmente, no *receptorium*, ele ficou sozinho com o padre Henri e o irmão Guilbert, o primeiro fez sinal para ele subir no cavalo, o que ele fez. E já sentado na sela, Chimal, impaciente, dançando, escutou do padre Henri: — Pense numa última coisa, agora, que você está mais preparado do que na vez anterior para enfrentar o mundo lá fora — disse ele, mas parou por momentos, subjugado pelos seus

próprios sentimentos. — Você está levando agora uma poderosa espada, isso você sabe. Mas lembra sempre as palavras de São Bernardo: Vê, guerreiro de Deus, quais são as tuas armas? Não são elas, antes de mais nada, o teu escudo de fé, o teu elmo de redenção e a tua malha de gentilezas?

— Sim, padre, juro que nunca esquecerei — respondeu Arn, olhando sem piscar nos olhos do padre Henri.

— *Au revoir, mon petit chevalier Perceval*— disse, então, o irmão Guilbert, fustigando duramente o impaciente garanhão que, de imediato, os cascos batendo forte no chão de pedra, se lançou pela passagem estreita em direção ao mundo lá fora.

— Isso aí foi um pouquinho descuidado. Imagina se ele cai do cavalo — murmurou o padre Henri, preocupado.

— Arn não cai de cavalo nenhum. Dificilmente, isso seria a coisa que mais poderia ameaçá-lo neste momento — respondeu o irmão Guilbert, abanando sorridente a cabeça, diante da desnecessária preocupação do seu prior. — Aliás, não gosto nada desse absurdo a respeito de Parsifal e do Santo Graal e de todos os cânticos vulgares envolvidos — cortou o padre Henri, virando-se e avançando alguns passos na direção do portão de carvalho. Mas, como aconteceu muitas vezes antes, parou no meio do caminho, lembrando-se de que tinha mais alguma coisa a dizer: — Parsifal para cá, Parsifal para lá, tudo isso vai ficar esquecido dentro de pouco tempo, como todas as histórias secundárias. É um disparate! É o que é, nada mais!

— Não pode ser um disparate tão ruim, assim. Afinal, parece que o senhor conhece bem essas vulgaridades, padre — comentou o irmão Guilbert, rindo muito, insolente e de bom humor, de uma forma que ele não costumava ser em relação ao seu prior.

Na realidade, ambos estavam comovidos com a despedida, mas nem um nem outro queriam mostrar suas emoções. Mas o irmão Guilbert, em contraste com o padre Henri, estava seguro de que iria se encontrar com Arn de novo.

Isso porque, em contraste com o seu prior, também estava seguro de que já

sabia qual a missão que Deus, afinal, estava guardando para o jovem Arn.

O SENHOR MAGNUS ESTAVA SENTADO na casa-grande, no meio de uma tarde vazia, bebendo cerveja demais e de mau humor. Tinha remorsos de não conseguir amar o seu segundo filho, Arn, que, no entanto, era o mais querido de sua mulher, Sigrid, enquanto viva. E abençoada seja a sua memória. Magnus sentia dificuldades em reconhecer para si mesmo, ainda que agora se obrigasse a isso com a ajuda de remorsos, que tinha dois filhos adultos que não abençoavam a sua família com aquela honra que competia à sua ascendência. De que ajudava eles terem sangue azul em suas veias se o povo apontava o dedo e torcia o nariz para os dois? No caso de Eskil, Magnus já tinha se conformado com a situação passada, porque o que o povo tinha dificuldades em entender era quanto ao futuro. Era o comércio e as novas maneiras de trabalhar com a terra e encher as burras de prata. Em tudo isso, Eskil era muito inteligente e deixaria para seus descendentes o dobro da herança que um dia ainda viria a receber. Aqueles que faziam pouco de Eskil, que ele quase não se interessava pelas virtudes masculinas, eram incultos, não entendiam a orientação de Deus quanto à procura da felicidade por parte das pessoas durante sua passagem na terra. Eskil iria ser, em tudo o que significasse alguma coisa, um senhor rico e poderoso em Arnäs. A esse respeito não havia dúvida alguma. Na verdade, que o filho primogênito não fosse um homem com gosto para brincar com armas era uma coisa à qual podia se sobreviver sem grandes perturbações. Este era o caso de Eskil de Arnäs. A vantagem estaria no fato de ele sobreviver por mais tempo, sem porte de espada e de escudo. Mas que também ao segundo filho faltassem as virtudes masculinas, isso era pior e tornava a desgraça maior. Magnus tinha escutado alguns dos seus escudeiros falarem baixo a respeito de Arn como a freira de Varnhem. Mas ele decidiu engolir o vexame e fingir que não tinha escutado do que fazer do caso um problema. Já era ruim demais saber que os escudeiros estavam com a razão. O que os monges fizeram com o garoto de

quem Magnus tinha uma vaga lembrança, de um rapazinho esperto que cedo aprendeu a atirar flechas com o arco, não era fácil de ver ou de entender. Eram bonitas as orações à mesa desde que Arn tinha voltado para casa, mas daí a ter melhorado a honra da casa era outra questão.

O garoto chegou cavalcando num bonito dia de outono em cima de um cavalo magro que atraía o riso de todos e, pior do que isso, veio com uma espada à cintura que mais parecia feita para mulheres, se é que se poderia imaginar uma espada assim. Era longa demais e leve demais, além de ser malfeita

e muito brilhosa. Magnus resolveu rápido mandar guardá-la na sala de armas da

torre para não atrair mais risos malvados para com o jovem inocente. Um pai deve amar seus filhos legítimos, essa era a ordenação inquestionável de Deus. Mas a questão era saber quanto desapontamento e quanta desonra poderiam arranhar esse amor até que, finalmente, esse sentimento não pudesse mais ser chamado de amor. Outra questão, evidentemente, era a de poder transformar o garoto em gente normal, mas ele parecia ter estado tanto tempo entre os monges que ele próprio não era mais senão um monge. De certa forma, o que nem sempre era para alegria de todos podia-se dizer que agora existia um padre na casa. Era como se à noite, na ceia, ninguém pudesse mais falar à vontade, expressar seus pensamentos do jeito que vinham à cabeça. Pelo contrário, havia que ter cautela com as palavras e deixar de lado as que fossem menos conformes com as leis divinas.

Beber também não era muito com ele. Isso se viu logo na primeira refeição de boas-vindas, que, na realidade, devia ser de alegria e de brincadeiras. Tal como estava nas Sagradas Escrituras, na volta do filho pródigo, Magnus mandou matar um bezerro gordo, ou melhor, mandou matar um leitão, já que era mais refinado ainda. Todos se vestiram de maneira especial para a noite e Arn vestiu algumas roupas de Eskil como adulto, já que este ainda não tinha degenerado e ainda não estava parecido com seu bisavô, Folke, o Gordo. Mas, durante a noitada, ninguém deixou de notar que Arn,

seu filho, tinha pouco a ver com um homem de verdade. Ele apenas bebeu dois canecos de cerveja durante toda a noite e comeu do belo leitão, pedante-mente, com as pontas dos dedos como se fosse uma mulher. E ainda que se esforçasse por se sentir à vontade, ele parecia estar um pouco atrasado em tudo o que se dizia, tinha dificuldade em entender as piadas e em responder a quem tentasse ajudá-lo no ambiente. Também parecia não ter herdado nem um pouco da rapidez de pensamento nem da língua ferina da sua mãe. Como o álcool ajudava a soltar os pensamentos do mesmo jeito que soltava a língua, Magnus ziguezagueava na abominável idéia de que Arn tinha se transformado em mulher entre os monges. Tais histórias eram contadas por aqueles de pouca fé ou contrários às leis de Deus. Falava-se de inomináveis pecados praticados por certos monges.

Com a sua mente um pouco turva, Magnus tentou ajuizar a situação de Arn, que se sentia melhor entre as mulheres. Seria isso o sinal de que ele estava dominado pela fraqueza especial dos monges ou essa aptidão para se sentir melhor entre as mulheres do que entre os homens indicava, de fato, o contrário? Em relação à fraqueza, pensou ele primeiro. Era como se esses homens desvirtuados fossem como mulheres e, por isso, estavam mais à vontade entre elas.

Pelo contrário, corrigia ele. Se o homem tem outro tipo de fraqueza, ainda que semelhante, a de bolinar as mulheres, não seria natural que ele procurasse, mais ou menos disfarçadamente, a companhia justo de mulheres? Existiam muitos garotos escravos em Arnäs, mas como todos estavam de olho no filho pródigo, qualquer tentativa deste para dar em cima dos garotos escravos iria resultar numa tempestade de rumores e isso não passaria despercebido ao povo da casa.

Não, esse tipo de homem-mulher, homem afeminado, ele não era. Isso seria a pior vergonha que ele poderia lançar sobre a casa de seus ancestrais e sua família. Nesse caso, teria de ser morto, rapidamente, para restaurar a honra da casa.

Vermelho de raiva, Magnus gritou para as escravas, amedrontadas,

que trouxessem mais cerveja, e elas obedeceram, sem palavras e rápidas como o vento.

Depois de ter examinado seus últimos pensamentos, e de parar a meio de mais uma jarra de cerveja, se lembrando de onde estava, Magnus rompeu em choro, subjugado pelas emoções. Na realidade, ele tinha pensado muito mal desse Arn que era seu filho legítimo e que tinha sido a menina-dos-olhos de sua querida esposa, Sigrid. O que é que Deus, Nosso Senhor, queria dizer com tudo isso? Primeiro, ainda garotinho, Arn teve que ser doado a Deus. A esse respeito, todos os sinais tinham indicado, claramente, esse caminho, e sobre o assunto não havia mais dúvidas. Muito bem, se Arn tivesse se tornado um homem de Deus para o resto da sua vida, tudo estaria certo. Na realidade, Magnus não pertencia ao grupo daqueles que negariam tudo o que de bom os monges tinham feito pela Götaland Ocidental. Pelo contrário, ele reconhecia para quem quisesse ouvir que muito daquilo que era melhor em Arnäs do que em outros burgos se devia aos conhecimentos trazidos pelos monges. Mas que Arn, em vez de continuar fazendo o bom trabalho de Deus entre os monges, viesse de novo para o mundo que antes era o seu lar, e agora como meio homem, meio monge, o que é que isso poderia significar? Àqueles que diziam serem os caminhos do Senhor muitas vezes tortuosos não lhes faltavam razões.

O pior, talvez, era que o garoto insistia em trabalhar como escravo. Apenas alguns dias depois da chegada de Arn a Arnäs, já cavava, já murava e já martelava por toda parte. E não adiantou Magnus ter explicado, com todo o cuidado, para seu filho que ele não precisava se esfalfar daquele jeito. Podia chamar os escravos desocupados, que os havia em bom número nessa época do ano. Foi, então, que a quantidade de trabalhos em andamento se multiplicou e Arn passou a correr de um lado para o outro, acompanhando todos. Daí, o que resultaria de tudo isso era impossível saber de antemão, mas seria uma burrice dizer não, antes de ver.

Se bem que uma coisa ganhou o reconhecimento de todos os homens, inclusive dos mais desdenhosos entre os escudeiros. Arn fez a

relação de todos os cavalos do burgo e fundiu um novo tipo de ferradura com uma espécie de unha na parte da frente que evitava a queda da ferradura. Com certeza absoluta, a situação ficou melhor do que antes, no que dizia respeito às ferraduras dos cavalos. Magnus perguntou tanto aos escudeiros quanto aos escravos da ferraria e todos concordaram com isso.

Foi uma boa coisa. E tudo o que fosse melhor hoje do que ontem, em Arnäs, era uma boa coisa. Essa era a opinião de Magnus e também a de Eskil. Mas o tormento era ver o filho legítimo de um aristocrata trabalhar na lama e na fumaça como se fosse um escravo e não se envergonhar nem um pouco disso. Antes pelo contrário. Arn costumava fazer a oração antes das refeições, agora na linguagem nórdica, agradecendo a Deus por mais um dia de trabalho abençoado. Em muitas coisas, Eskil tinha menos dúvidas que seu pai, dizendo que, em primeiro lugar, ninguém devia menosprezar o conhecimento. E, em segundo lugar, a perícia manual que, sem dúvida, o irmão demonstrava, aprendida com os monges, era uma coisa que devia ser ensinada. Se Arn apenas ensinasse os escravos, dentro de algum tempo estes poderiam assumir os trabalhos. Mas primeiro era absolutamente necessário ensinar, e o único que podia fazê-lo era Arn. Aliás, era errado menosprezar esse trabalho que empurrava o burgo para a frente. Qualquer passo dado em frente era uma vantagem para todos. Para se consolar, Magnus pensava que talvez, apesar de tudo, Arn tivesse trazido consigo tantas coisas novas dos monges que isso, certamente, faria de Arnäs um burgo mais forte e mais rico. Se bem que era preciso fazer, a todo custo, com que os escravos aprendessem tudo, rapidamente, de Arn, para que este pudesse se desligar e deixar de desonrar sua família suando feito um escravo.

Uma coisa melhor, porém, pensava ainda Magnus, agora, num momento que a cerveja o tinha tornado mais emotivo, era saber que Arn tinha se dado bem com a madrasta, Erika Joarsdotter. Magnus não sabia muito bem o que Arn e sua mulher, Erika, faziam na cozinha, isto porque ele jamais tinha posto lá os pés, mas Erika se mostrou muito satisfeita e estava alegre com aquilo. Além disso, foi bom que Erika tivesse encontrado alguém na família que a tratasse

bem. Eskil sempre tivera dificuldade em falar com a madrasta, e ele próprio, Magnus, evidentemente, tentou algumas vezes engravidá-la, visto que isso era o que devia fazer, mas só na terceira tentativa ela lhe deu mais um filho. Esse filho não iria acabar entre os monges, com certeza, mas, sim, entre os escudeiros. E desde tenra idade. Foi assim que Magnus decidiu. Erika tinha um defeito físico que todos notavam. Sua beleza não era de se jogar fora, mas assim que ela abria a boca era impossível não notar que ela era fanhosa, que o som da sua fala vinha mais do nariz do que da boca. Os menos aristocratas iriam rir dessa fala. Por isso, Erika jamais falava quando houvesse

homens estranhos por perto, e o problema também existia quando ela tinha que

desempenhar o papel de anfitriã e fazer com que as mulheres convidadas se sentissem bem. Para Magnus, era difícil agüentar sua mulher. E ele se lembrava muitas vezes de Sigrid, a pessoa que tinha estado mais perto dele na sua vida. E isso ele podia dizer só para si próprio ou para Deus. De qualquer forma, era impossível deixar de considerar que Erika era sobrinha de um rei, que seu sangue era azul e que as duas filhas e o filho que ela procriou tinham sangue azul. E isso pelos dois lados. Um anjo tinha vindo para Arnäs. Tudo o que tocava se transformava imediatamente numa coisa melhor ou mais bonita. Ele era o único homem que Erika Joarsdotter tinha encontrado na vida que lhe falava como se ela tivesse a mesma capacidade de entendimento que todos os outros. Jamais ele se manifestou dando a entender que a fala dela era fanhosa. Ao contrário, pedia desculpas por ainda não ter voltado a falar completamente a língua da sua infância, isto por ter passado toda a adolescência falando dinamarquês. E jamais, também, ele demonstrou como seu irmão mais velho, Eskil, que Erika Joarsdotter era uma estranha que viera substituir a mãe dos dois rapazes.

Bem cedo, logo depois do amanhecer, quando todos os homens ainda dormiam, no dia seguinte à festa de boas-vindas em sua intenção, Arn chegou à cozinha, sóbrio e bem lavado, onde Erika

tinha começado o longo trabalho do dia, com as escravas da casa. Respeitosamente e com palavras cuidadosamente escolhidas, Arn pediu a ela para lhe indicar quais eram as suas obrigações como dona da casa. Acabaram dando uma volta pela cozinha e pelas despensas. De todas as perguntas que fez, Erika tirou por conclusão que ele sabia mais como as carnes deviam ser penduradas, defumadas e guardadas e como o peixe devia ser cozinhado do que, normalmente, os outros homens. E disso ele não se envergonhava nem um pouco.

Então, não demorou muito para que tudo começasse a mudar, à medida que ele deixava que Erika o acompanhasse e decidisse, embora fosse indicando e explicando o que era preciso ser feito de imediato e o que podia demorar e levar mais tempo.

Arnäs era um burgo rodeado de água por dois lados. No lugar mais afastado do burgo, junto do lago Vänern, estava situada a fortaleza e os muros de defesa. Era onde os dois braços de mar, se juntavam e formavam o fosso. Mas as sujeiras do curtume e das latrinas, do matadouro e da cervejaria eram jogadas nos dois braços de mar, e esse desmazelo, segundo Arn, tinha por conseqüência o fato de muitos dos filhos dos escravos terem os olhos vermelhos e as bocas babando, assim como erupções feias na pele. Muitas das crianças morriam, já depois de terem passado pela pior época após o nascimento.

A grande mudança a fazer seria, dali em diante, jogar o esgoto somente

no braço oriental do Vänern, enquanto que o braço ocidental seria mantido livre de qualquer sujeira. Dessa forma, Arn mostrou para ela através de um mapa desenhado na areia, apontando e descrevendo como seria possível puxar uma corrente de água do lado limpo, passando pela cozinha e jogando do outro lado a água suja. Com uma corrente de água passando permanentemente pela cozinha, seria possível ganhar tempo no trabalho e manter a cozinha limpa, além de se produzir uma comida ainda melhor. A cozinha ficaria melhor ainda se o chão fosse empedrado e cimentado, e tivesse uma pequena inclinação para a água de lavagem escorrer

para o esgoto. No entanto, essas modificações iriam tomar bastante tempo. Mais rápido seria plantar uma horta entre as cozinhas. Arn começou por limpar todos os espaços entre os compartimentos dos escravos, retirando o lixo e levando-o para perto da horta onde seria cortado e esmagado para se transformar em esterco próprio para lançar na terra ou para queimar, caso não servisse para esterco ou demorasse muito tempo para se transformar em húmus como todos os restos de espinhas e ossos. Mas ele fez questão de pedir a Erika que fosse ela a dar as ordens, para que todos obedecessem e ajudassem, e ficassem convencidos de que era ela como dona da casa que tomava todas as decisões. Mais difícil foi mudar as coisas em relação aos excrementos humanos. Para Arn, esses excrementos eram tão bons para estrume quanto os dos outros animais, desde que bem utilizados. No entanto, os excrementos humanos eram piores, caso fossem parar na comida ou na água. Em vez de fazerem suas necessidades em qualquer lugar, todos seriam obrigados a usar as latrinas especiais com barricas e qualquer um dos escravos que fosse encontrado defecando em qualquer outro lugar seria duramente punido. Resmungou-se bastante a respeito dessas mudanças entre os escravos, mas Erika Joarsdotter tornou-se uma dona-de-casa rigorosa, começando a acreditar muito mais em Arn do que em qualquer outra pessoa. Como tinha passado cinco anos como noviça num mosteiro, antes de ser retirada de repente por seu pai, para se casar, ela já conhecia, na realidade, muito daquilo que Arn descrevia. Eventualmente, ela teria pensado que havia uma ordem divina dentro dos mosteiros, que essa ordem pertencia a um mundo superior. Por isso, tudo lá dentro era muito mais limpo do que fora de lá. Era como se houvesse um conteúdo espiritual nessa limpeza. Por isso, também, ela nunca havia pensado ser possível ter a mesma ordem aqui fora, na vida de todos os dias. Até que Arn chegou e lhe abriu os olhos. Ela ainda corava um pouco ao se lembrar do erro cometido ao cumprimentar Arn pela primeira vez com algumas frases em latim, pensadas por antecipação. Como se o latim, de alguma maneira, pudesse cobrir o seu defeito, tornar bonito o que era feio.

Entretanto, ao responder, Arn falou umas frases mais longas também em

latim, das quais ela apenas entendeu metade. Ela apenas conseguia disfarçar, mostrando que estava seguindo a conversa. Mas logo que Arn descobriu a dificuldade dela, voltou a falar a língua normal, mas em voz alta, para que os outros escutassem. E explicou que, como os dois eram os únicos a falar o latim em Arnäs, seria mal-educado perante os outros mantê-los fora da conversa. Agora, que ela o conhecia melhor e que os dois falavam muito um com o outro quase todos os dias, ela lembrou o seu erro, tocou no assunto, e ambos riram do acontecido. Por sua vez, ele contou que, nesse caso, tinha sido muito mais divertido quando ele, pela primeira vez, se encontrou com o padre em Forshem. Parecera natural para ele, diante de um homem de Deus, falar a língua da Igreja, o latim, e fez uma saudação respeitosa, disse o seu nome e disse ainda que estava muito satisfeito em voltar à igreja da sua infância, mais ou menos isso. Mas como tinha gente em volta, na entrada da igreja, o padre respondeu como se falasse latim de verdade, mas não falava nada. E Arn imitou o padre, mais ou menos, dizendo: *Pax vobiscum hummelidumdum, pater noster et Ave Maria kru-silurum hokuspokusum, lasum et dosum per áspera ad ostra.*

Arn se divertiu com a imitação e ambos caíram depois numa cordial gargalhada. E ele continuou, alegre e despreocupado, a descrever como ficara perplexo ao escutar o latim de mentirinha do padre, tanto que nem conseguiu reagir, enquanto o padre se recompôs bem e disse para todos os que estavam em volta que sim, sim, mas também, que o latim não era tão simples assim para os jovens. Depois, se desculpando e com uma piscadela de olho atrevida para Arn, saiu correndo para o outro lado da rua em missão de muita urgência. Eles riam quase chegando às lágrimas e, então, caíram nos braços um do outro e ela acariciou-o, maternalmente, na face. Foi aí que ele ficou com medo e se afastou rapidamente dela, pedindo encarecidamente que o desculpasse. Com a chegada de Arn, os dias de Erika Joarsdotter em Arnäs ficaram luminosos e suas responsabilidades como dona-de-casa tornaram-se uma tarefa muito

mais fácil, de tal maneira que, cedo pela manhã, ela se levantava de um jeito que antes não podia sequer imaginar. E quando, logo em seguida, os homens na casa grande começaram a perceber que o que vinha para a mesa tinha sabor de novidade e de coisa melhor, começaram também a elogiá-la com palavras de apreço que ela nunca tinha escutado antes. E, sobretudo, a respeito daquele tal presunto defumado.

Na verdade, Arn trouxera consigo uma porção de salsichas e alguns pedaços defumados de carne de porco, quando chegou de Varnhem, e embora quase tudo tivesse desaparecido durante a festa de boas-vindas, sem que alguém agora se lembrasse bem de tais iguarias, ela se lembrou pelo menos de perguntar a ele como é que se faziam essas coisas. E logo ele entrou em ação, construindo um defumador de madeira preparado com alcatrão. Quando ficou pronto, ele próprio fez algumas experiências com pedaços de carne de porco que mostrou

para ela. E logo tanto ela como algumas das escravas da casa estavam

defumando carne de porco para todo mundo, com um sabor que parecia vir direto de algum mosteiro.

Mas a essa altura já Arn estava dedicando seu tempo a outro projeto, visto que isso de construir um defumador com madeira ainda era possível, mas, em geral, na cozinha, em muitos outros casos, era preciso usar tijolos. E aí ele desapareceu da presença dela e começou a construir uma olaria. Havia argila que servia para essa finalidade perto da praia e por cima do curtume, no braço oriental das águas, e Arn levou uma semana para ensinar aos escravos escolhidos como usar formas, a fim de que todos os tijolos fossem do mesmo tamanho. E como levá-los depois para o forno, para queimar a argila como quem faz pão, embora a uma temperatura muito mais elevada, com a ajuda de foles e durante muito mais tempo. Logo em seguida estava sendo construída com tijolos mais uma despensa junto da cozinha. Arn chamou Erika para dar uma olhada em tudo, dar uma volta pela construção, subir nos andaimes, descrevendo e explicando para ela como mais tarde, quando tudo

estivesse pronto, seria possível trazer gelo do Vänern e esfriar a câmara de tijolos, mantendo tudo frio mesmo durante os dias mais quentes do verão. Primeiro, ela riu só de pensar no caso, visto que todo o mundo sabia que era impossível encontrar gelo no verão. Foi, então, que ele, pela primeira vez, pareceu um pouco magoado e permaneceu em silêncio, de cabeça baixa, como se quisesse se concentrar, não dizendo nada antes de a raiva passar. Depois, já calmo e com espírito de tolerância, ele explicou para ela como se fazia. Que não era nenhum milagre e que dava para conservar o gelo e utilizá-lo para esfriar as coisas durante o verão. Nas suas orações, Erika Joarsdotter agradecia repetidamente a Deus por ter mandado esse filho pródigo que não era seu filho, mas que a tratava como se ela fosse sua mãe. E que dava à sua vida em Arnäs um brilho e um significado que antes nunca tivera. Mas nem para Deus ela ousava dizer aquilo que pensava todos os dias, que Arn, na verdade, era como se fosse um anjo enviado para Arnäs.

Eskil vacilava, não sabia, verdadeiramente, o que pensar a respeito do seu irmão mais novo que, de repente, entrou pelo portão do burgo, cavalgando num animal hediondo, como se mais uma vez estivesse voltando, milagrosamente, dos mortos vivos, tal como havia acontecido antes através de um suposto milagre.

A primeira sensação foi a de um forte amor fraternal. Afinal, aquilo de que Eskil se lembrava mais do que qualquer outra coisa na vida era do dia em que ele e seu irmão mais novo foram obrigados a se afastar um do outro na frente do portão da casa grande. E como ele correu atrás da carruagem em que Arn foi levado e acabou caindo na trilha da carruagem, chorando e vendo Arn desaparecer para sempre entre o nevoeiro das lágrimas e o pó da estrada, arrebatado por uma incompreensível ordem de Deus.

Quando abraçou o recém-chegado Arn no mesmo lugar em que eles antes tinham se separado, primeiro achou que ia abraçar um ser delicado, quase um desnutrido, até que sentiu a força ursina dos braços de Arn à volta do seu corpo num abraço que quase o deixou com falta de ar. Evidentemente, foi um momento de quase incontrolável alegria. Mas já na primeira noite, durante a festa de

boas-vindas, Eskil começou a sentir uma certa preocupação pelo seu irmão mais novo, que parecia não estar gostando da festa, que quase desrespeitosamente empurrou a comida para longe e bebeu cerveja como se fosse uma mulher, e que também em outras situações parecia ser retardado.

Em breve, uma perturbação surgiu. O pai e o filho mais velho passaram a evitar Arn e este, por sua vez, constatando o seu desagrado, procurava a companhia dos escravos e da dona da casa em vez da companhia dos homens. Os escudeiros foram os primeiros a fazer caretas, a revirar os olhos para cima e a fechar os punhos nas costas de Arn em sinal de escárnio. Eskil pensou em chamá-los e falar duro com eles, mas não o fez porque ele próprio não estava livre dos mesmos sentimentos que os escudeiros demonstravam com as suas caretas.

O pai fazia questão de falar o menos possível a respeito de Arn, e a única coisa sábia que ele e Eskil decidiram foi deixar o tempo correr, deixar que Arn continuasse a fazer o que quisesse entre os escravos e as mulheres e, depois, tentar persuadi-lo, gentilmente, a se dedicar também a outras coisas. E assim se passou muito tempo em que nada aconteceu de especial entre eles, cada um para o seu lado. Nem Magnus nem Eskil se preocupavam em saber o que Arn estava fazendo entre os escravos e na cozinha, no lado mais a sul de Arnäs, onde os dois raramente iam. Mas uma coisa era impossível deixar de notar. À mesa chegavam novas espécies de carnes e a mais gostosa de todas para Eskil era o presunto defumado que não era duro, nem seco, nem salgado, como alimento especial e necessário para os invernos, mas, sim, saboroso e suculento de dar água na boca só de pensar nele. E a outra coisa que era impossível deixar de ver era como a senhora Erika tinha mudado. Como ela tinha começado a falar alto e sem constrangimentos, apesar do seu defeito na voz. E como ela sorria disfarçadamente à mesa, ao responder a perguntas, como aquela de dizer por que razão ela agora fazia novas comidinhas para almoços e ceias. Eskil era um homem que favorecia as mudanças, tendo compreendido depois que sua mãe, Sigrid, era muito mais rápida de pensamento que seu pai. As mudanças faziam a diferença, criavam riquezas se fossem boas. E

se não fossem, mudava-se tudo outra vez. Assim era em Arnäs. E assim continuaria a ser. Por isso, Arnäs era um burgo que crescia, melhor e mais rico que os burgos dos outros, onde nunca se mudava nada.

Por isso, também, em breve, Eskil não podia mais ficar ignorante. E pediu a Arn para lhe mostrar o que estava fazendo. Arn ficou logo muito satisfeito, quase feliz, e queria até levantar logo da mesa para mostrar tudo para seu irmão mais velho.

Aquilo que Eskil viu, na volta que deu, fez com que mudasse totalmente de opinião. Era claro que Arn não era retardado. Ele sabia muito bem o que estava fazendo. E Eskil logo chegou à conclusão de que tinha sido uma burrice fazer julgamentos precipitados.

Ao visitar as instalações dos escravos, viu que estava tudo mudado, que todo o lixo era retirado, tal como se retirava a sujeira das vacas no estábulo durante o inverno. E que agora podia-se andar por todo lugar sem a preocupação de saber onde pôr os pés.

Primeiro, Eskil chegou a tentar fazer graça, dizendo que, evidentemente, estava tudo muito mais bonito, mas que não servia para nada em se tratando de escravos, ensinando-os a viver como gente. Mas logo se arrependeu do que disse.

Arn explicou, seriamente, que, assim, sem viver na sujeira, os escravos ficavam mais saudáveis, seus filhos sobreviviam melhor e em maior quantidade. E que, naturalmente, era muito melhor ter escravos saudáveis do que escravos doentes, assim como escravos vivos eram melhores do que mortos. Além disso, as doenças dos escravos podiam espalhar-se para as gentes. Por isso, finalmente, a limpeza era a melhor coisa para todas as partes envolvidas. E, depois, Arn explicou ainda seus planos para dividir as duas correntes de águas, uma das quais seria mantida limpa. E como as latrinas em buracos substituíam os excrementos onde calhava e como eles acabavam servindo de estrume, fazendo o bem em vez de espalhar o mal.

A seriedade com que Arn podia falar até mesmo de coisas tão vulgares como a merda dos escravos fez com que Eskil tivesse uma

impressão duas vezes mais forte. Por um lado, parecia até que se tratava de uma piada. Por outro lado, parecia tão claro e óbvio que até fazia a cabeça rodar. Imagine-se, medidas tão simples, que até mesmo os escravos podiam cuidar delas, realmente, produziam grandes melhorias? Era muita vantagem para pouco trabalho. E sem que isso custasse uma prata a mais.

Quando chegaram à cozinha e Arn mostrou como o lixo e o estrume melhoravam pequenos canteiros, onde era possível agora cultivar cebolas e alho- porro e muitas outras coisas de que Eskil nem ouvira falar e nem sabia o que era. E quando ele entrou na cozinha e viu o chão de lajotas, de pura lama queimada, bem, primeiramente disse que não valia a pena fazer o lugar bonito, onde apenas as escravas e as mulheres trabalhavam. Mas, aí, Arn riu pela primeira vez, como se aquela nuvem escura de seriedade se abrisse um pouco e um raio de sol aparecesse, e explicou que aquilo não era para agradar aos

escravos, mas para que a comida chegasse à mesa mais limpa e mais pura, o que seria melhor, sem dúvida, para todos.

Ao ver o novo defumador e ao escutar as explicações de Arn a respeito de como os presuntos e outras carnes e peixes eram ali tratados, e ao ver a nova construção feita de tijolos, que viria a ser um novo tipo de des-pensa onde o gelo e a escuridão iriam conservar tudo durante o verão, Eskil ficou tão emocionado que as lágrimas lhe vieram aos olhos. Isso porque agora ele não tinha mais dúvidas. Agora ele estava certo de que Arn, embora não fosse um homem que os escudeiros fiéis respeitassem, tinha trazido do mosteiro conhecimentos enormes e abençoados, e que esses conhecimentos iriam significar para Arnäs novos e impressionantes passos em frente. Na verdade, tudo tinha ficado no mesmo lugar durante muitos anos, melhor do que nos outros burgos, mas ainda assim no mesmo lugar, sem se mexer é avançar, sem progredir.

Eskil abraçou Arn, fortemente, e pediu desculpas por não ter entendido antes que ele era seu irmão de verdade e tão bom quanto ele próprio. Arn teve, então, que confortá-lo e se confortando também, com todos os sentimentos à flor da pele. E, enquanto isso,

as escravas da casa ficaram se entreolhando sem sequer poder imaginar do que se tratava. Assim que Eskil descobriu essa atitude das escravas, logo se empertigou e olhou duro para elas. E elas logo desapareceram rapidamente. Foi então que Eskil sugeriu a Arn que fossem até a sala de contas na torre beber uma caneca ou duas de cerveja.

Primeiro, Arn quase disse que havia muito trabalho esperando por ele e que só no fim do dia de trabalho realizado as pessoas deviam gozar dos seus frutos, regados com o suor dos seus rostos. Mas Arn se arrependeu a tempo, reconhecendo que não tinha o direito de impor as regras da sua vida anterior no ambiente em que vivia com seu próprio irmão. Afinal, era o reconhecimento de seu irmão que ele estava esperando e pelo qual tinha rezado tanto em suas preces. Arn havia sofrido com a frieza e a desconfiança por parte de seu pai e de seu irmão. Mas aguardava que algum dia, em breve, eles iriam entender que aquilo que ele fazia era bom para todos. Portanto, dessa maneira, não era pecado nenhum beber uma cerveja com seu próprio irmão, ainda que no meio da tarde. O senhor Magnus deu uma desculpa para não levar Arn na viagem à Noruega, a fim de negociar uma herança com os parentes de lá. Já era difícil levar Eskil consigo. Isso porque a visitação aos noruegueses quase sempre acabava em jogos de armas quando a cerveja muito forte começava a fazer seus efeitos. Aquele que não fosse bem rápido e habilidoso ou ainda não fosse bastante velho para dizer não às brincadeiras dos jovens arriscava-se a se ferir de verdade e seriamente entre os noruegueses. No entanto, apesar do perigo, ele queria levar Eskil. Os negócios seriam difíceis e especiais, e Eskil, mesmo com muita cerveja no bucho, tinha a grande

capacidade de fazer contas de cabeça, de todas as mercadorias e dizer quanto

valiam em pratas. Eles já haviam falado muito a respeito do assunto, ele e Eskil, chegando à conclusão de que era mais inteligente vender essa herança norueguesa, mesmo que isso fosse causar muito sangue derramado entre muita gente. Na Noruega, como na Götaland Ocidental, era uma questão de honra guardar suas

heranças e não deixar que fossem parar nas mãos de outra família. Mas as vantagens de possuir um burgo perto de um grande fiorde eram muito pequenas, caso não fosse para lá morar. Se fosse para morar, tudo seria diferente. O fiorde nunca congelava, o ano inteiro, e de lá o comércio seria mais fácil do que a partir do Vänern.

Aquilo que todos os outros talvez fizessem seria colocar um libertado ou um parente norueguês para explorar o burgo, mas Magnus e Eskil estavam de acordo que essa solução se transformaria somente em posse, mas não em renda. Seria possuir sem ganhar nada com isso. Nenhum parente na Noruega aceitaria pagar renda alguma pela exploração da terra. Com a venda, portanto, seria possível receber a prata, passível de ser utilizada em algo melhor. Isto porque, com a volta de Arn, seria preciso olhar o futuro. Talvez até ele merecesse ter algum tipo de herança. E, por isso, talvez fosse melhor comprar algumas terras perto de Arnås ou algumas terras da família de Erika, ao sul de Skara, ou por que não comprar terras da família PU, em Husaby? Qualquer dessas possibilidades seria mais segura e menos perigosa para Arn, do que mandá-lo viver entre os noruegueses, sempre dispostos a lutar pelas armas.

Entretanto, a questão de dizer a Arn que ele estaria fora da viagem à Noruega sem ferir a sua sensibilidade teve uma solução simples. Era uma época, no outono, em que Svarte e seu filho escravo, Kol, estariam caçando veados e javalis. Já tinham trazido boas presas para casa. Arn e Erika tinham muito o que fazer no novo defumador, já que, segundo Arn, era muito melhor defumar as carnes de animais silvestres do que salgá-las e secá-las. Mas justo diante da viagem para a Noruega e da conversa complicada entre Magnus e Arn a respeito da burrice em mostrar um filho dócil e nada agressivo entre os noruegueses, o próprio Arn veio perguntar se podia acompanhar Svarte e Kol em suas caçadas e aprender a caçar.

Magnus ficou duplamente feliz com essa pergunta. Por um lado não precisaria dar a explicação dolorosa a respeito dos parentes noruegueses e da sua mania de brincar com espadas e machadinhas depois de beber cerveja. E, além disso, pela primeira vez, Arn se mostrava interessado em aprender uma atividade que estava incluída entre as atividades aristocráticas. Um bom caçador era bem-

visto, até mesmo se fosse escravo.

Entretanto, Magnus não tinha qualquer esperança de que Arn, certo ou errado, um meio monge, pudesse aprender alguma coisa de uma arte difícil e máscula como a caça.

Nem Svarte tinha qualquer esperança também. Mas precisava obedecer.

Quando escutou que tinha de levar consigo o segundo filho, outro meio homem, pensou imediatamente o que ia acontecer. Uma vez, dois outonos antes, havia sido obrigado a fazer o mesmo com o filho mais velho da casa, Eskil, que, pelo menos, por enquanto, ainda não era tão redondo quanto um barril de cerveja, mas se tornou uma verdadeira preocupação, transformando a caçada num fiasco total. Não era fácil levar o filho do dono para uma caçada, querendo decidir acerca de tudo, até mesmo do que não entendia. Svarte estava um pouco menos preocupado com este segundo filho do dono. Eskil era aquele que mais se parecia com seu pai. Em relação a Arn, os outros escravos e escravas falavam muito e, de várias maneiras, o descreviam, mas sempre positivamente. Que era um homem que sabia tudo sobre coisas das quais os patrões não sabiam nada. E, ainda por cima, era suave ao dar as suas ordens. Nunca tinha levantado a mão para ninguém, nunca tinha punido ninguém com chibatadas nem levantado a voz com palavras duras para ninguém.

Svarte achava que essas excentricidades tinham mais a ver com a estranha fé dos senhores do que com aquilo que os escudeiros e outros homens andavam dizendo por aí. A fé dos senhores era em muitos aspectos incompreensível. Seus deuses, que eram muitos, tantos que ninguém conseguia conhecer a todos, castigavam as pessoas sem que estas tivessem feito alguma coisa de especial. Era mais uma punição por coisas pensadas. Como se os deuses conseguissem escutar aquilo que as pessoas pensam! E era como se eles, tendo escutado, se interessassem em manter em ordem todas as punições por pensamentos errados.

No que dizia respeito a esse Arn, Svarte lembrava-se muito bem de que ele, quando criança, subira em uma das fendas altas da torre,

atrás de uma gralha, e caíra lá de cima, mas tivera sorte ao cair em cima de um montão de neve. A criança, naturalmente, perdeu a respiração durante algum tempo, antes de voltar a si, mas, entretanto, os senhores já tinham rezado e pedido para seus deuses, e prometido tudo, o possível e o impossível. E tudo terminou com eles tendo que mandar embora o garoto como punição para si mesmos ou como punição contra o garoto. Não era fácil decidir por um caso ou outro, visto que tanto um como o outro eram muito difíceis de entender. Mas agora parecia que a punição estava paga e ele tinha voltado para casa, mas não como qualquer um. Svarte já tinha visto Arn trabalhar na ferraria e tinha que reconhecer, contra sua vontade, que em matéria de martelo e bigorna, ele não tinha muito a ensinar ao garoto. Ou, para dizer a verdade, por muito dolorosa que fosse, era provável o contrário, que ele tivesse alguma coisa a aprender, o que não era fácil de engolir. Ao partir, aconteceram várias outras coisas que puseram minhocas na cabeça de Svarte. Como estavam levando junto um dos filhos dos senhores,

puderam ir buscar as armas na sala da torre e escolher livremente entre as armas

ali guardadas. Pela maneira como Arn pegou nos arcos e como ensaiou, puxando a corda, até as mais fortes, sem demonstrar esforço, Svarte achou que esse garoto já tinha pego mais de um arco e flecha. Ele também escolheu corretamente as flechas, ao decidir qual o arco que devia pegar. Svarte tinha imagens muito confusas a respeito do que as gentes cristãs e brancas faziam nos seus mosteiros e isso de, aparentemente, treinarem tiro ao alvo não condizia com a piada provocante que ele e os outros escravos contavam na situação. Ao carregar seus cavalos de transporte e ao escolher os animais para «5 cavalgar, antes de colocar os arreios, Kol, timidamente, lembrou a Arn que, como filho do dono da casa, ele poderia escolher primeiro qual o cavalo que queria, e podia escolher entre os melhores animais e não esse cavalo dos monges que não parecia grande coisa. Foi nessa hora que Arn riu muito, sem más intenções, e disse que tão logo tivessem cavalgado um pouco em chão aberto, ele iria mostrar que aquele cavalo não era um

animal qualquer. Svarte não era mais cavaleiro do que qualquer um, mas também não era menos. Ele botava ferraduras em todos os cavalos em Arnäs, agora com ferraduras novas, melhores do que aquelas usadas antes. E ele cavalgava como todos os outros, habituados com os cavalos, homens livres ou escravos, camponeses ou escudeiros. Mas como Arn ele jamais aprenderia a cavalgar, disso ele estava certo e reconhecia de imediato. Logo que se afastaram um pouco de Arnäs, Arn fez coisas que ninguém podia fazer com o cavalo, a esse respeito tanto ele como seu filho, Kol, concordaram. E esse tal cavalo que parecia não valer nada aos olhos de toda a gente, quando parado, ao se movimentar com Arn segurando nas rédeas, ele se mostrava tão forte e rápido quanto o cavalo de Oden. Só assim se pode pensar de um cavalo como esse. Não era nada fácil para eles conversar e se entender, sendo necessário muitas vezes repetir as frases. Por isso, durante as primeiras horas, não conversaram muito.

Tão logo chegaram às florestas de carvalhos de Kinnekulle, ao norte de Husaby, notou-se que Arn era um caçador tão ruim quanto o seu irmão. Em contrapartida, aquilo que o diferenciava bastante do senhor Eskil era a maneira como reconhecia seus erros, pedia desculpas e fazia incontáveis perguntas acerca de como devia ser feito.

Como aconteceu na primeira vez que estiveram bem perto de alguns veados, deitados numa clareira, descansando. O vento estava relativamente forte e eles estavam se aproximando com o vento contra. O tempo estava seco e as folhas das árvores no chão voavam conforme o vento e faziam um certo barulho que confundia os ouvidos dos animais, de modo que em breve estariam à distância do tiro, embora tudo estivesse acontecendo à luz do dia. Svarte e Kol já tinham visto os veados há muito tempo, quando Arn, de repente, os viu também e, excitadíssimo, foi falar para eles. Mas essa fala também os veados

ouviram. E devem ter entendido o que estava para acontecer, visto que logo se

levantaram e desapareceram na floresta numa corrida veloz feita de

longos pulos.

Durante o descanso à noite, perto do fogo, Arn fez muitas perguntas, algumas infantis, a que Svarte e Kol responderam pacientemente, sem mostrar o que pensavam dessas perguntas. É claro que a aproximação tem que ser realizada contra o vento, senão os veados e os javalis descobrem a nossa chegada, e os outros animais também, diga-se de passagem. Eles conseguem ouvir essa aproximação, normalmente, à distância do alcance de uma flecha, se houver silêncio. Se houver ruídos normais na floresta, meia distância. Não, não se deve atirar nos que têm chifres. O gosto da carne deles é ruim, especialmente nesta época do ano, quando acabaram de passar pelo caldo. Ah, sim, o caldo é a época de cobrir as fêmeas e, por isso, a carne dos machos cheira forte demais. É a mesma coisa com os javalis. Não se deve atirar nos machos maiores, mas, sim, nos de tamanho médio. Se der para atirar numa fêmea com muitos filhotes, melhor ainda. Quando ela cai e morre, os filhotes reúnem-se todos à sua volta. E se tivermos sorte e a ajuda dos deuses, é só matar todos de uma enfiada. Os leitões são os mais saborosos.

No momento em que eles estavam perto do fogo, respondendo respeitosamente às perguntas ingênuas do filho do seu senhor, ouviu-se um rugido bem forte vindo da floresta, junto deles. Arn levantou-se amedrontado, num pulo, e pegou rápido no arco e na cesta de flechas, questionando Svarte e Kol com o olhar, mas eles permaneceram tranquilos e sorridentes nos seus lugares. Ao ver que eles não se mexiam, Arn sentou-se novamente, sem entender nada. Svarte explicou, então, que as pessoas ignorantes chamavam aquele som de tudo, desde o grito de guerra do rei da montanha até o rugido dos feiticeiros se vingando do homem. Essas coisas ruins existiam, sim, mas neste caso o que acabavam de ouvir era o rugido de algum veado velho, com algum resto de caldo ainda no corpo. Esse som amedrontava muita gente porque era sempre muito forte, mas para os caçadores era uma melodia dos céus. Esse rugido significava que dentro de algumas horas, nas primeiras luzes do amanhecer, eles talvez ficassem diante de um rebanho de fêmeas, bezerros e vitelas, atrás do qual estava o veado mais velho. Se

seguirem algum veado mais velho na escuridão, os caçadores têm as maiores chances de encontrar, especialmente um pouco mais cedo no outono, aquelas fêmeas e seus filhotes, bons para levar para casa, para as panelas e fornos da cozinha, para salgar e secar.

Bem cedo, momentos antes de amanhecer, eles se levantaram e seguiram, lentamente, com todo o cuidado, por dentro da floresta à procura do velho veado e da sua companhia de fêmeas e filhotes. No entanto, estava difícil andar sem fazer barulho. A temperatura, durante a noite, tinha descido muito e congelado as folhas das árvores no chão que eles pisavam. Até Svarte e Kol

tinham dificuldade em evitar os ruídos. Já Arn, ao andar, parecia aos ouvidos

deles como se fosse um bando de escudeiros avançando pelo caminho. Mas isso eles só pensavam, não diziam nada. No silêncio da manhã, qualquer pequeno ruído soaria como um estouro de foguete nos ouvidos sensíveis dos veados. Quando Svarte parou e não ousava avançar mais, eles tinham chegado a uma clareira perto de uma lagoa. Tinham um vento fraco contra si. Aliás, nem Svarte nem Kol teriam avançado de outra maneira. Mas a lagoa, ainda que pequena, estava no meio, entre eles, a clareira e os animais. E da lagoa subia uma névoa bem espessa. Podiam ouvir bem perto o poderoso rugido do velho veado, mas ver as fêmeas e os filhotes estava difícil. Só de vez em quando, através da névoa, conseguiam ver de relance os almejados corpos dos animais. Mas estavam longe demais e nada podiam fazer. Se tentassem avançar disfarçadamente pela clareira, seriam descobertos. Restava ficar no lugar e esperar.

Depois de algum tempo, Arn perguntou, em voz muito baixa, como tinha aprendido recentemente, a razão por que não atiravam. Eles responderam, murmurando, que era longe demais para atirar. Era impossível acertar no alvo antes de ter o veado a metade dessa distância. Arn olhou incrédulo para eles e assegurou, murmurando também, que ele podia atirar. Svarte queria abanar a cabeça negativamente, seria tolice atirar, mas pensou antes que era melhor que Arn aprendesse com os próprios erros que com o próprio escravo. E repetiu o que tinha dito na noite anterior, perto do fogo.

Atrás do ombro, através dos pulmões. Assim, o veado fica quieto, depois de um bom tiro. Porque logo abaixo e atrás do ombro está o coração. Mas se o tiro sair errado, o veado começa a correr disparado, com medo, e espalha o medo para os outros. Caso o disparo acerte nos pulmões e o veado fique quieto, pode-se tentar um segundo disparo.

Arn carregou o seu arco com uma flecha, segurou a arma com o dedão da mão esquerda e fez o sinal-da-cruz. Depois, todos ficaram à espera. Ao final de uma espera que, com certeza, pareceu muito mais longa para Arn do que para os outros dois, surgiram três veados que ficaram quietos, escutando no horizonte, diante deles, na névoa. Mas os três veados estavam agora na linha de tiro e visíveis. Arn ainda tocou levemente no ombro de Svarte e perguntou com os olhos, em vez de com a boca. Svarte confirmou, bem baixo, no ouvido de Arn, que a posição era boa, mas estavam longe demais. Arn fez sinal que tinha entendido.

Mas logo, de repente, suspendeu o seu arco e apontou para o veado em melhor posição, calculando a curva a uma distância de um braço acima dele, e soltou a flecha, sem hesitar. Eles ouviram a flecha acertar no alvo e viram a vitela ficar quieta como se não entendesse que estava ferida de morte. Arn disparou novamente. E ainda mais uma vez, em seqüência rápida. Logo se escutou a queda dos animais no chão.

Arn quis correr logo na névoa para ver o que tinha acontecido, mas Kol

pegou-o pelo braço. E Arn ficou com receio de ter feito alguma coisa errada, novamente. Mas não ficou com raiva. Antes, acenou que tinha entendido. E ficaram esperando que o sol aquecesse a lagoa e acabasse com a dança das nuvens.

Svarte e Kol deitaram-se junto do tronco de uma árvore, depois de terem estendido as mantas que traziam nas costas, e caíram no sono. Arn sentou-se, mas não conseguiu dormir. Tinha disparado o seu arco da melhor maneira possível e estava certo de que havia acertado com seus dois primeiros tiros, mas não sabia ao certo o que teria acontecido com o terceiro tiro, embora pressentisse que

alguma coisa tinha saído do normal. Talvez tivesse disparado rápido demais, talvez estivesse tenso demais na hora do disparo. Seu coração batia tão forte que ele chegou a acreditar que os veados podiam ouvir as batidas. O sol já tinha subido no horizonte há muito tempo quando Svarte acordou. Depois, ele próprio acordou Kol. E os três partiram para a lagoa, a fim de ver o que tinha acontecido.

A vitela que Arn havia visado primeiro jazia morta onde tinha caído, ao ser atingida. E nem outra coisa era de esperar, explicou Svarte, depois de, cuidadosamente, ter examinado o local da ferida. A flecha tinha atravessado ambos os pulmões e a ponta saía do outro lado. Por isso, a vitela tinha ficado no lugar. Não havia sentido nenhuma dor e, por isso, não havia corrido, em fuga.

O bezerro não estava no lugar onde devia estar, mas havia pistas de sangue que Svarte e Kol logo encontraram. Ao pesquisar o sangue, eles fizeram sinal um para o outro e depois para Arn. Kol avançou, dizendo que o bezerro também tinha sido atingido nos pulmões e que estaria por perto, morto, prestes a ser encontrado. Enfiou uma flecha no chão onde encontraram o sangue e depois seguiram em frente, de cabeça baixa, em direção ao lugar onde os três achavam que o terceiro animal tinha sido atingido. Encontraram sangue numa ponta de grama que esfregaram entre os dedos e depois cheiraram, e logo, de novo, era como se soubessem de tudo o que tinha acontecido. Svarte falou que o veado estava ferido de morte, mas ainda não tinha morrido e que devia estar febril, a duas ou três distâncias de flecha. E que era melhor voltar e buscar os cavalos, já que não era bom chegar ao animal cedo demais. Era bom deixar que ele morresse em paz. Ao voltar com os cavalos, verificou-se que tudo o que Svarte e Kol tinham falado era verdade. O segundo bezerro que Arn tinha atingido com o último disparo estava caído e morto um pouco mais longe. Svarte mostrou como a flecha de Arn tinha entrado um pouco atrás no peito do animal, mas quando Arn de brincadeira pediu desculpas, Svarte não pôde evitar um sorriso que tentou esconder. Depois, Svarte explicou a sério que mesmo se o veado estivesse perfeitamente quieto no lugar, no momento do disparo da flecha, ele

teria tempo para dar um pequeno passo em frente enquanto a flecha estava a

caminho. No caso, foi isso que aconteceu. Até a noite, ficaram procurando pelos veados de novo, mas sem sucesso. Svarte contou que isso dependia do fato de o vento ter ficado muito fraco, sendo impossível contar com ele para uma aproximação. Os veados logo notavam a presença do homem, mesmo que a movimentação do caçador fosse praticamente nula.

Todos estavam, porém, de muito bom humor, ao cair da noite. Os três veados caçados pendiam, um ao lado do outro, de um forte ramo de carvalho. Tinham tido muita sorte como caçadores de um dia só. Junto do fogo, à noite, Svarte e Kol ofereceram os corações dos veados para os seus deuses, possivelmente na crença de que o filho do seu dono não entendia o que estavam fazendo, virando as costas e murmurando as palavras sobre o fogo na sua própria língua. Na hora da ceia, Svarte e seu filho é que ficaram perplexos. Kol foi apanhar pequenos ramos de aveleira para grelhar no fogo baixo pedacinhos de fígado e de rim, além de rodelas de cebola, que Svarte tinha trazido na sua sacola de couro. Os dois escravos ficaram espantados quando Arn se dispôs a comer esse lanche. Todos sabiam que esse tipo de comida servia apenas para escravos. Mas Arn, porém, comeu e repetiu, com o mesmo apetite que os outros dois, pondo de lado a sua carne de porco salgada. Depois disso, era como se os três ficassem mais próximos e mais à vontade entre si.

Quando já se encontravam deitados perto do fogo e bem cobertos com os seus mantos para agüentar a noite, Svarte aventurou-se a fazer uma pergunta, se no mosteiro do Cristo Branco aprendia-se, realmente, a usar o arco e flecha dessa maneira. Arn, que a esta altura entendeu que tinha atirado bem, ficou lisonjeado com a pergunta. E pensou que muito poucos tinham tido a chance de ter o irmão Guilbert como professor e explicou, depois, que não era uma coisa normal os monges atirarem com arco e flecha, mas que ele, a esse respeito, havia tido a sorte de receber lições de um professor muito competente. Svarte e Kol riram muito da história, e Kol acentuou que gostaria de encontrar esse professor. Mas aí, quando Arn respondeu por brincadeira que isso só seria possível se Kol e

Svarte se deixassem batizar, os dois escravos silenciaram e ficaram tristes, olhando para o fogo.

Para
apagar
sua
brincadeira
ferina,
Arn
acrescentou
que,

independentemente daquilo que eles pensassem, os mosteiros do Cristo Branco eram um mundo, no entanto, onde não havia escravos e onde todos eram iguais, cada um valendo o mesmo que qualquer outro. Mas sobre o assunto, ele apenas recebeu o silêncio como resposta. No entanto, Arn quis continuar no tema e pediu, com palavras simples e sem rodeios, da melhor maneira que lhe era possível, para lhe dizerem por que razão Svarte e Kol ainda eram escravos,

como no tempo em que ele próprio ainda era criança. Muitos dos outros tinham obtido a liberdade. Por que não Svarte e a sua família? Svarte, que agora precisava responder, quer quisesse ou não, explicou lentamente que tudo dependia daquilo que cada um fazia para poder ser libertado ou não. Os escravos que trabalhavam na agricultura eram libertados com mais facilidade que os que trabalhavam como pedreiros ou caçavam. Os lavradores eram utilizados na abertura e preparação de novas terras para Arnäs e recebiam a liberdade em troca de arrendamento. Mas caçar para conseguir peles durante os invernos e caçar para obter carnes durante os outonos eram funções que o desempenho ia direto para a cozinha de Arnäs e, por isso, era impossível conseguir a liberdade, no caso, justamente, por trabalhar nessas funções. E o mesmo se podia dizer dos que trabalhavam na construção ou nas ferradas. E para que Arn não pensasse que ele tinha ido longe demais e falado atrevidamente, Svarte acrescentou que não se lamentava. Muitos dos homens que trabalhavam como

madeireiros estavam na mesma situação. Arn refletiu por momentos, enquanto os outros dois esperavam em silêncio. E disse, depois, que achava esse sistema injusto. Se é que tinha entendido bem, as peles de arminho e de marta davam boa receita tanto quanto o milho, o trigo e as rações. Foi, então, que Kol soltou uma gargalhada quase atrevida e, quando Arn perguntou qual era a piada, Kol gaguejou como resposta que seria difícil encontrar uma maneira de utilizar a escravatura e torná-la justa. E Svarte lhe deu um toque na perna por baixo do manto para que fechasse a boca.

Mas Arn não ficou zangado nem um pouco com o atrevimento de Kol. Pelo contrário. Acenou com a cabeça afirmativamente, em silêncio, para si mesmo, e disse depois que pedia desculpas por ter pensado mal e que Kol tinha toda a razão. Ele mesmo jamais queria e jamais iria ter um homem como escravo.

Como Svarte e Kol não tinham mais nada a dizer sobre o assunto, a conversa entre eles morreu. Arn rezou a sua oração da noite por todos, se aconchegou na manta e em seus cobertores de tal maneira que deu a entender que já tinha dormido ao relento antes. E virou-se para dormir. Depois, fingiu que não escutava aquilo que os outros dois ficaram falando em voz baixa. Mas Svarte e Kol tinham dificuldade em dormir. Eles se juntavam um ao outro para se aquecerem mutuamente, tal como estavam habituados. E refletiram longamente sobre esse filho do dono e seus deuses estranhos. Levantaram-se cedo de manhã por causa da geada, um pouco antes do amanhecer, e comeram logo a refeição matinal, aquela sopa que Kol tinha começado a preparar na noite anterior e ficara sobre o fogo durante toda a noite. Svarte e Kol foram se substituindo na recolha de mais lenha e juntando um pouco mais de água. Com a sopa, feita de cebola e pedaços de veado jovem,

eles comeram pão escuro integral. E logo em seguida o calor voltou novamente aos seus corpos.

Fazia uma bonita manhã. E quando eles desciam, cavalgando e carregando a sua carga pesada, pelas encostas de Kinnekull, na esparsa floresta de carvalhos, de repente, todas as terras de Arnäs

estavam a seus pés. Avançavam com o sol subindo rápido e colorindo o lago Vänern ora em cores de prata, ora em cores de ouro. E Arn estava feliz, respirando profundamente o ar fresco. No horizonte, viu brilhar qualquer coisa na igreja de Forshem e a partir daí era possível procurar corretamente onde estava o burgo de Arnäs, embora ainda não fosse possível vê-lo.

Ao longo das encostas da montanha, viam-se principalmente as florestas de carvalhos e de faias, mas embaixo havia os campos enormes, bem lavrados, que no momento estavam negros, da terra preta, mas pontilhados de prata por efeito da geada. Arn pensou que jamais o mundo fora mais bonito, que Deus devia ter criado essas encostas de carvalhos e esses campos num momento de grande inspiração. Começou, então, a cantar de alegria, mas viu pelo canto dos olhos que isso, aparentemente, estava assustando Svarte e Kol, de modo que logo parou de cantar. Refletiu, depois, se devia perguntar a razão por que não gostavam dos seus cânticos, se era a magia do Cristo Branco que os assustava ou se era qualquer outra coisa. Mas se arrependeu a tempo, visto que tinha chegado à conclusão de que devia avançar bem lentamente na conversa com esses dois, com a escravatura tão entranhada nos seus sentidos que a liberdade, aparentemente, mais os assustava do que atraía. Durante a viagem, com o sol subindo, o gelo foi derretendo e dali a pouco não se escutava mais o som das ferraduras dos cavalos batendo no chão duro. As águas do Vänern tinham mudado para o azul, mas eles tinham avançado bastante, descendo a montanha, e em breve deixariam de ver o lago até que chegassem em casa.

Chegaram a Arnäs por volta do meio-dia e foram recepcionados com vivas, já que não era pouca coisa voltar de uma caçada tão curta com três veados mortos. Entre as escravas de casa, a alegria foi maior ao saber que tinha sido Arn que havia abatido os animais, e assim levantaram as panelas ou o que tinham à mão e bateram umas nas outras por cima da cabeça, acompanhando com gritos, enrolando a língua, que era o sinal dos escravos nos momentos de boas-vindas e de alegria e satisfação. Arn não pôde evitar um certo sentimento de orgulho, mas pediu a São Bernardo imediatamente que o vigiasse e o avisasse em relação a esse terrível pecado do

orgulho e arrogância. Eles retiraram a pele e cortaram rápido os veados em pedaços, levando logo as peles para o curtume. Mas agora não estavam mais na caçada onde Arn era noviço. Estava na hora de determinar como a carne devia ser preparada e isso era Arn que decidia, quase sem a mínima timidez, como devia ser feito. Pensou que tal como Svarte e Kol tinham ensinado a ele a respeito de pistas de

sangue e dos passos barulhentos na folhagem seca, ele agora podia ensinar a eles

como as carnes deviam ser penduradas ou defumadas. E, por isso, achou natural que fosse ele a decidir tudo.

Os lombos e as alcatras deviam ser limpas e mandadas para o defumador. Os pescoços e as costelas deviam ficar pendurados nos novos ganchos recentemente fundidos e colocados dentro da despensa gelada, emparedada com tijolos. O que restava, o coração, fígado, rins e fraldas, ele entregou, com o semblante determinado, para Svarte e Kol. Depois, deixou que Erika Joarsdotter decidisse o que devia ser defumado e deu a ela e às suas escravas instruções de como o trabalho devia ser conduzido, com tempos determinados de defumação para as alcatras e os lombos e para as carnes de fêmeas e de machos. Quando tudo estava pronto, perguntou respeitosamente a Svarte e Kol se seria uma boa idéia voltar de imediato para a região de caça, porque se assim fosse era melhor partir logo e começar o trabalho já na manhã seguinte. Os dois olharam espantados para ele, mas acenaram que sim, concordando. Kol foi buscar novos cobertores de peles e pães frescos. E logo estavam de novo a caminho.

Na volta para Kinnekulle, Arn quis saber se tinha exigido demais ou se os dois tinham pensado em ficar em casa pelo menos uma noite no quente da cama, antes de ir caçar novamente. Será que eles estavam tão entusiasmados quanto ele em prosseguir na caçada? As respostas vieram com esquivas e ele chegou à conclusão de que eles não tinham pensado em sair tão rápido, novamente. Arn imaginou que a reação deles dependia do fato de nunca na vida terem tido a oportunidade de conversar direito com os patrões. Entretanto, achou

que isso não poderia ser mudado com pressa. Precisava dar bons exemplos. Era a única coisa a fazer. Seria impossível conquistar essas duas almas com ordens de comando.

Ao chegar de novo às encostas de Kinnekulle, onde a floresta de carvalhos ficava mais densa, viram a distância um rebanho de javalis. Svarte, que os viu primeiro, parou o cavalo e indicou o lugar onde o rebanho se encontrava. Arn teve de fixar bem o olhar entre as sombras da floresta, antes de descobrir onde os animais estavam. E estavam bastante mais perto do que tinha pensado. Os javalis pararam todos, com os focinhos virados para os cavaleiros recém-chegados. Pareciam em suspenso, determinados a esperar e a ver o que o inimigo iria fazer, antes de fugirem. A floresta por cima e à volta deles era constituída por troncos esparsos e parecia fácil de passar com os cavalos. Arn dirigiu Chimal para junto do enorme garanhão nórdico em que Svarte estava montado e perguntou se podia atirar naqueles javalis. Svarte teve de se esforçar para responder respeitosamente e disse que, caso aproximassem mais os cavalos, os animais iriam fugir. Nessa altura, Arn demonstrou um pouco de impaciência. Ele já tinha percebido isso. Mas seria possível para os javalis correrem mais rápido do que os cavalos?

Diante dessa pergunta mais idiota, Svarte teve de se esforçar ainda mais

para ser respeitoso na resposta. E Arn reparou muito bem como ele fez uma inspiração profunda antes de falar. É como se estivesse falando com uma criança, Svarte disse que em campo aberto era evidente que o cavalo podia correr mais que um javali, em especial, o cavalo de Arn. Mas no caso, em primeiro lugar, o campo não era aberto. E em segundo lugar, mesmo que pudessem correr ao lado dos javalis, o que é que eles podiam fazer, sentados em cima dos cavalos?

Arn abriu um largo sorriso e puxou das costas o arco, sem responder, e esticou-o com a maior facilidade, como se o arco não fosse um dos mais duros de Arnas, retirou algumas flechas da bolsa e colocou-as debaixo do braço que segurava o arco. Em seguida, passou para Svarte uma parte da carga do seu cavalo e perguntou-

Ihe quais os animais que deviam ser abatidos primeiro, caso ele conseguisse cavalgar ao lado dos javalis. Svarte respondeu, baixando o olhar e mordendo a língua para não rir descaradamente, que era melhor abater animais de tamanho médio ou menores.

Arn agradeceu abanando a cabeça, e partiu lentamente na direção dos javalis, como se pensasse que eles iriam permanecer no lugar, à espera da morte. Svarte e Kol olharam um para o outro, divertidos, sem dizer nada, apenas encolhendo os ombros.

No momento em que os javalis empinaram os rabos no ar, dando sinal de que era a hora de fugir, Arn pôs o cavalo a galope, aumentou a velocidade e parecia até que o animal estava voando. Svarte e Kol ainda tiveram tempo de ver como ele atirou a primeira flecha, em pé nos estribos, sem segurar nas rédeas, e ainda tiveram tempo para ver, também, como o primeiro javali caiu, abatido. Depois, ouviram apenas o som dos cascos do cavalo batendo no chão juncado de folhas das árvores. E o chiar de mais um javali abatido. E depois, mais outro. Levou tempo para explicar tudo para Svarte e Kol. O primeiro javali, como eles tinham visto, já corria quando foi atingido. E esse eles encontraram logo e acabaram de matar. Mas depois foi mais difícil saber pelo jovem senhor Arn onde encontrar os outros que ele abateu, saber onde ele esteve e qual o caminho mais além que o javali atingido tinha seguido. Isso ele, na maior excitação, não tinha fixado na memória. Mas, ao escurecer, todos os três javalis estavam devidamente pendurados num ramo de árvore. Entretanto, foram obrigados a acampar muito mais abaixo na encosta do Kinnekulle do que tinham pensado. Mas valeu a pena, visto que eles, aparentemente, com a maior facilidade, já tinham abatido mais três animais. Além disso, tinham que voltar com a maior rapidez para Arnäs, já que a carne de porco selvagem degenerava mais rápido do que a carne de veado. Junto do fogo, à noite, tiveram dificuldades de novo em conversar. Finalmente, Svarte abriu a boca para murmurar, baixando os olhos, que

ninguém podia cavalgar tão rápido e atirar ao mesmo tempo, em especial no meio da floresta. Só com feitiçaria isso era possível. Primeiro, Arn

ficou com medo. Achava ter entendido que a feitiçaria era um pecado tão grande para os infiéis quanto para os cristãos. Foi, então, que ele assegurou aos dois que jamais se prestaria a feitiços, visto que isso era um grande pecado. Mas logo se lembrou que, para os escravos de seu pai, a feitiçaria não era considerada um pecado. Antes pelo contrário, ficavam curiosos em saber como conseguir isso era possível e como funcionava tão bem nas caçadas. Para eles, a feitiçaria não era uma coisa ruim, mas boa. A respeito desta situação, Arn ficou muito pensativo e não sabia como reagir. Após alguns momentos, iniciou então uma longa explicação sobre os métodos de treino que ele tinha seguido durante toda a sua vida, usando cavalos melhores, tais como Chimal, e conhecendo melhor os cavalos usados. E que tudo isso, e nada mais do que isso, era a explicação para o fato de ele poder ficar em pé na sela e atirar. Em breve, porém, entendeu que eles não queriam acreditar nele. Kol, que tinha se tornado um pouco mais franco do que seu pai na convivência com Arn, falou confusamente que ele havia entendido que Arn não gostaria de compartilhar a sua feitiçaria, mas que isso estava mais do que certo, visto que tanto ele como seu pai eram apenas escravos e que Arn era o filho do dono. Diante disso, Arn ficou sem resposta e rezou em silêncio e durante bastante tempo para que recebesse o apoio de São Bernardo no esclarecimento da verdade para Svarte e Kol. E que dessa verdade deviam ser retiradas todas as suspeitas de trabalhos abomináveis.

Algot Pälsson, de Husaby, possuía muitos burgos e florestas, mas, na sua opinião, apenas duas riquezas. Eram as suas duas filhas, Katarina e Cecília, que tinham acabado de deixar a sua infância para trás e se impunham agora como duas adoráveis flores. Ambas eram a luz dos seus olhos, dizia ele, muitas vezes, em alto e bom som. Mas como elas também mostravam sinais indiscutíveis e espírito indomável e falta de modos, em especial Katarina, que era a mais velha, elas eram também suas maiores preocupações. Mas, a esse respeito, ele não dizia nada em alto e bom som.

Quando Katarina estava com doze anos de idade, quase que ele a comprometeu com Magnus Folkesson, de Arnàs, e isso teria sido uma grande felicidade, uma luz na vida, em vez da escuridão que,

justamente, então, caiu sobre ele por sua mulher, Dorotea Rõriksdotter, ter morrido na cama ao dar à luz e com ela a vida que teria sido a do filho primogênito de Algot. Se ele tivesse conseguido casar sua filha mais velha com um folkeano, era como se a tivesse casado com um rei, ou, pensando bem, no fato de que suas posses e burgos estarem rodeados tanto pelos da família folkeana quanto pelos da família erikiana melhor do que com o rei. Evidentemente, ele agora era um libertado do rei Karl Sverkersson nessa mesma cidade, Husaby. Era uma honra

ter a responsabilidade de manter em ordem um burgo real. E Husaby era também maior e sua situação, mais bonita em Kinnekulle do que em qualquer dos seus burgos.

Mas estar ligado ao rei Karl Sverkersson na Götaland Ocidental era uma posição que não estava livre de riscos, visto que tão forte era a família Sverker na Götaland Oriental quanto era fraca na Götaland Ocidental. Nesta província, nem Karl Sverkersson se atrevia a dizer que era rei. Era apenas um conde na Götaland Ocidental e com isso tanto a família de Folke quanto a de Erika se contentaram. Mas até mesmo o otimista que preferia ver o futuro luminoso para si devia ficar preocupado com aquilo que poderia acontecer. No dia em que o rei Karl fosse assassinado por qualquer das duas outras famílias, uma possibilidade característica na vida de todos os reis, não seria fácil continuar a morar em Husaby e ser seu representante. Por isso, tudo teria sido melhor se Katarina fosse a dona da casa em Arnäs. Assim, Algot não teria colocado todos os ovos na mesma cesta. Tanto fazia que qualquer das famílias viesse a assumir o poder real, a sua família continuaria em boa companhia e com isso segura em termos de vida e de posses.

Mas tudo foi por água abaixo com o fato de Magnus Folkesson, ao final, ter escolhido unir-se com a família de Erika. Algot não podia nem censurar Magnus pela inteligente manobra, mas apenas reclamar por sua falta de sorte. Tinha falado também com Magnus a respeito do caso e sabia que ambos pensavam da mesma maneira e davam grande importância ao fato de suas terras fazerem fronteira

umas com as outras.

No entanto, ainda não era tarde demais para que qualquer insegurança pudesse ser dissipada. Magnus tinha um filho na mesma idade de Katarina e Cecília e esse filho, Eskil, a seu tempo, viria a ser o senhor de Arnäs. Com um pouco de boa vontade, essa solução podia ser considerada como até melhor. Porque antes Katarina teria sido obrigada a casar-se com um homem nos seus melhores anos, enquanto ela ainda era apenas uma criança. Todavia, havia o problema das filhas não terem bons modos. Nenhuma delas atuava com aquele recolhimento necessário e habitual na companhia dos homens jovens que um pai podia exigir. Na realidade, essa falta de modos baixava o seu valor e, na pior das hipóteses, constituía um risco de elas acabarem sem possibilidades de se casar. Por isso, seu pai resolveu separar as filhas. Enquanto Katarina estava em casa, Cecília permanecia como noviça no mosteiro de Gudhem. E quando Cecília vinha para casa, era a vez de Katarina viajar para Gudhem, para aprender a ser disciplinada e a receber os conselhos do Senhor e, com isso, muitos conhecimentos apropriados para uma dona-de-casa em Arnäs. Estes últimos, certamente, não eram para desprezar e elevavam o valor das filhas, embora elas próprias não agradecessem de forma alguma o fato de viverem separadas e fechadas num mosteiro, e cada uma por sua vez

aprendendo a ser disciplinada. Agora, estava na hora de Katarina viajar para

Gudhem e ela não falava nada bem a esse respeito. Custava muita prata às freiras para manter as duas meninas em Gudhem e a prata era a única maneira de pagamento aceitável por elas. Mas, segundo Algot, valia a pena aquilo que ele pagava pelas filhas, pois daria um retorno sete vezes maior quando se casassem. E, além disso, ele teve uma motivação inesperada para fazer negócios com Magnus Folkesson, que parecia possuir uma ilimitada quantidade de prata nas suas caixas de tesouro. Através da venda de terras com florestas de carvalhos para Arnäs, Algot recebeu a prata de que precisava e, além disso, muitas possibilidades, ao finalizar os negócios, de falar

dos bons hábitos que suas filhas estavam adquirindo à custa daquele dinheiro por ele recebido. Dessa maneira ainda, podia lembrar a Magnus a parte daquela promessa de casamento quebrada pela metade, e que Katarina e Cecília ainda continuavam sendo um bom negócio para os dois. Algot Pälsson tinha escutado apenas alguns boatos fracos a respeito do segundo filho de Magnus Folkesson que tinha sido mandado para um mosteiro na mais tenra idade e que agora tinha voltado para Arnäs. Aquilo que se dizia a respeito do rapaz não era para se considerar como uma grande honra. Na realidade, era como se ele fosse meio monge. E Arn, que era como ele se chamava, confirmou aquilo que se dizia dele, ao chegar cavalgando numa tarde de outono, nevoenta e fria, duas semanas antes da grande reunião do conselho provincial em Axevalla. Trouxe dois escravos com ele e chegaram carregados com carnes de veado e javali que queriam oferecer como participação de Husaby na sua caçada. Magnus Folkesson e Algot tinham feito um acordo de que, sempre que as gentes de Arnäs fossem caçar nas terras de Algot, as quais em certas épocas eram melhores para a caça do que as terras de Arnäs, em especial, pelos javalis procurarem as florestas de faias no outono, então, um quarto dos animais caçados seria mandado para Algot em Husaby como direito de compensação. Tendo em conta o que trouxeram e descarregaram em Husaby, suas caçadas tinham sido muito bem-sucedidas. Mas, depois de descarregarem, eles tinham por objetivo voltar para casa na escuridão, cavalgando, visto que o mais velho dos escravos dizia conhecer o caminho mesmo no escuro. Algot, porém, reclamou de imediato. Ruim seria deixar quem veio com carnes tão preciosas voltar para casa à noite. Além disso, achou ele rápido, poderia ser considerado como pura providência divina essa oportunidade oferecida por Deus de proporcionar um encontro entre Katarina com um dos filhos de Arnäs, mesmo considerando que era o pior deles. Não faz diferença, pensou Algot, embora talvez ela prefira o filho mais velho. E assim acabou acontecendo uma pequena festa em Husaby, logo antes do feriado do Dia de Todos os Santos, na proximidade do inverno. Enquanto se retiravam as selas dos cavalos e estes eram colocados na cavalaria, as carnes

eram levadas para dentro, para serem preparadas e grelhadas pelo cozinheiro de

Husaby, e os acompanhantes de Arn eram colocados na casa dos escravos, Katarina veio ao encontro de seu pai e sugeriu com o mais inocente dos semblantes que não se devia deixar que o visitante dormisse na casa grande entre todos os outros, visto que em Arnäs os hábitos eram mais elevados. Em vez disso, ela podia determinar que o jovem Arn ficasse numa cama própria em uma das pequenas casas fechadas durante o inverno. Algot apenas grunhiu uma aprovação curta para essa sugestão, sem entender direito ou sem querer entender quais as verdadeiras intenções de Katarina. Arn ficou muito envergonhado, nunca tinha sido convidado por ninguém antes e não estava ciente de como devia se comportar. O tanto que sabia por ter escutado dizer em Arnäs é que parecia muito mal comer e beber pouco na casa dos outros. Por isso, resolveu, com um suspiro profundo, e enquanto retirava a sela e tratava de Chimal, que tentaria, realmente, comer e beber como um porco, de maneira que seu pai não precisaria se envergonhar dele fora de Arnäs. Uma coisa acontecera de bom. Eles não tinham tido tempo para comer há muitas horas, visto que o terreno molhado fez com que essa satisfação ficasse muito demorada e complicada. Portanto, falta de fome é que não havia.

Então, iria tentar mesmo comer e beber que nem um porco, ainda que fosse difícil tomar uma decisão dessas, tão anticristã. Caminhou até a fonte, onde ele viu que os escravos estavam concentrados, para se lavar e logo sentiu que tinha atuado como qualquer convidado não devia, visto que os escravos se retiraram, amedrontados, murmurando qualquer coisa, e apontando para algum lugar atrás das suas costas. Enfim, vai ter que ser assim de qualquer jeito. Não deve ser chique a pessoa se lavar, pensou ele. Mas ainda que fosse obrigado a comer como um porco, não queria cheirar como tal. Resolveu deitar-se para descansar um pouco na cabana de madeira que lhe indicaram. Esticou o corpo na cama e ficou olhando para o teto onde, à luz flamejante da vela, viu nitidamente as imagens de veados e javalis. Estava satisfeito por ter feito alguma coisa mais do que tijolos e com isso conseguir que o

seu pai o visse com outros olhos. E com esse pensamento consolador e as imagens dos animais silvestres diante dos olhos, Arn adormeceu. Quando uma escrava da casa veio e com todo o cuidado o acordou, a escuridão já era completa e várias horas se tinham passado desde que ele adormecera. Amedrontado, levantou-se, pensando que talvez parecesse que tinha recusado a festa de boas-vindas, o que certamente poderia causar problemas. Mas a escrava tranqüilizou-o e disse que, ao contrário, tudo estava para começar agora e que era só segui-la. Tinha demorado bastante a assar as carnes.

Ao entrar na sala escura em Husaby, sentiu-se transportado para a Antigüidade. A sala, longa e escura, era atravessada por duas filas de pilares de

madeira esculpida. Arn imaginou que o teto era pesado, com grama e terra, e

precisava, portanto, desse apoio. Na cumeeira do telhado existiam três aberturas com proteção para escapamento da fumaça, mas ele ainda sentiu alguns pingos de água no rosto ao percorrer a sala ao longo do braseiro central. Os pilares quadrados eram decorados por todos os lados até a altura de um homem com padronagens em cor vermelha de dragões sinuosos e animais lendários. E as mesmas decorações existiam junto da mesa de honra e dos lugares de descanso ao fundo da sala, no canto entre a parede longa e a curta. Para Arn, era uma habitação paga, sombria e fria.

Ao descobrir que Algot e a filha Katarina usavam vestimentas de festa, assim como os quatro homens, para ele desconhecidos, à volta da mesa de honra, Arn sentiu-se constrangido por usar apenas a sua roupa de caçador, de lã grosseira e pele de veado. Mas quanto a isso ele nada podia ter feito. Nesse momento todos estavam de olho nele, esperando que fizesse alguma coisa. Ele desejou a paz do Senhor para todos e cumprimentou cada um por sua vez, fazendo uma vênia, começando pelo dono da casa e sua filha Katarina. Notou que ela sorriu para ele um pouco desdenhosamente e imaginou que deveria ter feito e dito algo mais.

Algot Pälsson, no entanto, não viu nenhuma razão para manter seu

importante, mas constrangido, convidado em mais dificuldades e levantou-se logo do seu lugar na mesa, apertou a mão de Arn e conduziu-o para se sentar à sua direita, no lugar de honra. Depois, mandou entrar a grande trompa de bebida que já era conhecida em Husaby desde o tempo do rei Olof Stõt, segundo se dizia, e estendeu-a solenemente para Arn, para que com o primeiro gole iniciasse a festa.

Arn não pôde deixar de examinar a trompa por momentos antes de levá-la à boca. Primeiro, pensou não em como era pesada, mas em todas as imagens pagas que estavam nela gravadas e onde a cruz cristã devia ter sido gravada muito mais tarde, talvez como proteção contra o pecado. Entretanto, achando que todos esperavam que ele entornasse pela garganta toda a bebida, como um animal, respirou fundo e, realmente, deu o melhor de si, bebendo até sufocar, enquanto os outros ficaram olhando, excitados. Ofegante, colocou na mesa a trompa que ainda continha um terço da cerveja por beber. Mas Algot pegou logo nela e despejou o resto no chão, virando-a então, mostrando que não tinha mais nada. Os outros bateram na mesa com a palma da mão, em sinal de que o convidado havia honrado a casa bebendo tudo. Arn desconfiava já que aquela ceia iria se transformar em algo a nunca mais recordar com alegria. Depois, trouxeram a carne assada e mais cerveja em grandes jarras para cada um. A carne era de veado, grelhada no espeto. E o javali, de meia-idade, grelhado do mesmo jeito. Como Arn esperava, a carne do veado estava dura e seca, sem condimentos, a não ser quanto ao sal, com o qual, no entanto, foram muito generosos. Quer dizer, eles assaram o animal que naquela manhã ainda

vivia, algo que o irmão Rugiero consideraria como um pecado quase tão pesado

quanto o da blasfêmia. Arn prometeu a si mesmo não fazer cara feia nem reclamar por nada. Elogiou logo a boa carne, bebeu impetuosamente a sua cerveja, estalando a língua de satisfação, visto que era assim que os outros faziam. Mas estava difícil para ele encontrar o que falar, e Algot precisava ajudá-lo na conversa, perguntando a respeito da caçada. Aliás, qualquer homem diante da

possibilidade de jactar-se a respeito de suas caçadas podia se tornar até um bardo, mesmo que, normalmente, fosse o homem menos falador do mundo. Mas Arn não sabia como se fazia ao ser convidado a jactar-se das suas caçadas. Portanto, respondeu curto, em poucas palavras, e elogiou, em contrapartida, seus escravos como caçadores competentes, o que não foi aceito muito bem entre os anfitriões. Para começo dessa ceia, a conversa se arrastava, avançando à velocidade de um caracol em cima de uma trilha seca. Finalmente, Algot perguntou se Arn tinha abatido algum dos animais, uma pergunta maliciosa e arriscada na medida em que o convidado sempre podia juntar um ponto a mais na sua história, sem que ninguém pudesse levar a mal. E Arn respondeu em voz baixa, de olhar desanimado, dizendo que tinha abatido seis dos veados e sete dos javalis, mas acrescentou logo em seguida que seus escravos tinham abatido quase outros tantos. Estabeleceu-se um grande silêncio à volta da mesa e Arn não entendeu que isso era consequência de que ninguém acreditava nele. Todos achavam que, evidentemente, ele podia ter exagerado um pouquinho, mas não dessa maneira escabrosa, a classificar como pura mentira. Um jovem cujo parentesco com Algot Arn não conhecia exatamente, perguntou, então, na gozação, se por acaso tinha acontecido de ele ter abatido todos os animais com a primeira flecha disparada. Arn, que não achou perigo nenhum nessa pergunta, respondeu com a verdade, que tinha abatido, sim, todos os animais com o primeiro disparo. Foi, então, que o jovem soltou sem restrições uma gargalhada de escárnio e pediu para erguer seu caneco em homenagem ao grande arqueiro. Arn bebeu junto com ele, a sério, mas as suas faces esquentaram ao perceber o escárnio e a zombaria nos olhos dos outros. Que não tinha respondido com inteligência a essas perguntas, isso ele podia entender. Mas, tendo dito apenas a verdade, como é que podia ter sido mais inteligente da parte dele ter mentido? Essa pergunta merecia ser repensada. Mas nesse momento ele desejava apenas poder mentir com algo mais inteligente e ser dispensado de ver a zombaria e o escárnio nos olhos dos outros. Algot Pålsson tentou ir em socorro de Arn, rapidamente, começando a dizer que tinha ouvido falar de novas

plantas vindas do mosteiro. Talvez Arn pudesse contar alguma coisa mais a respeito do assunto. Mas o jovem que se dirigiu a Arn com escárnio não queria deixar que ele se soltasse do anzol. Desviando o olhar na direção de Katarina, afirmou em alto e bom som que ruim seria que certos fanfarrões acabassem tendo boas mulheres que não mereciam. E continuou numa conversa obscura que levou Arn a considerar que esse

homem era inimigo e estava enamorado de Katarina, coisa que de forma alguma

lhe dizia respeito.

Algot fez uma nova tentativa para dirigir a conversa para os temas mais pacíficos do mosteiro e para longe do tiro ao arco que poderia atrair mais constrangimentos para a mesa. Mas Tord Geirsson, que era o nome do jovem malicioso, queria vencer Arn em grande estilo, queria mostrar-se forte para Katarina. E propôs que trouxessem um arco e flechas e que assim se fizesse um pequeno torneio de poucos disparos, nessa sala que era suficientemente longa. Arn concordou de imediato, por notar pelo canto dos olhos que Algot Pälsson tinha tomado impulso para evitar o torneio. Rapidamente, mandaram as escravas da casa trazer o arco e a bolsa de flechas e colocaram um fardo de palha junto da porta da sala, a uns vinte e cinco passos de distância. Tord Geirsson recebeu o arco e as flechas e disse em voz alta que aquela não era exatamente uma distância difícil para atingir javalis e que talvez o senhor Arn, sendo um arqueiro tão competente, quisesse mostrar primeiro como se faz. Depois, ele próprio atiraria em segundo lugar. Arn sentiu-se bem frio e decidido e se levantou em seguida. Não gostava nem um pouco daquela situação em que a sua sinceridade e honestidade o tinham colocado, mas queria tirar rápido esse problema do caminho e, como ele entendia a coisa, havia apenas uma maneira. Em passos largos, avançou para Tord Geirsson e pegou das mãos dele o arco, quase que rudemente, e esticou-o com rapidez e à vontade. Depois, escolheu com cuidado três flechas, segurando duas na mão do arco e colocando a terceira na corda. Puxou tudo o que o arco permitia para disparar com força total, a fim de que a flecha encurvasse o

menos possível no caminho. E soltou a flecha. Esta foi parar no meio do alvo, mas um dedo abaixo da mosca. Todos esticaram o pescoço para ver e começaram a falar uns com os outros, em voz baixa. Arn sabia agora como o arco funcionava e preparou com todo o cuidado os dois disparos seguintes que realizou sem a menor pressa. Acertou os dois ainda melhor. Depois, estendeu o arco para Tord Geirsson e se afastou, indo sentar-se à mesa. Tord Geirsson ficou com o rosto pálido, olhando fixamente para as três flechas lá longe, todas bem juntas na mosca. Achou que já tinha perdido, mas não sabia ainda como iria arranjar-se para dominar a dificuldade em que ele mesmo se metera. De todos os caminhos que podia ver, achou todos vergonhosos e acabou escolhendo o menos inteligente. Jogou o arco para longe, com raiva, e saiu da sala sem dizer uma palavra, mas com as gargalhadas fortes dos outros nos ouvidos.

Arn rezou por ele em silêncio, que sua raiva pudesse desaparecer e que pudesse ter aprendido com a sua arrogância. Por seu lado, rezou a São Bernardo por sua lembrança a respeito de arrogância e pediu para que não fosse levado a valorizar esse acontecimento simples em mais do que ele valia.

Assim que Algot Pälsson se recuperou da surpresa em relação ao talento

de Arn, ficou muito satisfeito e logo todos na mesa beberam à saúde de Arn, a sério, pelo grande atirador que ele demonstrou ser. E muito mais cerveja foi trazida e Arn começou a sentir-se melhor e até passou a achar gostosa a carne dura de veado que não foi pendurada como devia. E a cerveja ele tentava beber como se fosse um verdadeiro veterano.

Katarina assumiu, então, a função de servir Arn de cerveja, atitude muito polida que ela devia ter tomado desde o início, visto que estava sentada no lugar de dona da casa e Arn no lugar de honra. Primeiro, ela o achou muito vacilante e muito pequeno. Mas, agora, o achava muito mais importante do que seria permissível.

Dali a pouco, já tinha mudado de assento à mesa, passando do outro lado do pai e para junto de Arn, tão junto que este podia sentir o corpo dela quando falava com ele, o que ela fazia cada vez

com mais intensidade e cada vez mais mostrando como ela gostava das coisas inteligentes que Arn dizia. Suas mãos tocavam as de Arn, de vez em quando, como se não fosse essa a intenção. Arn estava cada vez mais excitado e bebia toda a cerveja que ela lhe punha na frente. Além disso, estava muito satisfeito em ver que Katarina, no início, segundo ele, de olhares tão frios e desdenhosos, quando ele entrou na sala, agora era toda sorrisos e atenções. E cheia de rodeios sensuais que o empolgavam e subiam por dentro dele até a cabeça. Se Algot Pälsson quisesse desempenhar com mais cortesia seu lugar de amo e senhor em sua casa, teria de chamar a atenção de sua filha, em especial, por saber da falta de modos por parte dela e de sua irmã. Mas achava que havia uma diferença colossal se o comportamento pouco conveniente de uma jovem senhora fosse dirigido para um amigo orgulhoso, ® mas pobre, como Tord Geirsson ou para um jovem senhor de Arnäs. Portanto, ele deixava passar aquilo que os bons pais não costumavam deixar de descobrir e de corrigir com veemência.

Toda aquela cerveja bebida começava a fazer girar a cabeça de Arn e, quase tarde demais, descobriu que precisava vomitar. Mas foi andando atrapalhadamente pela sala, para não sujar o lugar onde se comia. Quando o ar frio bateu no seu rosto lá fora e ele se jogou para a frente para vomitar qualquer coisa parecida com meio veado de carne dura e um bom barril de cerveja, ele se arrependeu amargamente, mas não podia nem pensar em rezar, antes de vomitar tudo a que tinha direito.

Depois disso, enxugou muito bem a boca e respirou profundamente o ar fresco, falou qualquer coisa para si mesmo a respeito de ter agido mal por muito que tentasse agir bem e voltou para a sala para, sem mais rodeios, se despedir, dar as boas-noites, desejar a paz do Senhor para todo mundo e agradecer a mesa abundante. Avançou, depois, mais uma vez, em direção à porta da sala, as pernas vacilantes, mas resolutas, saindo para a praça central do burgo e direto

para a fonte que agora estava vazia de gente, na escuridão e abraçada pela névoa.

Arn borrifou o rosto com a

A CAMINHO DE JERUSALÉM água fria, falou alto para si mesmo, com rudeza e repreensão, e desapareceu em seguida na sua casinha. Conseguiu achar a cama mesmo na escuridão e caiu para a frente como se fosse um touro na hora da marretada mortal.

Na casa grande, já noite adentro, quando se escutavam apenas roncões indistintos, Katarina saiu escondida para o largo. Algot Pälsson, que no momento dormia mal depois das noites de grandes bebidas, escutou quando ela se esgueirou do quarto e entendeu muito bem para onde ela tencionava ir. Como bom pai, devia tê-lo evitado o seu ardil e dado a ela um bom castigo. Como bom pai, consolava-se ele, também podia desistir de tudo isso para que, senão por outro motivo, conseguir, enfim, ter uma filha em Arnäs. Para aqueles que não sabiam de nada, parecia que o povo da família Folke iria partir de Arnäs para a guerra. Mas para aqueles que estavam por dentro, que sabiam de tudo, até isso era provável. Um grande grupo militar se amontoava na praça do burgo e reverberava entre os seus muros o barulho das ferraduras dos cavalos, o chocalhar frustrante das armas e o entrecruzar de vozes impacientes. O sol estava ainda subindo no horizonte e ia ser um dia frio, mas sem neve. Os caminhos deviam estar bons. Duas carroças bem carregadas tiveram que ser levadas para fora, as rodas chiando e gemendo, para dar mais lugar para todos os cavaleiros. Todos esperavam pelos chefes da família que iam realizar o cerimonial da oração do topo da torre e alguns dos homens faziam chacota, dizendo que iria ser um longo cerimonial se fosse o garoto monge o encarregado da oração. Para esquentar, ou para esquecer a impaciência, quatro dos escudeiros de Arnàs começaram a esgrimir suas armas, as espadas e escudos, enquanto os escravos amedrontados seguravam seus ganhões e os amigos à volta os incitavam com gritos de apoio e bons conselhos.

Foi mesmo Arn, realmente, que fez a oração do cerimonial, junto com seu pai, seu tio Birger Brosa e Eskil. Na verdade, era preciso mesmo a proteção de Deus e de todos os santos para essa viagem

que poderia terminar bem, mas que também poderia terminar com os ventos da guerra soprando por toda a Götaland Ocidental.

Ao chegar à praça do burgo e ao ver os quatro escudeiros cruzando suas espadas, Arn parou, espantado e paralisado diante desses homens que deviam ser os melhores combatentes da defesa armada de seu pai e que nada sabiam de como manusear a espada. Jamais poderia imaginar uma coisa dessas. Embora já adultos e pesadamente uniformizados, com malhas de aço até os joelhos e vestes

especiais com as armas e cores da família, eles pareciam mais uns garotos, umas

crianças até, que mal sabiam qualquer coisa a respeito de espadas e escudos. Magnus, que viu o olhar de desprezo de seu filho, entendeu que ele talvez tivesse ficado com medo dessas brincadeiras impróprias, e pousou sua mão, tranqüilamente, sobre o ombro de Arn, consolando-o e dizendo que não precisava ficar com medo. Esses homens estavam a seu serviço. Eram, sim, grandes guerreiros e isso era bom para Arnäs. Então, pela primeira vez, em muito tempo, Arn chegou a pensar que era um pouco retardado e que de nada entendia. Mas, aparentemente, uma luz se acendeu na sua cabeça e, de maneira ainda hesitante, sorriu para seu pai e assegurou que ele, de forma alguma, tinha sentido medo dessa esgrima deles e que se sentia, sim, seguro, diante do fato de ver neles as armas e as cores de Arnäs, as mesmas que as suas. Arn não queria ferir seu pai, dizendo o que pensava da incapacidade desses homens em utilizar a espada e o escudo. Enfim, já tinha aprendido que nesse baixo mundo a maneira inteligente de agir era a de nem sempre dizer toda a verdade.

Preocupação maior foi quando Magnus descobriu que Arn, ingenuamente, tinha colocado a espada que recebeu dos monges na cintura, a espada que apenas podia servir para atrair o ridículo, pois mais parecia uma espada de mulher. Resolveu de imediato ir até a sala de armas buscar uma boa e bonita espada norueguesa para oferecer e substituir aquela que Arn tinha. Mas, então, Arn se irritou e disse que não, assim como quando lhe quiseram impor um cavalo

nórdico, pesado e lento, para substituir o seu cavalo magro e monástico.

Magnus tentou explicar que as forças da família precisavam cavalgar agora, mostrando todo o seu potencial para dar medo aos seus inimigos e conquistá-los pacificamente. E que até Arn, que estava vestindo as cores da família, precisava convencer-se desse fato, acompanhar todo o mundo, para não atrair a chacota dos outros. E era a chacota de todos que ele iria atrair como filho tão próximo do chefe da família, usando uma espada de mulher e um cavalo que não servia para nada.

Arn se conteve por bastante tempo e de forma expressiva, antes de responder. Mas, então, sugeriu com palavras suaves que não se importava de montar qualquer um dos garanhões negros, nada ágeis, que ele quisesse, mas que em relação à espada preferia não ter nenhuma do que deixar de usar a sua. Diante disso, Magnus cedeu, não feliz por completo, mas satisfeito ao menos por ter conseguido que seu filho deixasse de montar um cavalo ridículo. E com isso todos puderam iniciar enfim, a sua saída de Arnäs, a caminho da reunião do conselho de todos os gotas, que era o nome da assembléia na qual o rei Karl Sverkersson, pela primeira vez, em dois anos, iria tomar parte e onde ele iria ter de escolher entre a guerra e a paz.

À frente cavalgava o comandante da força armada, sozinho, com a bandeira da família bem em cima, tremulando na lança. Depois dele, seguiam Birger Brosa e Magnus Folkesson, lado a lado, vestidos em prata e azul e agasalhados com seus mantos azuis, forrados de peles de marta, e de elmos brilhantes na cabeça. Ao lado esquerdo, atrás, junto da sela, estavam amarrados seus escudos, onde um leão dourado se erguia, resoluto, pronto para o combate. Depois, ainda, seguiam Eskil e Arn, vestidos e armados do mesmo jeito que os seus chefes de família. Finalmente, em seguida, vinham os escudeiros em formação de dois, todos com suas lanças guarnecidas com as bandeirolas da família tremulando ao vento nas pontas. Outras tantas famílias iriam se juntar do sul e do ocidente da província e se uniriam todas perto de Skara para então se incorporar à família de

Erika e demonstrar claramente, quando chegasse a hora de entrar na assembléia, uma união fortíssima, diante da qual a guerra custaria ao rei Karl a oposição das famílias de Folke e de Erika, transformados em inimigos, não apenas por laços de sangue, mas também através da sua vontade conjunta em não se submeter. A assembléia de todos os gotas seria realizada fora do burgo real, em Axevalla. Dois jovens, cavalgando lado a lado por um longo caminho, se fossem outros que não Eskil e Arn, falariam sobre a luta de poderes em que eles próprios, inevitavelmente, estavam inseridos. Mas Eskil queria antes contar sobre seus negócios na Noruega.

E Arn continuava pensativo e recolhido, tal como tinha estado desde que voltou de Varnhem. Na manhã seguinte à noite passada em Husaby, cavalgou furiosamente até Varnhem para se confessar ao padre Henri e quando, finalmente, chegou a casa, mal-humorado, foi logo buscar os dois elmos que, segundo já tinha percebido, Eskil e ele seriam obrigados a botar na cabeça. O que Arn mudou nos elmos não aparecia muito pelo lado de fora, mas o que ele fez foi acolchoá-los por dentro para aquecer as cabeças e, principalmente, para evitar que as orelhas esfriassem.

Em silêncio, portanto, é que eles dois não poderiam continuar, pensou Eskil, achando que devia ser ele o primeiro a quebrar o gelo, falando daquilo que a sua cabeça estava cheia. E, assim, seria mais fácil se aproximar de Arn para saber o que estava pressionando a cabeça dele. Eskil começou a contar seus negócios noruegueses, que tinham saído muito bem. Encontraram um representante familiar que assumiu todas as responsabilidades e proveitos na administração das fazendas da família. Por isso, podia dizer-se que as propriedades continuavam na família e que, além disso, tinham voltado para casa com muita prata norueguesa, o que era muito bom para Arnäs. Mas o melhor foi ter podido vender sem causar descontentamento e controvérsia entre os familiares.

Na Noruega, o que deixou Eskil perplexo foi um peixe seco a que chamavam de klipfisk. No norte do país, daria desse peixe em abundância, um

lugar denominado Lofoten. As quantidades pescadas eram tão grandes que dava para comer e vender em todo o país e ainda sobrava. Por isso, pelo peixe ser muito abundante, era também muito barato. Além disso, era muito fácil de transportar e, quase por mágica, era muito fácil de guardar por muito tempo, até que fosse colocado na água para amolecer e tirar o sal. A idéia de Eskil era a de comprar todo esse peixe norueguês em excesso e depois vendê-lo nas províncias de Götaland Ocidental e Oriental. Havia muitos períodos de jejum e, em especial, os quarenta dias antes da Páscoa, em que era pecado comer carne. O peixe que se podia pescar nos lagos e no mar das províncias de Götaland não era nem de longe suficiente, em especial para aqueles povos que moravam longe dos lugares de pescaria, como nas cidades de Skara e Linköping. Para surpresa de Eskil, Arn sabia de que peixe se tratava, embora não o conhecesse como klipfisk e, sim, como kabalao, ou, melhor, bacalhau. Arn disse ainda que já tinha comido muito desse peixe e não apenas em períodos de jejum. Há muito que esse peixe existia no mundo monástico. Também pensava que, se apenas fosse possível ensinar os moradores das cidades a entenderem a utilidade do peixe salgado e seco, o que para ele não seria uma tarefa fácil, já que não tinha em grande apreço a inteligência dos moradores das cidades, enfim, se tudo isso fosse possível, com certeza seria muito lucrativo em prata para aquele que fosse o primeiro a fazer esse comércio. Sem dúvida, esse tipo de peixe era ótimo para conservar, transportar e comer, e que a necessidade de boa comida podia ser muito grande durante o jejum e durante os longos invernos. Caso as pessoas não morassem em mosteiros, claro.

Eskil ficou muito satisfeito e convencido de que tinha encontrado mais um novo produto que poderia render muita prata. E já via diante de si hordas de cidadãos feios correndo para comprar seu peixe em grandes quantidades. Estava resolvido que logo mandaria uma missão comercial para seus parentes noruegueses com uma grande encomenda. O peixe salgado e seco tinha um grande futuro pela frente.

Quando o imponente comboio de forças folkeanas chegou à entrada

da igreja de Forshem com os primeiros homens, os últimos cavaleiros ainda estavam longe, tão longe que não se viam. Os sinos da igreja tocavam com grande aparato como se anunciassem destruição ou a salvação, e os camponeses se apresentaram em grande número para assistir ao espetáculo. Mas se mantiveram em silêncio, horrorizados. Não era fácil saber se todo esse poderio militar iria servir para lançar o país na desgraça da guerra ou para manter a paz. Era difícil de ver isso a olho nu. Para o camponês vulgar, a visão da parada folkeana produzia mais medo do que esperança. Após terminado o tempo de descanso na metade do caminho e depois do encontro com seus companheiros de outras terras e de, juntos, formarem agora uma força quase com o dobro dos componentes, Eskil resolveu, cheio de dedos, perguntar a Arn por que ele estava tão sombrio, quase triste, e qual fora a

razão da visita ao mosteiro de Varnhem e de ficar dez dias com a camisa de

cilício que Eskil logo notou, apesar da tentativa de Arn em escondê-la, e de penitência, a pão e água. Eskil se apressou a acrescentar que não era sua intenção penetrar nos segredos sagrados da confissão, mas que ele, apesar de tudo, era seu irmão e que irmão devia poder falar com irmão, também, a respeito de coisas difíceis e não apenas de peixe e prata. Arn contou então, sem restrições, como ele tinha se desonrado ao se embriagar e vomitar, e como, em seguida durante a noite em Husaby, havia feito com uma mulher aquilo que pertencia ao domínio do casamento, entre esposa e marido, e que por essas heresias ele estava cheio de remorsos. Mas Eskil não se mostrou nem um pouco preocupado ao escutar o que Arn falou. Ao contrário, riu tão alto que seu pai se virou na sela e dirigiu para eles um olhar de reprimenda. Afinal, desta vez, os homens de Folke não estavam cavalgando para a reunião do conselho por prazer e para participar de brincadeiras.

Em voz baixa, mas ainda alegre no seu tom, Eskil contou que tinha entendido tudo. Aliás, não era difícil adivinhar o resto. Isso de vomitar o excesso de comida e de bebida não era nada de mais, não era nada com que se preocupar. Indicava apenas que a pessoa tinha

apreciado o tratamento recebido, o que era um bom costume. Mas, depois, isso com Katarina, fora com ela, não? É, embora nada estivesse definido, era muito possível que ele ou Arn acabasse se casando com Katarina ou com Cecília. Mas como Algot Pälsson de Husaby estava sob pressão, dizendo que lhe faltava prata e, no entanto, tinha que gastar prata o tempo todo, e que lhe faltava entendimento nessas coisas de administração, tudo levava a crer que as suas terras acabariam se juntando às de Arnäs, sem que para isso fosse necessário chegar ao noivado. Mas essa espera certamente tinha provocado impaciência lá em Husaby e aquilo que Katarina agora tinha feito era simplesmente tentar apressar os planos de Deus nesse sentido. Mas em relação a isso era melhor rir do que franzir a testa com preocupações.

Arn, no entanto, tinha dificuldade em rir da situação, visto que, por muito que tentasse examinar a questão por todos os ângulos, não poderia jamais escapar à sua responsabilidade diante de Deus pelo que fizera por sua própria vontade. Ainda que essa vontade tivesse sido muito cambaleante e estimulada pela cerveja. Tal como Eskil, também o padre Henri achou esse pecado menos grave do que Arn tinha pensado e que ele próprio de início tinha pensado, mas à medida que foi fazendo perguntas, acabou chegando às mesmas conclusões que Eskil. Uma mulher gananciosa e avara tinha armado para cima de Arn com cerveja e outras táticas em que as mulheres são mestras, quando querem ser manhosas como as serpentes. E Arn, ainda inocente em mais de um aspecto, não havia conseguido escapar dessa arremeuda.

Por isso, escapou também de uma penitência maior e assim ficou livre de

pecados diante de Deus. Mas continuou a ter dificuldades em se alegrar como devia, depois de tão grande alívio. Era como se ele tivesse praticado um grande pecado uma segunda vez, sem ter recebido uma penitência realmente digna desse nome. E isso não o deixava nada satisfeito, como, certamente, Eskil e o padre Henri haviam esperado. Arn tinha uma sensação preocupante de que, ainda que perdoado, o seu pecado permanecia guardado em algum

lugar dentro de si. E pelo que se lembrava, não foi preciso muita pressão da parte de Katarina para que ele cedesse, quando ela lhe mostrou por que viera e como devia ser feito.

O rei Karl Sverkersson observava de pé na crista de uma colina de Axevalla, junto com seus homens mais próximos, a entrada da colina das famílias folkeana e erikiana na praça da assembleia. Era como se estivesse entrando um grande mar azul e amarelo-dourado, visto que as cores da força folkeana eram o azul e a prata e as da força erikiana, azul e dourado. As pontas das lanças com as bandeiras azuis tremulando pareciam uma floresta que se alongava no horizonte até onde os olhos enxergavam. As duas famílias não tinham vindo apenas com algumas dúzias de escudeiros como guarda de honra, mas, sim, com um exército bem armado e o que elas queriam dizer com isso não era difícil de entender. Pior ainda era ver que entre aqueles que cavalgavam na frente não estavam apenas Joar Jedvardsson e seu genro, Magnus Folkesson, mas também Birger

Brosa, de Bjälbo. Essa mensagem também era fácil de ler. Agora, a família de Bjälbo, a mais forte do ramo folkeano, tinha aderido ao inimigo. A única coisa boa a constatar era a ausência do jovem pretendente ao trono, Knut Eriksson, filho do falecido rei Erik Jedvardsson, entre os componentes do exército azul. Com ele presente, teria sido difícil manter a paz na assembleia. Afinal, a ausência de Knut Eriksson era um sinal de boa vontade para que a paz fosse mantida.

O rei Karl precisava agora apenas realizar uma reunião com os seus homens. Todos tinham visto e entendido a mesma mensagem. Os seus planos de aproveitar essa assembleia para se entronizar como rei sobre a Götaland Ocidental teriam de ser adiados para o futuro. Nada disso iria ser possível de acontecer contra as opiniões das famílias folkeana e erikiana, tão decididamente apresentadas ao chegar em grande força. Entretanto, não era apenas uma questão de se mostrar forte, mas também de saber escolher a segunda melhor opção, a de conseguir que o filho primogênito do rei, uma criancinha quase recém-nascida, o infante, fosse considerado conde da Götaland Ocidental. Em seguida, era só esperar ainda por uma

saída feliz para a disputa entre Emund Ulvbane e Magnus Folkesson. Essa era uma armadilha bem armada.

Sob certos aspectos, Magnus era o elo mais fraco da cadeia folkeana. E se fosse possível quebrar esse elo, muito ganho viria em seguida. As forças folkeana e erikiana estabeleceram o seu acampamento no lado ocidental da praça da assembléia. Parecia o campo de um exército já a distância e era isso justamente o que se pretendia. Quando as tendas já estavam erguidas e as carroças descarregadas, chegou a família sverkeriana e seus amigos com o infante do rei, que era meio-irmão de Kol e Boleslav do lado oriental. E eles demonstraram ter uma força quase igual. Portanto, o lado ocidental da praça brilhava todo em azul, ouro e prata. O oriental, em vermelho, ouro e preto. No norte e no sul, ficaram as famílias que não se ligaram a nenhum dos lados. E por lá as cores eram misturadas e mais pálidas. Muitos homens na Götaland Ocidental acharam melhor chegar à assembléia de vestes normais e sem armas pesadas.

A assembléia não devia começar antes do meio-dia, quando o sol estivesse bem alto. Portanto, havia ainda tempo para muitas conversas e aconselhamentos. Do lado de fora da maior tenda do campo azul, estava colocada a legenda da família folkeana, com o leão dourado, e a da família erikiana, que era nova e agora representada por três coroas douradas contra um fundo azul. Esta legenda podia ser considerada como um insulto contra o rei Karl Sverkersson. Era como se o rei Erik Jedvardsson fosse aquele que a família erikiana teria saudado como seu soberano, isso porque todos sabiam que as três coroas eram a sua marca e as armas de mais ninguém. E aqueles que saudavam o rei Erik Jedvardsson diante do rei Karl Sverkersson afirmavam com isso que estavam ali como inimigos. Essa hostilidade era cada vez mais clara, visto todos saberem agora com mais certeza que fora Karl Sverkersson o homem por trás do assassinato de Erik Jedvardsson e que o pobre dinamarquês Magnus Henriksen fora apenas o álibi de Karl e perdera tudo no mesmo momento em que Erik Jedvardsson caíra morto. Isso porque nesse mesmo momento, quando Magnus Henriksen achava

que tinha vencido em Aros Oriental com um rei morto a seus pés, todo o apoio desapareceu e todas as promessas foram quebradas por Karl Sverkersson em Linköping, que agora passeava no campo na companhia do assassino do rei, seu próprio mandado. Foi assim que Karl Sverkersson conquistou a coroa real. E dizia-se que o homem que ele mandou ajudar Magnus Henriksen a matar Erik Jedvardsson era Emund Ulvbane, e que Emund também fora aquele cuja mão segurava a espada que separou a cabeça do corpo de Erik Jedvardsson. Se esse rumor estivesse certo, então, Magnus estava em disputa com um assassino real e, por isso, era preciso pensar bem como essa disputa devia ser encaminhada. Afinal, era fácil de ver que a questão era mais do que a disputa sobre algumas terras na fronteira entre as propriedades de Arnäs e as áreas de

que o meio-irmão do rei, Boleslav, ultimamente, havia feito dotação para Emund.

Mas pensando friamente, não se deixando levar e, acima de tudo, não se deixando pressionar por aqueles que, certamente, estavam interessados em fazer pressão, daria para vencer o jogo sem muita dificuldade. O próprio homem de leis, Karle Eskilsson, que era neto do homem de leis Karle de Edvâra, também era parente da família folkeana. E, nesse momento, estava ele a caminho da tenda dos folkeanos para aconselhamento. Lá estavam ainda Joar Jedvardsson, Birger Brosa, Magnus e seus dois filhos e os quatro comandantes das forças folkeana e erikiana. Havia dois assuntos a tratar, e o juiz Karle, que era a autoridade mais elevada na tenda, devia ser o primeiro a falar. Falou curto e grosso e foi direto ao assunto para que não se perdesse tempo. Se o rei Karl tencionava se proclamar soberano também da Götaland Ocidental, e estava claro que era essa a sua intenção, e se todos os amigos da casa de Folke e todos os homens da casa de Erik lhe negavam essa condição, então, a questão estava decidida. Nessa situação, nenhum homem de leis e nenhum bispo poderia aprovar o exigido privilégio real. Mas se, como os rumores também formalizavam, o rei Karl quisesse, como compensação, exigir a aprovação da assembléia para elevação do

seu filho Sverker a conde da Götaland Ocidental, qual seria a reação? Birger Brosa disse que na sua opinião isso podia ser uma solução muito boa. O rei Karl deixaria de ter uma retirada vergonhosa e ficaria de espírito menos combativo. A Götaland Ocidental estaria livre desse seu poder real e se ele quisesse chamar de conde ao seu infante, isso seria bom, certamente, para o seu próprio orgulho, mas, na realidade, não significava nada. Só dali a muitos anos esse conde poderia se tornar uma espada em defesa do rei, mas naquele momento constituía apenas uma palavra a mais. E dessa maneira seria possível evitar a guerra entre as duas partes aparentemente iguais em força, o que era a pior de todas as guerras. Joar Jedvardsson e Magnus Folkesson concordaram imediatamente com o que Birger Brosa disse. Achavam também que uma guerra entre duas forças iguais era uma coisa que devia ser evitada ao máximo. Aquele que viesse a ganhar uma guerra dessas teria de pagar muito caro pela sua vitória e acabaria rodeado de viúvas e de órfãos e de terras devastadas e queimadas. O juiz Karle definiu, então, que todos estavam de acordo sobre essa questão e que ninguém era contra.

Quanto à segunda questão, a disputa de terras entre Magnus e o jovem representante de Boleslav, Emund Ulvban, havia algo de malicioso nessa disputa. A questão era pequena demais para ser elevada a tal nível. E mais estranha ainda para ser elevada a tema de uma assembleia. Portanto, a intenção poderia ser a de criar uma controvérsia que, tal qual um incêndio, poderia crescer e transformar-se em guerra. Por trás de Emund Ulvbane estava Boleslav, o meio-irmão do rei Karl. Mas Boleslav era uma criança, nem sequer

adolescente incapaz de tecer intrigas guerreiras a seu bel-prazer. Por trás de

Boleslav estava, portanto, o rei Karl e, por isso, era este que queria que houvesse disputa.

O juiz Karle disse entender que essa disputa devia ser solucionada com mão leve, se a intenção fosse a de preservar a paz. Mas como ambas as partes na disputa podiam apresentar tantas dúzias de escudeiros de honra quantas fossem necessárias, praticamente numa seqüência sem fim, a questão, portanto, não poderia ser resolvida conforme a lei prescrevia. Qual seria, então, o melhor caminho? E o que é que Magnus teria a dizer sobre o assunto? Magnus falou, então, de maneira curta e imperativa, explicando que, na sua opinião, a solução com escudeiros de honra iria deixar tudo da mesma maneira. Por isso, tinha pensado em sugerir um acordo em que ele propunha um pagamento de trinta marcos de prata pelas terras em disputa. Talvez dez marcos a mais do que o seu verdadeiro valor, mas o preço, segundo Magnus, não seria alto demais, se com isso a disputa terminasse em acordo. Se a paz podia ser comprada por apenas dez marcos, então, sairia mesmo muito barato. Pensativo, o juiz Karle acenou com a cabeça, afirmativamente. Gostou da proposta. Declarou, então, que na assembléia o assunto seria discutido até que todos achassem que a disputa teria travado, sem solução. Nessa altura, Magnus apresentaria a sua proposta de acordo e levaria os seus trinta marcos de prata para a assembléia. Então, muito simplesmente, o homem de leis e os seus nomeados julgariam a proposta como boa para o estabelecimento de um acordo e ninguém ficaria em condição de ir contra a decisão. Com isso, a reunião do conselho terminou e todos se separaram satisfeitos, com a intenção de sair para o campo e encontrar os amigos. Eskil e Arn saíram juntos e foram ver cavalos e armas, saudando gente da sua própria família que Eskil conhecia, mas não Arn, e gente da família erikiana que nenhum deles conhecia, enquanto Eskil explicava para Arn como eram os procedimentos em uma assembléia. Arn precisava saber que armas como a espada não poderiam ser levadas para dentro do círculo de

cal que definia justamente os limites da própria assembléia. E que se tivesse que fazer o juramento de honra, ele tinha de saber de cor as palavras e dizê-las de maneira clara e precisa, sem hesitações ou gaguejos, visto que isso levava a desconfiar. As palavras eram: "Juro dizer a verdade e nada mais que a verdade, assim os deuses me ajudem".

Arn logo soube repetir as palavras, mas objetou, dizendo que esse « juramento ia contra a primeira mensagem do Senhor e representava idolatria. Afinal, quem eram os deuses que podiam ajudar? Como seria possível fazer um juramento perante ídolos?

Mas Eskil apenas riu dessas preocupações e explicou que, embora as palavras fossem do tempo dos avós, seu conteúdo não tinha em vista outra coisa

que não Deus. E para convencer Arn do que estava dizendo, salientou que logo

as primeiras palavras na lei dos gotas esclareciam a questão e a tornavam clara como água:

"Cristo está na frente em nossas leis. A seguir, vêm os ensinamentos cristãos e todos os cristãos: o rei, os camponeses e todos os que aqui habitam, os bispos e todos os homens que sabem ler". Arn pareceu, então, ficar satisfeito e fez até piada, dizendo que Eskil entrava, certamente, nessa lei como camponês, enquanto ele, na certa e com dificuldade, entraria, se esgueirando, na qualificação como homem que sabia ler. De qualquer maneira, sem sombra de dúvida, eles tinham a lei do seu lado. Na hora certa, chegou o bispo Bengt, de Skara, e abençoou a paz da assembléia. E o juiz Karle, com voz sonora, declarou abertos os trabalhos. E que seria criminoso quem intentasse contra a paz da assembléia. Depois disso, o murmúrio foi geral entre os milhares de homens ali reunidos e que, sob tensão, viram o rei Karl abrir caminho, devagar, na direção da colina mais elevada onde estava o juiz. Em breve seria definido se haveria paz ou guerra. Ao chegar lá em cima na colina, todos puderam ver que o rei trazia uma criança no colo e muitos compreenderam logo o que isso significava e deram um suspiro de alívio. A paz tinha sido salva, visto que Karl Sverkersson não

tencionava exigir a coroa da Götaland Ocidental com a espada na mão. Depois disso, aconteceu tudo como Karl e Birger Brosa haviam previsto. Karl Sverkersson levantou a sua criança bem alto sobre a cabeça, para que todos a pudessem ver, e pediu à assembléia que saudasse o novo conde Sverker, da Götaland Ocidental. Do lado da família sverkeriana e dos homens reunidos em volta dos meios-irmãos do rei, Kol e Boleslav, escutou-se imediatamente um sim e depois todos se voltaram sob tensão para aquele lado da assembléia onde pontificava a cor azul e ouro, na frente, estavam Joar Edvardsson, Magnus Folkesson e Birger Brosa.

Birger Brosa, com um sorriso, segredou que era para esperar uns momentos e todos fizeram isso e ficaram quietos. E todos os homens atrás deles fizeram o mesmo. Os murmúrios na assembléia começaram a morrer e dali a pouco todo o mundo ficou em silêncio. Apenas se escutava o vento. E, então, num rompante, os três homens da frente elevaram suas mãos para os céus como se fossem uma e a mesma pessoa. E logo em seguida se elevou no ar uma floresta de mãos atrás deles. E irrompeu por toda a praça um grito de júbilo e alegria. E de alívio.

O bispo Bengt pôde, então, abençoar o novo conde que começou a chorar como qualquer recém-nascido, de maneira que pareceu se tratar mais de um batizado do que da sagração do homem mais importante de toda a Götaland Ocidental.

Nos trabalhos da assembléia, o que vinha a seguir dizia respeito apenas a uns poucos. Eram questões de crimes e de direitos lesados. Depois, seriam

enforcados alguns ladrões de igrejas, para animar aqueles que vieram à

assembléia de muito longe, agora, que todos os assuntos de grande importância já tinham sido resolvidos. Demorou, portanto, quase para o final da tarde, a questão levantada entre Magnus Folkesson e o assassino do rei, Emund Ulvbane. Quando isso aconteceu, no entanto, houve como que um sopro de vento frio perpassando por toda a assembléia. E os homens com vestes de cores sverkerianas acorreram de todos os lados. Era evidente que eles estavam

esperando algo de importante, embora a questão fosse da menor importância. A princípio, tudo aconteceu como previsto pelos folkeanos. Dois grupos de doze escudeiros de cada lado foram chamados a depor sob juramento e todos asseguraram, assim os deuses os ajudassem, que as terras em questão já pertenciam desde tempos imemoriais àqueles por quem tinham feito seu juramento.

Depois, também tudo seguiu como previsto. Magnus Folkesson ofereceu sua prata, explicando que com isso estava disposto a entrar em acordo. Pediu que a contraparte aceitasse a oferta, visto que o preço era bom e a paz entre vizinhos era ainda mais valiosa do que essa prata. Emund Ulvbane rejeitou a oferta, teimosamente, que nem um touro, mas o juiz Karle e seus assessores julgaram e sentenciaram a favor do acordo, sem sequer precisar conferenciar a respeito do caso. E com isso muitos homens começaram a se dispersar, murmurando palavras de decepção. Viram todos que o caso estava definido e não podia levar a mais nada.

Mas, então, Emund Ulvbane avançou e pisou com desprezo na prata que acabava de lhe ser atribuída pela lei. E levantou sua mão direita em sinal de que tinha algo para dizer. Imediatamente se fez silêncio. Todos aguardavam sob tensão, visto que Emund Ulvbane se mostrava furioso e ameaçador. — Segundo a assembléia decidiu, devo eu me submeter ao que foi resolvido — começou ele, falando com uma voz de trovão, conforme sua estatura que era muito forte. — Mas penoso é ver que a prata pode substituir a honra e o direito. Penoso também é precisar se conciliar com um homem sem honra como Magnus Folkesson. Pois você, Magnus, não é homem, nem no peito nem no espírito. E eu considero seus filhos tão desprezíveis quanto você. São duas cachorrinhas de merda, um deles é freira e o outro, um barril de cerveja.

E com isso Emund Ulvbane fez sinal para um dos seus escudeiros apanhar a prata, enquanto se mantinha de pé onde estava, as mãos pendendo lateralmente e os olhos procurando, desdenhosamente, pelos do inimigo. Mas o único que do outro lado enfrentou o seu olhar era um dos que ele tinha chamado de cachorrinho, um jovem com olhos de cordeiro inocente que olhava para ele sem demonstrar medo, mas como se estivesse espantado e compadecido.

Depois, estabeleceu-se o tumulto na assembléia. Havia muita ansiedade.

Muitos se apressaram a procurar abrigo. A paz que há pouco parecia tão certa, agora corria grandes riscos.

Na tenda folkeana, reuniram-se logo as figuras principais para conferir opiniões, mas o ambiente era de pessimismo. Tanto Joar Jedvardsson quanto Birger Brosa, que conheciam alguma coisa de leis, disseram ter uma impressão ruim daquilo que a lei prescrevia para o caso de alguém, tão abertamente, ter usado de palavras insultuosas na assembléia. E de como seria difícil contornar a situação. De qualquer forma, com prata, desta vez, seria impossível. Era preciso esperar pelo juiz Karle para saber o que a lei dizia. E foi uma espera triste. Muito poucas foram as palavras trocadas. Eskil mandou buscar um barril de cerveja e canecos para todos. E todos beberam em silêncio como se costumava fazer no início de qualquer velório. Quando o juiz Karle chegou à tenda, veio cheio de pesares e preocupações. Isso foi fácil de ver. Fez uma saudação muito curta e entrou imediatamente no assunto, sem palavras desnecessárias: — Amigos, vocês querem saber o que diz a lei a respeito das palavras insultuosas ditas. Mas, antes, quero declarar que serão vocês a decidir o que deve ser feito. A esse respeito, eu não tenho nada a decidir. Mas em relação a esses insultos que ouvimos da boca de Emund, a lei é muito precisa, tão precisa que eu acho que Emund não poderia ter acertado tanto na mosca. Acho que por trás do que ele disse existem muitos conselhos e pensares. Ouçam agora a lei que eu vou ler para vocês.

O juiz descobriu, então, que estavam servindo cerveja. Interrompeu o que estava fazendo, pegou num caneco e bebeu alguns goles bem grandes, enquanto parecia que estava murmurando a lei de memória. Em seguida, colocou o caneco de lado, enxugou a boca com as costas da mão e leu o texto da lei com uma voz cantante:

Dizer palavras insultuosas a outrem: “Você não é homem, nem no peito nem no espírito.” “Sou tão homem quanto você.” Eles devem se encontrar onde três caminhos se encontrem. Acontece que aquele que diz, diz as palavras, e aquele a quem elas são ditas, e que as palavras recebeu, não vem nem reage, então, ele será como

foi chamado; ele é sem honra e de testemunho incapaz, em coisas de homem ou de mulher. Se ele vem, em contrapartida, aquele que as palavras recebeu, e não vem, aquele que as palavras deu, então, grita o insultado três vezes "criminoso" e faz uma marca para ele na terra. Então, será ele muito pior, aquele que insultou, por não manter sua palavra. Os dois, então, se defrontam com armas completas. Cai aquele que recebeu o insulto, para ele segue meia penitência. Cai aquele que insultou, crime com palavras é pior, a língua é a assassina. Ele está condenado. Fez-se silêncio por longos momentos, enquanto todos examinavam mentalmente o que fora dito como sendo a lei. O juiz Karle, que havia se

sentado, pegou novamente no caneco de cerveja e bebeu mais um gole. Mas em

breve todos os olhares começaram a concentrar-se em Birger Brosa, que estava sentado e com a cabeça pendente em sua dor. Ele notou os olhares e compreendeu que tinha de ser quem iria dizer, com palavras dolorosas, aquilo que, na maioria dos casos, todos já tinham pensado. Seu irmão, Magnus, estava de rosto pálido, quase branco, e como que paralisado. — Enfrentar Emund Ulvbane num duelo é para muitos homens bons, até para homens melhores do que os que aqui estão sentados, a mesma coisa que uma morte certa — começou ele, com um suspiro profundo. — Por isso mesmo, o rei Karl e seus conselheiros espertamente criaram esta situação, e foi por isso mesmo que Emund recebeu as terras que limitam com Arnês, só por isso. Meu irmão Magnus tem de escolher entre se defrontar com Emund pela espada ou tornar-se um homem sem honra e essa é uma escolha que eu não desejaria nem para o pior dos meus inimigos. Mas é assim, e só assim, que a situação se põe. E eu não posso nem dar qualquer bom conselho. Magnus não disse nada, e também não pareceu querer dizer coisa alguma. Em vez dele, foi Joar Jedvardsson que tomou a palavra: — Muito mal julgou o rei Karl nossa vontade de manter a guerra longe de nós — começou ele, dolorosamente. — No entanto, a guerra virá, mais cedo ou mais tarde. É isso que Karl Sverkersson agora nos mostrou e que todos nós entendemos. A razão pela qual o meu sobrinho,

pretendente ao trono, Knut Eriksson, não veio a esta assembléia, foi para evitar que ficasse ainda mais difícil manter a paz na reunião. Mas Knut é a pessoa que com falsidade e assassinato por parte de Karl Sverkersson terminou sem o pai e sem a coroa. Mas em breve chegará o tempo maduro, como todos nós sabemos, para exigir o restabelecimento da honra. Aí eu pergunto, meus amigos, de que servirá se Magnus perder a sua vida?

Todos aqui dentro desta tenda e também lá fora já sabem que esta manobra de Karl Sverkersson serve apenas para assassinar a figura principal da família folkeana na Götaland Ocidental, antes mesmo de a guerra começar. Com isso ele vai ganhar tanto quanto a gente vai perder. Magnus Folkesson pode atrair muita gente para segui-lo em combate pelas cores folkeanas, mas, desculpem se agora eu falar abertamente como a questão exige, é menos certo se outros tantos estariam dispostos a seguir Eskil Magnusson nessa empreitada. Se Magnus tiver que morrer por nossa causa, se Deus quiser, então, é melhor que ele morra no campo de batalha nessa guerra que será inevitável. Nós podemos todos, e agora, tanto os da família erikiana quanto os da família folkeana, juntos, e de uma vez só, abandonar tudo aqui e ir embora. Assim, todos nós mostraremos, e em conjunto, onde estamos. Essa é a minha opinião. — Foi uma colocação muito inteligente, meu caro amigo — disse Birger Brosa, mas, ao mesmo tempo que se fazia menor na cadeira, em sinal de indisfarçável desconforto, o que, para quem o conhecia melhor, significava

justamente o contrário do que havia dito. — Todavia, a lei é clara. Se Magnus

não se apresentar para o duelo, será considerado um néscio, um homem desonrado que nem sequer poderá servir como testemunha. Um homem assim não poderá nunca liderar a família folkeana. Isto nunca aconteceu e nunca acontecerá. Disso nós sabemos. E até Karl Sverkersson sabe, tal como seus espertos conselheiros que nos colocaram nesta situação difícil. Magnus poderá escolher apenas entre duas coisas. E isso é doloroso para um irmão dizer, mas sou obrigado a dizê-lo porque é verdade. Ou ele se retira com vida, mas

como homem desonrado, ou ele aceita um duelo, onde apenas um milagre poderá salvar sua vida. Esta última hipótese é a melhor. Nenhum duelo está definido por antecipação. Mas aquele que covardemente foge de um duelo estará definindo sua vida para sempre. Assim é a vida. O juiz Karle levantou-se, então, devagar, declarando que ele nada mais tinha a acrescentar sobre o assunto. Não havia nenhuma dúvida quanto ao conteúdo da lei, e a decisão final era para ser tomada pelos três líderes presentes, não adiantava nada mais pessoas para decidir sobre o caso. E assim ele saiu da reunião, abanando a cabeça em sinal de inconformismo, ao se retirar da tenda. Fez-se silêncio novamente na tenda. Todos agora aguardavam o que Magnus tinha para dizer. Era dele a grande decisão, se não a decisão final. Não se tratava apenas da sua vida, mas também da honra de toda a família folkeana. — Já tomei a minha decisão — disse ele, quando já não podia ficar mais tempo em silêncio, diante da insustentável espera por suas palavras. — Amanhã, ao amanhecer, aqui neste lugar, na praça da assembléia, a que nós chamamos o encontro dos três caminhos, enfrentarei Emund com armas completas, tal como a lei menciona. Que Deus esteja comigo e que todos vocês rezem por mim. Mas não existe nenhuma outra saída. Na nossa família ninguém escolhe o caminho da desonra e, na verdade, também ninguém iria seguir um homem desonrado. Eskil e Arn estavam sentados lá atrás na tenda e ninguém dos mais velhos tinha prestado atenção neles. Agora que seu pai tinha falado, e como todos achavam que ele tinha se condenado à morte, Eskil susteve repentinamente a respiração para não chorar, mas se recuperou a tempo. No doloroso silêncio que se seguiu, nada mais sendo dito contra o que Magnus acabava de falar, sinal de que todos concordavam com a solução final para sua vida, Arn, no entanto, desesperado, achou de falar o que restava dizer. — Desculpem, se também nós, filhos, tivermos alguma coisa a dizer sobre o assunto — começou ele, ainda inseguro. — Mas isso afeta a nós, assim como a todos os outros... Quero dizer, de qualquer maneira. Não é verdade que também nós fomos agredidos, tanto quanto nosso pai, Magnus, quando Emund nos chamou de cachorrinhos, ou seja lá o quis dizer? — É, isso é verdade —

respondeu Birger Brosa, melancolicamente. — Você e Eskil foram agredidos tanto quanto seu pai, Magnus. Mas é compromisso dele defender a honra de todos.

— Mas não é verdade que, segundo a lei, nós temos o mesmo direito de

nosso pai de defender a nossa honra? — perguntou Arn, com toda a simplicidade da inocência de uma criança, de modo que alguns dos homens mais idosos não puderam deixar de sorrir, apesar da seriedade do momento. — Não iria honrar a pessoa de Magnus, caso ele mandasse qualquer um dos filhos, que ainda não são adultos, para o matadouro — murmurou Birger Brosa, meio zangado, se levantando no mesmo momento para ir lá fora mijar e deixando os outros sem fala.

Depois de uma curta hesitação, Arn decidiu correr atrás de Birger Brosa e teve de percorrer com a vista um bom bocado antes de o encontrar, visto que a escuridão da noite já invernosa tinha descido rápido enquanto estavam lá dentro. Foi, então, que ele se dirigiu resolutamente para seu tio, quando ele estava puxando as calças para cima, e falou, sem hesitar e com toda a convicção: — Devo dizer para o senhor, agora, uma verdade importante, meu caro tio. O senhor tem que acreditar em mim, visto que nesta hora tão séria não há lugar para mentiras. Acontece, apenas, que sou aquele que melhor sabe esgrimir com a espada entre os três que foram agredidos. Também é verdade que acredito poder derrotar esse tal de Emund com a maior facilidade. E derrotar o senhor e qualquer um dos nossos escudeiros. Por isso, o senhor terá que estabelecer que sou eu o escolhido para o duelo e não o meu pobre pai.

Birger Brosa teve tanta dificuldade em voltar a si diante dessas palavras que, de repente, verificou que ainda continuava com as mãos nas calças, como se ainda não tivesse urinado. Pouco do que ele sabia de Arn era que todos faziam piada a seu respeito por ter vivido num mosteiro, e até mesmo Emund tinha escutado falar do assunto, visto que chamou Arn de freira. E agora estava ali diante dele aquele jovem, crente em Deus e muito sério, lhe falando de uma coisa que não podia ser verdade, mas com uma cara onde não

se via o mínimo sinal de mentira. Birger Brosa não sabia em que acreditar, a não ser no fato de o rapaz não parecer estar louco e seu discurso dizer coisa com coisa. A dúvida dele devia ser muito aparente. Arn fez um movimento de impaciência com as mãos, antes de ter uma nova idéia:

— Querido tio, o senhor é muito maior do que eu, mais ou menos como Emund — disse Arn, ansiosa e entusiasticamente dominado pela sua idéia. — Por favor, pegue a minha mão e coloque seu pé contra o meu — continuou ele, estendendo a mão na direção do tio que, por pura surpresa, pegou-a e, com surpresa, sentiu sua força, enquanto Arn ajustava a posição dos pés, de modo que os corpos ficassem de lado, um contra o outro, como se estivessem medindo a força de seus braços. — Isso mesmo — disse Arn, de repente, divertido. — Tente agora me derrubar com a sua força que é maior do que a minha!

Birger Brosa fez uma tentativa meio hesitante que não teve outra conseqüência senão provocar o riso de Arn. Aí ele fez outra tentativa, desta vez, com mais convicção e no momento seguinte estava estendido na neve suja e na lama. Birger se levantou, espantado, pegou novamente a mão forte de Arn e de novo foi parar no chão, como se o garoto pudesse brincar com ele como quisesse. Depois da terceira tentativa, Arn não quis mais continuar e levantou as mãos, virando as palmas para a frente, em sinal de que queria parar. — Agora, por favor, escute, meu caro tio — disse ele. — É assim que eu posso lidar com Emund ou com quem quer que seja. Por isso, preciso contar o motivo para o senhor. Durante todos os meus anos no mosteiro, treinei todos os dias, mais do que qualquer outro homem que o senhor conheça, todos os jogos de armas com um homem que, em outros tempos, foi um templário na Terra Santa. Eu juro perante a Virgem Maria e São Bernardo, que são os meus santos protetores, que sou aquele que melhor entre nós todos poderá se defender com a espada. E o senhor deve saber que um homem como eu não pode mentir para ninguém, muito menos para amigos e muito menos ainda neste momento tão grave.

Birger Brosa sentia como se a convicção e a verdade descessem

como uma luz sobre ele. Com isso, ficou convencido de que Arn, de fato, falava a verdade. E quando observou mais profundamente o que isso podia significar, sua alma brilhou e ele olhou para Arn pleno de felicidade, no momento em que o abraçou. Como o homem inteligente que era, ao se tratar de luta pelo poder, reconheceu que a mais negra das situações para a família folkeana podia se transformar em uma situação favorável. E isso independentemente de Arn ou Emund Ulvbane vencer a luta ao amanhecer do dia seguinte. Arn venceria. Ou, então, perderia com grande honra, maior do que aquela que Magnus conseguiria. Mas, então, a vitória de Emund seria considerada como mesquinha. Entretanto, surgiram dúvidas e insatisfações quando Birger Brosa de novo entrou na tenda com os amigos já chorosos e explicou que Arn devia ser o homem a aceitar a luta contra Emund Ulvbane e que a explicação para isso devia ser a de que Arn fora o mais atingido, no que Emund o chamou de cachorrinho, além de dirigir seu escárnio contra a casa de Deus onde Arn se formou.

Magnus foi contra, sob grave agonia. Porque ao mesmo tempo que ele via a sua vida ser salva, a vida da qual ele já tinha começado a se despedir-se, via também que iria perder o seu filho. E chorava por sentir que não podia deixar de ser considerado ruim o fato de ele não ter assumido toda a responsabilidade e, em vez disso, mandar para o matadouro um filho que nem sequer tinha atingido ainda a idade adulta. Magnus tinha dificuldade em aceitar como séria a explicação atenuante de Arn, de que era mais inteligente mandar para o duelo aquele dos três que melhor sabia manusear a espada.

Joar Jedvardsson, confuso, deixou os folkeanos à sua sorte durante a

noite, assim como os quatro escudeiros, ainda em dúvida, que se despediram de Arn, olhos no chão, pedindo a bênção de Deus para ele. O jovem Arn, afinal, ainda era imberbe, com apenas alguma penugem nas faces. Quando os folkeanos foram deixados a sós, Magnus sugeriu que rezassem pelo tempo que agüentassem, durante a noite. Arn achou que essa era uma boa proposta, mas confundiu todos ao começar rezando pela vida de Emund Ulvbane,

por seus pecados e pela sua arrogância. Ao amanhecer do dia que todos na Götaland Ocidental iriam recordar por longos tempos e a respeito do qual se contariam muitas lendas, reuniram-se à volta do lugar conhecido como o encontro dos três caminhos quase tantos homens quantos os que tinham estado presentes na assembléia. Esse lugar estava à distância de três tiros de flecha da praça onde se realizou a assembléia que se definiu pela paz. Poucos tinham sido aqueles que voltaram para casa na noite anterior, ainda que a assembléia já tivesse terminado. Poucos eram aqueles que preferiram não ver com os próprios olhos a luta que poderia determinar o início da guerra.

Ninguém da família folkeana, nem da família erikiana, tinha voltado para casa. Todos sem exceção teriam de mostrar para os homens do rei que aquele que assassinasse um amigo estaria dando um golpe em todos eles. Mais importante ainda era estar também ao lado daquele homem que teria a sua vida terminada para salvar a honra. Era preciso estar ao lado dos amigos desde o nascimento até a morte. E agora era a hora da morte. Do ocidente vieram os folkeanos e os erikianos, de semblantes sérios e em silêncio. Do oriente, chegaram os homens do rei e seus amigos, falando e rindo alegremente entre si e considerando a situação com desdém. Acreditavam que a vitória seria deles de qualquer maneira. Se Magnus Folkesson preferisse salvar a sua vida não comparecendo, a vitória seria dos homens do rei, visto que os folkeanos estariam desonrados. E se Magnus Folkesson enfrentasse Emund Ulvbane, a vitória seria certa, na mesma, mas daria muito mais prazer em ver. À frente dos folkeanos vinham Birger Brosa, Magnus Folkesson e seus dois filhos, todos envoltos nas suas mantas azuis, espessas, forradas com peles de marta, todos com seus elmos e com os escudos leoninos no braço esquerdo. Ficaram em frente dos seus amigos, todos em silêncio, aguardando. Emund e seu séquito estavam intencionalmente atrasados. O tempo estava frio e o sol que em breve apareceria no horizonte por trás dos homens do rei coloria o céu de vermelho como se fosse sangue. Seria um bom dia para morrer, era o que todos pensavam, enquanto sob um murmúrio de impaciência esperavam a chegada dos primeiros raios de sol e com

isso a hora de a luta começar.

E quando o primeiro raio de sol surgiu por cima do horizonte ouviu-se um grito de guerra do lado dos homens do rei, ao mesmo tempo que Emund

Ulvbane jogava para longe a sua manta, puxando a sua pesada espada e

avançando com grandes passadas para o centro do lugar escolhido. Mas o que aconteceu depois ninguém esperava. O mais baixo dos filhos de Magnus Folkesson, aquele a quem chamavam de garoto monge ou freira, pôs de lado a sua manta azul, tirou o elmo da cabeça e retirou da bainha a sua espada, a sua longa mas frágil espada que ele beijou, fazendo talvez um juramento que ninguém pôde ouvir. Depois, fez o sinal-da-cruz e avançou lentamente, mas sem hesitar, na direção de Emund. Primeiro, houve um grande silêncio entre os milhares de presentes ali reunidos. Depois, um murmúrio geral de desaprovação. Todos viram que o garoto monge nem sequer tinha colocado sobre o corpo a malha de aço. Bastaria o mais brando dos golpes para jogá-lo morto no chão. Nem o seu elmo ele tinha na cabeça.

Para Emund Ulvbane, isso era um grave insulto. Era como se quisessem que ele desistisse da luta ou que, sem muita honra, acabasse com a vida de um inofensivo garoto monge. Assim, deve ter sido pensado, consideraram até todos os folkeanos presentes, que ficaram tão surpresos quanto os homens do rei, ao ver o jovem Arn entrar numa luta de vida ou morte em vez de seu pai. No entanto, isso era assumir um risco louco, visto que ninguém acreditaria na possibilidade de Emund Ulvbane mostrar-se menos agressivo ou desistir de uma luta em que a sua vitória era certa. Mas coragem não faltava a esse garoto que oferecia a sua própria vida para salvar a vida do pai e a honra da família. Assim pensavam até os homens do rei.

Emund Ulvbane, porém, não se deixou envolver e decidiu dar um fim rápido e degradante para a luta, tal como o insulto folkeano merecia. Daí, correu resoluto na direção de Arn, com a espada levantada e preparada para separar de imediato a cabeça do

adversário.

Logo Emund Ulvbane jazia no chão. Certamente, teria desfechado o golpe com força demais na direção da cabeça de Arn que se esquivou. O golpe perdeu-se, mas Arn nem aproveitou a oportunidade oferecida por Deus. Antes, continuou quieto no lugar, esperando que o furioso combatente do rei se levantasse e atacasse de novo.

Três vezes Emund Ulvbane desferiu seu golpe contra o adversário que, sem problemas e sempre rodando em círculos, os evitou, sem sequer tentar aparar esses golpes com a sua espada. Aqueles que estavam mais longe e não viam com toda a nitidez o que estava acontecendo, achavam que Emund estava brincando, cruelmente, de gato e rato. Mas quem estava mais perto viu nitidamente que não era nada disso que acontecia. Entre os folkeanos e os erikianos escutou-se de vez em quando uma gargalhada ou outra, mas dali a pouco toda a praça estourava em gargalhadas que caíam como escárnio sobre Emund Ulvbane, enquanto este, apesar dos seus furiosos esforços, apenas conseguia abrir grandes buracos no ar.

Arn já se sentia seguro. Ainda que seu adversário fosse alto e forte, ele

não era tão alto quanto o irmão Guilbert e nem um décimo tão competente. Nesse momento, era preciso, acima de tudo, evitar a morte de Emund e não se deixar atingir pelo orgulho e a arrogância. Em breve, os golpes de Emund passariam a ser mais seguidos e mais pesados. E então seria o momento de contra-atacar. Arn estava satisfeito por ter conseguido levar a sua vontade em frente, não vestindo a malha de aço nem mantendo o elmo na cabeça. Isso, apesar de todos os bons conselhos recebidos e de todas as tentativas feitas para convencê-lo a fazer o contrário. No entanto, justamente para conseguir a vitória sem matar era preciso se movimentar com rapidez e ter uma boa visão em todos os momentos, visto que o mínimo erro poderia levar à morte. Quando Arn começou a se defender, Emund já tinha ficado tão lento nos seus movimentos que todos notaram isso. E Arn ainda o cansava mais, enfrentando seus golpes com a espada e o escudo, mas

sempre de viés para que a espada do adversário resvalasse e fosse parar no chão. As faíscas se soltavam do ferro cada vez que o golpe da pesada espada de Emund acertava na pedra. Arn sempre fazia de conta que ia aparar o golpe na sua espada, mas virava o punho no último instante e o golpe de Emund mais uma vez resvalava na direção da pedra do chão. Mas Arn nem precisava mais aplicar esse contragolpe, e já Emund jazia novamente por terra, em função do seu próprio peso e força. E, então, Arn avançou rápido e assestou a ponta da sua espada na garganta de Emund e falou para ele, pela primeira vez. Emund estava de joelhos, ofegante, e a todos pareceu que aquele seria seu último momento. Os dois combatentes encontravam-se agora no meio do terreno, longe demais para que todos pudessem escutar o que foi dito. Apenas dava para adivinhar que aquele que muitos chamavam de garoto monge havia oferecido a Emund a possibilidade de salvar a pele desde que se — entregasse e, como sinal, estendesse para ele seu escudo. Mas, em vez disso, Emund, de repente, jogou o corpo para trás, evitando a ameaça da ponta da espada, e se levantou. E assim a luta ia continuar.

Entretanto, até os homens do rei reconheceram, então, aquilo que era a verdade e que, antes, ninguém tinha podido ver ou entender. Aquele folkeano que Emund tinha desdenhado como cachorrinho e freira era totalmente superior a ele. E não se tratava de milagre ou de feitiçaria, ou de circunstância, já que todos tinham visto isso por tempo demais para que seus olhos pudessem estar enganados. Guerreiros experimentados começaram a descrever uns para os outros o que estavam vendo, tentando entender e seguir em pensamento o que Arn conseguia fazer com a espada. Já tinham chegado à conclusão de que a arte de Arn era grande e que Emund tinha encontrado o seu superior. Do lado folkeano o escárnio começou a aumentar, dirigido contra o vencido. E do lado dos homens do rei uma ou outra voz se levantava para que Emund se entregasse

e oferecesse seu escudo. Todos tinham visto que a sua vida já tinha sido poupada várias vezes.

Todavia, Emund Ulvbane colocava a sua honra acima de tudo. E no caso, muito acima de um cachorrinho qualquer. Além disso, por ter entrado tantas vezes em combate, ele sabia bem que, às vezes, as situações mais desesperadas podiam virar, sem que isso pudesse ser considerado um milagre. Ao continuar, porém, ele resolveu ser mais cuidadoso e se movimentar mais, sem golpear tanto, para poupar suas forças. Primeiro, isso tornou Arn mais resolutivo, achando que não poderia vencer através da rendição do adversário. A rendição teria sido a atitude mais razoável, ao verificar que seus golpes nunca acertavam no alvo e devia ter entendido que Arn podia acertar nele quando quisesse. Arn sentiu que precisava pensar muito claramente e que ele, por muito que Emund fosse fraco, não podia deixar-se dominar pela presunção. Mostrando grande poder de decisão, resolveu jogar para longe o seu escudo, a fim de atrair Emund para nova série de golpes desesperados que acabariam de vez com suas forças. Foi então que correu um sussurro de aflição por todo o lugar ao ver que Arn, além de jogar o escudo para o chão, tinha mudado a espada para a mão errada. Agora as possibilidades de Emund acertar seus golpes tinham duplicado, eram muito maiores do que antes. E Emund mordeu a isca, foi buscar novas forças e atacou com desespero e fúria. Arn, que o tempo todo se movimentava em círculos, para Emund na direção errada, teve várias oportunidades para atingir a cabeça ou o pescoço dele. Muitos viram isso e se perguntavam por que Arn evitava fazê-lo.

Entretanto, Arn tinha uma intenção especial. Não queria atingir a cabeça, nem o pescoço de Emund, mas, sim, seu punho direito, onde a malha nórdica não cobria. Quanto mais ele rodava à volta de Emund, mais esse alvo aparecia com mais frequência, mas ele esperou até que o alvo surgisse completamente aberto. E, então, ele desfechou seu golpe, pela primeira vez, com toda a força. Houve novo sussurro de aflição e horror entre os milhares de homens ali reunidos, quando viram a espada pesadíssima de Emund voar pelos ares, ainda com a mão dele segurando o punho.

Emund caiu de joelhos, em silêncio. Jogou o escudo para o chão e segurou com a mão esquerda o punho direito, tentando estancar o sangue que de lá jorrava.

Arn avançou e dirigiu a ponta da sua espada para o pescoço dele. Todos esperavam, agora, debaixo de um silêncio repentino, pelo golpe de misericórdia que era o direito legal de Arn.

Mas, em vez disso, Arn levantou o escudo de fundo vermelho de Emund com a cabeça preta, virou as costas para o adversário, apanhou o seu próprio escudo e voltou na direção de seu pai, a quem entregou o escudo de Emund.

Alguns dos homens de Boleslav, irmão do rei, correram até Emund e o

retiraram às pressas das vistas de todo o mundo. Magnus Folkesson, com lágrimas nos olhos, de orgulho e de alívio, levantou em triunfo aos céus o escudo vermelho conquistado e todos os folkeanos puxaram por suas espadas e bateram com elas em seus escudos. E foi grande e barulhento o aplauso geral.

Nenhum homem ali presente jamais iria esquecer esse dia. E aqueles que não estiveram lá escutaram tantas vezes a grande história que era como se também tivessem estado presentes.

Knut Eriksson, aspirante ao trono, voltou da Noruega para a Götaland Ocidental como um furacão outonal. Primeiro, dirigiu-se ao seu tio Joar Jedvardsson para festejar o advento e receber as boas-vindas pelo regresso, na igreja de Eriksberg. Mas depois disso teve que realizar muitas visitas a amigos, dizendo, para não falar outra coisa, que tinha vindo para caçar. Tinha-se chegado à época denominada inverno dos lobos na Götaland Ocidental, época em que a neve não está tão alta para prejudicar o uso de cavalos e de escravos que encurralam os animais, mas complica a fuga dos lobos. Nessas épocas, era tradição os jovens e ousados caçadores cavalgarem de burgo para burgo procurando por notícias de lobos. Mas além da caça havia muita coisa a discutir em relação à vitória das famílias folkeana e erikiana na reunião do conselho em Axevalla. E Knut tinha muita coisa a dizer sobre essa vitória e muitas outras idéias a apresentar para que, mais tarde, na hora certa, fosse mais fácil colher os frutos.

A primeira razão e a finalidade mais importante desta caçada aos

lobos em toda a província era visitar Arnäs. Ao chegar, ele e seus homens já eram esperados, visto que no dia anterior tinha chegado um mensageiro. Magnus já tinha mandado Svarte e Kol e todos os escravos disponíveis para os bosques ao norte de Arnäs para empurrar os lobos para o lugar onde seria mais fácil caçá-los.

Eram jovens fortes e brincalhões, metade dos quais era de noruegueses que entravam na praça do burgo, os cascos dos cavalos fazendo um barulho infernal, e estes sendo recebidos pelos escravos da casa que seguravam suas rédeas. Knut Eriksson saltou rápido da sela e correu de braços abertos na direção do seu tio Magnus. Mas a segunda pessoa que abraçou foi Arn. Levantou o primo pelos antebraços, sacolejando-o e dizendo que esse era um encontro muito desejado, já que era de Arn, acima de todo o mundo, que ele tinha uma das lembranças mais fortes da sua infância. De início, Arn não entendeu onde Knut queria chegar, mas depois que ele lembrou, alegremente, aquela vez em que ambos se infiltraram disfarçadamente nessa mesma casa grande para escutar o bardo norueguês que o pai de Knut, o santificado Erik,

trouxe consigo, e em que, juntos, receberam a mijada de ninguém menos do que um rei e um santo.

Foi então que Arn se lembrou e disse que a imagem era forte, muito melhor até como lembrança do que no momento em que a cena aconteceu. Ambos riram muito. Era bem o reencontro de dois amigos depois de muitos anos. Com o braço sobre os ombros de Arn, Knut entrou na casa grande como convidado de honra e os dois homens falavam alto e quase ao mesmo tempo um com o outro, o que fez rir quem estava por perto, porque um falava com sotaque norueguês e o outro, com sotaque dinamarquês. Era como se Deus tivesse abençoado esta visita, pois Arnäs nunca havia estado melhor. E também nunca tinha havido tanta felicidade numa mesma sala e num mesmo momento.

Magnus era considerado agora como o pai daquele que tinha abatido Emund Ulvbane em duelo e trazido com isso muita honra para a casa paterna e sua família. Eskil também sentia uma enorme

felicidade, tão grande quanto a de seu pai, por ver que seu irmão, antes tão difamado, agora era aquele de quem mais se falava bem. E que agora todas as sombras entre pai e filhos se tinham dissipado por completo. Por seu lado, Arn sentia que ele, o filho pródigo, só agora tinha voltado para casa. Erika Joarsdotter era recebida agora com a mais elevada consideração e escutava as mais belas palavras de todos os lados. Seus lombos de veado, assados no forno, com os melhores condimentos, e os leitãozinhos de javali com mel que ela agora apresentava na mesa, junto com a melhor cerveja da casa, provocavam altos gritos de surpresa e admiração por parte de todos os convidados, que a toda a hora saudavam Magnus por sua felicidade em ter escolhido uma dona-de-casa daquele calibre. Nenhum dos convidados se importava mais com a voz fanhosa de Erika. Knut Eriksson não podia ter tido uma recepção mais calorosa na casa que, pelos seus planos, ele considerava como a mais importante em toda a Götaland Ocidental. Por esse motivo, também ele se sentia muito feliz e muito alegre com essa visita.

Quando já ninguém agüentava mais comida e apenas bebia, surgiu na conversa o assunto que todos sabiam que mais cedo ou mais tarde viria à tona, o do duelo na assembléia de Axevalla.

Arn se sentia constrangido e falava muito pouco sobre o assunto. Dizia apenas que tinha vencido um homem desajeitado e estúpido que usava uma espada pior que a sua, e não tinha muita mobilidade e treino. E que o assunto não valia assim tanta conversa. Mas Knut pediu para ver, pelo menos, a espada. E aquilo que o filho do rei e convidado de honra pedia tinha que ser atendido imediatamente. E, assim, logo uma das escravas da casa chegou com a espada estendida nas mãos.

Knut tirou a espada da bainha, pegou-a, soprou-a, surpreso, e avançou para um espaço onde pôde balançá-la, cortando o ar. E todos puderam ver que

ele já tinha empunhado uma espada antes. Achou que a espada era leve e flexível

demais, exatamente como tinha ouvido falar. E, por isso, pediu a Arn que explicasse o caso.

Arn resmungou que a espada tinha pouco a ver com conversa de mesa e com bebida. Mas então ele viu o rosto rosado de Erika Joarsdotter e escutou as palavras calorosas dela ao insistir para que ele mostrasse e explicasse tudo. E então ele logo cedeu.

Aproximou-se de Knut e pediu para tirar da bainha a espada dele que, por sua vez, sopesou.

— O que você tem aqui é uma espada norueguesa, pesada e bonita, bem ornamentada, meu caro amigo de infância — disse ele, balançando a espada, pensativamente, no ar. — Se você acertar o golpe, talvez nem o elmo agüente. Mas veja agora o seguinte!

E levantou a espada para com ela golpear a beirada da lareira, de modo que ela se partisse ao meio. Knut chegou a gritar de medo. Arn parou o golpe, como que surpreso, mas, depois, caiu na gargalhada e entregou a espada, com todo o cuidado e com todo o respeito, a Knut, dizendo que jamais iria danificar uma espada com a qual talvez um reino viesse a ser conquistado. Entretanto, Arn pegou a sua espada que Knut ainda conservava na mão, jogou-a com a folha lateral e com a toda a força contra a pedra da lareira, sem que acontecesse nada além do estrondo do aço batendo na pedra. — Aí é que está a diferença, meu caro Knut — disse ele, zombeteiro, enquanto encurvava repetidamente a ponta da sua espada. — As nossas espadas nórdicas são de ferro puro e podem se quebrar, além de serem pesadas para manobrar. A espada que eu tenho é flexível na ponta até um terço do seu tamanho e não quebra, além de ser leve para manobrar. Aquilo que ele disse provocou admiração, mas não desconfiança. Knut pediu para trocar alguns golpes com Arn e puxou novamente pela sua espada, enquanto Arn, obedientemente, levantava a sua. Para salientar aquilo que devia ser mostrado, Arn aparou os golpes de Knut várias vezes no ar, fazendo com que a espada pesada perdesse força perante a flexibilidade da outra. Por isso, Arn pôde permanecer quieto, sem se esforçar muito, enquanto Knut precisava fazer muita força a cada golpe, sem que esse golpe fizesse qualquer estrago. Até que Arn, de repente, inclinou o punho na hora de aparar o golpe, de maneira que a espada de Knut resvalou na sua e foi parar no chão, ao mesmo tempo que ele próprio se desequilibrava para a frente e caía. Os

amigos noruegueses, especialmente, acharam a cena muito divertida. No entanto, Knut levantou-se sem raiva, antes cheio de admiração, e foi direto para Arn, para o abraçar como amigo. E acrescentou que iria prestar atenção para que as suas duas espadas estivessem sempre do mesmo lado. Jamais iria querer ter Arn como inimigo.

Graças à eloqüência dessas boas palavras e à influência da boa cerveja, os

presentes se sentiram emocionados, brindando com mais uma rodada à saúde de todos. E todos sentiram, também, que entre Arn e Knut havia uma ligação muito mais forte do que apenas laços de sangue. Momentos depois, quando Erika Joarsdotter se levantou para desejar boa-noite, Eskil foi até ela para lhe agradecer, elogiar e desejar um bom sono. Isso ele nunca tinha feito antes, e ela sentiu como se um gelo, finalmente, tivesse se derretido entre eles à maneira como o gelo se derrete nas primaveras tardias. Quando Arn foi até ela para lhe desejar boa-noite, ela falou baixinho, o seu semblante iluminado, para que só Arn pudesse escutar, que nunca ninguém tinha ouvido tantos elogios pela comida feita por outro. Mas Arn refugou o comentário, dizendo que tinha sido a comida da casa aquela que os convidados haviam saboreado e que, na realidade, os dois tinham trabalhado em conjunto para o sucesso do repasto. E acrescentou, piscando o olho, que isso tinha de ficar como segredo entre os dois. Se não, esses bodes noruegueses iriam voltar a dizer que ele não era macho. E assim os dois se separaram, com grande amor, um amor perfeito entre madrasta e enteado. Eskil achou, então, que estava na hora de realizar algumas modificações no banquete. Aqueles que ainda tivessem espaço para mais cerveja deviam subir para uma das salas da torre. Estava fria, mas as escravas já haviam acendido o fogo na lareira. Assim, aqueles que quisessem dormir sem barulho nos ouvidos poderiam fazê-lo. E também aqueles que quisessem fazer barulho, poderiam fazê-lo sem perturbar a dona da casa.

Todos os jovens escolheram ir para a sala da torre. Magnus achou melhor dar boa-noite.

Na sala da torre que de início continuava fria, antes de chegar o calor do fogo e sair o frio da madrugada, os jovens também mudaram o tom das conversas nessa reunião social.

Knut começou falando, manhosamente, que talvez não tivesse sido uma boa idéia Arn ter poupado a vida de Emund, o assassino do rei. Mas que, de certa maneira, talvez até tivesse sido bom que Arn agisse dessa forma, apressou-se logo ele a acrescentar. Assim, Emund continuava a se mostrar ridículo para sempre e já era chamado de Emund Enahand, o Maneta, em vez de Emund Ulvbane. No entanto, o assassino do rei não merecia viver, e como filho do rei assassinado talvez ele, Knut, acabasse aquilo que Arn tinha começado. Arn empalideceu diante dessas palavras e não pôde nem responder. Mas também nem precisou. Eskil reagiu de imediato, metendo-se no assunto, de uma forma que ninguém esperava.

Eskil demonstrou primeiro que entendia perfeitamente a posição de Knut e aquilo que ele pretendia fazer. E que pessoalmente nada tinha contra. No entanto, havia um pequeno problema nesse plano que eles como bons amigos deviam resolver.

Eskil foi buscar um pergaminho que desenrolou sobre uma mesa, pegou

uma vela e pediu a todos para se aproximarem. E assim todos fizeram, imediatamente, juntando-se à volta dele, cheios de curiosidade. Eskil apontou primeiro para Arnäs e seguiu depois pelo rio Tidan até à praça da assembléia de Askeberga, na direção oriental, para parar depois em Forsvik, na praia do lago Vättern, que era o lugar onde Emund Ulv-bane, quer dizer, Enahand, o Maneta, logo retificou ele, tem o seu burgo principal. — Agora vejam e pensem bem — disse Eskil, assinalando com o dedo as terras de Emund —, aqui está Emund, em Forsvik, sozinho em terras do inimigo, com a mão cortada. A situação não pode ser para ele nem agradável, nem segura. Do fedelho Boleslav, ele não pode esperar nenhuma ajuda e deve demorar ainda um bocado antes de Karl Sverkersson mostrar por aqui, na Götaland Ocidental, seu focinho. Vejam agora! Se nós aqui em Arnäs comprarmos as terras de Emund, ficaremos na posse de todas as terras entre os lagos Vänern

e Vättern. Todos os caminhos e todo o comércio ficam nas nossas mãos. Seria um grande passo em frente.

Eskil achou que todos tinham entendido, mas não era bem assim. Meio sombrio, Knut respondeu que uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Isso levou Eskil a explicar que talvez fosse melhor realizar o negócio primeiro, antes de dar ao assassino aquilo que ele merecia. Caso contrário, suas terras seriam herdadas por familiares inimigos. Mas diante da situação atual, disse Eskil quase sussurrando, talvez Emund não ofereça tanta resistência à idéia de se mudar para um lugar mais seguro e, por conseguinte, talvez a gente possa oferecer a ele um preço bem mais baixo por Forsvik. Não parece ser uma negociação exageradamente difícil.

Nesse momento, dois dos seguidores noruegueses de Knut desataram a rir. Um deles era Geir Erlendsen, e o outro, Elling, o Forte, que era como todos o chamavam, não sem razão. Agora, os dois tinham entendido tudo e riam. E todos riram, de quase chegar às lágrimas. Todos, menos Arn, que não achava graça nenhuma na questão.

Todos beberam à saúde de Eskil por sua clara e iluminada idéia, prometendo de imediato que, como bons amigos, iriam proceder de forma que esse negócio fosse realizado da melhor maneira. — Raramente, você, amigo Eskil, fez uma proposta tão simples à pessoa certa — arrotou Geir Erlendsen, depois de mais um gole. — Acredito que Emund, o Maneta, vai achar difícil dizer não à sua proposta, mesmo que seja baixa. E, mais tarde, poderá deixar tudo por nossa conta. Talvez até venha a receber de volta uma parte da sua prata! — Na qualidade de vosso líder e futuro rei, juro que assim honraremos a nossa amizade! — exclamou Knut Eriksson, e de novo todos riram com grande satisfação, enquanto Arn continuava não entendendo nada do que se havia acabado de resolver.

Antes que ficasse tarde e que no dia seguinte se tornasse mais difícil cavalgar na neve, o amigo norueguês Eyvind Jonsson achou que estava na hora de escutar o poeta contando suas histórias de ancestrais e amigos — para fortalecer os sentidos. O bardo, que se chamava Orm Rõgnvaldsen, avançou na sala, esperou que todos

recebessem mais um caneco de cerveja e procurou sentar-se confortavelmente, antes de começar. Os homens do lado dos anfitriões aguardavam e tinham a certeza de ir escutar histórias de velhos feitos, histórias que eram as mais apreciadas por todos os homens. Mas aquilo que o bardo começou a contar era uma saga totalmente nova. E foi assim que ele falou:

Foi na ressurreição de Cristo e muitos presságios tinham sido vistos no céu. O consagrado rei Erik estava presente na missa solene da igreja da Santíssima Trindade, naquele que era conhecido como o Monte do Senhor, a leste de Aros, quando ele recebeu uma mensagem através de um dos seus homens. O inimigo estava próximo da cidade, assim dizia a mensagem. Queriam decidir que, sem demora, se formasse uma tropa armada para ir ao seu encontro. Conta-se que ele respondeu: "Deixem que eu escute esta missa solene até o fim e em paz. Creio, de fato, no Senhor e que em outro lugar Ele nos oferecerá o restante do Seu serviço religioso." Dito isto, ele se ofereceu ao serviço de Deus, fez o sinal-da-cruz e saiu da igreja. Pegou em armas e armou seus homens. Apesar de serem poucos, ele dirigiu-se com eles corajosamente ao encontro de seus inimigos.

O inimigo os encontrou em combate, dirigindo seus ataques, principalmente, contra o rei. E quando o inimigo conseguiu jogar o rei por terra, eles o feriram, uma ferida atrás da outra. Em breve, o rei já estava meio morto, mas eles avançaram nele com mais crueldade ainda, cuspiendo e urinando em cima dele. Com palavras de escárnio, destacou-se Emund Ulvbane, que era assassino contratado de Karl Sverkersson, e golpeou o rei sem respeito e pela frente, rasgando a sua respeitável cabeça. E assim o consagrado rei Erik, tantas vezes vencedor, saiu da guerra para entrar na paz, trocando seu abençoado reino terreno pelo reino celestial. Mas do lugar onde a sua cabeça caiu, brotou imediatamente uma fonte que ainda hoje corre e se chama a Fonte de Santo Erik. Essas águas têm feito muitos milagres. E assim vive ainda hoje o santificado Santo Erik entre nós.

Quando o bardo Orm Rõgnvaldsen terminou a sua história, o silêncio reinava por completo na sala. Não se escutaram as tradicionais

batidas dos canecos na mesa, exigindo mais cerveja. Em vez disso, Knut pediu a Arn para fazer uma prece pela beatitude de seu pai e que a prece fosse dita na linguagem da igreja para dar à oração toda a força. Arn cumpriu a missão, mas ainda continuava estremecido pela dor e por alguma coisa parecida com raiva diante do que tinha ouvido.

Entretanto, foi isso que Knut Eriksson aprontou ao contratar o competente Orm, conhecedor de tantas palavras, para dizer em todas as casas que visitasse a mesma história. Ninguém no país podia evitar essa história, deixar de conhecê-la. Essa foi a idéia de Knut. No dia seguinte, a caçada aos lobos correu muito bem em Arnäs. Foram abatidos oito animais. E as peles de lobos eram as melhores para enfrentar o inverno.

A grande missa do Natal nesse ano seria realizada na igreja de Husaby, indicada a igreja real. No entanto, nenhum rei iria se apresentar lá nesse ano, isto porque os gotas ocidentais tinham se oposto à presença do soberano. Mas viria a Husaby o homem de leis, Karle, a autoridade mais importante na Götaland Ocidental. Por isso, os folkeanos viriam também a Husaby festejar a grande missa do Natal e não o fazendo na sua igreja, em Forshem. Mas alguns dias antes chegou uma mensagem a Arnäs, que o padre de Forshem mandou. Por sua vez, ele tinha reagido a uma pergunta do capelão da corte de Husaby, uma pergunta que ele próprio tinha provocado ao se vangloriar de ter acolhido no coral da igreja um cantor muito bom. A questão agora era a de saber se Arn poderia chegar alguns dias antes a Husaby, para ensaiar com o coro local, a fim de que a missa natalina pudesse se enriquecer com a sua presença. Arn achou que isso era uma proposta cristã à qual não poderia dizer não. Parou com os trabalhos de construção e se aprontou para partir imediatamente a cavalo. Magnus queria mandar alguns escudeiros com ele, já que Arn agora era um homem visado que poderia dar grande fama a quem o matasse, além de ser um homem cuja morte iria alegrar, e muito, os amigos da casa de Sverkersson. Mas Arn declinou da oferta, explicando que a cavalo e à luz do dia ninguém conseguiria alcançá-lo, caso não se importassem que ele levasse seu

próprio cavalo, o tal que era fraquinho e monástico, acrescentou ele, rindo muito.

Atualmente, Magnus também conseguia sorrir a respeito do assunto, achando que tinha julgado mal tanto o cavalo quanto a espada de Arn. E tanto a capacidade de Arn no manuseio da espada quanto no domínio do animal. Magnus havia pedido desculpas por tudo isso e não era preciso falar mais sobre o assunto.

Arn partiu no dia seguinte, ao amanhecer, bem equipado e bem envolvido em pele de lobo, e com as vestes da igreja nas mochilas da sela. Estava um frio de rachar, mas ele conseguia manter uma boa velocidade, de modo que tanto ele quanto Chimal podiam manter-se bem aquecidos, sem suar. E já ao meio-dia tinham chegado à igreja de Husaby e à casa do padre. Foi chegar e colocar Chimal na cavaliça e já estava bebendo um pouco de cerveja de boas-vindas e comendo um pouco de pão feito pela esposa do padre, como mandava a tradição, e logo ele foi para a igreja, que era a maior da Götaland

Ocidental, depois da igreja de Skara, tendo uma torre enorme a oeste, construída

há tanto tempo que a memória do homem desconhecia. Arn estava de muito bom humor, visto que gostava de cantar e também porque achava que todos conheciam de cor os hinos natalinos. Além disso, o Natal era uma época solene mas de grande alegria, que tornava fácil as cantorias, mesmo para aqueles que não tinham tido muito tempo para as ensaiar. Entretanto, entre os cantores do grupo coral, Arn não era o único a ter ensaiado com os cistercienses. Havia também Cecília Pâlsdotter, que nos anos anteriores alternou com sua irmã, Katarina, o aprendizado de boas maneiras no mosteiro de Gudshem, perto de Hornborgasjön. Arn ouviu a voz dela assim que entrou na igreja fria. A sua voz sobressaía clara e pura acima de todas as outras vozes e Arn parou, cheio de admiração, continuando a escutar. E concluiu que nunca tinha escutado nada tão bonito. Achou que era como se fosse a voz soprano de um garoto no coro, tal como uma vez antes ele certamente havia soado como garoto no coro da *Vitae Schola*. Embora essa voz que ele ouvia agora fosse

ainda melhor. Havia

mais consistência e mais vida nesse soprano. Arn tinha parado bem longe dos cantores que ensaiavam e não viu de quem era essa voz celestial, mas também não se preocupou muito no momento, antes fixava o olhar no chão de pedra para que com os olhos não prejudicasse os ouvidos que queriam ouvir tudo, os mínimos detalhes da música. Quando o coro lá na frente já tinha cantado quatro dos dezesseis versos que Arn sabia que o hino continha, o padre que conduzia os cantores, fez uma parada para corrigir alguma coisa e ralhar com um cantor na segunda voz. Nessa altura, Arn avançou e saudou o padre, fazendo uma vênua, meio constrangido, para o grupo de cantores.

Foi então que ele a viu pela primeira vez. Era como se ele tivesse visto Birgite de Limfjorden de novo, embora agora como mulher adulta, aquela Birgite por culpa de quem ele teve que fazer tanta penitência e que motivou quase uma discussão com o padre Henri a respeito do que o amor realmente significava. Era o mesmo cabelo ruivo numa trança que caía sobre as costas, os mesmos olhos castanhos cheios de vida e o mesmo rosto pálido e bonito. Arn deve ter olhado com insistência, visto que ela dirigiu um sorriso provocante para ele, habituada como estava, certamente, a que os homens jovens fixassem seus olhares nela. Mas ela não sabia de quem se tratava. O padre ainda não tinha dito nada a respeito de ter requisitado um cantor extra e acima de tudo nada a respeito de quem era. O padre não podia saber ao certo se um filho de Arnês se daria ao trabalho de vir mais cedo apenas para ensaiar um pouco algumas canções.

O padre de Husaby ficaria feliz se esse tal de Arn fosse pelo menos metade tão bom cantor quanto o padre de Forshem, meio rústico, dizia que era, pois a missa natalina seria excepcionalmente bonita, dado que ele já tinha

conseguido uma bela soprano para a primeira voz. E como ele era um padre

mais divertido do que severo, não renunciando a uma boa piada e a boas surpresas, se a ocasião se apresentasse, resolveu de imediato

organizar uma pequena brincadeira.

Usando poucas palavras, disse que tinha chegado um cantor da igreja de Forshem, o que Arn achou uma maneira muito estranha de ser indicado, e que estava na hora de ensaiar o mesmo hino que tinham acabado de cantar, mas apenas com dois cantores em duas vozes. E aí fez sinal para Cecília, que se aproximou e ficou em frente dos outros, com evidente autoconfiança e de novo se divertindo perante o camponês de Forshem que não parava de olhar para ela. Arn compreendeu que era ela a dona da voz celestial e isso fez com que olhasse para os olhos dela fixamente ainda mais, com aquele olhar amoroso dos grandes apaixonados.

Ao fazer aquilo que o padre lhe tinha dito, para começar cantando sozinha na primeira voz, Cecília elevou o tom acima do normal só para provocar e colocar o cantor de Forshem, realmente, no seu devido lugar. Mas, logo a seguir, ao ouvir ou, mais do que ouvir, ao sentir em todo o seu corpo, como o novo cantor colocava a sua segunda voz bem junto da sua e como ele a seguia como se fosse numa dança em que as duas vozes evoluíam em curvas sonoras, uma atrás da outra, uma entrando na outra, uma saindo da outra, sempre com a mesma facilidade, como se sempre tivessem cantado juntos, ela não resistiu e não pôde deixar de levantar o seu olhar para ele. E ele já estava olhando para ela, e quando os seus olhos se encontraram ambos sentiram como se a voz de Deus houvesse falado através das suas cordas vocais. Então, ela começou a variar a sua cantoria, tornando-a muito mais difícil. E ele continuou a segui-la na sua segunda voz, com a mesma facilidade de antes. E os dois já não viam mais os outros cantores nem o padre ao seu lado, todos como que boquiabertos diante de tanta beleza que se projetava como uma luz contra os arcos da igreja. Os dois apenas olhavam um para o outro, até que terminaram, não antes de terem cantado todos os dezesseis versos do hino. Foi quase um dia inteiro de ensaios em que muito foi feito. O padre de Husaby foi agradável para todos e permaneceu de bom humor o tempo todo como nunca ninguém o tinha visto antes. Para aqueles que queria corrigir, ele o fazia com suavidade e em breve todos começaram a saber como tudo devia ser cantado, em especial, com a possibilidade no

momento de ter dois cantores, cada um cantando a sua parte. E, além disso, tinha um coral com dois vocalistas, um coral com uma soprano e uma segunda voz e, inclusive, uma única terceira voz, já que Arn sabia como colocar uma terceira voz onde quisesse nessas simples canções natalinas.

Por isso, estavam todos de bom humor quando se reuniram à noite para a ceia. Arn e Cecília tiveram, então, a primeira oportunidade de falar um com o outro e caíram numa conversa entusiástica a respeito de onde cada um tinha

aprendido a cantar. E logo estavam falando do mosteiro de Gudhem ou da

Vitae Schola, ou ainda de Varnhem. E assim, olhos nos olhos, os dois saíram pela

escada da igreja onde os dois escudeiros de Cecília a aguardavam com a sua capa e o seu cavalo para seguirem sem demora para a casa dela, no burgo real de Husaby, a fim de passar a noite, tal como o seu pai, Algot, tinha severamente recomendado.

Um dos escudeiros avançou alguns passos ameaçadores na direção do jovem monge que estava andando muito perto da jovem cuja castidade ele fora mandado defender. Mas o outro escudeiro, que tinha estado na assembléia de Axevalla, segurou-o pelo braço e chamou sua atenção, ao mesmo tempo que se esgueirava e saudava, respeitosamente, o senhor Arn de Arnês. Foi então que Cecília, a filha de Algot, de repente parou a conversa alegre sobre os cânticos no mosteiro. Achava que tinha escutado mal. Esse jovem amigo, de olhos suaves e carinhosos, não podia ser aquele homem de que todos falavam em todas as ocasiões onde se bebia cerveja, em todos os lugares da Götaland Ocidental.

— Qual é o seu nome, meu caro cantor de mosteiro? — perguntou ela, com a dúvida na voz.

— Sou Arn Magnusson, de Arnês — respondeu Arn, rapidamente, e reconheceu no mesmo momento que aquela era a primeira vez na vida que dizia o seu verdadeiro nome. — E quem é você? — acrescentou ele, deixando demorar o seu olhar bem fundo nos olhos dela. — Sou Cecília Algotsdotter, de Husaby—respondeu ela,

timidamente, deixando assim a mesma impressão em Arn que ele tinha deixado nela, ao dizer o seu nome. É que, naquele momento, ambos compreenderam que realmente fora Deus, Nosso Senhor, que os tinha juntado. Por isso mesmo, haviam sentido aquela forte emoção dentro de si durante o encontro caloroso e quase labiríntico de suas vozes lá dentro na igreja. No ano da graça de 1166, a missa do Natal na igreja de Husaby iria permanecer viva na memória de todos. Hinos mais bonitos em louvor do Senhor jamais tinham sido ouvidos. Sobre isso todos concordaram. E nem o cansaço que normalmente atingia a todos, mais cedo ou mais tarde, depois de ficar em pé sobre o chão de pedra durante tanto tempo, nem isso aconteceu nessa missa.

Também para os olhos foi uma festa. Era como se Deus falasse. Ver o jovem folkeano com sua manta azul e seu cabelo louro e a filha de Pälsson de seda na cor verde da sua família em contraste com seu cabelo vermelho, cantando juntos, com grande alegria e com toda a energia, isso fazia com que todos vissem o que Deus queria fazer com os dois. E se seus pais, presentes, não tivessem entendido nada, muitos seriam aqueles que, durante o banquete em Husaby, estariam dispostos a explicar tudo para eles. Isto porque todos sabiam que não havia nem prata nem negócios no caminho, assim como todos

sabiam que Algot Pälsson estava em grandes dificuldades. Era como se Nosso

Senhor Jesus Cristo falasse para a congregação ali reunida ao deixar que as duas vozes celestiais espalhassem a mensagem alegre do Natal, que o amor é que concilia, o amor é a força que enfrenta o mal. E o amor que foi visto e ouvido naquela missa natalina era forte e evidente. É claro que Algot Pälsson viu tudo o que os outros viram e estavam em pior posição na igreja do que ele. Como curador do soberano no burgo real de Husaby, ele se encontrava entre os da primeira fila, ao lado do homem de leis, Karle Eskilsson, e do senhor Magnus. E aquilo que ele viu e que todos viram fez nascer nele muita esperança. Mas ele sabia por experiência que o senhor Magnus e o filho Eskil não eram fáceis na hora de fazer negócios. E

que tal como a situação se apresentava agora, em que o segundo filho, Arn, tornara-se altamente considerado e amigo de Knut Eriksson, de quem se falava sigilosamente que iria ser o futuro rei do país, podia acontecer que essa clara e calorosa esperança fosse transformada em cinzas no momento em que se começasse a discutir negócios. Talvez os habitantes de Arnäs tivessem grandes planos para um casamento mais proeminente. Talvez quisessem unir ainda mais as famílias erikiana e folkeana. Talvez seus pensamentos estivessem dirigidos ainda dessa vez para alguma filha real norueguesa. Todos podiam ver e ouvir que Cecília e Arn estavam sonhando e voando alto e cantando como pássaros alados. Mas isso poderia não significar nada na hora da verdade, ao fechar o negócio. Algot Pälsson vivia, portanto, entre a esperança e o desespero ao examinar essas possibilidades. E ele também sentia medo diante do banquete planejado. Era como se queimasse todos os barcos na praia depois da chegada, tal como os ancestrais haviam feito, segundo as lendas. Para eles não tinha havido volta. Nem para Algot havia agora qualquer volta. O dever de Algot como curador no burgo do rei era o de encarar a hipótese de o soberano chegar quando quisesse, na companhia de quem quisesse, com quantas pessoas quisesse e ficar por quanto tempo quisesse. Um burgo real devia estar preparado para dar uma grande festa, de um momento para o outro.

Se o próprio rei Karl Sverkersson tivesse mandado um mensageiro para avisar que viria com a sua corte para assistir à missa do Natal em Husaby, como ele e muitos outros reis já haviam feito antes muitas vezes, tudo estaria na mais perfeita ordem. Mas seria também pouco inteligente, se se pensasse naquilo que aconteceu ao pai do soberano, Sverker, o Velho, justamente a caminho da missa do Natal. E a Götaland Ocidental era no momento uma terra nada segura para os homens da família sverkeriana.

Em vez disso, veio a mensagem de que os folkeanos, com o juiz e os senhores de Arnäs na frente e muitos escudeiros, viriam festejar o Natal em Husaby, como se os direitos reais fossem deles. Dizer não, teria sido arriscado,

em especial ao dar a única verdadeira razão, a de que o burgo pertencia a Karl

Sverkersson e a nenhum dos folkeanos. Dizer a verdade e o correto, no entanto, poderia significar o mesmo que a morte. >o Mas dizer sim, como Algot Pälsson fez, poderia significar também o mesmo que a morte. Entretanto, agora era inverno e nenhum exército real poderia chegar antes da primavera, caso pudesse chegar. Mas se o exército real chegasse e vencesse, não seria fácil explicar como o vencido inimigo podia ter comido as barbas do rei no próprio burgo real. A única coisa que restava a Algot esperar era que os folkeanos e seus amigos vencessem na primavera. Caso contrário, ele não conseguiria viver por muito tempo. A respeito desta situação embaraçosa ele não disse nem uma palavra para Cecília, e suspeitava até que ela, com a sua cabeça de mulher, não iria entender o acontecido. No entanto, a festa foi muito boa. Se bem que, no começo, a situação para Algot foi muito difícil, por ter ficado encaixado, quando se sentaram na mesa de honra, entre os ombros do juiz Karle e os dos três principais folkeanos de Arnäs, sentados por ordem, ao seu lado. Não era nada difícil imaginar o que todos sabiam do significado de atrevidamente estar se alimentando da comida do rei como se fora a sua comida. Eles nem sequer evitaram fazer piada em voz alta a respeito do caso, bebendo de vez em quando à saúde do rei e soltando sonoras gargalhadas cada vez mais expressivas. Cecília e Arn não tiveram nenhuma chance de se aproximarem e ficarem a sós durante a festa. Podiam falar um com o outro só trocando olhares, visto que, na maior parte do tempo, ficaram apenas a alguns passos um do outro. Esta forma de conversa, no entanto, pareceu a menos silenciosa que se possa imaginar, porque, para os presentes, cada troca de olhares dos dois era como se ribombassem os sinos da igreja dentro da sala. Magnus e Eskil entenderam rapidamente que estavam com um problema pela frente, mas também chegaram a um acordo, resolvido com poucas palavras sussurradas, de que aquele não era o momento nem o lugar para levantá-lo, quer com Arn, quer entre eles próprios. Depois do banquete do Natal em Husaby, os folkeanos e seus escudeiros saíram a cavalo na direção sul, para alguns dias de visita

a Joar Jedvardsson, Knut Eriksson e seus amigos.

Depois de muita comida e muito divertimento, voltaram todos cansados para Arnäs. Mas não demorou muito para que Knut Eriksson e seus escudeiros noruegueses selvagens também chegassem a Arnäs, armados como se quisessem algo mais do que simplesmente ir para mais uma caçada aos lobos, lá para o norte, em Tiveden. Embora a caçada tenha sido mesmo a razão que deram para a sua visita.

O tempo, porém, no momento, estava péssimo para a caça, o que, segundo parecia, ainda favorecia mais os planos de Knut Eriksson. Era muito aquilo que ele tinha para continuar com a gente folkeana. Com Eskil, ele queria

falar a respeito da espécie de negócios a que o futuro rei dos sveas e dos gotas

devia dedicar-se, e Eskil tinha muito a dizer sobre o assunto. Acima de tudo, Eskil achava que o soberano que também governasse tanto a Svealand como a Götaland Oriental devia ativar os seus negócios com Sachsen e Lübeck, na Alemanha, muito mais do que antes. O que ainda ninguém tinha entendido era como utilizar o mar Báltico. Era como se esse mar terminasse onde a Dinamarca começava, depois das florestas da província de Småland. Uma ligação comercial pelo mar, desde que conservada em paz e caso se pudesse fechar contrato em especial com os mercadores de Lübeck, seria muito lucrativa. Mas então seria preciso cunhar uma nova moeda real, porque estava na hora de parar de trocar peles de marta por produtos estrangeiros. E depois era preciso montar uma linha comercial entre a Noruega e os lugares orientais do reino, que viria de Lodöse até o Vänern, sobre os territórios de Arnäs, alcançando depois o Vättern. Acima de tudo, segundo Eskil, por esse caminho seria possível realizar grandes negócios com peixe seco, o famoso bacalhau de Lofoten, que podia ser comprado por quase nada e vendido com uma margem muito boa de lucro. Knut Eriksson ficou muito entusiasmado com essas idéias sobre negócios e disse que Eskil iria ser o seu principal assessor em tudo o que tivesse a ver com comércio e dinheiro, assim que ele em breve assumisse as três

coroas reais.

O que devia ser feito de imediato, no entanto, era apenas fechar o negócio com Emund, o Maneta, de Forsvik, já que as suas terras eram necessárias para fechar a ligação entre a Noruega e as províncias de Svealand e Götaland Oriental. Mas esse era um negócio que devia ser muito bom para uma das partes e menos bom para a outra, acentuou — Eskil, de tal maneira que seria necessário realizá-lo pela nova forma, a de contrato de compra por escrito. Não havia muito pergaminho e muitas pessoas com o dom de escrever em Arnäs, mas o suficiente para preparar um contrato desses. Arn foi consultado a respeito disso e aceitou a incumbência. Tanto na *Vitae Schola* como em Varnhem, ele havia funcionado, de vez em quando, como arquivista, e nos arquivos de ambos os mosteiros havia muitas cartas dessa espécie, relativas a heranças e compras. Caso o informassem quem era o comprador, o que era comprado de quem e por qual importância, Arn faria o documento. Arn escutou por momentos a descrição feita por Eskil e subiu em seguida para a sala de contas na torre, pegou o que precisava para o trabalho a realizar e desapareceu pelo resto do dia. No entanto, na hora da ceia, ele voltou com uma carta muito bonita em pergaminho, onde colocou o selo de Magnus Folkesson sobre o lacre. A carta estava escrita em latim, como tais documentos, de preferência, eram sempre escritos para valerem em juízo. Por isso, Arn foi obrigado a repetir várias vezes em linguagem comum o que havia escrito para que os outros entendessem:

Em nome da Santíssima Trindade, eu, Magnus, senhor de Arnäs, e meus dois filhos, Eskil e Arn, reconhecemos perante os que hoje vivem e aqueles que amanhã viverão, que a vergonhosa e prolongada discordância entre Emund Ulvbane e nós e nossos filhos chegou hoje ao seu término e conseguimos, com a ajuda de Deus e a concordância de ambas as partes, que Emund Ulvbane entregue o seu burgo Forsvik com todos os seus pertences, os prados, as

florestas, as águas piscatórias e tudo o necessário que faz parte do burgo, para nós, livre e para sempre. Por este acordo estabelecido em contrato, pagaremos cinquenta marcos em prata por tudo, em linguagem comum. Até eu, Knut Eriksson, que depois de Deus sou autor da entrega e do acordo agora estabelecido, reafirmo ser testemunha, junto com muitas outras testemunhas, desta entrega. E para que isto seja firme e estabelecido para sempre, esta carta será autenticada com os selos de Magnus e de Knut, e isso nos compromete, através do poder que recebemos de Nosso Senhor Jesus Cristo, sua mãe, a sagrada Virgem Maria e Todos os Santos, a tirar a paz de todo aquele que vier a pretender quebrar este acordo e interferir nas condições acordadas. Conforme os testemunhos de Eskil e Arn Magnusson, Eyvind Jonsson, Orm Rognvaldsen, Ragnar, prior de Forshem e muitos outros, cujos nomes eram demais para contar e assinalar aqui.

Quando Arn terminou de ler este texto pela terceira vez, para que todos entendessem o que ali estava escrito, houve um longo momento de viva discussão. Os amigos noruegueses acharam que ele não devia citar Emund como Ulvbane, mas como Enahand, o Maneta. Magnus contestou, dizendo ser mais previsível que Emund colocasse o seu selo no documento como Ulvbane. Isso apesar de Enahand, o Maneta, ser um apelido mais verdadeiro e mais merecido. Mas a questão principal no momento não era difamar, mesmo que a difamação fosse mais do que merecida, mas, sim, realizar o negócio. Os carneiros noruegueses, depois disso, ficaram sussurrando uns com os outros, asseverando que a condenação final e a morte do sujeito, de qualquer forma, estava definida. Ao certo, ninguém sabia o que eles queriam dizer com isso. A seguir, Knut também não queria ser citado apenas pelo nome do pai. Que fosse

acrescentado *rex sveorum etgothorum*, palavras que só Arn, de início, conhecia e entendia e contra as quais se opunha. Segundo ele, aquilo que se queria incluir possivelmente se tornaria e merecia se tornar verdade, mas, naquele momento, não devia ser citado no documento por antecipação. Isso seria vender a pele antes de o urso estar morto. Sobre esta disputa, nenhum dos outros entendeu nada antes de Arn explicar que as palavras significavam rei dos sveas e dos gotas. Magnus, então, tomou a palavra e falou que para todos os presentes era claro como água que assim esperariam que acontecesse dentro de um futuro não muito longe e que talvez por direito se o já devesse ser reconhecido, mas que para muitos sveas e para muitos gotas essa situação ainda era realmente desconhecida. Para eles, o rei da Svealand e da Götaland Oriental ainda era Karl Sverkersson. Entretanto, o documento atual era apenas uma carta cujo valor seria maior quanto mais

verdadeiras fossem as informações nela contidas. Na realidade, por enquanto,

Karl Eriksson era Karl Eriksson e que isso seria verdade mesmo depois que ele se tornasse rei. Aposto o seu sigilo na carta, esta teria sempre o mesmo valor de verdade para todo o futuro, mesmo sem as quatro palavras que se queria incluir. Como Knut não parecia querer ceder nessa questão, Arn salientou que ele tinha escrito como se, de fato, Erik fosse soberano, com palavras que podiam ter um duplo sentido. E então leu de novo, lentamente, o destaque: "... e isso nos compromete, através do poder que recebemos de Nosso Senhor Jesus Cristo, sua mãe, a sagrada Virgem Maria e Todos os Santos, a tirar a paz de todo aquele que vier a pretender quebrar este acordo e interferir nas condições acordadas".

Arn explicou que se se lesse aquele "nos" como se apenas significasse Knut Eriksson, então, Knut teria recebido o seu poder de Deus e esse poder divino só um soberano poderia receber. Além disso, apenas um soberano poderia ajuizar o término da paz para quem quer que fosse. Evidentemente, aquele "nos" poderia significar também as pessoas todas cujos nomes estavam incluídos no documento e, nessa ocasião, talvez um pouco mais rebuscado, seria

entendido que todas elas ameaçavam tirar a paz e todas estavam comprometidas com o cumprimento do estabelecido no documento. Entretanto, não seria fácil dizer como o documento devia ser lido e isso também não fora a intenção de Arn ao escrever o texto. A intenção fora a de dizer que Knut Eriksson era rei pela graça de Deus, ainda que isso não ficasse dito. Knut aceitou, então, a explicação, deu a Arn o seu sigilo com as três coroas e pediu que ele fosse até a sala de contas da torre para realizar a colocação do seu sigilo na carta. Assim, só faltava o sigilo de Emund, mas que isso, dentro de pouco tempo, seria uma realidade ninguém duvidava, ainda que o próprio Emund, àquela hora, não fizesse a mínima idéia do que lhe estava para acontecer em matéria de negócios.

No dia seguinte, Eskil e Knut, todos os escudeiros noruegueses e metade da escuderia de Arnäs iriam a cavalo até Forsvik para resolver o assunto. Arn perguntou ainda se era preciso ir com tantas armas para resolver uma questão pacífica com uma carga de prata a reboque, mas Eskil explicou que a melhor maneira de evitar qualquer disputa ou combate seria a de dar motivos mínimos para com quem queríamos fazer negócio a entrar em briga. Os escudeiros noruegueses, em especial, teriam um efeito fortemente congelante nessa idéia. Ao apor o seu sigilo na carta, Emund precisava estar em perfeita saúde e espírito tranqüilo. Caso contrário, tudo iria por água abaixo. Arn, então, achou que tinha entendido tudo e ele próprio se tranqüilizou. Logo Knut chamou Arn de lado, dizendo que neste caso era melhor e mais inteligente que ele não viesse. A sua presença iria perturbar a tranqüilidade de Emund de forma inconveniente. Agora, tratava-se de uma questão de negócios e, portanto, era mais uma questão para o irmão Eskil resolver. Mas em

breve chegaria a hora em que a questão seria outra, para Arn resolver e não

Eskil, que para essa ele não seria de muita utilidade. Arn concordou muito rápido e muito fácil com a proposta, tão rápido que chegou a surpreender e a preocupar Knut com a conversa. Mas Arn tinha outros planos e outros desejos e contou um pouco timidamente que, enquanto seus amigos estivessem fora, resolvendo o problema nas

praias do lago Vättern, ele iria resolver outro assunto em Husaby. Knut entendeu imediatamente do que se tratava, visto que Eskil já lhe tinha contado a respeito de Cecília e da complicação que adviria do relacionamento entre ela e Arn. Foi pouco depois do dia da Festa de Santa Gertrudes, em meados de março, que a primavera já se sentia no ar, a neve permitia uma corrida fácil e os gelos ainda estavam firmes, que a tropa, bem carregada e bem armada, saiu de Arnäs. No entanto, tudo o que precisava seguir com a tropa tinha de ser levado nas costas ou nas bolsas laterais pendentes das selas dos cavalos, já que nenhuma carroça podia seguir junto, nem tampouco qualquer trenó, visto que a época do ano já não permitia e o risco de se afundar nos gelos era grande, com as cargas pesadas. E eram essas as intenções da tropa, no sentido de que nessa época, portanto, Emund e a sua gente não estariam esperando por visitas e isso iria facilitar o negócio.

Cavalgaram primeiro na direção norte para chegar ao rio Tidan, cujo gelo ainda sustentava a passagem, e assim seria mais fácil chegar ao local de reuniões de Askeberga, onde ficariam para passar a noite nas cocheiras existentes no lugar. No dia seguinte, partiriam ao amanhecer para chegar a Forsvik justamente ao anoitecer, a tempo de entrar na praça do burgo antes que o pessoal de Emund descobrisse a visita.

Isso foi o que sucedeu, felizmente. Emund e o seu pessoal foram tomados de surpresa e desarmados em seguida, sem problemas. Seus escudeiros e os outros homens considerados capazes de agir com armas foram enclausurados nas despensas e na ferraria, sendo vigiados pelos soturnos noruegueses. Na casa grande ficaram apenas Emund, seu filho mais velho, Germund, sua mulher, Ingeborg, e três crianças. Lá dentro, na casa grande, estavam ainda os escravos necessários que os visitantes revistaram para se assegurar que ninguém estava armado.

Tornou-se uma visita melancólica em que Eskil e Knut usaram da palavra, falando alto e sem transmitir preocupações na voz, enquanto Emund e a sua gente apenas respondiam por monossílabos e com desconfiança perante tudo o que era dito.

Eskil parecia estar de muito bom humor e desde o início disse que a

visita era de negócios e que, certamente, seria fácil chegar a bom termo nas negociações, mas que, como a tradição impunha, talvez fosse melhor se dedicarem um pouco, primeiro, aos prazeres da mesa e, em especial, aos prazeres da bebida para fazer soltar a língua. Enquanto comiam, mandou buscar

a urna com a prata que foi colocada sobre a mesa, entre ele e Emund, que na

seqüência mudou um pouco de semblante para melhor, não tanto por ele se tentar com a prata, mas por ter receado que o negócio se faria não com prata, mas a troco da sua vida e das dos seus descendentes. A prata na mesa falava de negócios e não de mortes. Mesmo assim a conversa se desenvolveu com dificuldades.

Ao terminar de comer, Eskil propôs muito respeitosamente que se passasse à discussão do negócio, e nessa questão era melhor que a conversa se fizesse entre os homens, razão pela qual a esposa, Ingeborg, e as crianças deviam se retirar. Os anfitriões obedeceram sem pestanejar. Ao ficarem a sós, Eskil, Knut e Emund, o primeiro falou de maneira simples e clara. Na questão do preço, eventualmente, poderia parecer um pouco baixo. Na realidade, Forsvik valia mais do que os cinqüenta marcos de prata, isso qualquer um podia perceber. Ele, então, interrompeu o que estava dizendo para abrir a urna com o dinheiro e a carta de compra que leu na linguagem comum, sem, no entanto, mencionar todos os nomes no documento e em especial o de Knut Eriksson. Emund ficou, então, convencido de que se tratava, efetivamente, de um negócio, se bem que, para ele, um mau negócio. Eskil salientou, depois, que os trinta marcos que Emund havia recebido durante a reunião do conselho em Axevalla, e agora eram essas palavras mencionadas pela primeira vez, de certa maneira deviam ser considerados como parte do preço de compra, visto que esses trinta marcos foram oferecidos, pagos e destinados para uma reconciliação que, então, não foi aceita por Emund, mas que agora Emund tinha toda a vantagem em aceitar. Emund acenou com a cabeça afirmativamente, dizendo que entendia essa forma de pensar e assinalando cuidadosamente que os oitenta marcos de prata eram

uma boa soma de dinheiro, em especial, se na compra e venda houvesse inclusa a idéia de reconciliação. Eskil, então, disse estar feliz com a facilidade com que eles puderam se entender até ali. Mas Emund ainda não estava pronto para apor o seu sigilo na carta e a receber a prata, antes de obter certas garantias, visto que não se sentia seguro e tranqüilo para fazer negócios, com os seus próprios escudeiros mantidos presos por dominadores noruegueses da pior espécie guerreira e que ele não podia entender como aquele homem que se sentava à mesa com eles e que se chamava Knut tinha alguma coisa a ver com o assunto deles, visto que para ele Knut era um desconhecido.

Eskil respondeu dizendo que ele podia compreender as restrições de Emund. Mas podia-se passar por cima delas de uma forma muito simples, carregando os trenós e fazendo com que a família de Emund, junto com os escudeiros que quisessem, partisse e deixasse o burgo na manhã seguinte. Logo que os trenós partissem e depois de esperar o tempo suficiente para que todos estivessem em segurança, se finalizaria o negócio. Dessa maneira, Emund não

precisaria se sentir inseguro a respeito da vida de seus familiares e de sua segurança.

Emund concordou, mas, ao mesmo tempo, acrescentou que a sua própria vida não iria valer muita coisa no momento em que ele ficasse sozinho em Forsvik, rodeado por homens que não eram seus amigos. Eskil acenou afirmativamente com a cabeça, dizendo que, pensando bem, a situação já era a mesma agora. Mas que se os amigos e parentes de Emund pudessem viajar e avançassem o suficiente para impossibilitar a sua recuperação, isso seria já uma situação muito diferente daquela em que todos seriam assassinados de imediato por ter sido difícil fazer acordo. Emund disse então estar disposto a entrar em acordo. Mas tinha uma última coisa a propor. Que a prata dada em pagamento pela compra fosse embarcada nos trenós junto com os seus parentes. Essa proposta, Eskil achou ruim, visto que não era nem elegante nem de tradição pagar por uma coisa que ainda não se recebeu. Se Emund recusasse as condições

propostas, toda a prata ficaria perdida, sem utilidade para ninguém. Acabaram concordando a meio caminho, depois de discutir o assunto para a frente e para trás. Metade da soma seguiria nos trenós pela manhã e Emund receberia a outra metade logo que confirmasse a venda com a colocação do seu sigilo no documento. Assim se fez.

E assim se passou uma noite em que muitos em Forsvik tiveram dificuldades em dormir.

Quando a manhã chegou, deixaram sair metade dos escudeiros presos para que pudessem comer e equipar os trenós necessários. Depois, Emund se despediu da sua mulher, Ingeborg, e de suas crianças, pegou a metade da prata conforme compromisso assumido e a colocou no trenó da frente, ao lado da esposa. E assim os trenós partiram sobre os gelos do lago Vättern. Os que ficaram na casa grande não trocaram muitas palavras, enquanto esperavam que os trenós se afastassem o suficiente para não serem alcançados. Depois, chegou a hora de encerrar o negócio. Emund estava abatido e pálido e tremia com a sua mão esquerda, ao apor, com a ajuda de Eskil, o seu sigilo no lacre queimado na carta de compra. Cheirava mal o toco do seu braço direito envolto em ligaduras de linho.

Quando a carta já estava em ordem, Eskil enrolou-a com todo o cuidado e enfiou-a por dentro de sua camisa. Depois, empurrou a urna com « a segunda metade da prata na direção de Emund e se despediu, explicando que pelo seu lado nada mais havia a fazer em Forsvik. Alguns dos seus homens iriam ficar no burgo até chegar a primavera. Depois, viria um novo grupo de Arnäs para tomar conta de tudo.

Em seguida, saiu da sala, ainda respeitoso em relação a Emund, reuniu os seus homens de Arnäs, subiu na sela do cavalo e iniciou a marcha de volta sem pressa.

Mas lá dentro, na casa grande, ninguém fez menção de deixar Emund

viajar no trenó que o aguardava. Quando já tinha corrido tempo suficiente para que Eskil não estivesse mais à vista ou pudesse escutar quaisquer ruídos de Forsvik, Elling, o Forte, e Egil Olafsson

saíram e mataram de imediato os escudeiros que esperavam pelo seu dono e jogaram os cadáveres em cima do trenó.

Quando estavam prontos, voltaram para a casa grande e se sentaram sem dizer uma palavra sequer que, aliás, não precisava ser dita. Todos lá dentro tinham escutado e entendido tudo.

Foi então que Knut se virou para Emund e falou com voz grave e extrema frieza:

— Você, Emund Enahand, o Maneta, perguntava quem eu era, já que você não conhecia nenhum Knut. Mas agora vou dizer a você que eu não sou um norueguês qualquer. Eu sou Knut Eriksson, filho de Erik Jedvardsson, e se você tinha uma dívida com Eskil Magnusson, você ainda tem uma dívida para comigo.

Emund percebeu qual era a dívida a que ele se referia e correu imediatamente, pensando fugir, mas foi logo retido pelos noruegueses, sob suas manifestações alegres. Levaram-no para fora aos empurrões e às bofetadas, aos pontapés e com muito escárnio. Jogaram-no no chão, quebrando o gelo da geada. E amarraram seus braços e suas pernas. E assim ele ficou esticado no chão, apenas com um pedaço de lenha como travesseiro. Geir Erlendsen achava que ele tinha de ser amarrado de outro jeito, de modo que Knut pudesse ver e executar a antiga tradição norueguesa de bicar como uma águia o corpo dos safados, sangrando-os até a morte, com muito sofrimento. Melhor seria, depois de quebrar as costelas do assassino do rei e de as espalhar pelo chão, que Knut, em seguida, com as suas próprias mãos, tirasse o coração de Emund, separando-o do seu corpo. Knut Eriksson, porém, não queria nem ouvir falar disso. Não queria nem sujar as suas mãos com o sangue de um néscio. Tal como se falava nas Sagradas Escrituras, ele preferia que o assassino morresse do mesmo jeito que matara seu pai, degolado pela frente.

Emund Ulvbane comportou-se como um homem e não pediu por sua vida. Com um único golpe, Knut Eriksson cortou a sua cabeça, separando-a do corpo, e mandou que a colocassem na ponta de uma lança no meio da praça do burgo para lembrar aos escravos que restaram que um novo dono existia em Forsvik. Deixou que o corpo de Emund fosse jogado no trenó, junto com os cadáveres dos

outros escudeiros. O trenó foi levado depois para ser queimado lá fora no meio do gelo.

Knut Eriksson e a maioria dos seus homens ficaram mais um dia em Forsvik e foram ver o que existia de bom nas despensas e na garagem de barcos.

E o que encontraram fez a sua alegria. Na garagem de barcos havia muita

madeira cortada, de carvalho, boa para construir um barco. Eyvind Jonsson, Jon Mickelsen e Egil Olafsen Ulateig tiveram que ficar em Forsvik para construir o barco, para ficar pronto assim que os gelos do lago Vättern permitissem navegar. Seria um bom trabalho que apenas os noruegueses, construtores de barcos, sabiam e podiam fazer. Com o restante dos seus escudeiros noruegueses e alguns dos escudeiros de Arnäs, Knut Eriksson retornou à província de Götaland Ocidental. Ele havia dado o primeiro passo no caminho que o levaria ao reinado das três coroas.

Esta é a voz do meu amado!

Ei-lo aí,

Que já vem saltando sobre os montes,

Pulando sobre os outeiros.

O meu amado é semelhante ao gamo,

Ou ao filho do veado.

Eis que está detrás da nossa parede,

Olhando pelas janelas,

Espreitando pelas grades.

O meu amado fala e me diz:

Levanta-te, meu amor, formosa minha, e vem.

Porque eis que passou o inverno,

A chuva cessou, e se foi.

(Cantares, 2:8-11)

Murmurando sem parar as palavras do Senhor a respeito do que mais lhe preenchia o ser, Arn cavalgava na direção de Husaby, levantando grandes bolos de terra, de neve e gelo, com as patas de

Chimal. O garanhão galopava, estava quente e suave, mas para Arn o calor estava dentro de si e achava que a velocidade contra o vento frio da primavera seria suficiente para o resfriar. Ele sabia muito bem que talvez esse estado de espírito não fosse o mais recomendável para entrar na casa de Deus, para cantar as Suas palavras e nada mais. E estava absolutamente certo de que o padre Henri teria muitos pontos de vista restritivos a respeito do assunto. Mas ele cavalgava como um doido, a uma velocidade louca, porque não podia ser de outra maneira. Ele estava tão impregnado por Cecília que todo o resto parecia ficar de lado, inclusive o próprio Senhor. E era como se o Diabo o estivesse tentando com pensamentos ruins, como se lhe perguntando se ele queria escolher entre o amor do Senhor e o amor de Cecília. Entre os dois amores, qual escolheria? Era como se esses pensamentos ruins se impusessem a ele, mesmo que ele tentasse evitá-los. E que o Diabo, realmente, tivesse descoberto uma alma com uma grande fraqueza.

Teve de parar, descer de Chimal e rezar, pedindo perdão pelos pensamentos ruins que estavam entranhados no seu corpo. Rezou até que quase congelava. Depois, continuou a viagem a um ritmo mais calmo, já que tinha chegado bem perto de Husaby, tão perto que, em breve, as gentes do burgo já o podiam ver.

Chegou em boa hora na igreja, pôs Chimal na cocheira do padre, limpou-o do suor e cobriu-o com um pano simples para que não esfriasse rápido demais, depois da transpiração ocasionada pela cavalgada. Chimal olhou para ele com um olhar pensativo como se o garanhão estivesse possuído e pudesse ver por dentro do seu dono. Era o dia da Festa da Anunciação à Virgem Maria, em fins de março, na época de as cegonhas chegarem à Götaland Ocidental e de os homens botarem os arados nos campos como se fazia na *Vitae Schola*, na Dinamarca. E a missa desse dia era ótima para Arn, onde ele poderia cantar tão bem quanto na missa do Natal. A Virgem Maria era a protetora do mosteiro de Varnhem e todos os cantores de Varnhem conheciam todas as missas de cor que diziam respeito à santa.

No entanto, durante os cânticos na igreja, era como se ele se

encaminhasse para o pecado, embora cantasse com Cecília da mesma forma encantadora, como na festa natalina. Só que nas linhas em que as palavras falavam de amor para Nossa Senhora, ele olhava Cecília nos olhos e interpretava cada palavra, como se a dirigisse para ela. E sentia que o mesmo acontecia quando ela cantava para ele.

Sem entender que com isso estava ofendendo Algot Pälsson, Arn se convidou para passar alguns dias no burgo real de Husaby, para que ele e Cecília pudessem ensaiar novos cânticos para a próxima missa. Justo como Arn tinha pensado, sem que entendesse a razão de tal procedimento, Algot Pälsson não era homem para dizer não a qualquer pedido de um filho de Arnâs. Por isso, logo tudo se acertou, sem que muita coisa mais precisasse ser dita, tal como Arn havia proposto.

A seguir, no entanto, deflagrou-se uma luta entre os dois jovens de um lado e, do outro, todos os que queriam ou eram obrigados a permanecer na companhia deles. Os jovens usavam de toda a sua esperteza para conseguir falar um com o outro a sós. Algot e as mulheres mais idosas da casa perceberam isso e, por sua vez, usavam de toda a sua perspicácia para vigiá-los a todo momento. Desde que ficassem sentados na sala com outras pessoas por perto, cantando em louvor ao Senhor, cada cântico mais bonito que o outro, ninguém tinha nada contra. A persistência de Arn e Cecília em se sentarem juntos e cantarem era muito grande, mas não maior do que a persistência daquelas pessoas que os rodeavam para vigiá-los. E ainda insistiam para que eles não ficassem muito juntos, próximos demais um do outro. Na hora da ceia, os jovens se sentavam

na mesa de honra, mas com Algot como verdadeiro separador entre os dois, que

não conseguiam ficar mais perto um do outro do que quando Cecília, respeitosamente, colocava mais cerveja na caneca de Arn, o que o fazia sofrer, já que tinha decidido nunca mais na sua vida beber tanta cerveja como na sua primeira visita a Husaby.

Justo antes do dia da Festa da Anunciação à Virgem Maria, o padre

Sune, de Husaby, esteve presente em uma reunião com o bispo Bengt, de Skara. Apesar de os caminhos estarem ainda difíceis por causa da neve na época, estiveram reunidos nesse colégio muito mais homens de Deus do que se esperava, sinal de muita preocupação depois das histórias que se contavam e que corriam como o vento na Götaland Ocidental, depois da assembléia de Axevalla. Todos sabiam agora que o rei Karl Sverkersson não iria contentar-se em perder todo o poder na Götaland Ocidental, como também todos sabiam que aquele que mais estava contra o rei e disposto a tomar a sua coroa era Knut Eriksson. Na pior hipótese, o rei Karl chegaria a Götaland Ocidental com um exército, e quem então iria se sagrar vencedor não era fácil dizer. Ao certo, apenas se sabia que uma guerra assim iria devastar o país. A questão que o colégio reunido com o bispo Bengt tinha que definir era se a Igreja devia assumir uma posição favorável a uma ou a outra das facções em luta pelo poder laico. Tantos eram os homens de Deus favoráveis ao rei Karl, entre eles o próprio bispo, quanto os favoráveis a Knut Eriksson, mas a maioria achou que o mais inteligente era a Igreja não participar da luta pelo poder laico. Caso a Igreja se lançasse nessa luta, era de esperar muita amargura pela frente. O colégio reunido com o bispo Bengt chegou rápido a esta conclusão, e Sune de Husaby foi uma das vozes mais fortes a favor dessa posição. Se não por outro motivo, porque ele próprio seria obrigado a entrar nessa luta ao realizar a missa de Natal para os folkeanos na igreja real de Husaby. Entretanto, havia também outra coisa sobre o que falar, quando ainda estavam reunidos os homens de Deus, e quem falou primeiro foi o prior que contou mais uma vez para quem quisesse ouvir, e também para quem não agüentava mais ouvir, ter sido testemunha de um milagre, no momento em que um pequeno e indefeso monge de Varnhem, com a ajuda do arcanjo Gabriel, jogou dois guerreiros no chão.

Como o padre Sune estava presente à ceia no burgo real de Husaby e viu Arn também à mesa, não pôde deixar de pensar na história do milagre e a contou do jeito que a tinha ouvido. Todos à mesa ouviram com interesse, excitadíssimos, com a exceção de Arn, que demonstrou não estar gostando do que ouvia. O padre, então, teve

a idéia de que talvez Arn soubesse mais alguma coisa sobre o acontecido. Afinal, ele também vinha de Varnhem e devia ter ouvido a história antes ou talvez até conhecesse o pequeno monge de que se tratava. Por isso, o padre queria saber mais alguma coisa sobre o que aconteceu. Essa foi a pergunta que ele fez a Arn.

Todos perceberam que Arn achou a pergunta dolorosa, mas ninguém

conseguiu entender por quê. Que Arn sentisse inveja de algo que teria acontecido a outro monge era difícil de acreditar. Arn respondeu gaguejando, visto que se sentiu fisgado e não sabia, ao contrário de muitas outras pessoas, se soltar através da mentira. Mas disse, por ser verdade, que o prior tinha entendido todo o acontecido às avessas. Não se tratava de nenhum milagre, nem de nenhum pequeno monge indefeso, já que ele era o próprio descrito. O que aconteceu foi que um grupo de camponeses bêbedos chegou correndo de uma festa de noivado e, sem a menor consciência, todos o acusaram de seqüestrador da noiva. Isto, apesar de ele se encontrar fora dos muros do mosteiro apenas há algumas horas. Tentaram matá-lo, mas para que essa morte ocorresse de maneira máscula, deram a ele uma espada para se defender.

Nesse momento da sua explicação, Arn teve de fazer uma pausa e repensar no que devia dizer para completar a sua história. Melhor para ele seria não explicar mais nada. Achava que já tinha dito tudo o que precisava ser dito e porque não estava nem um pouco orgulhoso do que havia feito. Ao contrário, sentia-se angustiado. No entanto, já tinha aprendido o suficiente de como as pessoas raciocinavam no baixo mundo para entender que elas podiam achar que queria se valorizar. Quem queria jactar-se, na realidade, era o prior, que na sua presunção achou ter testemunhado um milagre do Senhor, onde apenas houvera um acidente. Mas tudo isso era difícil de apresentar aos outros sem falar mal do prior.

No silêncio impaciente que se seguiu, em que Arn parecia não querer dizer mais nada, foi Cecília que falou, pedindo que ele continuasse. Então, ele levantou os olhos e fixou-os no olhar dela. E era como que se ele visse a Virgem Maria falando para ele e

explicando-lhe como colocar as suas palavras contando uma boa história a respeito de um acontecimento horrível. E foi em frente, passando rápido pela situação penosa. Quer dizer, camponeses bêbedos resolveram, por engano, matar alguém que eles julgavam ser um pequeno e indefeso monge que, na realidade, era Arn, muito bem treinado na arte marcial da espada por um cavaleiro templário ao serviço do Senhor. Por isso, a luta foi curta. Evidentemente, não se tratou de um milagre, assim como não foi nenhum milagre aquilo que aconteceu em Axevalla. No entanto, aconteceu, sim, um milagre nesta história, um milagre de amor. Porque, na continuação que o prior não pôde ver ou não soube entender, viram-se os efeitos da infinita bondade da Virgem Maria e dos seus cuidados com aqueles que se mostraram a ela dedicados. Arn ficou um pouco envergonhado diante das suas palavras a respeito do prior, mas ninguém na sala se interpôs no caminho ou se exaltou, de modo que ele logo ganhou coragem para continuar.

A Virgem Maria tinha ouvido por muito tempo as orações profundas de uma jovem chamada Gunvor e de um jovem chamado Gunnar. Eles tinham um amor tão forte um pelo outro que preferiam morrer a ter que abdicar da felicidade de viver juntos como marido e mulher, com a bênção de Deus. Gunvor havia fugido, no seu desespero mais terrível, da festa do seu próprio noivado imposto, antes de se deitar com o noivo e antes do casamento se ter concretizado. Saiu, então, correndo pela estrada onde encontrou o pequeno monge que nada sabia, nem entendia, mas que a Virgem Maria havia enviado em socorro de Gunvor. Com isso, ela encontrou a salvação. Acabou para ela a perspectiva de uma vida difícil com um homem com quem não queria viver, visto que ele foi um dos que morreram na hora. O prior, entretanto, precisava de um novo caseiro para a sua fazenda onde essa festa de noivado teve lugar. E o novo caseiro escolhido acabou sendo Gunnar. Com isso, Gunnar e Gunvor puderam se casar e viver felizes até o fim dos seus dias terrenos. Com a ajuda da Virgem Maria, seu amor havia vencido todas as leis e tradições existentes, visto que o amor era mais forte que todo o resto. Foi isto mesmo

que a Santa Mãe de Deus demonstrou ao corresponder às orações mais ardentes de Gunvor e Gunnar, e dando a eles a recompensa por nunca terem desistido até o último dos piores momentos em confiar nela. Ao chegar a este ponto da história, Arn declamou os versos das Sagradas Escrituras relativos à vitória do infinito amor, versos que ele tão bem sabia de cor, inclusive, na linguagem comum, de tal maneira que em qualquer altura podia dizê-los. Com isso, ele deixou uma impressão fortíssima em todos os que estavam à mesa e mais forte ainda em Cecília, o que tinha sido a sua intenção e a sua esperança.

O padre de Husaby ficou pensativo por alguns momentos e depois confirmou que as palavras que Arn tinha citado para eles eram realmente as palavras de Deus. Com o amor era assim, acrescentou ele. O amor podia operar milagres e as Sagradas Escrituras continham muitos exemplos disso. Evidentemente, não era uma coisa fácil de entender, já que a maioria das pessoas que viviam segundo a ordem estabelecida na Götaland Ocidental festejava seus noivados por outras razões que não aquelas que uniram Gunvor e Gunnar. Entretanto, continuou ele, Arn havia contado essa história com muito senso religioso e, por isso, o padre de Husaby compartilhava as mesmas idéias dele. Nossa Senhora, realmente, tinha demonstrado um milagre de amor e de fé e não um milagre da espada e da violência. Disso, certamente, havia algumas lições a aprender.

Para todos os que estavam à mesa naquela hora, as lições a aprender constituíam um assunto meio obscuro. Porém, mais preciso do que isso o padre de Husaby não foi. Em contrapartida, depois de a ceia e as orações terem terminado, o padre puxou Algot de lado e teve com ele uma conversa que ninguém ouviu.

Possivelmente, foi essa conversa que levou Algot a ter novas idéias, visto

que no dia seguinte, pela manhã, perguntou a Arn se ele, que era um cavaleiro de primeira, não queria levar Cecília consigo num passeio a cavalo, aproveitando o bonito tempo primaveril. É claro que Arn não se fez de rogado. E assim aconteceu que Cecília e Arn

seguiram a cavalo pelas encostas sulinas de Kinnekulle no primeiro dia quente da primavera, enfrentando ventos suaves e mornos. Os salgueiros tinham desabrochado e corria muita água pelos córregos, com o chão apenas marcado aqui e ali pela neve. Era como se eles no primeiro momento nem se atrevessem a falar um com o outro, apesar de, finalmente, terem sido deixados em paz. Havia escudeiros a segui-los, claro, mas a uma certa distância, de onde podiam vê-los mas não ouvi-los. Tudo o que Arn tinha dito a ela em seus calorosos pensamentos noturnos ou quando avançou febril para Chimal e, expansivo, gritou palavras ao vento, tudo ficou por dizer. E em vez disso deixou-se embaraçar numas descrições infantis sobre o comportamento de Chimal e entre razões pelas quais os cavalos da Terra Santa eram muito melhores do que os outros.

Nessa conversa, Cecília apenas se mostrou razoavelmente interessada. Mas, de qualquer maneira, ela sorria como que para o encorajar a falar. Ela mesma tinha tido uma longa conversa noturna com Arn em seus sonhos, embora tivesse imaginado tempo todo que ele seria o primeiro a falar as palavras certas e que ela responderia, estimulando mais palavras do mesmo gênero. Diante da conversa a respeito das qualidades dos cavalos e de como eles deviam ser acasalados, ela se conteve e ficou quase muda. Enquanto Arn quase chegava ao desespero diante da sua própria timidez e pela decepção de ainda não ter dito a ela tudo o que pretendia, logo que a primeira oportunidade se apresentasse, ele pediu silenciosamente à Santa Mãe de Deus para lhe dar nem que fosse apenas um pouco da força que Gunvor havia mostrado. E logo as palavras chegaram a ele, como se Nossa Senhora, suave e sorridente, o conduzisse para o caminho certo. Reduziu a marcha de Chimal, deu uma olhada para trás, para os escudeiros que continuavam a distância, não podendo ouvi-lo, e disse as palavras certas, o olhar bem fixo nos olhos dela e o júbilo dentro de si:

*Enlevaste-me o coração, Minha irmã, minha esposa, Enlevaste-me o
coração, Com
um dos teus olhares, Com um colar do teu pescoço. Que belos são
os teus amores, Minha irmã,*

esposa minha! Quanto melhor é o teu amor do que o vinho! E o aroma dos teus unguentos Do que o de todas as especiarias! Favos de mel manam dos teus lábios, minha esposa! Mel e leite estão debaixo da tua língua, E o cheiro dos teus vestidos E como o cheiro do Líbano. (Cantares, 4:9-11)

Ao escutar as palavras de Deus, que eram também as palavras de Arn a ela dirigidas, Cecília parou seu cavalo e olhou longamente para seu amor, mas falou primeiro com os olhos, com os olhares, os mesmos com que ele e ela tinham sido obrigados a dizer tudo até aquele momento. Respirando aceleradamente, ofegante, mas quieta em cima da sela, Cecília disse: — Você não pode nem imaginar, Arn Magnusson, o quanto eu esperei ansiosamente por essas palavras — pronunciou ela, finalmente, sem desviar seus olhos. — Assim tem acontecido sempre, desde que nossos olhares se encontraram, quando pela primeira vez os nossos cantares se uniram. Eu quero ser sua, mais do que quero qualquer outra coisa no mundo. — Também eu lhe pertença, Cecília Pälsson, mais do que a qualquer outra pessoa no mundo e para todo o sempre — respondeu Arn, com tanta solenidade que isso fez as palavras parecerem uma prece. — Realmente, de verdade, você tomaste o meu coração com um único olhar, como dizem as palavras do Senhor. De você eu jamais vou querer me separar. A seguir, cavalgaram por mais um tempo, sem nada dizer, até que chegaram perto de um antigo carvalho, meio decadente, que se espraiava por cima de uma pequena cascata. Aí, saltaram dos cavalos e se sentaram no chão, fazendo do carvalho um encosto. Os escudeiros de Husaby, primeiro hesitantes, pararam um pouco longe e pareciam discordantes se deviam ou não chegar mais perto. O ruído da cascata fazia com que eles nada pudessem ouvir, mesmo que se aproximassem mais. No entanto, resolveram também se sentar onde estavam e de onde, se necessário, tudo podiam ver, mas nada escutar. Cecília e Arn

juntaram as mãos e ficaram olhando um para o outro, sem nada dizer durante um longo momento, apenas sentindo dentro de si o efeito de um verdadeiro milagre.

Finalmente, Arn voltou a falar, dizendo que teria de voltar para Arnäs, por muito que lhe custasse a separação. Mas teria de contar para seu pai, Magnus, em que pé a situação estava entre eles. Sua intenção era talvez a de celebrar o noivado já durante o verão.

Primeiro, ela se mostrou muito alegre e satisfeita diante dessas palavras, mas levou as mãos ao coração, quase como num gesto de dor, e deixou que uma sombra avassalasse o seu semblante.

— Pode ser que precisemos de tanto apoio de Nossa Senhora, a Virgem Maria, quanto Gunvor e Gunnar, sobre quem você contou tão bela história ontem — disse ela, séria. — Isso porque nosso amor vai enfrentar provações difíceis e grandes barreiras, como você sabe, certamente, não é verdade? — Não, a esse respeito não sei nada — exclamou Arn. — Isso porque barreiras tão elevadas não existem, nem a montanha é alta demais, nem a floresta é profunda demais, ou o mar, grande demais para velejar sobre ele. Com a ajuda de Deus, nada impedirá o nosso caminho!

— A ajuda de Deus é o que devemos pedir fervorosamente em nossas

preces — respondeu ela, baixando o olhar. — Meu pai é um homem de Karl Sverkersson e o seu, de Knut Eriksson, isso todos sabem. Meu pai receia pela sua vida por esse motivo, e, enquanto Karl viver, ele certamente não vai se ligar fortemente aos folkeanos. Assim é a situação, meu queridíssimo Arn... Oh, que alegria em poder dizer essas palavras! Por isso, é muito provável que o nosso amor tenha mais que um grande mar para atravessar, enquanto Karl Sverkersson for rei e o meu pai, seu servidor.

Arn, entretanto, não se deixou desanimar nem um pouco por esse quadro. Não era apenas porque sua confiança era grande, mas também por acreditar que a Virgem Maria estaria a seu lado e ao lado de Cecília. Acontecia, porém, que, assim como ele conhecia Aristóteles e o sagrado São Bernardo de Clairvaux, o mundo superior e o inferior de Platão e as regras de convivência dos cistercienses,

isso que o povo de Götaland Ocidental desconhecia por completo, assim ele desconhecia por completo as regras que determinavam a luta pelo poder, isso de que o povo de Götaland Ocidental sabia tudo a respeito. Arn confiava inteiramente, isso sim, na sua crença de que a maior força no mundo era o amor.

Magnus e Eskil estavam sentados na sala de contas da torre e sua conversa não estava fácil. Era bom para eles que Arn estivesse bem ocupado com longos dias de trabalho. Passava a maior parte do tempo no lago Vänern, onde serrava blocos de gelo com o mesmo formato de tijolos para a construção de muros. Os blocos de gelo eram trazidos para Arnäs em trenós e ficavam armazenados em seus porões gelados entre camadas de serragem trazida da oficina madeireira. Ele decidira que estava na hora de recolher o gelo, antes que ficasse fino demais no lago. Era bom que ele permanecesse bem ocupado. Seria difícil manter a conversa caso Arn estivesse ali com eles. Os homens, na sua juventude, e, pelo que se dizia, também as mulheres, eram atacados por tentações às vezes bem fortes. Isso eles conheciam por experiência própria. Fazia parte da vida como ela era e não havia muita coisa a fazer, a não ser esperar que tudo passasse como um resfriado da primavera. Magnus lembrava-se dessas coisas do tempo em que era ainda muito jovem. E quando se lembrou, também se emocionou e reconheceu para Eskil que a mulher que foi a sua primeira esposa em Arnäs e que foi a mãe de Eskil e de Arn, no início, não significava mais para ele do que um par de bonitos cavalos baios ou algumas outras coisas boas para usar na fazenda. Mas com o tempo, ela, Sigrid, tornou-se para ele a mulher mais querida. Isso que Arn chamava de amor podia crescer com bom senso, vivendo bem, juntos, e com inteligência. Magnus, ao pensar um pouco mais sobre o assunto, achava até que Erika Joarsdotter, nos últimos tempos, tinha se tornado mais razoável e era mais fácil de lidar com ela e, em certos momentos, verdadeiramente agradável. Pelo

menos, nunca antes foi tão fácil vê-la tratando das coisas da casa. Assim, era isso a que Arn chamava de amor.

No entanto, essa sabedoria dos mais velhos não era passível de ser transmitida aos mais novos por palavras. Não fazia sentido tentar falar em bom senso em situações onde o bom senso não existia. O mesmo era dizer para alguém que acabasse de perder um amigo e acabasse de o acompanhar à última morada, que o tempo cura todas as feridas. Embora sendo verdade, não faria sentido dizer isso para alguém no pior momento da dor. Portanto, o que fazer com Arn e sua decisão de partir amanhã mesmo para a sua festa de noivado em Husaby?

Eskil argumentava, dizendo que era preciso pensar friamente, o que era mais fácil de fazer, sem a presença de Arn, já que este era como se fosse ferro em brasa. Na realidade, existiam razões a favor e também razões contra. E, nessas ocasiões, mais do que em quaisquer outras, era preciso pesar umas e outras como se fossem prata e, ao final, estabelecer o que pesava mais. Contra a proposta de Arn falava mais do que qualquer outra coisa o fato de ninguém saber quem deteria o poder real nos próximos dois anos. Enquanto, porém, Karl Sverkersson fosse rei, Algot Pålsson devia se precaver e não unir sua família a um inimigo do soberano. Isto, se fosse um homem inteligente. E, por parte deles, de Arnäs, também não seria inteligente unir pelo casamento a sua família com a família de um inimigo de Knut Eriksson, visto que ao pensar em alguém para ser rei que não Karl, só se poderia pensar, justamente, em Knut Eriksson.

A favor da proposta de Arn, no entanto, falava algo que tinha a sua importância. Agora, que Forsvik, no Vättern, pertencia a Arnäs, todo o norte da Götaland Ocidental era dominado por eles. E aquela parte sul do rio Tiveden representava a linha de comércio entre quatro províncias. E a parte mais fraca da defesa dessa cadeia era, justamente, a região de Kinnekulle, onde estavam situadas as terras de Algot. Caso fosse possível dominar as terras de Kinnekulle e as praias do lago Vänern ao sul, isso iria valer de muito. E se acontecesse ser possível fazer esse negócio, era preciso que Algot estivesse em grandes dificuldades e passível de ser convencido a dar essas terras como presente de casamento por parte da noiva, um presente cujo valor seria o dobro do usual. No entanto, tudo isso

seria impossível de acontecer enquanto Karl Sverkersson estivesse vivo. Se, porém, ele deixasse a vida terrena, então Algot faria de imediato o negócio, mais rápido do que Knut Eriksson pudesse imaginar.

Assim se punha a questão. Enquanto o rei Karl Sverkersson continuasse seguro na sua fortaleza junto do lago Vättern, não havia nada a fazer. Mas partindo ele desta vida, logo seria possível realizar esse negócio tão importante para Arnäs.

Nesses cálculos, Eskil apenas via um ponto fraco. Era a questão de saber

se Birger Brosa e a sua família tinham outros planos. Assim acontecera antes, quando o próprio pai, Magnus, quis noivar com Cecília ou Katarina, pela mesma razão daquela agora falada. E em vez delas acabou acontecendo o noivado com Erika Joarsdotter, pelo fato de o conselho da família ter achado essa união mais favorável.

Magnus afirmou não ter ouvido falar antes de quaisquer planos para casar com Erika. Mas acabou se unindo à família erikiana através de Erika Joarsdotter. Knut tinha uma irmã, também, chamada Margareta, mas essa já estava casada com o rei Sverre, da Noruega. Como o irmão de Magnus, Birger Brosa, era casado com Erigida, filha do rei Harald Gille, da Noruega, a banda norueguesa já era bastante forte. Não, no momento, Magnus não via nenhum outro casamento mais conveniente para Arnäs ou para a família do que a união com Katarina ou Cecília, qualquer uma servia. Embora para Arn apenas Cecília contasse e mais ninguém. Em toda a sua vida, nunca ninguém mais iria contar.

Restava decidir quem iria contar toda a situação para Arn. A mensagem era simples. Enquanto o rei Karl vivesse, não haveria noivado. Mas tão simples quanto colocar a idéia em poucas palavras, muito mais complicado era dizê-las para um filho jovem ou um irmão que vivia em um estado febril ou de loucura a que chamava de amor. Magnus devia levar a mensagem adiante, visto que era o pai e detinha por direito todo o poder sobre a família. Mas Eskil devia ser a pessoa indicada, visto que era irmão e não detinha quaisquer poderes. Não precisaria convencer, apenas explicar. E assim eles

ficaram virando o assado de um lado para o outro, até que decidiram ser Eskil aquele que iria apresentar a questão para Arn. Uma semana antes da Festa de São Tibúrcio, quando os gelos ainda existiam, mas começavam a escurecer, Knut Eriksson chegou a Arnäs sem ser anunciado. Tinha viajado rápido, apenas na companhia de Geir Er-lendsen, do bardo Orm Rõgnvaldsen, e de Berse, o Forte. A viagem tinha decorrido bem. Ficaram passeando por toda a Götaland Ocidental onde o bardo tinha feito jus ao bom salário que recebia. E estavam chegando de Skara onde Knut tinha muitos ouvidos e muitos olhos, e onde compraram boas informações de um homem que tinha acabado de deixar os serviços de Karl Sverkersson na ilha de Visingsõ.

Knut não disse quais as razões da sua visita a Arnäs, a não ser que tinha de falar com Arn, que foi encontrar, angustiado, entre os escravos da casa e da cozinha, num lugar e numa situação que mal condizia com um homem na sua posição, segundo Knut Eriksson.

Para a surpresa de Arn, Knut queria que os dois fizessem em seguida um torneio de tiro ao alvo. E logo foi feito um alvo de palha amarrada, colocado no meio da praça do burgo. Arn não quis negar, mas também não estava sentindo

nenhuma satisfação com a brincadeira. Enfim, colocaram o alvo a uma distância

de quarenta passos, o que Arn achou que era longe e difícil demais para Knut, mas este queria que fosse assim. Escolheram os arcos entre os melhores e mais fortes. E todos no burgo vieram ver o que estava acontecendo. Todos sabiam que era o provável futuro rei do país que iria atirar as suas flechas, tendo um dos filhos de Arnäs como adversário. E ninguém queria dizer, depois, que tinha falhado como testemunha do ocorrido.

Quando os dois já estavam de arcos preparados e Arn ainda achava que não era hora de brincar, Knut pegou-o pelos ombros e abraçou-o, dizendo, então, qual era a sua idéia.

— Agora, meu querido amigo de infância, você vai atirar para ganhar de ninguém menos do que o seu rei. E tudo depende dessas flechas. Pense, inclusive, que se trata de Cecília. Sim, é claro, já sei tudo

sobre o relacionamento entre vocês. Pense que sou o seu rei e que posso dá-la a você, e que para isso basta apenas que me vença. E agora eu vou atirar primeiro. Não precisa me responder no momento. Agora, pense apenas em atirar bem. Enquanto Arn se sentia abalado por essas palavras e se recompunha para, realmente, atirar bem, Knut disparou as suas dez flechas e com isso espantou de admiração todos os presentes que não sabiam que ele era tão bom atirador.

A seguir, foi Arn que disparou, de rosto frio e grande silêncio dentro de si, como se tudo, realmente, dependesse dessas flechas. Todos puderam ver, então, que havia uma grande diferença entre os dois e que Arn era o melhor. De novo, Knut abraçou Arn efusivamente, dizendo-lhe que naquele momento ele poderia muito bem ter acabado de conquistar Cecília como esposa. Depois disso, deixaram a praça e foram para a torre, onde Knut mandou que servissem cerveja.

Assim que ficaram sozinhos, Knut nem esperou que a cerveja chegasse e foi logo explicando para Arn como era que a situação se apresentava. Pois havia chegado o momento. Para ele a questão era a coroa de rei e para Arn era Cecília. Muitos eram os conhecidos que Knut Eriksson tinha em toda a província e, por isso, ele sabia de tudo o que era importante saber e também de tudo o que para muitos poderia parecer menos importante, como o caso entre Arn e Cecília. Arn respondeu, taciturno, que bem podia entender que a existência de muitos conhecidos era importante para quem lutava para conquistar as três coroas, mas não entendia era a razão da brincadeira com o arco e as flechas que acabavam de ter. Qual a razão desse torneio em que um futuro rei se arriscou a perder e a ser reconhecido como perdedor? Nesse momento, chegaram as escravas da casa com a cerveja, e Knut riu abertamente diante dessa interrupção, visto que tinha compreendido o motivo da impaciência e do espanto de Arn. Beberam, então, à saúde dos dois, respeitosamente, como mandavam as regras da boa cortesia e hospitalidade. Mas

Knut viu nos olhos de Arn aquela impaciência que exigia uma resposta rápida.

No entanto, a resposta ainda tardou, já que Knut começou por falar do seu pai, o consagrado Santo Erik que tinha sido bom para todos, que não exigia nada para si, que preferia a camisa de cilício e as longas orações à vida na corte, que ajudava os fracos e era contra os fortes, e que morreu como um santo nas mãos de criminosos. Talvez Arn já tivesse escutado essa história antes, mas havia um detalhe a acrescentar.

O pai de Erik Jedvardsson foi Jedvard, de Orkney, que viajou de barco à vela com Sigurd Jorsalafar para a Terra Santa e lá o rei norueguês prestou grandes serviços. E como agradecimento pela ajuda cristã, o rei Sigurd ofereceu a Jedvard, de Orkney, dois pequenos pedaços da cruz sagrada onde o nosso Salvador foi torturado e morto. O rei Sigurd tinha recebido, justamente, uma boa quantidade dessas madeiras santificadas das mãos do rei Balduin, de ultramar, ou seja, do reino de Jerusalém. Aqui, Knut fez uma pausa para perguntar a Arn se ele já tinha ouvido falar de ultramar, e o riso alegre e os acenos afirmativos com a cabeça feitos por Arn lhe deram a entender que sim.

Muito bem, esses dois pedaços da sagrada cruz foram recebidos por herança pelo pai de Knut, Erik Jedvardsson, que os fez embutir numa cruz de ouro que ele sempre trazia ao pescoço. Quando Emund Enahand, o Maneta, degolou o rei, a relíquia sagrada caiu no chão e foi apanhada por um covarde que a levou para o mandante do crime, o homem a quem hoje chamam de rei Karl Sverkersson. Portanto, ele não é apenas um criminoso, assassino de um soberano, mas também o ladrão que se apoderou de uma relíquia sagrada de Deus. A cruz de ouro com os pedaços de madeira da cruz do Salvador pende agora do pescoço do próprio Karl Sverkersson e isso neste momento deve ser abominável aos olhos de Deus; sobre esse assunto não há a mínima dúvida, certo?

Arn concordou de imediato que isso devia ser abominável aos olhos de Deus e disse que tudo devia ser feito para corrigir esse erro. Aí Knut Eriksson sorriu para Arn e repetiu, tranquilo, que agora havia chegado o momento. Mas para chegar onde a sagrada relíquia de

Deus se encontrava, apenas alguns poucos homens podiam fazê-lo, homens que agüentassem o frio e soubessem velejar bem, que pudessem atirar com o arco e flecha, e que se defendessem com a espada melhor do que ninguém. Por isso, tinham disputado esse torneio, continuou Knut. Existiam homens que eram bons em atirar em torneios, mas não em combate, quando a cabeça está cheia de raiva e de medo. O mesmo aconteceu com Arn, que teve de atirar e ao mesmo tempo pensar em Cecília. E Arn passara pela prova muito bem.

Agora, e não mais tarde, era preciso fazer o que tinha que ser feito, continuou ainda Knut. E fez a Arn aquela que era realmente a grande pergunta.

Não sem antes garantir que quando ele se tornasse rei seria o primeiro a

abençoar o noivado entre Arn e Cecília. E a pergunta era se ele aceitaria segui-lo numa viagem, sendo apenas um num grupo de oito homens. Era a terceira vez que alguém dizia para Arn que ele não ficaria com Cecília enquanto Karl Sverkersson vivesse. E se ele tinha hesitado nos dois primeiros casos, agora não tinha mais dúvidas. Ao chegarem a Forsvik, perto das praias do Vättern, descobriram que Eyvind Jonsson, Jon Mickelsen e Egil Olafsen Ulateig tinham construído um barco pequeno, mas muito bonito, com boca larga, fundo chapado para águas rasas e a possibilidade de remar com três pares de remos. Os escudeiros noruegueses se desculparam por não terem decorado o barco com os caracteres rúnicos que teriam completado o trabalho, mas a condição de navegabilidade tinha vindo em primeiro lugar, isto porque em breve os gelos teriam se derretido. Esse pequeno barco, construído como se fosse um barco viking norueguês, no entanto podia velejar mais rápido do que os outros barcos na época, em especial na Götaland Ocidental. E podia singrar mais rápido do que todos os barcos quando avançando a remos, em especial com remadores noruegueses, e também podia ser empurrado facilmente sobre os gelos. Knut estava muito satisfeito com o que viu e explicou tudo para Arn, que ainda não conhecia muita coisa da Noruega, como era

o caso dos outros membros da família.

Depois de três dias de espera, chegou a hora de partir. Fizeram antes uma missa que Arn, para fortalecer o espírito de todos, rezou na linguagem da Igreja. Após a missa, Knut Eriksson falou diante de todos, inci-tando-os. Era a hora da decisão. Sua maior força estava no fato de serem apenas oito homens, mas dos bons, capazes de atravessar o lago Vättern numa altura em que ninguém acreditaria possível. Lá longe, no promontório sul, na ilha de Visingsö, vivia o mandante do assassinato do rei, Karl Sverkersson, com a sua guarda de escudeiros, achando que estava a salvo. Mas Deus não podia continuar ao lado de alguém que matara um santo para tirar vantagem pessoal disso. Ao conquistar aquilo que estava para ser conquistado, também ficou claro que cada um iria receber uma recompensa segundo a sua participação. Nada mais foi dito. O barco foi retirado por cavalos da cova de gelo na praia onde ficou dentro de água para que as pranchas de madeira inchassem e não deixassem entrar água. Os cavalos foram colocados no seu lugar e cada um deles recebeu a ponta de uma corda para realizar o duro trabalho de arrastar o barco até a água. Já em cima do gelo, foi fácil para os oito homens puxar o barco chato. Após meio dia de trabalho, chegaram a um canal aberto no gelo que ia dar ao mar, no meio do lago Vättern, e já avistavam a ilha de Visingsö ao longe. O vento vinha do oeste, como sempre nessa época do ano, e em breve poderiam içar a vela. Quanto mais ao sul eles velejavam, mais se alargava o canal e mais as águas se abriam. E, então, eles acharam que Deus estava a seu lado. Se

tivessem vindo um dia antes, seriam obrigados a deixar seu barco no meio dos

gelos, bem à vista logo que a luz do dia chegasse. Um dia mais tarde não haveria gelo, e em Näs, na fortaleza do rei, os guardas estariam de sentinela, junto dos muros, para vigiar o mar e alertar sobre os perigos que poderiam vir do lago. Armaram a vela e remaram lentamente para Näs. Chegaram à praia não antes de já estar bem escuro. E aí ficaram esperando numa pequena enseada, atrás de ramos densos de amieiro. Jogaram a vela sobre o barco e

acenderam fogo em dois vasos de ferro, não sem antes escolherem vigias para entrar nas terras e ver se o fogo não poderia ser visto. De qualquer forma, era preciso algum tipo de aquecimento, já que as noites na Escandinávia, na época, eram ainda muitíssimo frias. Knut estava de bom humor. A parte mais difícil já tinha sido ultrapassada. Sentou-se bem junto de Arn e disse que aquela seria ou a última noite juntos ou a primeira, numa longa viagem pela frente. Depois, falou sobre o homem que assassinou o seu pai e que tentou assassinar o pai de Arn, com esperteza e num combate desequilibrado, mas Arn interrompeu as intenções dele. E do resto nem se precisava falar. Tudo isso já era do conhecimento dele que tinha pensado muito sobre o assunto. No entanto, ainda estava em dúvida, admitiu ele para Knut. Tinha jurado que jamais iria levantar a sua espada com raiva ou para receber vantagens pessoais. E agora parecia que estava a ponto de realizar justamente isso. Com a morte de Karl Sverkersson, ele iria ganhar muito, sem dúvida. Disse que já tinha entendido que não se tratava apenas da questão de conseguir de volta a santa relíquia que por direito pertencia ao bom amigo Knut e que, erradamente, estava agora à volta do pescoço de Karl Sverkersson. Já tinha entendido que esse pescoço iria ser cortado na hora de liberar a cruz. Knut disse que nada podia fazer para livrar Arn dessa agonia, pois aquilo que Arn disse era a pura verdade. Em vez disso, Knut falou em tom baixo, mas caloroso, sobre Cecília e que alegria seria se, como seu rei, ele pudesse juntá-los em casamento em qualquer uma das igrejas e, se assim o desejassem, diante do arcebispo de Aros Oriental. Nesse momento, Arn ficou mole e sentiu calor, se bem que a noite estava fria e úmida como de costume na transição do inverno para a primavera. Respondeu que qualquer igreja estaria bem para ele, desde que ficasse por perto. E, em seguida, puderam os dois rir juntos à vontade e, ao terminar, Knut falou para Arn que, se assim fosse o caso, ele poderia emprestar uma entre várias espadas norueguesas sobre a qual ninguém tinha jurado nada, muito menos feito uma jura sagrada. Depois disso, Knut baixou a voz e explicou o que iria acontecer. Em Skara, tinham pago por muitas informações, mas a mais importante viera de um homem que pouco antes tinha deixado o serviço na

casa de Karl Sverkersson em Näs. Tinham então sabido que quando não havia nenhum perigo em Näs, como agora, quando os gelos nem suportavam peso nem se quebravam, Karl

Sverkersson, todas as manhãs e antes de mais nada, fazia uma pequena

caminhada até a praia, para ficar sozinho por algum tempo. Por que fazia isso, ninguém sabia ao certo, mas sempre era o mesmo passeio todas as manhãs, bem cedo. Justo na hora do amanhecer, isso acontecia, assim que a primeira luz do dia iluminava o caminho onde poria os pés. Por essa informação importante, o traidor de Karl Sverkersson havia recebido uma soma bem merecida.

Se Deus ajudasse, tudo aconteceria antes da noite terminar, visto que aquele era o último dia antes do degelo total, as águas ficariam livres, e Karl Sverkersson podia começar a esperar por barcos inimigos. Por isso, restava apenas rezar e depois tentar dormir um pouco. Havia um vigia. O barco estava bem escondido no escuro por trás das folhagens densas dos amieiros, perto da praia. Arn não dormiu muito durante a noite fria e talvez nem os outros tivessem dormido bem, embora fossem noruegueses e, ao que parecia, não estivessem nem um pouco preocupados com o fato de o dia seguinte poder ser o último de suas vidas.

Mas tudo aconteceu como se Deus estivesse ao seu lado até o último momento, e ainda além disso. Arn ficou preparado, com arco e flecha, quando ainda estava escuro. No entanto, ao surgir a primeira luminosidade, mudou para uma posição melhor. Ao lado dele, estavam o próprio Knut, Jon Mickelsen e Egil Olafsen Ulateig, e todos eles estavam vestidos com grossas peles de lobo e as pernas enroladas com duplas faixas de panos, tudo por causa do frio. Estavam tão perto dos muros da fortaleza que seria possível para eles acertar a borda dos muros até com um tiro de flecha. Arn conservava uma espada norueguesa ao lado, na cintura. A sua própria espada, ele não a queria usar nessa missão. Pouco falavam uns com os outros. Mas, quando o pesado portão de carvalho da fortaleza de Näs se abriu, foi como se todo o frio tivesse desaparecido de todos os seus membros do corpo e eles estivessem

em brasa devido à tensão do momento. Viram, então, um homem saindo, acompanhado de dois outros homens, andando em direção à praia, muito perto do lugar onde eles próprios estavam. Arn fez um movimento para preparar o seu arco, mas os outros três logo o contiveram.

Na fraca luminosidade da manhã, era difícil diferenciar as cores. Mas quando os três homens da fortaleza passaram a caminho da praia, a apenas alguns passos de distância, viu-se que o que ia na frente vestia um manto vermelho e uma cruz de ouro que brilhava no seu pescoço. Knut Eriksson levantou a mão para que ninguém fizesse nada antes dele, apesar de todos terem entendido que quem ia na frente era o próprio rei. O rei Karl Sverkersson foi andando até a praia do lago Vättern. Aí parou, abaixou-se e com as mãos em concha apanhou água do lago e bebeu, antes de se

ajoelhar para, pela última vez, agradecer por aquela água em mais uma noite ter salvo a sua vida.

Não havia geado durante a noite, o chão estava sem gelo quebradiço. Por isso, Knut Eriksson pôde avançar logo que os três homens se ajoelharam no canto da praia, sem que pudessem escutar os seus passos. E, então, cortou a cabeça do rei, de um só golpe, e depois a de um dos seus dois escudeiros. Mas o outro, ele não matou. Em vez disso, apontou a sua espada para a garganta dele e fez sinal para que Egil e Jon se aproximassem, o que fizeram de imediato, não sem antes dizerem baixo para Arn ficar onde estava. Arn viu como o mais querido de todos os seus amigos de infância se abaixou para apanhar a corrente de ouro e depois a lavou do sangue nas águas do lago. Em seguida, correu na direção de Arn, depois de ter falado alguma coisa ao ouvido dos seus escudeiros noruegueses que, por sua vez, com a mão na boca do escudeiro ainda vivo, o arrastaram consigo. Puseram, então, o barco a flutuar e entraram nele. Os escudeiros nos remos e Knut na popa, junto do leme, com o prisioneiro numa das mãos e a corrente de ouro na outra. Quando tudo estava pronto para a partida, soltaram o prisioneiro, dizendo para ele em voz alta: — Chegou a hora de dizer

para você que está livre. Você recebeu sua vida de presente, mas precisa saber também quem, depois de Deus, lhe deu essa vida de presente. Eu sou Knut Eriksson e sou seu rei. Esteja presente amanhã na missa de São Tibúrcio e agradeça a Deus por sua vida. Foi Ele que o salvou, mas foi Ele também que nos conduziu até aqui. Mas se apresse para que ninguém fique pensando que foi você que matou Karl Sverkersson! Em seguida, Knut fez sinal para que os remadores se fizessem ao mar, e com remadas fortes eles se afastaram até a distância de um tiro de flecha, altura em que Knut jogou o prisioneiro na água como se fosse um gato e este correu o mais rápido que pôde, na direção do portão entrea-berto nos muros da fortaleza real, a fortaleza cuja construção seria tão segura que jamais alguém pensaria ser possível matar o rei.

Os remadores descansaram os remos à espera que os escudeiros de Karl Sverkersson, armados de bestas e arcos e flechas viessem correndo para a praia. Atiraram sim, mas sem resultado, enquanto o rei Knut, como sinal de vitória, mostrava a relíquia divina acima de sua cabeça. Depois, fizeram rota para Forsvik, situado contra o vento. Ninguém ,« na Götaland Ocidental poderia remar contra o vento como os amigos noruegueses de Knut.

Na semana seguinte ao Dia de Filipe e Jacó, no início de maio, quando todo o gado saía para os prados e a vista dos cercados do burgo comprovava os consertos realizados, a primavera tardia transformou-se em verão. Os ventos mornos do sul mantiveram-se constantes por muito tempo, todas as verduras tenras surgiram e cresceram ao mesmo tempo, e havia um tapete branco de

anêmonas entre os carvalhos nas encostas de Kinnekulle. Também se ouviu pela

primeira vez a coruja na região.

Desta vez, Arn chegou a cavalo, sozinho, avançando devagar na direção de Husaby. Era como se ele quisesse prolongar a tortura agradável da espera, agora que ele sabia que Cecília seria sua. Tinha também muita coisa em que pensar, visto que nos últimos tempos só havia cumprido missões a serviço de Knut Eriksson. Muita coisa havia acontecido, e ele não estava certo de ter entendido bem todas

as intenções de Knut. Ao voltar a Forsvik, depois da sua feliz viagem a Visingsõ, eles conseguiram velejar até o porto, tal a diferença na espessura do gelo em apenas um dia. Knut mandou logo um mensageiro para Arnäs, e Magnus Folkesson o mandaria em seguida para Joar Jedvardsson, em Eriksberg. Em primeiro lugar e antes dos demais, os amigos tinham de saber do ocorrido, visto que em breve os exércitos estariam se reunindo.

Arn se preparou para cavalgar com o rolo da mensagem e garantiu que chegaria mais rápido, mas Knut disse então que havia coisas mais importantes em que Arn poderia ajudar o seu rei e que, para Cecília, ele poderia partir logo que se tivesse feito o que deveria ser feito. Antes de mais nada, Knut, junto com Arn, tinham que atravessar o lago Vättern de novo com cavalos e escudeiros, até Bjälbo, e lá informar Birger Brosa sobre o que havia acontecido. Não havia sequer um dia a perder. Porque a falta de informações adequadas seria o mesmo que a morte, isto porque todos os amigos deviam ter tempo para se reunir antes que o inimigo atacasse. Além disso, seria conveniente que Birger Brosa ficasse sabendo do que acontecera por um deles que, não só, mas ainda por cima, fosse um dos que tivessem estado juntos, no momento em que o safado da ilha de Visingsõ foi despachado para a última viagem. O mesmo devia acontecer com o segundo homem mais importante a encontrar, o arcebispo Stephan, em Aros Oriental. Knut tinha de conquistar tanto Birger Brosa quanto o arcebispo Stephan para a sua causa, e esses dois homens se davam bem com Arn. Arn nada podia dizer contra essa argumentação.

Ao chegar a cavalo a Bjälbo, Birger Brosa os recebeu primeiramente como se fossem um grupo de jovens de visita a amigos, e adiantou, se desculpando, que no dia seguinte teria que deixá-los, pois tinha que estar presente a uma cerimônia em Linköping. Mas quando, ao serem deixados a sós, a pedido de Knut, Birger Brosa ficou sabendo do que tinha ocorrido, decidiu não mais viajar. Ninguém de Bjälbo poderia mais botar o pé em Linköping, que havia sido a cidade de Karl Sverkersson e que agora, certamente, seria a cidade de Boleslav ou Kol.

Birger Brosa ficou sentado em silêncio, pensando, sem que seu rosto

demonstrasse em que direção seus pensamentos seguiam. De repente, levantou-se e disse que havia apenas uma escolha. Agora, todos os folkeanos estavam por

trás de Knut Eriksson na sua luta para tomar de volta a coroa que havia sido de

seu pai. Era a única saída. Todos os folkeanos deviam estar unidos contra os sverkerianos e seus seguidores dinamarqueses. Todos deviam mostrar sua força e nenhuma hesitação. Assim como também deviam utilizar a vantagem em tempo e conhecimento do caso da maneira mais inteligente possível. Pelas condições do gelo no dia anterior, em que Karl Sverkersson encontrou seu fim no lago Vättern, ainda devia demorar alguns dias para que o conhecimento do caso se espalhasse a partir da ilha para o resto do país. Birger Brosa achou que era seu dever usar esse conhecimento na Götaland Oriental, mas propôs que Knut, do mesmo modo, devia agir rápido e se dirigir para Aros Oriental, conquistar o arcebispo Stephan para o seu lado e depois tentar reunir os sveas em uma assembléia junto das pedras de Mora, para decidir sobre a escolha do novo rei. Tudo isto tinha que acontecer rápido; portanto, não havia mais tempo para visitas ou descanso. E assim como Birger Brosa falou, assim se fez.

Também Knut Eriksson concordou imediatamente com o que Birger Brosa havia dito, já que ele sabia que Birger Brosa era o mais inteligente de todos em tudo o que dizia respeito à luta pelo poder. Mas quando todos se preparavam para a partida, Knut fez um pedido que pareceu muito estranho para Arn. Queria que do depósito de Bjälbo saíssem escudos folkeanos, mantos e bandeiras azuis para colocar na ponta das lanças, e ainda um grupo de escudeiros. Birger Brosa imediatamente acenou concordando, mostrando que tinha entendido exatamente a intenção de Knut Eriksson no pedido que pareceu a Arn, simultaneamente, ser pequeno demais para se perder tempo com ele e grande demais para a ocasião. Mas Arn, nos últimos tempos, tinha compreendido que homens como Knut e Birger, muitas vezes, pensavam em outros caminhos que não os seus e nos quais ele era um viajante muito

pouco experimentado.

Em Aros Oriental, o arcebispo Stephan, primeiro, recusou-se a receber Knut Eriksson, quando este, na companhia de Arn, solicitou uma audiência ao entrar nos domínios do arcebispado. Segundo rumores, o arcebispo tinha ficado muito irritado e disse qualquer coisa a respeito de esse homem vir apenas para fazer intrigas.

Todavia, quando o arcebispo Stephan soube que Knut tinha chegado na companhia de Arn Magnusson, mudou de opinião, e se dispôs a receber os dois de imediato. Assim que entraram no escritório sombrio do arcebispo, Arn logo se ajoelhou e beijou-lhe a mão enquanto Knut hesitou em fazer o mesmo. Para irritação de Knut, a conversa seguinte foi feita na linguagem da Igreja, de modo que ele se tornou o menos importante dos três, e muitas vezes caiu novamente em irritação contra Arn por palavras que não eram dele, mas sim do arcebispo. Aquilo que o arcebispo Stephan tinha a dizer para Knut Eriksson era, no entanto, bem claro e fácil de entender, embora fosse pouco agradável. A Igreja

não podia nem queria assumir uma posição nessa luta que agora estava se

aproximando. Como arcebispo, Stephan cuidava do reino de Deus e não dos desejos terrenos dos pretendentes ao trono e das suas lutas intestinas. Por isso, não ia assumir qualquer posição, nem a favor de Knut, nem a favor dos irmãos de Karl Sverkersson, nem ainda de qualquer outro pretendente que no tempo viesse a surgir do sul. Os poderes terrenos eram uns, o de Deus, outro. Knut Eriksson se conteve ao entender que nada mais tinha a ganhar nessa questão, mas pediu então que os dois, ele e Arn, recebessem a comunhão sagrada do próprio arcebispo na missa do dia seguinte. Arn achou que não havia nada de mau no pedido e deve ter influenciado o arcebispo na hora de lhe apresentar a proposta de Knut. Mesmo que o arcebispo Stephan tivesse intuído que as intenções de Knut não eram apenas as de receber a comunhão, ele teve de aceitar a proposta. Talvez tivesse entendido também que essa atitude seria uma maneira boa e amistosa de se afastar desse encontro com um homem que podia ser o próximo soberano do reino. Mesmo que a

Igreja não pudesse se meter na luta pelo poder também era verdade que a Igreja teria de estar sempre de bem com o poder do reino. Logo que, respeitosamente, eles se despediram do arcebispo, Knut demonstrou estar cheio de energia e de boa disposição, dizendo que ainda podiam ganhar muito com a visita. E ao chegar de volta, para junto dos seus homens, ainda vestidos como no início da viagem, sem as cores azuis, ele disse para eles se dispersarem pela cidade e darem origem a certos rumores. Para a missa, no dia seguinte, Knut e Arn chegaram a cavalo, à frente dos escudeiros que agora vestiam os mantos azuis e exibiam as cores azuis também na ponta das lanças. Knut e Arn, além dos seus mantos azuis, traziam as suas armas e escudos que exibiam o leão folkeano e as três coroas. Os rumores espalhados tinham atraído tanta gente para a missa que a maioria nem conseguiu lugar dentro da igreja e teve de esperar fora. Diante da escada que conduzia à igreja, Knut e Arn desceram dos seus cavalos, enquanto seus escudeiros paravam e seguravam os animais. Knut e Arn caminharam, então, para dentro da igreja e todos abriam, respeitosamente, espaço para eles. Na sala de armas, Knut retirou, como devia, a sua espada da cintura e deixou-a no lugar. Mas, ao o subir para a entrada da igreja, se surpreendeu ao ver que Arn não tinha retirado a sua e logo achou que devia avisá-lo. Mas Arn apenas sorriu para ele, numa atitude meio indecifrável e abanou a cabeça. E aquilo que aconteceu depois, em frente do arcebispo para receber a comunhão surpreendeu ainda mais Knut Eriksson, visto que lá bem na frente Arn desembainhou a sua espada, de tal maneira que se ouviu um murmúrio de medo em toda a assembléia. No momento seguinte, porém, Arn estendeu a espada para o arcebispo que a recebeu respeitosamente e a beijou e a benzeu com água benta, antes de a devolver para Arn, que fez uma vênia e

voltou a colocá-la na bainha, caindo de joelhos e segredando para Knut fazer o mesmo, imediatamente.

Todas as outras pessoas tinham se afastado para que Knut e Arn ficassem a sós de joelhos e recebessem a comunhão diante do

próprio arcebispo. Depois, eles não ficaram no lugar para o resto da missa, antes saíram lentamente, lado a lado, da igreja, logo que receberam o sagrado sacramento de Deus.

Quando chegaram à escada da igreja, já lavrava um grande alarido entre as gentes do lado de fora, visto que o rumor tinha chegado de que o arcebispo tinha abençoado a espada, embora ninguém soubesse de que espada se tratava. Entretanto, Knut já empunhava a sua espada e falava em voz bem alta que aquela espada tinham sido abençoada por Deus e que com ela ele tinha acabado com a vida do usurpador que havia assassinado o rei Erik, justamente, nesse lugar. Depois disso, ele tirou a corrente de ouro do pescoço e exibiu-a ao sol de modo que a cruz refletisse a sua luz, e disse que aquela era a relíquia roubada que ele tinha retirado do pescoço do assassino Karl Sverkersson. Disse ainda que ele, Knut, tinha grande respeito pelos sveas, tão grande quanto o seu pai, Erik, tivera. E que convocava uma assembléia para dali a cinco dias e que quem pudesse devia partir a cavalo para todos os homens de leis e chefes na Svealand e informar a respeito da assembléia. Ao terminar sua fala, levantou-se novamente um grande alarido que, primeiro, veio mais dos seus próprios escudeiros do que dos outros, mas logo em seguida de todos os presentes ali reunidos. Ninguém podia acreditar em outra coisa, porém, senão em que o arcebispo havia tomado posição em relação à questão de quem devia ser escolhido como rei sobre a Svealand. E esse foi também o rumor que a partir dali se espalhou com todos os ventos. Mais tarde, no mesmo dia, quando Knut já tinha voltado para o acampamento e mandado buscar água da fonte de Santo Erik para que ele próprio abençoasse todos que com essa intenção viessem até ele, Arn foi liberado de seus compromissos para com o rei. Knut chamou-o de lado e disse que os próximos dias seriam muito tediosos, na espera e nas conversas com um visitante após o outro. Para isso, talvez Arn, achava Knut, não tivesse a paciência necessária. Não seria muito mais agradável partir por esses caminhos, cavalgando para os braços de Cecília? Isto porque jamais Knut iria ser tão duro para com seus homens a ponto de não entender que era melhor não ficar no caminho e se interpor a tanta felicidade. Então, Arn abraçou o mais querido de seus

amigos e ambos se despediram em seguida. Arn saiu cavalgando por causa dos seus sonhos e Knut ficou, por causa dos seus poderes. Levou uma semana para Arn atingir as encostas de Husaby e, no entanto, estava viajando mais rápido do que qualquer outro homem na

Escandinávia. Tinha tido tempo, ainda, para passar por Arnäs para contar tudo

que ocorrera e para tomar banho e mudar de roupa. E agora, finalmente, estava com Husaby à vista e cavalgava tão lentamente e com as rédeas tão curtas que Chimal estava impaciente, como que dançando de um lado para o outro em vez de avançar. Entretanto, quanto mais ele se aproximava de Husaby, menos se preocupava com o que de estranho ele tinha visto na luta pelo poder.

Algot Pälsson tinha sido chamado a Arnäs para combinar o presente de casamento e chegou-se à conclusão de que era suficiente que a conversa se realizasse entre Eskil e Magnus, de um lado, e Algot, do outro, sem que Arn precisasse estar presente.

Esta proposta, para Arn, era boa demais. Primeiramente, porque ele não se importava nem um pouco a respeito de ele e Cecília serem um bom negócio, ou um mau negócio, para qualquer um dos seus pais. Em segundo lugar, porque ele queria mesmo era encontrar-se com Cecília com tudo o que de bom queria dizer para ela, sem que fossem observados pelo pai dela ou pelos seus desconfiados escudeiros.

Era como se tudo fosse bom demais para ser verdade. Em breve, ele estaria com ela. Em breve, ele estaria abraçando a sua amada e lhe dizendo que a festa de noivado poderia ser realizada já no dia de Eskil, a 12 de maio, em Husaby.

Magnus e Eskil tinham combinado o seguinte, evidentemente sem primeiro falar com Algot, que a festa de noivado seria em Husaby e a de casamento em Amas. Cecília receberia Forsvik como dote de casamento. O que seria o dote dela era coisa que o irmão Eskil e o pai Magnus iriam tentar pressionar Algot para dar. Acreditavam que seria difícil para Algot dizer não à proposta deles.

Mas isso não era sofrimento nenhum para a consciência de Arn. Mais

algumas florestas ou praias, o que era isso comparado com o maior de todos os dons que Deus tinha dado ao homem?

E embora Algot não ligasse muito para os sentimentos da sua filha, assim como o pai, Magnus, não quisesse levar a sério seu segundo filho nessa questão, a verdade é que Algot, através desse casamento, conseguia a segurança, sua e de sua família, em termos de vida e de propriedades. Até aí, Arn conseguia entender tudo, agora, tal como entendia tudo o que se relacionava com a luta pelo poder.

O que um pouco antes, da última vez que tinha se encontrado com Cecília, parecia difícil e sem saída, tinha agora se transformado em irradiante luminosidade. Tal como Gunvor e Gunnar, jamais poderiam deixar de agradecer à Virgem Maria pelo seu mais uma vez demonstrado poder e sabedoria, de que o amor é força maior.

Quando Arn se aproximava do burgo real de Husaby, foi reconhecido por escravos que trabalhavam na colheita de feno. Alguns correram logo para o burgo para anunciar a sua chegada. Por isso, houve grande correria e preocupação, e quando Arn chegou bem mais próximo todas as escravas e escravos da casa, escudeiros e outras gentes que viviam no burgo estavam na entrada, em fila dupla, que levava até a entrada da casa grande. E enquanto Arn passava entre as duas filas, escravas e escravos irrompiam em gritos de aplauso, os escudeiros bramiam suas armas umas contra as outras e fazia-se barulho com quaisquer outros instrumentos que os escravos tivessem nas mãos. Cecília veio até a ponte em frente da casa grande e avançou alguns passos como quem pensasse correr ao encontro de Arn, antes de pensar melhor e conseguir se conter, juntando as mãos e esperando, as costas em posição reta. Sua avó, Ulrika, veio logo em seguida e chegou à ponte com o semblante de quem estava pronta para repreendê-la, mas, quando viu Arn entre os escravos e os escudeiros, também se conteve e se colocou na posição de espera como sua neta.

No interior de Arn, desenrolava-se uma grande luta, enquanto ele descia do cavalo, que logo um escravo se apresentou para segurar as rédeas. Seu rosto esquentava e ele sentiu que corava, seu

coração batia descompassada e violentamente, de tal maneira que pensou até estar prestes a perder os sentidos e precisou recorrer a toda a sua força de vontade para se dirigir a Cecília conforme a etiqueta e com todo o respeito, diante de todos aqueles olhos, enquanto ela esperava controladamente que ele chegasse, com o olhar baixo, segundo a tradição para o momento.

Foi, então, que ela levantou os olhos e os dois se olharam, olhos nos olhos, por alguns momentos. Depois, quebraram-se todos os controles de cortesia, todas as etiquetas, e os dois correram ao encontro um do outro e ao entrarem em contato, o fizeram de maneira que, de forma alguma, estava prevista para quem ainda não tinha passado pela festa de noivado. Mas também ninguém se conteve. Os escravos voltaram a gritar e a bater com todos os instrumentos à mão. E o barulho era tão grande que ninguém conseguia sequer se ouvir ao falar. E isso ocorreu por um bom momento. Os escravos de Husaby sabiam já tudo o que estava acontecendo e o que estava por vir e muitos deles esperavam seguir com Cecília depois do casamento. Era já do conhecimento deles todos, entre os escravos, que aqueles que fossem com Cecília e o jovem senhor Arn teriam um tratamento melhor do que em qualquer outro lugar. O que se contava de Arn entre os escravos eram apenas as coisas boas, nada sobre espadas e arcos e flechas que, esses sim, eram os assuntos das conversas entre os homens livres, principalmente na hora de beber sua cerveja. Dizia-se que o jovem senhor Arn tratava os escravos como homens.

Cecília e Arn não queriam mais se separar, mas foram obrigados a isso,

quando a vovó Ulrika tossiu pela terceira vez. E, então, as duas mulheres e Arn entraram na casa grande para que Arn ingerisse sua bebida de boas-vindas e quebrasse um pedaço de pão. Uma vez lá dentro da casa grande, a vovó Ulrika cortou a palavra dos jovens e começou a perguntar a respeito dos dotes e onde o noivado teria lugar. Arn teve que se esforçar para responder claramente a tudo, como se isso realmente lhe interessasse muito e teve de descrever a situação de Forsvik, a quantidade de fazendas e o tamanho das

principais construções, a quantidade de escravos no burgo e outras coisas de que ele não possuía informações seguras. Só então, Ulrika começou a perguntar acerca de coisas que para Arn eram consideradas as mais importantes: como os folkeanos na Götaland Oriental tinham se comportado e se os sveas ainda estavam em assembléia. Arn pôde assegurar, tranqüilamente, que os folkeanos nas duas Götalands, Ocidental e Oriental, estavam unidos com a família eri-kiana, achando que a essa hora, certamente, Knut Eriksson já teria sido escolhido como rei na assembléia dos sveas, visto que tinha ouvido da parte de todos e de cada um quando cavalgava de Aros Oriental através da Svealand que não havia nenhuma dúvida a respeito do caso. O rei Erik Jedvardsson tinha sido um soberano muito querido na Svealand e, pelo que ele pôde entender, Karl Sverkersson nem de longe era considerado da mesma maneira. Em relação aos irmãos Kol e Bodeslav, praticamente ninguém os conhecia entre os sveas e muito menos se preocupava com eles. Era de acreditar, portanto, que a essa hora Knut Eriksson já fosse rei dos sveas e que ele viria para uma assembléia na Götaland Ocidental no verão, para ser eleito soberano também aqui. Diante dessas notícias favoráveis, a senhora Ulrika considerou-se satisfeita e achou também que ela tinha feito sofrer os dois jovens, obrigando Arn a falar de assuntos que, certamente, eram mais importantes do que seus delírios e sentimentos calorosos, assuntos estes que, igualmente, no momento, deviam merecer deles o maior interesse. Ela os surpreendeu, dizendo com convicção que o tempo estava ótimo e que não havia nenhum perigo em dar uma volta a cavalo na direção de Kinne-kulle. Depois dessas palavras, Cecília levantou-se e foi abraçar a sua avó Ulrika que, normalmente, sempre se mostrava sombria e severa.

Logo em seguida, Cecília recebeu uma égua mansa, já devidamente selada e com todos os arreios. E ela própria se apresentou logo vestida com um manto verde, bem rodado e quente, que a cobria desde o pescoço até os tornozelos. Suspendeu, então, a saia rodada do manto no seu braço e pulou rápido para se sentar na sela, antes que Arn ou qualquer dos escravos tivesse tempo de esboçar ajuda. E enquanto Arn recebia uma sacola de pele com pão e carne de porco

e copos de madeira, trazidos por uma escrava da casa, bem prestativa e atenciosa, caso a viagem se alongasse, como ela falou, sem esconder um riso maroto, Cecília deu um comando à sua égua que partiu a galope. Lá na

frente, ela virou-se para trás e gritou para Arn, para ele tentar alcançá-la, se fosse

capaz. Aí, Arn girou a cabeça para trás e riu com sonoras gargalhadas, feliz toda a vida, acarinhou Chimal amorosamente no pescoço, e fez brincadeira, dizendo que os dois, agora, tinham pela frente uma caçada que não podia terminar malsucedida. Depois, jogou o corpo para cima da sela com um único salto, o que fez com que à volta se escutasse um murmúrio de admiração, e partiu em seguida. Mas, de início, ele fez com que Chimal saísse num galope moderado, para que não alcançasse rápido demais os agitados manto verde e cabelo ruivo que estavam lá na frente, mas ainda assim apenas a algumas aceleradas de distância.

Quando já estavam longe da vista de Husaby, Arn resolveu colocar Chimal a galope de verdade, na velocidade máxima. Como se fosse o próprio vento, ele alcançou e passou por Cecília, mas logo voltou para trás, em grande velocidade, na direção dela. Desviou-se no último momento e galopou em círculos à volta dela, saboreando o seu riso aberto e luminoso que o fazia ousado e, em breve, quase convencido. Acabou ficando em pé na sela, balançando com os braços no ar e cavalgando novamente por ela, a galope, de tal maneira que Cecília, verdadeiramente espantada diante de tantas artes, teve que parar sua égua, enquanto ele, rindo ainda, virou-se na direção de Cecília, os braços pendentes, ao lado, e os olhos nela, de tal maneira que não viu o ramo de carvalho que estava entre eles e o derrubou como uma luva jogada ao chão. Pareceu uma queda horrível e ele ficou estendido no chão, sem se mexer. Fora de si, toda preocupada, Cecília susteve a égua, desceu e se jogou para Arn em desespero, acariciando o seu rosto sem vida. Foi, então, que ele abriu um dos olhos, depois o outro, e a pegou nos braços, rindo à beca, e rolando no chão com ela, sobre as madressilvas, enquanto ela fazia de conta que estava zangada por ele a ter deixado com

tanto medo. De uma vez, os dois ficaram em silêncio, se sentaram e se abraçaram forte e longamente, sem dizer nada, como se as palavras não existissem e houvesse apenas o cantar dos pássaros.

Ficaram sentados até que começaram a sentir dor no corpo, em função da posição torcida. Foi ela, primeiro, que se separou dele e se deitou ao lado na grama. Ele, depois, ficou ao seu lado, bem junto, acariciando seu rosto, lutando corajosamente contra a sua timidez. Beijou-a, então, primeiro, na testa, depois nas faces, por fim, nos lábios. Logo ela correspondeu aos seus beijos e, momentos depois, os dois tinham perdido sua primeira timidez, levada para longe pelos ventos do verão.

Acabaram chegando tarde ao burgo real de Husaby.

A NATUREZA BOA DE CECÍLIA e jogou os dois na mais profunda infelicidade. Alguém poderia obstar que Deus, Nosso Senhor, é quem, afinal,

decide tudo o que de bem ou de mal acontece, e que a felicidade ou a

infelicidade dos seres humanos os atinge sem escolher, no momento em que as parteiras, de repente, cortam o cordão umbilical de alguém. Este ponto de vista em relação aos ensinamentos de Cristo não era incomum na Götaland Ocidental, mas para os cistercienses ou para Arn essa fé era apenas um resto do antigo paganismo e quase uma profanação, visto que, dessa maneira, não significava nada a pessoa ser boa ou má, pecar ou fazer boas ações, errar ou acertar, assim como amar a Deus. Através da sua vontade livre, junto com o amor a Deus, todos os homens e todas as mulheres conduziam a sua própria vida. Tal como Arn assim amargamente explicava, a infelicidade deles tinha origem, mais do que em qualquer outra coisa, justamente na natureza boa de Cecília. Era preciso apenas compará-la por um momento com a sua irmã Katarina para, imediatamente, ver isso. Mais ainda, foi entre as duas irmãs que tudo se decidiu desde o primeiro momento. Para Katarina, a felicidade de Cecília representava a sua própria infelicidade.

Quando Cecília não mais voltasse para Gudhem, para novos estudos e novos progressos, quer nas coisas do espírito, quer nas coisas materiais, isso significava, segundo Katarina, que ela ficaria para sempre fechada como uma ratazana dentro dos odiados muros do mosteiro. Mais forte ainda ficou esse sentimento quando ela soube qual foi o dote que seu pai, Algot, teve de pagar para poder casar uma das suas filhas com um folkeano. Pensar que, depois disso, Algot iria deixar que Katarina se casasse não seria de acreditar, e ela receava, portanto, que ficaria presa no mosteiro para sempre e iria secar como uma velha solteirona entre outras solteironas. Cecília e Arn, por enquanto, ainda só tinham festejado o seu noivado e tudo dependia não deles, mas da luta pelo poder. Tinha ficado mais difícil para Knut Eriksson conseguir que os sveas o escolhessem para rei nas pedras de Mora do que se esperava. E quando, enfim, a questão se definiu, ele demorou ainda mais para concretizar suas intenções de vir para a assembléia a reunir na Götaland Ocidental, isto porque Boleslav enviou um exército atrás dele e ele teve de convencer os sveas que a primeira coisa que estes tinham que fazer pelo seu novo rei era se reunir e formar um exército para defendê-lo. Entretanto, Boleslav não pôde reunir um exército tão grande, já que achava que o tempo corria contra ele, se demorasse muito. Com componentes da sua própria família e com os dinamarqueses, ele se dirigiu contra Bjälbo e foi logo derrotado por Knut Eriksson e os seus sveas, por Birger Brosa e os folkeanos da Götaland Oriental. Com isso, estava tudo bem por enquanto, mas tudo demorou o seu tempo e o verão já estava para mais da metade. Magnus Folkesson, de Arnäs, entretanto, tinha decidido, teimoso como um touro, que haveria um rei na mesa durante a festa de casamento de Cecília e Arn e, por isso, quis esperar que Knut passasse pela assembléia na Götaland Ocidental onde não teria qualquer dificuldade em se eleger.

Em consequência disso, Arn e Cecília já poderiam ser marido e mulher diante de Deus ao viajar para Gudhem, quando, na realidade, eram apenas noivos. No entanto, em breve já se poderia ver que Cecília estava com uma criança de Arn abaixo do seu coração.

Preocupado, Arn consultou o seu irmão Eskil a respeito do caso, visto que ele era muito conhecedor das leis mundanas do país, mas Eskil logo soltou uma gargalhada e disse que a lei previa nesse caso que Arn, se o pai de Cecília, realmente, quisesse fazer um escândalo e levasse a questão para a assembléia, para se fazer justiça, teria de pagar seis marcos de prata como indenização. Eskil achava, por isso, que Algot Pålsson dificilmente iria discutir por pequenos valores. E acontecer pior do que isso não seria possível. Cecília queria encontrar-se com Katarina, por questão de amor fraternal e, se possível, para lhe dar um pouco de consolo. Para ela, não era difícil imaginar os sofrimentos de Katarina dentro dos muros do mosteiro, pois conhecia bem a sua irmã.

Mas não conhecia, como em seguida se veria. Se conhecesse, nunca teria posto os pés em Gudhem paraa consolar.

Quando as duas se encontraram nos jardins do mosteiro de Gudhem, Cecília fez todo o possível para não ficar falando o tempo todo da sua própria felicidade e, em vez disso, tentou esforçadamente consolar Katarina. Assim que o casamento se realizasse, ela iria falar com o pai e a sua palavra teria, então, mais peso, uma vez que ela estaria incorporada na família folkeana. Alguma coisa iria ser possível fazer para chamar à razão o pai, Algot, talvez uma coisa muito simples, a de apelar para a sua avareza. Sem dúvida, custava uma boa quantidade de prata e, por sua vez, uma boa quantidade de floresta de carvalhos, para manter filhas enclausuradas em mosteiros. Seria dinheiro jogado fora, ainda mais porque se tratava de uma filha que não apreciava nem um pouco esse tipo de amor paternal. Diante dessa verdade, as duas sorriram afetadamente. De novo, Cecília foi levada a falar da sua felicidade, de como de início iriam viver em Arnas durante o tempo em que seria impossível viajar por causa da neve, de como depois iriam mudar para Forsvik, no Vättern, de como iriam viajar com Eskil para encontrar os parentes noruegueses e de outras coisas mais a respeito de tudo o que Katarina considerava como a vida feliz e livre fora dos muros do mosteiro. Cecília estava tão feliz, tão encantada com a sua própria felicidade, que não via como os olhos de Katarina ficavam pequenos de ódio e de inveja. Quando Katarina,

furtivamente, lhe perguntou se ela tinha comparecido a muitos banquetes nos últimos tempos e se era isso que tinha feito a sua cintura ficar mais larga, Cecília não conseguiu esconder a sua alegria e contou para ela o segredo do que seria, certamente, um pequeno pecado, avaliado pelo preço de seis marcos de prata e por alguns Pater Noster e ave-marias, talvez um pouco de tempo com a camisa de cilício e uma semana a pão e água ou o que mais poderia ser como penitência. O certo era que ela já estava

grávida. E quando entrou por esse caminho na conversa, ela não mais podia se

conter, já que tanto receava quanto ansiava o momento de dar à luz e ser feliz. Katarina já nem sequer escutava mais aquilo que considerava conversa fiada, infantil, da sua irmã mais nova. Já estava pensando como aquele evento poderia constituir a sua própria salvação. Finalmente, ao chegar a hora da separação, Katarina abraçou carinhosamente a sua irmã e pediu a ela para se cuidar e ser muito cuidadosa também com a esperada criança e que transmitisse para Arn os seus mais calorosos votos de felicidades.

Mas assim que o portão do mosteiro se fechou atrás de Cecília, que, para raiva de Katarina, pareceu ter dado um suspiro de alívio ao sair, esta se apressou a procurar a priora, friamente decidida a mudar tudo, quanto mais depressa melhor.

Gudhem era um convento recentemente construído e montado com donativos do rei Karl Sverkersson que também doou o terreno para a construção do convento Vreta, para freiras, na Götaland Oriental. O que a família erikiana achava de um convento que tinha Karl Sverkersson como benemérito, na verdade, ninguém sabia ao certo. Mas a priora de Gudhem, a madre Rikissa, que pertencia à família sverkeriana e era parente próxima do assassinado, rei Karl, já tinha demonstrado a sua profunda preocupação. Gudhem talvez tivesse que mudar ou suspender as suas atividades. Se Knut Eriksson fosse aclamado rei, como todos acreditavam, não iria valer muito a pena pertencer à família sverkeriana na Götaland Ocidental, nem ficar dentro de um convento com origens sverkerianas. Era do conhecimento de todos como Erik Jedvardsson, no seu tempo, tinha

estendido suas mãos sôfregas sobre Varnhem.

A madre Rikissa era uma mulher muito dura, sempre mal-humorada, alguns a chamavam de “madre irritada” e, de tempos em tempos, não era fácil nos contatos com as jovens noviças. Mas, como parente chegada do próprio soberano, ela detinha um bom conhecimento no que dizia respeito aos poderes terrenos.

Quando Katarina veio se confessar e, inesperadamente, disse ter cometido um antigo pecado que ocultou nas suas confissões anteriores, o de ter tido relações carnis com o jovem Arn Magnusson, ela devia ter sido muito severa contra Katarina por haver guardado esse segredo por longo tempo. Mas como Katarina explicou, com um olhar submisso, cabeça baixa, fazendo menção de enxugar uma lágrima, seu pecado tinha se tornado ainda pior, já que esse tal de Arn não apenas a tinha seduzido, prometendo casar com ela, como também seduziu sua, irmã, Cecília, que agora estava grávida. A madre Rikissa viu imediatamente a grande oportunidade que se abria. Katarina, certamente, também havia visto o mesmo, já que logo salientou que o

sedutor era muito amigo de Knut Eriksson e que, certamente, muita coisa

portanto iria mudar para o inimigo, se Arn Magnusson fosse excomungado. Madre Rikissa pensou, ao ouvir essas palavras, que Katarina e ela própria eram farinha do mesmo saco, pelo menos ao imaginar a mesma coisa nesta grande questão. Por isso, contentou-se em lhe aplicar uma penitência muito suave pelas falhas em suas confissões e pela tardia confissão final, mandando-a embora para uma semana de recolhimento na solidão, no silêncio, a pão e água, mais a lista habitual de orações. Katarina se humilhou e beijou a mão de madre Rikissa, reconhecida, agradecendo depois em voz alta para a Virgem Maria pela brandura com que fora tratada e saiu com um pequeno sorriso de satisfação que o olho rápido da madre Rikissa não deixou de perceber. Mas, em seguida, a madre Rikissa disparou, andando com passos decididos, batendo os calcanhares no chão, com aquele som que as noviças de Gudhem tanto receavam, em direção ao *scriptorium* para resolver aquilo que precisava ser

resolvido o mais depressa possível. Escreveu para Boleslav, dizendo para ele se dirigir ao arcebispo de Aros Oriental, contando o descrito, e escreveu para o bispo Bengt, em Skara, para que o mais breve possível processasse a excomunhão antes que o crime fosse, pior ainda, abençoado por algum dos servidores do Senhor na corporação através da oficialização do casamento entre os dois pecadores. Ela tinha esperança de conseguir o bispo Bengt para o seu lado, por saber que ele partilhava de suas preocupações, achando que o tempo das liberalidades para com a Igreja e seus melhores servidores estava para terminar. E também porque o bispo Bengt devia favores à família sverkeriana. Katarina e a madre Rikissa, em breve, receberam aquilo que desejavam, ainda que seus desejos tivessem motivos diferentes. Duas semanas mais tarde, o bispo Bengt, durante uma missa na catedral de Skara, anunciou que Cecília Algotsdotter e Arn Magnusson estavam excomungados. Nenhum servidor da Igreja em toda a Götaland Ocidental poderia dali em diante se ocupar de assuntos relacionados com qualquer dos dois, no que se referia à comunidade cristã. O único santuário à sua disposição eram os mosteiros. Pela segunda vez, Arn e Cecília viajaram juntos para o mosteiro de Gudhem, mas, desta vez, era uma viagem lamentável. Magnus mandou que uma guarda de escudeiros os acompanhasse e que todos os escudeiros portassem as cores e as bandeiras da casa folkeana, como foram especificamente instruídos para fazer. Magnus não queria que seu filho cavalgasse com vergonha e despercebidamente para a penitência e o exílio. Eles não tinham muito a dizer um para o outro, já que tudo havia sido dito entre eles muitas vezes. Cecília tinha tido dificuldades em perdoar Arn por muito que este explicasse ter estado completamente bêbe-do de cerveja quando Katarina viera até ele. Nem conseguia saber o que estava acontecendo. Mas, sendo assim, ele podia muito bem tê-la avisado, para que ela, na sua ignorância,

não fosse arrastada para um pecado que poderia ter sido evitado caso ele não houvesse escondido o fato. Contra isso, Arn tentou fracamente se

defender, dizendo que, em parte, ele não achara fácil contar para quem ele amava mais do que ninguém no mundo que tinha pecado com a irmã dela e, em parte, porque não conhecia a lei que considerava isso como ato abominável. Neste último caso, Cecília acreditava nele, apesar de achar que justo ele, entre todos, não soubesse da lei cristã. Quando já tinham repetido esta discussão muitas vezes, começaram então a pensar no caminho a seguir. Tal como Arn entendia a situação, o caso podia demorar bastante antes de o pecado ser penitenciado e rebaixado em Roma, talvez um ano. Mas ela via o futuro muito mais negro do que isso.

Ao se separar dela diante dos muros de Gudhem, Arn jurou perante Deus que voltaria um dia para vir buscá-la. Ele jurou pela sua espada para a convencer ainda mais desse juramento, o que ela achou apenas ser uma infantilidade. Mas ele repetiu e insistiu para que ela acreditasse nele, que nunca vacilasse e deixasse de acreditar nisso. Enquanto respirasse, ele sempre iria pensar no momento em que os dois iriam se reunir novamente e pediu a ela para jamais fazer os três juramentos de praxe como noviça, visto que tais juramentos não podiam ser revertidos. Era melhor viver como noviça, embora as noviças, tal como os noviços, vivessem pior nos conventos do que aquelas e aqueles que fizessem os votos definitivos de praxe. Ela acenou afirmativamente com a cabeça, em silêncio, escapou dos seus braços e correu para o portão do convento, onde a madre Rikissa já a esperava, severa e cheia de desprezo. “No momento em que o portão de carvalho rodou nas suas ferragens e se fechou nas costas de Cecília, Arn sentiu uma tristeza tão grande que quase perdeu o fôlego. Caiu de joelhos e rezou, rezou por muito tempo. Em silêncio e com toda a paciência, os escudeiros esperavam, um pouco afastados, mas também afetados, cheios de pena de Arn, da família folkeana, e revoltados por toda a alegria que lhes fora roubada, a eles próprios e à família erikiana, a parentes e amigos. Sentiam ódio da família sverkeriana que, como todos sabiam, estava por trás de tudo o que acontecia.

Arn cavalgou apenas por algum tempo junto com os seus homens de Arnäs. Depois, fez uma parada e mudou de vestimentas, trocando as vestes de armas da família folkeana pela simples roupa

cinzenta de linhagem, debruada de vermelho, que fora a primeira roupa mundana que ele vestira quando, menos de um ano atrás, havia saído do mosteiro de Varnhem. Na época, a idéia era a de que ele viesse aprender alguma coisa do chamado baixo mundo. Ele aprendeu muito nesse ano que passara, mas, nesse momento, achava que a maior parte do que havia aprendido era só maldade. Arn decidiu contra a vontade de todos que viajaria sozinho para Varnhem, cavalgando pelas praias orientais do lago Hornborgasjön e pelas florestas de Billingen. Todos o desaconselharam a fazer isso, visto que a época

era de agitação e ninguém podia ter certeza do que o esperava na sombra das

florestas. Arn respondeu, então, dizendo que não tinha a intenção de abandonar a sua espada e que Deus devia proteger aqueles salteadores ou quaisquer outros da ralé que se atrevessem a atacá-lo, no estado de espírito em que se encontrava. Em seguida, jogou-se para cima de Chimal e disparou sem mais palavras. Todos os escudeiros da sua comitiva sabiam que nenhum deles poderia seguir aquele garanhão do jeito que ele avançava. Por isso, nada podiam fazer, a não ser iniciar a triste volta para Arnäs sem a companhia daquele cuja vida eles juraram defender com a sua própria vida, caso necessário. Arn cavalgou durante muito tempo por cima de galhos, folhas e formigas onde ninguém vivia e a marcha difícil fez com que ele se atrasasse e chegasse às encostas de Billingen quando já estava escurecendo. Sabia que bastava apenas continuar para o norte e encontraria logo as terras de Varnhem onde, eventualmente, ele reconheceria o caminho ou poderia perguntar a alguém. Mas era moroso e difícil cavalgar na montanha de noite; o céu estava fechado, cheio de nuvens, e não havia nem estrelas, nem lua, que pudessem iluminar o seu caminho. Continuou por mais algum tempo, enquanto podia ver para onde dirigia Chimal, mas logo teve de parar e se preparar para passar a noite. Iria sentir frio, visto que não tinha nenhum manto de pele de cordeiro e apenas uma manta fina, mas aceitou essa provação como um pequeno começo da expiação e da penitência que ele esperava ter de cumprir.

Queria sofrer muito, desde que isso encurtasse o tempo de punição para que, com a ajuda de Deus, pudesse cumprir o seu sagrado juramento de ir buscar Cecília no convento de Gudhem. No crepúsculo, encontrou uma pequena cabana em que brilhava a chama de uma pequena fogueira e, ao lado, existia um estábulo meio decadente onde uma vaca mugia, perturbada pela sua aproximação. Achava que ali viviam, certamente, escravos liberados ou fugidos, mas ele preferia dormir na cabana deles do que ao frio, na floresta, a céu aberto. Sem nada recear, entrou na cabana para pedir abrigo para a noite. Já não tinha medo de nada que até pudesse ser pior do que já lhe tinha acontecido e estava com prata para pagar, o que pudesse ser considerado como honestidade cristã, em vez de se impor pela espada e conquistar a moradia de que precisava. No entanto, ficou um pouco amedrontado diante da velhinha enrugada, sentada perto do fogo, remexendo numa panela. A sua voz era como um grasnado, ao lhe dar as boas-vindas, como seria de praxe, e em vez de com respeito, ela o saudou, antes, com desprezo e palavras que ele não entendia bem. Que aqueles como ele deviam ter medo da escuridão e aqueles como ela já estavam habituados com a escuridão.

Arn respondeu com palavras tranquilizantes e explicou que apenas queria abrigo para a noite, que poderia machucar seu cavalo se continuasse a subir a montanha na escuridão, e acrescentou que estava disposto a pagar pelo serviço prestado. Como ela não replicou, ele saiu e tirou a sela de Chimal para o colocar

no estábulo, ao lado da vaca muito magra e sozinha que lá estava. Ao voltar para

a cabana, ele retirou a espada da cintura e jogou-a num catre, em sinal de que era ali que ele pensava que ia dormir. Jogou um pequeno pedaço de madeira no fogo e sentou-se para aquecer as mãos.

Desconfiada, a velhinha cerrou os olhos na direção de Arn por um longo momento, antes de, finalmente, perguntar se ele tinha direito a portar espada ou se ele portava espada de qualquer jeito. Arn respondeu, dizendo que a esse respeito havia várias interpretações,

mas que ela não tinha nada a recear da sua espada. Para a tranquilizar, puxou pela pequena bolsa de pele que Eskil lhe dera na despedida e pegou duas moedas de prata que colocou junto do fogo para que brilhassem. Ela pegou imediatamente as moedas e levou-as à boca para trincar e provar se eram verdadeiras. Arn achou isso incompreensível, por não entender como alguém podia duvidar da sua palavra ou das suas boas intenções. Entretanto, ela pareceu ficar satisfeita com o que os seus poucos dentes lhe disseram e perguntou, então, se ele, como todos os outros, tinha vindo para saber o que o futuro lhe reservava na vida. Arn respondeu que tudo o que esperava estava nas mãos de Deus e sobre isso ninguém mais podia profetizar. Ao escutar isso, ela soltou uma gargalhada tão alto que deixou à mostra uma boca com apenas metade dos dentes, e com os caninos enegrecidos. Então, remexeu novamente a sua mistela em silêncio e perguntou se ele gostaria de um pouco de sopa. Arn disse que não e diria não, também, se se tratasse de um banquete real. Estava já disposto a viver a pão e água. — No que você vai encontrar na vida, eu vejo três coisas, rapaz — disse ela, de repente, como se o que ela acreditava ver se impusesse, apesar do pouco interesse de Arn. — Vejo dois escudos, quer saber o que eu vejo? — continuou ela, fechando os olhos para ter uma imagem melhor dos seus pensamentos. A curiosidade de Arn já tinha sido acesa e isso talvez ela também tivesse visto por trás dos seus olhos fechados.

— Que escudos a senhora vê? — perguntou ele, certo de que agora ela iria dizer qualquer coisa sem sentido.

— Um escudo tem três coroas douradas contra o céu, e o outro, um leão — disse ela, num tom de voz cantante e com os olhos ainda cerrados. Arn ficou mudo de espanto. Não podia entender como uma velha como ela, vivendo sozinha no meio de terras virgens, pudesse ter a mínima idéia de tais detalhes. E muito menos pudesse saber quem ele era ou pudesse adivinhar o que quer que fosse pelo seu vestuário. Ele se lembrava de uma história qualquer a que tinha dado pouca importância em que Knut falara de seu pai, Erik Jedvardsson, ter tido uma profecia a respeito dessas três coroas durante uma cruzada. Mas isso tinha acontecido longe dali, no outro

lado do mar Báltico. — E qual é a terceira coisa que a senhora vê? — perguntou ele, timidamente.

— Vejo uma cruz e escuto palavras na cruz. E as palavras que escuto são

“com este sinal, vencerás” — continuou ela, na sua voz cantante, sem mudar a expressão do rosto ou abrir os olhos.

Arn achou primeiro que ela devia ser mais esperta do que ele pensava e devia ter lido a inscrição latina gravada na sua espada. — A senhora quer dizer “in hoc signo vinces” — disse ele, testando-a. Mas ela apenas abanou a cabeça, como se aquelas palavras em latim não significassem nada para ela.

— Vê alguma mulher no que me espera no futuro? — perguntou ele, com um certo receio que transpareceu na sua voz. — Você vai ter a sua mulher! — gritou ela, com voz aguda e abrindo os olhos, o seu olhar selvaticamente firme e fixo nele. — Mas nada vai acontecer como você espera, nada!

Ela riu para ele, meio rouca, quase grasnando, e era como se tivesse perdido o senso, não podendo ele esperar dela nenhuma palavra mais que fizesse sentido. Logo em seguida, Arn desistiu e se deitou no lugar onde tinha jogado a espada. Enrolou-se na sua manta e virou-se para a parede, fechando os olhos, mas adormecer não conseguia. Ficou virando e revirando na mente durante um tempo aquilo que a velha tinha dito e achando que seria tão verdadeiro quanto simples. Que ela pudesse ver a família folkeana e a família erikiana na sua pessoa era impressionante, isso ele tinha que reconhecer. Mas, de resto, não tinha dito nada que ele já não soubesse. Que ele ia receber Cecília de volta era um consolo, mas era também o que ele esperava acontecer. Mas que nada iria acontecer como ele previa, isso ia contra tudo. Finalmente, acabou adormecendo.

Quando acordou ao amanhecer, a velha tinha desaparecido, mas Chimal estava onde fora deixado, no pequeno estábulo, e relinchou para ele, dando as boas-vindas, como se nada tivesse acontecido. Já passava do meio-dia quando ele entrou pelo portão do mosteiro de Varnhem e todos os aromas conhecidos dos jardins e da cozinha do

irmão Rugiero o assaltaram de novo. Sua chegada era esperada, mas levantou uma certa expectativa. Dois irmãos vieram correndo para ele, um deles pegou Chimal e o levou. O outro acompanhou Arn em silêncio até o lavatório, apontando para as suas roupas. Como Arn não entendeu, o irmão disse direto que, como excomungado, ninguém podia falar com ele, sem que pelo menos se limpasse um pouco e depois de receber as vestes de noviço. Arn se lavou durante bastante tempo e, com todo o cuidado, cortou o cabelo longo sob orações que acompanhavam o ritual. Na sua capa de noviço de que ele se lembrava bem, seguiu então para se encontrar com o padre Henri lá fora, no lugar favorito deste, no claustro. O padre Henri olhou para ele com muita severidade, mas também com algum amor. Aí suspirou profundamente e puxou por sua estola, fazendo sinal para Arn se preparar para a confissão. Arn

se ajoelhou e rezou uma prece para São Bernardo, pedindo que lhe desse forças

e sinceridade para confessar-se e dizer tudo o que não era tão fácil de admitir. O rei Knut Eriksson chegou com a sua corte e Birger Brosa a Arnäs e eram muitos os homens que tinham que ter a paciência de esperar para serem acomodados. No entanto, todos eram esperados e chegou da vila mais próxima o aviso de que estavam famintos e muito cansados e que deviam ser muito bem recebidos.

Birger Brosa estava impaciente e queria uma reunião o mais rápido possível, antes da cerveja de boas-vindas e de ficarem sentados de barrigas distendidas e pensamentos entorpecidos, quando era necessário discutir assuntos da maior importância. Mesmo com a presença do rei Knut, tudo acabou acontecendo como Birger Brosa queria, e aqueles que tinham a ver com os assuntos em discussão reuniram-se na casa grande com apenas um pouco de cerveja no estômago.

Primeiro, fez-se uma prece pedindo a bênção do Senhor para a reunião e para que as discussões fossem proveitosas. Desnecessário e quase uma burrice dizer que a falta de Arn correu como uma labareda por toda a sala. Mas a questão de Arn era apenas uma das

que tinham de ser discutidas e sobre as quais teria de haver concordância geral.

Birger Brosa foi o primeiro a usar da palavra no início da reunião quando todos se acomodaram. E ele insistiu que a primeira questão a resolver era a realização da assembléia na Götaland Ocidental, já que muita coisa dependia do fato de Knut receber, quanto mais rápido melhor, a sua segunda coroa. Ninguém foi contra.

Depois, todos se dedicaram um bom tempo à discussão sobre a melhor maneira de mandar as convocações e como a informação sobre a assembléia devia ser difundida. Como nada do que se dissesse sobre este assunto fosse algo de novo ou desconhecido de todos, esta questão também morreu rápido. A questão seguinte, segundo Birger Brosa, devia ser a de ver como Knut devia agir da melhor maneira para quando, eleito soberano, interrompesse a vergonha que tinha atingido a família folkeana com a excomunhão de um dos seus membros. Neste caso, era o próprio Knut que devia falar. Knut Eriksson começou garantindo que Arn, como todos sabiam, era o seu amigo mais querido, e que Arn lhe tinha prestado grandes serviços que deviam ser recompensados, além de que tudo o que os erikianos e os folkeanos pudessem fazer pelos outros vinha em primeiro lugar e antes de mais nada. Depois disto tudo dito e de muito mais, dentro do mesmo ponto de vista, ele, finalmente, entrou no assunto em questão. Do modo como ele entendia a coisa, qualquer arcebispo podia, sem dificuldades, levantar a excomunhão dada pelo bispo Bengt, de Skara. No entanto, o problema era que o arcebispo tinha viajado e ninguém sabia para onde. De qualquer forma, não estava em Linköping, o que seria mau se ele

estivesse entre os afetos sverkerianos, mas ele também si não estava na

Svealand. Isso os afetos de Knut não deixariam de notar. Um arcebispo não se esconde assim tão facilmente.

O problema era que esses homens de Deus às vezes eram muito insensíveis. Por isso, mesmo que se conseguisse encontrar o arcebispo desaparecido, não seria fácil prever como ele se colocaria se o seu rei exigisse uma decisão a respeito de um assunto que a

Igreja pretendia que fosse só seu a decidir. Os padres, a gente podia ameaçar, claro. Esse povo da Igreja era muito ganancioso e muito cioso de suas terras, querendo sempre receber novas doações, o que por vezes os tornava mais suscetíveis a acordos nas negociações. Seria impossível, no entanto, dizer mais qualquer coisa a respeito do caso, antes de se realizarem as duas assembléias. Knut entendia que, primeiro, ele tinha que ser eleito rei na Götaland Ocidental, tal como o seu querido parente e inteligente conselheiro, Birger Brosa, havia dito. Dali em diante, ele poderia negociar com o arcebispo com maior amparo. Além disso, era preciso que o prelado saísse do seu esconderijo, antes de se saber ao menos qualquer coisa a respeito de como ele se colocava diante da questão.

Magnus concordou com a exposição sobre o assunto, lamentou a situação, mas achou que não se podia ir muito mais longe. Portanto, queria prosseguir com o assunto seguinte que era mais importante. Com o andamento dos processos na Igreja e atendendo que o assunto teria que ser levado para decidir em Roma, tudo estava muito incerto para as gentes cristãs normais. A única coisa que se sabia era que ia levar muito tempo para resolver a questão. Era preciso, entretanto, pensar na criança que ia nascer de Cecília e Arn. Segundo as mulheres, Cecília devia dar à luz a criança mais ou menos em meados do inverno. Que essa velha ovelha ranhosa do convento de Gudhem iria querer que a criança fosse despachada o mais cedo possível, ninguém tinha dúvidas, por muito que considerasse isso uma atitude indevida. Que fazer, então?

Primeiro, Knut Eriksson declarou que tão logo fosse eleito rei na Götaland Ocidental, ele iria, não sem certo prazer, ter uma contenda com a velha sverkeriana de Gudhem. Certamente, ela iria entender que não estava mais num barco seguro, o que deveria torná-la menos dura nas negociações. Birger Brosa discordou dessa idéia e achou que, primeiro, Knut devia pensar bem antes de chamar sobre si a irritação da Igreja, como seu pai havia feito. Seria melhor ir pelo outro caminho, com panos quentes em vez de ameaças. Segundo, nenhuma criança nascida em cama impura podia ser mantida no convento. Seria, no entanto, pedir demais e ninguém teria vantagem em deixar que houvesse rumores malignos como consequência

dessa expulsão. Com isso, a questão era muito simples: quem deveria tomar conta do filho de Arn Magnusson? E, além disso, devia um filho bastardo tornar-se um filho legítimo quando de um casamento posterior?

Eskil disse ter resposta para essas duas perguntas. Não era uma boa idéia

deixar que esse filho de Cecília e Arn fosse parar em casa de Algot Pälsson. Aliás, Eskil não sabia se seria um filho ou uma filha. E muito menos sabia como é que todos podiam estar tão certos de que seria um filho. De qualquer forma, dizia-se já que Algot havia murmurado que em vez de um genro iria ter em casa um bastardinho. Essas palavras não denotavam uma sensibilidade normal. Portanto, a criança devia ficar na família folkeana. Em relação à segunda questão, se filhos bastardos podiam se tornar legítimos, a resposta era muito simples. Caso se conseguisse levantar a excomunhão e em seguida realizar o casamento entre Arn e Cecília, tudo estaria bem resolvido de novo.

Birger Brosa disse, depois, pensativo, que como ele tinha crianças em casa bem pequenas e para elas e as duas amas, parecia a ele que seria melhor o garoto ir para Bjälbo. Ninguém se manifestou contra. A última questão que eles tinham a discutir era menos importante, mas também uma pedra no sapato. Algot Pälsson não apenas tinha resmungado a respeito do bastardinho, mas também reclamado em alto e bom som e amargamente que um filho de Arnäs tivesse mudado tanto um bom negócio que agora se podia dizer que o mesmo tinha ido por água abaixo. Evidentemente, Algot não representava nenhum perigo e devia ter cuidado ao levantar sua espada contra os folkeanos. Mas, entretanto, constituía uma preocupação e cairia mal se ele continuasse a resmungar por aí. Magnus respondeu com alguma tristeza que essa era uma questão que dependia apenas da correspondência mandada a Roma e todo o resto a isso ligado, o que demoraria bastante tempo. Se demorasse pouco, tudo seria colocado nos seus devidos lugares como havia sido pensado desde o início e com isso seria obtida a paz. Mas se a questão demorasse vários anos, como se escutou falar que

aconteceria, então o problema piorava. Nesse caso, dizia ainda Magnus, teria que ser considerada a hipótese de realizar o negócio como pensado, mas com Katarina e Eskil como figurantes. Aliás, Katarina tinha acabado de ser liberada do seu convento, em Gudhem. Este pensamento não era difícil de entender, mas afetou o ambiente à volta da mesa. Todos sabiam que fora Katarina a origem de todo o problema que fazia sofrer não apenas Cecília e Arn, mas toda a família folkeana. Era uma dor muito grande, suspirava Eskil, ter que pagar a Katarina tão alto por seu ato de malvadez.

Birger Brosa disse, então, que apesar de tudo era uma idéia inteligente, e que o jovem Eskil devia entender que se tratava apenas de um negócio e não de sentimentos. Portanto, caso Arn não fosse liberado, Eskil devia se preparar para casar com uma mulher para quem talvez ninguém em seu perfeito juízo pudesse sequer virar as costas, pelo receio de receber um punhal nelas.

E assim aconteceu. Ali, naquela mesa, os negócios e a luta pelo poder —

e não o amor — eram os objetivos mais importantes. Padre Henri não fez o mínimo gesto de dar a Arn a absolvição dos pecadores ao escutar a sua confissão. Arn também não esperava isso, porque, primeiro, ele estava excomungado e nem mesmo um prior como o padre Henri poderia levantar a excomunhão. Em resumo, o padre Henri explicou o significado do pecado de Arn e mandou, depois, que ele fosse para uma cela, para repensar seu ato, a pão e água e todo o resto que se poderia esperar. Durante o tempo em que esteve fora, no chamado baixo mundo, Arn conseguiu praticar três grandes pecados. Primeiro, ele tinha matado dois camponeses bêbedos. Segundo, ele próprio bêbedo, teve relações carnais com Katarina e, terceiro, teve relações carnais com Cecília. Desses três pecados, os dois primeiros poderiam ser perdoados, de uma maneira tão simples e fácil que até Arn se surpreendeu. Mas o terceiro pecado, praticado ao ter relações carnais também com Cecília, a mulher que ele amava e com quem desejava viver como marido e mulher para sempre, foi um pecado tão grave que ele acabou sendo excomungado, arrastando Cecília para a mesma penalidade. Não era fácil de

entender. Matar dois homens não valia nada. Ter relações com uma mulher que Arn não amava nem um pouco nada valia. Mas fazer o mesmo com uma mulher a quem ele amava acima de tudo no mundo, tal como o amor estava descrito nas Sagradas Escrituras, esse era o pior dos pecados.

Dos arquivos de Varnhem, foram mandados para ele os textos da lei e nesses textos estava tudo escrito, clara e implacavelmente. Nesses arquivos, existiam apenas, evidentemente, aqueles casos em que a Igreja tinha conseguido fazer passar. Todo o resto, os crimes por duelos, por difamação e multas a donos de hortas por terem matado escravos uns dos outros ou roubado gado uns dos outros, nada disso tinha interesse para a Igreja. Mas a lei que Arn havia infringido era, portanto, uma coisa pela qual a Igreja tinha lutado e, no final, tinha feito passar. No texto do código de casamento, no oitavo grupo, estava escrito:

Se alguém se deita com sua filha, esse processo terá de ser mandado por escrito para Roma. Se pai e filho tiverem a mesma mulher, se dois irmãos tiverem a mesma mulher, se os filhos de dois irmãos tiverem a mesma mulher, se mãe e filha tiverem o mesmo homem, se duas irmãs tiverem o mesmo homem, se as filhas de duas irmãs ou de dois irmãos tiverem o mesmo homem, isso são atos abomináveis.

Assim estava escrito. Em latim, e em letras bem bonitas. Já a tradução em língua comum estava escrita, a seguir, com letras apenas cursivas. Arn não teve a menor dificuldade para reconhecer a proibição. Soube imediatamente de que parte das Sagradas Escrituras o texto tinha sido copiado.

Mas existiam nas Sagradas Escrituras proibições das espécies mais loucas

e estranhas e tudo o que Arn achou que podia ser interpretado de maneira diferente caiu por terra. Que era abominável algum pai se deitar com a filha era fácil de entender. Mas que isso fosse o mesmo que uma vez, completamente bêbedo, ter se deitado com Katarina e, depois, num ato de amor, ter feito algo, não apenas com os órgãos do corpo, mas também com todos os sentimentos e que isso,

feito com Cecília, fosse ainda a mesma coisa, era impossível compreender.

Arn ficou ruminando para a frente e para trás sobre as leis de Deus para não chegar a lugar nenhum. Por muito que testasse os seus conhecimentos teológicos das regras contidas no Antigo Testamento, onde encontrou essa proibição, que, certamente, ele infringiu, causava estranheza haver também outras proibições de igual nível como usar roupas de outras cores durante o mês de luto ou cortar o cabelo de certa forma. Todas essas proibições estavam também inscritas nas leis da Götaland Ocidental. Ele se lembrava bem do respeito que seus parentes e amigos sentiram quando Karle, o homem de leis, declamou o que estava escrito na lei, em Axevalla. Havia tão pouco espaço para interpretação que seu próprio pai se preparou para morrer segundo as palavras ditas e citadas. Quer dizer, segundo a lei, ele, Arn, tinha cometido um crime equivalente ao abominável crime de um pai dormir com a sua filha. No entanto, era a sagrada Igreja de Deus que tinha de julgar. E entre os homens de Deus existiam pensamentos e pontos de vista por trás de um crime, diferentes daqueles que valiam para os homens da Götaland Ocidental. Por muito que virasse e revirasse o problema, ele acabava sempre por chegar à conclusão de que era ao padre Henri que cabia decidir. Embora estivesse claro que não seria julgado por nenhuma assembleia, ele torceu o nariz diante do pensamento de como seria fácil se defender com a espada ou com um sem-número de escudeiros de honra, folkeanos. Arn seria julgado pela sagrada Igreja de Deus e, então, existiria pelo menos bom senso e a possibilidade de comparar o bem contra o mal. E assim ele balançava entre a esperança e o desespero. Sua esperança tornou-se ainda maior quando um irmão veio buscá-lo para se encontrar com o arcebispo Stephan. Arn não tinha a menor idéia de que o arcebispo se encontrava em Varnhem e, primeiro, acreditou que isso talvez tivesse a ver com o seu caso, visto que o arcebispo uma vez tinha dito para ele que teria sempre um amigo no mundo superior que estaria sempre a seu lado, e esse amigo era nada mais, nada menos, do que o próprio arcebispo. Cheio de novas esperanças, Arn se apressou quanto pôde para chegar ao claustro o mais rápido

possível, onde encontrou no lugar de sempre o padre Henri e, para sua alegria, também o arcebispo Stephan. Ele se ajoelhou

imediatamente e beijou a mão de Stephan e não se sentou, antes de o lugar lhe ser oferecido.

Todavia, aquilo que Arn viu nos olhos do arcebispo, quando este o observou por momentos em silêncio, não foi compreensão. Arn sentiu nesse olhar como sua esperança mais calorosa novamente esfriava com rapidez. — Não foi pouco aquilo que você fez no pouco tempo que esteve fora, no baixo mundo — começou o arcebispo, finalmente. Ele pareceu muito severo no tom de voz, e o padre Henri, ao lado, não olhava para Arn, antes parecia observar apenas as suas próprias sandálias. — Você sabe muito bem — continuou o arcebispo, no mesmo tom de severidade — que o poder da Igreja não deve se misturar com o poder mundano. E, no entanto, foi isso que você fez e não foi coisa pouca o vexame então que me fez passar. Você fez isso com os olhos bem abertos e até mesmo com um certo prazer.

O arcebispo ficou em silêncio, a fim de ver se Arn se desculpava e se explicava. Mas Arn, que estava todo preparado para tratar dos seus pecados carnis, ficou totalmente perplexo. Não entendeu nada do que o arcebispo havia falado e disse isso, pedindo desculpas pela sua estupidez. O arcebispo suspirou, então, profundamente, mas Arn percebeu um pequeno sorriso em Sua Reverência como se ele, afinal, acreditasse na estupidez de Arn. — Você não pode ter uma memória tão curta a ponto de ter esquecido que nos vimos não faz muito tempo em Aros Oriental, certo? — perguntou o arcebispo com uma voz que era a um tempo suave e severa. — Não, Sua Reverência, mas não entendo como é que eu poderia ter pecado nessa altura — respondeu Arn, hesitante. — É muito estranho isso! — exclamou o arcebispo. — Você chega carregando em sua companhia um desses candidatos a rei como esta parte do mundo está cheia, infelizmente. Colabora no pedido de que eu fosse correndo e quase coroasse o homem na hora. E quando eu recusei esse pedido, por motivos que você, certamente, conhecia por

antecipação, que faz você então? De uma maneira geral, me engana e me deixa de traseiro exposto, é isso que você faz. E como você é um dos nossos e assim continuará sendo para sempre, tanto o padre Henri como eu nos perguntamos por muito tempo e com toda a sinceridade em que é que você pensava quando fez o que fez. — Eu não pensei muito no caso — respondeu Arn, tentando ganhar tempo, porque só agora começava a lembrar-se do que se tratava. — Como Sua Reverência disse e é verdade, eu sabia muito bem que a Igreja não podia de forma alguma dizer que oferecia o seu apoio a Knut Eriksson. Mas achei que não haveria nenhum mal ao mundo se Sua Reverência fosse o próprio a dizer isso para o meu amigo. E foi isso que aconteceu.

— E, depois, o que é que vocês pensaram após a realização do espetáculo que fez aquela multidão de idiotas acreditar que eu apoiava e iria coroar aquele canalha?

— Eu não entendi muito bem aquilo — respondeu Arn, envergonhado. — Não havíamos conversado sobre o que iria acontecer se Sua Reverência se recusasse a aceitar os desejos de Knut Eriksson, que acreditava ter chegado com um pedido muito simples. Não consegui que ele entendesse que não era bem assim, isto porque já se sentia como um rei. E, então, pensei que Sua Reverência iria explicar tudo, como aconteceu.

— Sim, sim, sim — silvava o arcebispo e agitava impacientemente as mãos. — Isso você já disse. — Mas agora quero saber o que aconteceu depois que eu coloquei aquele canalha no seu devido lugar! — Aí, ele me pediu para perguntar a Sua Reverência se nós dois podíamos ser honrados e receber a comunhão, durante a missa do dia seguinte, das suas mãos. Achei que nada havia de anticristão nesse desejo. Mas eu não sabia que...

— Quer dizer que os dois não haviam falado antes a respeito do assunto. Você não sabia nada do que viria a acontecer? — interrompeu o arcebispo, severamente.

— Não, Sua Reverência, eu nada sabia — respondeu Arn, ainda envergonhado. — O meu amigo não acreditava em outra coisa que na aceitação imediata do seu primeiro pedido. Dessa história de

comunhão, nós não havíamos falado antes, de jeito nenhum. Os dois anciãos olharam intensamente para Arn, que não desviou o olhar ou revelou a menor hesitação, visto que o que ele disse era a absoluta verdade, como se ainda continuasse sob as regras da confissão. O padre Henri tossiu levemente e olhou para o arcebispo, que encarou o seu olhar e acenou com a cabeça, concordando. Eles haviam chegado a conclusões discutidas por antecipação, isso Arn podia entender. Mas de que se tratava, disse Arn nada sabia.

— Sim, sim, meu jovem amigo, às vezes você é mais do que toleravelmente infantil. Isso a gente tem que reconhecer — disse o arcebispo, com um novo tom de voz muito mais tolerante. — Você levou a sua espada e a estendeu a mim. Você sabia que eu não poderia fazer outra coisa senão abençoá-la. E vocês dois estavam de uniforme de guerra. O que é que você estava pensando disso?

— A minha espada é sagrada e nunca rompi com esse meu juramento. Senti orgulho ao saber que eu podia levar essa espada sagrada perante Sua Reverência. Pensava também que Sua Reverência iria sentir o mesmo orgulho, uma vez que a sagração desta espada foi realizada aqui entre nós, os cistercienses — respondeu Arn.

— E você nem imaginou sequer que seu amigo, esse tal de Knut, iria utilizar-se disso? — perguntou o arcebispo, com um sorriso cansado, ao mesmo tempo que abanava a cabeça.

— Não, senhor, Sua Reverência, mas depois compreendi que... — Depois, virou um espetáculo em toda a província de Svealand! — salientou o arcebispo, com voz sibilina. — Os rumores correram, dando a entender que eu, da minha cadeira, tinha abençoado essa espada que havia matado o rei Karl Sverkersson, como se eu, na seqüência, tivesse abençoado e quase ungido e coroado Knut Eriksson. E desde então nunca mais tive um momento de sossego. Todos os pequenos reis, os meios-reis e os pretendentes a reis estão atrás de mim, todos de uma vez! Vou deixar o país por algum tempo. Por isso, estou aqui e não por sua causa, como você julgou. No entanto, acredito em você no que diz respeito a tudo o que aconteceu em Aros Oriental e você tem a minha absolvição nesse

caso. Arn caiu de joelhos perante o arcebispo e beijou sua mão, agradecendo por sua tolerância que imerecidamente lhe tinha sido atribuída, já que a sua estupidez jamais poderia ser uma defesa correta e suficiente. Num pequeno momento de felicidade, Arn convenceu-se de que tudo estaria ultrapassado agora, que seu pecado não tinha sido o de possuir Cecília por amor, mas o de ter ajudado Knut Eriksson, num momento de esperteza, a iludir o próprio arcebispo.

Mas ainda não tinham terminado. Ao se levantar e sentar de novo, por insistência do arcebispo, Arn, no seu lugar, diante dos dois velhos amigos, recebeu a sua sentença.

— Agora, escute bem o que vou dizer — salientou o arcebispo. — Os seus pecados estão perdoados, no que diz respeito a essa tal de provocação que você fez com o seu próprio arcebispo. Mas você rompeu com a lei de Deus, no momento em que esteve com duas mulheres que são irmãs. E por um pecado desses, que é abominável, não existe nenhum perdão. O normal seria condená-lo a uma penitência pelo resto da sua vida. Mas nós vamos demonstrar a nossa tolerância por achar que essas são as intenções de Deus. A sua penitência irá durar meia vida, vinte anos, e o mesmo vale para a sua amante. A sua penitência será cumprida como templário de Deus e o seu nome, de agora em diante, será Arn de Gothia e nenhum outro. Vá agora cumprir a sua penitência e que o Senhor conduza os seus passos e a sua espada, e que as Suas graças o iluminem. Que assim seja! O irmão Guilbert vai lhe explicar tudo com mais detalhes. Vou viajar agora, mas nós nos veremos a caminho de Roma, que é para lá que você vai primeiro.

Tudo girou na cabeça de Arn. Achou que tinha sido absolvido, mas não foi. A metade de uma vida era mais tempo do que aquele que ele tinha vivido e ele não podia nem imaginar-se como um senhor idoso, com trinta e sete anos de idade no momento em que a sua penitência terminasse. Olhou apelativo para o

padre Henri, sem nada dizer. E parecia que não sairia do lugar antes de o padre

Henri dizer qualquer coisa para ele.

— O caminho para Jerusalém começou cheio de curvas, meu queridíssimo Arn — disse o padre Henri, tranquilamente. — Mas assim se fez a vontade de Deus. A esse respeito, nós dois estamos absolutamente convencidos. E agora vá em paz!

Quando Arn se levantou, de cabeça baixa e quase cambaleando, e se afastou, os dois homens ainda ficaram sentados no lugar durante muito tempo e se engajaram numa longa conversa, cada vez mais profunda, a respeito da vontade de Deus. No entanto, uma coisa ficou clara: era vontade do Senhor enviar mais um grande guerreiro para o Seu Sagrado Exército. Mas e se Knut Eriksson tivesse se tornado rei um pouco mais cedo, de modo que Arn e Cecília já fossem marido e mulher? E se ela, Cecília, que parece ser uma pessoa de coração tão bom e tão infantil quanto o de Arn, não tivesse visitado a sua irmã, Katarina, no convento? E se a madre priora, Rikissa, não fosse da família *verkeriana* e, portanto, não pusesse toda a sua força e poder de decisão ao dar início a toda esta disputa? Se tudo isso e muito mais não tivesse acontecido, o Sagrado Exército do Senhor teria ficado com um grande guerreiro a menos. Por outro lado, já dizia o filósofo que esse tipo de raciocínio jamais podia ser sustentável. Se o “se” não existisse, o arcebispo poderia ser um cavalo. Entretanto, Deus tinha demonstrado nitidamente a Sua vontade e, diante disso, era preciso se curvar. Nos dias seguintes, o irmão Guilbert tratou de Arn com todo o cuidado. Tinha recebido como missão levar Arn a entender aquilo que agora e por muito tempo valeria para ele. Não deixou que Arn falasse da sua punição, nem de tudo o que ele tinha que deixar para trás. E manteve essa linha com mão forte. Arn iria acompanhar o arcebispo Stephan até Roma, mas a partir daí os seus caminhos seriam diferentes. O arcebispo tinha assuntos a resolver com o papa Alexandre III, e Arn teria que se apresentar no forte dos *tem-plários* em Roma, que era o maior do mundo. Acontecia que era em Roma que todos os que se candidatavam a entrar para a ordem eram aprovados ou reprovados. Evidentemente, eram muitos os que se sentiam chamados a combater no Sagrado Exército do Senhor. E não menos pelo fato de, através dessa missão, se considerarem penitenciados por todos os seus pecados. E de irem para o céu, caso

morressem com a espada na mão. Em consequência disso, depois da prova, era escolhido apenas um em cada dez candidatos. Essa prova dificilmente iria constituir um problema para Arn. Entre as exigências para entrar na ordem, havia a de o candidato pertencer a uma família que tivesse brasão, uma regra de que o irmão Guilbert não gostava, por ter visto muitos guerreiros em combate que teriam sido bons irmãos na ordem e que acabaram não sendo aceitos por causa disso. Mas esse também não era problema para Arn, que tinha o leão dourado no brasão da família folkeana. E

as outras duas regras também não ofereciam nenhuma dificuldade. O irmão

Guilbert sorriu ao explicar secamente que essas exigências em consideração eram constituídas, uma delas por saber, mais ou menos, um quarto daquilo que Arn sabia das Sagradas Escrituras, de lógica e de filosofia. E talvez fosse bastante valer um quarto daquilo que Arn valia como combatente. E, é claro, era preciso uma carta de recomendação do arcebispo nórdico e do padre Henri. Mas isso não era o principal. Com essas cartas de recomendação, chegavam, esperançosos, muitos filhos de condes franceses. Mas com as qualidades de Arn, nenhum deles tinha vindo. E quando Deus formulava a Sua vontade, ninguém podia contrariá-Lo.

Arn sentia um pouco de pena de si mesmo a respeito da vontade de Deus, que considerava cruel em destreza. Por que razão seria necessário que ele caísse em desgraça e tivesse que deixar a sua amada Cecília para obedecer à vontade de Deus de mandá-lo combater no ultramar? O irmão Guilbert reconheceu que não tinha nenhuma resposta para essa questão, mas que a resposta talvez surgisse com o tempo. Em compensação, disse também que há muitos anos que ele sabia que isso ia acontecer. O irmão Guilbert confessou ter encontrado muito poucos ou talvez nenhum homem com as capacidades de Arn. E se Deus lhe dera essas raras qualidades, não seria já com uma determinada intenção? E o mesmo não podia ser dito a respeito do fato de Arn ter sido mandado para Varnhem já aos cinco anos de idade para se formar em tudo o que fizesse dele um templário aceitável? Arn podia ver, facilmente, a

lógica desse raciocínio, mas isso não lhe diminuía a tristeza ou a sua saudade.

O irmão Guilbert mostrou a Arn muitos novos equipamentos em que ele trabalhou por muito tempo, seguindo as medidas de Arn. O mais importante era uma malha de aço com mais de quarenta mil anéis, em duas camadas, com uma linhagem entre elas e um tecido muito macio na parte de dentro. A malha de aço começava por cobrir a cabeça e se estendia pelos braços, até os punhos, e cobria até abaixo dos joelhos. E, no entanto, era mais leve do que as malhas nórdicas. Além disso, havia também umas calças em malha de aço que protegiam as pernas e iam até os pés. Aquele que estivesse equipado com essa vestimenta estaria protegido desde a cabeça até a ponta dos pés. E isso era o que a nova maneira de combater exigia. Finalmente, o irmão Guilbert apresentou uma túnica preta com uma cruz branca que ele devia usar, enquanto acompanhasse o arcebispo como escudeiro até Roma. Mas era também a veste da Ordem dos Templários. Portanto, Arn já estaria totalmente equipado quando chegasse ao forte em Roma. E o arcebispo já tinha autorizado até que ele usasse essa vestimenta durante toda a viagem.

Arn sentiu-se honrado e orgulhoso ao provar esses novos equipamentos, mas não existia alegria nos seus olhos. Com isso, porém, também o irmão Guilbert não tinha contado. Entretanto, diante da partida de Arn dali a dois dias,

ele preparou uma surpresa especial que, segundo acreditava, teria influência no

espírito do seu jovem aprendiz.

O irmão Guilbert passou o braço pelos ombros de Arn e foi andando com ele na direção da cavaliça como se fora apenas para dar mais uma volta e ter mais uma conversa. Mas quando chegou à baía parou e apontou apenas para dentro. Lá estava o garanhão Chamsiin que Arn tanto adorava. Arn, primeiro, ficou em silêncio. Depois, gritou um sinal e as orelhas de Chamsiin logo se empinaram, virando a cabeça na direção de Arn. E no momento seguinte já galopava o mais rápido que podia, até chegar junto do cercado onde estavam o irmão Guilbert e Arn. Deu várias voltas sobre si mesmo,

voltou para a cerca e relinchou não se sabe se reclamando da ausência ou para dar boas-vindas ao seu querido amigo. Arn saltou por cima da cerca e abraçou Chamsiin pelo pescoço, beijando-o repetidas vezes.

— Ele é seu, agora — disse o irmão Guilbert. — Esse é o nosso presente de despedida para você, Arn de Gothia. É que aprendi como templário que, na Guerra Santa, a confiança em Deus, sem dúvida, é o mais importante. Depois, a seguir, vêm os exercícios e a humildade. E, finalmente, vêm as boas armas e um cavalo como Chamsiin.

Quando Arn, na sua vestimenta preta com a cruz branca, subiu em Chamsiin para iniciar a sua longa viagem, na qual, primeiro, teria de alcançar o arcebispo, ele mostrava decisão em seu rosto, mas também era visível a sua tristeza, que já vinha desde o momento da sua condenação. Todas as missas foram cantadas. Todas as palavras de despedida foram ditas. Mas ali estavam ainda o padre Henri e o irmão Guilbert para falar mais alguma coisa. Era difícil para eles agir com dignidade cristã, pois a tristeza de Arn lhes doía tanto quanto era forte a certeza de que, agora, realmente, estava sendo feita a vontade de Deus.

— Por Deus, morte a todos os sarracenos! — disse o padre Henri, com combatida presunção.

— Por Deus, morte a todos os sarracenos! — respondeu Arn, ao desembainhar a sua espada sagrada e apontá-la para o alto, para o céu, e fazer mais esse juramento. Depois, montou em Chamsiin e partiu a trote. O padre Henri queria entrar imediatamente no mosteiro, mas o irmão Guilbert levantou o dedo, em sinal de que deviam esperar mais um pouco, e apontou para longe, na direção de Arn.

Ficaram assim por algum tempo, sem que o padre Henri soubesse da razão da espera, mas o irmão Guilbert continuava de dedo apontado, pedindo para esperar.

De repente, viram como Arn avançou vários passos de galope para a direita, depois para a esquerda, e a seguir viram o forte animal trocar de passos de galope para a direita e para a esquerda, a cada salto, uma arte difícil, por

aquilo que o padre Henri podia entender. Mas a alegria de poder realizar essas artes não dava para esconder.

— Está vendo o que eu estou vendo, querido padre Henri — disse baixinho o irmão Guilbert, quase com devoção. — Que Deus cuide de Arn, mas que Deus possa também cuidar dos sarracenos que vão enfrentá-lo. Este último voto pareceu ao padre Henri incompreensível, quase no limite da blasfêmia. Mas não era a hora de dizer palavras de repulsa, não naquele momento em que o mais querido de todos os filhos de Varnhem estava partindo para sempre. Além disso, o padre Henri sabia muito bem que o irmão Guilbert, sob certos aspectos, tinha uma visão muito estranha a respeito dos sarracenos. Entretanto, partiu do princípio de que Arn, antes tão puro quanto Parsifal, jamais seria vítima de algumas dessas tentações. Deus, certamente, ia estender a Sua mão protetora sobre um guerreiro como Arn.